
Além
do
Silêncio
Jéssica Batista

Além do Silêncio

Copyright © 2022 Jéssica Batista
Além Do Silêncio
1ª Edição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônicos ou mecânico sem consentimento e autorização por escrito do autor/editor.

Ilustração de capa: Box Of Tales
Diagramação: April Kroes

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência. Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes – tangíveis ou intangíveis – sem prévia autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do código penal.

TEXTO REVISADO SEGUNDO O ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Sumário

Sumário
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31

Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Sobre a autora

P*ara todos aqueles que desde criança, dia após dia, encontraram sua própria maneira de se salvar...*

Se você está disposto a viver uma relação de *amor e ódio* por uma personagem, siga adiante e conheça *Elisa Marques*. No entanto, ao olhá-la, peço que não a atravesse; a olhe de novo e a enxergue no núcleo de suas emoções.



Laura Garcia havia se mudado recentemente para uma cidade pequena após decidir mudar de ares e livrar-se do estresse e do caos que uma metrópole é capaz de oferecer. Há tempos sua qualidade de vida e saúde estavam sendo prejudicadas pela grande turbulência do dia a dia na cidade grande. Quando finalmente decidiu dar um basta na situação, fez algumas pesquisas de como funcionava o clima e a economia na cidade pequena que seria o alvo de sua nova morada: *Hills Dale*.

A trinta minutos do centro de Hills Dale havia um bairro muito conhecido por possuir a mais luxuosa, diversificada e cobiçada loja de antiguidades do país. Esse fato despertou a atenção e o interesse de Laura, principalmente porque no *website* havia um anúncio com uma vaga de gerente para início imediato. O salário era bom, ela preenchia os requisitos e o bairro era bem localizado. Sendo assim, decidiu que buscaria um aluguel em alguma casa nas proximidades do estabelecimento se o seu currículo fosse selecionado. O único fato que Laura estranhou foi a data do anúncio da vaga em questão. Tendo em vista que ela já estava há meses no site, decidiu telefonar para a loja e verificar se ainda estava mesmo disponível. Ao receber uma resposta positiva, aguardou ser contatada para uma entrevista e, somente após a ligação de que seu currículo havia sido selecionado, mudou-se para o bairro em questão.

Faltavam três dias para a entrevista, e enquanto isso, organizava os pertences em sua casa nova e distribuía alguns currículos presenciais e on-line nos estabelecimentos do centro. Afinal, uma hora suas economias

chegariam ao fim e não podia contar apenas com a sorte de passar na entrevista da loja de antiguidades.

Assim como toda cidade pequena onde quase todas as pessoas se conhecem, se cruzam a todo momento e ouvem falar das mesmas histórias; em Hills Dale não era diferente. Muito menos no novo bairro de Laura, que comportava pouquíssimos habitantes. Nos primeiros dias de sua mudança escutou histórias engraçadas, bizarras e até mesmo assustadoras referentes às famílias que lá habitavam. Contudo, tentou abstrair as informações e focar em seu preparo físico e emocional para a entrevista que teria segunda-feira. Ela sabia que muitas vezes essas histórias contadas de boca em boca não passavam de suposições ou lendas locais.

Era sexta-feira à noite e boa parte da mudança estava em seu devido lugar na casa nova. Como de costume, desde que morava em outra cidade, ela tiraria uma hora daquele período da noite para fazer sua caminhada e corrida pelas ruas do bairro. Mesmo em meio a toda correria da vida na cidade grande, Laura sempre reservou uma pequena parcela de seu período noturno para essa prática, pois muito prezava por sua saúde física.

Após vestir uma regata e calça preta de ginástica, prendeu o cabelo em um rabo de cavalo e saiu. Planejava caminhar e correr por aproximadamente uma hora em um circuito delimitado. Não iria para muito longe, se limitaria a dar voltas nas redondezas das ruas vizinhas.

Enquanto caminhava, observava com atenção a arquitetura das casas à sua volta. Apesar de ser um bairro de cidade pequena, as ruas estavam bastante movimentadas naquela noite de sexta-feira. Nada comparado à cidade grande, certamente, mas ainda assim era um bom fluxo de pessoas.

Durante o percurso, seguiu uma rota pouco iluminada e bastante silenciosa. Diferente das outras ruas do bairro, esta não possuía qualquer indivíduo e quase todas as casas do lugar pareciam estar com as luzes apagadas. O silêncio era quase absoluto em toda a extensão da rua. O único barulho a ser escutado era o som de seus passos e de algumas folhas secas que amassavam sob sua pisada.

Quando já estava prestes a chegar ao final da rua, avistou uma enorme casa de dois andares localizada à sua direita. O imóvel, sem dúvida, era o maior que havia avistado pela vizinhança. Laura sentiu-se atraída e instigada pela aparência escura e resolveu interromper a caminhada para observá-la com calma e atenção. As paredes externas do imóvel eram

recobertas por trepadeiras secas e seu interior estava com todas as luzes apagadas. À primeira vista, deduziu se tratar de uma casa inabitada. Afinal, as trepadeiras secas que recobriam quase toda a fachada traziam consigo um ar sombrio e de abandono. Laura manteve-se observando-a por alguns minutos enquanto suposições povoavam sua mente. No curto intervalo de tempo em que se ateve a ela, questionou-se sobre quem teriam sido os antigos donos e no quão bem financeiramente eles eram; visto que o imóvel era praticamente uma mansão.

Após finalmente sair de seus devaneios, deu alguns passos adiante, até que teve a ligeira impressão de captar algo se movendo através de sua visão lateral. Ao virar o rosto e olhar para uma das janelas do segundo andar, constatou que ali nada havia. As luzes permaneciam apagadas e os vidros das janelas, fechados. Sendo assim, balançou a cabeça negativamente e voltou a se concentrar no ritmo da corrida, direcionando-se para fora dali.

Ao chegar em casa tomou um banho fresco, vestiu um pijama confortável e deitou-se. Assim que suas costas atingiram a maciez do colchão, escutou o aparelho de celular vibrar e tocar em sua mão. Se tratava de uma ligação de Marcos, seu pai.

— Oi filha, como estão as coisas por aí?

— Na mais perfeita calmaria, exatamente como eu desejava. É sexta-feira à noite e não ouço um barulho sequer de vizinhos com músicas nas alturas. Tenho ido ao centro todos os dias para procurar emprego e não peguei qualquer engarrafamento. Se fosse aí, eu já teria mandado meia dúzia de motoristas para o quinto dos infernos! — Comentou, arrancando uma risada de seu pai do outro lado da linha.

— Fico feliz que esteja gostando, realmente espero que encontre o sossego que precisa. Você largou a família, amigos e o emprego de anos.

— Pai, eu não larguei, não fala assim. Apenas decidi que a vida que eu levava não era a que eu preciso. Eu estava no meu limite de estresse e ansiedade com a carga horária absurda que eu seguia no trabalho, somado ao engarrafamento diário, dentre todas as burocracias e pressão que precisamos lidar quando vivemos numa metrópole. E sabe de uma coisa? Até o ar de Hills Dale é mais limpo! As casas do meu bairro são rodeadas

de árvores. Sem falar dos bancos! Você acredita que pela primeira vez não enfrentei uma fila quilométrica pra falar com um gerente?

— Se é isso que você quer, me resta aceitar, mesmo sentindo saudades — suspirou. — Você disse que tem colocado currículos, mas e a vaga naquela loja de artefatos antigos?

— A entrevista ainda será segunda-feira. Queria muito passar, pois o estabelecimento fica aqui no meu bairro e as condições salariais parecem boas. Mas, não posso contar apenas com a sorte.

— Entendi... Bom, o que tiver de ser, será. Mas sei que vai passar, seu currículo é ótimo e seu carisma puxou ao do papai aqui — riram. — Te desejo sorte, filha. Mande notícias sempre que possível.

— Pode deixar. Boa noite, pai. E não se preocupe comigo, já sou uma adulta de vinte e cinco anos e sei me virar.

— Para mim você sempre será a minha princesinha — disse ele, fazendo-a revirar olhos ao telefone. — Boa noite, filha. Até outra hora. Te amo!

— Boa noite, pai. Também amo você.

Quando a chamada chegou ao fim, usou o aparelho celular para enviar mais alguns currículos on-line. Em seguida, fechou o e-mail e abriu o site pertencente a tal loja de antiguidades onde fará a entrevista na próxima segunda-feira. Laura rolava o catálogo de produtos para ir se familiarizando com os objetos caso realmente fosse contratada.

Assim que suas pálpebras começaram a pesar e os olhos fecharem, decidiu que era o momento de deixar o celular de lado e tentar dormir.



O dia iniciou cedo para Laura Garcia. Às oito horas já estava de pé para dar continuidade à arrumação da mudança e também para procurar o supermercado mais próximo do bairro. Necessitava abastecer os armários e geladeira de casa, pois desde que se mudara estava vivendo apenas de *delivery*. Laura possuía cabelo liso, loiro e longo. Seus olhos eram verdes, sua pele branca e o físico magro. Ouvir música, jogar no computador e desenhar eram alguns de seus passatempos favoritos em seu tempo livre. Gostava de desenhar tudo o que via e lhe despertava a atenção de alguma

maneira. Incluindo pessoas, animais, objetos ou paisagens. Tudo aquilo que era atraído por seus olhos e se fixasse à mente, iria para o papel em algum momento futuro. Nos dias de folga, quando não saía com os amigos, apreciava virar a noite junto a alguns *players*, gritando, enquanto jogava partidas de seus jogos on-line favoritos.

— Leite, verduras, legumes...

No mercado, ia verificando cada item de sua lista de compras, adicionando ao carrinho e riscando do papel. Quando todos os alimentos, produtos de higiene e materiais de limpeza foram encontrados, se direcionou para a fila mais curta que avistou. O supermercado era pequeno e não oferecia muitas opções, no entanto, por ora, tudo o que estava no carrinho bastaria.

Enquanto observava despretensiosamente o lugar e as pessoas, avistou uma mulher na fila à direita. A vestimenta escura lhe chamou bastante a atenção, fazendo Laura se questionar internamente sobre o que levaria alguém a se vestir dos pés à cabeça com roupas pretas em pleno dia de calor, às dez horas da manhã.

Laura mantinha sua total atenção na mulher enquanto aguardava o andar de sua própria fila. Curiosa, olhava para cada produto que ela tirava da cesta e depositava na esteira do caixa.

"*Palmitos? Argh*" — pensou a loira, ao esboçar uma careta após avistar três vidros de palmitos sendo retirados da cesta.

— Senhora? — Disse a atendente, a fazendo cortar o contato visual com a moça de preto e direcionar a atenção para as próprias compras.

Ao chegar em casa, guardou cada produto em seu devido lugar e aproveitou que teria o restante do dia livre para ir correr mais cedo. Sendo assim, comeu uma fruta, bebeu um copo d'água, vestiu uma roupa de ginástica e saiu. A loira faria o mesmo percurso que fizera na noite do dia anterior.

Diferente de ontem, hoje pôde observar com mais clareza todas as casas e vegetação do lugar. O céu estava aberto e a brisa fresca. Por ser uma tarde de sábado, algumas crianças brincavam com suas bicicletas e patinetes. Havia, também, alguns meninos empinando pipas. Esse era um

costume que ela já não via ocorrer na cidade grande. Ao menos, não onde morava.

Conforme se afastou daquela pequena movimentação, voltou a entrar na rua vazia e silenciosa da noite passada. No instante que o fez, lembrou-se da casa de aparência abandonada. Tomada pela curiosidade de saber como era o imóvel na claridade do dia, Laura apressou a corrida para chegar até ele antes do tempo. Assim como ontem, parou por alguns instantes em frente ao portão e ergueu o olhar para cima até enxergar toda a parte superior. As janelas permaneciam fechadas e não havia quaisquer indícios de habitação. A passos lentos, prosseguiu com a caminhada, mas sem deixar de virar o pescoço para avistar o lugar. A aparência misteriosa da casa lhe chamava a atenção e despertava demasiadamente o interesse.

Quando chegou ao final da rua, se deu conta de que toda ela permanecia silenciosa e vazia. Era como se também fosse abandonada e inabitada; a começar por algumas árvores secas que conseguia avistar por cima dos muros — certamente não haviam moradores cuidando dos quintais e jardins. Laura retornou para casa com uma incógnita habitando sua mente; não conseguia compreender por qual motivo uma rua inteira estaria inabitada. Começou a questionar-se sobre até onde eram verídicos alguns murmurinhos que escutou pelas padarias e supermercados.



Segunda-feira finalmente havia chegado e trazido consigo o tão esperado momento da entrevista na loja de antiguidades.

— Não... Mas já?

Rolando sobre a cama, resmungava sozinha com o despertador do celular. Sonolenta, sentia suas pálpebras pesarem e os olhos arderem com a claridade que adentrava pela janela. Amaldiçoava-se mentalmente por ter ido dormir tão tarde na noite anterior; fruto de uma ansiedade que a sucumbiu em pensamentos referentes ao que estaria por vir na manhã de hoje.

Laura levantou-se, tomou café da manhã, permaneceu vinte minutos debaixo da água morna do chuveiro e em seguida vestiu uma roupa apresentável para a entrevista. Optou por uma calça jeans reta, de lavagem clara, camisa social branca e um salto alto preto. Passou uma maquiagem

discreta na face e prendeu o cabelo em um rabo de cavalo, seu penteado favorito. Ao olhar-se no espelho, sentiu-se satisfeita com o que viu. Estava confiante e desejava mais que qualquer coisa conseguir aquela vaga.

— Acho que é aqui — comentou baixinho, ao parar em frente a luxuosa vitrine. — *Vamos lá, Laura Garcia, você consegue* — murmurou a si mesma, segundos antes de adentrar o lugar.

— Bom dia, posso ajudá-la? — Disse uma das vendedoras, ao abordá-la.

— Bom dia, me chamo Laura Garcia e tenho uma entrevista com Fiona. Estava marcada para nove e meia.

— Oh sim, um momento, por favor.

A loira aguardou a moça de aparência jovem retornar com alguma informação. Enquanto isso, passeou o olhar pelos artefatos antigos à sua volta. Era notável que os objetos ali expostos possuíam um valor inestimável. A começar pelo grande lustre de cento e sessenta e duas lâmpadas pendurado no teto sobre sua cabeça.

— Laura, a senhorita Fiona está esperando, pode me acompanhar.

Com um sorriso no rosto e simpatia nas palavras, a vendedora a guiou até uma sala localizada após o balcão da loja.

— Boa sorte — disse a moça, com um sorriso nos lábios, ao virar a maçaneta da porta e abrir espaço para ela passar.

— Obrigada.

Laura prendeu a respiração e entrou. Seu coração batia acelerado e suas mãos transpiravam excessivamente.

— Olá! Laura Garcia, certo? Tudo bem? — Disse Fiona, com um enorme sorriso estampado nos lábios. Ela possuía a pele bronzeada, olhos escuros e cabelo longo, ondulado, de coloração castanha.

— Isso mesmo. Comigo tudo bem. E com você? — Respondeu confiante.

— Comigo vai tudo bem! Sente-se, por favor! — Fiona gesticulou para que a loira tomasse um lugar na cadeira em frente a sua mesa. — Bom, vamos lá, Laura. Meu nome é Fiona e sou a gerente da loja há muitos anos. Porém, me casei ano passado e planejo fazer uma viagem internacional para iniciar um tratamento de fertilização. Não tenho previsão de retorno, e muito possivelmente eu me mude de vez.

Laura ouvia as palavras da mulher com atenção.

— Sempre tive um compromisso muito grande com meu trabalho e não quero partir sem me certificar de que consegui deixar uma pessoa qualificada no meu lugar. — A mulher de fios castanhos tomou o currículo de Laura em mão e começou a iniciar a leitura. — Deixa eu ver o que diz aqui... Você tem três anos de experiência como gerente, correto?

— Sim, em uma loja de roupas e acessórios.

— O que te levou a sair do antigo trabalho?

— Minha mudança de cidade. Eu morava em uma grande metrópole, mas decidi experimentar a experiência de viver em um lugar mais calmo como sempre quis. Minha rotina estava me massacrando há anos.

— Compreendo, mudar de ares faz bem. Bom, nós precisamos de uma funcionária comprometida com o cargo. O que você faria se não acostumasse a viver aqui? Estou te fazendo essa pergunta porque preciso saber se você estará disposta a construir uma base sólida.

— Por toda a minha vida eu sempre quis morar em um lugar mais tranquilo, acho praticamente nula a possibilidade de querer retornar à minha cidade natal. Foi a primeira vez na vida que tive coragem de jogar tudo para o ar e dar um passo tão grande em busca do que sempre desejei. Não abriria mão de estar aqui.

Fiona a observava com seriedade e atenção, enquanto analisava suas palavras e expressões corporais.

— Já trabalhou com antiguidades, antes? É um comércio bastante diferenciado e completamente distinto à sua antiga loja. No entanto, acredito que as competências como gerente sejam bastante similares.

— Não, seria a primeira vez que trabalharia com esses artefatos e confesso que estou bastante empolgada. Deve ser uma experiência incrível estar em contato com uma parcela do passado. Sem mencionar que eu acho muito interessante esse estilo *vintage*.

— Certo. Nós precisamos de uma funcionária com experiência na função, comprometida com o cargo, que saiba liderar e que possua um bom desempenho com o público. Necessitamos, também, que essa funcionária possua boa dicção e aparência, pois sendo completamente honesta com você, os clientes que nos frequentam são insuportáveis — afirmou em meio ao riso. — E quando me refiro a aparência, pedimos que esteja sempre maquiada e com roupas formais. Acredito que tenha percebido o quão

valiosas são as peças que temos aqui, então você já deve imaginar o público alvo que possuímos. Pessoas de todas as cidades vêm até nossa loja porque oferecemos muita variedade, além de peças raras e muitas vezes exclusivas. A dona está sempre em leilões e em viagens para garantir que sua loja não seja apenas mais uma — explicou. — Mas, pelo que vejo, a experiência você tem. Boa aparência e dicção, também. O seu desempenho com o público e seu espírito de liderança serão questões observadas no seu período de experiência caso seja selecionada. O salário é compatível com o mercado e você receberá uma comissão do lucro total das vendas. Sendo assim, quanto melhor o desempenho da loja, melhor sua comissão. O horário é comercial de segunda à sábado. Você abrirá e fechará o estabelecimento. Resta alguma dúvida?

— Hum... Eu acho que não — respondeu, incerta. — Ah, vou receber algum treinamento?

— Eu vou instruí-la e orientá-la durante o período de experiência que será de um mês.

— Oh, perfeito! Então não me resta qualquer dúvida — sorriu.

— Bom, é basicamente isso. Vou receber outra moça para a entrevista no final da tarde, então até amanhã de manhã eu devo entrar em contato por e-mail ou telefone para comunicar caso tenha sido escolhida ou não. Certo?

— Ok, estarei aguardando seu contato.

As duas mulheres levantaram simultaneamente e se cumprimentaram com um forte aperto de mão.

— Boa sorte, Laura — desejou genuinamente, com um sorriso simpático nos lábios.

— Obrigada! — Sorriu em resposta.

Laura deixou a sala esperançosa. Ao cruzar a loja, passeou novamente os olhos pelo lugar em um gesto de curiosidade e contemplação. Voltou a observar o enorme lustre que havia na região central do teto e questionou-se internamente sobre quanto seria o valor de uma peça como aquela. Por fim, chegou à conclusão de que estava completamente por fora de valores referentes a um mercado como aquele.

No caminho, a passos lentos em direção a porta, cumprimentou educadamente as duas vendedoras que estavam paradas e conversavam

entre si. E quando já estava prestes a chegar na saída, seu olhar cruzou com o de uma mulher que adentrava o local no mesmo instante em que seu corpo saía.

— Bom dia — cumprimentou Laura, educadamente. — Nossa, que mal educada — resmungou sozinha, segundos depois, assim que a moça passou por seu lado feito um furacão.

Hoje a loira estava feliz, esperançosa e não permitiria que nada destruísse seu bom humor; nem mesmo a mulher que ignorou sua saudação. Com um sorriso no rosto e o pensamento positivo, puxou o ar para dentro de seus pulmões e foi para casa carregando um enorme sentimento de confiança. Laura contaria as horas para que a manhã seguinte chegasse e lhe trouxesse uma boa notícia.



Como era de costume, vestiu uma roupa esportiva e saiu para correr por volta das sete horas da noite. Sua mente estava povoada por pensamentos referentes à nova cidade, novo rumo de vida e o tão aguardado resultado da entrevista. O emprego parecia ser bom demais e ela ainda estranhava o fato de ninguém ter ocupado a vaga antes. Bom salário, boa comissão, localização próxima à sua residência. *O que mais alguém poderia desejar?*

Entre um pensamento e outro, caminhava e corria pelo mesmo percurso de sempre. E assim como nos dias anteriores, voltou a analisar a estranheza daquela rua vazia e silenciosa. Contudo, diferente das outras vezes, hoje algo inesperado aconteceu: o silêncio daquela rua deserta deu lugar a um som de pegadas que ecoava a alguns metros atrás da loira. Com medo e quase paralisada, Laura diminuiu a velocidade dos passos e sentiu sua audição tornar-se mais aguçada. Nesse instante um arrepio gélido, consequente do medo, percorreu seu corpo quando o som de folhas secas sendo pisadas soou cada vez mais próximo de si. Laura cogitou a ideia de correr ou olhar para trás. Por fim, não conseguiu tomar quaisquer das atitudes pensadas. Ainda assustada, sentiu suas pernas ficando cada vez mais rígidas e o próprios passos, lentos.

A loira se tornou ainda mais assustada quando a aproximação do som atrás de si chegou ao fim e deu lugar ao silêncio absoluto. Em uma pequena fração de segundos, começou a se perguntar para onde aqueles passos haviam ido; afinal, a rua era contínua e não havia travessias.

O coração de Laura começou a bater aceleradamente e ela podia jurar que suas expressões faciais estavam assustadas. Sentia-se completamente patética por temer algo que sequer sabia o que significava.

Antes que pudesse decidir como agir, escutou um barulho de fechadura enferrujada ressoando muito próximo de onde estava. Quando finalmente tomou forças e olhou para trás, apenas conseguiu avistar o portão de uma casa se fechando, a fazendo respirar aliviada.

— *Como você é ridícula, Laura* — murmurou a si mesma, enquanto sentia o coração quase saltando pela boca. A loira manteve-se parada até se recuperar do susto que sofrera.

Quando conferiu a hora em seu relógio de pulso, constatou que já passava das oito da noite e que o momento de voltar para casa havia chegado. Contudo, antes de mover-se dali decidiu olhar para o imóvel que até poucos minutos atrás julgava ser inabitado. Se tratava da misteriosa casa recoberta por trepadeiras secas.

Laura observava o imóvel escuro, ao mesmo tempo em que se perguntava como alguém era capaz de viver em um lugar de aparência tão sombria. A muito custo, deu alguns saltos e tentou avistar algo por sobre o muro, sem se aproximar. Ela queria saber se o primeiro andar também possuía aquela mesma aparência.

— Droga, não dá pra ver nada — resmungou consigo mesma.

Frustrada, deixou aquela ideia para trás e voltou a caminhar no sentido de casa. No entanto, enquanto dava alguns passos adiante, voltou a sentir a mesma sensação de estar sendo observada, assim como há alguns dias.Ao olhar para trás e para cima, teve uma ligeira impressão de enxergar alguém na janela. Infelizmente a sensação durou milésimos de segundos, pois seja lá quem ali estivesse, se foi.

Laura dormia profundamente em sua cama quando despertou após uma chamada telefônica. Era nove e meia da manhã assim que seus olhos, a

muito custo, tentaram se manter abertos para verificar de quem se tratava a ligação. O número que piscava na tela não estava em seus contatos.

Tentando disfarçar a voz de recém acordada, a loira rapidamente se prontificou em atender.

— Alô?

— Bom dia! Laura Garcia?

— Sim, sou eu. Quem fala?

— Aqui é a Fiona, gerente da loja de antiguidades. Tudo bem? Estou entrando em contato para comunicar que você passou na entrevista.

— Bom dia, Fiona! Estou melhor agora com a sua notícia! Quando posso começar?

— Amanhã mesmo! Seria possível?

— Claro! Tenho disponibilidade total de horário.

— Ótimo! Estarei aguardando você às nove para iniciarmos com seu período de experiência.

— Certo, nos vemos amanhã, muito obrigada!

— Até amanhã, Laura. Te aguardo!

Encerrou a ligação e vibrou de alegria pela casa. Logo tratou de cuidar de todos os preparativos para iniciar a nova vida profissional no dia seguinte. Ao abrir o guarda roupa, recolheu uma calça social preta e camisa branca de manga comprida. Laura também deixou separado um salto alto fechado, bico fino, também na cor preta. Sua pequena mochila já estava preparada e o almoço dentro da geladeira, também. Por morar muito próximo ao serviço, talvez conseguisse vir fazer a refeição em casa.

Com tudo esquematizado e programado, apenas lhe restava aguardar o amanhecer do dia. Laura optou por não fazer a corrida na noite de hoje, pois gostaria de descansar mais cedo para estar inteiramente disposta em seu primeiro dia. Sendo assim, recolheu-se na cama mais cedo que de costume e se manteve mexendo no celular até cair no sono.



— Bom dia! É com muito prazer que hoje recebemos a senhorita Laura Garcia para fazer uma experiência de um mês como gerente.

Minutos antes de abrir a loja, Fiona reuniu os funcionários no salão para lhes fazer as apresentações necessárias.

— Bem vinda, Laura! — Disseram os três funcionários, quase ao mesmo tempo.

— Laura, estas são as vendedoras Júlia e Lillian — comentou ao apontar para uma mulher loira e outra morena, respectivamente. — O rapaz se chama Leonardo, é o nosso segurança — apresentou. — Ainda falta mais uma moça, a Débora. Ela é exclusiva do caixa.

— Muito prazer! — Laura os saudou com um sorriso no rosto.

— O Leonardo costuma permanecer a maior parte do tempo próximo à porta. Porém, eventualmente ele circula pelo salão para fiscalizá-lo, principalmente quando a loja está muito movimentada — explicou. — Júlia e Lillian são encarregadas de atender as necessidades dos clientes e de manter a arrumação e limpeza das peças. A cada quinze dias recebemos um profissional de limpeza para faxinar todo o lugar. Você precisa sempre orientá-lo e verificar se está utilizando os produtos adequados. Trabalhamos com peças valiosas que não podem correr o risco de serem prejudicadas por mau uso desses produtos químicos. Eu vou instruí-la sobre tudo isso, pode ficar tranquila.

— Certo.

— A Débora é exclusiva do caixa, mas será você que abrirá e o fechará todo final de expediente para fazer a contagem do valor e verificar o relatório diário de vendas. Ela ou eu iremos te explicar como nosso programa funciona.

Laura escutava tudo com atenção para não perder quaisquer informações.

— Por fim, temos a nossa chefe, a dona de tudo isso aqui. Ela costuma vir à loja todos os dias, mas não passa o dia inteiro. Às vezes comparece no período da manhã ou apenas à tarde. Raros são os dias em que fica até o horário do fechamento — explicou. — Bom, é basicamente isso. Temos uma área para os funcionários se alimentarem, guardarem seus pertences e trocarem de roupa se necessário. Leonardo, poderia mostrá-la onde fica? — Perguntou ao desviar a atenção para o homem.

— Claro! Vamos, Laura? É Laura, não é? — Sorriu, recebendo um aceno positivo da loira.

Assim que o homem a guiou para apresentar os aposentos dos funcionários, a gerente Fiona chamou Júlia e Lillian para mais próximas de si.

— Eu não quero *nenhum* comentário a respeito da chefe. As duas últimas moças não cumpriram nem o período de experiência porque vocês duas as assustaram. Eu espero que com a senhorita Laura Garcia as coisas sejam diferentes. Preciso viajar e começar meu tratamento o mais rápido possível. Então, por favor, colaborem! Ah, e avisem à atrasada da Débora também, por favor. Estamos entendidas? — As duas vendedoras, em silêncio, apenas consentiram com um balançar de cabeças. — Ela está voltando, eu conto com vocês — disse baixinho, por fim.

— Podemos começar? — Perguntou Laura, empolgada, ao retornar para o salão.

— Agora mesmo! — Confirmou Fiona, com um sorriso simpático estampado na face. — *Bem-vinda a Hills Dale, Laura!*



O primeiro dia de experiência havia oficialmente começado. Fiona, após fazer a apresentação dos funcionários, a levou para conhecer todas as partes que faziam a composição do estabelecimento. Além do salão com os produtos à venda e o balcão do caixa, o lugar era composto por uma área para funcionários, dois banheiros, um escritório que pertencia à dona do estabelecimento — sala onde Laura fez a entrevista. E um mini galpão no segundo andar. A loja não trabalhava com estoque de mercadoria, mas utilizava o andar de cima para armazenar as novas peças enquanto estas não eram organizadas e exibidas no salão.

— Primeiramente, preciso que você conheça bem as peças as quais irá trabalhar. Imprimi um catálogo com todos os produtos que temos atualmente. Aqui está — disse ao entregá-lo nas mãos da loira. — É fundamental que saiba com o que está lidando para que possa conseguir argumentar com os potenciais compradores. Ser boa comunicadora e persuasiva são características essenciais.

Laura ouvia Fiona com atenção enquanto folheava previamente o catálogo. Nele estavam inclusos lustres, espelhos, conjuntos antigos de porcelana, sinos, relógio de parede, relógio de bolso, xícara de bronze entalhada, tapetes, poltrona, telefone vintage, máquina de escrever, dentre infinitos outros itens os quais a loira iria se familiarizar aos poucos.

— Busco uma pessoa que empodere a equipe, pois é muito importante para o desempenho da empresa que os funcionários se sintam

constantemente motivados. Saber delegar faz parte das características de um bom gestor.

— Sempre dou o meu melhor em tudo que me proponho a fazer.Sou extremamente autocrítica e responsável. Você pode esperar de mim comprometimento em todas as atividades de minha competência. Vou supervisionar a equipe, controlar os resultados e lidar com todos os conflitos que surgirem — disse Laura, com firmeza na voz e uma postura imponente.

— Você tocou em um bom ponto... Todos os problemas *precisam* ser solucionados por você. Em hipótese alguma deixe que algum conflito respingue na dona da loja. Ela odeia lidar com situações chatas que envolvam clientes.

— Compreendo perfeitamente. Estou aqui justamente pra isso.

— Ótimo. Sinto que vamos poder contar com você.

No meio do diálogo com Fiona, o funcionário de uma transportadora adentrou o salão com uma nota fiscal eletrônica em mão. A gerente aproveitou a ocasião para se dirigir com Laura e o rapaz até o andar de cima. Fiona passou detalhes do que precisava ser conferido na nota fiscal e a orientou sobre como proceder posteriormente.

— Quando todos os itens baterem com a nota, você precisa levar os romaneios para a sala da chefe. É ela que fará o cadastro das peças no sistema e estipulará o valor de venda. Feito isso, ela avisará que a peça já pode ser exposta — explicou. — Mas, por enquanto você fica apenas com a parte de conferir as mercadorias. Quando eu me desvincular da empresa, aí você lida direto com ela.

— Ok.

Após finalizar a tarefa no estoque, a loira desceu para o salão com o catálogo na mão e se manteve tentando decorar os nomes e as descrições de cada uma daquelas peças. Perdida em meio a tantos nomes, teve a concentração interrompida quando uma voz feminina invadiu o lugar.

— Bom dia, bom dia — dizia uma moça a passos rápidos, adentrando o salão.

— Bom dia, senhorita atrasada — comentou Fiona. — A que devo seu atraso? — Perguntou com rigidez na voz e expressões faciais nada amigáveis.

— Desculpe, Fiona. Peguei um engarrafamento terrível — respondeu enquanto ia se direcionando para a ala dos funcionários.

Laura, parada em frente ao balcão de atendimento, escutou apenas o início da conversa. No entanto, algum tempo depois, observou a moça voltar e se acomodar no caixa por trás desse mesmo balcão onde ela estava.

— Laura — chamou Fiona, retornando para o salão. — Essa é a Débora, nossa caixa — apresentou-a. — Débora, essa é a Laura Garcia, a suposta futura nova gerente.

— Prazer, Débora — cumprimentou-a educadamente.

— Prazer, Laura — respondeu um pouco distraída, enquanto verificava os computadores e conferia como estava o troco do caixa. — Alguma coisa já foi vendida, hoje? — Perguntou, direcionando o olhar para Fiona.

— Ainda não, para a sua sorte — informou, ainda com seriedade na voz. — Fica de olho nessa garota, Laura. Pode dar uns puxões de orelha sempre que chegar atrasada.

— Eu vou compensar o atraso na hora do meu almoço — respondeu Débora, um pouco descontente.

— Certo. — Antes de se retirar do salão para levar as notas fiscais para a sala da chefe, Fiona proferiu mais algumas palavras. — Ah, Débora... Explique à senhorita Garcia como funciona nosso sistema operacional, as opções de pagamentos que oferecemos, as bandeiras de cartões que são aceitas e a nossa política de troca.

— Ok, pode deixar. Vamos começar, Laura? — Disse de maneira simpática, expressando uma voz amigável. — É Laura, não é? — Perguntou ao direcionar o olhar para a loira.

— Isso — afirmou em meio a um sorriso.

— Bom, vamos lá. Primeiramente vou te ensinar os comandos do sistema.

Laura deixou o catálogo guardado em um canto do balcão e o trocou por um pequeno bloco de anotações e caneta que estavam em seu bolso. Ela ouvia a funcionária com atenção enquanto anotava tudo aquilo que julgava ser mais fácil de esquecer ou mais difícil de compreender de primeira.

— O que a Fiona disse pra te convencer a aceitar a vaga? — Perguntou Débora, repentinamente, enquanto a ensinava.

— Desculpe?

— É que ninguém costuma ficar. Já faz meses que ela tenta encontrar uma substituta, mas ninguém dura.

— Continuo sem entender.

Laura sentia-se confusa a respeito de onde aquela funcionária queria chegar.

— *Como eu imaginava*... — murmurou Débora a si mesma. Porém, audível o suficiente para a loira escutar. — Ela não te falou sobre a patroa, não é? — Laura balançou a cabeça negativamente. — Se eu fosse você, fugiria enquanto é tempo.

— Por quê? — Perguntou, franzindo o cenho em um gesto confuso.

— Fiona não gosta que a gente diga, mas eu não acho correto esconder. — Débora gesticulou para que a loira chegasse mais próxima de seu rosto. — A chefe é o próprio demônio — disse baixinho, quase em um sussurro. — Não com a gente, pois ela não nos direciona a palavra. Mas, presenciamos muitas vezes o comportamento dela com a Fiona. E se você vai substituí-la, é melhor que saiba.

— Era isso? — Comentou Laura, demonstrando uma sutil frustração em seu tom de voz e expressões faciais. — Não se preocupe, já estou acostumada. Meu chefe anterior também pegava no meu pé e me fazia cobranças até mesmo excessivas.

— Você não está entendendo, ninguém é como ela, vai por mim. Me dá arrepios.

Laura segurou o riso como se soubesse que não precisava se preocupar com aquilo. Ela balançou a cabeça negativamente e voltou a dar atenção para as próprias anotações. Contudo, enquanto alternava entre olhar para a tela do computador e o papel, escutou Débora se manifestar novamente.

— Falando nela... — comentou ao olhar para a porta e avistar a chefe entrando.

Laura pausou automaticamente o que fazia e direcionou a atenção para a entrada do lugar. De onde estava, avistou uma mulher vestida em trajes pretos, aproximando-se.

— É ela? — Perguntou ao indicar com o olhar.

— A própria.

Conforme a dona da loja se aproximava a lentos passos, Laura foi capaz de observar seus traços físicos e sua vestimenta. Se trava de uma jovem mulher na altura de seus trinta anos — na percepção da loira. Seu cabelo, um chanel repicado com franja, era tão negro quanto o sobretudo fechado em seu corpo. A peça era tão longa e tão bem fechada por botões, que Garcia não fora capaz de saber o que usava por debaixo.

Quando a mulher em questão se aproximou da lateral do balcão, Laura pôde constatar que se tratava da mesma pessoa "*mal educada*" que cruzara com ela na saída da loja no dia da entrevista. Também se tratava da mesma mulher das vestes escuras no supermercado; a qual Laura entortou a cara para os três frascos de palmitos.

— Bom dia — disse a loira, educadamente, ao vê-la tão próxima. Sem obter qualquer resposta, Laura apenas buscou a face de Débora e esboçou uma expressão de desgosto.

— Eu avisei... — cochichou a funcionária, assim que a chefe passou direto, entrou e se trancou em sua sala. — Vai se acostumando — alertou. — Ou, dá o fora enquanto é tempo — aconselhou.

Laura se manteve calada e reflexiva enquanto tentava processar o que acabara de acontecer. Não conseguia imaginar no quão ruim poderia ser trabalhar para uma pessoa que sequer lhe direcionava o olhar. Segundo ela, talvez até fosse mais fácil lidar com o desprezo do que com um chefe lhe atormentando o juízo na jornada inteira de trabalho.

— Ela é sempre assim? Não cumprimenta?

— Sempre. Ela simplesmente não fala com ninguém, entra muda e sai calada. Mas, nos observa minuciosamente. Pode ter certeza que reparou em tudo nesse um minuto que levou para atravessar a loja e entrar no escritório. Você está vendo aquelas janelas escuras ali? — Débora apontou disfarçadamente para os vidros escurecidos que compunham a janela da sala que havia atrás do balcão. — É por lá que nos observava. Por ser escuro, não a vemos, mas ela consegue ter uma boa visão de nós aqui no caixa. No caso, de mim, que passo mais tempo aqui. Fiona só vem basicamente pra fazer a abertura e o fechamento — explicou. — Ah, e ela também me auxilia quando a loja enche. Mas é raro de acontecer.

— Entendi... — Laura demonstrava uma expressão pensativa, seus pensamentos ainda estavam na intrigante mulher que acabara de conhecer.

— Pra nós é uma benção que ela nem dirija o olhar. — Débora continuou a falar. — Há boatos de que podemos cair em algum feitiço olhando para aqueles olhos.

— Hã? Que bobagem é essa?

— Você nunca ouviu falar sobre a história que ronda a família dela? — Débora mantinha o tom de voz o mais baixo que conseguia.

— Não, sou nova na cidade.

— Olha, eu não sei se é verdade ou apenas fofoca dessa gente, mas algumas pessoas dizem que ela é bruxa, outras a chamam de vampira e por aí vai.

— Mas que loucura é essa, gente? — Indagou Laura, descrente do que acabara de ouvir. — Que boatos são esses? Qual o fundamento?

— Ah... Dizem isso porque ela vive em uma casa bastante macabra e está sempre usando roupas escuras.

Laura tentou segurar o riso após ouvir a justificativa da moça. Começou a se questionar se o hábito de contar lendas urbanas era característico de cidades pequenas.

— Chega de conversar, vamos trabalhar. Se ela realmente nos observa da sala, daqui a pouco virá nos chamar a atenção.

— Ela nunca fará isso, não diretamente. Solta os cachorros apenas com a gerente. É a Fiona que vem nos cobrar logo em seguida. Se for substituí-la, então será você que irá lidar diretamente com ela. Todo esse silêncio e indiferença são falsos.

— Ok, de qualquer forma, vamos trabalhar, os clientes já estão entrando. Não esquece de compensar o atraso no seu almoço, ok?

— Pode deixar.

— Acredito que seja eu a pessoa que cobre seu momento de descanso. Certo?

— Isso mesmo.

— Ótimo, então já sei que durante uma hora ela estará me observando bem atrás de mim. A minha sorte é que meu antigo chefe me ensinou muito bem como trabalhar sob pressão, então, não será isso que irá me intimidar.



Laura havia tido uma boa experiência em seu primeiro dia de trabalho. Não teve qualquer dúvida em relação ao recebimento e conferência das novas mercadoras, e também não teve quaisquer dificuldades para compreender como funcionava o sistema. Todavia, por precaução, tomou nota de alguns comandos do sistema para caso houvesse algum esquecimento ou dúvida futura.

A loira havia obtido uma boa impressão da equipe. Achou Leonardo um rapaz muito educado e simpático, e Júlia lhe demonstrava certa timidez. Ela era o oposto de Débora, que pelo pouco que pôde constatar, falava pelos cotovelos. A única que não demonstrava muita simpatia era a vendedora Lillian, que a olhou de cara fechada durante todo o expediente. Restava saber se esse era seu jeito de ser ou existia alguma questão pessoal.

Era por volta de oito horas quando Laura terminou de beber um copo de vitamina e vestiu sua roupa esportiva. Assim como todas as noites, calçou o tênis e saiu para correr. Conforme seguia o percurso de sempre, mantinha os pensamentos fixos na loja e em tudo o que ocorrera no dia de hoje. Sentia-se feliz, realizada e cheia de expectativas a respeito do novo rumo de sua vida. Estava ansiosa para que esse um mês passasse depressa e pudesse ser, enfim, efetivada como gerente.

Laura queria poder externar toda a adrenalina e alegria que estava sentindo. Nesse momento, bateu uma grande saudade dos amigos que precisou deixar para trás quando tomou a decisão de ir morar em Hills Dale. Se não fosse a distância, seria um bom momento de telefonar e chamar um deles para comer e tomar algo no bar mais próximo.

Ainda perdida em muitos pensamentos, não se deu conta quando adentrou a rua escura e silenciosa. Após o último ocorrido, havia cogitado a ideia de não mais passar por ali.

— *E lá vamos nós outra vez* — murmurou a si mesma, ao avistar o percurso logo a frente. A rua permanecia vazia, escura e silenciosa. Salvo por um único poste em funcionamento que estava localizado na metade do caminho. — Quem será que mora ali? — Indagou ao levantar o olhar para a "casa sombria".

Não saberia dizer, mas havia algo naquele imóvel que a instigava a parar em frente todas as noites. Talvez fosse a aparência escura e de abandono, fazendo-a se sentir como em um filme de terror, daqueles onde toda a história maligna se inicia na casa. Por outro lado, talvez se tratasse apenas da enorme curiosidade por saber quem ali habitava.

— Droga! Que susto! — Disse em voz alta, ao sentir o celular tocando e vibrando dentro do acessório que levava preso ao braço e servia de suporte para ele.

A rua era tão silenciosa, que o som do aparelho chamando espalhou-se e formou um grande eco no lugar, forçando Laura a atendê-lo às pressas para logo pôr um fim naquele barulho quase estrondeante.

— Alô?

Se tratava de Fiona. A gerente havia telefonado apenas para parabenizá-la pelo ótimo desempenho em seu primeiro dia.

— Oh Fiona, foi muito gentil de sua parte ter me ligado. Obrigada. — Laura carregava um bobo sorriso no canto dos lábios durante a conversa.

— Imagina, me senti no dever de parabenizá-la. Pretendia fazer isso após o fechamento do caixa, mas foi tão corrido que acabei não conseguindo. Fiquei um pouco estressada com o problema que deu no computador de última hora. Se não fosse você ali, acho que eu teria batido a cabeça contra a parede.

— Eu não sou *expert*, mas tenho uma boa noção de informática. Meu conhecimento serve, pelo menos, pra esses momentos de desespero — riu.

— Não imagina a importância que teve. Recentemente tivemos um problema parecido e ninguém soube resolver. Mas enfim, não quero tomar seu tempo livre, liguei apenas para agradecê-la, parabenizá-la e dizer que te aguardo novamente amanhã.

— Obrigada, Fiona. Espero ser capaz de transmitir a você a confiança que precisa pra se desvincular da loja. Boa noite!

— Boa noite, Laura!

Ao desligar a chamada e prender novamente o celular ao braço, voltou a ter a sensação de estar sendo observada. Dessa vez, ao levantar o olhar à procura de algo, avistou uma silhueta na janela que fez sua pele arrepiar-se de medo. Diferente das outras noites, a figura que parecia observá-la não recuou, pelo contrário, se manteve ali até que Laura se sentisse intimidada e fosse embora.

Assim que retornou para casa tomou um banho gelado, vestiu um pijama, respondeu a mensagem do pai e deitou com as costas apoiadas em grandes almofadas. Laura era filha única de pais separados. Marcos, seu pai, era um homem bastante presente em sua vida. Diferente de sua mãe, Letícia Garcia, que mudou-se para fora do país para ascender na profissão e raramente possuía tempo para visitá-la.

Com a luz do abajur acesa, dedicou alguns minutos folheando o catálogo de produtos da loja. A loira possuía pressa em decorar os nomes, a função e a origem de cada um daqueles produtos.



O segundo dia de Laura no antiquário havia iniciado. Fiona, no dia anterior, havia lhe avisado para que chegasse mais cedo, pois iria orientá-la sobre como funcionava a abertura da loja e a inicialização do caixa.

— Bom dia, Laura — disse a gerente, educadamente, com um sorriso no rosto.

A mulher demonstrou como abrir as portas de segurança e em seguida adentraram o lugar. Enquanto caminhavam para a área dos funcionários, Fiona ia lhe orientando sobre mais assuntos.

— Hoje vamos precisar mudar a vitrine da loja, fazemos isso a cada estação — explicou. — Você sempre pode pedir ajuda para Júlia e Lillian caso precise expor algo grande e pesado.

— Eu posso organizar a vitrine de acordo com o meu gosto ou há um padrão a ser seguido?

A pergunta de Laura fez Fiona pausar os passos e refletir sobre qual seria a resposta mais adequada.

— Bom... — iniciou. — Varia bastante. Na maioria das vezes é você que irá organizá-la a seu gosto, mas se a dona não se agradar da maneira escolhida, irá avisar e pedir que refaça. Às vezes ela própria tem em mente como gostaria que ficasse, então é muito relativo.

— Entendi...

Após deixar a bolsa dentro do armário, Laura caminhou até o espelho que havia na parede e retocou a maquiagem. Odiava precisar usar cosméticos, mas seguia com afinco as normas da empresa. Seu cabelo loiro, liso, estava preso em um rabo de cavalo com alguns fios soltos nas laterais do rosto. Não importava a ocasião, sempre o mantinha assim. Sua roupa estava impecavelmente passada; se tratava de uma blusa social azul bebê e um jeans de lavagem escura. Em seus pés havia um salto preto que lhe proporcionava feminilidade, elegância e imponência. Saltos eram peças que Laura Garcia adoraria deixar fora de seu vestuário; os trocaria facilmente por tênis se lhe fosse possível.

Ao se direcionar para o caixa, observou junto à Fiona como funcionava a abertura. Enquanto prestava atenção, escutou as vozes de Leonardo e Júlia chegando juntos.

— Bom dia, garotas — disse o homem.

— Bom dia! — Elas responderam.

— Muito bom dia! — Agora foi a vez de Júlia saudá-las.

— Bom dia! — Fiona e Laura responderam juntas.

Logo atrás dos dois funcionários caminhava Lillian, sempre esboçando uma péssima expressão facial.

— Bom dia — cumprimentou com frieza e mal humor.

— Bom dia. — Apenas Laura a respondeu.

Assim que as portas do antiquário foram abertas ao público, um pequeno fluxo de pessoas começou a ocupar o lugar. Para ser considerada uma peça digna de um antiquário, ela deve possuir pelo menos cem anos de existência. Na Europa se pode encontrar móveis e objetos com até quatrocentos ou quinhentos anos de existência. O público alvo desse tipo de estabelecimento é composto, em sua maioria, por designers de interiores, decoradores e amantes colecionadores de coisas antigas. Os clientes

compram peças dos antiquários para a decoração de residências, cenários cinematográficos e pontos comerciais. Estas peças precisam estar em ótimas condições de uso e funcionando como se os anos não as tivesse afetado; a não ser pelo aspecto envelhecido, que ao invés de incomodar aos seus admiradores, lhes oferece o charme que eles procuram.

— A Débora está atrasada novamente — comentou Fiona, conferindo a hora em seu relógio de pulso. — Vou deixar que você chame a atenção dessa vez.

— Vou conversar com ela assim que aparecer.

— Certo.

— Pode ficar aqui no caixa enquanto vou ao piso de cima verificar as novas peças? Vi que chegaram quadros lindos e um par antigo de poltronas. Pensei em expor uma delas na vitrine — comentou Laura. — Prometo tentar ser bem criativa na decoração.

— As poltronas francesas?

— Não sei se são francesas, mas são muito bonitas.

— Sim, são francesas. Quando a dona chegar, vou pedir o relatório com a descrição e os preços dessas peças que chegaram ontem. Será sempre a sua função informar às vendedoras o valor e os detalhes de tudo que for novo, pois o que tem no catálogo elas já conhecem — explicou.

— Ok. Bom, vou subir pra explorar tudo o que chegou, e em seguida eu desço pra fazer o desmonte da vitrine!

— Perfeito! Quando Débora chegar eu vou te auxiliar nessa tarefa. Apesar de possuir a personalidade inconstante, conheço o gosto da chefe, então com a minha ajuda você terá mais chances de acertar.

— Oh sim, obrigada! — Sorriu. — A propósito... Qual o nome dela? Sempre a tratamos por “a chefe” ou “a dona”, mas gostaria de saber como ela se chama.

— Laura, mil perdões! Ando com tanta coisa na cabeça, que esqueci de te dizer. O nome dela é Elisa. Elisa Marques. Sempre que nos ouvir falar esse nome, saiba que estamos nos referindo a ela.

— Elisa Marques? Ok, não pretendo esquecer.

A loira esboçou um pequeno sorriso, pediu licença e se dirigiu para o andar de cima.

— Hum... Vejamos o que temos aqui...— Dizia Laura, sozinha, ao observar todas as novas peças que haviam chegado — Hummm... O que será que agradaria essa *Elisa Marques*? — Falava enquanto andava por entre os itens.

Elisa Marques é uma mulher de trinta e quatro anos formada em administração. Filha única de pais já falecidos, é a herdeira de todo o patrimônio deixado por eles. Marques é uma pessoa que muito se importa e valoriza a História. Esse é um dos motivos que a motivou a levar para frente o antiquário pertencente, primeiramente, a seus pais. Elisa viaja eventualmente em busca dos artefatos antigos em feiras consagradas e leilões. Costuma dizer que sua loja é a casa das *memórias do tempo.*



Laura desmontava a antiga vitrine quando Débora chegou e acenou para ela.

— Bom dia!

— Bom dia, Débora. — A loira pausou o que estava fazendo para ir até a funcionária. — Precisamos conversar sobre os seus atrasos — iniciou. — Sei que sou nova aqui e pra mim é extremamente chato e constrangedor precisar chamar sua atenção. Não quero ser a gerente chata que torna o dia de todos um saco. Acredito que com a construção de um ambiente leve e agradável o serviço flui de maneira muito mais produtiva. Porém, para que isso possa acontecer eu preciso contar com o seu esforço.

— Desculpa, sei que o erro é meu — Débora demonstrava pesar em sua voz. — Moro com minha avó e ela está com problemas de saúde. Tenho dividido meu tempo entre o serviço e cuidar dela. Tem dias que vou dormir muito tarde e acordo antes que os galos possam cantar, pra poder deixar o café da manhã dela preparado antes de sair. Sei que a loja não tem nada a ver com minhas questões pessoais, mas é que realmente está um pouco puxado pra mim — se explicou.

— Sinto muito pela sua avó, estimo melhoras — disse com sinceridade e suavidade na voz, demonstrando empatia e recebendo um “obrigada” logo em seguida. — Vou conversar a respeito com a Fiona pra ver o que pode ser feito. Talvez você possa continuar compensando esses

minutos de atraso no seu intervalo enquanto sua avó não se recupera. De qualquer forma, vou segurar as pontas no caixa na primeira hora. Mas, por favor, evite ao máximo esses atrasos.

— Prometo que tentarei de verdade, obrigada pela compreensão.

Laura acenou com a cabeça e retornou para a vitrine, que era rodeada e protegida por uma fachada de vidro. Através da transparência, foi capaz de avistar quando um carro preto de vidros escuros estacionou no meio-fio a poucos metros da loja. A exuberância do automóvel muito chamou a atenção da loira, que manteve o olhar fixo enquanto admirava e especulava o valor do tão bonito e luxuoso veículo.

A atenção que Laura depositava sobre o carro se desviou quando a figura elegante de uma mulher vestida com uma camisa de gola alta e manga comprida desceu do automóvel. Ela usava uma calça social preta, assim como a blusa, salto alto, óculos escuros e um cinto. Havia uma bolsa e uma pasta na lateral de seu corpo.

Laura saiu de onde estava e andou até o meio do salão a tempo de ver a figura elegante cruzar a entrada da loja. Se trava de Elisa Marques, sua chefe. A loira observou a mulher entrar a passos lentos, enquanto pensava consigo mesma na possibilidade de ela estar observando o comportamento de todos e de cada canto do lugar.

Sem cumprimentar Leonardo, o segurança do antiquário, deu alguns passos mais adiante e passou em silêncio por entre Júlia e Lillian.

“*Não é possível que ela não vai cumprimentar ninguém*.” Pensou Laura, ao vê-la se aproximar. “*Será que devo saudá-la? Falar alguma coisa?”* Questionava-se mentalmente conforme a mulher de cabelos negros se aproximava. A essa altura, a chefe já havia suspendido os óculos e os deixado fixos no topo de sua cabeça.

— Boa tarde — arriscou Laura.

A morena manteve o ritmo dos passos como se nada tivesse acontecido. Sua atitude - ou a falta dela - muito irritou a nova gerente, que de maneira completamente inconsciente cerrou os punhos de raiva.

— Vai se acostumando — sussurrou Júlia, ao se aproximar e observar a expressão de indignação e frustração estampada na face da loira.

— Ela é muda? Ou é apenas mal educada mesmo?

— Segunda opção.

— Impressão minha ou só se veste de preto?

— Não, não é impressão sua. Trabalho aqui faz um ano e meio e só a vejo com essas roupas escuras. Deve ser para combinar com o próprio humor.

Laura não quis prolongar aquele assunto no ambiente de trabalho para não soar antiprofissional. Sendo assim, apenas pediu licença para Júlia e alertou que alguns clientes estavam entrando.

Naquele mesmo dia, por volta de uma hora da tarde, Laura e Fiona concluíram juntas o novo visual da fachada.

— Espero que ela goste. A meu ver, ficou espetacular! — Comentou a loira, com um sorriso de satisfação estampado na face.

— Acredito que gostará sim, fizemos um belo trabalho em dupla. Sua ideia de expor uma das poltronas francesas na vitrine foi ótima. Ainda a utilizamos de suporte para o quadro decorativo da Marilyn Monroe. Elisa é muito fã dela.

— Então vamos aguardar ela passar e olhar! — Sorriu.

— Por falar nela, ainda não almoçou e nem saiu. Normalmente sou eu que trago o almoço quando fica trancada na sala. A propósito, essa tarefa passará a ser sua quando eu for embora — explicou. — Lembre-se que será você quem irá tratar de todos os assuntos diretamente com ela.

— E o que eu preciso fazer? Perguntar se já quer almoçar?

— Normalmente ela chama e avisa, mas acho que hoje está muito atarefada, pois ainda não comentou nada comigo. Bem, vou lá saber se vai querer alguma coisa, já volto pra continuarmos com as orientações.

— Ok.

Enquanto Fiona não retornava, aproveitou o curto tempo para observar com atenção as peças do lugar. O majestoso lustre centralizado no teto do salão era o produto que mais havia lhe chamado a atenção desde o dia da entrevista. Contudo, uma pequena caixa de música executada em madeira também despertou seu interesse visual. Laura procurou por ela no catálogo que estava em sua mão e tomou conhecimento de que se tratava de uma rara e pequena caixa de música do século XIX. Sua estrutura era feita de nogueira polida; um modelo original da Alemanha no ano de 1890.

— Ela é completamente funcional.

Disse a voz que ecoou próxima a seu ombro. Se tratava de Fiona, que já havia retornado ao salão.

— É absurdamente bonita — respondeu enquanto mantinha o olhar fixo ao item. — Vocês possuem os discos?

— Sim, temos oito discos de metais e a chave da caixa. Ficam guardados no escritório da Elisa, pois são peças muito pequenas e fáceis de serem perdidas. Depois, pede pra que a Júlia ou a Lillian te expliquem como funciona, tenho certeza que você vai adorar.

— Aposto que sim. — Sorriu. — Sou uma pessoa muito curiosa, não imagina como estou ansiosa pra descobrir o mecanismo e a origem de cada coisa por aqui.

— Sua curiosidade será muito útil pra você. Sem contar que a curiosidade é o ponto inicial do conhecimento — disse em um suave e simpático tom de voz. Estava confiante de que havia encontrado a pessoa ideal para substituí-la. — Ah, antes que eu me esqueça! — A gerente tirou um papel dobrado de dentro do bolso e o entregou à Laura. — Poderia trazer o almoço da Elisa? Aí está escrito tudo o que ela quer e o endereço do restaurante.

A loira desdobrou o papel e tentou compreender o que nele estava escrito.

— Essa letra é sua ou dela?

— Dela. É um pouco difícil de compreender, né? — Riu. — Após certo tempo conseguirá identificar. Só tome cuidado para não trazer nada errado, Elisa é um pouco rigorosa com a alimentação. — O comentário de Fiona trouxe uma expressão preocupada para a face da loira. — Aqui está o cartão destinado aos possíveis gastos fora da loja, vou escrever a senha no papel. Pode trazer algo pra você almoçar também.

— Ok.

Laura enfiou o papel e o cartão dentro do bolso e se ausentou por aproximadamente dezessete minutos. Por sorte, o restaurante ficava muito próximo do antiquário.

— Aqui está — disse à Fiona, assim que retornou. — Espero que esteja tudo certo — comentou em tom preocupado.

— Pode entregar pessoalmente, é bom que você vai se acostumando com a presença dela e ela com a sua.

— Tudo bem.

Incerta sobre como se comportar, Laura respirou fundo e caminhou até a porta correspondente à sala de sua chefe. Ao aproximar-se, constatou que estava entreaberta. Após duas batidas e um pedido de licença, adentrou o ambiente a passos lentos e olhar atencioso.

— Boa tarde — disse receosamente ao caminhar para próximo da mulher. Elisa Marques estava sentada à mesa e parecia compenetrada na tarefa em frente ao computador. — Fiona me pediu para trazer seu almoço, aqui está — comentou em tom baixo, temendo incomodá-la, enquanto depositava uma sacola sobre a mesa.

Os movimentos da loira foram sutis e lentos. Usou o pequeno instante em que apoiava a sacola para analisar a mulher mais de perto. Para ela, sua nova chefe era uma grande incógnita. Os boatos que escutou pelo bairro, a postura imponente e a aparência misteriosa instigavam em Laura uma forte vontade de compreender alguns porquês. Conforme pôde observá-la, percebeu que Elisa possuía traços faciais bastante expressivos. Suas sobrancelhas, minuciosamente bem feitas e arqueadas proporcionavam a ela elegância e sensualidade. De maquiagem forte, aspecto jovem e atraente, Elisa Marques transmitia seriedade, autonomia e poder.Em contraponto, havia algo em toda aquela aparência exuberante que tornava Elisa uma grande interrogação para todos que a conheciam.

Com Laura não foi diferente, a loira sentiu sua curiosidade estimulada desde o primeiro encontro no supermercado. As peças escurecidas de roupa que compunham a aparência enigmática era um forte ponto que aguçava o seu saber.

O incômodo silêncio dentro do escritório era absoluto; ele só não incomodava mais que o silêncio vindo de Elisa. Laura aguardou um agradecimento que não veio. Aguardou uma saudação ou até mesmo um olhar que tampouco chegaram. Sendo assim, apenas deu as costas e começou a caminhar no sentido da porta. Todavia, antes de cruzá-la, sentiu como se estivesse sendo observada. A sensação de um olhar sobre si se fez extremamente forte e presente antes de, finalmente, se retirar por completo dali.



Três semanas haviam se passado desde que Laura iniciara seu período de experiência no antiquário. Seu bom desempenho atingiu e muito superou as expectativas de Fiona. A moça facilmente decorou os nomes de todas as peças registradas no catálogo; ela apenas não havia conseguido memorizar a qual ano cada uma delas pertenceram. No entanto, todos os objetos estavam registrados no sistema exatamente iguais ao da catalogação impressa. Sendo assim, sempre que a loira tivesse alguma dúvida, bastava pesquisar pelo número de registro colado em cada peça e jogá-lo no sistema para puxar os dados.

Além de ter conseguido se familiarizar facilmente com os produtos, Laura também estava desempenhando um ótimo papel com sua equipe. De maneira simpática e sempre muito divertida, conseguia motivar a todos sem perder seu ar de autoridade. A única pessoa que vez ou outra tentava entortar a cara era Lillian, mas Laura havia descoberto que a moça se comportava dessa forma porque se chateou quando Fiona buscou alguém com experiência na função em vez de escolhê-la. Lillian, em alguma altura de sua jornada profissional no antiquário, começou a almejar a gerência e acabou se frustrando por não ter sido sequer cogitada a ocupar o cargo.

Laura conseguia contornar perfeitamente a insatisfação da moça. O que ela não sabia lidar era com a falta de diálogo com a dona do lugar. Durante as três semanas em que esteve no trabalho, sua chefe a tratou como se fosse invisível. Além da ausência de palavras, havia também a falta de contato e comunicação visual.

— Ela é sempre assim? — Perguntou Laura. Ela e Débora estavam sentadas à mesa de uma lanchonete e desfrutavam a companhia uma da outra ao final do expediente.

Era uma tarde de sábado ensolarada e bonita demais para se trancar dentro de casa. Visto que aos sábados o estabelecimento fechava às 15:00, a loira convidou a funcionária para comerem algo em um estabelecimento lá mesmo no bairro. As duas vinham desenvolvendo uma boa relação durantes as últimas semanas; descobriram que possuíam muitas afinidades e um senso de humor bastante semelhante.

— Faz um ano e meio que trabalho lá e sempre foi assim.

— Olha, confesso que no início achei que seria mais fácil ter uma chefe com esse comportamento, do que precisar lidar com alguém autoritário demais. Mas eu estava enganada. Me sinto péssima pela maneira que ela trata todos nós. É como se nem existíssemos.

A loira demonstrava indignação em suas palavras e no tom de voz. Suas expressões faciais também traziam à tona sua chateação.

— Laura, vai por mim, é melhor assim. Já presenciei a Fiona quase tendo um ataque cardíaco de tanto estresse. Enquanto Elisa te ignorar, você estará em paz.

— Não chamo isso de paz — contestou. — É horrível estar em uma situação onde não temos qualquer abertura para dialogar com a pessoa. No dia em que montei a vitrine, por exemplo, pensei em perguntar se havia gostado, até mesmo para ir conhecendo os gostos dela e compreender o que espera de mim, entende?

— Sim.

— Mas, Elisa não se deu ao trabalho de me olhar nem quando deixei o almoço sobre a mesa. Assim fica muito complicado. Eu estou completamente aberta para o diálogo com você, Lillian, Leonardo e Júlia. No meu modelo de trabalho é assim que as coisas evoluem.

— Ah... Laura, eu super concordo com você, precisa haver diálogo e debate para que os dois lados saibam onde precisam melhorar. Mas ela é estranha, sempre foi — Deu de ombros.

— E bota estranha nisso — comentou ao balançar a cabeça negativamente e levar o copo de suco à boca logo em seguida.

— Você já ouviu os boatos que rondam sobre ela?

Laura ainda dava alguns goles em seu suco quando as palavras de Débora lhe despertaram a atenção.

— Sobre ser bruxa ou vampira? — Indagou com desdém. — Fala sério, quem acreditaria nisso?

— Eu não duvido que seja verdade. Ela só veste preto!

Débora falava com tanta convicção, que a loira não queria acreditar que ela realmente levava aquelas fofocas a sério.

— Já viu onde ela mora? — Laura Garcia balançou a cabeça negativamente. — É uma casa muito esquisita. Enorme, de dois andares, mas muito macabra.

— Macabra por quê? — Curiosa, perguntou.

— Porque é sombria, não parece ter iluminação. Está recoberta por umas plantas secas. Acho que até a vegetação desistiu de lutar contra as energias estranhas de lá.

— Espera, espera — falou apressadamente, enquanto buscava algo em sua memória. — Onde a casa dela fica localizada?

— É aqui mesmo no bairro, em uma rua super deserta. Estou dizendo... Toda a *vibe* do lugar tem energias esquisitas.

— Hum... Acho que sei a qual casa se refere. — Garcia parecia divagar em pensamentos, ao mesmo tempo que sua mente a levava para os eventos noturnos de caminhada. — Bom, vamos esquecer ela um pouquinho? — Propôs, instantes após sair de seus devaneios. — Como está a sua avó?

— Está muito melhor! — Respondeu com alegria e otimismo. — Obrigada por perguntar. Também gostaria de agradecer pela compreensão referente aos meus atrasos. Sei que ainda devo horas e vou pagá-las.

— Ai, que boa notícia! Me alegra saber que ela está bem. — Sorriu.

— E você?

— O que tem eu? — Perguntou ao olhá-la com mais atenção.

— Semana que vem será a última, não é? Está confiante de que ficará com a vaga? Eu adoraria que fosse escolhida. Gostei tanto de você...

— Obrigada pela torcida! Estou muito confiante, sim. Fiona me elogiou bastante nos últimos dias.

— Poxa, que bom! Será ótimo ter uma gerente como você.

— Obrigada! Preciso muito desse emprego para poder dar início à minha nova vida. Ainda não tive tempo de conhecer a cidade, mas pelo

pouco que vi, estou gostando muito. Não quero ter que precisar ir embora.

Garcia demonstrou um pouco de preocupação em suas palavras finais. Seu olhar também entregava certa insegurança.

— Não vai precisar. Embora Hills Dale seja uma cidade pequena, nossa economia funciona bem. Há muitas ofertas de emprego por aqui, maaaas... Você ficará conosco! Pode confiar!

Débora deu um tapinha no ombro da loira, esboçou um sorriso confiante e em seguida focou a atenção em sua refeição. Laura, de seu lugar, divagava em pensamentos enquanto, também, finalizava o lanche.

Quando chegou em casa, seu relógio de pulso já apontava para cinco e meia da tarde. Satisfatoriamente, livrou-se dos saltos e quase soltou um gemido de satisfação ao depositar os pés diretamente na superfície do chão. Ao caminhar para o banheiro, tirou a calça e a camisa social. De frente para o espelho retangular, começou a se livrar de toda aquela maquiagem em seu rosto e lavou a pele com sabonete específico para aquela região. Laura vestiu uma roupa esportiva, e enquanto descansava para recarregar as energias e ir correr, sentou-se no sofá da sala e enviou algumas mensagens para os amigos que deixara na antiga cidade. Aproveitou o momento de descanso para também se comunicar com os pais. Embora sentisse muita saudade daqueles que deixou para trás, estava empolgada com seu recomeço. E mesmo distante, não estava disposta a romper os laços antigos. Faria uma visita aos amigos e familiares assim que se estabelecesse em Hills Dale.

Há tempos Laura Garcia não sentia essa paz de espírito. Sua nova casa não era grande, mas supria as necessidades de espaço. A vizinhança era calma, o fluxo de pessoas pelas ruas era pequeno, o centro da cidade não ficava muito longe e ainda oferecia tudo o que ela precisava. Na loja de antiguidades havia rapidamente encontrado uma oportunidade de se reestabelecer financeiramente. A vaga oferecia uma ótima remuneração, sua equipe estava trabalhando em harmonia e a localização era a doze minutos a pé de sua casa. Laura sempre fazia o trajeto ao trabalho de tênis e levava os saltos para calçar apenas quando chegasse.

Ao verificar o relógio, constatou que se tratava de seis horas da noite.

— Vamos nessa — disse a si mesma, ao se levantar e recolher as chaves.

Laura fez o mesmo percurso estabelecido desde o primeiro dia. E todas as vezes em que entrava na rua silenciosa, ansiava para caminhar em frente à casa escura.

A loira passou uma, duas, três vezes em frente ao imóvel. Na quarta vez, observou que a janela do segundo andar havia sido fechada. Ao diminuir a velocidade dos passos à quase nula, observou fixamente o ambiente até ser surpreendida pelo reflexo de uma figura feminina aparecendo atrás do vidro. Laura franziu o cenho e forçou a visão na tentativa de conseguir enxergar a pessoa que ali havia. A muito custo, confirmou se tratar de sua chefe.

"*Será que devo acenar pra ela*?" Pensou, enquanto mantinha a cabeça erguida e o olhar na janela. "Talvez, fora do ambiente profissional ela seja diferente." Continuou a divagar consigo mesma. Todavia, antes que pudesse escolher qual atitude tomar, a imagem de Elisa já havia sumido de trás do vidro.

Após mais algumas voltas sem avistá-la na janela, Garcia cumpriu sua meta de uma hora e retornou para casa.

Na manhã do dia seguinte, despertou cedo para aproveitar seu único dia de folga. Organizou a casa, preparou o almoço e telefonou para a melhor amiga de nome "Bianca". As duas conversaram sobre suas vidas e a respeito de como estavam se sentindo. Laura a atualizou sobre seu novo emprego, e nisso incluía o pequeno desconforto ocasionado pela nova chefe. Ao final da ligação, estudou um pouco mais sobre as peças do antiquário e, no início da tarde, saiu a pé para ir até o supermercado do bairro. Laura havia pensado em buscar ingredientes que pudessem oferecê-la um bom drink para relaxar e comemorar suas novas conquistas. Afinal, uma nova casa, um possível novo emprego e uma nova vida exigiam uma bebida à altura.

No caminho de ida, observava atentamente as ruas, estabelecimentos e imóveis. Diferente do lugar onde vivia, aqui existia muito mais áreas verdes e casas que edifícios. Até mesmo o centro da cidade possuía uma geografia urbana diferente.

Dentro do mercado, colhia alguns ingredientes para criar um drink de gin tônica com morangos. Aproveitou que na seção de bebidas vendia coqueteleira e acrescentou ao carrinho. Conforme olhava com atenção os produtos dispostos nas prateleiras e caminhava por entre elas, percebeu que uma moça de cabelo ruivo a olhava com insistência. E cada vez que Laura lhe direcionava o olhar, a mulher automaticamente disfarçava e virava o rosto.

O pequeno bairro em Hills Dale comportava um número pequeno de habitantes; os quais a maioria se conhecia e reconhecia quando alguém novo frequentava o lugar. Visto isso, Laura era uma face nova para todas aquelas pessoas, incluindo os funcionários do supermercado. Todos já sabiam que ela era a nova moradora da antiga residência antes habitada por um jovem casal que viera da Espanha.

Laura passava todos os dias da semana caminhando sobre saltos, usando maquiagem e vestindo-se de maneira formal para se adequar ao trabalho. Todavia, quando sua folga chegava, gostava de se vestir de maneira mais despojada. Hoje usava uma calça cinza de moletom, tênis e regata preta. Seu cabelo, como sempre, peso em um rabo de cavalo com alguns fios soltos nas laterais da face. Haviam óculos de sol apoiados no topo de sua cabeça. Sua aparência um tanto quanto *estilosa* certamente havia despertado a atenção da jovem que a olhava com algum possível interesse. Sorrir internamente foi quase inevitável; uma vez que aqueles olhares insistentes haviam massageado o ego e melhorado sua autoestima. Contudo, o sorriso que habitava o interior de Laura desmanchou-se no instante em que a figura já conhecida de uma mulher entrou na mesma seção onde ela estava.

Laura viu Elisa caminhar a passos lentos e parar a pouco centímetros de seu corpo. Sem nada dizer e sem olhar para os lados, a morena começou a pegar alguns vidros de palmitos e depositá-los dentro da própria cesta. A chefe vestia camisa e jeans preto.

“*Não é possível que ela não esteja me vendo aqui*.” Pensou a loira, estacionada muito próximo a ela. Garcia tentou disfarçar e pegou o primeiro produto que estava na sua frente enquanto a observava com o canto dos olhos. Até mesmo cogitou a ideia de cumprimentá-la, mas após alguns “bom dia” e “boa tarde” sem respostas, preferiu se manter calada.

Quando sua chefe deixou o corredor, Laura finalmente pôde respirar aliviada; foi quando se deu conta do quão tensa havia ficado na presença da mulher. Segundo os pensamentos da loira, talvez Débora estivesse certa e Elisa realmente transmitisse uma energia muito estranha.

Como uma boa chocólatra incurável que era, Laura acrescentou algumas barras de chocolate na cesta e se dirigiu para o caixa. No curto período de tempo em que embalou os produtos e pagou, não mais avistou a morena.



A última semana do período de experiência havia chegado. Hoje Laura fora encarregada de abrir a loja e iniciar o caixa sozinha, pois Fiona possuía alguns assuntos pessoais para resolver e só iria comparecer ao antiquário na parte da tarde. No entanto, deixou avisado que poderia entrar em contato pelo celular se alguma dúvida surgisse.

— *Abre, abre*... — murmurava Laura, enquanto tentava abrir o portão de ferro que fazia a proteção da entrada. — Não acredito que essa droga de fechadura vai emperrar justo no dia em que estou sozinha! — Resmungou. Após mais algumas tentativas, respirou aliviada por ter conseguido destravá-la.

Caminhou para o interior da loja com a cabeça erguida, pois todos os dias gostava de admirar o grande e exuberante lustre que havia no teto. Ele possuía cento e sessenta e dois braços; todo em cristais transparentes e acabamentos em dourado. Estava avaliado em cento e trinta e cinco mil reais. Era o item mais caro do antiquário.

Ao se dirigir ao vestuário, trocou o tênis por saltos e se deslocou para o caixa. Conforme se distraía ligando os dois computadores, escutou a chegada de Leonardo. Por ser o responsável pela segurança do lugar, ele era encarregado de chegar meia hora antes das vendedoras e de Débora.

— Bom dia, Laura! — Disse ele, ao passar.

— Bom dia!

— Animada para sua última semana de treinamento?

— Muito. Estou esperançosa! — Sorriu.

— Essa vaga já é sua, pode ter certeza — piscou, instantes antes de sumir para dentro.

Alguns minutos mais tarde chegou Débora e, logo após, Júlia e Lillian respectivamente. Faltando pouco menos de quinze minutos para o meio dia, um rapaz uniformizado de entregador de cartas entrou no local e caminhou até o balcão de atendimento:

— Bom dia, correspondências para Elisa Marques — disse ele, se manifestando.

— Pode recebê-las, Laura — Débora orientou.

A loira assinou a guia de recebimento, pegou as correspondências e perguntou à colega de serviço sobre onde deveria deixá-las.

— Todas as correspondências e boletos de cobrança podem ser recebidos por mim ou por você. E devemos sempre deixá-los na mesa da Elisa para que ela veja assim que chegar, porque pode ter algo importante e que necessite urgência. Eu costumo deixar sobre o teclado do computador, pois assim não corre o risco dela não ver.

— Mas eu posso simplesmente entrar lá?

— Pode sim, o escritório sempre fica aberto, até mesmo porque, é lá que algumas peças pequenas são armazenadas. O modem da internet também fica na sala dela, então a porta nunca é trancada. Desde que a gente não mexa nos documentos e nem tire as coisas do lugar, não há problema.

— Ah, entendi. Bom, então já volto, é quase meio dia e você precisa tirar o horário de almoço.

— Ok.

Laura caminhou até o escritório de Elisa com as correspondências na mão. Ao entrar na sala, fechou a porta atrás de si para que tivesse privacidade lá dentro. Curiosa como só ela, queria observar com atenção como era o ambiente composto por aquela mulher tão... *peculiar*.

Deixou as correspondências sobre o teclado e começou a observar minuciosamente cada detalhe à sua volta. A sala era pequena, mas bem projetada. Possuía uma mesa executiva branca com um computador, um notebook, uma impressora com scanner, uma luminária e um porta canetas. Havia uma cadeira preta giratória correspondente ao lado onde a dona do lugar sentava, e uma cadeira sem rodas para alguma eventual visita. Laura observou a existência de uma prateleira nicho na cor preta que comportava

alguns livros sobre economia e manuais de gestão empresarial. Sem tocar em nada, lia uma por uma das lombadas:

"*Os segredos da mente milionária*" — verbalizou ao ler o nome do último livro. — Estou precisando descobrir esses segredos — comentou consigo mesma, em meio ao riso.

O escritório quase não possuía decoração; a parede frontal era pintada de cor preta e as outras três possuíam coloração branco gelo, levemente puxada para o cinza. Na parede oposta à mesa havia um móvel fechado com uma miniatura de navio em madeira MDF sobre a superfície plana. Era a única decoração de toda a sala. Dentro do móvel era onde ficavam armazenadas as pastas com documentos, e peças muito pequenas que compunham alguns objetos da loja.

Ao notar que havia algo cravado em letras minúsculas na madeira do navio, inclinou-se sutilmente para tentar ler. Porém, antes que pudesse identificar o que estava escrito, escutou a maçaneta da porta sendo aberta atrás de si. O som ecoou para dentro da sala silenciosa, fazendo um arrepio percorrer a coluna de Laura, que automaticamente se assustou e sobressaltou. Seu coração bateu em um ritmo ainda mais acelerado ao virar-se e se deparar com a última pessoa que ela esperava encontrar.

— Bom dia — disse ela, em meio ao nervosismo.

Elisa entrou no ambiente a passos lentos, depositou a bolsa sobre a mesa e caminhou até onde a loira estava para pegar o controle remoto do ar condicionado sobre o móvel atrás de Laura.

— *Bom dia* — respondeu a morena, portando seriedade na voz.

Elisa Marques não direcionou o olhar para a funcionária; apenas recolheu o controle, ligou o aparelho de ar e caminhou até a cadeira sem expressar qualquer emoção em sua face. Seus movimentos corporais foram praticamente automáticos a partir do momento que cruzou a porta e sentou-se à mesa. Laura sentia-se inteiramente sem saber como se comportar. Se viu presa naquela sala pequena com uma mulher que sequer a olhava. Ao menos dessa vez, diferente das outras, respondeu seu "bom dia."

Não levou muito tempo para o perfume de Elisa se espalhar pelo ambiente. Era uma fragrância suave, mas ao mesmo tempo marcante. Por mais estranha e esnobe que ela pudesse soar para a loira, havia algo que Laura precisava admitir: seu bom gosto. Além de um perfume com fragrância agradável, Elisa chegou usando um vestido preto acima dos

joelhos com modelagem ajustada ao corpo. O decote era em “U” e o fechamento era em zíper na região das costas. Nos pés calçava um scarpin preto, camurçado, de bico fino. Garcia não foi capaz de se ater a todos os detalhes do que a mulher usava, mas conseguiu absorver algumas informações superficiais. Os lábios volumosos de sua chefe estavam contornados por um batom vermelho bordô. Era a única cor que compunha seu visual, visto que todo o restante de suas roupas e acessórios eram pretos — incluindo a bolsa.

Laura possuía muitas críticas negativas em relação ao comportamento de Elisa Marques nas últimas três semanas. No entanto, não podia negar que além de misteriosa e instigante, era uma mulher que esbanjava sensualidade, charme e sofisticação.

— Deixei suas correspondências sobre a mesa — informou.

A loira se manteve de pé no mesmo local em frente ao navio. A sala era pequena, então a distância entre elas não era tão longa. Se tratava de uma proximidade ideal para que a funcionária conseguisse ter uma visão completa de Elisa à mesa. Na parte traseira de Garcia, havia a janela de vidro escurecido na parede logo acima do móvel com o enfeite de madeira. Era através desses vidros que sua chefe observava o fluxo do caixa.

Sem quaisquer novas palavras vindas da morena, Laura apenas se retirou a passos apressados e fechou a porta atrás de si.

— *Nossa, o que foi isso?* — Murmurou sozinha, encostada contra a porta. Seu coração ainda estava acelerado devido ao susto de ter sido encontrada lá dentro.

— Que cara é essa, Laura? Parece que viu um fantasma — perguntou Débora, ao vê-la retornar para o caixa.

— A *vibe* dessa mulher realmente é estranha — respondeu, enquanto tentava se recuperar do momento vivido.

— Ela é de dar medo — cochichou Débora.

— Admito que fui pega desprevenida, eu quase gaguejei lá dentro — confessou. — Mas, isso não faz meu feitio e estou longe de ser um alguém fácil de intimidar.

— Hmmmm... Agora mais do que nunca eu tenho certeza que você é a gerente que esse lugar precisava.

— Por quê?

— Porque algo me diz que as coisas irão ficar muito interessantes por aqui...

— Deixa de bobeira, vamos parar com o assunto e ir trabalhar!

— Mas já está na minha hora de almoço — resmungou.

— Mas ainda não está na minha. Preciso falar com as vendedoras e já volto.

Laura se dirigiu ao salão e aproveitou que não havia nenhum cliente para conseguir falar com Júlia e Lillian.

— Meninas, uma atenção aqui, por favor — chamou-as. — Estamos com algumas peças de porcelana que não saem há algum tempo, principalmente xícaras. Tem uma xícara centenária francesa que já está à venda há um ano e dois meses. Precisamos focar na venda desses itens e induzir os clientes a comprá-los juntamente aos produtos que lhe forem de interesse. Não podemos deixar que nenhuma mercadoria seja esquecida.

— Eu sei, Laura. — Lillian se manifestou. — Mas tem tantas coisas aqui, que não conseguimos lembrar de tudo.

— Verdade — agora foi a vez de Júlia de pronunciar. — Vamos focar nas xícaras, e com certeza algo ficará de lado.

— Eu estou aqui justamente para não permitir que isso aconteça. Lillian focará nas xícaras essa semana e você — apontou para Júlia — ficará com as caixas de música. Os objetos decorativos são os itens que mais saem, pelo que pude notar. Pelo visto, se vendem por si só. Porém, há mobília, discos, quadros e até mesmo joias que precisam ser apresentadas ao público. Sem mencionar esse lustre aqui — mencionou ao apontar para cima. — Ele é a peça mais cara do antiquário e, pelo que vi no sistema, está à venda desde que a loja inaugurou. Ninguém nunca demonstrou interesse?

— Muitas pessoas, mas você já viu o preço? Ninguém compra — comentou Lillian.

— Eu já até desisti. — Júlia se manifestou. — Se assustam quando dizemos o valor. Não é algo que se vende da noite para o dia

— Mas nós vamos vender — afirmou Laura, com convicção e firmeza nas palavras. — Não importa quem seja o cliente a entrar por aquela porta, nós vamos oferecer esse lustre. Muitas vezes a compra vem de quem menos esperamos — explicou. — Todo cliente é um potencial

comprador, e não há preço alto se soubermos fazer a propaganda do produto.

Júlia e Lillian a olhavam com atenção enquanto se sentiam motivadas por suas palavras.

— Nós vamos vender esse lustre ou eu não me chamo Laura Garcia. E digo mais: iremos todos curtir um *happy hour* com a comissão. Vocês estão comigo? — Perguntou ao erguer a palma da mão.

— Sim!

Júlia e Lillian fizeram um amistoso *hi-five* junto à loira.

— Eu também quero! — Gritou Débora, do caixa.

— A gente leva você — disse Laura, ao retornar para o balcão com um sorriso nos lábios.

— As meninas estão respondendo bem à sua forma de trabalhar. Nunca as vi tão motivadas! — Comentou Débora, ao olhá-la. — Até mesmo a Lillian, que andava meio desgostosa por não ter subido de cargo, resolveu contribuir.

— Talvez sejam esses meus olhos verdes cativantes — brincou a loira.

— Pena que você precisará de muuuuito mais que isso para agradar a chefe.

— Obrigada pelo banho de água fria.

— Desculpa, mas estou sendo sincera. Agora vou lá, pois já perdi dez minutos do meu almoço. Beijo, beijo! — A mulher saiu às pressas, deixando Laura em seu lugar.

Garcia respirou fundo, conferiu a hora na tela do computador e começou a pensar nas palavras de Débora. Enquanto o fazia, lembrou-se que Elisa tinha total visão da área onde ela estava. Esse saber a fez se questionar internamente se estaria sendo observada naquele instante ou não. Ao virar apenas a cabeça e olhar para trás, encarou aquele vidro escuro na tentativa de conseguir enxergar algum vislumbre da mulher. Sem obter sucesso, voltou o olhar para frente e sentiu-se desconfortável durante os minutos que se sucedera. A sensação era de constante vigia.

Os dias da semana passaram em um piscar de olhos. Quando Laura menos esperou, recebeu de Fiona a notícia sobre sua efetivação no cargo. A loira se sentiu radiante e quase pulou de felicidade. Na manhã seguinte à notícia, rapidamente tratou de ir fazer o exame admissional.

— Preciso confessar que quando compareceu à entrevista eu te achei promissora, porém, não imaginei que fosse superar minhas expectativas. Eu vou embora sabendo que deixei Elisa e o antiquário em boas mãos.

Fiona e Laura conversavam a sós durante o fechamento do caixa em uma sexta-feira à noite.

— Sou grata demais pela confiança que depositou em mim. Também gostaria de agradecer pela oportunidade. — Sorriu. — Com esse emprego, me sentirei muito mais segura para criar raízes em Hills Dale.

— Quem agradece dia e noite sou eu por ter encontrado uma funcionária compromissada como você. A única coisa que peço é que tenha paciência...

— Paciência com o quê? — Indagou ao olhá-la com atenção.

— Com Elisa.

Fiona parecia hesitante em suas palavras. Se comportava como se não soubesse como se pronunciar.

— Por quê? Ela só me esnoba, já me acostumei — disse ao dar de ombros.

— Elisa não gostou quando pedi demissão. Embora eu tenha explicado meus motivos, a decisão a desagradou muito. Em parte, eu compreendo, já estávamos trabalhando juntas há anos. Eu conheço absolutamente tudo sobre a loja e sobre ela. Cada gosto, cada mau humor, cada olhar. Mas eu preciso seguir em frente e me dedicar um pouco à vida pessoal. — Fiona soltou um suspiro e prosseguiu com as palavras. — Elisa não é uma mulher fácil de lidar, tem um gênio muito forte e odeia ser contrariada. Com você as coisas serão um pouco ainda mais complicadas, pois como ela está chateada pela minha partida, vai implicar com a sua chegada.

— Deve ser por isso que nem olha na minha cara.

— Não exatamente. Elisa é fechada e fria com todos. Mas, com você será o dobro. Peço, por favor, que tenha paciência no início. Aos

poucos se acostumará com a sua presença e as coisas se tornarão...

— Mais fáceis?

— Eu diria que menos difíceis. As relações com Elisa costumam ser complexas e complicadas. Quem sabe um dia vocês se deem tão bem a ponto dela te contar sobre si.

— Contar o quê?

— Nada... — desconversou. — Apenas dê tempo ao tempo e tenha paciência.

Fiona terminou de desligar o computador e, Laura, alguns interruptores da caixa de energia.

— Vamos? — Fiona chamou. Garcia apenas assentiu com a cabeça.

No dia seguinte, toda a equipe se reuniu na sala dos funcionários após o expediente para uma despedida surpresa. A ex gerente, em um discurso emocionado, disse que sentiria saudades de todos ali presentes — incluindo Laura. Após muitas lágrimas, tirou uma foto com toda a equipe e desejou boas-vindas à loira junto com os demais. A partir de segunda-feira Laura Garcia iniciaria suas funções como funcionária permanente.

A loira mal conseguia conter a felicidade e a ansiedade que dominavam seu corpo. Passou a noite de sábado praticamente em claro e o dia do domingo foi tomado por pensamentos constantes. Sentia-se alegre, nervosa, ansiosa, temerosa e empolgada. Tudo ao mesmo tempo. Sabia que agora não mais teria Fiona para guiá-la, e que sua relação seria diretamente com a dona do lugar. Só não sabia o que esperava por ela quando a nova semana iniciasse, muito menos possuía alguma noção de como seria sua relação com Elisa Marques a partir de agora. Todavia, estava tomada por uma euforia tamanha. Todo aquele misto de emoções trouxera motivação e uma forte sensação de vividez.

Laura se levantou antes mesmo que seu despertador pudesse tocar. Devido à grande ansiedade que habitava em seu interior, mal conseguiu pregar os olhos na noite passada. Afinal, hoje seria seu primeiro dia como a nova gerente oficial da loja de antiguidades. Antes de se despedir, Fiona

informou que Elisa levaria o contrato empresarial para ela assinar, e também faria uma pequena apresentação.

Naquele dia em especial, Laura quis estar com a aparência melhor que de costume. Após um banho longo, procurou entre suas melhores roupas algo que fosse à altura daquele momento. Por fim, acabou optando por um terninho feminino composto por blazer e calça preta. Na parte interna vestiu uma camisa social branca para contrastar. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo e a maquiagem em seu rosto estava leve, porém, impecável. Ao se olhar no espelho, sentiu-se à altura para ser gerente de uma loja tão luxuosa. Após duas borrifadas de perfume, recolheu as chaves e a mochila.

Como era de costume; abriu a loja, iniciou os computadores, cumprimentou os funcionários - que chegavam aos poucos- e ajudou no atendimento aos clientes. Entre uma tarefa e outra, olhava para a porta de entrada à espera de ver Elisa chegar. Sabia que só conseguiria relaxar após passar pela apresentação com ela. Laura precisava desse primeiro contato como “patroa e funcionária” para saber com mais exatidão o que esperaria por ela daqui para frente.

Ao olhar para a fachada da loja pela décima vez naquela manhã, finalmente viu a figura da morena empurrar a porta de vidro e entrar. Laura não se considerava uma mulher de fácil intimidação, mas não pôde evitar sentir um frio na barriga quando seus olhos caíram sobre a chefe.

— *Te espero na minha sala* — disse Elisa, ao passar por ela.

Laura sequer teve tempo de responder, pois quando pensou em abrir a boca, a morena já estava a alguns metros de distância.

— Vou deixá-lo com a nossa vendedora.— Garcia pediu licença ao cliente e o deixou aos cuidados de Júlia.

Depois de respirar fundo em frente a porta da sala de Elisa,depositou a mão com firmeza na maçaneta e a girou.

— Bom dia... — disse ela, ao entrar e avistar a morena em pé em frente ao enfeite de navio.

— Bom dia — respondeu com seriedade no tom de voz; carregando uma fechada expressão facial. Elisa se afastou de onde estava e caminhou até a própria cadeira. — Sente-se.

Tensa e um pouco receosa, Laura puxou o móvel e se sentou de frente para a mesa.

— Aqui está seu contrato, peço que o leia com atenção antes de assinar. Ele é uma garantia para ambos os lados. Uma vez assinado, você não poderá sair da empresa antes de um ano e eu não poderei demiti-la antes desse período.

— E se o contrário acontecer?Me refiro a se eu quiser sair ou você me demitir.

— Está escrito no contrato, leia.

Em silêncio, pegou os papéis em mão e leu todas as cláusulas. Uma delas dizia que se alguma das partes quebrasse o contrato, pagaria uma multa de valor expressivo para a parte lesionada.

— Se estiver de acordo com tudo, basta assinar.

A única cláusula que deixou a loira com um pé atrás foi a que fazia menção à multa por quebra de contrato. Todavia, Laura estava muito segura sobre querer trabalhar no antiquário. Sendo assim, apenas assinou.

— Aqui está — disse ao entregar as folhas para a morena, que prontamente também assinou logo abaixo de seu nome.

Elisa guardou todas as páginas do contrato dentro de um envelope de papel pardo e o depositou dentro de uma gaveta. Feito isso, antes de se pronunciar novamente, deslizou com a cadeira um pouco mais para frente e fixou seus olhos castanhos em Laura:

— Agora vamos ao que interessa.



"*Agora vamos ao que interessa*."

O sério tom de voz e a firmeza daquelas palavras prenderam a atenção de Laura naqueles olhos que, pela primeira vez, buscaram os seus. Elisa a encarava fixamente, sem deixar o olhar cair. Suas íris castanhas eram tão intensas, que por um breve momento proporcionou um pequeno desnorteio na mulher à frente.

— Pois não? — Disse a loira, voltando do curto devaneio.

— Primeiramente, eu gostaria que você não viesse mais trabalhar com essas unhas.

"O quê? O que tem de errado com as minhas unhas?" — Pensou Laura.

— Preciso que elas estejam sempre feitas e pintadas, pois fazem parte da composição do seu visual. Da forma que está, destoa de todo o resto.

"*Ela reparou nas minhas unhas?Em qual momento foi isso? Achei que nem tivesse me* olhado!" — Dizia a si mesma, em pensamentos.

— Outra questão que preciso levantar é em relação às vendedoras. Na última semana observei que uma delas mascava chiclete no salão. Não quero que isso se repita, muito menos na frente de um cliente, pois além de tirar o foco e a concentração em uma conversa, não transmite uma boa imagem à pessoa que estiver sendo atendida.

— Eu concordo com você. Mas, se não chamei a atenção, foi porque não vi.

— Mas eu vi, então se atente um pouco mais.

"Essa mulher quase não fica no salão, como pode ter observado isso?" — Laura permanecia com seus pensamentos, enquanto dialogavam.

— Certo, prestarei mais atenção.

— Terceiro ponto: uso de celulares. Observei Débora utilizando o aparelho na *sua presença*. Também não viu esse ato, senhorita Garcia? — Dessa vez a morena transitou do tom sério para o irônico.

— Vi. Mas eu permiti que ela usasse o celular porque estava com a avó doente em casa.

— Todos os funcionários sabem que disponibilizo o telefone fixo da empresa para que possam receber e realizar ligações, principalmente no caso de algum enfermo na família. O uso de celular é permanentemente proibido. A única que pode utilizá-lo no meio do salão é você, pois será através dele que estará em contato com nossos fornecedores ou até mesmo comigo. Estamos entendidas?

"*Não é possível que essa mulher tenha visto tudo isso! Ela quase não fica na loja e sequer nos direciona o olhar*!" — Dialogava a loira, consigo mesma.

— Sim. — Foi tudo o que disse.

— Você deve estar se perguntando como observei todas essas coisas.

"*Ela também lê pensamento? Estou começando achar que os boatos sobre ser uma bruxa são realmente verdadeiros."*

— Saiba que estou atenta a absolutamente tudo o que acontece aqui dentro — continuou a falar. — E eu espero que você também esteja — finalizou.

— Não se preocupe, vou me ater melhor a essas questões. Os eventos do celular e chiclete não voltarão a se repetir. E sobre as unhas...— Laura olhou para as próprias mãos e em seguida voltou a encontrar os castanhos que a encaravam. — Se fazem parte da minha apresentação, vou pintá-las. Algo mais?

— Oh sim, já está quase na hora do meu almoço. Quero que anote o que vai trazer.

— Ok. — Sem papel e caneta, e sem a menor coragem de pedir qualquer coisa para a mulher à sua frente, Laura se virou com o que tinha e abriu o bloco de notas do celular. — Já pode me dizer.

— Vou te passar o endereço de um restaurante. Quero que peça um fettuccine com molho de cogumelos e uma garrafa de suco de uva. Eles têm várias opções de suco, o que quero é o de uva integral, sem açúcar e sem conservantes. A embalagem possui rótulo branco e verde. Sempre que eu pedir massa, é de lá que você deve trazer. Não costumo solicitar para o próprio restaurante entregar porque além de me fazerem esperar a eternidade, sempre chega frio. Então, você sempre será a encarregada das minhas refeições — orientou. — Presumo que Fiona tenha deixado o cartão e a senha com você. Fique à vontade para comprar seu almoço também.

— Certo.

Garcia anotou todas as informações, incluindo o endereço, e as salvou no bloco de notas.

— Esse é o meu contato — disse a morena, ao deslizar seu cartão de visita sobre a superfície plana da mesa. — Esteja sempre atenta às minhas chamadas e mensagens, pois podem ser importantes.

Laura pegou o cartão e reprovou o fato da mulher não tê-lo entregue diretamente em mão. Sua vontade imediata era de amassá-lo, jogá-lo sobre ela e deixar a sala. No entanto, tudo o que fez foi respirar fundo e pedir forças aos céus para aguentar alguns minutos mais.

— Algo mais?

— Oh, sim. Me compre um vidro de palmito pelo caminho.

A gerente assentiu com a cabeça, deu as costas para a morena e deixou o ambiente. Encostada na parte externa da porta, olhou para o cartão preto com o dizer "*Elisa Marques -Antiguidades*" em letras finas e douradas. Ao revirar os olhos, o enfiou de qualquer maneira dentro do bolso e saiu pisando firme pelo salão.

— Acho que Elisa já deu boas-vindas a ela — comentou Lillian, após vê-la passar e cruzar a porta de saída feito um furacão.

— Espero que isso não a faça desistir de ficar aqui. Gostei tanto dela... — afirmou Júlia, em seu comentário.

Do lado de fora do antiquário, a loira caminhava a passos largos e fortes pisadas pela rua.

— Quem ela pensa que é? — Resmungou consigo mesma, sentindo o sangue fervendo em suas veias. "*Também não viu esse ato, senhorita*

Garcia?” — Laura repetiu a frase da chefe de maneira debochada, tentando imitar sua voz. — Que mulher ridícula!

Garcia buscou a rota do endereço no GPS de seu celular e constatou que o restaurante ficava a uns dez minutos do trabalho. A loira foi resmungando consigo mesma durante todo o caminho; praguejando-se internamente por precisar caminhar com aqueles saltos.

Quando finalmente chegou ao restaurante, conferiu no bloco de notas qual o suco e o prato que a chefe desejava. Aproveitou que a refeição seria paga por Elisa e também escolheu algo para comer. Segurando duas bolsas com os alimentos, fez o retorno para a loja com a ligeira impressão de que havia esquecido algo.

— Com licença — disse ela, após bater na porta e entrar no escritório da morena. — Aqui está seu almoço e suco.

Garcia depositou a refeição sobre a mesa e deu as costas. Quando já estava prestes a chegar na porta, a voz de Elisa ecoou na forma de uma pergunta que fez seus olhos arregalarem de imediato:

— Onde está o vidro de palmito?

“*Puts, eu sabia que havia esquecido algo*.” — Pensou. Garcia virou o corpo no sentido da mulher e a respondeu:

— Desculpe, mas acabei esquecendo. Não anotei no bloco de notas — justificou-se.

— Se você esqueceu de algo simples como isso, como acha que será capaz de coordenar esse antiquário? — As palavras de Elisa saíram em tom de indignação. — Fiona não deveria ter contratado uma pessoa tão jovem para o cargo. Vocês não têm o menor senso de responsabilidade.

— Desculpe, mas a idade de uma pessoa não define seu senso de responsabilidade; muito menos se ela é ou não capaz. — Garcia tomou coragem, deu alguns passos em direção à mesa e observou a figura de Elisa sentada na cadeira giratória. — E eu... — A encarou no fundo dos olhos e a enfrentou pela primeira vez naquele dia. — Posso te garantir que sou muito boa no que faço — finalizou.

— Rum.— A mais velha soltou um pequeno e baixo riso debochado, demonstrando que não levou a sério as palavras que ouviu. — Se me dá licença, senhorita Garcia, preciso almoçar antes que isso esfrie.

Estressada, Laura deixou o escritório furiosa e se direcionou para o ambiente dos funcionários. Após o atrito com Elisa, seu apetite acabou se perdendo. Beliscou um pouco do que trouxera apenas para não sentir fome no restante do dia.



— Laura, você está bem? — Perguntou Júlia, ao vê-la aparecer no meio da loja.

A gerente apenas assentiu positivamente com a cabeça e auxiliou as vendedoras no atendimento aos clientes. Hoje a loja estava mais cheia que de costume.

— Essa mulher vai demorar muito para ir embora? — Comentou a loira, comparecendo ao balcão para dar suporte à Débora. — Estou tensa o dia inteiro, é difícil trabalhar assim — disse enquanto tirava o blazer preto; ficando apenas de calça social e camisa branca de manga comprida.

— Dificilmente Elisa fica até o fechamento...

— Estou contando os instantes pra ela ir embora. É péssima a sensação que estou sentindo.

— Qual?

— Como se estivesse sendo observada, avaliada e julgada o tempo inteiro.

— É possível que realmente esteja.

— Obrigada por me tranquilizar — ironizou.

Após algum tempo ajudando a funcionária Débora com o fluxo do caixa, Garcia precisou se ausentar para receber algumas mercadorias que chegaram no final da tarde. Posteriormente a isso, pegou a nota fiscal e se dirigiu para o escritório.

— Entre — disse Elisa, após algumas batidas na porta.

— Estou vindo deixar a nota fiscal dos produtos que acabaram de chegar.

Laura caminhou até a mesa e depositou a folha sobre a superfície.

— Senhorita Garcia, um momento — chamou-a ao perceber que a loira estava dando meia volta. — O mês fechou há dois dias — iniciou. — Preciso que recolha todas as notas fiscais do mês anterior e as escaneie para o computador. Em seguida, faça um *back up* para esse pen drive. — A morena abriu uma gaveta incorporada à mesa e de lá tirou um dispositivo de mídia. — Feito isso, eu quero que passe todas as notas para a tabela do excel.

— Eu? — Indagou. — Mas a Fiona disse que...

— O que a Fiona disse não interessa mais. Foque apenas no que *eu* digo a você. Tome, pode começar — comentou ao deslizar o pen drive sobre a superfície de madeira. — As notas fiscais estão todas aqui. — Sobre a mesa, a morena depositou uma pasta recheada de papéis referentes a todas as notas correspondentes ao período em que Garcia fez a experiência.

— Eu preciso mesmo fazer isso agora? Hoje a loja está cheia, acho que serei mais útil impulsionando e dando suporte à equipe lá fora.

— Precisa. Tenho que estar com esses documentos digitalizados até amanhã de manhã, e atualizados na tabela. Vem, usa o meu computador.

A morena tirou um notebook de dentro da bolsa e levantou-se com ele debaixo dos braços. Enquanto isso, Laura contornou a mesa e sentou-se no lugar pertencente a ela.

— A cadeira — manifestou-se Elisa, ao apontar para a giratória. — Me recuso a passar as próximas horas sentada nessa daqui — comentou, referindo-se à uma cadeira de madeira destinada à possíveis visitantes.

"*Essa mulher só pode estar brincando comigo*." — Pensou Laura, ao levantar-se para trocá-las.

Sem questionar, acomodou-se no lugar, pegou as notas fiscais e começou a digitalizá-las na escaneadora localizada sobre a mesa de sua chefe. Tendo em vista que a papelada era grande e levaria um bom tempo, tentaria trabalhar sua mente para conseguir relaxar naquele ambiente massacrante.

O silêncio na sala era quase absoluto, salvo pelo som do aparelho de scanner. Laura alternava sua atenção entre cada folha que estava sendo depositada na escaneadora e a mulher à sua frente. Embora a mais velha estivesse calada e parecesse estar concentrada na tela de um notebook, a

loira não conseguia se sentir à vontade. No fundo, sabia que Elisa a estava observando minuciosamente.

Os minutos passavam lentamente e de maneira torturante para ela. Aquele silêncio de sua chefe certamente era uma premissa de algo ruim que estaria por vir. Laura ainda não sabia dizer se ele era melhor ou pior que as rudes palavras que saíam da boca da mulher. Todavia, estava sendo demasiadamente desagradável trabalhar dentro daquela estranha atmosfera.

Algumas horas depois, quando já estava concluindo o escaneamento da última folha, Elisa quebrou o silêncio entre elas através de uma pergunta que fez os olhos de Laura se arregalarem pela segunda vez naquele dia. Para a sorte da gerente, a chefe ainda mantinha o olhar fixo ao notebook e não viu sua cara de espanto.

— O que você fazia na minha sala naquele dia?

"*Não acredito que essa mulher guardou esse evento para me encurralar no momento mais oportuno pra ela e inoportuno pra mim*" — Sem saber o que dizer, tentou ganhar tempo enquanto formulava uma resposta apropriada. — Qual dia?

— Você sabe exatamente a qual dia me refiro; no único em que a encontrei aqui. —

Elisa fechou a tela do eletrônico e desviou a atenção para a funcionária.

— Ah... Bem, eu vim trazer a correspondência.

— Eu acho que você está subestimando um pouquinho a minha inteligência, senhorita Garcia. As cartas foram deixadas sobre o teclado, mas você estava no lado oposto à minha mesa, lá na outra ponta da sala.

"*Droga, ela me pegou*." — Bom... Eu estava olhando aquele enfeite de navio — disse ao apontar para o objetivo decorativo localizado sobre o móvel a poucos metros atrás de sua chefe.

— Regra número um: *jamais mexa nas minhas coisas*.

Laura pensou em dizer que estava apenas olhando, mas logo deduziu que seria perda de tempo. Se quisesse conseguir manter a calma e o emprego, sabia que teria de aprender a conter os impulsos.

— Estou indo embora. Me comunique no celular quando finalizar a tarefa e enviar o arquivo para o meu e-mail ainda hoje — disse com seu autoritário tom de voz, ao mexer nos cabelos e levantar-se.

— Mas eu ainda nem comecei a passar para a tabela de excel — respondeu-a com suavidade na voz. — Essa é a parte mais demorada, e só falta menos de uma hora para eu fechar a loja — explicou.

— Fique o tempo que precisar no escritório. Ao sair, bata seu ponto. É para isso que eu pago hora extra. Boa tarde, senhorita Garcia.

Elisa recolheu a bolsa sobre a mesa, depositou o notebook debaixo do braço e deixou a sala antes que Laura pudesse contestá-la.

— Ela só pode estar de brincadeira comigo! — Exclamou furiosa, fechando o punho contra a superfície da mesa. — Droga! Que horas eu vou acabar tudo isso aqui? — Dizia sozinha, ao conferir a quantidade de papéis que ainda restava.

Sem ter qualquer opção de escolha, aguardou o horário de fechamento da loja e fez a contagem do caixa junto à Débora. Após despedir-se da colega de trabalho, de Júlia e de Lillian, perguntou se Leonardo poderia ficar com ela um pouco além do horário, para garantir a segurança do lugar mesmo a portas fechadas.

O horário de funcionamento do antiquário era de 8h30 às 18h30. Leonardo havia se disponibilizado a esperá-la até 21h00. Enquanto o rapaz a aguardava na área dos funcionários, Laura mexia no computador para dar início à segunda parte da tarefa. Ao fechar todas as abas abertas, deparou-se com a área de *desktop* coberta por um papel de parede com a foto de sua chefe.

— *Quem usa a própria foto como plano de fundo?* — Murmurou consigo mesma, enquanto observava o monitor.

Na fotografia, Elisa usava um blazer preto e uma camisa social na cor grafite. Com exceção do preto, grafite era a única cor que ainda se atrevia a usar eventualmente. Seus braços estavam cruzados e sua postura exalava imponência e poder.

Ao observar a imagem um pouco mais, Laura pôde notar uma marca d'água com a palavra “Century”, referente à uma das maiores revistas de economia e negócios do país. Curiosa como só ela, abriu uma guia anônima no navegador de internet do computador e buscou por “Elisa Marques Century” na barra de pesquisa.

— Hum... Interessante...

Laura se deparou com uma variedade de links e imagens contendo a entrevista e o ensaio fotográfico que a morena fornecera à revista. Por mais

que não tivesse obtido boas impressões da mulher até o momento, havia algo que precisava admitir: sua beleza.

Era uma sequência de quatro fotos. Em duas delas, Elisa estava de pé com os braços cruzados e o olhar penetrando a câmera. Nas outras da mesma sequência, estava sentada em uma cadeira executiva. O cenário fotográfico era escuro e entrava em harmonia com suas roupas.

Após analisar cada uma daquelas imagens, resolveu ler a matéria da revista. Enquanto o fazia, assustou-se com o som do celular vibrando em seu bolso.

— Alô?

— *Laura? Tudo bem?*

— Oi Bianca, mais ou menos. Aconteceu alguma coisa? — Preocupada, perguntou; tendo em vista que a amiga não era de telefonar à noite.

— Estávamos esperando você confirmar se estaria online pra jogarmos. Mas, como não apareceu e nem respondeu minhas mensagens, resolvi te ligar.

— Puts, o jogo! — Lembrou-se ao levar a mão à testa. — Sei que havia combinado com vocês, mas vou precisar desmarcar. A chefe me deu umas tarefas pra fazer de última hora e não sei quando vou conseguir terminar pra ir embora.

— Às vezes esqueço que você é uma adulta séria e já não tem mais tanto tempo pra nós — disse a moça, com certo pesar em sua voz.

Bianca e Laura são amigas desde a infância. Há uma diferença de cinco anos de idade entre elas.

— Não fala assim... Sabe que faço o possível para equilibrar as obrigações e o lazer. O problema é que dessa vez eu acho que me meti numa roubada.

Laura falava no celular, ao mesmo tempo em que mexia o cursor do mouse sobre a matéria da *Century.*

— Roubada? — Indagou do outro lado da linha. — Como assim? O que aconteceu?

— Ah, Bianca... Hoje foi meu primeiro dia como gerente oficial daquela loja que mencionei a você.

— O antiquário?

— Isso — confirmou. — No meu período de treinamento estava indo tudo às mil maravilhas. E embora eu achasse a dona do lugar estranha, não era um fato que me afetasse tanto. Porém, a partir de hoje eu trato dos assuntos diretamente com ela, e vice versa.

— Ahhhh, eu lembro de você comentar sobre a chefe comigo. Meio caladona e esnobe, não é?

— Exatamente. Mas eu não sabia a benção que era essa mulher calada. Hoje tive que aturar várias grosserias saindo daquela boca. — A loira torcia mentalmente para que não tivesse qualquer escuta naquela sala. — Não passa de uma riquinha arrogante.

— Nossa, amiga...Eu sinto muito. Ela te destratou?

— Mais ou menos. Foi muito rude comigo. Me deu ordens, mas de um jeito autoritário e agressivo. A ex gerente me disse que ela era difícil de lidar e que pelo fato de não querer uma substituta, seria implicante comigo. Ou seja... Além dela já ter uma personalidade difícil, fui premiada duplamente por não me querer aqui.

— E se você simplesmente sair? Não existe apenas essa loja pra trabalhar.

— O problema é que eu já assinei o contrato com ela. Eu tive um mês maravilhoso aqui, de verdade, não imaginava que teria de lidar com alguém tão insuportável. Mas, agora que estou presa ao contrato, não posso sair. Se eu o quebrar, terei que pagar uma multa absurda. O mesmo acontecerá com ela se me demitir. Não que dinheiro seja um problema para essa Elisa Marques. Acredita que ela deu uma entrevista à Century? Essa mulher é mais rica e bem sucedida do que eu pensei.

— Sério? Uau! Mas não se preocupe, se não te quer aí, talvez ela mesma te demita.

— Posso estar redondamente enganada, mas não faz o perfil que irá me despedir, pois isso demonstraria que eu venci.

— Como assim? — Perguntou Bianca, confusa.

— Vou tentar explicar. Se essa Elisa realmente irá implicar comigo para fazer eu me demitir, então essa seria sua vitória.

— Hum... Isso quer dizer que se ela própria te demitir, estará admitindo que não te aguentou.

— Mais ou menos isso. Só que eu quero muito esse emprego, então vou fazer o possível para pacificar as coisas. Quem sabe com o tempo se

acostume comigo e melhore. Afinal, ela também precisa de mim. Não há outra pessoa treinada para substituir a antiga gerente, que por sinal, não tem a menor pretensão de voltar.

— Ou seja... Vocês meio que estão presas uma à outra. Não exatamente pelo contrato, mas sim por possuírem necessidades específicas.

— Sim. Eu só espero aguentar pelo menos um ano para me estabilizar financeiramente, e também não ter que pagar multa alguma. O salário daqui é excelente, já recebi o equivalente ao meu período de experiência e posso te afirmar que nunca ganhei um pagamento tão grande. Não é pra menos, o lucro da loja é muito alto, as peças são caríssimas.

— Então segura as pontas aí, branquinha. E tente não voar no pescoço da sua chefe. — Riu. — Se bem te conheço, seu pavio é curto até demais.

— Que Deus me ajude, pois só hoje eu tive vontade de enforcá-la umas três vezes. Você acredita que ela usa a própria foto como papel de parede do computador?

— Mentira! — Incrédula, Bianca gargalhou do outro lado da linha.

— Juro! Quem faz isso, me diz? Essa mulher deve ser psicopata, ou talvez seja narcisista. Não que uma coisa anule a outra. O ego deve ser maior que tudo!

— Se eu fosse você, tomaria cuidado. Não dá para confiar em quem usa a própria imagem como papel de parede — brincou a moça, na tentativa de descontrair a conversa.

— Ela que tome cuidado comigo, pois tudo tem limite. Você acredita que ainda questionou minha capacidade profissional ao me julgar nova demais? Como se ela fosse muito velha, né? Deve ter no máximo uns cinco anos a mais.

— Laura, relaxa. Sua chefe está fazendo tudo isso para te tirar do sério. Basta você não entrar no jogo dela...

— Olha, eu vou tentar. Juro que vou!Mas, enfim, preciso acelerar meu serviço, pois pretendo sair daqui ainda hoje!

— Ok, boa sorte com a bruxa — riu. — Até depois, branquinha.

A gerente desligou a chamada, fechou as abas de pesquisa que havia aberto no navegador e começou a manter o foco total na tarefa.



— Esse foi o dia mais longo da minha vida!

Quando Laura finalmente chegou em casa e pôde livrar-se dos saltos, já era por volta de nove e meia da noite. Após um banho revigorante e uma janta, trancou-se no quarto e foi para a cama com o celular na mão. Lembrou que precisava enviar uma mensagem para a chefe e avisá-la que já havia enviado a planilha por e-mail.

O quarto da loira, assim como todo o restante da casa, ainda não estava muito mobiliado. Havia trazido pouca coisa quando fez a mudança. Aos poucos, preencheria o lugar com tudo o que precisaria. Por ora, o básico bastaria.

“Boa noite, Elisa Marques. Esse número pertence a mim, Laura Garcia, sua nova gerente. Estou entrando em contato para avisar que o arquivo já foi enviado ao seu e-mail.”

Após enviar a mensagem, decidiu pesquisar o nome de sua chefe na internet. Dessa vez, pesquisou apenas por “Elisa Marques” em vez de acrescentar o nome da revista. Na busca, encontrou algumas matérias referentes à mulher. Todas elas eram ligadas à economia. Em uma dessas reportagens, descobriu que a loja de antiguidades foi herança dos pais, no entanto, antes de Elisa assumir a administração, o antiquário permaneceu fechado por quase uma década. Inicialmente se tratava apenas de uma loja pequena, sem muito renome, e Elisa a transformou em um grande patrimônio sob sua administração. Além de reformar e ampliar o estabelecimento, começou a trabalhar com peças mais valiosas, raras e exclusivas.

Pesquisando mais a fundo, Laura encontrou algo referente à casa onde a chefe morava. O título da matéria dizia: *A casa dos Marques realmente é assombrada?*

Curiosa, se apressou para clicar no site, porém, a matéria havia sido retirada do ar. O mesmo aconteceu em outros dois resultados de pesquisa.

As palavras “morte”, “assassinato” e “maldição” também foram encontradas nessas reportagens. Todavia, seja lá o que isso significasse, havia alguém fazendo o serviço de tirar esses sites e blogs do ar.

Aquelas informações deixaram-na demasiadamente intrigada. Certamente pesquisaria tudo aquilo mais a fundo em outra ocasião. Por hoje, deixaria o celular de lado e tentaria dormir mais cedo. Sentia-se como se um trator tivesse passado por cima de seu corpo. Ao depositar o aparelho na mesa de cabeceira e fechar os olhos, torceu mentalmente para não ter pesadelos com sua chefe.



O dia de Laura havia iniciado de uma forma agitada naquela manhã. Assim que a loja foi aberta ao público, um grupo de estudantes acompanhados de um professor adentrou o lugar portando olhares curiosos. Se tratava de uma turma de designer de interiores que viera de uma cidade vizinha. Esse tipo de visitação era bastante comum; tendo em vista que o antiquário de Elisa era um dos mais famosos — não somente pela variedade e luxuosidade das peças, mas também pelas histórias que rondavam a família Marques.

Além do fluxo de estudantes que pediram permissão à Garcia para fotografar o lugar, haviam outros clientes espalhados por todo o salão. Laura precisou se dividir entre dar suporte às vendedoras e Débora, no caixa. Em meio a tamanha agitação, a mulher só teve a atenção roubada quando observou a figura de Elisa entrando no estabelecimento.

— Quem é aquela? — Cochichou Laura para Júlia, referindo-se à moça que acompanhava sua chefe.

Elisa Marques chegara na companhia de uma mulher muito bem vestida, de pele negra, estatura mediana e cabelos encaracolados acima dos ombros.

— Não sei — respondeu. — Mas ela é a única pessoa que vemos ao lado da Elisa. Costuma aparecer por aqui uma ou duas vezes ao mês.

— Acho que é caso dela — comentou Lillian, sendo repreendida por Júlia logo em seguida.

— Não fala do que você não sabe!

— Qual foi, Júlia? Eu sei que você pensa o mesmo.

— Eu acho que vocês especulam demais, garotas... — disse Laura, dando um fim àquele assunto. — Bom, vamos manter a atenção no trabalho, pois hoje a loja está bombando. Estou gostando de ver o desempenho de vocês! — Garcia deu uma incentivada nas mulheres e se retirou do salão.

Por mais que, à primeira vista, não tivesse dado atenção às palavras de Lillian. No fundo, aquela especulação pairou sobre seus pensamentos.

— *Hum... Será?* — Pensativa, murmurava consigo mesma conforme caminhava para a área dos funcionários.

Laura não pôde evitar diminuir os passos de modo a obter tempo o suficiente para observar na brecha da porta entreaberta. Curiosa, lançou o olhar para dentro do escritório de Elisa e direcionou a audição para lá. Sem obter sucesso, nada escutou. Tudo o que conseguiu foi captar a imagem da convidada sentada de frente para a mesa.



Algumas horas mais tarde, quando embalava em plástico bolha um objetivo decorativo enquanto Débora recebia o pagamento do cliente, Elisa aproximou-se do caixa e gesticulou para que ela a acompanhasse. Sendo assim, a gerente rapidamente finalizou o que fazia e se direcionou para o escritório.

— Feche a porta, por favor — disse Elisa, de sua mesa.

Laura caminhou até a cadeira e se posicionou de pé, ao lado. Optou por não se sentar.

— Pois não?

— Eu quero que você peça para Júlia e Lillian reorganizarem suas respectivas seções.

— Mas a loja foi limpa e organizada essa semana — argumentou.

— Não importa, eu quero uma nova arrumação. Há meses eu entro no antiquário e ele permanece com a exata mesma aparência. Peça para as meninas mudarem as peças de ambiente, pois isso fará com que alguns

objetos, antes escondidos, fiquem à mostra. Alguns clientes até irão pensar que são novos itens. Assim como a vitrine, o interior não pode permanecer sempre o mesmo. Só não quero que mude o lustre central de lugar.

— Precisa ser hoje? Por incrível que possa parecer, está sendo o dia mais cheio de clientes e visitantes. Júlia e Lillian não terão como repaginar o salão e atender ao mesmo tempo.

— Então faça você, senhorita Garcia.

— Também estou ocupada dando suporte. Acredito ser um péssimo dia para mudar tudo de seção.

— Você não quer que seja eu a pessoa a ir organizar, não é? — Disse em um misto de arrogância e deboche, fazendo a loira respirar fundo.

"Se está com tanta pressa, deveria pôr a mão na massa." — pensou, enquanto a olhava em silêncio. — Não — respondeu. — Mas eu posso dar a minha opinião como gerente?

Elisa levantou-se da cadeira para conseguir olhá-la na mesma linear.

— Vá em frente, mas isso não quer dizer que eu vou considerá-la.

Laura respirou fundo pela segunda vez e prosseguiu:

— Não acho adequado mexer nos objetos agora, justo em um dia tão bom de vendas. Tirar as peças do lugar atrapalhará não somente a visibilidade, mas também a movimentação dos clientes. Se imagine entrando em um ambiente que está em organização. Imaginou? A tendência é querer voltar depois, quando estiver tudo acabado.

Após breves instantes de silêncio e reflexão, a morena se manifestou:

— Talvez você tenha um ponto — admitiu a contragosto, proporcionando na gerente um sentimento de vitória.

— Sim, eu tenho — rebateu ao encará-la.

— Certo, mas eu vou colocar uma meta sobre você: quero toda a loja reorganizada em três dias. Não me importa de qual maneira isso será feito. Nem que precisem ficar após o horário.

— Por que tanta urgência?

— Senhorita Garcia, você não é paga para questionar os meus porquês.

“E eu não recebo para aturar a sua arrogância” — rebateu-a em pensamentos. — Mas eu preciso entender os seus porquês para fazer o meu trabalho com êxito.

Elisa contornou a lateral da mesa e caminhou até perto de Laura, se posicionando de frente para ela. Seus olhos castanhos aprofundaram-se naquele olhar como se quisessem exterminar a dona daquelas íris verdes. Nesse momento, foi a vez da morena respirar fundo dentro daquela sala.

— Apenas vá e faça o seu trabalho.

Em silêncio, Laura observou a imagem autoritária da mulher à sua frente. Enquanto a olhava, questionava-se internamente sobre as razões que a levavam a ser tão antipática. No mesmo instante, refletia sobre os eventos que vinham ocorrendo na rua silenciosa por onde caminhava. Ela queria entender por que Elisa Marques morava naquele casarão tão sem vida, e por que a observava pela janela do segundo andar.

— Ok — respondeu, por fim.

Mesmo estressada, dessa vez a loira saiu com um sorriso triunfante no canto dos lábios. Além de ter conseguido obter sucesso no argumento que usou, achou prazeroso perceber que também conseguiu irritá-la.

— *Que mulher mais impertinente* — resmungou Elisa, sozinha na sala, retornando para a mesa.



— *O quê?!*— Exclamou Lillian, indignada, após escutar Laura repassar as ordens da chefe. — Mas a gente organizou essa loja não faz nem uma semana! — Reclamou. — Ah não, não vou mexer nessas peças novamente. Não vou mesmo!

— Por que não pediu isso antes? Nos esperou organizar tudo pra só agora solicitar uma arrumação diferente? — Comentou Júlia. — Que palhaçada.

Por mais que tivesse suas divergências de ideias com Elisa Marques, a gerente não pretendia transmiti-las para as vendedoras. Sendo assim, buscou colocar panos mornos na situação.

— Meninas, infelizmente é preciso. Vamos atender ao pedido o mais rápido possível. Modificar a organização dos produtos, de fato, irá trazer

uma nova cara ao lugar. E as pessoas gostam disso: novidade. Por favor, cheguem no horário para colocarmos a mão na massa amanhã, ok?

A contragosto, Júlia e Lillian apenas assentiram positivamente e se afastaram de cara fechada.

— O que houve ali? — Perguntou Débora, quando a gerente se aproximou.

— Estão um pouco aborrecidas com uma ordem da Elisa, mas não se preocupe — explicou vagamente. — E por falar nela... Pode me esclarecer uma dúvida?

— Se eu souber, claro!

— Sabe me dizer por que a rua onde mora é tão vazia? Coincidentemente, eu caminho por lá e acho que se trata de mesmo lugar que me mencionou outro dia.

Débora olhou para trás para ver se a chefe não estava por perto e, em seguida, começou a falar em baixo tom:

— Porque as pessoas não querem comprar aqueles imóveis.

— Por quê?

— Ah Laura, porque elas têm medo, receios, não sei. As casas daquela rua estão abaixo do preço justamente porque ninguém tem coragem de morar ali. Se você perceber, os poucos moradores que permanecem por lá são pessoas de idade avançada. Já deviam residir antes de tudo acontecer.

— Tudo o quê? — Curiosa, continuou a perguntar.

— Dizem que a casa dela é mal assombrada, que já teve mortes por lá, essas coisas.

— Está querendo me dizer que as pessoas não compram aqueles imóveis por temerem fofocas sobre assombração? — Riu.

— Eu também não me arriscaria. Onde há fumaça, há fogo. Não sei muito sobre até onde esses boatos são verídicos, mas me arrepio só de pensar! — Débora se benzeu com o sinal da cruz, fazendo a loira segurar o riso.

— Que bobeira, eu duvido que a casa seja mal assombrada. Isso é tão surreal quanto acreditar que a Elisa é bruxa ou vampira. Mas, eu estive pesquisando sobre o lugar e a família dela...

— É? E o que encontrou?

— Nada. Parece que os sites foram retirados do ar.

— Estou dizendo... Aí tem coisa.

— Também acho. Mas, não acredito que esteja relacionado a essas fofocas. Tem algo nessa história, principalmente nela, que me intriga muito. Essa Elisa é meio... *Incomum* — disse pensativa, divagando em especulações.

— Uma mulher que veste apenas roupas pretas realmente não é comum. Eu chuto que ela é vampira.

Com a última frase dita por Débora, a loira apenas balançou negativamente a cabeça e riu. Laura tinha certeza que aquela funcionária levava as histórias a sério.



Isolada em sua sala com um caderno e lápis na mão, Elisa dividia a atenção entre analisar as tabelas que Laura enviara, consultar extratos bancários e averiguar relatórios de vendas. A morena alternava o olhar entre tudo isso ao mesmo tempo em que fazia cálculos matemáticos rapidamente e sem a necessidade de uma calculadora. Esta servia apenas de confirmação final quando todas as contas já estavam solucionadas.

Em toda sua vida acadêmica, Elisa Marques sempre foi uma estudante genial. Em sala de aula, sua mente e inteligência elevada frequentemente obtiveram destaque. Calada, séria e de poucos amigos, foi a partir da pré-adolescência que tornou-se profundamente fechada para o mundo e reclusa somente aos estudos. As pessoas e o universo lá fora não a interessavam, tampouco a instigavam. Muitos a julgavam e ainda julgam por seu comportamento tão voltado a si mesma, mas a grande verdade é que desde pequenos cada um de nós elege sua própria maneira de se salvar.

“Garcia, venha à minha sala.”

Digitou em seu celular para não ter que se levantar e acabar se distraindo. Salvara o número da gerente noite passada quando a mesma lhe enviou mensagem avisando sobre ter feito o envio das tabelas. Em um tempo de aproximadamente quinze minutos depois, sua mensagem obteve resultado.

— Oi, aconteceu algo? — Perguntou ao entrar. Havia respirado fundo segundos antes de bater na porta. Sabia que necessitava de paciência duplicada cada vez que precisava pôr os pés naquela sala.

— Sente-se.

Confusa, apreensiva e ao mesmo tempo curiosa, puxou a cadeira e tomou um lugar na frente daquela mulher que a observava com atenção. O olhar que sua chefe lhe lançava era sempre penetrante e se sustentava até o final dos diálogos.

— Hoje pretendo ficar por aqui até o final do expediente. Quero que fechemos juntas os caixas; você e eu. Então pode liberar a Débora no final do dia.

— Algum motivo específico? — Perguntou ao esboçar uma expressão confusa e pensativa.

— Não acho que eu necessite de uma razão específica para querer ficar mais tempo na minha loja.

— Desculpe, mas eu não disse que você precisa. Apenas fiz uma pergunta — comentou com suavidade na voz, na tentativa de não deixar o clima ainda mais desagradável. No entanto, ao que tudo indicava, a morena não tinha a menor pretensão de apaziguar as coisas.

— Acho que você faz perguntas de mais, senhorita Garcia.

"E você me dá respostas de menos" — pensou.

Laura se manteve calada, formulando alguma resposta adequada à situação. Enquanto buscava as melhores palavras, percebeu que a mulher sentada à mesa a olhava com um interesse ainda maior. Pôde constatar que Elisa passeou o olhar por todo seu rosto e o fixou nos cabelos, como se algo em seus fios loiros tivesse lhe chamado a atenção.

— Além de prezar sempre pelo diálogo, sou uma pessoa muito curiosa.

— Já percebi... — comentou a morena, desviando o olhar dos cabelos para os olhos de Laura. — Cuidado, pois a curiosidade matou um gato.

— Mas também o ofereceu bons momentos e grandes descobertas.

— Impressão minha ou você está tentando bater de frente comigo?

— Eu? Estou aqui apenas para fazer o meu trabalho, senhorita Marques. Porém, acho que você não gostou da minha contratação.

— Desde que você cumpra com os meus objetivos, eu não tenho que gostar ou desgostar de nada — respondeu com a mesma seriedade e prepotência na voz. — Por que não pintou as unhas? — Perguntou, após descer o olhar para uma das mãos apoiada sobre a mesa. — Já avisei que faz parte da sua apresentação pessoal. Você é o cartão de visita do antiquário.

— Ainda não tive tempo, ontem fiquei até muito tarde concluindo sua planilha. Mas, amanhã vou estar com elas pintadas. — Garcia desviou o olhar e também o deixou cair sobre as mãos de Marques, que estava com os braços cruzados sobre a mesa. A morena possuía unhas curtas e pintadas de vermelho sangue. — Estou disposta a oferecer o meu melhor a você. Digo, à sua loja. Mas você precisa deixar eu fazer o meu trabalho.

— Desculpe? Acho que existe alguma falha de comunicação entre nós.

“*Pra completar, ainda é dissimulada*” — pensou Laura, enquanto a olhava. — Enfim — suspirou. — Vou liberar a Débora no horário e estarei aguardando você para o fechamento. Algo mais?

— Não, senhorita Garcia. Pode se retirar.

Sem esboçar qualquer expressão facial, Laura se levantou da cadeira e deu continuidade ao trabalho.

Quando o estabelecimento já havia fechado e não possuía a presença de qualquer cliente, a gerente despediu-se de toda a equipe e aguardou Elisa sair do escritório. Enquanto a esperava, foi até a área dos funcionários para trocar os saltos por um tênis, pois seus pés já haviam sido castigados demais para aquele dia. Feito isso, guardou na mochila o blazer que usara por hoje e soltou a camisa social de dentro da calça para que ficasse mais solta em seu corpo, proporcionando uma sensação mais à vontade. Ao

retornar para o caixa, constatou que a mulher já a aguardava. Marques a olhou dos pés à cabeça sem demonstrar qualquer expressão facial.

— Vamos começar — disse a morena. — Eu fico nesse computador e, você, no outro. Faremos o fechamento dos caixas, a contagem do dinheiro e, ao final, puxaremos o relatório de vendas.

— Ok.

Laura passou pela chefe e se posicionou no computador ao lado. Em um silêncio inicial absoluto, deram início ao fechamento.

— Será que você poderia contar os valores em silêncio? Está me atrapalhando — reclamou a morena.

— Não consigo contar em pensamentos, me perco.

— E eu não consigo me concentrar com sua voz no meu ouvido — resmungou, proporcionando em Laura um revirar de olhos.

Em meio a sussurros quase inaudíveis, a gerente levou o dobro do tempo para conseguir concluir a própria contagem.

— Está faltando quarenta e cinco reais no meu caixa — Marques comunicou.

— Estranho... Não tem nenhuma saída registrada?

— Não, já conferi.

— Hum... Ah, já sei o que foi! — Disse ao lembrar-se. — Queimou uma luz na nossa copa, então pedi dinheiro à Débora para comprar. Aproveitei e trouxe lâmpadas para o lustre principal, pois algumas estavam queimadas também — explicou. — Aqui está a nota fiscal. — Laura abriu a carteira e entregou à chefe o registro de compras. — Acabei esquecendo de entregar à Débora para que registrasse essa saída, desculpe.

— Pelo visto você tem uma péssima memória — alfinetou, trazendo à tona o evento do dia anterior, quando a loira esqueceu de trazer o frasco de palmito em conserva.

— Acontece.

— Mas não deveria. Não aqui — retrucou. — Preciso de um controle rigoroso do que entra e o que sai.

— Eu sei, você está certa. Só que... Você nunca esqueceu de nada na sua vida? — Perguntou em um tom de voz baixo e suave. Por mais que a loira quisesse rebatê-la, não queria gerar conflitos. Com isso, tentava se justificar da melhor maneira possível.

— Gostaria de ter esquecido... — disse vagamente, quase em um murmúrio, mais para si que para a gerente. — Vamos dar continuidade — desviou o assunto.

O semblante de Elisa se tornou irritado. Os minutos que se sucederam foram em absoluto silêncio. Laura ainda não era capaz de escolher qual situação a incomodava mais. Todavia, começou a pensar que talvez as frases rudes fossem menos pior, pois ao menos diziam algo.

Ainda sem trocarem novas palavras, a gerente observou-a ir até o escritório e voltar com um papel na mão. Se tratava do relatório de vendas daquele dia.

— Quero conversar algo com você.

Finalmente o silêncio havia sido rompido.

— Sobre o que seria? — Perguntou, observando o que a mulher carregava.

— Imprimi o relatório das vendas de hoje e do último mês. A loja teve um excelente desempenho nas últimas semanas — comentou ao retomar à posição no caixa. — Hoje também tivemos um bom dia de rendimento.

— Isso é ótimo — disse Laura, um pouco descrente por ouvir algo positivo da boca de Elisa.

— Mas, o assunto onde quero chegar é o seguinte... — Elisa aproximou-se a ponto de fazer a mulher ao lado conseguir enxergar a folha que acabara de depositar sobre o balcão. — Júlia e Lillian estão vendendo bem. Lillian ainda mais que Júlia, como podemos notar no relatório.

— Sim...

— Porém, o rendimento financeiro, ou seja, o que implica diretamente no salário da Lillian é quase sempre menor que o da Júlia, mesmo ela tendo maior desempenho.

— Ué, que estranho, por quê?— Perguntou com o cenho franzido, alternando o olhar entre o relatório e a face da morena.

— Você não faz a mínima ideia?

— Não.

— Então peço que você leia e observe tudo o que está listado nesses relatórios e compare. Embora as duas tenham liberdade para abordar os clientes e demonstrar as antiguidades de toda a loja, cada vendedora tem a

sua própria seção. Querendo ou não, o foco das vendas acaba sendo um pouco mais direcionado para a área referente a cada uma.

— Ainda não entendi onde você está querendo chegar.

— Faz algum tempo que ando observando e comparando. Levei meses para decifrar o que estava acontecendo, mas consegui. Fiona fez uma má distribuição dos produtos pela loja. A seção da Júlia está abastecida com produtos de alto valor, diferente da área que fica sob os cuidados de Lillian. Então, quando um cliente se aproxima, ele primeiramente se interessa pelo que está próximo à vendedora que o atendeu, e por todos os outros objetos que contornam o alvo dele. É certo que o cliente vá passear por todo o lugar, mas não é a mesma coisa. Infelizmente, a má organização dos itens está influenciando diretamente. Quero que você repare esse erro na próxima arrumação.

— Realmente... — concordou ao passear os olhos pelas listagens de produtos vendidos. — Você é muito observadora...— Laura ergueu o olhar e buscou-a na face.

— Não imagina o quanto — respondeu com seriedade na voz e nas expressões faciais ao encará-la. Laura quase pôde sentir um tom ameaçador. — Bom, senhorita Garcia. Acho que já podemos encerrar por hoje.

Elisa deixou o ambiente e caminhou para dentro do escritório. Nesse meio tempo, a loira também saiu do balcão de atendimento e buscou a mochila na ala dos funcionários. As duas se encontraram quase ao mesmo tempo na altura do meio da loja. Havia uma distância de pouco mais de um metro as separando. Elisa estava à frente e caminhava com lentidão, enquanto a gerente a observava de trás.

Garcia era uma pessoa que costumava andar a passos longos e rápidos. No entanto, naquele momento em específico, resolveu desacelerar para que pudesse se manter atrás dela. A loira sentia-se sem saber como agir e optou por não caminhar lado a lado, muito menos passar à frente da mulher. Usou da posição que estava para observá-la e, ao mesmo tempo, analisá-la.

Laura pôde constatar que a chefe caminhava sobre saltos com muita elegância e maestria. Sempre bem vestida e perfumada, era uma mulher que exalava poder e uma excelente condição financeira. Com uma pasta preta de couro em uma mão e um caminhar que mais parecia um rebolado, a mais nova precisou pelo menos admitir que se tratava de uma pessoa

extremamente atraente. Todavia, para a loira, de nada adiantava o charme se o interior não sustentava toda aquela beleza.

Quando Laura conseguiu cruzar a saída, começou a fechar a porta de segurança, mas sem deixar de observar a mulher caminhar para longe dali.

— Boa noite! — Disse em voz alta, para que Elisa conseguisse escutá-la. — *Não sei por que ainda perco meu tempo* — resmungou consigo mesma pela falta de uma resposta. Visto que a rua estava praticamente vazia e bastante silenciosa, a gerente possuía total convicção de que a mulher havia escutado e a ignorado por puro desprezo.

Enquanto fechava e trancava a loja, a avistou entrar no carro estacionado a poucos metros de distância do antiquário. Tendo em vista que Laura sabia onde se localizava a casa da morena, questionou-se internamente sobre qual seria a necessidade de ir e voltar de carro já que morava tão próxima. Contudo, ao mesmo tempo em que esse pensamento entrou em sua cabeça, ele também saiu. Pois no fundo, Laura sabia que uma mulher como aquela jamais se colocaria em uma situação onde precisasse andar a pé. Seu próprio pensamento e dedução a fizeram revirar os olhos com desdém.

A gerente caminhou a passos rápidos em retorno para casa. Ao chegar, tomou alguns minutos de descanso antes de se trocar para ir correr. Enquanto descansava, conferiu algumas mensagens no celular e telefonou para sua melhor amiga. Durante a ligação, contou à Bianca sobre a saudade que sentia e a convidou para visitá-la no próximo final de semana. Laura também dedicou alguns minutos daquela chamada para se atualizar sobre o dia da amiga e contar a ela sobre o seu.

— Estou me sentindo esgotada — iniciou. — Mas é um cansaço mental, sabe? Cansei em dois dias o que não cansei em um mês de experiência. Parece que eu vim da guerra, aquela mulher me suga!

— Nossa, amiga. É tanto assim?

— Queria dizer que estou exagerando, mas não. É nesse nível. Elisa implica comigo nos mínimos detalhes. Eu compreendo que precise me

cobrar, assim como eu cobro dos outros funcionários. Porém, muitas vezes não é o que se fala, mas... Como se fala.

— Isso é verdade. Mas e aí? Não tem jeito, né? Você está presa a ela por pelo menos um ano.

— Sim, não há o que fazer — suspirou. — Mas estou tentando contornar a situação para manter o meu emprego. Além de precisar, eu gosto dele. Sou bem paga e é muito agradável trabalhar lá. O único empecilho é essa mulher. Me olha de um jeito que me incomoda e me deixa muito desconfortável.

— Qual jeito?

— Ah, não sei bem explicar, como se estivesse sempre me analisando e julgando. Sem contar o ar de superioridade, argh.

— Puts, Laura. Só me resta torcer pra que essa relação melhore com o tempo.

— Pois é, eu também. Mas enfim, preciso desligar porque vou tirar minha hora de corrida. Beijo, Bianca.

— Beijinho, Laurinha. Boa corrida!



Os próximos dias que se sucederam foram recheados de emoções distintas para Laura. A maioria delas, voltadas para nervosismo, tensão e estresse. Com a ajuda de Lillian e Júlia tentava reorganizar todo o antiquário e fazer a distribuição dos objetos da maneira a qual Marques havia solicitado. No entanto, uma simples tarefa parecia completamente impossível de ser executada quando se tinha uma chefe no pé. O que deveria ter sido finalizado em três dias, levou cinco com as interferências de Elisa. Ela e a gerente bateram de frente e levaram algum tempo até entrarem em comum acordo.

Laura passou os últimos cinco dias tão profundamente estressada e nervosa, que acidentalmente deixou uma xícara japonesa de porcelana cair ao chão. Por sorte, o objeto não se desfez, no entanto, sua borda trincou e quebrou, soltando um pedaço.

Sentindo-se uma pilha de nervos, depositou a xícara sobre a mesa de Elisa e retirou-se da loja na parte da tarde para descontar seus quinze minutos referentes ao seu horário de lanche. Como uma boa chocólatra

incurável que é, comprou uma barra de chocolate para tentar se acalmar. Aquele doce sempre era capaz de tranquilizá-la e fazê-la raciocinar um pouco melhor perante as situações da vida.

Encostada contra uma parede em frente à loja, levava a barra até a boca e deixava a outra mão dentro do bolso da calça. Reflexiva, olhava ao longe o fluxo de pessoas que transitavam em sentidos opostos do outro lado da calçada. A gerente refletia sobre sua nova vida em Hills Dale, sobre o emprego e sobre sua relação com Elisa. Sabia que embora o chocolate sempre fosse seu aliado em situações complicadas, precisaria de pelo menos uma fábrica inteira para conseguir lidar com o gênio daquela mulher. E, falando nela, Laura desencostou da parede em um gesto impulsivo quando a viu estacionar o automóvel no meio fio bem próximo à onde estava.

Sem qualquer cumprimento de “boa tarde”, Elisa desceu do carro em um conjunto preto de saia e blazer social. Seu olhar foi direcionado à loira por breves instantes e ela rapidamente saiu pisando forte e apressado para dentro do antiquário. Assim que a morena saiu do campo de visão, não levou mais que três minutos para Laura sentir o celular vibrar dentro do bolso. Ao desbloquear a tela e conferir a notificação, constatou que se tratava de uma mensagem da chefe:

“Srt.Garcia, quero você agora na minha sala!”



Laura leu a mensagem, enfiou o que sobrou da barra de chocolate dentro do bolso e prontamente se direcionou para o escritório. Estava temerosa a respeito de como a chefe iria se comportar depois ter visto a xícara lascada.

Após três batidas, escutou a voz da morena pedindo para que entrasse. Ao virar a maçaneta e abrir a porta, deparou-se com a figura de Elisa de pé, apoiada contra a borda do móvel que comportava o navio de madeira.

— Eu posso saber o que foi aquilo, senhorita Garcia?

"*Boa tarde pra você também*" — pensou a loira. Ela nem bem entrou e já havia sido bombardeada por aquelas palavras envoltas ao corriqueiro tom autoritário.

— Desculpe, mas não entendi. Ao que se refere? — Perguntou ao dar alguns passos para próximo à mulher.

— Não se faça de desentendida, por favor. Sabe muito bem que me refiro ao fato de estar comendo em frente à loja.

A mais velha esboçava um sério semblante, e seus braços estavam cruzados abaixo dos peitos.

— Alto lá, Elisa. Primeiramente, eu não estava comendo em frente à loja. Eu estava um pouco mais para o lado. E outra, era meu horário de intervalo. Era não, é— ressaltou. — Acho que tenho liberdade o suficiente para comer onde eu quiser.

— Você pode consumir o que quiser, mas bem longe da fachada. Sua atitude causará uma péssima impressão aos clientes. Já disse e volto a repetir: você é o cartão de visita do meu antiquário, precisa saber se portar.

— Olha, Elisa...— Laura respirou fundo e buscou aqueles olhos castanhos e furiosos. — Desde quando começamos a interagir... Isso faz o quê? — Contou em pensamentos — Uma semana? Por aí. Enfim, desde que iniciamos essa relação direta, eu acatei todas as suas ordens. Todas elas.

— Esse é exatamente o seu trabalho — disse a morena, interrompendo-a.

— Posso terminar de falar? — Bufou. — Eu respeitei todas as suas decisões — continuou — , mas isso aqui vai além do que eu possa aceitar. Sinto muito, mas era o meu horário livre, e eu também volto a repetir: não estava em frente à vitrine da sua loja.

Sentindo-se contrariada e confrontada, Elisa saiu pisando firme no chão ao caminhar em direção a mesa. E antes que pudesse rebater o argumento da funcionária, seu olhar caiu sobre a xícara quebrada em cima do móvel.

— O que significa isso? — Indagou com certa indignação na voz e olhar, ao segurar o objeto em sua mão. — Quem a quebrou? — Perguntou em tom ainda mais autoritário que o que fora usado minutos atrás.

— *Puts, a xícara...* — sussurrou a gerente, para si mesma, ao levar a mão à testa. Por alguns instantes havia esquecido que ainda possuía aquele assunto para resolver.

— Eu a quebrei sem querer nessa manhã, desculpe — disse sem jeito.

— Desculpe? — Com o objeto suspenso na mão, Elisa saiu de seu lugar e voltou a se posicionar de frente para a gerente. Suas palavras estavam tão afiadas quanto espadas. — O que eu faço com o seu “desculpe”, senhorita Garcia?

Em um misto de raiva, indignação e desespero, a morena alternava a atenção entre a face de Laura e a xícara. Examinava o objeto à procura de algum possível outro dano.

— Sei que minhas desculpas não irão consertar, mas você pode descontar o valor no meu salário.

— Não é questão de dinheiro, mas você não entenderia — disse com certo desdém. — Essa peça é única. Ou melhor, era. Não é como se você

fosse em uma loja qualquer e encontrasse dezenas de xícaras como essa. Ela tem uma história por trás de sua existência. Por que você acha que as pessoas pagam valores altíssimos pelos meus itens? Porque eles vão muito além de produtos. Você deveria valorizar mais a História.

Impaciente, Laura contou até dez em pensamentos, enquanto a escutava despejar todo aquele sermão contra ela.

— Olha, eu já pedi desculpas e avisei que pode descontar do meu salário. Estou me sentindo péssima por ter cometido esse acidente com a sua peça, prometo tomar ainda mais cuidado. Fora isso, não há mais nada que eu possa fazer...

— Pra você é muito simples dizer essas coisas.

Ainda furiosa, Elisa se distanciou da gerente e sentou-se na cadeira. Com o item na mão, olhou a referência que havia na parte inferior e a buscou no sistema para fazer a alteração de preço; deixando a xícara pela metade do valor. Contudo, enquanto terminava de fazer a mudança, foi surpreendia pela loira de pé em frente à mesa.

— Não, não é nada simples arcar com o meu deslize. — A voz de Laura soou firme e séria, atraindo a atenção de Elisa para seu rosto. — Mas eu vou reparar essa situação do jeito que eu puder.

— Só se você tiver mãos mágicas para consertá-la — riu ironicamente. — Do contrário, seus métodos de reparos não me interessam.

Ultrajada com aquela situação, Laura apoiou as duas mãos sobre a superfície da mesa e esboçou uma expressão raivosa. Com a paciência no limite, não conteve uma resposta agressiva:

— E o que interessa a você, Elisa? — Questionou com ainda mais seriedade e firmeza em seu tom de voz, fazendo a morena olhá-la um tanto quanto surpresa. — Desde o primeiro dia em que pisei nessa loja, você me ignorou por completo, me tratou como se eu fosse invisível. E agora que precisamos ter uma relação profissional, simplesmente implica com absolutamente tudo o que vem de mim. Suas palavras são sempre muito agressivas e rudes. Sabia?

— Quem você pensa que é para falar assim comigo? — A mais velha deixou a cadeira para ficar de pé, na mesma altura que a gerente.

— Assim como? Com verdades? Olha, eu sei que você não gostou de a Fiona ter deixado o cargo, mas eu não tenho absolutamente nada a ver com isso. Estou aqui apenas para fazer o melhor pela sua empresa.

— Não fale como se soubesse o que penso. Você não sabe de nada — rebateu ao encará-la. O olhar castanho estava fulminante. — Não deveria ficar especulando coisas.

— Não é isso? Então por que você me trata tão mal?

— Porque eu não sou obrigada a ficar calada enquanto vejo erros no seu trabalho.

— Ficar calada é uma coisa, me destratar é completamente diferente. Mas, pelo visto você não sabe dosar as coisas. Ou talvez não saiba diferenciá-las.

— Não tenho por que ficar ouvindo seus ataques, senhorita Garcia. Se não sabe trabalhar sob pressão, sinta-se à vontade para se demitir.

As últimas palavras de Elisa fizeram Laura refletir e lembrar que precisava daquele emprego para pagar as contas. Junto a isso, não estava disposta a dar o braço a torcer, nem poderia arcar com a multa por quebra de contrato. Sendo assim, respirou fundo e, aos poucos, tentou voltar a si. Todavia, não abaixaria mais a cabeça para a morena. Se Elisa Marques queria guerra, uma guerra ela teria.

— E se você não sabe lidar com pessoas...— Iniciou Laura, penetrando seu olhar naqueles castanhos intensos e vívidos à sua frente. — Então sugiro que faça você mesma o seu serviço.

A loira cuspiu aquelas palavras e deixou o escritório a passos apressados, pisando forte.

— *Abusada!* — Exclamou, assim que a gerente bateu a porta com força ao sair.



— Jesus Cristo, o que foi isso? — Perguntou Débora, ao vê-la se aproximar agitada. — Já presenciei a Elisa sendo grosseira com a outra

gerente, mas Fiona nunca a respondeu. Não do jeito que você fez. O bate-boca foi tão alto, que eu escutei tudo daqui!

— Que mulher insuportável! — Disse em alto e bom tom, não se importando se Elisa a escutaria. — Ela não pense que eu vou engolir tanta grosseria. Se eu terei que aturá-la, então vou fazê-la me engolir também.

— Laura, por favor, se acalma, não vale a pena — dizia Débora, na tentativa de apaziguar aquela situação. — Se senta um pouco — ofereceu ao puxar um dos bancos que ficavam atrás do balcão.

— Não, eu vou dar uma fiscalizada na loja pra ver se está tudo nos conformes. Após a arrumação, notei que uma estante ficou vazia demais. Vou ver como resolver isso.

— Ok, mas tenta se acalmar, tá?

Garcia apenas assentiu positivamente com a cabeça e se foi.

Após uma semana turbulenta e preenchida por atritos e trocas de farpas, Laura concluiu o expediente de sábado e se dirigiu para a rodoviária. Quando Bianca finalmente chegou para visitá-la e matarem a saudade, tomaram um táxi e foram para casa. Assim que a moça conheceu o novo lar da amiga e acomodou alguns pertences no quarto; saíram juntas a pé, pelas redondezas, para que a loira pudesse apresentar o bairro.

Em meio a passos lentos e olhares atentos; principalmente por parte de Bianca, que estava achando a pequena cidade o máximo, as duas amigas conversavam sobre a nova vida de Laura e suas dificuldade no trabalho.

— Juro pra você, está ficando insustentável conviver no mesmo ambiente que ela. A cada novo dia eu tenho a impressão que Elisa passa mais tempo na loja. Tudo isso para tornar os meus dias um inferno e torrar a minha paciência que já não é muita! — Dizia em um nítido gesto de irritabilidade. Seu punho direito cerrava sem que se desse conta. — Eu devo ter vendido minha alma ao diabo quando assinei aquele contrato, tenho certeza.

Caminhando lado a lado, Bianca não sabia se ria ou se compadecia da amiga. Ao mesmo tempo que sabia o quão estressante aquela situação estava sendo para ela, não conseguia evitar achar graça dos gestos impulsivos.

— Amiga, tenta se acalmar, vai acabar ganhando cabelo branco antes da hora.

— Se depender dela, eu perco é os cabelos! — comentou, arrancando uma risada de Bianca.

— Espero que esse um ano passe o mais depressa possível. Deve ser muito ruim trabalhar com uma pessoa tão antipática assim.

— Das duas, uma: ou Elisa me mata, ou eu a mato nesse tempo.

— Alto lá! Não quero precisar visitar minha amiga na cadeia. Tenho certeza que antes disso irão se entender.

— Acho pouco provável. Mas, uma coisa você pode ter certeza...

— O quê? — Perguntou ao transferir a atenção na face da loira.

— Durante esse um ano me dedicarei ao trabalho como nunca antes. Elisa Marques terá que reconhecer e assumir meu bom desempenho. Quero ouvir da boca dela o quanto precisa de mim naquela empresa.

— Oh Deus, agora se tornou um duelo de egos feridos? Cuidado pra não levar isso a sério demais, Laura. Não dê tanta importância — dizia com suavidade na voz, na tentativa de colocar panos mornos na situação.

— Agora é questão de honra. Eu quero ver aquela arrogância dela desaparecer quando precisar admitir a excelência do meu trabalho. Serei a melhor gerente que já teve. Não terá escolha se não assumir isso pra mim.

— Ai ai... Você fala tanto dela, que me deixou até curiosa pra conhecê-la.

— Quer ver uma foto? — Bianca assentiu positivamente com a cabeça.

Ao pesquisar pelo nome da chefe no navegador de internet do celular, Laura abriu algumas fotos do ensaio fotográfico que a morena fizera para a revista *Century.*

— É ela — disse ao entregar o aparelho nas mãos da amiga.

— Misericórdia, Laura! — Bianca quase engasgou com a própria saliva ao olhar para a tela. — Por que em meio a tantos comentários sobre ela, nunca me disse que se tratava de uma mulher deslumbrante de linda? Estou impactada! Olha esse olhar, essa boca... — Bianca dava zoom em vários pontos da imagem. — Se ainda me lembro dos seus gostos... Essa Elisa Marques faz muito o seu tipo! Pele morena, postura autoritária, cabelos negros, roupas sociais...— Bianca a descrevia conforme ia

observando algumas outras imagens. — Ela é quase uma *Bette Porter de The L Word*, só que ainda mais atraente, ô louco!

Com um sorriso irônico e ao mesmo tempo debochado, Laura pegou o celular e olhou para a fotografia que estava aberta.

— Ela realmente faz o meu tipo de mulher — confirmou enquanto passeava o olhar sobre a imagem.

— Claro que faz. Daquelas que dão um trabalhão! Você adora que eu sei!

— Meus gostos não se aplicam a ela. — Laura fechou a aba de pesquisa, bloqueou a tela e enfiou o celular dentro do bolso da calça jeans.

— Por quê?

— Como por quê? — Perguntou como se a resposta fosse óbvia. — Primeiro porque eu já relatei que essa Elisa não passa de uma riquinha arrogante, jamais me interessaria por uma pessoa assim. Segundo porque ela é minha chefe, nunca é bom misturar as coisas.

— O primeiro argumento eu acho totalmente plausível. O segundo, descarto. Não veria problema em pegar minha chefe. — Bianca esboçou um sorriso sacana ao imaginar-se em uma situação como aquela. — E por falar em pegação... Com quantas você já ficou nesse um mês e meio que está em Hills Dale?

— Eu? Nenhuma. Estou vivendo para o trabalho.

— Por favor, conta outra! — Comentou ao empurrar o ombro da amiga. — Laura Garcia está querendo que eu acredite que não está ficando com nenhuma mulher? Duvido! Você é super mulherenga!

— Pode acreditar, estou sem cabeça para essas coisas.

Inteligente, carismática, dona de traços físicos bastante atraentes e uma personalidade extrovertida e cativante, Laura sempre fez bastante sucesso entre as mulheres desde a adolescência. Em seu caminho, nunca faltou quem caísse de amores ou fosse atingida por uma forte paixonite. Todavia, a loira sempre teve o coração fechado. Nunca surgiu uma mulher que a fizesse arriar os quatro pneus.

— Ah, não! Não posso acreditar nisso! — Disse incrédula. — Tem algum bar noturno por aqui? Precisamos sair pra você relaxar um pouco e esquecer aquela mulher que vive no seu pé.

— Tem um pub que parece bastante interessante no centro da cidade. Nunca frequentei, pois ainda não tive tempo, oportunidade nem companhia.

— Hoje você tem tudo isso! Topa?

Laura terminou de mostrar alguns pontos do bairro para a amiga e em seguida retornaram para casa. Se arrumaram por volta de aproximadamente dez horas da noite e foram para o pub em questão. Visto que a loira possuía planos de beber algo com teor alcóolico, decidiu chamar um táxi para levá-las. Chegando ao estabelecimento, a mais velha se sentou com Bianca em um dos bancos em frente ao balcão de bebidas. Quem as atendeu foi uma moça de cabelos castanhos — curtos o suficiente a ponto de deixar a nuca exposta. Usava piercing no nariz e gravata borboleta.

Com os drinks já servidos, começaram a conversar enquanto olhavam ao redor. O ambiente era aconchegante, possuía música ao vivo e uma ótima iluminação.

— Não vira o rosto agora, mas tem uma moça a poucos metros que não para de olhar pra cá. Pra você, mais precisamente.

— Onde? — Perguntou ao virar o rosto para o lado, impulsivamente.

— Eu falei pra você não olhar! — Disse Bianca entre os dentes; a repreendendo.

— Aquela moça de vestido estampado? — Cochichou.

— Isso! E ainda continua te olhando. Vai lá! Ou pelo menos dá um tchauzinho.

A loira virou a cabeça para o lado direito e constatou que a moça realmente a observava. Educadamente, esboçou um sorriso e recebeu outro como reposta. Completamente oposta às vestes formais que usava no trabalho, hoje Laura estava despojada. Usava uma regata branca, jaqueta preta de couro e jeans de mesma coloração.

— Você não vai lá?

— Não, prefiro ficar com você e matar a saudade — respondeu, instantes antes de dar um gole na bebida.

— Eu deixo você sumir por cinco minutos, pelo menos pra trocar número de telefone com ela.

— Ainda prefiro ficar aqui relaxando com você e apreciando meu drink. Acho que minha chefe sugou toda minha energia vital essa semana. Estou começando a achar que realmente é uma vampira, pois bruxa eu tenho certeza!

— Coitada, Laura! Você está pegando pesado — disse Bianca, antes de se servir.

— Coitada de mim que preciso aturá-la. — A loira revirou os olhos e deu mais um gole na bebida. — Como é bom me sentir dentro da minha pele — comentou ao mexer na jaqueta enquanto se acomodava mais confortavelmente no banco. — Nada de saltos e maquiagens.

— Ah, eu gosto. Saltos trazem uma elegância tão grande.

— Nisso eu concordo, me sinto muito mais atraente e imponente quando uso para trabalhar. Fico totalmente diferente de como estou agora... Acho que minha chefe nem me reconheceria se me visse assim.

— De qual versão será que ela gostaria mais?

— Hã? Como assim?

— Ah, não sei... Me passou um pensamento pela cabeça.

— Qual? — Perguntou ao olhá-la com atenção. Seu corpo, no banco, estava parcialmente voltado para a direção da amiga.

— Hum, não sei... Vai que você é o tipo dela. Quase todas as mulheres babam em você, por que com ela seria diferente?

Laura olhava para a amiga como se não tivesse acreditado no que ouvira.

— Bianca, você já está bêbada com um drink? Um drink?!

— Claro que não! Foi somente um pensamento que me veio na cabeça.

— O pensamento mais insano de todos! Primeiro, porque a Elisa provavelmente é hétero. Segundo, porque nem todas as mulheres babam em mim. Não sei de onde você tira essas coisas. Terceiro, mesmo que ela gostasse de mulheres, eu estaria longe de fazer o tipo dela — afirmou com convicção em suas palavras.

— De onde você tirou que sua chefe é hétero? Ela te disse isso?

— Basta olhar para a aparência dela, meu *gaydar* não apita. É hétero, vai por mim.

— E desde quando isso quer dizer alguma coisa, Laura? — Bianca arqueou uma sobrancelha, cruzou os braços abaixo dos seios e olhou para a

loira como se ela tivesse dito a coisa mais absurda do mundo. — Eu também tenho “cara de hétero”, mas não sou. Nem todo mundo tem esse seu jeito aí.

— Que jeito, dona Bianca?

— De *sapatão*, ué! — Respondeu como se fosse óbvio. — Não há maquiagem e salto alto que camufle — riu. — Sei que estou estereotipando as coisas, mas vamos admitir que dá pra notar em muitas mulheres.

— Sim, eu sei que sim. Mas, a Elisa não é. E digo mais... Mesmo se fosse, não faço o tipo dela.

— Por que está dizendo isso com tanta certeza? — Perguntou com curiosidade. Bianca estava muito instigada a respeito daquele assunto.

— É porque rolou um boato de que a Elisa tem um caso com uma moça que eventualmente aparece junto a ela na loja.

— Olha aí! Tá vendo?! E você dizendo que ela é hétero! Rum! Onde há fumaça, há fogo, meu bem.

— Boba! Deixa eu continuar! — Riram. — Eu a vi chegar acompanhada da tal mulher uma vez. Ela tem a pele negra, cabelos cacheados e volumosos, e estava muito bem vestida. Ela era linda, Bianca. Você tinha que ver. Totalmente o oposto de mim: uma loira sem graça.

— Sério, Laura? Você está longe de ser uma loira sem graça. Se não fôssemos amigas desde a infância, eu, com certeza, teria uma queda em você.

— Bianca, por favor! Não me faça imaginar uma situação como essa. Sabe que a vejo como a irmã que não tive.

— Sim, eu sei — riu. — Mas, continuando... Acho quase impossível ela não te achar bonita e atraente. Você teria coragem?

— De me envolver com ela? Jamais! Nem se Elisa Marques fosse a única mulher da face da Terra. Não passa de uma arrogante, eu só a tolero porque não tenho outra alternativa.

— Entendi... Bom, vamos deixar meus pensamentos loucos de lado.

— Melhor. Vou pedir mais um drink pra mim, quer?

Provaram variadas bebidas alcóolicas durante a noite enquanto aproveitavam a boa música e companhia uma da outra. No decorrer das horas, algumas mulheres demonstraram interesse na loira, assim como em

Bianca. No entanto, nenhuma das duas estava no clima para alguma pegação.

Ao chegarem bêbadas em casa por volta de duas horas da madrugada, tomaram um banho e desabaram juntas na cama. Em meio a risos e frases desconexas, Bianca fez um comentário completamente aleatório, trazendo à tona um assunto, anteriormente, finalizado:

— Você me disse que não faz o tipo dessa tal de Elisa — iniciou. — Porém, se bem me lembro, você comentou que ela adora comer um palmito.

Completamente bêbada, Laura não conseguiu conter a risada após escutar as palavras proferidas.

— Eu vou fingir que não entendi o que você quis dizer!

— Já nem sei mais o que estou falando, estou vendo tudo rodando.

— Acho que passamos um pouco do limite, vamos tentar dormir.

Antes que Laura pudesse desejar boa noite, Bianca já estava roncando ao seu lado.



O domingo amanheceu ensolarado, não havia qualquer sinal de nuvens no céu. Como de costume, Laura vestiu uma roupa de ginástica e saiu para correr. Dessa vez optou pela parte matinal para poder aproveitar a companhia da amiga. Após duas voltas inteiras no circuito pré-estabelecido, adentrou a rua de Elisa pela terceira vez naquele dia.

— Espera — cochichou ao tocar o ombro de Bianca e fazê-la parar. — Minha chefe está vindo bem ali — alertou.

— Onde? — Curiosa, olhou ao redor.

— Ali na frente.

A morena caminhava ao longe, em passos lentos, no sentido onde Laura estava. A loira, por sua vez, se manteve estática enquanto decidia se ia adiante ou daria meia volta; tendo em vista que entre elas se localizava o imóvel da mais velha.

— Aquela é a casa dela? — Comentou Bianca, assim que a loira sussurrou algo em seu ouvido e apontou para a residência. — Que sombria. Uma pintura e alguns cuidados com a jardinagem cairiam bem.

— Dizem que é mal assombrada. Mas é claro que não levo isso a sério — disse em tom de desdém. — Só que uma coisa eu tenho certeza...— Laura olhava para a figura de Elisa chegando cada vez mais próximo da residência.

— O quê? — Perguntou enquanto alternava o olhar entre a casa logo à frente e a morena.

— Essa mulher esconde algum segredo muito macabro. Andei fazendo umas pesquisas na internet e a maioria dos sites que abordam a família e a residência dela, estão fora do ar. Aí tem coisa e eu vou descobrir.

— Credo, me deu até um frio na barriga agora.

Laura e a amiga decidiram virar as costas e seguir o sentido oposto. A gerente não estava disposta a trocar farpas com a chefe ou ser ignorada por ela em pleno domingo de folga.

Sentindo-se leve após ter curtido um divertido final de semana ao lado Bianca — por quem estava cheia de saudades. Laura iniciou a segunda-feira a todo vapor. Recebeu mercadoria nova e monitorou o pessoal da limpeza para que nenhum componente químico indevido fosse utilizado e acabasse danificando a integridade das peças. Cobriu o horário de Débora no almoço e atendeu alguns clientes. Quando verificou a hora em seu relógio, já se tratava de quatro da tarde. Estranhou a ausência de Elisa no lugar, mas deu de ombros e saiu para descontar os quinze minutos de intervalo.

Laura fez um lanche rápido no estabelecimento mais próximo e parou por alguns minutos do lado de fora do antiquário para tomar um ar e comer seu doce favorito: o bom e velho chocolate ao leite. Certa de que sua chefe não mais compareceria ao lugar, relaxou os ombros e tentou aproveitar daquele prazer gustativo. Perdida em pensamentos, não se ateve ao carro de Elisa estacionando no meio fio. Quando se deu conta, seus olhos

já miravam um par de saltos próximos aos seus. Ao levantar o olhar, deparou-se com a mulher a poucos centímetros da distância de seu corpo.

— Nada de chocolates, senhorita Garcia. — Elisa segurou na barra que Laura levava à boca e a tomou para si. — Vamos, quero você na minha sala.

— *Estava demorando...* — murmurou ao revirar os olhos e caminhar logo atrás da mulher. Porém, o que era para ter sido apenas um pensamento, saiu audível o suficiente para Elisa, que fingiu não tê-la escutado.

Assim que entraram no escritório, a morena jogou a barra de chocolate na lixeira e despejou suas ordens:

— Preciso de um manequim ainda hoje naquela vitrine!

Elisa havia chegado tão agitada da rua, que esqueceu de chamar novamente a atenção da loira pelo consumo quase em frente à loja.

— Passei a manhã inteira em um evento, e à tarde solucionei algumas questões jurídicas referentes a uma joia centenária belíssima que eu adquiri por tempo limitado. Suponho que você conheça a história do Titanic, o navio que afundou em 14 de abril de 1912. — A gerente assentiu positivamente com a cabeça. — Em meio a muitos objetos, destroços e pertences pessoais, houve esse colar encontrado no fundo do mar há muitos anos. Marquei com uma equipe de jornalistas para virem cobrir uma matéria sobre ele, e *pre-ci-so* que esteja exposto antes das dez horas da manhã. Infelizmente, não obtenho os direitos sobre a peça, pois a dona limitou-se apenas em alugá-la. Você acredita que eu deixei a oferta em aberto para que me estipulasse o valor que quisesse, mas mesmo assim se recusou a me vendê-la?

Furiosa, Elisa andava de um lado a outro dentro do escritório, fazendo seus saltos ecoarem sobre o piso. Laura, encostada sobre a mesa, apenas a observava em silêncio enquanto lamentava por ver seu chocolate no lixo.

— Faz anos que tento adquirir o direito legal e definitivo sobre o colar, mas essa mulher não está disposta a colaborar. Certamente ele iria atrair muitos visitantes para o antiquário. Pessoas que, assim como eu, são

fãs da história desse navio. Mas não posso julgá-la, eu também não o venderia se tivesse o direito legal sobre ele.

Quando a morena finalmente fez uma pausa nas palavras, a gerente tentou argumentar contra o pedido que recebeu.

— Elisa, são cinco da tarde. Como vou conseguir um manequim para a vitrine em cima da hora?

— Isso é um problema seu, não meu — respondeu de maneira afiada, estacionando os passos próximo à Laura.

— Desculpe, mas eu chamo isso de um problema nosso, pois sem o manequim será a *sua* matéria que não sairá da forma que gostaria — rebateu em um firme e seguro tom de voz, dando ênfase à palavra "sua."

— Pois fique você sabendo, senhorita Garcia... — falando em voz alta e gesticulando com as mãos, Elisa deu alguns passos para mais próximo da gerente, estreitando ainda mais a distância corporal entre elas. — Que se não tiver um manequim naquela vitrine antes das dez horas da manhã, será a *sua* cabeça que eu vou cortar.

Sem permitir se intimidar, Laura sustentou o olhar naqueles castanhos tão próximos às suas íris.

— Era só o que me faltava. Está me ameaçando agora?

— Entenda como quiser — respondeu sem diminuir a altura da voz. — Ou será que não é capaz de cumprir com as tarefas que emprego a você?

— Acho que você me subestima demais.

— Torno minhas as suas palavras.

— Posso tomar isso como uma ameaça também?

Laura podia perceber que as íris de Elisa só faltavam pular sobre ela, tamanha a raiva que a morena estava passando.

— Por que a pergunta? Está com medo de mim, senhorita Garcia? — Debochou, depositando uma mão na própria cintura; atraindo o olhar de Laura para esse gesto.

— É preciso muito mais que um tom de voz agressivo para me intimidar, Elisa — respondeu após subir o olhar novamente para os olhos castanhos.

Laura notou que por algum momento a mulher na sua frente desviou os castanhos e os prendeu a algo em seus cabelos loiros. Era a segunda, se não a terceira vez, que a gerente observava aquele gesto.

"*Agora só falta ela implicar com a cor do meu cabelo*" — pensou.

— E o que é preciso para você obedecer às minhas ordens sem questionar? — Elisa voltou a fixar a atenção nas íris verdes. — Isso que dá destinar uma garota a um cargo tão importante.

A forma como Elisa se desfazia de Laura com suas palavras sempre carregadas na ponta da língua, deixava a gerente no limite de partir para uma agressão física.

— Não me trate como se eu fosse uma garotinha de doze anos — rebateu repentinamente. Garcia demonstrava raiva através de seu tom vocálico. Sua voz sempre engrossava quando perdia a paciência.

— Então faça jus à sua idade.

Com um sorriso debochado no canto dos lábios, Laura deu um passo para trás:

— Psicologia reversa, comigo, não vai funcionar.

Hoje foi a vez de Elisa contar até dez para não descer do salto e voar no pescoço daquela mulher que sempre possuía uma resposta à altura.

— O que você está olhando?— Perguntou a morena, notando que o olhar de Laura estava fixo no chão.

— Nada.

Aleatoriamente em meio àquela conversa que mais parecia uma chuva de provocações, Laura lembrou-se dos boatos sobre a chefe ser uma vampira, e resolveu observar se a morena possuía uma sombra no chão. Constatando que sim, balançou a cabeça negativamente e julgou-se ridícula pelo pensamento que lhe ocorreu como um flash. Certamente a loira não levava nem um pouco a sério aquelas fofocas, mas de tanto falarem com convicção, averiguou mesmo assim.

"Vampiros não se alimentam, não saem na luz do dia e não possuem sombra. Deixa de ser patética, Laura. O que as pessoas dessa cidade estão fazendo com você?" — repetia a si mesma em pensamentos. *"Mas, e se ela for uma vampira moderna?*" — voltou a se questionar. A loira não conseguia evitar os pensamentos absurdos que invadiam descontroladamente sua mente. *"Bom, vampiros têm a pele fria, talvez se eu tocá-la..."*

— Algum problema? — Perguntou Elisa, notando que a gerente havia ficado calada de repente.

De maneira inteiramente impensante e automática, Laura avançou o passo que havia recuado minutos atrás. Ao esticar o braço, alcançou a mão

de Elisa com a dela e a segurou. Quando o fez, sentiu a maciez e o calor que dali emanava.

— O que você está fazendo?!— Exclamou a mais velha, puxando abruptamente a mão para fora daquele contato. Ao dar alguns passos para trás e caminhar até a mesa, proferiu suas últimas palavras para a funcionária naquele dia:

— Quero o manequim na loja antes das dez! Assunto encerrado. Pode se retirar.

Confusa e em silêncio, a loira deixou a sala questionando-se internamente sobre o que acabara de fazer.

— Sério, Laura? Vampira? Eu devo estar ficando louca mesmo... — sussurrou a si mesma, balançando negativamente a cabeça após deixar o lugar.



Ponto de vista Elisa Marques

A noite dessa segunda-feira estava prazerosamente fresca. Cheguei do trabalho, tomei um banho e vesti minha camisola de seda na cor grafite. Uma brisa fria adentrava as janelas, o que me fez depositar um robe de mesma cor e material por cima da peça que usava. Adoro a sensação macia e confortável da seda em contato com a minha pele.

Ao sair do quarto, que se localiza no segundo andar, desci as escadas de pantufa e caminhei a passos lentos para a cozinha. A casa onde moro possui dois andares e muitos cômodos espaçosos. E vocês devem estar se perguntando por que um imóvel tão grande para uma pessoa que mora sozinha. A grande questão é que nem sempre foi assim.

Retirei do micro-ondas um daqueles pratos prontos e improvisados, do tipo que se compra em supermercado. Não possuo qualquer habilidade culinária, e não tenho a intenção de contratar algum profissional para me suprir essa necessidade. Por isso, sempre faço minhas refeições fora de casa, ligo para algum restaurante ou me viro com algum desses congelados. Hoje, um jantar industrializado foi o que me restou.

Virei o conteúdo em um prato de porcelana com flores pintadas à mão e me retirei para a sala de jantar com uma taça de vinho seco. Me sentei na cadeira localizada em uma das pontas da comprida mesa que havia ali. Enquanto degustava meu alimento, olhava para aquelas cadeiras vazias e escutava o único som que ecoava no ambiente: meu garfo raspando no

fundo do prato. Era uma casa grande, silenciosa e vazia, que contrastava com a minha solidão grande e barulhenta.

Costumava ser diferente alguns anos atrás. Existiam risos à mesa e assentos preenchidos. Havia uma Elisa totalmente diferente da que existe atualmente. Todavia, isso já faz tanto tempo, que aquela Elisa se tornou desconhecida por mim. Quem fui já não importa. É o que sou hoje que me mantém de pé. Anos de silêncio e solidão nos ensinam a sentar à mesa com os nossos demônios e convidá-los para jantar.

Quando concluí tudo o que precisava no primeiro piso, subi para o meu quarto e sentei de frente para o computador. Precisava revisar as folhas de pagamento dos funcionários e atualizar o catálogo da loja. Eu estava inteiramente compenetrada em minha tarefa quando escutei uma música ecoando do lado de fora. Minha rua era demasiadamente silenciosa, então qualquer som se tornava facilmente escutado da janela do meu quarto. Até mesmo passos.

Ao levantar da cadeira e caminhar até a janela de vidro que estava aberta, observei uma mulher vindo do sentido esquerdo e se aproximando. Logo identifiquei se tratar de Laura Garcia, minha nova gerente. Óbvio que seria ela! Ninguém mais tem o irritante costume de correr pela minha rua e passar debaixo da minha janela com o celular tocando música. Por que ela não usa um fone de ouvido? É uma inconveniente mesmo.

Me sinto extremamente estressada e ainda mais mal humorada desde a chegada dessa nova gerente. Sou uma pessoa minuciosamente sistemática e apegada à rotina. Ter que abrir mão da funcionária que me acompanhava há anos me desestruturou. Fiona conhece meus gostos como ninguém mais, e era a única que estava disposta a lidar com minhas oscilações de humor. Possuo inteira consciência de que não sou um alguém fácil de lidar. E pelo pouco que pude constatar nessas últimas semanas, Laura Garcia também não. Mas, se ela pensa que pode bater de frente comigo, mostrarei que está redondamente enganada.

Não tenho habilidades sociais, tampouco faço questão de adquiri-las. Se ela não está disposta a trabalhar sob as minhas circunstâncias, então faça um favor a nós duas e se demita. Confesso que o desempenho do antiquário nunca antes fora tão bom como agora. Mas, jamais irei admitir isso a ela. E se pensa que isso me prenderá, errou mais uma vez. Posso substituí-la por outra na hora que eu desejar.

E por falar nas petulâncias de Laura, hoje ela teve a audácia de tocar na minha mão. Onde ela estava com a cabeça? Não suporto contato social, muito menos o físico, a menos que seja única e exclusivamente para satisfazer meus desejos carnais. Todavia, nem de longe esse é o caso com a senhorita Garcia.

Enquanto olhava pela janela, acabei rindo debochadamente do pensamento absurdo que me passara. Claro que Laura não me serviria nem para satisfazer um desejo sexual. Primeiro, porque não me envolvo com funcionários. Segundo, porque ela é a pessoa mais insuportável que tive o desprazer de conhecer.

Me mantive observando até Laura se aproximar. Como previsto, desacelerou gradativamente e parou a corrida quando chegou debaixo da minha janela. Audaciosa e inconveniente como ninguém mais, se atreveu a erguer a cabeça e acenar para mim com a mão. Do alto da janela, me mantive estática, limitando-me em apenas olhá-la. Laura era praticamente a única alma viva que passava pela minha rua todos os dias.

Sem cortar aquele contato visual de longe, mantive a postura na janela até vê-la desistir e prosseguir. Como de costume, a escutei passar pela rua mais algumas vezes nas voltas que dava.

Quando o dia amanheceu, levantei cedo da cama para tomar um banho e me arrumar. Hoje seria o grande dia da matéria em minha loja e eu estava tomada de expectativas. Poucas coisas nessa vida possuíam meu apego e me transmitiam felicidade; o antiquário herdado por meus pais, sem dúvida, era uma dessas coisas.

Com um sorriso estampado na face, abri meu closet e passei meus olhos por todas aquelas peças de roupa em tons escurecidos. Selecionei um vestido preto social, um salto de mesma coloração e um curto colar de pérolas pequenas. Quando entrei em meu carro, desejei a fundo que aquela gerente tivesse encontrado o manequim que solicitei. Se algo sair diferente do que planejei, eu juro que Laura Garcia irá se arrepender do dia em que pisou na minha loja pela primeira vez.

Elisa estacionou o automóvel e entrou na loja de antiguidades a passos apressados. Ao passear os olhos pelo lugar, não encontrou a presença de Laura, muito menos a do manequim solicitado. Após fechar a porta do escritório com força, pegou o celular dentro da bolsa e discou para a gerente imediatamente.

— Alô?

— Onde você está? — Perguntou em voz alta.

— Bom dia para você também, senhorita Marques.

— Não estou com tempo para ironias. Onde você está? Cadê o manequim? A reportagem será em menos de uma hora!

Nervosa, a morena andava de um lado a outro, ecoando os saltos contra o piso da sala.

— Estou no andar de cima. Você poderia vir aqui?

— Claro que não. Venha você até o meu escritório.

— É importante, preciso que venha.

Ao encerrar a chamada repentinamente, fazendo a gerente xingá-la do outro lado da linha, Elisa fechou ainda mais a cara e subiu furiosa.

— Estou aqui. O que você quer? — Perguntou ao avistar a loira de costas.

Laura aparentava estar mexendo em alguma coisa que a morena não conseguira identificar.

— Chega mais próximo.

Sem a menor paciência, respirou fundo e caminhou até a gerente. Ao se aproximar, percebeu que a moça organizava o manequim que ela havia solicitado.

— O que achou? — Perguntou ao olhá-la. Laura ajeitava um vestido de época que havia providenciado ao item. — Você não achou que eu deixaria isso aqui pelado na vitrine, não é?

— Onde você conseguiu isso?

Ao se aproximar ainda mais, Elisa tocou no tecido e observou com atenção. Estava completamente atenta a cada detalhe, principalmente à renda que fazia a composição dos punhos.

— Eu não revelo os meus truques — piscou. — Pra onde levo?

— Para a minha sala. Trouxe a joia que irá compor esse visual.

Ao descerem e se dirigirem para o escritório, Elisa retirou a caixa que carregava o precioso colar. Assim que o depositou no manequim, fotografou e pediu para a funcionária levá-lo até a vitrine.

— Avise ao Leonardo para não desgrudar os olhos dessa joia. Ela está com uma etiqueta de alarme que contém um microchip de localização, mas mesmo assim não vamos arriscar — alertou. — O aluguel durará até sábado, então nos próximos dias o antiquário ficará muito movimentado. Para aumentar a segurança, ficarei sempre na loja até o fechamento e levarei o colar para casa ao final do dia.

— Ok, vou deixar avisado a ele e às vendedoras também.

— Certo. Tira uma foto da vitrine e volta aqui quando terminar.

Laura apenas assentiu, se retirou e voltou pouco mais de cinco minutos depois. Hoje, pela primeira vez em quase dois meses de trabalho, a loira estava usando um vestido social em vez de calças. A cor escolhida foi o branco.

— O que achou? — Perguntou ao mostrar a tela do celular para que a chefe pudesse visualizar a foto tirada.

Em silêncio, a morena apenas sinalizou com a cabeça. Tal gesto fez Laura compreender que ela havia gostado, pois do contrário, a reação teria sido completamente diferente.

— Daqui a pouco deve chegar a equipe de reportagem — avisou. — Esteja atenta a tudo e todos.

— Ok. Algo mais?

— Sim, me avise assim que chegarem. Agora pode se retirar.

Faltando pouco menos de quinze minutos para as dez horas da manhã, a gerente percebeu uma movimentação diferente na frente do antiquário. Ao se aproximar da porta, Leonardo cochichou e avisou que a equipe havia chegado. Junto à repórter que cobriria a matéria havia o câmera e mais dois auxiliares.

“Chegaram” — disse Laura, por mensagem.

Atenta ao celular, Elisa leu o recado e deixou o escritório portando um brilhante sorriso no rosto. Exalando elegância, carisma, imponência e sensualidade, aproximou-se da equipe e os cumprimentou. Embora a morena não gostasse de socializar, conseguia ser cortês quando necessário.

A equipe pediu licença para entrar no antiquário, filmar e fotografar alguns ambientes do lugar. Algumas fotos de Elisa Marques também foram solicitadas pela equipe. Dentre incontáveis objetos valiosos e interessantes, nada roubou mais a cena que o colar da vitrine. Muitas fotos foram capturadas através do vidro, mas logo a repórter pediu para que Elisa tomasse a joia na mão. Foi nesse momento que Laura entrou em cena para auxiliá-la. A gerente retirou o colar do manequim e o entregou à chefe. Com exceção da loira, ninguém mais estava autorizado a mexer na peça. Nem mesmo a equipe de reportagem.

— Sua loja está magnífica, Elisa! — Disse a repórter, no pequeno intervalo quando as câmeras pararam de filmar.

— Obrigada, Cristina.

Cristina já conhecia Elisa de longa data. As duas se esbarraram muitas vezes em alguns eventos em comum. A morena nunca fora muito com a cara da mulher, pois sempre detestou a personalidade demasiadamente extrovertida e invasiva da repórter. Elisa sentia seu espaço pessoal sendo invadido cada vez que ela estava por perto. Segundo ela, Cristina se dava uma intimidade que estava longe de possuir. Para uma mulher extremamente reservada como Elisa, aquele comportamento da repórter a deixava profundamente desconfortável.

— Onde está aquela sua gerente? Preciso parabenizá-la!

— Infelizmente Fiona não trabalha mais pra mim — respondeu sem muito ânimo.

— Não acredito! Mas ela era seu braço direito! — Disse incrédula, causando certo desconforto na morena, que detestava lembrar sobre a saída de Fiona. E também em Laura, que escutava tudo à distância. — E agora? Quem está levando tudo isso aqui pra frente com você?

Elisa desviou o olhar e avistou a loira parada a pouco mais de dois metros de distância. Uma comunicação visual se estabeleceu automaticamente entre elas, fazendo a mais nova compreender que a chefe a queria ali.

— Ela — Elisa respondeu, assim que a gerente se aproximou. — A senhorita Laura Garcia é minha nova gerente.

As palavras de Elisa saíram com muito esforço. Era nítido o desconforto que a arrebatara.

— Prazer, Laura. Vejo que está fazendo um belo trabalho juntamente à Elisa — comentou Cristina, com um sorriso simpático nos lábios. — Se importariam em tirar umas fotos juntas para que eu acrescente na matéria?

— É realmente necessário? — Perguntou a dona do lugar. — Digo, talvez minha funcionária não queira a imagem dela circulando na internet — disfarçou.

— Não vejo problema algum — Laura se manifestou. Tal pronunciamento quase fez sua chefe fuzilá-la com o olhar.

— Ótimo! Cheguem bem próximo uma da outra, por favor — pediu Cristina. — Prepara a câmera! — Comentou com o rapaz que a acompanhava.

Completamente desconfortável com aquela situação, Elisa não sabia se enforcava o pescoço de Laura por ter aceitado, ou o de Cristina por ter feito a proposta.

— Um pouco mais próximas uma da outra, por favor — pediu a repórter. — Tenta capturar o fundo da loja na fotografia, ok? — Solicitou ao câmera.

Mantendo-se quase estática no meio do salão, Elisa aguardou Laura tomar as iniciativas. A gerente tocou-a na cintura e uniu a lateral do corpo ao dela. Sem muita opção de escolha, a mão da morena percorreu a parte inferior das costas de Laura e estacionou quando alcançou o quadril. Localizadas lado a lado, seus vestidos curiosamente contrastavam e remetiam a um efeito visual que se assemelhava ao yin-yang.

Em sua posição, Elisa sequer ousou direcionar o olhar para a loira. Tudo o que fez foi contar os instantes para que aquele inferno- *segundo seus próprios pensamentos*- acabasse.

A equipe fez mais algumas fotografias e filmagens do colar e da loja. Ao final, agradeceu a receptividade de Marques e se retirou; deixando para trás alguns curiosos que povoavam a fachada do estabelecimento. Quando a câmera foi desligada, ela levou consigo a expressão cortês da morena.

— Eu não acredito que você me colocou nessa situação ridícula! — Reclamou Elisa, aos gritos, ao entrar furiosa no escritório e fechar a porta com força.

— Qual situação? — Perguntou a loira, confusa.

— Fez eu me prestar ao papel de posar amigavelmente em uma foto com você!

— Eu sei que você não gosta de mim e que nossa relação é de tolerância. Mas, não arranca pedaço representar um pouco.

Alguns passos adiante levaram Elisa a se posicionar em frente a gerente.

— Entenda uma coisa de uma vez por todas — iniciou. — Duas, sendo mais exata — visivelmente irritada, começou a cuspir algumas palavras sobre a loira. — Coisa número um: eu não suporto ser colocada em situações incômodas e profundamente desagradáveis para mim.

— A gente não só faz o que gosta na vida.

— Não me interrompa quando eu estiver falando!

— E você, baixa o seu tom de voz, pois eu não sou obrigada a aturá-lo — rebateu com firmeza na fala e nas expressões faciais. Seus olhos encaravam os castanhos raivosos já familiares.

— Com quem você pensa que está falando?

— Não sei, me diz você... Quem é Elisa Marques? Quem é você por trás de toda essa aura?

— O que está dizendo? — Indagou ao alternar o olhar entre aquelas íris verdes.

— Olha, nada não. Qual seria a coisa dois?

Laura respirou fundo e tentou desacelerar suas emoções para não perder a razão.

— Não pense que seremos amigas ou qualquer coisa do tipo só porque aceitei tirar aquelas fotos.

— Elisa, por favor! Qual o seu problema? Todo esse alvoroço por causa de uma foto? — Agora foi a vez da loira cuspir algumas duras palavras. Laura já estava ficando saturada de lidar com tamanha arrogância. — Pode ficar sossegada, que eu não tenho a menor pretensão de ser sua amiga. Deus me livre ter alguém como você na minha vida. Aposto que é solitária, pois não há quem te suporte.

Quando Laura se deu conta de suas palavras, já era tarde demais para voltar atrás.

— Elisa, e-eu... Me desculpe...

A mais velha a olhou em silêncio, e somente após algum tempo se manifestou:

— Desculpe pelo o quê? Por favor, não seja patética. Não pense que sou como você, que se ofende facilmente com as palavras.

Elisa caminhou até a mesa, anotou algo na folha de um bloco, destacou e entregou à gerente.

— Acho melhor você ir buscar o meu almoço — comentou ao entregar o papel com o endereço do restaurante e a refeição que gostaria.

Sem saber ao certo o que pensar a respeito do que acabara de acontecer, Laura apenas pegou os dados e deixou o escritório um pouco atordoada. Foi inevitável questionar-se internamente. Estava na dúvida se suas palavras não haviam surtido qualquer efeito, ou se a chefe estava apenas disfarçando algum ressentimento para não demonstrar fraqueza.

Quando retornou com o almoço, encontrou a porta entreaberta. Aproximando-se em silêncio, foi capaz de observar a morena sentada na cadeira de visitantes. A mulher olhava atentamente para o enfeite de navio em madeira, enquanto parecia divagar para longe dali.

— Voltei — se pronunciou, a fazendo transitar o olhar do navio para a porta.

Elisa pegou a embalagem e sentou-se à mesa. Ao abri-la, percebeu que havia algo a mais.

— Eu não pedi isso aqui — comunicou ao segurar uma pequena embalagem.

— Ah, é que o restaurante estava com uma promoção. Na compra de um yakissoba de legumes, que foi o seu pedido, vem grátis um harumaki

de chocolate.

— Hum, pode ficar...

Elisa deslizou a embalagem até a ponta da mesa.

— Algum problema? — Indagou, aproximando-se da beirada do móvel.

— Eu odeio chocolate.

"*O quê? Como alguém pode ser capaz de odiar o melhor doce do mundo? Essa mulher realmente é muito estranha*" — pensou. — Tem certeza que não quer?

— Não vou falar duas vezes.

Em um revirar de olhos, pegou a embalagem pra si e se retirou para a sala dos funcionários. Naquele mesmo dia, algumas horas mais tarde, quando o antiquário estava prestes a fechar, a gerente sentiu o celular vibrar em sua mão. Ao desbloquear a tela, constatou se tratar de uma mensagem da chefe a solicitando, como sempre fazia.

— *O que será que essa mulher quer de mim, agora?* — Resmungou baixinho, antes de ir ao escritório. — Aconteceu alguma coisa?

— Essa droga desligou de repente! — Elisa estava visivelmente impaciente ao apontar para o computador. — Já reiniciei, desliguei na tomada, o sacudi, mas não volta. Droga, eu estava no meio de algo importante!

A mais velha deu abertura para a gerente passar, apoiou as mãos na própria cintura e se manteve atrás dela, observando-a.

— Calma, vou tentar identificar o problema.

Laura depositou o celular sobre a mesa, tirou os saltos e puxou o vestido para uma altura acima dos joelhos na tentativa de conseguir flexibilidade. A morena, de onde estava, observava cada movimento. Foi nessa hora que ela se deu conta que a moça usava vestido pela primeira vez. Tal observação levou a chefe a deduzir que talvez ela tenha colocado aquela peça de roupa exclusivamente para a ocasião de mais cedo; uma vez que já havia notado que a funcionária sempre optava por calças e camisas sociais.

Agachada de joelhos, a loira puxou o gabinete do eletrônico para frente e começou a verificar os cabos enquanto ia dialogando com a chefe.

— Você sabe mexer nessas coisas? Cuidado para não terminar de estragar.

— Por que me chamou se duvida da minha capacidade? — Respondeu sem olhá-la. Ainda mantinha os olhos na dezena de cabos.

— Porque você é a única para quem eu podia recorrer de última hora.

Laura respirou fundo para não dar uma resposta agressiva. Até mesmo porque, ainda se sentia mal por ter sido extremamente ofensiva nas palavras de mais cedo. Embora Elisa a tirasse do sério, não fazia o feitio da loira magoar alguém em suas respostas. Não propositalmente.

— Seu celular está tocando — comentou a morena, ao observá-lo sobre a mesa.

— Pode deixar tocando.

O aparelho da loira tocou por mais quatro vezes.

— Parece ser importante.

— Não, não é — respondeu após se levantar e ler o nome que piscava na tela. — Está tudo certo com os cabos. — Laura colocou o aparelho no silencioso e o virou com a tela para baixo. — Provavelmente é problema em algum componente interno — explicou enquanto abaixava o vestido e calçava os saltos outra vez.

— E agora? Tenho que terminar o que estava fazendo.

— E agora que você precisará levar no técnico e aguardar o conserto.

— Mas eu não tenho todo esse tempo. Preciso desse computador funcionando para ontem!

Com um sorriso debochado nos lábios, Laura mal conseguia acreditar no quão nervosa e mimada sua chefe soava. Aos olhos da loira, Elisa tinha a péssima mania de querer tudo no próprio tempo, como se as coisas funcionassem em um passe de mágica.

— Por que está rindo? — Elisa estava com os braços cruzados abaixo dos seios e olhava para Laura com indignação. — Não estou vendo a menor graça.

— Não é nada. — A loira tentou guardar o sorriso debochado e continuou a falar. — Bom, se você confiar na garotinha aqui— ironizou, — eu posso levá-lo pra casa e tentar analisar melhor. Com um pouco de sorte, se não tiver sido nada muito sério, consigo eu mesma resolver o problema.

A morena apenas assentiu positivamente com a cabeça.

— Bom, vou fechar o caixa com a Débora e volto aqui pra pegar esse gabinete antes de ir embora.

— Certo. Quero que recolha o colar da vitrine e o traga quando vier.

— Ok.

A gerente cumpriu suas obrigações finais, despediu-se de Júlia, Lillian, Débora e Leonardo, e se recolheu na sala dos funcionários para se trocar. Alguns minutos depois, reapareceu no escritório para entregar a joia e recolher o eletrônico.

Quando a mais nova entrou, o olhar de Elisa recaiu sobre ela instantaneamente. A olhou de cima a baixo e se surpreendeu ao observar que a loira havia retornado com um visual completamente diferente ao de minutos atrás. Inclusive, era o oposto das roupas formais que usava para trabalhar. Laura havia ressurgido com uma regata simples de algodão — com os braços completamente à mostra. Jeans rasgado, tênis e uma mochila na lateral das costas. Seu cabelo loiro natural permanecia preso em um rabo de cavalo com alguns fios soltos nas laterais da face.

— O que foi? — Perguntou ao notar que Elisa ainda a olhava com atenção. *“O que essa mulher está analisando em mim, agora?”*. Mesmo sem obter resposta, decidiu fazer outra pergunta enquanto desprendia o gabinete da tomada. — Por que você implica com a minha idade? Assim, estou fazendo essa pergunta porque não acho que você tenha uma idade distante da minha.

Elisa se manteve em silêncio enquanto guardava a joia na bolsa, e só a respondeu quando voltou a se posicionar próxima a ela.

— A menos que você use identidade falsa, seus documentos dizem que tem nove anos a menos que eu.

— Nove? — Laura levantou o gabinete do chão, o depositou sobre a mesa e virou-se de frente para a mulher. — Não imaginei que a diferença fosse tanta. Não estou te chamando de velha, por favor. Mas, ao te olhar, você parece ter mais ou menos a minha idade.

Naquele momento, a mais nova decidiu observar a aparência física da chefe com ainda mais atenção enquanto conversavam. Seu olhar a percorreu, principalmente, pelo rosto.

— Pois é. Agora você sabe que existe praticamente uma década entre mim e você.

— Mas isso não me desqualifica, nem diz que sou menos capaz que você. Tenho excelência em tudo o que me proponho a fazer. Prefiro não iniciar se não for pra fazer bem feito.

Com um sorriso cínico no canto dos lábios, julgando ousada a resposta da loira, Elisa estava com a atenção inteiramente voltada ao que ela dizia.

— Isso você terá que me provar com o tempo.

Com os olhos fixos nos castanhos que a encaravam, Laura proferiu uma resposta atrevida:

— Quem vai dar um jeito nesse computador? Seus nove anos a mais de experiência ou eu?

Com um dos punhos cerrados, Elisa de um passo para trás antes de respondê-la:

— Srta. Garcia, cala a boca e some daqui. Anda, anda! Não aguento mais ouvir sua voz por hoje.

Elisa pegou a chave do carro e logo começou a caminhar para longe dali. Quando ela e a gerente cruzaram a saída do antiquário, trocaram mais algumas últimas palavras. A relação entre elas, embora conturbada e composta por troca de farpas e alfinetadas, estava fluindo do jeito que dava.

— Eu espero que realmente cumpra essas palavras. Preciso do meu computador funcionando mais rápido possível.

Antes que a mais nova pudesse dar alguma resposta, a morena já havia dado as costas e caminhado em direção ao veículo.

— Nem para me oferecer uma carona, vou ter que carregar esse peso todo até em casa... — murmurou a si mesma, a observando partir.

Em casa, horas mais tarde, Laura abria e avaliava o computador cautelosamente em seu quarto. Após testar todos os componentes internos, suspeitou que o problema do eletrônico fosse a fonte. Sendo assim, abriu o gabinete do próprio computador, desconectou a fonte que tinha e a testou no aparelho de Elisa.

— Vamos lá... Liga, por favor — dizia baixinho, com os dedos cruzados. — Yes! — Comemorou quando percebeu que o computador

começou a inicializar. Laura aguardou alguns instantes e em pouco tempo o aparelho já havia inicializado completamente.

Diante de seus olhos estava a área de trabalho com todos os programas, atalhos e a foto de Elisa Marques no papel de parede — o que a fez balançar a cabeça negativamente. Após checar a memória e verificar se estava tudo certo, a loira sentiu uma forte vontade de fuçar nas pastas. Queria ir atrás de fotografias ou quaisquer outras coisas que contassem a ela um pouco sobre Elisa. O comportamento ora agressivo, ora extremamente reservado da mulher a intrigava e instigava demasiadamente. Ao se atrever abrir a galeria, encontrou uma pasta que parecia conter arquivos de imagens. Laura depositou o cursor do mouse sobre ela e, incontáveis vezes, cogitou abri-la. Por fim, optou por desistir da ideia. Mesmo sem estar sendo observada, não queria ser o tipo de pessoa que invade a privacidade de alguém dessa maneira. Sendo assim, lutou arduamente contra a curiosidade que a consumia e deixou aqueles arquivos de lado.

Com o computador já desligado e a fonte retirada, deitou-se na cama com o celular em mão. Navegava entre alguns sites quando o pensamento em Elisa se fez presente. Lembrou-se que possuía o número dela salvo na agenda do telefone e resolveu deixar um recado através de um aplicativo de mensagens instantâneas.

“Boa noite, estou entrando em contato para avisar que me dediquei ao seu computador hoje à noite e identifiquei o problema. Foi algo simples, não se preocupe. Pessoalmente eu explico melhor.”

Após enviar a mensagem e sair do aplicativo, decidiu abri-lo novamente para ampliar a foto que a chefe usava no perfil. Quando o fez, atrapalhou-se com os dedos e acabou selecionando a opção que iniciava uma chamada telefônica.

— Droga! — Resmungou sozinha ao correr para cancelar a solicitação.

Quando conseguiu interromper, observou que a chefe apareceu como “*online*" na janela de conversa. Contudo, como já era de se esperar, a mulher não se manifestou. Se a mensagem foi lida ou não, a gerente saberia apenas no dia seguinte.



Segurando o gabinete com uma mão e girando a chave com a outra, Laura se equilibrava para abrir o portão de ferro que fazia a segurança do antiquário. A calçada em frente à loja estava coberta por água; consequência de um temporal repentino que havia caído sobre a cidade na noite anterior. Devido a isso, fez o que pôde para conseguir abrir a porta sem precisar pôr o eletrônico no chão.

Quando deu os primeiros passos para dentro, franziu o cenho na estranheza do que viu: o grande e luxuoso lustre já estava com as lâmpadas acesas.

— Ué...

Confusa, deu mais alguns passos e observou ao redor. Seu coração quase sai pela boca quando abriu a porta do escritório e avistou a chefe sentada na cadeira giratória.

— Que susto! — Exclamou Laura, levando uma das mãos ao peito.

— Está devendo?

Do jeito que estava, Elisa se manteve. Sequer ousou virar o rosto para enxergar a gerente.

— Não esperava te encontrar aqui tão cedo. — A loira fechou a porta atrás de si, caminhou até a mesa da chefe e depositou o gabinete sobre a superfície. — Está consertado.

Ao olhar de maneira descrente para o aparelho, Elisa finalmente desviou a atenção e buscou a face da mais nova.

— Já?

— Não gosto de perder tempo nem acumular tarefas, então me dediquei a ele ao chegar em casa. Por sorte, foi algo simples. Hoje pela manhã passei na loja de eletrônicos e já comprei a peça que estava faltando.

— E qual era o problema?

— A fonte havia queimado. A antiga está na minha mochila, caso queira de volta. — Elisa balançou sutilmente a cabeça, indicando que não seria necessário. — Posso ligar pra você testar?

— Sim, vai em frente.

Elisa deslizou com a cadeira para atrás e abriu espaço para que Laura conseguisse se agachar e reconectar os cabos do gabinete. Quando a morena constatou que o computador havia ligado normalmente, suspirou aliviada.

— Quanto devo a você?

— Um momento.

Laura ficou de pé, tirou a carteira do bolso, abriu e entregou na mão da mulher uma nota fiscal. Elisa, que até poucos instantes atrás estava sentada, também se levantou.

— Hum... Certo — disse, após verificar o valor da peça. — E pelo seu serviço?

— Meu serviço?

— Sim, a mão de obra pelo conserto.

— Oh não, não precisa — respondeu sem jeito.

— Por quê? Vamos lá, senhorita Garcia. Não seja modesta, nem combina com você.

“O que essa mulher está falando? Ela nem me conhece” — pensou. — Realmente não precisa, foi algo simples de ser resolvido.

Após respondê-la, a observou abrir a bolsa e retirar uma carteira.

— Isso deve ser o suficiente — comentou ao oferecer algumas notas à Laura. — Bom, você deve estar se perguntando por que cheguei tão cedo. Será sempre assim enquanto eu tiver que trazer o colar. E por falar nele, vou à vitrine para expô-lo.

A morena abriu novamente a bolsa e tirou a caixa que armazenava a joia. Ao sair da sala, deixou para trás o rastro suave, porém marcante, de seu perfume. Quando retornou ao escritório, Laura já não estava. No entanto, encontrou algumas notas de dinheiro sobre o teclado do

computador. Após contá-las, constatou que a loira havia pego apenas o valor referente ao preço da fonte.

— *Teimosa...*



A loja de antiguidades havia se tornado uma grande atração para os moradores de Hills Dale após a chegada do colar pertencente a um passageiro do famoso navio Titanic. Curiosos de todas as partes se amontoavam em frente a vidraça para conseguir fotografar e filmar aquela linda peça no manequim. Dentre muitos visitantes que ali circulavam, um senhor de aproximadamente sessenta anos, bem vestido e de excelente dicção, aproximou-se do caixa.

— Bom dia, gostaria de falar com a dona do estabelecimento, por favor.

— Pois não? — Disse Laura ao abordá-lo. — A dona não se encontra — mentiu, torcendo para que não fosse nada sério. — Mas eu sou a responsável quando ela não está. Em que posso ajudá-lo?

— Olá, me chamo Rogério, sou o proprietário de um antiquário localizado no centro da cidade.

— Prazer, senhor Rogério. Sou Laura Garcia — apresentou-se educadamente, carregando um sorriso amigável nos lábios. — A que devo sua visita?

— Vim negociar com a proprietária a respeito daquele grande lustre que vocês têm. Ele é famoso, muitos frequentam minha loja e perguntam por ele achando que se trata do mesmo estabelecimento.

— Oh sim, os clientes gostam bastante. Sem dúvida é uma peça que não passa desapercebida. Diria que é a grande atração do nosso antiquário.

— Eu acredito que sim. Muito provavelmente só perde para aquela maravilha que está na vitrine.

— Oh sim! — Sorriu. — Uma relíquia do Titanic não tem concorrência. É uma peça soberana.

— É por isso que eu vou direto ao ponto. Estou atrás de um pouco dessa soberania para a minha loja, e eu tenho certeza que aquele lustre cumprirá bem o papel. Sabemos muito bem que as pessoas visitam esse

lugar por incontáveis motivos. O peso da história que ronda a família Marques contribui muito. Dessa maneira, seria um grandioso marketing ter uma peça pertencente a essa famosa família.

“O que esse cara está querendo dizer com isso”? — Pensava a loira, conforme o escutava. — Bom, senhor Rogério. O objeto está avaliado no valor de cento e trinta e cinco mil reais. Fornecemos muitas formas de pagamento para facilitar ao cliente, além de uma garantia de três meses. Por se tratar de uma mercadoria antiga e de alto valor, oferecemos um documento junto com a nota fiscal. Nele irá conter os dados da empresa, do comprador, descrição do produto e valor.

— Hum... Quanto a isso, perfeito. Já em relação ao preço, está bastante alto. Eu gostaria de poder negociar o valor diretamente com a proprietária, a menos que você mesma consiga me oferecer um desconto.

— Infelizmente esse item não está acessível para desconto — respondeu educadamente.

— E se o pagamento for à vista?

— Também não. Mas, posso conversar com a proprietária da peça assim que possível e entro em contato.

O senhor abriu a carteira, retirou o cartão de visita de sua loja e o entregou nas mãos da gerente.

— Certo, estarei aguardando o seu contato. Com boas notícias, eu espero. Seu nome é...? Desculpe a pouca memória.

— Laura. Laura Garcia. — Sorriu.

— Certo, Laura. Deixe lembranças à Elisa!

O homem despediu-se, deu as costas e deixou para atrás uma Laura rodeada por interrogações. Assim que sua imagem desapareceu do campo de visão, a gerente automaticamente se direcionou para o escritório da morena e informou o que acabara de acontecer.

— Desconto? — Riu ironicamente. — Quando entrar em contato, diga que não existe essa possibilidade.

— Elisa...— chamou-a com receio. Laura estava um pouco insegura e hesitante com as palavras. — Não haveria mesmo como oferecer qualquer tipo de desconto? Pelo que soube, esse lustre já está à venda há tanto tempo...

— Não. Ele não pode vir aqui e dizer que minha peça está cara. Não tem o direito de colocar preço em cima do meu trabalho.

— Bom, você está no seu direito. Se não tem como, eu o comunico — respondeu com suavidade na voz, sem muita insistência. — Esse senhor me pareceu muito interessado. Acredito que mesmo sem desconto, ele vai querer. Pelo que entendi, está almejando aumentar o público visitante da loja onde é dono. Mencionou que as pessoas iriam se interessar em ao menos ir ver esse lustre. E, ao meu entendimento, essas mesmas pessoas poderiam acabar adquirindo algum objeto coadjuvante do antiquário.

— Jogada de marketing. Exatamente como fiz com o colar que, nesse caso, nem à venda está. Mas as pessoas acabam levando outra peça durante a visita.

— É exatamente isso. Eu só não entendi uma coisa.

Laura e a chefe conversavam frente a frente. A loira estava sentada na cadeira de visitantes, e Elisa na cadeira pessoal.

— O quê?

— É que ele deu a entender que as pessoas teriam interesse em ver o lustre porque, de alguma maneira, está relacionado à sua família.

— Como ele ousa tocar no nome da minha família? — Marques elevou o tom de voz impulsivamente, fazendo a outra mulher arregalar os olhos. — Compareceu aqui justo na data de hoje. É muita provocação!

“Data de hoje?” Indagou a loira, em pensamentos.

— Não ofereça qualquer desconto para esse homem, estamos entendidas? Se ele quiser aquele lustre, terá que pesar no bolso.

— Ok — respondeu um pouco sem jeito. — Desculpa perguntar, mas... Você conhece esse Rogério? Me pareceu íntimo quando mandou lembranças a você.

— Isso não te diz respeito — respondeu friamente. Na maioria das vezes, era demasiadamente amarga nas palavras.

— Desculpe a intromissão...

Em silêncio, sem saber o que dizer, Laura observou a superfície da mesa e avistou um vidro de palmito com um garfo depositado horizontalmente sobre a tampa. Certamente a chefe pretendia comê-los, ou já o estaria fazendo antes dela entrar. A mais nova não conseguia entender como uma pessoa podia ser tão viciada naquilo.

— Bom, vou ao estoque descer com uma prataria que chegou nessa manhã, pra você acrescentar no sistema e estipular o preço. Já volto.

A mais velha ignorou o que a gerente dissera, e manteve o olhar na tela do computador. Garcia detestava aquele tipo de tratamento; era como se suas palavras fossem inaudíveis e sua presença não tivesse qualquer significância. Todavia, levantou-se da cadeira e foi cumprir com as obrigações.

Quando Laura retornou com a baixela de prata, Elisa observou que os talheres precisavam de uma manutenção. Sendo assim, pediu que a moça pegasse o produto específico que havia no móvel logo a frente, e fizesse a limpeza deles antes de expor na loja. E assim a loira o fez: buscou o produto, um pano, depositou a caixa com os utensílios sobre o chão e foi tirando um por um para limpá-los e lustrá-los enquanto Elisa ia cadastrando, acrescentando ao catálogo e gerando algumas etiquetas.

Tudo era feito em silêncio. De um lado da mesa estava Laura, concentrada em sua atividade ao mesmo tempo em que sua mente divagava e tentava compreender os comportamentos da mulher à sua frente. Vez ou outra, desviava o olhar e observava a morena discretamente. No seu ponto de vista, Marques ainda demonstrava irritabilidade em suas expressões faciais.

Do outro lado da mesa estava Elisa; séria e impaciente após o ocorrido com Rogério. A mais velha clicava no botão do mouse de maneira raivosa enquanto trabalhava. Seu olhar não era direcionado à Laura um instante que fosse. Era como se não houvesse absolutamente ninguém à sua frente.

Aquela silenciosa tortura durou pouco mais de vinte minutos, até Laura se cortar acidentalmente com a serra afiada de uma das facas.

— Ai, droga! — Resmungou baixinho, atraindo o olhar da morena para seu dedo. — Péssimo momento para me cortar — reclamou ao sacudir a mão instintivamente.

Ao focar a visão, Elisa observou quando a loira apertou o local do ferimento para que o sangue saísse. Seu semblante, que até instantes atrás aparentava raiva, transitou para uma expressão tensa, deixando visível o incômodo que lhe arrebatou.

— Você poderia sair e ir cuidar desse machucado em algum lugar? — Pediu ela, friamente.

Dessa vez foi Laura que fingiu não escutá-la. Se manteve espremendo o sangue, até perceber que não iria parar, pois o corte havia sido significantemente profundo. No entanto, enquanto tentava dar jeito naquilo usando uma folha nova de guardanapo — material que estava utilizando para secar os talheres.Percebeu que Elisa estava visivelmente estranha e incomodada com o sangue que, agora, contrastava com o branco do papel.

— Você não ouviu o que eu falei? — Exclamou ao se levantar. — Vai cuidar desse ferimento em outro lugar.

Elisa aparentava nervosismo e tentava a todo custo não ter contato visual com aquele vermelho chamativo.

“Ela poderia pelo menos demonstrar o mínimo de empatia!” — Pensou Laura, se levantando com o guardanapo pressionado no dedo.

Ao chegar no banheiro, lavou o ferimento com sabonete e lembrou-se que carregava uma caixa de curativos na mochila. Recordou-se, também, que na área dos funcionários havia uma maleta de primeiros socorros. Com isso, pegou uma água oxigenada volume dez e fez uma assepsia da região antes de colar o curativo. Enquanto executava os procedimentos, pensava a respeito do que acabara de acontecer no escritório. Alternava entre julgar Elisa sem empatia e taxá-la de louca pela estranha atitude.

— Eu acho que ela queria chupar o seu sangue — brincou Débora, no caixa, assim que Laura contou sobre o inusitado ocorrido.

— Pelo amor de Deus, não me faça imaginar uma cena como essa — respondeu entre um misto de risada e revirar de olhos.

— Você ri? Junta os pontos e verá que tudo indica que ela é uma vampira. Se eu fosse você, protegeria esse pescocinho aí — cochichou.

— Deixa de falar bobeira e vai lá almoçar, vai. Vou te cobrir. — A gerente disfarçava para não soltar uma grande risada cada vez que a colega de trabalho dizia “aquelas loucuras”, segundo ela.

Quando Débora se foi, Laura começou a ter a estranha e incômoda sensação que sempre sentia quando precisava ficar no lugar daquela funcionária. Era demasiadamente desconfortável pensar que observavam suas costas. Todavia, não conseguia conter a vontade de olhar para trás, mesmo sabendo que não veria nada através daqueles vidros escuros.

Assim que a colega de trabalho retornou, Laura olhou para o relógio de pulso e constatou que se tratava de duas horas da tarde. Nesse instante, lembrou-se que Elisa havia chegado na loja antes do horário de funcionamento e, até então, não havia solicitado o almoço. Estranhou, pois pelo pouco que conhecia da morena, gostava de almoçar por volta do meio dia.

— Com licença...— disse ao bater na porta.

— Entre.

A passos lentos e receosa, adentrou o escritório e caminhou até a borda da mesa.

— Vim perguntar se pretende almoçar agora...— A voz de Laura saiu suave e em baixo tom.

— Não — respondeu sem olhá-la.

— Já são duas da tarde e você está aqui desde muito cedo. Tem certeza?

— Você sabe o que significa um “não”? — Dessa vez Elisa ergueu sutilmente a cabeça e a encarou.

— Olha, eu só estava tentando ser legal, ok?

— Não me lembro de ter solicitado que fosse legal comigo. O que pedi e você ainda não fez, foi terminar com a prataria e levá-la para a loja. Ou vai me fazer esperar até o natal?

“Onde foi parar a mulher que pela manhã estava fazendo questão de pagar pelo meu favor? Que mudança de humor repentina é essa?” — Pensava Laura. — Terminarei assim que voltar do meu almoço, não se preocupe.

Sem mais nada dizer, Elisa voltou a olhar para a tela do computador. Laura, por alguma razão que nem ela própria conseguia entender, se manteve ali parada, olhando para ela, enquanto tentava decifrá-la de alguma maneira. Hoje, diferente dos outros dias, existia algo diferente naquela mulher, e Laura havia percebido. Embora as palavras ainda fossem as mesmas: grosseiras, agressivas e amargas. O semblante estava diferente. Laura podia jurar que o olhar castanho carregava alguma tristeza.

— Tem certeza que não quer comer nada? — Arriscou perguntar uma vez mais, recebendo apenas o silêncio. O que lhe restou foi apenas dar as costas e sair.



No final do expediente daquele mesmo dia, Laura estava sentada em uma cadeira na sala dos funcionários enquanto guardava os saltos na mochila e calçava os tênis. Como de costume, todos iam embora primeiro e ela era a última a sair, pois era encarregada de fechar o antiquário. O ar condicionado já havia sido desligado, e por se tratar de uma noite quente, estava começando a suar. Por sorte, hoje usava uma regata preta por dentro da camisa social. Sendo assim, a tirou do corpo e se manteve apenas com a peça escura de baixo.

Após caminhar para fora, passou em frente ao escritório de Elisa e notou que a luz estava acesa. Ao fazer menção de entrar para apagá-la, surpreendeu-se ao constatar que a chefe ainda permanecia lá. A loira estacionou os passos e se manteve observando o que a mulher fazia. Elisa havia pego o navio de madeira que costumava ficar no móvel da frente, e olhava fixamente para ele sobre a superfície plana da mesa. Além do objeto decorativo, havia também um copo de vidro com gelo — que a morena provavelmente pegou do pequeno frigobar que havia no escritório. E uma garrafa de whisky. Sua aura estava mais sombria e escura que as roupas pretas em seu corpo.

— Elisa? — Ousou chamar. — Não sabia que ainda estava aqui. Eu já estou indo... — avisou de onde estava. A gerente virou as costas e cogitou partir, mas algo a fez mudar de ideia e se aproximar da mais velha.

— Você não ia embora? — Perguntou com aspereza na voz.

— Não precisa ser tão grosseira comigo — respondeu com seriedade e firmeza nas palavras. Havia se controlado durante todo o dia de hoje para não piorar o clima entre elas nem faltar com o respeito indevidamente. No entanto, Elisa parecia não ter a mesma preocupação, e estava passando dos limites que a loira era capaz de suportar. — Sim, eu pretendo ir embora. E você?

Laura percebeu que o monitor já estava desligado e que Elisa estava ali exclusivamente bebendo e olhando aquele navio. Preocupar-se com a mulher foi inevitável, uma vez que não havia comido o dia inteiro, estava se alcoolizando e ainda ia dirigir para casa.

— Você não deveria beber de estômago vazio — se atreveu a dizer. — Como vai dirigir assim? Não tem medo de se acidentar e morrer?

Marques deixou o navio de lado e desviou a atenção para a face de Laura.

— Não se pode morrer duas vezes nessa vida.

— O quê? — Confusa, perguntou.

— Nada, você não entenderia.

— Hum...

A loirava olhava para um lado e para o outro enquanto tomava coragem para tentar iniciar um diálogo. Quando decidiu o que fazer, apoiou a mochila nas costas da cadeira, sentou-se e tomou um lugar em frente a mulher.

— Posso vê-lo? — Perguntou, referindo-se ao navio que a mais velha segurava.

Sem compreender aonde a loira queria chegar, a mais velha deslizou o objeto sobre a superfície plana para fazê-lo chegar até ela. Antes que pudesse remover a mão dali, Laura tocou o navio e encostou os dedos sobre suas mãos, distraidamente. Quando o toque ocorreu, Elisa instantaneamente puxou o braço devagar.

Ao segurar o objeto próximo a si, Laura percebeu que ele possuía algumas marcas de uso, e que aparentava ter alguns anos de existência. Olhando mais a fundo, identificou o que estava entalhado na madeira. Se tratava de uma data que a ela não dizia nada.

— É uma miniatura do Titanic?

— Sim...

Elisa mantinha sua total atenção nas mãos de Laura mexendo naquele navio.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Senhorita Garcia, acho melhor você ir embora, não sei o que ainda faz aqui.

— Por que você é assim?

— Assim como?— Perguntou ao erguer uma de suas sobrancelhas perfeitamente desenhadas.

— Tão agressiva.

— E por que você permanece aqui se me julga dessa maneira?

Aquela era uma pergunta que nem mesmo Laura era capaz de responder.

— Não sei, eu devo ser uma idiota.

A mais nova deixou o navio sobre a mesa, se levantou e recolheu a mochila. Antes de sair, escutou as últimas palavras da mulher:

— *Cuidado para não me ligar errado novamente*.

Irritada, Laura desejou “boa noite” e bateu a porta com força ao sair.

Sozinha no escritório, Elisa concluiu a bebida que estava em seu copo, guardou a garrafa e se levantou com o enfeite de navio em uma das mãos. Após depositá-lo em seu lugar de costume, apagou as luzes e caminhou para fora. Mesmo levemente alcoolizada, conseguiu se equilibrar com maestria e elegância sobre o salto alto. A parte mais difícil foi a de dirigir em retorno para casa, pois seus sentidos não estavam cem por cento, e seu estado emocional não era dos melhores.

Quando finalmente chegou, desceu dos saltos e sentiu o gélido piso sobre seus pés. As luzes estavam apagadas e a casa vazia e silenciosa, como sempre. Carregando um semblante triste, caminhou até a cozinha, abriu os armários e pegou um vidro de palmito. Elisa andou com ele até a sala de jantar, acendeu as luzes e se sentou à mesa.

Elisa era acostumada a não ter ninguém nos seus dias, e até apreciava ser sozinha. Embora tivesse uma condição financeira excelente, não possuía funcionários dentro de casa. Prezava por aquela solidão que chamava de paz. No entanto, hoje, todo aquele silêncio parecia ensurdecedor. A data de hoje trazia à tona a lembrança de que nem sempre foi assim.

Mesmo evitando contatos sociais, estava sempre ciente de tudo o que acontecia ao seu redor. Sabia de cada fofoca, cada comentário e cada teoria que compartilhavam sobre sua vida. Somado a isso, também possuía consciência de que as pessoas não a suportavam. Seu comportamento; ora demasiadamente reservado, ora hostil, assustava e distanciava todos aqueles que tentavam desenvolver qualquer tipo de relação com ela. No fundo, Elisa agradecia pela capacidade de expulsar aquelas pessoas. Afinal, não possuía qualquer interesse em desenvolver vínculos sociais. Contudo, o que os outros não sabiam é que nem sempre suas rudes atitudes eram propositais.

Em algumas vezes, sim, era puro descaso. Mas, em muitas outras, era a falta de desenvoltura social.

Todavia, uma das grandes verdades sobre os seres humanos, é que sempre estão dispostos a nos julgarem por sermos quem somos, mas, ninguém está interessado em saber por que somos assim.

Amanhã fará dois meses desde que Laura Garcia apareceu e começou a fazer parte da equipe profissional de seu antiquário. E embora Elisa detestasse a maneira como ela a confrontava, os relatórios de vendas semanais e mensais lhe mostravam que aquela loira estava sendo uma excelente gerente. O último mês atingiu uma porcentagem de vendas maior que as anteriores— quando a loja ainda estava sob a coordenação de Fiona. No entanto, Elisa era orgulhosa o suficiente e não iria parabenizá-la por isso. A única vontade que possuía em relação à Laura, era a de enforcá-la cada vez que era rebatida. Ao menos, entre elas, as emoções eram recíprocas; pois a cada dez pensamentos que a mais nova tinha por Elisa, nove estavam relacionados a voar sobre ela.

Ainda sentada à mesa, puxou para trás a cadeira localizada na sua lateral direita, abriu o frasco de vidro e o deslizou pela superfície plana até deixá-lo na posição em frente a essa mesma cadeira vazia. Elisa soltou um suspiro triste, profundo e arrastado.

— Feliz aniversário, papai...

Sua voz saiu em um murmúrio quase inaudível, enquanto seu olhar buscava o nada que ali havia.



Elisa já havia tomado banho, escovado os cabelos e vestido uma camisola quando finalmente depositou o corpo contra o colchão. O dia havia sido mais longo que de costume, e ela torcia para que ele finalmente acabasse. Há anos o aniversário de seu pai tinha deixado de ser uma data feliz.

No silêncio do quarto e daquela vizinhança vazia, conferia alguns e-mails através de seu aparelho celular. Ainda era oito horas da noite e o sono estava longe de vir visitá-la. Entre um e-mail e outro, recebeu uma inusitada notificação no aplicativo de conversas. Ao verificar, constatou que se tratava de uma mensagem da gerente. Revirou os olhos e cogitou a ideia de não abri-la; no entanto, temeu se tratar de alguma importância ou urgência referente à loja, e decidiu ler.

“Oi Elisa, desculpa incomodar, mas eu queria saber se você chegou bem em casa. É realmente preocupante e perigoso dirigir alcoolizada.”

A morena depositou sobre a tela um revirar de olhos ainda maior que instantes atrás. Sem protelar, fechou o aplicativo sem respondê-la e voltou aos e-mails. O que não esperava era que em menos de quinze minutos receberia outra mensagem.

“Estou debaixo da sua janela. Se vir essa mensagem, me dá um sinal.”

— Era só o que me faltava essa petulante querer tomar conta da minha vida— resmungou sozinha, fechando novamente o aplicativo.

Elisa tentou ignorar aquela informação, mas a curiosidade em ir conferir se a mulher realmente estava na sua janela, foi maior. Sendo assim, depositou o celular sobre a mesa de cabeceira, levantou-se, caminhou até a janela do quarto e a abriu. Quando o fez, inclinou sutilmente o corpo e a avistou parada, olhando para cima, vestida com roupas de ginástica. Certamente estava fazendo sua corrida quando decidiu fazer aquela pausa.

— O que você quer? — Perguntou a mais velha, impaciente. A rua era tão silenciosa, que não precisava gritar para ser escutada. Bastava falar mais alto que de costume.

— Nada. Só queria saber se chegou viva — respondeu lá de baixo. *“Mas já vi que vaso ruim não quebra fácil”* — pensou consigo mesma.

— Você não tem um lugar melhor pra ir fazer suas corridas? Me incomoda profundamente essa música que você deixa no alto falante. Pelo

menos use um fone, é mais educado — disse, desviando o assunto da conversa

— Ah não, agora você quer controlar até a maneira que ouço minha música? Nunca tem ninguém por aqui, então não vejo problema em ouvir sem fone. E por sinal, os meus estragaram. A menos que você queira me comprar um par novo — provocou, proporcionando na mais velha um revirar de olhos que ela foi capaz de avistar lá de baixo.

Sem mais nada dizer, Elisa fechou a janela e voltou para a atividade anterior. De onde estava, Laura sorriu triunfante por ter conseguido irritá-la, e em seguida prosseguiu sua hora de corrida e caminhada.

Assim que chegou em casa, aproveitou o corpo quente para fazer algumas flexões e abdominais. Prezava pela boa forma de seu corpo e por seus músculos da barriga um pouco definidos. Não gostava de exageros, a pouca definição que possuía já era o suficiente para se sentir bem consigo mesma.

Ao entrar no banho para livrar-se de todo aquele suor e finalmente poder vestir um pijama confortável, as lembranças dos momentos vividos, hoje, com Elisa, povoaram sua mente. Primeiro recordou de como a chefe parecia melancólica durante a maior parte do dia. Em seguida, reviveu mentalmente a cena de poucos minutos atrás. A morena era tão implicante, que às vezes para equilibrar e não surtar com a situação, Laura precisava provocá-la de volta, pois nem sempre bater de frente era a melhor maneira de resolver as coisas. Na verdade, nunca era. Apenas as fazia colidirem interminavelmente.



Assim como no dia anterior, hoje Elisa também já estava no escritório quando a loira chegou. Seria assim durante toda essa semana enquanto precisasse levar a preciosa joia ao antiquário. De forma alguma arriscaria deixá-la dormir na vitrine ou em algum outro local dentro da loja.

— Senhorita Garcia, venha à minha sala.

Era a primeira vez que a chefe aparecia na porta da sala dos funcionários. A voz da morena ecoou no ambiente e fez Laura sobressaltar

ao ser pega desprevenida. Em um impulso, virou-se automaticamente no sentido daquele som. Laura havia acabado de vestir a camisa social, mas não havia fechado os botões. Por dentro, usava um top de cor branca, que naquele instante acabou ficando à mostra, juntamente com seu abdômen.

— O que eu fiz dessa vez? — Perguntou enquanto caminhava em direção à mulher e ia fechando um por um daqueles botões, de baixo para cima.

O olhar de Elisa recaiu sobre aquela região por breves segundos, mas rapidamente subiu e se fixou na face de Laura.

— Será que você não é capaz de apenas fazer o que peço sem precisar ficar questionando tudo? — Respondeu assim que a funcionária parou de frente para ela, na porta. — Sua voz não é das melhores a ser escutada, então poupa um pouco os meus ouvidos e juízo.

Elisa deu as costas para a funcionária e foi se direcionando para o escritório. Laura, caminhando atrás dela, esboçava expressões debochadas enquanto a seguia.

— Sábado será o último dia de exposição do colar — iniciou quando já estavam de frente, na sala. — Então vou solicitar que você e os outros funcionários estendam a carga horária. Em vez de fechar às três, fecharemos às sete, assim como acontece nos dias úteis. Sábado é o dia que o antiquário mais enche, então quero aproveitar a oportunidade.

— Hum... É que eu havia marcado um compromisso para esse sábado.

— Desmarque. É justamente por isso que estou avisando com três dias de antecedência para que você e os outros funcionários possam se programar.

O tom que Elisa usava em sua fala era seco, frio e autoritário, fazendo Laura repudiar por completo aquela forma de tratamento.

“Nos programar, ou largar tudo o que havíamos planejado para realizar a sua soberana vontade?” — Pensou. — Eu vou ver o que consigo fazer...— A entonação de Laura demonstrava sua chateação. — Droga, lá se vai meu programa — pensou em voz alta.

— Pelo que sei de você, é nova nessa cidade — comentou Marques, atraindo a atenção da mulher. — Não acredito que tenha algo tão importante pra fazer, que não possa adiar.

— Você não pode fazer suposições sobre a minha vida — respondeu-a com seriedade, mas em baixo tom de voz. Não queria iniciar um clima ruim em plena sete e quarenta e cinco da manhã. O expediente sequer havia iniciado.

— Eu disse alguma mentira? — Continuou a desdenhar.

— Olha Elisa, eu tenho uma pessoa que virá me visitar final de semana. Minha relação com ela é importante, sinto lhe informar. Se você é sozinha e não gosta de socializar, aí não é comigo. Mas, eu gosto. E não se preocupe, colocarei meu trabalho à frente e estarei aqui cumprindo minhas obrigações.

— Não foi você que disse que não gosta que eu faça suposições sobre a sua vida? Por que está fazendo sobre a minha? — Rebateu, dessa vez, com o tom de voz um pouco elevado. — Escuta bem o que vou te dizer, pois direi somente uma vez. — Caminhou até Laura e parou a poucos centímetros de distância. — Você enxerga de mim apenas o que eu quero que enxergue.

Laura nunca seria capaz de entender como uma pessoa conseguia ser tão irritante quanto aquela à sua frente. Para a loira, o que ela tinha de beleza, possuía de chatice também. E por falar em beleza, não passou despercebido que Elisa era ainda mais bonita quando olhada de tão perto. Os pequenos e intensos olhos castanhos contrastavam com os volumosos lábios sempre pintados de vermelho. Se havia algo em que sua amiga Bianca estava certa, era sobre dizer que Elisa Marques fazia seu tipo de mulher.

Elisa possuía traços físicos delicados e bastante femininos. Suas roupas, sempre elegantes, faziam jus à toda aquela postura imponente. Era, sem dúvida, uma aparência atraente. Exalava vaidade, autonomia e dominância. Se tratava de uma mulher difícil de lidar, mas, instigante pelo mesmo motivo...

— Ok, nada de suposições — disse a loira, um pouco perdida em seus próprios pensamentos. — Vou trabalhar com afirmações a partir de agora. E existe uma que eu adoraria fazer sobre você...

Por um momento, as expressões faciais da mais velha tornaram-se confusas. Seu olhar estava fixo naquelas íris verdes que irritantemente teimavam em desafiá-la.

— Vá em frente.

— Você ainda não me demitiu porque sabe o que posso oferecer à sua loja. Por mais que não goste de mim, sabe que faço muito bem o meu trabalho.

Com um sorriso irônico nos lábios, Elisa tentava não deixar transparecer sua raiva.

— O legado dos meus pais vive e cresce até os dias de hoje sob o meu controle. Cada concorrente meu lá fora daria uma vida para saber o que sei. Eu cheguei muito longe, e não foi com você ao meu lado. Então, Laura... — Elisa levou a mão até a face da loira e a segurou na ponta do queixo. — Eu posso seguir sem você — concluiu, penetrando seu olhar profundamente naquele par de olhos à sua frente, na falha tentativa de intimidá-la. Mas, o que não sabia, era que estava lidando com uma oponente à altura.

Laura tocou no pulso referente à mão que estava em seu queixo, e o segurou com firmeza.

— Então por que ainda não me demitiu?

— E por que *você* não se demitiu? — Rebateu com uma pergunta.

Em um gesto involuntário, a mais nova fechou ainda mais a mão em volta do pulso de Elisa e a segurou com mais firmeza. A essa altura, a mão da mulher já não estava em seu queixo. Naturalmente, sem que ambas percebessem, o braço de Elisa havia abaixado devagar até atingir a posição natural. No entanto, Laura ainda a segurava.

— Porque preciso desse emprego. Eu gosto do que faço aqui, acredite. Mas, me relacionar com você é uma árdua luta diária.

— Ah, claro, como se conviver com você fosse fácil — disse em tom de sarcasmo.

Laura sabia que Elisa precisava de seus serviços, mas também sabia que a mulher não iria admitir aquilo. Sendo assim, resolveu não insistir naquela pergunta.

— Por que você age assim? — Perguntou com suas íris fixadas naqueles castanhos que ainda observavam-na minuciosamente.

— Assim como?

— Como se quisesse me matar.

— Te matar? Por favor, não vamos chegar a tanto. Eu só não tenho muita paciência.

— Paciência nenhuma, eu diria — resmungou baixinho.

Quando as duas mulheres finalmente perceberam que a loira ainda a segurava pelo pulso, Laura desafrouxou os dedos e soltou aquela região. No entanto, seus corpos ainda se encaravam a uma curta distância.

Por mais que desaprovasse muitas das atitudes de sua chefe, havia algo naquela mulher que a instigava e prendia. Laura não conseguia compreender como uma pessoa tão áspera, que sempre fazia questão de deixar claro quem mandava ali, conseguia ter comportamentos justos também. Assim como no dia em que pediu para ela resolver a questão dos produtos mal distribuídos pela loja, para que Júlia e Lillian se igualassem no salário. Ou até mesmo quando fez questão em pagá-la pelo conserto do computador. Aquelas atitudes positivas, mesmo que poucas, não possuíam compatibilidade com aquela personalidade tão fria e agressiva.

"Quem verdadeiramente é você, Elisa?" — Pensava a loira consigo mesma, enquanto se encaravam em silêncio. Está aí uma dúvida que ela gostaria de sanar.

Em poucos instantes, Laura observou o olhar de Elisa desviar para os seus cabelos. Essa era outra atitude da mulher que muito a intrigava. Contudo, diferente das outras vezes, Marques parecia olhar com ainda mais atenção e interesse. Suas expressões faciais, antes irritadas, haviam suavizado, e Laura quase teve a impressão que Elisa ia tocar em seus cabelos. *Quase*. Infelizmente precisou conviver com a dúvida, pois o momento entre elas foi interrompido pelo barulho de algum funcionário que acabara de chegar.

— Não esqueça de comunicar a equipe sobre sábado. — Quebrou o silêncio, no mesmo instante em que deu um passo para trás. — Agora pode se retirar.



Era sábado bem cedo quando Laura acordou e tateou pelo aparelho celular sobre a mesa de cabeceira. Gostava de conferir as notificações enquanto ia despertando calmamente. Havia desmarcado a visita de Bianca dias atrás, pois hoje seria o sábado em que ficaria no serviço até mais tarde.

Ao desbloquear a tela do aparelho, percebeu uma notificação no aplicativo de sua conta bancária. Ao abri-lo, constatou que o salário do último mês havia caído em sua conta. Confusa, franziu o cenho enquanto olhava para o valor de seu pagamento. Estranhou a quantia que ali havia, e resolveu abrir o e-mail para conferir o contracheque que mensalmente era enviado a ela pela contadora de Elisa.

— Hum... Que estranho...

A loira saiu da cama, tomou um banho, ingeriu uma vitamina de café da manhã e, antes de sair de casa, ligou o computador e imprimiu o contracheque para mostrá-lo à chefe mais tarde.

Assim como Elisa havia previsto, o sábado foi de muito movimento. Visitantes de toda parte não paravam de chegar para prestigiarem aquela relíquia em sua vitrine. Foi um ótimo dia para vendas e troca de contatos com comerciantes interessados naquelas antiguidades.

— Nossa, que paz sem ela aqui — comentou Laura, ao se juntar à Débora no caixa.

— Está sendo muito difícil o convívio com a vampira? — Brincou a funcionária, rindo.

— Você não imagina o quanto.

Já era quase seis horas da noite, faltava pouco mais de uma hora para a loja fechar e a dona ainda não havia comparecido ao lugar. Laura sentia uma paz inigualável. Lembrou-se dos períodos de experiência onde podia trabalhar sem tanta pressão em suas costas.

— A Elisa parece que sente quando estamos falando nela, pois acabou de chegar...

Ao ouvir o comentário de Débora, a loira automaticamente direcionou o olhar para a entrada. Diferente de todos os dias, Elisa não estava vestida com roupas sociais. Pelo contrário, seu look despojado estava composto por uma calça jeans preta, ligada ao seu corpo, blusa e jaqueta de couro preta. Com sua mão direita, puxava uma pequena mala de viagem. A única coisa que não mudou, foram os saltos em seus pés, que sempre lhe traziam charme, feminilidade e elegância. Elementos que não abria mão.

— Beleza ela tem, puta que pariu — comentou Débora, ao vê-la passar pelo balcão. — Quando crescer, eu quero ser assim — continuou a dizer. — Só o brinco que essa mulher usa, já deve ser o meu salário de uns cinco meses. No mínimo.

— Como você é boba — disse a gerente, em meio a uma risada baixa. — Mas é provável que sim — concordou. — Bom, por falar em salário, aguenta as pontas aqui, que eu preciso ir falar com ela, ok? Qualquer problema, me chame. — Débora apenas assentiu.

Após algumas batidas na porta, Laura escutou a voz da morena autorizando sua entrada. A mulher estava sentada em sua cadeira e mexia no computador.

— Elisa, não quero atrapalhar, mas gostaria de conversar algo com você. Teria alguns minutos?

Laura retirou do bolso o contracheque que imprimira em casa, e aproximou-se da borda da mesa, mas não se sentou.

— Diga.

— Você poderia me olhar?

Elisa soltou um suspiro impaciente, pausou o que fazia em frente ao computador e ergueu o olhar até encontrar as íris que a aguardavam.

— Qual o problema dessa vez?

— É sobre isso que vim conversar.— Laura desdobrou a folha do contracheque e a entregou nas mãos da chefe. — Acho que sua contadora se equivocou no meu pagamento.

— Impossível, ela nunca se engana — disse ao pegar o papel para analisá-lo. — Qual o problema aqui? Está faltando algum valor?

— Não, é justamente o contrário. Meu salário e comissão estão corretos.

— Então qual o problema? Por favor, não faça eu perder meu tempo — resmungou ao largar a folha sobre a mesa.

— Está faltando o desconto pela xícara que quebrei semanas atrás — explicou. — Você informou à contadora?

— Não. Seu salário está correto — respondeu em tom sério, porém, baixo.

— E o desconto pelo que quebrei?

— Laura, seu salário está correto. Qual a dificuldade em compreender minhas palavras?

"Meu Deus, que mulher grosseira! E qual dificuldade você tem em me tratar com educação?" Pensava internamente. — Não vai me descontar por ter trincado a peça?

— Não, Laura. Não vou.

"Laura." É a terceira vez que ela me chama pelo primeiro nome essa semana. Isso seria um bom sinal? Está sendo a arrogante de sempre, mas não descontou qualquer quantia do meu pagamento. Hum... Dizem que a calmaria sempre vem minutos antes da tragédia. Ai ai, Elisa... Vai me deixar louca nesse um ano. O que esperar de você a seguir?"

Esses eram os pensamentos da loira enquanto observava a mulher à sua frente.

— Obrigada por isso.

— Não se acostume. Na próxima vez, sou capaz de terminar de quebrar o objeto na sua cabeça.

Laura sorriu e riu genuinamente para ela naquele fim de tarde. Foi a primeira vez que Elisa havia lhe despertado uma emoção positiva desde que haviam se conhecido. E embora as palavras da mulher não tivessem sido

das mais amigáveis, soube reconhecer que suas intenções foram boas, por ora.

— Vou aproveitar que já está aqui, pra fazer um comunicado. — Elisa desligou o computador e começou a organizar algumas coisas na mesa e na prateleira enquanto dialogavam. — Hoje farei uma viagem e ficarei alguns dias longe. Deixarei a loja inteiramente sob seus cuidados. Acredito que até quarta-feira eu esteja de volta.

A gerente a ouvia com atenção, ao mesmo tempo em que observava seus movimentos. Embora não simpatizasse muito com ela, não deixou de perceber o quão bonita e atraente estava naquela roupa. Sem querer, seu olhar depositou-se sobre Elisa e acabou contornando o corpo dela no instante em que a morena virou de costas para depositar algo na prateleira que Laura nem se atentou a olhar. Foi inevitável não perceber o volume que havia atrás. A calça era justa o suficiente para contornar todas as curvas. A mais nova precisou balançar a cabeça para expulsar os intrusos pensamentos.

— Você tem meu celular. Quero que entre em contato comigo se por ventura alguma coisa desandar por aqui. Mas, só fale comigo se realmente for necessário e eu tiver como solucionar. Do contrário, não quero ser incomodada. Estamos entendidas? — A loira apenas assentiu com a cabeça. — Ótimo.

— Já está indo?

— Ainda não, vou esperar a loja fechar pra recolher o colar. O aluguel já terminou e preciso devolvê-lo ainda hoje, antes de embarcar.

— Entendi. Algo mais?

— Não, apenas isso.

A loira retornou para o salão e cumpriu suas funções até o horário de fechamento. Quando todos se foram, aguardou Elisa retirar a joia da vitrine para guardá-la.

— Como eu gostaria que fosse meu...— dizia a morena, ao segurar o colar e admirá-lo.

— Quer tirar uma foto com ele? — Ofereceu Laura, receosa. Afinal, qualquer palavra que saía de sua boca era motivo para um conflito. O que a

loira não imaginava, era que dessa vez o comportamento da mulher seria diferente.

— Adoraria.

— Ok. Com o meu celular ou com o seu?

— Pode ser com o seu se estiver mais acessível. O meu já está no fundo da bolsa.

Enquanto a gerente preparava a câmera, Elisa tentava fechar o colar no pescoço. Ao notar que a mulher estava com dificuldade, a mais nova se ofereceu para ajudá-la. Laura entregou o celular e se posicionou atrás dela. Cuidadosamente, a tocou nos cabelos e os afastou de modo a deixar a nuca à mostra para que pudesse enxergar o fecho da peça.

— Cuidado pra não derrubar esse colar. — O comentário a fez revirar os olhos e ignorá-lo.

Tendo em vista que o comprimento dos fios castanhos era curto, a mais velha precisou ajudar a contê-los para que não voltassem a cobrir a nuca. Sendo assim, suspendeu os próprios fios enquanto sentia a gerente terminar de fechar a peça em torno de seu pescoço.

— Pronto. Agora fica parada, que eu vou fotografar.

Elisa não sorriu para a câmera, porém, suas expressões estavam suaves como se estivesse à vontade com aquela situação. Seu par de olhos, sempre muito vívidos e penetrantes, miravam o celular enquanto aguardava a captura. Laura, que estava a menos de dois metros, alternava entre olhá-la no visor e pessoalmente, enquanto a enquadrava da cintura para cima. O batom vermelho fazia uma bela combinação com o colar em seu pescoço. Laura não sabia se era um rubi, mas confirmaria com a morena em alguma outra ocasião; pois nessa, seu foco e atenção estavam na imagem de seu visor e na mulher estática à sua frente.

— Uma já foi.

— É o bastante — disse ao se mover.

— Me deixa tirar só mais uma? Aí você decide qual a melhor. Porque pelo pouco que conheço de você, vai soltar os cachorros em mim se não gostar dessa.

— Já me conhece tanto assim?

— O suficiente para não arriscar.

Elisa não disse nada mais, porém, se posicionou estática, e então a loira compreendeu aquilo como um sim. Aos poucos estava percebendo que

precisava lê-la nas entrelinhas, e que nem sempre, ou quase nunca, a morena seria direta em suas palavras.

— Me permite fazer uma coisa? — Pediu Laura, receosa.

— O quê?

A loira interrompeu a atenção que dava à tela do celular e se aproximou de Elisa. Quando estava próxima o suficiente, percebeu as expressões da mulher se tornarem confusas.

— Seu cabelo. Queria ajeitá-lo para a foto. Esse colar é digno de uma fotografia à altura.

— O que tem de errado no meu cabelo?

— Absolutamente nada. Confia em mim?

Lentamente, para dar tempo de Elisa acostumar-se com aquela ideia e com aquele contato, Laura levou uma das mãos até raiz daquele cabelo castanho quase negro e aguardou as reações da mulher. Constatando que ela nada fez, mergulhou a ponta dos dedos naqueles fios e os jogou para o lado. Elisa a olhava como se não compreendesse o que aquela atitude significava. Suas habilidades sociais eram quase nulas e até cogitou a ideia de repelir aquela atitude, mas não o fez.

— Pronto!— Quer ver como ficou?

— Em outra hora, Laura.— A mais velha saiu da posição, se moveu apressada e começou a recolher os últimos pertences.— Me manda pelo celular que eu vejo depois — pediu enquanto terminava de conferir se havia pego tudo.

Sem mais nada dizer, levantou a alça da mala com rodas e começou a puxá-la para fora do escritório. A gerente, por sua vez, apagou todas as luzes e saiu em tempo de encontrar a chefe na calçada, solicitando um táxi. Quando finalizou o fechamento do portão de ferro, pensou em ir até a morena ou desejá-la uma boa viagem ainda que de longe. Contudo, acabou desistindo da ideia, pois sabia que a mulher provavelmente ignoraria suas palavras.

Na noite daquele mesmo dia, Laura terminava uma partida de jogo no computador quando se lembrou de enviar as fotos para a mais velha.

Tendo em vista que precisou desmarcar a visita de Bianca, havia se reunido a ela e mais alguns amigos através de uma partida online.

Ao desligar o aparelho e deitar na cama com o celular, selecionou as fotos de Marques na galeria e as enviou pelo aplicativo de conversas, acompanhadas de uma mensagem que dizia:

“Aqui estão suas fotos de mais cedo. Espero que alguma te agrade. Boa noite.”

Laura respondeu alguns recados do pai, de amigos e de Débora. Entre uma mensagem e outra, seus olhos começaram a pesar, dando indícios de sono. Quando rolou a lista de contatos para abrir a conversa com Bianca e lhe desejar boa noite, percebeu que sua chefe tinha atualizado a foto de perfil para uma das que ela havia tirado. Embora a morena não tivesse respondido a mensagem- pra variar- aquela atitude de usar a foto serviu para fazê-la perceber que Elisa havia gostado.

Quando amanheceu, se permitiu ficar enrolando na cama até mais tarde. Era seu dia de folga e precisava recarregar a bateria do corpo. Durante o domingo recebeu ligação do pai, limpou e organizou a casa, jogou no computador e desenhou alguns rascunhos. Apesar da difícil relação com Elisa Marques, sentia-se feliz com a nova vida. Em alguns dias, como hoje, a saudade dos amigos batia. No entanto, estava satisfeita com a rotina que vinha levando. Em Hills Dale tudo funcionava sem burocracia, o índice de violência era baixo, a economia bem desenvolvida e, diferente de onde morava, a cidade estava sempre limpa. Laura apenas não conseguia compreender o que acontecia na rua de sua chefe. Outro dia, enquanto fazia uma de suas corridas, encontrou uma senhora varrendo a calçada muito próxima à casa de Elisa. Como quem não quer nada, tentou puxar assunto até chegar no ponto em que realmente a interessava. Porém, muito estranhamente, a senhora desviou da conversa e entrou em casa. Seja lá o que tivesse acontecido por lá, era algo que ninguém estava disposto a comentar.

Mesmo sozinha, resolveu ir finalizar seu dia de folga dando umas voltas no centro da cidade. Enquanto passeava pelas ruas e entrava em

algumas poucas lojas que funcionavam naquele domingo, pôde observar a desigualdade social mesmo em um lugar com uma boa política pública de sustentabilidade como Hills Dale. Construções luxuosas contrastavam com moradores de rua pedindo ajuda em algumas calçadas. Poucas coisas na vida a deixavam tão triste quanto um cenário como aquele. Não conseguia acreditar como os governantes vendavam os olhos perante a situações de pobreza extrema. Na verdade, Laura sabia exatamente como as coisas funcionavam; enquanto existisse um povo vivendo em situação de precariedade e sem estudo, haveria uma elite liderando os países em prol de seus próprios interesses pessoais.



— Pronta para ter alguns dias de paz? — Perguntou Débora, chegando no trabalho para mais uma nova semana.

A gerente se olhava no espelho quando escutou o comentário que a outra fizera. Sem nada dizer sobre o assunto, apenas soltou uma baixa risada e balançou a cabeça negativamente.

— Já conseguiu descobrir se ela é vampira, bruxa ou algo do tipo?

— Débora, desculpa te desapontar, mas ela é apenas um ser humano. Não fantasia, vai?

— E por que só se veste de preto e tem aquela aura estranha? E a casa sem vida?

— Ah, não sei, é apenas o jeito dela. As pessoas não são iguais.

— Eu sei. Mas ninguém é como ela.

Laura terminava de se arrumar enquanto finalizava a conversa com a funcionária.

— Hum... Elisa é mesmo diferente — concordou. — O pior é que não consigo decifrá-la. Quase sempre me trata de uma forma horrível, mas às vezes possui atitudes legais. Você acredita que não descontou aquela xícara do meu salário?

— Mentira! Eu achei que ela fosse te fazer pagar com a alma!

— Verdade. Até fui conferir se estava certo, pois também não acreditei. Confesso que também achei que fosse me fazer pagar com a vida.

— É de se surpreender mesmo...— disse pensativa. — Mas deeeixa eu ir abrir o caixa, que já está chegando a hora!

— Vai lá, depois nos falamos...

Durante os próximos dias que se sucederam, Laura liderou a equipe na mais perfeita harmonia; sem ordens nas suas costas a cada meia hora, sem vozes alteradas, sem embates, sem Elisa. A tranquilidade era tamanha, que em alguns momentos estranhava e possuía a impressão que Marques a estava chamando ou observando de algum lugar. Todavia, com o decorrer dos dias, foi se acostumando com a calmaria e conseguindo relaxar completamente.

Às vésperas da morena retornar, a gerente precisou entrar no escritório para guardar algumas correspondências que haviam acabado de chegar. Quando o fez, as depositou sobre o teclado do computador e colocou um porta canetas sobre elas para que não voassem. Antes de deixar o lugar, resolveu olhar em volta com atenção e decidiu se aproximar do enfeite de navio. A loira havia percebido que, para a chefe, ele parecia se tratar de algo que ia além de um objeto decorativo. Há poucos dias fora capaz de notar que Elisa o olhava com muita atenção e certa melancolia. E por se tratar de um enfeite com algumas marcas de uso, somado à data que nele estava cravada, chegou à conclusão de que talvez pudesse se tratar de alguma lembrança afetiva.

Em meio a tantos pensamentos enquanto observava aquele navio, começou a questionar o porquê de estar interessada no que acontecia ali. Embora fosse demasiadamente curiosa, admitia que estava sendo ainda mais quando se tratava daquela mulher. O fato de não ter as respostas sobre a mesa, muito provavelmente, era o que mais a instigava.

Ao olhar para a cadeira de Elisa, antes de sair, se perdeu por lá por mais alguns instantes. E por mais estranho que pudesse parecer, lembrou-se dos embates que vinham ocorrendo entre elas e sentiu algo que chegava muito perto da palavra “saudade”. Na verdade, talvez não fosse saudade o

que a loira sentiu ao olhar a cadeira vazia. Contudo, por um milésimo de segundo, sentiu a falta de Elisa no ambiente. Já estava tão acostumada com a presença contínua, que estranhou a ausência. Afinal, mesmo que a mulher e ela não se gostassem, estavam construindo uma relação.

Ali, olhando para aquela cadeira, Laura admitiu a si mesma que também não era uma pessoa tão fácil de lidar. Logicamente tudo se tornava ainda mais difícil quando se tinha uma pessoa nas costas com dizeres arrogantes. Porém, de qualquer maneira, reconhecia que não estava sendo capaz de ter a paciência que Fiona solicitou. Em meio a tantos pensamentos conflituosos, começou a se questionar sobre como iria levar tudo aquilo adiante. Não queria ter que passar um ano de sua vida trocando farpas com alguém. Tampouco pretendia abaixar a cabeça enquanto se sentia ofendida de alguma forma. Se tratava de um grande dilema.

O que Laura Garcia não sabia, e talvez viesse a descobrir pouco mais a frente, é que precisaria olhar para Elisa Marques e enxergá-la, em vez de apenas atravessá-la, como vinha fazendo. Quando ela fosse capaz de ver a verdadeira mulher que estava ali, talvez também fosse capaz de encontrar a paciência a qual Fiona mencionou. Elisa era mais que suas vestes pretas, suas palavras arrogantes ou sua estranha mania de comer palmitos em conservas. Porém, tudo o que existia por trás dessas camadas estava silenciado e perdido em um tempo que há muito já ficou para trás.

Na noite daquele mesmo dia, quando chegou o momento de sair para correr, passou em frente à casa escura e sem vida de Elisa. Hoje a residência parecia ainda mais sombria, pois sequer a luz da janela estava acesa. A loira sabia que a mais velha havia viajado, então resolveu se demorar ali um pouco mais. Laura possuía uma percepção bastante analítica, e sua mente a fazia pensar incontáveis razões que justificassem suas curiosidades. Como por exemplo: *motivos que pudessem ter levado Elisa a permanecer em uma casa tão esmorecida.*

Ao mesmo tempo em que olhava para a janela do segundo andar, correlacionava aquele ambiente com a personalidade e até mesmo as roupas da morena. Recordou-se que desde que começara a trabalhar no antiquário, nunca a viu esboçar um sorriso. Não um sorriso genuíno. Tudo o que fez,

foi forçar simpatia para a câmera quando foram cobrir uma matéria na loja. Fazendo a relação daquela casa recoberta por plantas secas, das roupas escuras e da personalidade amarga, Laura começou a questionar se havia alguma questão emocional envolvida. Ela sabia que talvez a chefe não passasse de uma arrogante sem motivo, sim. Mas também começou a cogitar sobre a possibilidade de haver algo mais.

Esses dias longe de Elisa a fizeram pensar na mulher de uma maneira diferente. A fez olhá-la e analisá-la de fora, numa outra perspectiva. Laura vinha estado tão imersa nas grosserias de Marques, que seu único pensamento era o de rebatê-la e pedir demissão. Contudo, nos últimos dias conseguiu pensar nela e não sentir apenas raiva. Até chegou a recordar do dia em que a chefe permitiu que arrumasse seus cabelos para a fotografia.

Ainda olhando para a fachada da grande casa de dois andares, perguntava mentalmente se Elisa possuía filhos ou familiares. Casada imaginava que não era, pois nunca viu qualquer aliança em sua mão. Se ela realmente vivia sozinha, por que um lugar tão grande? *"Deve ser solitário"* — pensou.

Quando o dia amanheceu, vestiu um dos conjuntos que mais gostava para ir trabalhar. Se tratava de uma calça social preta com bolsos laterais, uma camisa branca de manga 3/4 e um blazer preto que ocasionalmente usava aberto por cima quando estava mais frio. Principalmente quando o ar condicionado estava com a temperatura muito baixa.

Chegando ao antiquário, seguiu o ritual de todos os dias e em seguida começou a retirar o manequim da vitrine, visto que sua chefe já havia feito a devolução do colar. A quarta-feira seguia com pouco movimento. Quase nulo, sendo mais exata. Sendo assim, aproveitou o tempo ocioso para andar pela loja e mexer em alguns objetos. A seção das caixas de música era a que mais a agradava.

Enquanto as observava e fotografava com um sorriso nos lábios, escutou o som de passos invadindo o ambiente. Laura não deu importância, pois seja lá quem fosse o cliente, Lillian e Júlia atenderiam. No entanto, breves instantes depois, pôde constatar que um silêncio se estabeleceu no lugar, indicando que nenhuma das vendedoras se prontificou em receber a pessoa que chegou. Em razão disso, Laura guardou o celular no bolso e se

virou para ver quem havia entrado. Quando o fez, deparou-se com a imagem da chefe, que retornara de viagem.

Era pouco mais de quatro horas da tarde e a loja estava completamente vazia, na ausência de qualquer cliente. No meio do salão estava Elisa, caminhando em direção à própria sala. Hoje ela usava um jeans preto e camisa de gola alta, sem mangas. Visto que a mulher puxava uma mala, a mais nova pôde constatar que havia ido para lá direto do aeroporto. Após aquela chegada, não demorou mais que cinco minutos para o celular vibrar dentro do bolso.

“Srta. Garcia, venha à minha sala.”Dizia a mensagem.

Carregando certa ansiedade, Laura foi até o escritório e sentou-se na cadeira de frente para a mulher.

— Boa tarde, Elisa. Como foi a viagem? — Perguntou educadamente, mas teve a pergunta ignorada.

— Aconteceu algo marcante enquanto estive fora? Alguma novidade?

— Nada novo. Mas aquele tal de Rogério voltou a entrar em contato. Informei que não haveria a possibilidade de um desconto, mas continuou insistindo. Me pediu para que falasse com você novamente. Não há mesmo a menor possibilidade?

— A resposta é não — respondeu com seriedade ao encarar a gerente. — Por que você não cortou definitivamente o assunto? Não precisava nem vir falar comigo a respeito.

“*Cinco minutos na presença dessa mulher e ela já me fez lembrar porque não a suporto. Será que é tão difícil falar mais educadamente*?” Pensava ao olhá-la. — Ok, na próxima vez eu encerro de uma vez essa questão.

— Por favor! Se fosse para qualquer outra pessoa, eu pensaria a respeito. Mas, não para esse homem — disse, por fim. Laura nada mais questionou sobre o assunto, o deixou morrer.

— Hoje o movimento da loja foi bem fraco pela manhã. E agora, no período da tarde, não apareceu nenhum cliente.

— Ótimo, então você está descansada o suficiente para trabalhar comigo aqui no escritório.

— Como assim? Aquelas notas fiscais de novo? — Descontente, perguntou. O semblante da loira era um misto de surpresa e desânimo.

— Não, preciso atualizar no sistema o preço de todas as peças. Haverá um aumento de dois por cento em cima de cada produto — dizia enquanto colocava algumas listagens para imprimir. — Vou trabalhar do computador e, você, com o meu notebook. Ficarei com a metade da lista e você com a outra. São incontáveis itens, então será impossível terminarmos hoje. Iremos atualizando os preços no sistema ao longo da semana.

— Ok...

Sem opção de escolha, Laura acatou o pedido, pegou o notebook, algumas folhas que acabaram de serem impressas e começou a trabalhar de frente para ela, compartilhando a mesa em lados opostos.

O silêncio no ambiente era quase absoluto; salvo pelo som das teclas do computador. A mais nova, ocasionalmente, buscava Elisa com o olhar e a encontrava inteiramente comprometida ao que fazia. Algum tempo mais tarde, quando não mais aguentou permanecer calada, resolveu romper a quietude:

— Posso te perguntar uma coisa?

— Vai em frente — disse a mais velha, ainda sem olhá-la. Elisa não desgrudava os olhos da tela.

— Você me odeia? — Perguntou sem rodeios, com total sinceridade, atraindo instantaneamente a atenção da morena para si.

— Se eu odeio você? Por favor, senhorita Garcia. Que pergunta sem cabimento. Ódio é um sentimento muito forte e ruim para se ter por alguém. Nós temos nossas desavenças e admito que você me irrita muitas vezes. Mas, isso está muito longe de ser chamado de ódio.

— Hum... Entendi. É que você me confunde. Às vezes age com grosseria, mas também tem comportamentos legais comigo. Igual quando quis me pagar pelo computador, ou quando não descontou o meu salário.

Laura olhava atentamente para o rosto da mulher. Dessa vez, diferente de minutos atrás, Elisa também olhava de volta.

— Ser justa é diferente de ser legal. Você me fez um serviço e eu apenas quis pagá-la por isso.

— E quando não descontou a xícara? Não estava sendo legal?

— Laura, você quer que eu desconte? Porque da próxima vez que perguntar sobre isso, vou pedir para a contadora descontar.

— Não, não. Está ótimo assim. Não está mais aqui quem falou — disse ao erguer ao mãos para cima.

— Seu problema é falar demais, questionar demais, senhorita Garcia.

"*Talvez o seu seja falar de menos*" — pensou consigo mesma.

Após aquele curto diálogo, se calaram e voltaram a atenção para a tarefa. Contudo, Laura permanecia olhando eventualmente para a mulher a sua frente. A mais velha esboçava uma expressão séria e concentrada; sequer se dava conta que a loira eventualmente a observava com interesse. Dona de um olhar marcante e intimidador, somado ao restante do conjunto facial que a deixava com cara de brava, Elisa provocava em Laura uma curiosidade incomum.

— Sabe o que dizem sobre você? — Garcia voltou a romper o silêncio.

— Depende, dizem muitas coisas a meu respeito — respondeu ao olhá-la.

— Comentam que você é uma vampira — soltou sem delongas.

— Já ouvi que sou bruxa, feiticeira... Mas, vampira? Essa é nova — mencionou em meio ao riso, chamando a atenção de Laura para seus lábios. Era a primeira vez que a loira a via rir. — As pessoas desse lugar possuem uma imaginação assustadora. Você também pensa que sou vampira, Laura?

— E-eu? Claro que não. De onde venho, ninguém acredita nessas coisas. Mas eu já percebi que as pessoas por aqui levam essa teoria sobre você muito a sério.

— Ah é? — Perguntou com interesse, fixando o olhar nas íris verdes que a encaravam com total atenção. — Então não vou fazer a menor questão de esclarecer as coisas. Deixe que pensem — piscou ao final da fala, arrancando de Laura um sorriso que veio acompanhado de um singelo riso no final.

— Isso deve ser coisa de cidade pequena — disse a gerente.

As duas mulheres permaneciam se olhando enquanto levavam aquela incomum conversa adiante.

— Oh, certamente. — Elisa voltou a soltar um pequeno e baixo riso, atraindo novamente a atenção da loira para seus lábios. Garcia ainda não era capaz de acreditar que havia feito sorrir aquela mulher na sua frente.

— Ontem, quando passei pela sua rua, percebi que todas as luzes da casa estavam apagadas. Você mora sozinha, não é?

— Estava espionando minha casa, senhorita? — Perguntou ao erguer uma de suas sobrancelhas.

— Espionando, não. Observando. É diferente. Se trata de uma residência grande e chamativa, não tem como não olhar — admitiu.

— Sim, eu moro sozinha — respondeu um pouco seca, desfazendo o ar de riso.

— Hum...

— Você é curiosa assim com todo mundo, ou eu dei má sorte?

— Ah, eu sou curiosa assim mesmo, desde que me entendo por gente. Mas, admito que com você eu sou um pouco mais.

As duas mulheres começaram a alternar a atenção entre a tarefa e uma à outra.

— Por quê?

A gerente aproveitou que a mais velha havia dado o mínimo de abertura, e então começou a expressar seus pensamentos:

— Porque você é muito misteriosa... — assumiu sem rodeios.

— Bom, essa é uma das características marcantes de um vampiro — brincou, proporcionando em Laura um riso descontraído.

— Eles são fisicamente imponentes e inexpressivos — disse a loira, complementando a fala de Elisa. — São misteriosos, cheios de conflitos internos e sedutores — continuou a dizer. — Então eu acho que podemos dizer que você é um deles.

As duas se encaravam em silêncio. De um lado, a loira estava receosa quanto à resposta que receberia. Visto que já conhecia o humor instável da chefe, uma reação agressiva poderia vir a qualquer momento. Do outro, Elisa se perguntava de onde aquela funcionária tirava aquelas coisas. Aos seus olhos, aquela gerente era completamente diferente de Fiona; possuía ousadia.

— Talvez...— respondeu-a vagamente.

Elisa desviou o olhar daquelas íris verdes e o depositou sobre os cabelos loiros. Aquela atitude muito intrigava a mais nova, que, por sua

vez, conteve a curiosidade de perguntar por que ela o fazia.

— Você veio morar sozinha em Hills Dale?

— Sim. — Laura retirou o blazer e o depositou nas costas da cadeira enquanto falava. — Eu já morava sozinha antes — explicou. — Porém, na minha outra cidade eu tinha meu pai por perto, alguns primos e amigos.

— Você não sente falta deles?

— Todos os dias. Principalmente da minha melhor amiga.

— E o que te fez deixar tudo para trás e vir morar aqui?

— Devo dizer que foi o cansaço mental, principalmente. — Com os cotovelos apoiados sobre a mesa, Laura mexia o antebraço e as mãos enquanto dialogavam. — Sabe quando você já está saturada da vida que está levando? Foi exatamente o que me aconteceu, uma necessidade de mudança. Era extremamente estressante a realidade que eu vivia.

— Então resolveu se mudar para Hills Dale, mais precisamente para o meu bairro, e tirar o meu sossego.

— Mas é você que tira a minha paz — rebateu.

— Se a minha existência tira a sua paz, não é da minha conta. Estou aqui apenas para orientá-la como quero que as coisas sejam feitas. Agora vamos trabalhar.

“Meu Deus, que mulher instável” — pensou a loira, instantes antes de se dedicar com afinco àquela tarefa.

Mesmo concentrada ao que fazia, Laura não perdia a mania de observar a mais velha quando a mesma estava compenetrada em suas tarefas. Quando trabalhavam juntas no escritório, era o único momento em que possuíam uma proximidade física tão grande. E, juntamente a essa proximidade, vinham os detalhes que no dia a dia a loira deixava escapar. Como por exemplo: os cílios volumosos de Elisa, provenientes de algum rímel.

Laura traçava visualmente os detalhes da mulher. Os cílios eram volumosos e, especificamente hoje, o olhar estava ainda mais marcante pelo lápis preto. A pele não aparentava muita maquiagem, em contrapartida com os lábios, muito bem destacados pelo batom de coloração vinho. Os cabelos de Elisa eram castanhos bem escurecidos, quase negros. Possuíam um corte chanel repicado acima dos ombros. Elisa sempre se sentava com postura e elegância. Quando caminhava, esbanjava charme e sensualidade. Era, sem dúvida, uma linda mulher. E Laura sempre reforçava esse pensamento

quando podia olhá-la com calma. Não conseguia negar que Elisa era extremamente atraente, *apesar de tudo*.

O perfume que ela usava também possuía um traço marcante e envolvente. Sua fragrância invadia as narinas de Laura desde que entrara naquela sala.

— O que está olhando? — Perguntou ao se deparar com o olhar da gerente sobre si.

— Nada...— respondeu vagamente ao voltar a atenção para o notebook.

Segundos depois, a mais velha soltou uma reclamação consigo mesma:

— Droga, meu computador travou! — Resmungou enquanto deslizava o mouse com rapidez na tentativa de ver o cursor se mover. — Essa droga de programa é muito pesado, isso eventualmente ocorre quando estou atualizando os preços!

— Estou percebendo, o notebook também está um pouco lento com ele aberto. Seria bom contratar um sistema mais leve.

— Pois é, preciso solucionar isso o quanto antes.

Algum tempo depois, enquanto via a morena permanecer deslizando o mouse e dando cliques na tela, a gerente se ofereceu para ver o que poderia ter acontecido. Elisa deslizou com a cadeira, abriu passagem e aguardou a loira, que prontamente se curvou ao seu lado até ficar em uma altura onde pudesse mexer no mouse e teclado. Laura se concentrou tanto no problema do computador, que não conseguiu perceber que a chefe a observava ali, tão próxima de seu rosto.

Elisa Marques era uma mulher extremamente observadora; habilidade adquirida desde que começou a trabalhar com objetos antigos. Precisou desenvolver essa virtude juntamente com a atenção para ser capaz de analisar com cautela todas as peças que adquiria para sua loja. Nenhum defeito, arranhão, amassados ou ferrugens passam despercebidos por seus olhos, por exemplo. Com o tempo, acabou transmitindo aquele senso analítico para as pessoas. Porém, não no intuito de julgá-las, como fazia com as peças. Mas, sim, com a intenção de saber com quem estava lidando. E, diferente dos objetos, as pessoas eram recipientes compostos por emoções, sentimentos e racionalidade. E eram justamente esses elementos

que Elisa mais analisava em alguém. No entanto, no momento em questão, o que olhava na mais nova era sua aparência física; pois sua maneira de se comportar, já havia sido analisada durante as últimas horas que passaram juntas.

Laura usava uma camisa com manga três quartos, então Elisa conseguiu observar alguns poucos pelos loiros que haviam em seu antebraço. Também reparou que a gerente ia todos os dias de rabo de cavalo, e que seu cabelo aparentava ser loiro natural. Os traços faciais eram bastante delicados, a começar pelos finos lábios e olhos pequenos. A chefe havia construído uma memória olfativa para Laura. Ela possuía o costume de identificar algumas pessoas pela fragrância do perfume, e o cheiro de Laura era uma fragrância que nunca antes havia sentido, então prontamente sua memória marcou como dela.

— Você chegou a salvar o processo enquanto fazia? — Perguntou a mais nova, recebendo um aceno positivo de cabeça. — Menos mal. Vou precisar acionar alguns comandos e forçar o aparelho a reiniciar para não precisar puxá-lo de uma vez na tomada.

— Ok.

— Quando travar novamente, evita sair apertando qualquer tecla e ficar clicando sem parar, pois você pode acabar acionando um comando que não deve.

— Está insinuando que eu travei o computador?

— Não, mas estou afirmando que sua atitude pode piorar a situação.

— Hum...

Laura se segurava para não rir da expressão de “contragosto” que a mulher esboçava.

— Pronto, resolvido, está reiniciando — comunicou ao retornar à postura ereta.

— Obrigada. Até que você entende bem dessas coisas...— admitiu em voz alta, pela primeira vez, um ponto positivo em Laura.

— Ou talvez seja você que entende de menos — implicou.

Elisa ignorou o comentário, se levantou da cadeira, caminhou até o pequeno frigobar que havia na sala e pegou uma garrafa de água mineral para beber enquanto o computador terminava de reiniciar.

— Seu celular está tocando — mencionou ao observá-lo sobre a mesa.

— Depois eu atendo.— Laura verificou quem era, conferiu a hora, o silenciou e enfiou dentro do bolso. — Está quase no momento de fechar a loja. Podemos continuar amanhã?

— Devemos. Vou verificar se ficou tudo certo e ir embora também.

A gerente fechou o caixa juntamente à Débora, se despediu da equipe e entrou na sala dos funcionários. Hoje iria embora com a roupa que estava, trocaria apenas os saltos para poder caminhar com conforto para casa. Após apagar as luzes e recolher a mochila, saiu da sala a tempo de ver a chefe deixando o escritório. As duas acabaram se encontrando nesse caminho. Em silêncio, caminharam quase lado a lado até chegarem na saída. Quando cruzaram a porta de proteção, perceberam que caía um temporal lá fora.

— Droga! Vou me molhar inteira! Justo hoje que estou sem carro porque vim direto do aeroporto — reclamava sozinha, enquanto a loira fechava o portão de segurança. A marquise que as abrigava da chuva era estreita e não as protegia inteiramente.

— Vamos ter que chamar um táxi — comentou a loira, certo tempo após concluir o fechamento e se aproximar da mulher. — Difícil será conseguir sinal no celular com esse tempo horroroso — dizia enquanto erguia o aparelho à procura.

Elisa também pegou o próprio celular e tentou encontrar. Porém, conforme o tempo passava, a chuva apenas piorava e nenhum sinal era encontrado.

— Vamos ter que ir a pé — sugeriu Laura.

— O quê? Sem chance!

— E o que você pretende fazer? Ficar aqui até a chuva passar?

— Vou continuar procurando sinal. Está fora de cogitação sair puxando essa mala debaixo de chuva.

— Tenho um guarda-chuva na mochila. Não é muito grande, mas dá para nós duas.

— Eu não vou a pé pra casa debaixo dessa chuva. Será que você não escutou o que eu disse?

Laura respirou fundo e contou até cinco para não perder a paciência além do limite.

— Então faça o que preferir, pois eu estou indo embora.

A loira tirou o guarda-chuva da mochila, o abriu e começou a se mover para longe dali. Porém, após alguns passos adiante, sua consciência não permitiu que prosseguisse e abandonasse a outra mulher para trás. Resolveu dar meia volta e insistiu uma vez mais.

— Elisa, eu sei que ir embora a pé nesse salto alto e debaixo de chuva, ainda mais ao meu lado, não é a melhor opção. Mas, é a única que você tem. Já está ficando toda molhada de ficar aí esperando! Vem, vamos?

Analisando aquela situação, a morena chegou à conclusão que não haveria escolha se não aquela. Desistiu de buscar sinal, segurou na alça da mala e caminhou para debaixo do guarda-chuva.

A tempestade estava forte, com ventania e céu escurecido. Na tentativa de se molharem o mínimo possível, Laura pediu para a mulher ficar bem próxima a ela, mas Elisa não obedeceu. Quando observou que ainda havia certa distância entre os corpos e que se molhavam desnecessariamente, tomou a atitude e deslizou a mão pela parte inferior das costas de Elisa até alcançar a cintura do outro lado. Quando puxou a mulher para si, até envolvê-la em seu braço, percebeu que a morena não se opôs; afinal, Elisa também não estava disposta a se molhar mais do que já estava. Todavia, Laura a sentiu quase estática junto a si. Pelo pouco que já a conhecia, sabia que estava profundamente desgostosa com aquela situação.

Caminharam em um silêncio constrangedor durante os doze minutos que se sucederam. Esse era o tempo gasto, aproximadamente, do antiquário até a rua da mais velha. Não era apenas Elisa que estava incomodada com o que estava acontecendo; Laura também se sentia demasiadamente desconfortável. Andavam lado a lado, unidas, com seus rostos próximos, mas sem ousarem se olhar. A situação se tornou ainda mais constrangedora quando chegaram em frente ao portão da grande casa.

Laura desafrouxou o braço e permitiu que Elisa se movesse livremente para fora daquele contato tão próximo. Sem jeito por não saber como a morena iria reagir àquilo, apenas aguardou enquanto a olhava.

— Impressionante como você é incapaz de compreender o que eu digo e de entender um não — reclamou, se afastando e procurando pela chave na bolsa.

— E você é incapaz de ser grata às pessoas — rebateu. — Dividi meu guarda-chuva, mas mesmo assim sou novamente a errada da história.

— Você me trouxe aqui porque quis. Eu estava muito bem onde estava.

Sobre o portão de Elisa havia uma pequena cobertura. Era debaixo dela que conversavam livres da chuva.

— Eu trouxe porque sou uma idiota e não teria coragem de deixar você naquela situação.

— Se está se achando uma idiota por isso, deveria ter me deixado lá.

— Vou anotar a sugestão — respondeu com seriedade, tentando camuflar sua chateação. — Por que ficou assim de repente, hein?

— Assim como?

Finalmente encontrou a chave na bolsa e pôde fixar a atenção apenas sobre a loira.

— Tão agressiva, uma vez que eu só quis te ajudar.

— Repito: fez porque quis. A contragosto meu, a propósito.

— Meu Deus, você é impossível! — Disse com a voz visivelmente alterada. — Olha, quer saber? Tanto faz. Estou indo embora, não tenho porque ficar aturando suas grosserias sem a menor necessidade. Já estou cansada.

A loira voltou a abrir o guarda-chuva, deu as costas e saiu de baixo da cobertura. Quando o fez, Elisa deu um passo em sua direção, mas ela não teve como vê-la. A mais velha, por uma pequena fração de tempo, pensou em abrir a boca e lhe pedir desculpas. Todavia, absolutamente nada saiu de sua garganta. Tudo o que fez foi observar as costas da loira enquanto a mesma tomava distância até desaparecer de seu campo de visão naquela noite chuvosa.

— *Laura... me desculpe...*

Quando finalmente um murmúrio saiu de seus lábios, já estava sozinha, sem qualquer vestígio da outra mulher. Lhe restando apenas o lamento e o arrependimento de não ter agido enquanto era tempo.



Ponto de vista Laura Garcia

Cheguei em casa completamente molhada. Corpo, cabelo, roupas, tudo. Ao deixar os calçados na área de serviço, fui diretamente para o banho à procura de algum conforto para aquela noite ruim. Enquanto a água morna caía em meu corpo, fui tentando relaxar a medida em que percebia o quão pesados estavam os meus ombros. Embora o movimento da loja tenha sido quase mínimo, tive um dia emocionalmente exaustivo. Meus pensamentos estavam a todo vapor e eu não conseguia parar de pensar no último comportamento de Elisa.

Por mais incrível que possa parecer, havíamos passado uma tarde agradável como nunca antes. Conversamos, coloquei para fora alguns pensamentos, e ainda a vi soltar algumas risadas pela primeira vez desde que nos conhecemos. Ela tem um sorriso tão bonito, deveria mostrá-lo mais vezes. Mas, de volta ao assunto... Pensei que talvez tivéssemos dado um avanço, mas estava enganada. Nos últimos dias até cogitei a ideia dela possuir razões que a levaram a ser tão fechada e amarga. Mas, após o que acabou de ocorrer, tenho certeza que ela realmente não deve passar de uma rica arrogante.

Saí do banho, vesti um pijama confortável e fui diretamente para a minha cama. Hoje não quis saber de jogar no computador e até o apetite perdi. Queria muito dizer que estou sentindo raiva, mas não é esse o

sentimento. O que habita em meu peito é tristeza e mágoa. É a primeira vez que me sinto assim a respeito dela.

Me sinto uma idiota. Sempre tentei construir uma relação agradável, mas tudo o que recebi foram arrogâncias e patadas. Deus sabe o quanto tentei, só que dessa vez eu cansei. Acho que eu merecia ao menos um pedido de desculpas.

Ainda era muito cedo para conseguir dormir, mas também não possuía vontade de sair daquela cama. Acabei pegando o celular para me distrair um pouco e avistei as fotos dela na minha galeria. Minha primeira atitude foi excluí-las; coisa que eu já deveria ter feito quatro dias atrás.

Quando finalmente amanheceu, fui trabalhar sem muito ânimo. Débora foi a primeira a notar meu baixo astral. Só de pensar em conviver mais um dia com Elisa, me desanimava.

Por volta das duas horas da tarde a vi chegar acompanhada pela moça de sempre, aquela que eventualmente aparece por aqui. Muito bonita e sempre bem vestida, por sinal. Se ela realmente é um caso da minha chefe, parabéns por aturá-la. Certamente já recebeu um bilhete que lhe garante um lugar no céu.

Soltei um suspiro longo e profundo quando as vi passar, proveniente da chateação e, ao mesmo tempo, alívio por saber que enquanto aquela mulher estivesse lá, Elisa não me chamaria para o escritório.



— Elisa? Está tudo bem?

— Oh, desculpe, Úrsula. Poderia repetir?

— Claro que sim. Mas, você está bem? Me parece um pouco aérea desde que chegamos — comentou a mulher, sentada frente a ela, no escritório.

— Estou bem. Vamos prosseguir.

Úrsula era a contadora de Elisa desde que a morena começou a assumir os negócios da família. Por essa razão, duas vezes ao mês, aproximadamente, se encontravam para tratarem de todas as finanças.

Entre algumas papeladas sobre a mesa e planilhas abertas no monitor, Elisa divagava em pensamentos, os quais tentava expulsar de sua

mente para não perder a concentração. Em contrapartida, quanto mais tentava, mais insistiam em se fazerem presentes. Junto aos pensamentos havia uma angústia em seu peito, a deixando inquieta por toda aquela tarde.

Havia muito tempo que alguém não batia de frente da maneira como Laura fazia. E embora Fiona, às vezes, a enfrentasse, não era nada se comparado. Durante os últimos anos de vida, apenas a senhorita Garcia teve a ousadia e coragem de levar as discussões aos extremos, fazendo Elisa assumir uma postura cada vez mais agressiva.

Todavia, se tratando da noite anterior, a mais velha não queria ter chegado a tanto sem um motivo plausível. Desde que viu Laura virar as costas, não para de pensar na atitude que teve e se culpar por isso. Sim, havia um forte sentimento de culpa inquietando seu peito.

Algumas horas depois, quando sua atividade com Úrsula chegou ao fim, levantou-se e a acompanhou cordialmente até a saída. Quando retornou, encontrou com Laura saindo da área dos funcionários e passando em frente a porta de sua sala. Havia um pequeno espaço de encontro ali, que não chegava a ser um corredor.

Ao cruzar com ela, não obteve qualquer cumprimento de boa tarde. Era a primeira vez que a gerente ignorava sua presença. Tudo o que recebeu da mais nova foi um olhar vazio e distante. Mesmo incomodada com aquela situação, se comportou como se nada a tivesse abalado. Prosseguiu caminhando para o escritório e se isolou lá dentro. Horas mais tarde, por volta das cinco, enviou uma mensagem para Laura e a convocou para continuarem com as atualizações de preço no sistema. Em menos de sete minutos a loira bateu em sua porta e as duas deram início à atividade.

— Você lançou um preço errado — disse Elisa, quebrando o silêncio estabelecido há uma hora.

— Desculpe, estou um pouco distraída hoje.

— Acabei de consertar. Tenha um pouco mais de atenção, pois estamos lidando com algo importante.

— Desculpe, Elisa — respondeu com frieza. Seu olhar estava fixo no notebook durante todo o tempo.

Diferente de ontem à tarde, hoje o clima entre elas estava estranho e pesado.

— Não faço nada com as suas desculpas, mas sim com as atitudes.

— Honestamente? Cansei. — Laura se levantou abruptamente da cadeira e depositou com força, sobre a mesa, uma pequena calculadora que havia em sua mão. — Pra mim, chega.

— Do que você está falando? — Perguntou, levantando-se assustada e confusa com o temperamento da loira.

— Olha, eu acato suas ordens porque é essa a minha função na posição de funcionária. Afinal, é justamente para isso que estou aqui — iniciou. Laura esboçava uma raivosa expressão. Seu tom de voz estava firme e elevado como Elisa jamais vira acontecer. — Mas, o que você faz vai além de dar ordens. Eu não tenho porquê tolerar isso — continuou a esbravejar. — Eu preciso do trabalho, sim. Mas você também precisa do meu serviço. E se está tão insatisfeita como aparenta, pode me demitir.

A gerente cuspiu aquelas palavras e começou a pisar firme em direção a porta. Porém, antes que pudesse virar a maçaneta, sua chefe havia apressado os passos e ido atrás.

— *Laura, espere...*

Aquelas duas palavras saíram baixas, no entanto, altas o suficiente para fazerem o corpo da loira paralisar com a mão sobre a maçaneta. Sua mente tentava processar aquele pedido feito bem próximo à sua nuca, enquanto sentia a presença da mais velha quase encostando em suas costas.

— Laura... — voltou a chamá-la.

Elisa lutava contra as próprias palavras. Queria dizê-las, mas havia um nó em sua garganta que dificultava o processo e a impedia de se expressar como gostaria. Os pensamentos estavam atordoados e o corpo permanecia estático atrás da mais nova. Estava próxima o suficiente a ponto de escutar Laura respirando forte na sua frente.

Sem receber qualquer resposta, tentou levar a mão até o ombro da loira, mas hesitou por duas vezes consecutivas. Na terceira tentativa, finalmente conseguiu repousar a mão naquela região alvo e, a muito custo, verbalizou:

— Me desculpe...

Paralisada em frente a porta, Laura surpreendeu-se com o toque em seu ombro, seguido de um inusitado pedido de desculpas quase murmurado em sua nuca, devido a curta distância que as separava. Ela estava, definitivamente, entre Elisa e a porta à frente. Laura não sabia onde

depositar sua atenção: naquele toque sutil ou no pedido que saiu da rouca e aveludada voz que Elisa possuía. Ambos a pegaram de surpresa.

A mais velha queria poder tocar naquela maçaneta e impedir que a mais nova desse continuidade. Queria conseguir chamá-la para conversar e, pela primeira vez, assumir que errou. Queria dizer a Laura que suas desculpas não eram somente por hoje, mas também pela noite chuvosa de ontem. Contudo, tudo o que fez foi permanecer ali, imóvel, aguardando algo que não fosse aquele silêncio.

Quando Laura processou o que havia acontecido, virou seu corpo lentamente para que pudesse enxergar a face de Elisa e observar o que havia naqueles olhos. Ao virar-se, a mão da morena acompanhou o movimento e se manteve apoiada em seu ombro. Olharam-se como se tivessem muito a dizer, mas o silêncio dos lábios foi o que prevaleceu. A coragem de Elisa para dar continuidade às desculpas havia se esvaído, em contrapartida com a raiva e a mágoa de Laura, que ainda eram evidentes.

Sem saber o que dizer, ou como se comportar, Elisa visualizava com angústia as expressões da mais nova. Pela primeira vez viu o peso de suas palavras refletido naquelas íris verdes, esmorecidas. Sua mão deslizou para fora daquele ombro assim que pôde perceber que ainda fazia contato. Estava tão imersa naqueles olhos, que quase não se dera conta. A gerente, por sua vez, também só percebeu quando ela tirou a mão dali.

— Laura, me desculpe... — disse uma vez mais.

— Eu não faço absolutamente nada com as suas desculpas — respondeu, usando as palavras da morena contra ela própria.

Laura quebrou o contato visual, deu as costas e saiu batendo a porta com força. Elisa fechou o punho em um nítido gesto de raiva. *Como assim alguém havia se atrevido a desdenhar seu pedido de desculpas?* Pensava ao retornar para mesa. Ao sentar-se, lançou um porta canetas e algumas folhas de papel ao chão. Sentia raiva da atitude da loira e, ao mesmo tempo, raiva de si mesma por ter sido a responsável em criar aquela situação. Embora soubesse que possuía culpa, e que a mais nova apenas a tratou como vinha sendo tratada, seu orgulho ainda falava mais alto. Sentiu como se seu esforço não tivesse valido de nada.

Alguns dias haviam se passado e a semana chegado ao fim. Visto que sábado passado Laura não pôde receber a visita de Bianca, nesse, havia ido buscá-la na rodoviária e conversavam no quarto enquanto a amiga acomodava os pertences.

— Não acredito que você a enfrentou dessa forma! — Dizia Bianca, incrédula com os últimos relatos.

— Nem eu. Mas ela precisava saber que um pedido de desculpas não apagaria o que fez nem a forma como vem me tratando há dois meses. Isso sem contar o mês em que eu era invisível.

A loira ajudou a amiga a organizar as coisas e se dirigiu com ela para comerem algo na cozinha.

— Uma coisa você precisa admitir, loirinha.

— O quê?

— Ela se desculpou. Um pedido de desculpas, quando sincero, nos diz que a pessoa reconheceu o erro e se arrependeu dele. Foi legal da parte dela, não acha? E pelo que me relata... Foi um baita avanço!

Sentadas frente a frente em uma pequena mesa de quatro lugares, conversavam enquanto aguardavam assar a pizza que a loira havia depositado no forno.

— Confesso que me surpreendeu. Me surpreendeu ao ponto de me deixar sem reação. Ela até encostou em mim; coisa que evita fazer, pelo que pude observar. E se desculpou. Mas, sei lá... Eu acho que preciso de mais que isso. Pedir desculpas é o mínimo, não?

— Para alguém como ela, esse “mínimo” pode significar muito. Do que você precisa? — Perguntou enquanto a olhava com atenção.

— Que ela me trate bem, pelo menos. Mas vamos esquecê-la, me conta as suas novidades, muito melhor. — Sorriu.

— Não tenho nada novo pra te contar, infelizmente a minha vida anda mais pacata que qualquer coisa. Prefiro saber sobre você e sua chefe vampiresca com tendência a bruxaria!— Comentou em meio ao riso, fazendo a amiga rir também.

— Como você é boba! Já te contei tudo. Após o ocorrido da quinta-feira, na sexta ela não foi trabalhar, e hoje não nos dirigimos a palavra.

— E vocês pensam em ficar assim até quando? Ai ai, Laura Garcia... Laura Garcia.

Enquanto a amiga falava, se levantou para conferir a pizza no forno.

— Não faço a menor ideia. Vou levando a situação enquanto der.

— Vocês são adultas o suficiente para resolverem isso. Por que não a chama pra conversar? Mas é para conversarem, ok? Ci-vi-li-za-da-men-te. Nada de ficarem latindo uma para a outra.

— Eu é que não vou me humilhar a chamando para uma conversa — disse enquanto depositava a pizza no centro da mesa. — O que quer beber? Tem refrigerante, suco, cerveja...

— Uma cerveja, por favor — escolheu e ficou observando a amiga pegar algumas garrafas para ela e para si mesma. — Ai ai, você é muito orgulhosa, loirinha. Assim ninguém vai a lugar algum. Uma das duas precisa ceder.

— Então que seja ela, pois eu já cansei de tentar apaziguar as coisas.

Bianca escutou o som da pressão das tampas das cervejas sendo abertas e, posteriormente, viu a amiga retornar com as garrafas.

— Observe bem... Ela já deu o primeiro passo quando se desculpou. Chegou a sua vez.

Laura parecia refletir sobre aquelas palavras.

— Adoraria poder trabalhar em paz, mas não vale a humilhação — respondeu, por fim.

As duas encerraram momentaneamente o assunto e começaram a falar de outras coisas. Deixaram quase metade da pizza para trás e se direcionaram para a sala. Sentadas ao chão, ouviam música e davam continuidade às cervejas. Riam, cantavam e se fotografavam juntas. Possuíam uma verdadeira amizade de anos. Bianca era a maior saudade de Laura, e vice versa. Essa saudade era a única parte ruim daquela distância.

— Lembra quando você era criança e a Letícia te forçava a usar vestido? — Perguntou Bianca, um pouco alta pela quantidade de garrafas de cerveja que haviam consumido.

— Como esquecer? Era um saco. Por isso na minha festa de dez anos eu rasguei inteira a peça que ela tinha me escolhido. Era um vestido florido, lembro até hoje.

— Sim! Meu Deus, eu era bem pequena, mas nunca esqueci do barraco que foi! — Riu. — Minha mãe havia me levado cedo pra sua casa, e bem na hora da festa a Letícia encontrou a roupa toda rasgada sobre a cama. Você sempre foi terrível, loirinha!

Em meio a risos, concordava com tudo o que Bianca dizia. Ela também já estava um pouco alterada pela quantidade alcoólica ingerida. Haviam começado a beber quatro e meia da tarde, e já se tratava das oito da noite.

— Nunca gostei de vestidos e saias. Recentemente usei um só por causa do trabalho. Elisa ia receber uns jornalistas e eu achei que ficaria mais apresentável de vestido. Passei o dia inteiro desconfortável, nunca mais faço isso. Gosto de me mover livremente e sentar à vontade, sem preocupações.

— Você me contou sobre esse dia! Tiraram foto juntas, né? A matéria saiu? — Perguntou com interesse.

— Sim, tiramos, e ela quase me matou por isso — bufou. — Acredita que nunca fui atrás dessa matéria? Nem sei em qual meio de comunicação ia sair. Quando tiver oportunidade vou perguntar à bruxa.

— Uma bruxa gatíssima, eu diria. Gostei das fotos que me mostrou aquele dia.

— Bonita ela é mesmo, preciso admitir. Isso porque você não a viu pessoalmente...

Laura parecia divagar em pensamentos. Estava sob efeito sutil do álcool, possibilitando que houvesse a diminuição de seus filtros.

— Ah, mas isso é impossível! Ela consegue ser mais bonita pessoalmente que naquelas fotos? Isso já é covardia conosco, simples mortais.

Bianca proferia as frases em tons de brincadeira, arrancando risos baixos da loira.

— Tenho algumas coisas contra ela, mas não sou cega. Ela é, sim, uma mulher muito bonita.

— Pude perceber, é uma gaaaata!

Bianca dialogava e ria das próprias palavras enquanto segurava uma garrafa na mão. Sua visão estava parcialmente turva e sua língua começou a embolar, tornando confusa a compreensão de suas palavras.

— E você está bêbada, mocinha. Melhor parar de bebida por hoje e ir tomar um banho pra gente deitar.

— Acho que vou mesmo — concordou ao levantar do chão, sentindo um pouco de tontura.

— Deixa só eu tomar meu banho e escovar os dentes antes? Porque depois que você entra, não sai mais.

Laura recolheu as garrafas vazias que estavam pela sala, escovou os dentes, tomou banho e deitou-se na cama com o celular na mão para aguardá-la. Laura era capaz de sentir que seus sentidos estavam irregulares. Sentia-se um pouco tonta e ao mesmo tempo elétrica por dentro. Quando Bianca deitou ao seu lado, rapidamente pegou no sono, a fazendo invejar aquela dádiva.

Sozinha naquele quarto escuro e silencioso, olhava aleatoriamente algumas coisas na internet. Não conseguia focar a atenção em nada, apenas mexia o dedo na tela sem absorver qualquer informação. Alguns instantes mais tarde, seus pensamentos começaram a serem povoados pelas palavras de Bianca sobre Elisa. No fundo, sabia que sua amiga estava correta; não dava para seguirem aquela relação profissional na base de tantos conflitos.

— Hum...

Laura abriu o aplicativo de mensagens e procurou por sua última conversa com a chefe. Ao visualizá-la, encarou o teclado do celular enquanto decidia se seria adequado entrar em contato.

— *Não acredito que vou me humilhar assim*... — deixou escapar o sussurro.

Em outras circunstâncias, teria fechado a janela de conversação e mudado de ideia. Porém, na noite de hoje estava com o senso crítico um pouco prejudicado pelas garrafas de cerveja. Estava sóbria, no entanto, sem muitos filtros sociais.

“Boa noite, Elisa.”

Digitou e apagou três vezes antes de enviar. Olhava para aquela mensagem e tudo o que conseguia fazer era se sentir patética por tê-la enviado.

— Ela sequer vai responder, como sempre — resmungou sozinha antes de bloquear a tela do aparelho e depositá-lo sobre a mesa de cabeceira.

Ainda perdida em pensamentos e, agora, arrependimentos; virava de um lado a outro no colchão, na esperança de conseguir adormecer. Após

falhas tentativas, levantou-se e foi tomar um copo d'água. Quando retornou, percebeu que o visor do celular estava aceso. Ao franzir o cenho e tomá-lo em mão, surpreendeu-se com a última coisa que esperava ver naquela noite: uma mensagem de Elisa.

“Boa noite. O que houve?”

A loira leu e releu a mensagem na tentativa de se convencer que era real em vez de efeito alcoólico. Ao perceber que a chefe ainda constava como *online*, se apressou em respondê-la:

“Não houve nada, eu só queria conversar com você.”

Laura digitou a mensagem, deitou na cama e aguardou a resposta que não tardou:

“Então decidiu aceitar meu pedido de desculpas?”

Em um revirar de olhos, a loira a respondeu:

“E você finalmente decidiu responder uma mensagem minha?”

“Será que você poderia parar de sempre rebater minhas falas, srta. Garcia?”

“No dia que você deixar de rebater as minhas, sim.”

Dessa vez foi Marques quem revirou os olhos do outro lado.

“Vá direto ao assunto. Qual o motivo do seu contato? Não tenho todo o tempo do mundo.”

“Elisa, quero conversar numa boa com você. Poderia se desarmar um pouco, por favor? Mandei mensagem porque isso que está acontecendo entre nós precisa melhorar. Não quero que nossos dias juntas sejam sempre um campo de batalha.”

A resposta levou um pouco mais de tempo, mas veio:

“Engraçado você me dizer isso, uma vez que é a responsável por nossas desavenças. De qualquer maneira, também não quero perder constantemente minha paciência com você.”

“Mas é você que inicia as discussões."

“Devido a seu comportamento inapropriado. Recorda quando pedi para não se alimentar na frente da minha loja? Você foi lá e fez o contrário."

“E você jogou meu chocolate fora! Isso não se faz!”

“Então, me obedecesse.”

“A maneira como pede as coisas me incomoda. Talvez eu tenha feito o contrário por birra. Não custava pedir com jeito...”

“Oh céus, tem que pedir com jeitinho para o neném não se magoar?”

— Ridícula — murmurou Laura. — Sou capaz de ouvi-la dizendo isso em tom de deboche — continuou a resmungar baixinho consigo mesma enquanto lia e digitava novas mensagens.

“Não seria nada mau, educação é sempre bem-vinda. Percebe como já estamos nos alfinetando outra vez? E olha que eu iniciei a mensagem pacificamente. Depois eu é que começo o tornado...”

A mais nova aguardou uma resposta que não chegou. E quando já estava desistindo de permanecer olhando para a tela do celular, foi surpreendida com um áudio no corpo da mensagem. Curiosa para ouvi-la, e ao mesmo tempo com receios em acordar a amiga, decidiu deixar o quarto e ir escutá-lo na sala.

Assim que pôs o áudio para reproduzir e levou o aparelho ao ouvido, constatou que a voz da morena em mídia era absolutamente igual àquela que escutava pessoalmente. Bonita e irritantemente igual — segundo

seus próprios pensamentos. Conforme a ouvia, seu interior ia sendo preenchido por uma sensação de familiaridade. Afinal, se tratava de uma voz que chamava por ela todos os dias de segunda a sábado.

Áudio de Elisa:

— Está me chamando de mal educada, Laura? Acho que o seu prazer é me confrontar. Mas eu concordo que devemos chegar em um consenso. Me espere após o expediente na segunda-feira.

Após escutar duas vezes para ter certeza das palavras ouvidas, a mais nova digitou uma mensagem em resposta:

“Não é verdade. Porém, o seu prazer é me tirar do sério. Mas, finalmente concordamos em algo. Então te aguardo segunda para conversarmos pessoalmente. Boa noite.”



Laura preencheu o domingo com atividades feitas na companhia de Bianca. Foram ao cinema, saíram para comer fora e desfrutaram de um fim de noite jogando videogame e comendo pipoca. Quando o dia amanheceu e a semana iniciou, a loira foi trabalhar e deixou a amiga em casa. Bianca iria embora apenas na quarta-feira, estava de recesso na faculdade e aproveitaria os dias livres em Hills Dale.

No antiquário, Laura teve um expediente comum para um dia de trabalho. Cumpriu com todas as obrigações pertinentes ao seu cargo e aguardou ansiosamente o fechamento da loja, pois havia combinado com Bianca de irem conhecer um bar localizado no bairro vizinho.

Enquanto se trocava sozinha na área dos funcionários, enviou uma mensagem para a amiga avisando que quando sua conversa com a chefe chegasse ao fim, avisaria. Bianca a estaria esperando na porta do antiquário.

Laura vestiu um jeans colado, uma camisa e jaqueta de couro. Trocou o salto por botas de cano médio e reforçou o perfume com duas borrifadas. Suas roupas fora do expediente de trabalho sempre possuíam um estilo mais despojado.

Quando já estava pronta, deixou o ambiente e se dirigiu para o escritório. Após três batidas consecutivas, recebeu permissão para entrar. Assim que o fez, recebeu o olhar da morena sobre si. Elisa estava de pé, encostada na borda da mesa, finalizando uma ligação.

— Oi, vim saber se ainda quer conversar...

Disse Laura, receosa, em baixo tom de voz, caminhando em direção a mulher.

— Foi para isso que fiquei aqui até a loja fechar — respondeu sem humor, deixando a loira ainda mais receosa sobre como se comportar.

Elisa a olhou de cima a baixo, mas logo subiu o olhar.

— Hum... Por onde começamos? — Perguntou sem jeito, ao se aproximar e tomar um lugar em frente a mais velha.

— Não sei, quem inventou essa história de conversa não fui eu.

— Mas você concordou — rebateu. — Posso tomar um espaço ao seu lado? — Perguntou ao olhar para a borda da mesa. A morena nada respondeu, mas Laura encostou-se ali, de pé ao seu lado, mesmo assim.

— Não sei por que me pergunta, se no final faz o que quer — comentou ao observá-la se posicionar.

— Realmente... Não sei por que ainda pergunto qualquer coisa a você, se sempre me ignora.

— Pretende levar nossa conversa por esse caminho? — Impaciente, usou aspereza na voz e a procurou com os castanhos. Laura, por sua vez, virou sutilmente o corpo para que pudesse devolver o olhar.

— Não, eu quero que a gente tente se entender um pouco. Ficamos em um clima muito desagradável após vo-

— Após você ignorar o meu pedido de desculpas — disse a chefe, interrompendo-a.

— Não ignorei, eu estava chateada, Elisa — explicou. — Não sei quanto a você, mas eu tenho sentimentos. Me magoou aquela sua atitude no dia da chuva.

— Já pedi desculpas, sei que me comportei mal, mas foi apenas ali que errei com você. No mais, estava somente pedindo que fizesse o seu trabalho.

— Tudo bem, já é um começo, aceito as suas desculpas.

A chefe olhava curiosamente para a gerente com aquela roupa despojada. Ela sempre se surpreendia com a mudança de visual. A única coisa que se mantinha a mesma, era a forma como Laura usava o cabelo.

— Tenho algo pra você ali dentro da minha bolsa — disse ao virar o rosto para trás e apontar com o olhar para o acessório sobre a mesa.

— Pra mim? O quê? — Com o cenho franzido, Laura observou a mais velha contornar a mesa, pegar algo dentro da bolsa, retornar e parar na sua frente.

— Aqui... Pra você nunca mais choramingar que joguei seu chocolate no lixo. — Elisa ofereceu uma barra de chocolate; proporcionando em Laura uma expressão surpresa.

— Como posso ter certeza que isso não está envenenado? — Comentou ao tocar em uma das extremidades da barra. O outro lado permanecia sendo segurado por Elisa, que a essa altura cravava o olhar naquelas íris verdes, ainda surpresas.

— Terá que confiar em mim...

— Será que posso?

— Faça o teste.

Soltou o chocolate e observou a gerente abri-lo na sua frente.

— Você primeiro — disse a loira.

— Sério, Laura? — Revirou os olhos. — Assim você subestima a minha inteligência. Se eu fosse assassina, não cometeria um crime tão óbvio assim.

— Às vezes o que está óbvio, é justamente aquilo que não percebemos — dizia enquanto partia um pequeno pedaço do doce. — Vou te dar esse voto de confiança. — Com um sorriso discreto no rosto, Laura o levou à boca e o sentiu derreter. — Quer?

— Não gosto de chocolates.

— Ah, é verdade, esqueci que você é algum tipo de psicopata. — A loira dobrou a ponta da embalagem, guardou na mochila e a depositou nas costas da cadeira que estava ali próxima a elas.

— Vampira, bruxa e agora psicopata? Eu tenho tantas versões assim? — Indagou enquanto permaneciam se olhando.

— Uhum — afirmou com a cabeça. — Eu só não sei qual dessas é a verdadeira.

— Talvez, nenhuma das três. — Marques deu um passo à frente e aprofundou o olhar em Laura na tentativa de intimidá-la. — Ou quem sabe... Todas elas.

Em silêncio, a gerente passeou as curiosas íris pelo rosto à frente enquanto seu cérebro formulava pensamentos e opiniões sobre ela. Não conseguia compreender como aquela mulher despertava sobre si emoções tão distintas. Ao mesmo tempo que desejava tomar o lado oposto, havia algo que a fazia seguir a mesma direção. Talvez fosse a aura enigmática que contornava Elisa. Talvez fosse a curiosidade em decifrá-la.

Hoje a mais velha usava um conjunto de terno preto, fazendo Garcia ficar em dúvida a respeito de qual peça melhor lhe caía. Vestido, saia, calça; todas elas pareciam ressaltar a beleza que não conseguia deixar de notar.

— Por que não me mostra a verdadeira?

Elisa se deixou levar pela atmosfera com Laura. Depois que Fiona foi embora, aquela mulher à sua frente se tornou a única pessoa com quem mantinha diálogos duradouros. Contudo, existia algo muito diferente entre as duas relações. Com Fiona, basicamente limitavam-se a questões sobre o antiquário. Já com Laura, sentia que eventualmente ultrapassavam a barreira do profissionalismo.

— Porque talvez a verdadeira não exista.

Confusa, a mais nova franziu o cenho ao mesmo tempo em que pensava no que responder. Enquanto o fazia, observou Elisa a olhando de perto. Os olhos castanhos percorreram seus cabelos da mesma maneira de sempre. Porém, diferente de todas as outras vezes, nessa, Laura a questionou.

— Existe algo no meu cabelo que incomoda você?

— Não... — respondeu vagamente, um tanto quanto pensativa. — É que... — Se mostrava hesitante nas palavras. Havia novamente um nó em sua garganta a impedindo de se expressar.

— Não precisa responder se não quiser. Sou muito curiosa, mas sei respeitar as pessoas. Não quero invadir seu espaço pessoal.

— Está tudo bem. — Naquele instante a morena possuía suavidade na voz. Seu olhar ainda estava sobre os cabelos loiros, mas, ao mesmo tempo, pareciam ter viajado para longe dali. — É que você o usa exatamente como ela fazia.

— Ela quem?

— Ninguém — desconversou, saindo do transe em que estava. — E você?

— O que tem eu?

— Pergunta demais sobre mim, mas nunca fala sobre você.

— Ah, é que eu não tenho nada de interessante.

— E eu tenho? — Antes que a loira tivesse oportunidade de respondê-la, engatou uma segunda pergunta. — Você se arruma toda assim pra ir embora?

— Oh não — riu. — É que vou me encontrar com uma pessoa daqui a pouco. Combinamos de ir conhecer o bar de um bairro vizinho.

— E como você pensa em vir trabalhar amanhã? De ressaca?

— Não sou irresponsável, ok? Será apenas um drink, no máximo dois. Após um longo dia de trabalho com você na minha cola, eu acho que mereço — brincou. No entanto, seu comentário não soou engraçado para a mulher à frente. — Você conhece todos os estabelecimentos das redondezas?

— Bares? Nenhum. Não frequento. Não gosto de sair de casa, nem tenho amigos.

— Hum... Você não parece mesmo do tipo que gosta de um bar.

As duas mulheres ainda conversavam de frente. Laura estava sutilmente encostada na borda da mesa e Elisa em pé na sua frente.

— Por que não tem amigos?

— Porque eu não gosto de conviver socialmente, achei que já estivesse bem claro.

— Mas você já está conversando comigo há uns quinze minutos e ainda não me matou. É um bom sinal?

— Você, eu tolero porque não me resta outra opção.

— Ah, que bom, pelo menos existe reciprocidade na nossa relação. Eu também só a tolero porque você me paga.

— Ótimo. Bom, já estou indo.

Elisa voltou a contornar a mesa para buscar a bolsa quando escutou a gerente fazendo uma nova pergunta.

— É verdade isso? Que você não tem amigos.

— Sim, eu sou minha própria companhia — respondeu ao retornar para próximo da loira.

Sem saber o que dizer, a outra também resolveu recolher a mochila e se dirigir para a porta. Em um ritmo de passos quase igual, alcançaram a maçaneta no mesmo instante, fazendo com que as laterais de seus corpos se encostassem e as mãos se tocassem sobre aquele objeto metálico.

Um pouco embaraçada com a situação, Laura pôs para fora a primeira pergunta que veio em sua mente:

— Quer ir com a gente?

— E ter que aturar você fora daqui também? Sem chance.

Elisa, que estava com a mão sob a de Laura, girou rapidamente a maçaneta e tomou a iniciativa de sair.

— Existem formas melhores e mais gentis de se rejeitar um convite — dizia a loira, caminhando a passos apressados para alcançar um ritmo ao lado dela.

— Laura, você fala demais. Boa noite.

A mais velha apressou os passos e atingiu a saída antes da gerente. — Ah, e não me apareça de ressaca aqui amanhã! — Exclamou ao olhar para trás.

— Se eu não morrer envenenada por aquele chocolate, já estarei no lucro.

Sem nada dizer, a morena voltou a olhar para frente e balançou a cabeça negativamente enquanto cruzava a porta. Laura não pôde enxergar, mas naqueles lábios pintados de vermelho havia um pequeno e discreto sorriso.



— Ela quem? — Perguntou Bianca, sentada com ela à mesa do bar.

— Também não sei, mas foi exatamente o que me disse quando perguntei porque olhava para o meu cabelo.

— Hummmm, que estranho. — Bianca estreitou os olhos. — Seria uma namorada?

— Não sei. Pode ser a mãe, uma tia ou amiga também.

— É, pode ser. Vocês se entenderam após a conversa?

— Que pergunta difícil. Diria que sim e que não.

— Hã? Como assim? Ou se entenderam, ou não se entenderam.

— Seria exagero dizer que nos entendemos, mas, por enquanto, parece que vamos tentar nos suportar — explicou. — Hoje ela até me deu um chocolate.

— Mentira! Sério?

— Sim. Pra ser sincera, me pagou, pois havia jogado o meu no lixo algumas semanas atrás.

A conversa das amigas foi interrompida pela chegada do garçom com duas bebidas.

— Desculpe, mas não solicitamos isso — informou Laura, educadamente.

— É cortesia daquelas duas moças ali — respondeu ao apontar para uma mesa. — Com licença.

— Não, espera. Devolva, por favor.

— Laura! Não seja mal educada! Que deselegante recusar — reclamou. — Nós vamos ficar, moço.

— Certo. Apreciem, boa noite.

O garçom sorriu educadamente e se retirou.

— Você está ficando louca? Aceitando bebida de estranhos, Bianca?

— Laura, deixa de ser idiota, aquelas mulheres estão flertando com a gente! Essa é a parte boa de sair com você... Todo mundo percebe que somos lésbicas! — Bianca esboçava um grande e brilhante sorriso. — Seu jeito entrega tudo. Quando estou sozinha, mulher alguma chega em mim, elas não têm como adivinhar, pois não dou pinta. Mas você, minha amiga, é meu passaporte para a felicidade! — Riu.

— Como você é boba, Deus! — Não conteve rir junto a ela.

A contragosto da amiga, Bianca tomou a frente e acenou em um convite para que as moças na mesa adiante viessem se unir a elas. Durante as horas que se sucederam, Laura se esforçava para sorrir e se comportar de maneira simpática, mesmo não absorvendo nada do que as duas estranhas à mesa falavam. Seus pensamentos estavam todos voltados à conversa que tivera com a chefe no início da noite.

Quando chegaram em casa por volta de quase uma da manhã, a gerente tomou um banho para se livrar do cansaço e vestiu uma larga camisa que gostava de usar como pijama. Durante todo o retorno para casa, incluindo o momento presente, Bianca não parava de questioná-la a respeito do desinteresse pela mulher que a cantou a noite inteira.

— Bianca, não sou obrigada a ficar com alguém só porque você quer. Aquela moça não me interessou.

A loira e a amiga bebiam uma água na cozinha enquanto dialogavam.

— Como não? Ela era linda! — Bianca tentava argumentar, mas não conseguia obter sucesso. — Faz meses que você não dá um beijo em ninguém. Em outros tempos, não teria deixado a oportunidade passar.

— Era linda, mas, desinteressante. O papo não me cativou, não me prendeu.

— E desde quando você tem tantos critérios para dar um beijo na boca? A mulher estava quase se jogando em você. Percebeu a olhada que te deu quando você tirou a jaqueta? — A loira balançou a cabeça negativamente. — Como não? Ela só faltou babar nos seus braços expostos. Ai ai, amiga... Você já foi mais ligada nas coisas.

— Bom, eu admito que tenho sentido falta de um contato com alguém, realmente faz meses que não dou um beijo. Meu antigo trabalho sugava todo o meu tempo e energia. Eu nunca tinha um domingo em casa, por exemplo.

— Eu lembro, você andava uma pilha de nervos. Não que esteja sendo muito diferente agora, né? Você tem algum tempo, mas a sua nova chefe também suga sua energia.

— Os embates são desgastantes, mas não se compara àquela vida massacrante que eu estava levando.

— Entendi... Que bom, então. Vamos deitar? Amanhã eu pego a estrada cedinho.

— Vai indo na frente, que eu já vou. Só preciso escovar os dentes.

Assim que Bianca deixou a cozinha, Laura escovou os dentes e saiu do banheiro. Antes de se dirigir ao quarto, avistou o próprio celular sobre a mesa e o pegou. Quando o fez, lembrou-se que não havia agradecido Elisa pelo chocolate. Em razão disso, antes de se juntar à amiga, resolveu escrever uma rápida mensagem:

“Estou viva. É, acho que o chocolate não estava envenenado, no fim das contas. Obrigada pelo gesto...

Boa noite.”



“Srta. Garcia, na minha sala.” Dizia a mensagem, no dia seguinte.

Como de costume, o expediente de Laura começou a ser recheado por ordens após a chegada de Elisa por volta de uma e meia da tarde.

— Preciso que nós duas terminemos a atualização de preços no sistema ainda hoje, e quero que você peça para Júlia e Lillian darem um jeito na loja, pois está um horror, muita poeira nos objetos. Ah, e eu também preciso que agende uma faxina pesada. Gosto de ver aquele piso refletindo até a minha alma quando eu passo. Estamos entendidas? — Ordenou, de sua cadeira.

— Sim, eu realmente já estava para agendar uma limpeza.

— Certo, pode se retirar. Quando estiver disponível, volte para terminarmos com as atualizações.

— Ok.

A mais velha percebeu que mesmo após dispensar a loira, ela ainda se mantinha de pé.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não exatamente — com as mãos nos bolsos laterais da calça social, Laura deu alguns passos adiante até encostar na borda da mesa. — É que eu... Trouxe algo pra você.

— Me trouxe algo?

— Uhum. Um momento, vou buscar.

A gerente levou menos de dois minutos para ir até a sala ao lado e retornar com uma bolsa de papel com alça.

— Acho que agora estamos quites — disse ao depositá-la sobre a mesa.

Confusa, a morena abriu a embalagem e avistou um pote de vidro com palmitos em conserva.

— Isso é pra mim?

— Sim, pra compensar pelo dia em que esqueci de trazer.

— Laura, não precisava...

— Claro que precisava. Naquele dia você quase me matou, então acredito que leve seu palmito muito a sério — riu. — A propósito... Você é a única pessoa que eu conheço, que gosta tanto assim disso. E o pior, tem o hábito estranho de comer diretamente do pote.

— Velho costume. Você não entenderia...

A gerente contornou a mesa lentamente e se posicionou próxima a cadeira da morena.

— Então me explica...

— Não lhe diz respeito — respondeu friamente, olhando-a próxima de si. — Você precisa compreender limites.

Embora as frases de Elisa tivessem sido secas, usou um tom de voz baixo e suave, como se no fundo aquela não fosse a verdadeira intenção de suas palavras.

— Então eu acho que precisa me mostrar até onde posso ir com você.

Laura cruzou o olhar com os castanhos de Elisa e se manteve à espera de uma resposta que pudesse satisfazê-la. Sentia que a cada conversa, conseguia coletar alguma nova peça sobre o quebra-cabeças que era aquela mulher.

— O que você fazia pensando na chefe insuportável quase duas da madrugada? — Perguntou ao mudar estrategicamente o rumo daquela conversa. — A sua sorte é que durmo com o celular no silencioso, porque se eu tivesse acordado com aquela mensagem...

— É que você fala tanto no meu juízo o dia inteiro, que quando apoio a cabeça no travesseiro ainda escuto sua voz azucrinando meus ouvidos.

Garcia gesticulou com as mãos próximas aos ouvidos, usando os dedos para simular bocas abrindo e fechando. Tal gesto fez Elisa soltar um pequeno riso, que ela automaticamente captou.

— Você deveria sorrir mais vezes.

— Por quê?— Perguntou, voltando a ficar séria.

— É mais seguro pra mim, porque enquanto sorri, não me dá ordens — brincou.

— Vai trabalhar, vai, Laura.

A morena balançou a cabeça negativamente e se ateve a guardar dentro da bolsa a embalagem que a loira lhe trouxera.

— Estou indo, não quero abusar da minha sorte.

Deu as costas e caminhou em direção a porta. A passos lentos, sentiu a comum sensação de que Elisa a observava. Diferente das vezes anteriores, hoje teve coragem de olhar para trás, e acabou constatando que a mais velha realmente a estava olhando.

Laura não sabia o que pensar a respeito de sua chefe; todavia, pensar sobre ela vinha se tornando cada vez mais constante. Inusitadamente, estava gostando de tomar doses homeopáticas daquela incomum mulher. Elisa Marques era composta por muitas camadas, e o que a mais nova conseguia enxergar era apenas a ponta do iceberg. Laura ainda estava na epiderme de Elisa, e ela era a única pessoa interessada em ir além daquela superficialidade. Porque por mais que houvessem motivos para se afastar, havia um fio invisível que a puxava novamente. E será esse mesmo fio que a levará fundo o suficiente a ponto de descobrir que as palavras não ditas e o silêncio de Elisa podem ser ensurdecedores...



— Você poderia terminar de fazer esses cálculos em voz baixa? Está me desconcentrando.

As duas mulheres estavam sentadas frente a frente, no escritório, enquanto concluíam as alterações de preço no sistema.

— Você sabe que eu não consigo contar em pensamentos — rebateu.

— E você sabe muito bem que sua voz me desconcentra enquanto, também, estou fazendo cálculos.

— Você é muito implicante, sabia? — Bufou Laura. — Nem sempre eu consigo fazer em silêncio. Quando percebo, já estou contando em voz alta.

— Implicante é você, parece que faz de propósito para me ver irritada.

— Eu? Você é que se estressa muito fácil!

Elisa revirou os olhos e massageou as têmporas em um nítido gesto de impaciência.

— Vou tentar não me deixar distrair, porém, você precisa tentar contar um pouco mais baixo. Estávamos indo bem no início, mas você parece ter se empolgado.

— Desculpa, não percebi. É que já estamos há horas aqui, estou um pouco cansada. Preciso repetir duas vezes e em voz alta para não errar.

— Oh sim, e meus ouvidos que aguentem — continuou resmungando.

De segunda à sexta o antiquário fechava entre seis e meia e às sete horas da noite. Contudo, já se tratava de oito e quinze e as duas ainda permaneciam por lá. Elisa havia solicitado que não prolongassem aquelas atualizações um dia que fosse.

— Já está meio tarde, não tem medo que a gente fique aqui sozinhas? Sei lá, o Leonardo já foi...

— Não, tem uma cabine de segurança no final da rua. Todos os estabelecimentos pagam uma taxa para que haja essa segurança noturna. Não se preocupe. A menos que...

Elisa direcionou o olhar à mais nova e percebeu que a mesma a olhava com curiosidade.

— A menos que...?

— A menos que tenha medo de mim.

— Medo de você? — Riu. — Não é como se fosse voar no meu pescoço e mordê-lo. Mas, se realmente fosse uma vampira... Aí eu pensaria duas vezes antes de estar aqui à noite com você — brincou.

— Vocês inventam cada uma... — disse em um balanceio negativo de cabeça. — Mudando o assunto... Preciso te ensinar a cadastrar mercadorias novas no sistema. Quase sempre eu mesma faço essa função, mas é bom que também saiba, pois pode ocorrer alguma necessidade. Nunca se sabe quando eu possa fazer uma viagem de última hora, ou simplesmente não vir trabalhar justo quando chegar alguma peça.

— Ah sim, claro. Vai me ensinar agora? Ou quando a gente acabar essas atualizações?

— Agora, antes que me esqueça.

— Hum... Não foi você que uma vez comentou que não esquecia de nada?

— Senhorita Garcia, cala a boca e traz sua cadeira, vai.

— Pra quê?

— Como acha que vou ensiná-la à distância? — Perguntou como se fosse óbvio. — Põe sua cadeira ao meu lado.

Sem questionar, se levantou e arrastou o móvel até depositá-lo ao lado da chefe. O espaço que havia ali era pequeno e limitado, mas conseguiu se encaixar.

— O que foi? — Perguntou Laura, percebendo que a mulher a observava.

— Nada... É que seu visual quando troca de roupa é completamente diferente ao que usa em expediente.

— É que infelizmente não posso trabalhar com uma regata como essa. Minha chefe me mataria — comentou, referindo-se à roupa que estava usando.

Algum tempo atrás, após o fechamento da loja, Laura havia dado um pulo na sala dos funcionários para vestir uma regata branca e trocar a calça social por um jeans. Visto que costumava voltar caminhando para casa, as vestes sociais acabavam suando em seu corpo, além de serem menos confortáveis. Sendo assim, todo final de expediente fazia a troca das peças, principalmente dos saltos.

— Ainda bem que você sabe. — Elisa respondeu sem prolongar o assunto.

Por consequência do pouco espaço que ali havia, suas cadeiras estavam unidas e seus braços eventualmente se esbarravam pela limitação local.

— Quero que preste bastante atenção, ok? Porque não pretendo repetir muitas vezes.

Com a mão sobre o mouse, começou a ensinar o passo a passo de como proceder para inserir uma nova mercadoria ao sistema. Laura, ao seu lado, alternava entre prestar atenção no monitor e nas palavras que saíam de sua boca.

— Você não pode esquecer de preencher nenhum campo, do contrário, o sistema não permitirá que conclua o cadastro. Peço que se atente principalmente ao preço antes de salvar as informações. Deixarei escrito a fórmula que irá usar para chegar no valor de venda, sem esquecer de acrescentar a nossa porcentagem de lucro.

— Certo.

— Vou repetir o passo a passo, ok? Se mantenha prestando atenção. — A loira apenas assentiu positivamente com a cabeça.

— Após cadastrar uma nova mercadoria, não esqueça de lançar para os computadores do caixa. Você consegue fazer isso através do meu sistema. Basta atualizar aqui e enviar as informações, que automaticamente os outros computadores irão recebê-las assim que reiniciarem. Compreendeu?

— Perfeitamente.

— Ótimo. Agora faz sozinha.

Elisa retirou a mão do mouse e aguardou Laura repetir o passo a passo que lhe fora ensinado.

— Estranho, não está salvando...

— Não esqueceu de nada?

— Não.

— Tem certeza?

— Sim.

— Ah, é? E onde foi parar o preenchimento desse campo... — Elisa depositou a mão sobre a de Laura, no mouse, e guiou o cursor até a área desejada. — Aqui?

— Puts, estou cega, passei o olho duas vezes e não identifiquei — comentou a loira. — Deve ser o cansaço e a fome, não comi nada desde o almoço.

— Também estou. Quer comer alguma coisa?

Distraídas, as duas mulheres permaneciam com as mãos repousadas uma sobre a outra, no mouse. A de Laura estava encoberta pela maciez e calor da mão de Elisa.

— Olha... Já não é mais questão de querer, é necessidade. Devo estar mais branca do que já sou — riu de si mesma.

— O que gostaria de comer?

— Hum... Alguma massa italiana, talvez. Estou com desejo de algo com bastante molho faz dias. E você?

— Queria comida japonesa.

— Está com desejo?

— Não, apenas vontade. Por quê? — Perguntou ao olhá-la.

— Porque respondeu tão prontamente, então achei que já estivesse pensando a respeito.

— Eu sou objetiva.

— Hum... E eu sou cheia de desejos. Pra piorar, tenho o péssimo defeito de ceder muito fácil a todos eles.

— Você é impulsiva?

Em um gesto espontâneo, Elisa moveu a mão para fora do contato com Laura e buscou o celular dentro da bolsa sem ao menos dar-se conta que seu membro estivera ali.

— Podemos considerar que sim.

Diferente da morena, a funcionária percebeu o prolongado contato de mãos assim que a mais velha o rompeu.

— Então mata o seu desejo e a minha fome — disse ao entregar o aparelho nas mãos da gerente. — Pede algo pra jantarmos.

— Eu não conheço nada na região...

— Realmente... Esqueci que você é nova por aqui. Bom, entra em contato com dois restaurantes que tenho na agenda. Mas, quero que ligue. Não gosto de aguardar me responderem por mensagem.

Elisa disse o nome de dois restaurantes que haviam em sua agenda telefônica e aguardou até que a gerente solicitasse os pedidos. Seria culinária japonesa para ela e Italiana para Laura. Durante a espera pausaram as tarefas, e foram invadidas pelo silêncio. Elisa movia aleatoriamente o cursor do mouse ao mesmo tempo em que loira a olhava sem nada dizer. Garcia foi capaz de perceber que a chefe não fazia nada; apenas mantinha os olhos fixos no monitor para matar o tempo da espera.

Laura a observava calada e com atenção, ao mesmo tempo em que sua mente estava sendo preenchida por pensamentos referentes àquela mulher. Ela queria entender como uma pessoa levava uma vida tão solitária quanto Elisa. Não entrava em sua cabeça o fato da mais velha morar em uma casa tão grande se nela não havia ninguém. Para Laura, a aparência sombria e de abandono transmitida pelo imóvel, somada àquelas roupas sempre escuras e personalidade agressiva, certamente tinha algo a contar.

Todas as vezes em que partilhavam um raro momento de tranquilidade e proximidade, Laura não conseguia deixar de constatar que, enroscado a todos esses fatores intrigantes, havia o fato de Elisa ser uma mulher extremamente bonita e atraente. Aquele olhar penetrante e ao mesmo tempo distante despertava em Laura uma forte vontade de conhecer a história contida atrás de um brilho já quase inexistente. Pois embora Elisa Marques exalasse uma postura rígida e imponente na maior parte do tempo, Garcia conseguia enxergar alguma melancolia nos intervalos.

Em momentos como hoje, enquanto a olhava, Laura se sentia confusa sobre as próprias emoções. Estava começando a se perder a respeito do motivo que a fazia prender-se àquela mulher. Quando a observava com atenção, como agora, já não sabia o que era curiosidade, admiração física ou uma terceira razão. Apenas a olhava e refletia sobre ela sem qualquer motivo concreto.

— Você realmente não tem amigos? Ou estava me dizendo aquelas coisas por dizer? — Perguntou, atraindo o olhar da morena para si. Seus braços ainda se esbarravam no caminho entre os diálogos.

— Você e suas perguntas aleatórias — disse Marques, baixinho. — Sua mente deve ser um moinho em constante movimento — continuou a falar. — Não sei se já disse isso, mas, na contramão da maioria, eu prefiro ser sozinha.

— Talvez já tenha dito em algum momento. Mas é que... Não sei, você é uma mulher tão bem sucedida, reconhecida. Aposto que requisitada em muitos lugares. É um pouco difícil compreender que esteja sempre sozinha.

O que seria uma vida bem sucedida? Elisa Marques estava profissionalmente bem; todavia, não estava bem consigo mesma. Elisa estava trancada em casa, em si própria, nos seus traumas e passados. Quanto mais fugia, mais prisioneira ficava do que tentava evitar.

— Opção — respondeu sem muitas explicações. — E você, por que tanta curiosidade em mim?

— Não sei, tendência ao masoquismo. Devo achar pouco os foras que me dá.

— Talvez esteja precisando que eu dê um pouco mais — respondeu em tom de seriedade, mas com sutileza na voz. — Está gostando de morar em Hills Dale?

Agora foi a vez da mais velha fazer uma pergunta aleatória para desviar de si o foco da conversa.

— Estou adorando — respondeu confiante. — Sinto falta de pequenas coisas da cidade natal, mas não trocaria a tranquilidade daqui por nada. Em Hills Dale, o único furacão que preciso lidar, é você. Mas sou capaz de sobreviver.

— Você é muito sincera.

— Não tanto quanto deveria, mas eu acho que sim. Não gosto de ficar com os pensamentos dentro da minha mente, prefiro colocá-los para fora.

— Somos muito diferentes mesmo...— respondeu um pouco pensativa ao manter os olhos fixos nas íris de Laura.

Mesmo sendo uma pessoa completamente fechada, reservada e antissocial, havia algo na permanência de Laura que gradativamente estava fazendo Elisa se tornar menos intolerante e resistente àquela relação. E embora as habilidades sociais da morena fossem quase nulas, elas não estavam interligadas à sua capacidade de percepção. E se havia algo em que Marques havia notado nos últimos dias, era na beleza daquela gerente. Embora quase sempre carregasse inexpressões em sua face, Elisa observava minuciosamente o mundo à sua volta. Laura Garcia não era uma exceção.

— Já notei — disse a loira. — Nunca me dá respostas sobre você, está sempre saindo pela tangente. — Laura falava em suave tom de voz, sem quebrar a conexão entre seus olhos e os dela. — Nós nos conhecemos há uns três meses, a contar pelo meu período de experiência. Não somos amigas, mas eu também não sou sua inimiga...

Laura moveu a mão, a levou até a altura do rosto de Elisa e, com leveza, afastou alguns fios arrepiados da franja repicada que a morena costumava usar para o lado ou jogar para trás. Sempre que a tocava, aproveitava a oportunidade para constatar se aquela mulher de postura impenetrável realmente era real.

Estática, Elisa a olhava em busca de compreender a sutileza daquele gesto. Seu olhar, que eventualmente costumava desviar para os cabelos de Laura, tomou um caminho diferente na noite de hoje. Em vez de subir, desceram em silêncio pela extensão daquela face à frente. Enquanto a olhava, processava internamente o que acabara de sentir com a atitude de Laura. No lugar de repulsa, apenas aceitou o contato sem muita estranheza.

— Eu não sei o que você espera que eu te diga.

Elisa saiu do transe proveniente do contato com aqueles olhos e desviou a atenção para a tela do computador.

— Você pode me dizer se falta muito para nossa comida chegar, pois de branca eu já estou ficando transparente de fome.

A gerente mudou o rumo da conversa ao perceber que a mais velha não estava confortável para respondê-la.

— Está vendo por que prefiro que você vá buscar o meu almoço? Esses restaurantes demoram uma eternidade para entregar, e muitas vezes chega frio — resmungou.

Alguns instantes depois, Elisa sentiu o celular de Laura vibrar sobre a mesa. Diferente das outras vezes, hoje, um nome diferente piscava na tela.

— Não vai atender?

— Não. — A respondeu com seriedade. — Droga, sabia que não deveria ter dado meu número — reclamou em um cochicho a si mesma.

— Algum problema? — Perguntou com interesse.

— Depende do ponto de vista. Ontem conheci uma pessoa naquele bar, ela pediu meu número e eu acabei dando porque fiquei sem jeito de dizer que não queria.

— E agora essa pessoa está ligando e você não sabe como se sair.

— Exatamente.

— Talvez seja uma ótima oportunidade para usar a sua sinceridade.

— É... Você tem razão. Acho que vou tentar conversar com a pessoa quando chegar em casa.

Laura colocou o celular no silencioso e o guardou no bolso do jeans.

— Vai ficar tudo bem. Mulheres compreendem um “não” mais facilmente que homens.

— Co-como você sabe que é uma mulher?

Laura quase arregalou os olhos.

— O nome do contato era “Giovanna” — explicou.

— Ah. — Sem jeito e sem saber o que dizer, soltou a primeira frase que veio à mente. — Você tem algum problema em relação a isso?

— De forma alguma. — A resposta de Elisa veio acompanhada de um pequeno sorriso que a loira não foi capaz de compreender o significado. — Eu já desconfiava.

— Como? Se bem que minha melhor amiga diz que eu “tenho jeito.”

— Sua amiga sabe das coisas... — Elisa se conteve para não rir da cara de paisagem que Laura esboçava. — Acho que uma das nossas refeições chegou.

Ao escutar uma buzina de moto, a loira se levantou e foi verificar do que se tratava. Em poucos instantes retornou com duas embalagens nas mãos.

— Era a sua comida. Mas, enquanto eu pagava, o entregador da minha também chegou — explicou enquanto depositava as embalagens sobre a mesa. — Paguei com o cartão que ganhei aqui na loja, tudo bem?

— Claro, Laura. Você sabe que pode custear suas refeições do trabalho com ele — respondeu com suavidade na voz enquanto afastava a papelada da mesa.

A loira abriu a embalagem do próprio alimento e tomou um lugar ali mesmo, ao lado de Marques.

— Hummmm, isso aqui está uma delícia!

— Esse restaurante é ótimo.

Elisa expressava um pequeno sorriso de satisfação ao vê-la apreciando a comida.

— O seu também está com a cara ótima — disse a loira, direcionando o olhar para a comida ao lado.

— Isso é o que vamos saber agora...

Elisa segurou nos hashis e levou a primeira peça à boca, sendo observada pela mais nova, que aguardava atentamente sua opinião.

— Está aprovado — sorriu. — Cuidado para não sujar meu teclado e minha mesa com esse molho todo — alertou-a.

— Calma, não é como se eu fosse uma criança de cinco anos. Mas... — Garcia enrolou a massa no garfo e o suspendeu para fora do prato em um nítido gesto de implicância.— Acidentes podem acontecer!

— Laura, para com isso!

— Zum, zum!— Soava com a boca enquanto mexia o garfo no ar.

— Não estou vendo a menor graça, larga isso aí.

A gerente riu da expressão raivosa e logo voltou a depositar o talher dentro da embalagem.

— O que tem na sua tatuagem?— Perguntou Laura, aleatoriamente, alguns minutos depois.

— Qual tatuagem?

— A que você tem nas costas.

— Como sabe que tenho uma tatuagem nas costas?— Indagou, surpresa.

— No dia que te ajudei a fechar o colar, consegui perceber que havia algo nas suas costas. Mas só deu para ver uma ponta, pois sua roupa encobria todo o resto.

— Oh sim, às vezes acabo esquecendo que tenho uma tatuagem. É um desenho abstrato de uma fênix negra.

— Que interessante. A Fênix representa a capacidade da superação.

— Sim. Ela se auto queima para depois renascer das próprias cinzas.

— É o triunfo da vida sobre a morte. Gosto da simbologia.

— Eu também...

— Se importaria em me mostrar? — Mesmo receosa, perguntou.

— Você não vai me deixar em paz se eu não mostrar.

— Não precisa se não quiser, de verdade — sorriu amigavelmente.

— Não, tudo bem, pode ver...

Elisa saiu da cadeira giratória, se levantou e deu as costas para Laura, que no mesmo instante também assumiu uma posição ereta e se aproximou. Ao tirar o blazer do corpo, o segurou e aguardou o toque da loira, que não tardou. A gerente a tocou delicadamente nos fios lisos e castanhos e os segurou afastados da nuca. Com a mão livre, segurou na gola da blusa e a forçou para baixo na tentativa de expor a tatuagem.

— Não tem como ver — comentou de trás.

— Tenta agora.

Elisa deslizou uma das alças da blusa para que suas costas se tornassem um pouco mais acessíveis. Um pouco nervosa e sem saber por que, Laura tornou a abaixar a região traseira da gola e conseguiu expor uma pequena parcela das costas e tatuagem. Para auxiliá-la, Elisa afastou os próprios cabelos, dando liberdade às mãos de Laura.

— Ela é linda...

A loira pousou a mão livre sobre a pele exposta e tateou com a ponta dos dedos sobre a extensão do que via. Era uma Fênix pequena; constituída de traços delicados e abstratos, com a aparência sutilmente esfumaçada, semelhante a uma fumaça e facilmente comparável a uma nebulosa. Laura admirava a beleza do que via ali enquanto usufruía do toque macio e aveludado daquela pele. O perfume de Elisa, tão próximo a sua narina, misturou-se com o cheiro dos cabelos e construiu uma memória olfativa para aquele momento.

Para a mais velha era estranho ter aquela gerente assim tão próxima. Todavia, mesmo com uma postura um pouco rígida, não interrompeu o deslize que as pontas daqueles dedos faziam em sua pele.

— Faz muito tempo que você a tem?

— Muitos anos.

Elisa subiu a alça da camisa e se virou de frente, interrompendo o contato de pele e criando uma conexão de olhares.

— Obrigada por me mostrar.— Laura esboçou um sorriso e voltou à mesa.

— Vamos terminar de jantar e ir embora.

— Mas ainda faltam alguns preços e você exigiu que terminássemos hoje.

— Não tem problema, já ficamos tempo demais aqui.

Elisa desfez a postura suave e, repentinamente, voltou a construir uma personalidade rígida. Os minutos que se sucederam foram constituídos de total silêncio, até atingirem a área externa da loja.

— É... Então boa noite, Elisa. E obrigada pelo jantar.

Quando a loira deu as costas, a morena cogitou a ideia de oferecer uma carona por conta do horário tarde. Porém, sua garganta fechou em um nó e suas pernas se mantiveram paralisadas em frente a porta do carro. Uma vez mais tinha desejado fazer diferente, e não conseguiu.



Em casa, após um banho morno, Elisa caminhou até a janela do quarto e se manteve olhando para a rua vazia e silenciosa. Perdida em pensamentos, sua mente divagou pelo passado, trazendo ao presente memórias daquela rua povoada por crianças correndo e brincando com um sorriso no rosto — incluindo ela. Com o passar dos anos, se tornou cada vez mais quieto observar pela janela. As crianças foram crescendo, as famílias procuraram outros lares e sua rua foi se transformando juntamente a essas mudanças. Após o ocorrido há mais de vinte anos as residências foram, aos poucos, ficando inabitadas. Quem teria coragem de adquirir um imóvel na rua que fora marcada por um passado tão violento?

Conforme o tempo corria, murmurinhos rondavam as casas da vizinhança e distorciam a verdade dos fatos. Uma história ruim acabou se tornando até mesmo mal assombrada; principalmente pelo fato da “mulher

de preto” residir por lá até os dias de hoje. Os antigos moradores não compreendiam como Elisa pôde permanecer naquela residência após tudo o que aconteceu. No fim das contas, nem ela própria sabia como ainda estava de pé naquela mesma janela.

Sozinha, olhando para a noite, recebia de volta apenas o eco das vozes que há anos foram mutadas para sempre no primeiro piso daquele imóvel. O silêncio vinha da rua, da casa e das emoções de Elisa. Por trás daquele silêncio e olhar vazio, há um interior que grita. Uma mente cheia de pensamentos atormentados por lembranças do passado.

Em seus trinta e quatro anos de vida; dez foram vividos em genuína alegria. Os outros vinte e quatro se firmaram em angústias, isolamentos e saudade. Dez contra vinte e quatro nos mostra um grande desequilíbrio. E a cada ano que se passa, se torna ainda mais difícil resgatar uma Elisa que teve tanto de si interrompido antes mesmo de crescer. Quem ela poderia ter sido foi arrancado cedo de suas mãos. O que lhe restou foi a tentativa de aceitar a realidade atual e seguir em frente.

Ainda observando do alto da janela, bloqueou lembranças antigas e voltou a focar no presente. Nesse instante, seus pensamentos começaram a serem invadidos pela imagem da gerente. A constar pela hora tão tarde, deduziu que naquela noite Laura não passaria pela sua rua, nem debaixo da sua janela.

Em seu quarto havia um espelho de chão verticalmente extenso, por onde se olhava e se analisava. Naquela noite, caminhou até ele em sua camisola de tecido fino e esvoaçante. Elisa deu as costas para o espelho e virou o rosto para trás até conseguir enxergar o reflexo de sua tatuagem. Conforme a analisava, recordou dos toques suaves de Laura naquela região. Há tempos não sentia uma sensação física como aquela. Ninguém a tocava com tanta sutileza e interesse como a loira fizera.

Elisa é uma mulher que evita qualquer troca afetiva com alguém. Por essa razão, se deita apenas uma vez com as mulheres interessantes que cruzam seu caminho; limitando-se apenas a satisfazer necessidades corporais e nada mais. Quando o desejo sacia, sempre chega o momento da despedida. Elisa nunca passou mais que algumas horas com alguém, pois embora fosse corporalmente quente, era sentimentalmente fria.

Algumas poucas mulheres tentaram com afinco conquistá-la. Todavia, uma noite era o máximo que conseguiam obter.



No dia seguinte a morena dirigiu cedo até a loja e se isolou em sua sala para finalizar as atualizações pendentes antes do antiquário abrir. Enquanto se mantinha focada na tarefa, escutou alguns sons vindos do lado de fora. Ao direcionar o olhar para a brecha da porta, avistou Laura passando em frente ao escritório. A mais nova deu alguns passos, estacionou, recuou e depositou a cabeça através da abertura.

— Pensei ter visto coisa, mas realmente é você. Chegou tão cedo... — disse Laura, carregando um ar de riso na face. — Bom dia.

— Bom dia. Preciso concluir essas atualizações antes que a loja abra. Ainda tenho quarenta minutos — explicou, ao mesmo tempo em que a olhava parcialmente pela brecha.

Sem nada dizer, a gerente deu continuidade aos passos e seguiu seu destino, mas ressurgiu na sala cinco minutos depois. Foi o tempo de acomodar a mochila e beber um copo de água. Ainda era muito cedo, mas se tratava de uma manhã extremamente quente para o horário. Por sorte, a loja e o escritório possuíam ar condicionado.

— Posso entrar? — Perguntou da porta quando retornou. Em silêncio, a mais velha apenas assentiu com um suave aceno de cabeça.

— Vejo que você também chegou muito cedo.

— Pois é, acabei perdendo o sono antes do alarme tocar — explicou enquanto puxava a cadeira e se sentava de frente para a chefe. — Estou com tempo, vamos fazer isso juntas? Pauso dez minutos antes só pra trocar de roupa. A menos que você me deixe trabalhar desse jeito — disse em tom brincalhão, apontando para seu jeans e regata cinza.

— Se quer me ajudar, acho bom falar menos e começar a agir.

— Nossa, hoje você começou com as grosserias cedo também.

A gerente ligou o notebook, tomou para si algumas papeladas e iniciou a tarefa. Entre uma atualização e outra de preço, não conseguia conter o olhar que direcionava à Elisa. Hoje a morena usava apenas um vestido social preto. O batom vermelho e chamativo dos lábios combinava com o esmalte das unhas, que possuíam a mesma coloração.

— Estava querendo conhecer um pouco a cidade. Me indica algum lugar pra ir? Pelo pouco que soube de você, mora aqui há muito tempo.

— Moro desde sempre, nasci nessa cidade — afirmou. — Não conheço tantos lugares, pois não gosto muito de sair. Viajo apenas a trabalho, porque não tenho outra opção. Preciso eu mesma avaliar as peças.

— Entendo. Bom, acho que terei que descobrir por mim mesma.

— Você parece gostar muito de sair. — Elisa fez a observação.

— Eu adoro! Ficar tempo demais em casa me entedia. Gosto de ver pessoas, respirar novos ares, somar experiências e me aventurar no desconhecido.

— Como somos diferentes... Faço o possível para não ver um ser humano na minha frente e sou extremamente apegada à rotina. Gosto da segurança de saber como meu dia vai começar e finalizar. Sem surpresas. Sem algo novo.

— Qual a graça de saber como o dia vai terminar?

— Evita surpresas desagradáveis.

— Mas acaba privando de uma surpresa positiva, também.

— Não vale o risco.

— Hum...

— O aniversário da cidade está por vir. Talvez você goste da comemoração.

— Aniversário da cidade? — Perguntou Laura, interessada.

— No próximo domingo será aniversário de Hills Dale. Nosso bairro costuma ser decorado nessa época. Luzes e barracas com comida se espalham por toda a avenida principal. Costuma ter música também. Normalmente aparecem uns musicistas de praça. Nada exagerado, acredito que muito diferente do que você vivenciava na cidade grande. Mas, talvez seja interessante pra você conhecer a energia do lugar.

— Já gostei da proposta! Com certeza vou até a avenida conferir. Você também vai?

— Onde fica a parte em que não gosto de interagir com pessoas?

— Ah, verdade — disse um pouco desanimada. — É que eu não conheço ninguém por aqui ainda, seria legal ter uma companhia. Como você mora no mesmo bairro que eu, pensei em... — Garcia refletiu sobre as próprias palavras e desistiu de concluí-las. — Nada, deixa.

Voltou a se concentrar no que fazia, mas sem deixar de buscar a morena com o olhar. Em uma dessas buscas, a encontrou olhando de volta. Nenhuma das duas deixou de sustentar aquela troca. Olharam-se em silêncio como se analisassem uma à outra.

— Elisa.

— Laura.

Disseram em uníssono.

— Você primeiro — se manifestou a loira.

— Ok.

A mais velha desligou-se da atividade no computador e manteve a atenção apenas em Laura.

— Pretende cumprir o contrato de um ano e depois sair?

— Hum, acho que está um pouco cedo pra responder essa pergunta. Tantas coisas podem acontecer antes disso, até mesmo você me demitir. Por quê?

— Por nada, coisa minha. Mas, e você? O que ia dizer?

— Eu queria perguntar sobre a sua tatuagem, se ela possui algum significado ou se é apenas uma imagem que achou bonita.

A morena pareceu um pouco incomodada com aquela pergunta, porém, em vez de respondê-la agressivamente, optou pelo silêncio, fazendo a loira compreender que não estava à vontade para falar a respeito. Logo, Laura deduziu que pudesse haver um significado por trás.

— Por que tanta curiosidade em mim?

— Não sei exatamente, mas você é diferente de qualquer pessoa que já conheci. É uma mulher muito intrigante.

— Achei que eu fosse apenas a chefe chata.

— Também — admitiu. — Mas eu devo dizer que “apenas” é uma palavra que definitivamente não caracteriza você.

Incerta sobre o que a gerente queria dizer com aquela frase, a morena se saiu como pôde:

— No fundo você fica me analisando para saber se não sou mesmo uma vampira. Está só esperando um deslize meu. Assume, senhorita Garcia — brincou.

— Oh droga, me descobriu! — Riu. — Pode se revelar pra mim, prometo que não conto a ninguém — retribuiu a brincadeira, fazendo a mais velha balançar a cabeça negativamente e abrir um suave sorriso.

— Sobre a tatuagem... Hoje estou usando um vestido que a mostra inteiramente.

— Sério? Posso ver? — Em expectativa, Laura passeou o olhar curioso por Elisa.

— Pode.

Ao girar na cadeira, levantou-se e ofereceu as costas nuas para Laura. Usava um vestido de longo decote nas costas; permitindo uma visão da imagem total daquela fênix negra. Laura, por sua vez, levantou de onde estava e se aproximou para avistá-la melhor.

— Completa é ainda mais bonita do que imaginei.

De costas, sentiu o momento em que a mão da gerente a tocou novamente naquela região. Nessa hora, seu instinto a fez virar para fugir daquela sensação. Quando o fez, deu de frente com a loira ainda muito próxima de seu corpo.

Para Laura, foi inevitável tê-la a uma curta de distância de seus olhos e não admirá-la fisicamente. A mais nova detestava se ver ali, junto a ela, apesar de tudo. Odiava sentir que algo a aprendia naquela aura, e desgostava ainda mais assumir que aquela mulher para quem estava olhando, era demasiadamente atraente. Elisa era envolta a uma energia imaterial que a instigava sem motivo aparente. E quando menos percebia, estava juntamente a ela outra vez.

Receber aquele olhar interessado estava deixando a morena intrigada e sem saber como se portar. Era a primeira vez que alguém ficava, insistia e fazia questão de conhecer o mínimo de seus porquês. Talvez estivesse equivocada, mas sentia como se o olhar de Laura quisesse buscá-la e encontrá-la através daquela rígida postura. Por mais que tentasse se encobrir, conseguia sentir algum efeito vindo daquelas íris verdes. Chegava a ser intimidante perceber aquela gerente tentando penetrar sua máscara para enxergar a verdadeira face.

Dentre todos aqueles pensamentos sobre sentir-se buscada, havia um lado do cérebro da morena que se atentava à beleza daquela mulher. *Elisa sempre teve uma queda por loiras.* Juntamente a essas constatações, havia algo mais em Laura que a fazia ter um pouco de dificuldade para barrar a proximidade. Ironicamente, a gerente lhe despertava a lembrança fraterna de um alguém que ela muito amou. Não era uma lembrança romântica, mas, igualmente importante e intensa. Tão intensa, que a fez agir impulsivamente

e levar a mão direita até os fios loiros que ficavam soltos nas laterais daquela face; pegando a mais nova totalmente de surpresa.

Laura viu o olhar à frente se tornar doce e desviar para seus cabelos. Posteriormente, sentiu aqueles dedos tocarem seus fios em uma atitude inusitada, sem prévio aviso. O corpo de Marques moveu-se um passo adiante e a mão depositou aquela pequena mecha atrás de sua orelha. A gerente não conseguia compreender o que estava acontecendo, mas aguardou até que aqueles olhos castanhos voltassem a buscar os seus. E assim Elisa o fez, saiu do transe daqueles fios e procurou seu olhar. Nesse momento, retornou do mergulho feito ao passado e firmou os pés no presente, dando-se conta do que estava fazendo.

Assim que interrompeu o contato com aqueles fios e abaixou o braço, sentiu a mão de Laura procurá-la como se não quisesse cortar o toque. Sua mão a segurou e o olhar a buscou e interrogou, necessitando de uma resposta para o que fizera.

— Quem é ela? — Laura perguntou baixinho. No entanto, suas palavras não fizeram sentido na cabeça de Elisa, porque embora uma lembrança afetiva a tivesse feito tocá-la de maneira impensante, era a sua imagem que a estava fazendo permanecer onde estava.

“Quem é ela” ficaria para uma outra ocasião, pois nesse instante a mais velha enxergava apenas a imagem de Laura Garcia, sem qualquer vislumbre de passado.

— Precisamos terminar com as atualizações — disse Elisa, ao quebrar o contato visual e fazer menção em voltar a se sentar.

— Não faz isso novamente.

Antes que a morena voltasse para seu lugar, a mais nova deu alguns passos e se manteve atrás dela, a fazendo ficar imóvel entre seu corpo e a mesa.

— Não me deixa sem resposta outra vez.

— Senhorita Garcia, vamos terminar o que começamos — disse em um firme tom de voz, na tentativa de intimidar a outra e pôr um fim naquela situação.

— É exatamente o que estou pedindo.— A loira rebateu prontamente.

— Estou me referindo ao serviço.

— Mas eu me refiro a nós.

— Será que você poderia me deixar em paz, por favor?— Ordenou, dessa vez, com a voz um pouco alterada.

— Qual o seu problema?— Laura também subiu o tom.

— Você não tem o direito de falar assim comigo!

— E você não pode achar que deve me tratar como bem quiser! Instantes atrás me deixou ver sua tatuagem e, inusitadamente, tocou no meu cabelo. Eu preciso prever o que virá a seguir? Tenho que adivinhar quando vai querer ser simpática e quando vai simplesmente me tratar como está fazendo agora?

— Se tocar em você foi um erro, eu peço desculpas.

— O erro não é esse e sabemos disso. Será que poderia pelo menos me olhar? — A contragosto, Elisa virou de frente, mas se manteve encostada na borda da mesa. — Pensei que nós tivéssemos evoluído isso aqui — apontou para elas. — Mas, pelo visto, voltamos à estaca zero. Será que eu preciso fazer um doutorado para te aprender? Não é possível! — Bufou.

— Que exagero — revirou os olhos. — Me diz, o que você quer? Precisamos voltar ao trabalho.

— Eu já acabei a minha parte. E pra ser bem sincera, nem sei o que estou fazendo aqui. Foi um erro ter vindo ajudar você.

— Foi um erro compartilhar o guarda-chuva, foi um erro ter vindo me ajudar... O que mais?

— Seria outro erro convidar você pra ir à avenida no domingo.

— Você ia me convidar? — Elisa esboçou um semblante confuso, que logo deu lugar uma séria expressão. — Entenda de uma vez por todas que eu não quero a sua companhia.

— Não estou dando em cima de você, ok? Não precisa se armar. Até porque, você nem faz o meu tipo — provocou-a, revidando a frase agressiva que recebeu.

— Ótimo, porque você está muito longe de fazer o meu.

“O quê?! Ela também...?” Pensava Laura, enquanto a encarava. — Eu nem sabia que você...

— As coisas não dependem de como me olha, mas, de como me vê.

— Ou, de como se mostra — rebateu-a. Laura sempre possuía uma resposta na ponta da língua. — Enfim — suspirou. — Preciso me trocar, já está quase na hora, daqui a pouco os outros funcionários chegam.



Naquele mesmo dia, uma da tarde, Elisa deixou a loja sem falar com ninguém.

— Vocês brigaram? — Perguntou Júlia, ao ver a morena passar sem direcionar o olhar à gerente.

— Me diz quando é que a gente não briga? — Respondeu e retirou-se do salão. Não queria prolongar aquele assunto com ninguém.

Por volta das cinco horas, o senhor de nome Rogério voltou a comparecer ao estabelecimento à procura da proprietária. Quando Laura ia dizer que a mesma não se encontrava, Elisa retornou ao antiquário vestindo outra roupa. A loira acabou deduzindo que ela foi para casa comer e descansar, e retornou ao final do expediente para o fechamento da loja.

Rogério a abordou assim que se aproximou, e os dois levaram a conversa para dentro do escritório. O bate-boca e a discussão entre eles foram tão grandiosos, que Laura e Débora conseguiram ouvir partes da conversa lá do caixa. Embora não conseguissem compreender do que se tratava, suspeitaram que Rogério fosse algum familiar da senhorita Marques, pois a frase "*seu irmão*" foi ouvida algumas vezes saindo da boca de Elisa. A confusão não durou mais que dez minutos. Após isso, a chefe não foi mais vista até o momento em que a gerente se trocou para ir embora.

Era sete e vinte da noite. O celular da mais nova não possuía qualquer mensagem de Elisa, e ela possuía certeza que não a tinha visto sair. Para confirmar, deu algumas batidas na porta:

— Estou aqui, pode entrar.

Laura abriu a porta lentamente e a avistou na cadeira com um copo de whisky na mão e uma garrafa sobre a mesa. Hoje não havia melancolia em seus olhos como da outra vez. Parecia apenas usufruir do líquido enquanto mexia no computador.

— Só vim verificar se ainda estava aqui, pois já estou indo embora e ia desligar todas as luzes.

— Daqui a pouco também vou pra casa, estou apenas respondendo uns e-mails e bebendo um pouco. Após um fim de tarde estressante com aquele homem, preciso relaxar.

— Compreendo... Também tive um final de dia turbulento, recebi dois clientes extremamente arrogantes. Foi difícil manter o sorriso no rosto e a simpatia nas palavras, mas eu consegui atender as expectativas deles.

— Alguns clientes são bastante exigentes, é preciso respirar fundo. Já atendi muitos assim, no início.

— Nem me fala, são muito difíceis de lidar. Com você eu conto até dez, mas com eles precisei contar três vezes mais — brincou, receosa. — Bom, já estou indo, boa noite.

— Laura, espera — chamou. — Quero conversar com você. — Desligou o computador e pediu para a loira sentar-se ao seu lado.

Incerta e um pouco receosa, a mais nova colocou uma cadeira ao lado da chefe e acompanhou seus movimentos. Elisa pegou um copo dentro do móvel localizado na sua lateral esquerda e depositou algumas pedras de gelo do frigobar. Após entornar um pouco da garrafa de whisky ali dentro, deslizou o copo sobre a superfície da mesa até posicioná-lo de frente para a gerente; convidando a se unir a ela.

— Talvez você também esteja precisando relaxar.

— Obrigada. — Sem jeito, Laura depositou a mochila nas costas da cadeira, se acomodou e provou a bebida; sentindo-a descer queimando em sua garganta.

— Quero conversar sobre a manhã de hoje, meu comportamento não foi dos melhores. Reconheço que sou muito inconstante.

Calada, a loira apenas a olhava e escutava com atenção as palavras proferidas por aqueles lábios.

— Não tenho habilidades sociais e me falta interesse em adquiri-las. Vivo sozinha há muitos anos; sou filha única de pais já falecidos. Até mesmo a governanta da família não está mais entre nós. Inclusive, se trata dela a mulher que usava os cabelos iguais a você.

Laura se servia daquela forte bebida enquanto permanecia escutando cada palavra com total atenção.

— Estava na família há muitos anos. Suzana era seu nome. Era governanta dos meus avôs por parte de pai em outra cidade. Viu meu pai crescer e se casar com minha mãe. Quando meus avós faleceram, meus pais

a convidaram a morar com eles aqui em Hills Dale, e ela prontamente aceitou. Era uma senhora sozinha, possuía apenas uma irmã que visitava de vez em quando. Ela também me viu crescer, acabou se tornando a minha babá por anos. Eu a amava como uma neta é capaz de amar uma avó. Todos nós a amávamos, para falar a verdade. Como já estava com a idade um pouco avançada, meus pais a aposentaram, mas a mantiveram conosco. Morávamos todos na casa onde resido até hoje. Suzana era muito apegada a mim e permaneceu me cuidando. Não por trabalho, mas porque me amava muito. Infelizmente ela partiu há muitos anos.

— Eu sinto muito...

— Oh, não se preocupe, isso já faz dezoito anos, eu ainda era uma adolescente. Não vou me aprofundar nessa história, eu só queria te contextualizar para seguir com o que eu estava dizendo.

— Pode continuar.

Laura estava profundamente interessada em ouvir o que ela tinha a dizer e conhecer o mínimo que fosse sobre sua vida.

— Sou sozinha há muito tempo porque perdi muito cedo as únicas três pessoas que realmente amei. Meus pais partiram antes da Suzana, quando eu ainda era uma criança. Não vem ao caso me aprofundar em detalhes, mas o fato é que perdi qualquer habilidade que um dia já posso ter possuído. Me acostumei a ser fechada e não precisar da companhia de ninguém.

Elisa olhou para o gelo submerso no líquido de seu copo e o pegou para sorver a bebida.

— A grande questão é que ninguém nunca se manteve tão resistente a mim quanto você. Muito menos ousaram tentar se aproximar como você faz. É a primeira vez que estou lidando com isso.

— Entendi...— Laura parecia pensativa e reflexiva. — Você nunca teve uma pessoa próxima? Uma amiga? — A morena balançou a cabeça negativamente. — Nem namorados?

— Não me envolvo com homens, apenas com mulheres. Mas, não, nunca tive uma namorada.

“Então ela também e lésbica... Quem diria, Elisa Marques. As aparências realmente enganam” pensou a loira. — Respeito o seu jeito de ser, acredito que existam muitas coisas no seu passado que eu sequer posso imaginar o que sejam, mas que contribuíram para a personalidade que tem

hoje. Você não tem a obrigação de ser sociável se não quiser. O que me chateia são as suas oscilações. Eu nunca sei com qual Elisa estou lidando, nem até onde posso ir.

— Na dúvida, não vá a lugar algum.

Aquela estava sendo uma noite mais quente que o normal. Embora o ar condicionado estivesse ligado, não estava dando conta da alta temperatura somada ao efeito daquele whisky tão forte. Elisa precisou abrir os dois primeiros botões de sua camisa social preta de seda. Até mesmo Laura, que estava de regata branca, sentia os efeitos daquele álcool.

— Estou sentindo que ainda vamos bater muito de frente. Mas, se conseguirmos não nos matarmos nesse um ano, estaremos no lucro — comentou em tom de brincadeira, porém, acreditando verdadeiramente que seriam meses complicados e desafiadores.

— Você também não é nada fácil, Laura. Com Fiona era muito mais simples de lidar.

— Mas eu não sou a Fiona.

— Eu sei bem que não é — concordou. — Me conta sobre você. Muitos amigos? Irmãos? Nenhum namorado? Namorada?

— Sobre mim? — Laura deu outro gole na bebida e a sentiu queimar menos que nas vezes anteriores. — Alguns amigos, zero irmãos e nenhuma namorada. Também não tenho interesse em homens — explicou. — E também nunca namorei.

— Posso saber por quê?

Elisa a olhava com atenção. Desviava os olhos apenas para se ater à bebida.

— Você quer honestidade na minha resposta?

— Não espero menos que isso.

— Ok. É que eu não me apego a mulher alguma. Nunca me apaixonei. Eu gosto da química, do momento, do beijo, do sexo, só.

— Talvez tenhamos acabado de encontrar nosso único ponto em comum. Também nunca me apaixonei, e olha que tenho nove anos a mais que você. Gosto de sexo, mas não quero o que vem depois.

— O que seria esse “depois?”

Relaxada na cadeira, Elisa ocasionalmente passava a mão nos cabelos e cruzava e descruzava as pernas involuntariamente. O álcool em seu organismo a tinha deixado em um confortável grau de relaxamento.

— Dormir juntos, ligações, procura, afeto.

— Você não gosta de carinho? Eu gosto, mesmo se for apenas por uma noite.

Laura começou a se mover um pouco inquieta na cadeira. Tocou na gola da própria camisa e a puxou para frente e para trás na tentativa de se refrescar.

— Não.

— Entendi. E aquela moça que às vezes te acompanha?

— A Úrsula? Oh não, ela é apenas minha contadora — riu. — Eu não traria uma pessoa para o meu trabalho, assim como nunca levei para a minha casa. É um grau de intimidade e confiança que não concedo.

— Você é difícil... — constatou a mais nova.

— E você? A pessoa que ia encontrar final de semana...

— Era a Bianca, minha melhor amiga. — Sorriu. — Ainda não me relacionei com ninguém desde que cheguei a essa cidade.

— Por quê? Tenho certeza que não foi por falta de oportunidade.

— Foi por falta de interesse — respondeu, instantes antes de sorver um pouco mais do whisky. O gelo já havia derretido completamente. — Mas... Por que tinha certeza que não era por falta de oportunidade?

— Porque esses braços definidos e expostos nessas regatas que usa, certamente devem chamar a atenção de muitas.

— Quem dera fosse simples e fácil assim.

— No fundo você sabe que elas olham o seu físico e imaginam o pior com você. Não seja modesta, senhorita Garcia. Não lhe cabe. E eu posso apostar que você gosta dessa atenção.

— De onde tirou essas certezas? — Laura a olhava com atenção e curiosidade.

— Se surpreenderia com a minha capacidade de ler as pessoas.

— Hum... Melhor eu tomar cuidado com você.

— Está admitindo que estou certa?

— Talvez...— Laura começou a circundar a ponta do dedo sobre a borda do corpo. — Não é tão fácil conquistar uma mulher, preciso de muito mais que uns braços bonitos. Mas tenho que admitir a parte sobre eu gostar de atenção. Quem não gosta de se sentir desejado?

— Concordo. Até mesmo eu, gosto. Quer mais bebida? — Ofereceu, recebendo um sinal positivo, a fazendo depositar mais uma dose

no copo de Laura com algumas novas pedras de gelo.

Conversavam lado a lado, cada uma em sua cadeira. Elisa estava completamente relaxada e à vontade sob o efeito daquela bebida. A gerente, por sua vez, estava receosa. No entanto, estava gostando de desfrutar aquela mulher mais aberta para si.

— Obviamente esse é um problema do qual não precisa se preocupar, pois é bastante lógico seu poder de atração. Você é uma mulher muito chamativa.

— As coisas não funcionam dessa maneira, Laura.

— Você sabe que funcionam.

— Claro que não funcionam. Eu não faço o seu tipo de mulher, por exemplo.

Laura soltou uma tosse seca, desviou o olhar e buscou instantaneamente seu copo de bebida.

— É, realmente, não dá para agradar todo mundo — disfarçou. — Também não sou seu tipo, está vendo? Impossível conquistar a todas com os meus braços nas regatas— brincou, fazendo Elisa soltar uma baixa risada.

A gerente sorvia o líquido lentamente e observava a chefe ao mesmo tempo. Seus olhos inevitavelmente exploraram aquele rosto que também a encarava. A loira alternou entre os olhos, desceu para o nariz e em seguida contornou os lábios de Elisa. Laura não conseguiu conter e desceu o olhar um pouco mais, atingindo o nível do decote com os dois primeiros botões abertos. Não se demorou ali e logo fez o caminho reverso, estacionando nos castanhos que ainda a encaravam. Sem jeito, já não sabia para onde olhar. Muito menos conseguia compreender o interesse de seus olhos. Tentava culpar a bebida a cada instante daquela noite.

— Eu jamais imaginaria que você fosse lésbica — disse, tentando quebrar a tensão de seu corpo. — Você não tem o menor jeito — continuou a falar. — Não que precise seguir uma regra, um padrão. Não estou querendo estereotipar. Mas, você sabe, às vezes dá para perceber sem muito esforço.

— Oh, não se preocupe, entendi perfeitamente o que quis dizer e eu concordo. Quando a vi pela primeira vez, por exemplo, desconfiei no mesmo instante.

— Sério?

Marques acenou positivamente com a cabeça.

— Seu jeito de andar, gesticular, falar, vestir... No mínimo gera uma dúvida. Não é uma regra, como acabou de dizer. Mas, deixa uma pulga atrás da orelha — explicou.

— Minha amiga Bianca diz que dá para notar a quilômetros. É uma exagerada — riram. — Já você... Nem de longe. Tão minuciosamente delicada e feminina...

— Eu disse e volto a repetir... — Elisa aproximou o rosto da face de Laura e tentou intimidá-la com seu olhar fixado às iris verdes. — Você me olha, mas não me vê.

A gerente não sabia o que estava ocorrendo com seu corpo e pensamentos naquela noite. Sua pele estava aquecida e ela já não sabia dizer se era a temperatura climática, o álcool ou aquela mulher tão próxima. Atordoada, tentava insistentemente encontrar uma justificativa para o que estava sentindo. Não queria permitir que a bebida a fizesse se sentir atraída justamente por aquela mulher. Todavia, o que ainda não havia percebido é que a bebida de nada tinha a ver com o que estava acontecendo. O álcool apenas estava aflorando o que já existia.

— Então se mostra pra mim — pediu ao alternar entre aqueles olhos ainda muito próximos. — Não quero mais te atravessar.

— E o que você quer?

Elisa sentiu a atmosfera entre a gerente e ela se transformando. Estava confusa sobre o que estava acontecendo, queria formular alguma resposta grosseira para sair daquela situação, mas, por alguma razão não estava conseguindo. Sentiu que havia passado um pouco do limite com o whisky e estava se deixando levar por algo que não conseguia nomear.

— Quero te enxergar.

Laura esticou e apoiou o braço nas costas da cadeira de Elisa, as deixando com as laterais dos corpos ainda mais próximas. Por alguma razão, começou a sentir uma forte vontade de tocá-la, mas não o fez.

— Então me olhe de novo — respondeu. — E de novo, e de novo...

Elisa foi se afastando mansamente até voltar à posição inicial. A loira podia jurar que aquelas palavras possuíam duplo sentido. Ou, talvez fosse sua mente que não estivesse em perfeito juízo. De qualquer maneira, não importando o significado, seus olhos não conseguiram deixar de percorrer aquela mulher. Laura travava uma batalha interna a qual estava

saindo perdedora. Infelizmente, Elisa Marques fazia o tipo de mulher que a enlouquecia.

— Vamos embora? Acho que já bebemos demais por hoje — sugeriu a mais velha, fechando a garrafa.

Laura se recompôs emocionalmente, recolheu a mochila e pegou a carteira.

— Acho melhor pegarmos um táxi. Seria perigoso você ir dirigindo pra casa e eu não pretendo ir a pé, pois estou um pouco estranha.

— Ok. Hoje preciso admitir que você tem razão.

Elisa recolheu a bolsa, Laura desligou as luzes, e as duas foram embora juntas, porém, em silêncio na parte traseira do táxi. Laura limitou-se a olhar seu lado da janela e, Elisa, o outro. Voltaram a se falar apenas quando os desejos de *boa noite* saíram de seus lábios.



Após o boa noite, Laura foi a primeira a descer do táxi e entrar em casa. Deixou os calçados na área de serviço, largou a mochila em um canto qualquer e jogou-se deitada no sofá. Ao mesmo tempo em que mirava o teto, um flashback de minutos atrás insistia em povoar sua mente. Confusa e ainda sob um efeito sutil da bebida, tentava buscar uma explicação para o seu próprio comportamento. Fechar os olhos e lembrar de Elisa tão à vontade perto de si foi inevitável. Seus pensamentos vagaram e a levaram para cada instante que compartilhou com ela naquele escritório. O intenso olhar, o sorriso marcante, a voz tão próxima e até mesmo o decote da senhorita Marques invadiram suas lembranças e proporcionaram uma reação estranha em seu corpo. Laura não sabia se era o efeito da bebida, mas, naquela noite, estava quase impossível não pensar naquela mulher.

Quando decidiu deixar o sofá, tomou um banho, jantou algo leve, sentou-se de frente para a escrivaninha que havia em seu quarto e começou a rabiscar alguns desenhos para matar o tempo. Hoje não estava em condições físicas para ir caminhar, tampouco estava com cabeça para jogar em seu computador. Acabou optando por se distrair entre folhas brancas e um lápis.

Entre um rascunho e outro, novamente teve os pensamentos invadidos por sua chefe. Laura não podia negar que havia gostado de saber que a mulher possuía a mesma sexualidade que ela. *Foi uma surpresa e tanto*. Também gostou de saber que a maneira como prende os cabelos remete a alguém importante para a mais velha. A loira até cogitou a ideia de

Elisa nunca tê-la demitido porque, de certa forma, ela desbloqueava uma memória afetiva.

Laura Garcia supôs muitas coisas nessa noite. Mas, nenhuma delas foi capaz de confirmar alguma verdade. Cansou de mover aquele lápis que não fora capaz de acompanhar o ritmo de seus pensamentos, e então deitou-se na tentativa de adormecer o mais rápido que conseguisse. Ledo engano; era impossível pegar no sono com a lembrança da voz de Elisa ecoando em seus ouvidos de novo, de novo e de novo.



Quando um novo dia de expediente iniciou, Laura entrou na loja a passos lentos e olhar observador. Gostava de mirar para o majestoso lustre sempre que atravessava o salão. Ao passar em frente ao escritório da morena, avistou a porta entreaberta, mas ninguém habitava o interior. Suspirou aliviada, pois ainda não sabia como iria se comportar na frente dela após a noite de ontem.

Laura vestiu uma blusa social de tecido fino e coloração azul marinho, se manteve com o jeans que já estava vestida e calçou um salto fechado. Hoje era dia de receber o pessoal da limpeza e de trocar as etiquetas com os preços de alguns produtos. Normalmente ficavam depositadas na parte inferior de cada peça, e serviam exclusivamente de guia e lembrete para as vendedoras, visto que a proprietária não gostava que os objetos tivessem os valores à mostra.

O dia foi bastante pacato, e o correr das horas parecia se arrastar. A gerente era um misto de aflição e receios durante todo o expediente, pois a morena ainda não havia comparecido e ela não sabia como iriam se portar após aquele whisky.

Quando Elisa finalmente chegou, por volta de três horas da tarde, se isolou em sua sala e não solicitou Laura para absolutamente nada. Tendo em vista que todas as tarefas do escritório estavam concluídas, a loira sabia que dificilmente seria requisitada. Entretanto, a vontade de receber um chamado se fazia demasiadamente grande. Queria e precisava interagir frente a frente com ela para saber como estavam suas próprias emoções.

Perdida em pensamentos, a gerente saiu de seus devaneios apenas quando sentiu o celular vibrar dentro do bolso. Ao olhar para a tela,

constatou que se tratava de uma ligação de Fiona.

— Alô?

Laura atendeu e foi caminhando para a sala dos funcionários.

— Oi, Laura. Aqui é a Fiona! Tudo bem?

— Oi, Fiona! Como está? Quanto tempo! Estou bem.

— Também estou bem, obrigada por perguntar. Não pretendo te alugar, pois a essa hora você deve estar na loja, presumo. Está tudo caminhando bem? E Elisa? Como vai a relação com ela?

— Acertou. As coisas estão fluindo. Não como eu gostaria, mas estão. O desempenho do antiquário está excelente, mas o meu relacionamento com a Elisa ainda é meio complicado. — Garcia falava baixo para que ninguém a escutasse. — Já esteve pior, mas ainda assim é uma relação difícil. Quando você me disse que eu precisaria ter paciência, não sabia que era tanta!

Laura escutou a mulher rir do outro lado da linha.

— Ela é complicada de lidar, eu sei. Mas não é má pessoa. Com o tempo você se adapta.

— Acho que sim... — respondeu pensativa. — Posso te perguntar uma coisa?

— Claro.

— O que rolou com o passado dela? Já sei que os pais morreram quando ainda era criança. Sabe algo a respeito? Por que não tem nada na internet? Os links estão todos fora do ar.

— Gostaria de poder te esclarecer algumas coisas, mas isso não me diz respeito. Ganhe a confiança, então quem sabe a própria Elisa te conta. Não sei muito a respeito, pois nós não tínhamos uma relação tão íntima. Mas, quem sabe ela se abre um pouco pra você.

— Espero que sim — suspirou. — Elisa é tão fechada...

— É o jeito dela mesmo, nada pessoal — explicou. — Querida, preciso desligar. Fico feliz em saber que o antiquário está caminhando bem. Volto a entrar em contato em outra oportunidade.

— Tudo bem. Adorei falar com você. — Sorriu ao telefone. — Mande notícias!

— Você também! Tem meu número, pode me ligar eventualmente.

— Pode deixar. Se cuida, Fiona.

— Você também! Beijo, beijo!

Laura voltou ao salão e deu uma estacionada próximo ao caixa para fazer um convite à Débora.

— Tem algo pra fazer nesse domingo?

— Hum... Não que me lembre, por quê?

— É o aniversário da cidade, não é? — A funcionária assentiu. — Queria uma companhia pra conhecer um pouco de como funciona. Fiquei sabendo que no meu bairro tem algo tipo um festival. Fiquei interessada. Quer ir comigo?

— Que horas seria? Só não posso ficar até muito tarde.

— Talvez umas sete da noite? Não sei que horas inicia.

— Eu topo, sim. — Sorriu. — Vai chamar alguém mais? Lillian? Júlia? Leonardo?

— Oh não, você é a pessoa mais próxima que conheço. Não tenho ninguém pra convidar...

— Por mim está ótimo! Será divertido mesmo apenas nós duas.

— Então fica combinado, a gente marca um ponto de encontro um dia antes.

— Ok. — Sorriu.

Entre um cliente e outro que entrava, as horas foram passando sem que Laura se desse conta. Quando percebeu, já estava quase no momento do fechamento. Elisa foi embora um pouco antes, sem falar com ninguém, deixando a loira com as emoções confusas ao vê-la passar e cruzar a porta sem olhar para o lado.

Na noite daquele mesmo dia, após vestir a roupa esportiva e calçar o tênis, a loira cumpriu o itinerário de sempre e deu algumas voltas pela rua da mais velha. Em uma dessas passadas, observou que a luz na janela do segundo andar havia sido acesa. Parou por alguns instantes e olhou para cima na tentativa de ver algo que nem ela mesma sabia o que era. Constatando que ali nada havia, baixou a cabeça e deu alguns passos adiante. Assim que o fez, sentiu a mesma sensação de estar sendo observada. Diminuiu a música do celular, estacionou os pés e voltou a olhar para a janela. Lá estava o que, no fundo, ela esperava ver. Elisa surgiu no

alto, mirando para baixo com os olhos fixos na gerente. A luminosidade do cômodo deu à Laura uma visão clara da mulher. A luz contrastava com a veste escura que, por sinal, combinava com toda a escuridão externa daquela casa. Era como se o imóvel fosse uma melancólica extensão de sua moradora.

Sem nada dizerem, se olharam em silêncio por um tempo indeterminado. Laura queria iniciar uma conversa, mas naquela noite deu lugar à ausência de palavras, e depois partiu. No dia seguinte a morena chegou ao antiquário por volta do meio dia, e em menos de cinco minutos após entrar em sua sala convocou a loira para lhe pedir o almoço e informar sobre a mudança da vitrine. A gerente anotou a solicitação no bloco de notas e em seguida se ateve a cada palavra que ela dizia. Laura ainda se sentia estranha desde o ocorrido na noite do whisky. Pensou que suas emoções e pensamentos tivessem sido provenientes da bebida, mas estava começando a constatar que não. Ali, sentada à mesa, de frente para Elisa, voltou a sentir as mesmas sensações daquela noite.

— Preciso que você crie uma nova vitrine, pois a estação está prestas a mudar.

— Ok. Alguma sugestão de como gostaria que ela ficasse? Tem algo em mente?

— Não, e também não estou com tempo para pensar sobre isso. Minha cabeça está cheia de coisas pra resolver, pois vou fazer uma longa viagem em breve. Provavelmente passarei uma semana fora ou mais.

— Entendi... Bom, tentarei dar o meu melhor, espero que goste.

— Eu conto com isso e não espero por menos.

Elisa estava fria, seca e distante. Quase não direcionava o olhar. Laura estava sentindo a mesma indiferença de antes, de quando haviam recém se conhecido. Nem de longe aquela era a mesma mulher de duas noites atrás, quando a convidou para se unir a ela em algumas doses de whisky. Ao mesmo tempo em que estava incomodada com aquela frieza e distanciamento dos últimos dias, não sabia como resolver a situação, muito menos como encontrar uma brecha para chegar até ela. Elisa Marques era um desafio diário.

— Quando vai viajar?

— Ainda não marquei a data, talvez daqui uma semana ou antes.

— Entendi. Vai ficar uma paz aqui na loja— brincou, esboçando um riso fraco.

— Pois é, eu sei que você adora quando não estou. Aproveita— disse com seriedade na voz, sem dar espaço para as brincadeiras da mais nova.

Elisa a respondia com os olhos atentos ao monitor do computador. Aquela indiferença sempre incomodava a gerente.

— Consegui uma companhia para o aniversário da cidade. Débora se animou em ir comigo.

— Hum, que bom, depois me diga se gostou.

— Pode deixar.

Sem saber como se comportar, pediu licença e foi logo buscar o almoço de Elisa. Aproveitou para trazer o próprio, também. Era sexta-feira e quase toda sexta a morena pedia comida japonesa. A gerente ficou com desejo e acabou pedindo o mesmo.

— Pode ficar com os harumakis de chocolate — disse a senhorita Marques. O restaurante costumava enviar aquela sobremesa como cortesia em alguns de seus pedidos. Era uma promoção que ela rejeitava, mas Laura desfrutava.

— Ah é, sempre esqueço que você é a única estranha que não gosta de nada sabor chocolate.

— Vou ignorar o seu comentário.

— É sua especialidade — respondeu-a friamente. — Vou almoçar, até depois.

Se retirou com o almoço e isolou-se na sala dos funcionários. Ao término da refeição, foi ao banheiro escovar os dentes e retornou para o salão. Estava auxiliando Débora no caixa quando recebeu uma ligação de Elisa a convocando novamente ao escritório.

— A tinta preta da minha impressora acabou, preciso que me traga outra. Acabei de olhar no armário e não tenho nenhuma reserva.

— Ok, pego dinheiro no caixa?

— Sim, e não esqueça de pedir para Débora registrar a saída. Traga duas, por favor. Essa é a marca e modelo — disse ao entregar o cartucho vazio.

Em menos de vinte minutos a gerente reapareceu com as novas tintas e a nota fiscal.

— Sabe trocar? Ou prefere que eu troque?

— É claro que eu sei, Laura — revirou os olhos. — Mas, pode trocar.

Elisa levantou-se, saiu do lugar e abriu caminho para a mais nova. Enquanto a loira ia abrindo a embalagem e encaixando o cartucho, a outra guardava o reserva dentro do móvel.

— Eu estava pensando sobre você — disse Laura, iniciando um assunto.

— Lá vem... — resmungou baixinho. — O que estava pensando?

— No que me disse duas noites atrás.

— Eu disse tantas coisas.

Elisa estava localizada atrás da loira enquanto a observava.

— Pois é. Mas teve uma que me deixou pensativa...

— O que?

— Você me disse que nunca se apaixonou e que basicamente se envolve apenas fisicamente. Me pergunto como isso funciona pra você, já que é tão fechada e não gosta de sair.

A mais nova encaixou o cartucho e deu início à prova de tinta. Elisa permanecia observando de trás.

— Como você é curiosa.

— Bastante.

— Realmente não gosto de sair, nem socializar. Quando ocorre, são nas minhas viagens; normalmente quando sou obrigada a ir em algum coquetel. Elas chegam até mim, nunca tomei a iniciativa. São mulheres distantes, as quais tenho certeza que não vou cruzar no supermercado, por exemplo. São sempre de outras cidades para que o envolvimento seja zero — explicava. — E foram pouquíssimas vezes. Muito, muito poucas. Pois além de ter dificuldade, sou extremamente criteriosa.

— Você é difícil em todos os sentidos — comentou ao olhar para a primeira folha que saiu da impressora.

— Eu sou uma pessoa um pouco complicada. Mesmo nas poucas vezes que ocorreram, em todas eu estava com pelo menos uma dose de álcool no organismo para facilitar.

— Um pouco complicada? Está sendo modesta.

Elisa ignorou aquele comentário e deu continuidade à explicação:

— Levei algum tempo para me abrir a isso. Meu primeiro beijo foi aos dezessete e a primeira vez em que fui para cama com uma mulher, eu tinha vinte e quatro. Bem tarde se formos comparar com a média.

— Cada um tem o seu tempo. Não existe cedo ou tarde. — Laura terminou de fazer o teste na impressora e se virou, ficando de frente para a morena. — O importante é que se sinta confortável nas vezes em que rolar.

— Você tem razão — concordou. — Mas, até hoje essa questão é um pouco complicada, pois é difícil explicar que eu não quero nada além de umas horas, não quero trocar mensagens e muito menos amanhecer na mesma cama. Eu não consigo ter essas coisas com alguém.

— Talvez porque você só consiga dar esses passos se estiver apaixonada. E como nunca se apaixonou, não se entrega.

— Mas eu também não quero me apaixonar.

— Puts, Elisa. Aí fica difícil... — riu. — O jeito é driblar as mulheres que provavelmente gamam em você nas primeiras horas.

— Até parece, Laura.

— Estou mentindo? Deve ser triste, para elas, terem apenas uma noite com você.

— Por quê?

Elisa a encarou e se fixou naquelas íris.

— É... Hum, bom... Acho que já mencionei que você é chamativa.

Laura não sabia por que estava dizendo aquelas palavras, muito menos conseguia compreender o motivo da presença de Elisa tanto puxá-la para dentro daquela aura enigmática.

— Por fora, talvez.

— O que vemos fora é o reflexo de dentro.

— As aparências enganam.

— Não por muito tempo.

— Por algumas horas, sim.

— Mas você já me deu mais que algumas horas.

— O que você quer dizer?

Elisa alternava o olhar entre aquelas íris que a encaravam com inteira atenção.

— Que talvez eu te conheça um pouco, mesmo que se esconda.

— Eu não me escondo, senhorita Garcia.

— Então me diz por que está me evitando ultimamente.

— Impressão sua.

— Então vamos comigo para o festival?— Convidou-a claramente, com todas as letras.

— Você já chamou outra pessoa.

— Nada impede de se unir a nós.

— Não mesmo.

— Tudo bem, respeito a sua decisão. Mas...

— Mas?

— Se fosse apenas na minha companhia, aceitaria? Algo na sua resposta fez parecer que sim.

— Está supondo coisas demais...

— É que eu preciso deduzir aquilo que você não me mostra, não diz. Quantas vezes preciso olhar para te enxergar?

Laura deu um passo à frente e, lentamente, encurtou a distância entre elas. Estava inteiramente compenetrada nos castanhos que também a olhavam. O interesse que sentia por aquela mulher já havia ultrapassado o limite da curiosidade.

— Depende do que você quer enxergar em mim.

Não era apenas Laura que se sentia presa ali. Marques também não sabia por que não tomava atitudes enérgicas contra aquela relação.

— Eu ainda não sei o que quero enxergar em você, pois não sei o que tem aí debaixo.

— Nada que pudesse interessar a alguém.

Após proferir aquela frase, Elisa sentiu a maciez e o calor da mão de Laura entrando em contato com a dela em um gesto inesperado. Tentou desviar para fora do toque, mas a loira segurou com mais firmeza.

— Talvez possa interessar a mim...

Laura estava tão hipnotizada naqueles olhos, tão atraída por aquela aura, que não estava medindo os próprios gestos corporais e atitudes verbais.

— Já nem sei do que estamos falando — respondeu em voz baixa.

Elisa a sentiu desafrouxar o contato com sua mão e soltá-la. No entanto, seu corpo se aproximou um pouco mais, as deixando a poucos centímetros de distância. O olhar atento da gerente buscou pelos lábios à frente e desceu de maneira ousada até o decote. A mais velha usava uma camisa com as três primeiras casas de botões abertas, e um longo colar de

corrente fina. Ele descia pelo vale entre seus seios e se escondia pouco mais abaixo do sutiã, na região coberta pela camisa.

O olhar atencioso e até mesmo malicioso de Laura não passou despercebido. Marques sabia exatamente que aquela visão estava agradando a mulher à sua frente.

— Uma pena você não ir ao festival — lamentou, voltando lentamente o olhar para a face de Elisa.

— Só falta você dizer que queria minha companhia.

— Sim, eu queria.

Elisa perguntava, mas não estava pronta para lidar com as respostas sinceras e diretas.

— Por quê? Achei que eu fosse a chefe estranha e insuportável.

— Porque eu tenho certeza que fora daqui você é menos chata. — Piscou, arrancando um riso discreto da morena.

— Você irritantemente me faz rir até quando eu não quero. Me vence pelo cansaço.

— Isso quer dizer um sim? — Sorriu.

— Todo ano estaciona um food truck de macarons e cookies na avenida principal. Costumo ir lá só para comprá-los, pois são os macarons mais gostosos que já provei. Então, se quiser me ver, já sabe...

— Que horas?

— Não sei. Umas nove ou dez, talvez.

— Tudo bem, eu passo lá. — Laura esboçou um pequeno sorriso de satisfação e permaneceu olhando para ela.

— Agora vou ter que aturar você até fora daqui, em plena noite de domingo. Onde fui me meter, hein? — Implicou.

— Acho que consegue me aguentar. Me atrevo a dizer que já nem me acha tão insuportável assim.

— Você é muito insistente, isso sim. — Elisa tentava conter o sorriso que teimava em formar-se em seus lábios.

— Não há insistência no mundo que faça você ceder a algo que não quer. — Piscou. — Agora preciso voltar ao salão.

A gerente estava estranhamente contente com a ideia de encontrá-la fora do ambiente de trabalho, mesmo que por poucos instantes.



Era o aniversário de Hills Dale! Laura e Débora caminhavam pela pequena avenida que cruzava o bairro da loira. Algumas ruas aos arredores, assim como o centro da cidade e outros pontos, também estavam em festa. Mas, o principal foco da noite, era a avenida localizada muito próxima à casa da gerente. Haviam dezenas de barraquinhas e food trucks espalhados por todo o lugar. Bandeiras haviam sido colocadas de um lado a outro, cortando a avenida. Hills Dale era uma cidade bastante arborizada, então os moradores aproveitaram para incluí-las na decoração. Em razão disso, enfeitaram as árvores com bastante luzes, daquelas que se utiliza no natal.

Eram seis horas quando Laura e Débora se encontraram. O clima estava quente, fazendo a loira retirar a jaqueta vermelha de couro e segurá-la durante todo o festival; ficando apenas de jeans e regata. Débora, por sua vez, estava de vestido florido. As duas conversavam e sorriam enquanto caminhavam por entre todas aquelas barracas e decoração. Os estômagos acabaram roncando com o agradável cheiro que vinha de cada local. Débora havia prometido ficar com ela até as nove e meia, pois precisava voltar cedo e administrar o último remédio de sua avó. Felizmente a saúde dela já havia melhorado consideravelmente, no entanto, se tratava de uma senhora muito idosa, que sempre precisava de cuidados especiais. Débora a havia deixado na companhia de uma amiga de confiança, mas não podia abusar.

— As pessoas dessa cidade são tão educadas. Olha, não tem uma sujeira no chão — comentou Laura, observando o lugar à sua volta. — Se fosse onde eu morava... Ah, mas você pode ter certeza que estaria cheio de embalagens de pipocas e latinhas de refrigerante espalhadas por aí.

— Credo — verbalizou Débora, indignada.

— Credo mesmo!

Crianças corriam com balões infantis, idosos aguardavam sua vez nas pequenas filas das barraquinhas, cachorros puxavam e forçavam suas coleiras para farejarem o chão e as pessoas que passavam. Ao mesmo tempo em que isso acontecia, adolescentes e adultos conversavam e riam entre si. Estava um clima bastante harmonioso, proporcionando um brilho

para os olhos de Laura, que estava encantada com tudo o que via. Era a primeira vez que presenciava um festival de pequeno porte. Em todos os que frequentou, sempre era muita confusão, tumulto e desordem.

— Meu Deus, estou adorando! — Dizia com alegria a cada dez minutos. — Essa cidade parece que tem um brilho diferente. Transmite tanta tranquilidade, é como se todos vivessem em harmonia.

— Nossa, onde você vivia devia ser um inferno pra estar achando aqui uma paz. Está bastante agitado hoje! — Observou. — Mas, sim, Hills Dale é um bom lugar de se viver, só trocaria essa cidade pra ser rica em Paris — brincou, arrancando uma risada da loira.

A beleza de Laura era algo incontestável. Em razão disso, estava atraindo alguns olhares por onde passavam. O fato de ser uma habitante nova naquela pequena cidade onde todos pareciam se conhecer, também era um fator agravante para chamar a atenção. As pessoas adoram observar o que é novo.

— Débora... — A gerente iniciou um diálogo após comprarem algo para comerem, e sentarem em um banco que comportou as duas.

— Hum?

— Quero te contar uma coisa sobre mim.

— Sobre você? — Indagou confusa. — Pode falar.

— Eu sou lésbica.

Débora a olhou sem qualquer surpresa nas expressões faciais.

— Já suspeitava. — Sorriu.

— Co-como? — Incrédula, arregalou os olhos.

— Tem *jeitinho.*

— Ah não, até você dizendo isso? Vou começar a acreditar que se nota a continentes de distância. — Riu.

— Boba! Não sei quem te disse isso, mas a pessoa tem razão. Outro fator também te entregou...

— Qual?

— O jeito como olha para a nossa chefe.

— O quê?!— Naquele instante, Laura soltou uma tosse seca e quase engasgou com o cachorro quente em sua mão. — Como assim?

— Saúde, Laura — comentou ironicamente. — Não sou inocente, vai? Você fica hipnotizada quando ela chega e passa por nós. Cuidado pra

ninguém mais perceber isso, pode rolar fofocas desagradáveis no serviço.

— Você está fantasiando. Eu a olho como você também a olha. Afinal, ela é muito bonita. Sem contar que tem uma energia diferente, uma aura misteriosa que nos instiga.

— A Elisa é linda, bem vestida, charmosa e usa um perfume que eu mataria para descobrir qual é. Só que ela é estranha, Laura. Me dá medo. Mas eu percebo que o mesmo não acontece a você. Ela não te intimida.

— Estranha? Diria que... *Diferente.*

— Olha aí! Antes você concordava que ela é estranha. Ai ai...

— Talvez eu tenha percebido que a Elisa é apenas... Incompreendida — disse a última palavra em um murmúrio. Mais pra si, que para a companheira de trabalho.

As duas concluíram o que comiam e se levantaram para continuarem vagando pelo lugar. Havia um pequeno palco com uma banda independente fazendo cover de algumas canções e animando o ambiente. A música estava em uma altura agradável, ideal para não incomodar nem atrapalhar os diálogos das pessoas.

Além de cama elástica e piscina de bolinha para as crianças, haviam duas barracas de jogos. Os prêmios eram bonés, camisetas e souvenirs com o nome e a estampa de Hills Dale. Por volta de nove horas da noite, Laura começou a procurar pelo food truck de macarons e cookies, na tentativa de ver a chefe. Disfarçadamente, enrolou por aquela região junto a Débora, que precisou se despedir quando o alarme de seu celular começou a tocar.

— Muito obrigada por ter vindo e me feito companhia, adorei poder presenciar todas essas coisas com você.

— Imagina, Laura! Queria poder ficar mais. Me perdoa? Não queria te deixar sozinha — disse com pesar em sua voz.

— Não se preocupe, eu entendo. Me sinto agradecida por ter passado essas horas comigo. Eu nem teria vindo se não fosse você. — Sorriu.

— Tá certo, então. — Sorriu em resposta. — Então boa noite, tá? Nos vemos amanhã no serviço. Ah! E cuidado para não se perder por aí! — Riu.

— Até parece! Boa noite e obrigada, novamente!

As duas se abraçaram, e a gerente observou a colega ir desaparecendo aos poucos de seu campo de visão.

Ao se ver sozinha em meio a todas aquelas pessoas desconhecidas, comprou uma garrafa de cerveja, se apoiou com as costas em uma árvore e observou o food truck, enquanto sentia o líquido gelado descer pela garganta e refrescar seu corpo naquela noite quente. A loira observava o fluxo de cidadãos ao mesmo tempo em que se perguntava se Marques iria aparecer por lá. Conferiu a hora no celular algumas vezes; já se tratava das dez. Quando a esperança chegou ao fim, virou o restante do líquido na boca e caminhou para jogar a garrafa na lixeira mais próxima que avistou. Feito isso, olhou para os lados para identificar qual direção tomaria na volta para casa. Contudo, para a própria surpresa, seus olhos captaram o momento exato em que uma mulher de vestido longo e casual se aproximou de onde os doces estavam sendo comercializados.

— *Boa noite, dama de preto...*

A voz saiu em um murmúrio próximo à nuca, fazendo Elisa virar-se e encontrá-la sorrindo.

— Laura!

— Oi! — Acenou com a mão. — Você veio... — constatou, ainda sorrindo.

— Eu disse que viria. Não perco esses macarons por nada.

— Nunca comi, acredita? — Tomou um lugar ao lado da morena e passeou o olhar pelos doces expostos. — São tão coloridos, parecem deliciosos!

— São crocantes por fora e cremosos por dentro. Possuem vários sabores — explicou. — Gostaria de dois de cada sabor, por favor — solicitou à vendedora. — Metade em uma bolsa e metade na outra — solicitou.

Assim que a atendente entregou duas sacolas de papel para Elisa, ela ofereceu uma nas mãos da gerente, que automaticamente surpreendeu-se com o gesto.

— Pra mim?

— Sim, pedi um de cada sabor pra nós. Depois me diz o que achou.

— Elisa, não precisava se incomodar...

— Me incomodar? Por favor. Não é incômodo algum.

— Poxa, obrigada! — Abriu um sorriso brilhante.

— Bom, já estou indo pra casa, ambientes cheios não é pra mim. Cadê a Débora? Ela não ia acompanhar você?

— Já está indo? — A voz de Laura saiu em tom de lamento. — Ela foi embora faz quase uma hora, tinha responsabilidades em casa — explicou enquanto caminhavam e se distanciavam do food truck.

— Entendo... Uma pena — respondeu. — Sim, realmente só vim fazer essa compra.

— Ah...

A loira estava visivelmente desanimada com aquela resposta.

— O que foi?

— Nada, é que eu pensei que você iria ficar pelo menos um pouco.

— Mas eu já mencionei que não gosto de agitação e movimentação de pessoas — respondeu com suavidade na voz para não soar como um fora, pois de fato não era.

— É, eu sei. Bom, acho que minha noite acaba aqui também. — Laura segurou a jaqueta e a alça da embalagem na mesma mão e liberou a outra para puxar o celular do bolso traseiro do jeans. — Ainda está tão cedo — suspirou ao ver a hora na tela do aparelho.

Elisa visualizou as expressões de desânimo naquela face e resolveu fazer algo a respeito. Era a primeira vez que a loira participava do aniversário da cidade, então a mais velha desistiu de deixá-la sozinha, e não permitiu que fosse embora antes do que desejava.

— Posso ficar um pouco mais por aqui.

— Hum?

— Vou ficar com você, Laura.

— Oh não, não precisa ficar sem querer.

— Eu quero. Mas, gostaria de me afastar um pouco dessa multidão.

— Claro!

As duas mulheres caminharam cada vez para mais longe do núcleo daquele evento. Andaram até encontrarem um banco de madeira afastado de todas aquelas pessoas e barracas. As luzes decorativas tonaram-se pequenas devido à distância; acabaram se transformando em pequenas gotas luminosas ao longe. A música, que já não era alta, se transformou em um plano de fundo quase inaudível.

Elisa sentou-se de pernas cruzadas, e Laura tomou um lugar ao seu lado, com as pernas afastadas uma da outra.

— Acho que vou provar um dos doces que me comprou — disse na tentativa de quebrar o silêncio. — Hum...Qual cor eu escolho? — Falava consigo mesma ao olhar dentro da embalagem. — Já sei, o amarelo, minha cor favorita.

— Amarelo é sua cor preferida? Que péssimo gosto — comentou ao observá-la.

— Pronto, começou... Agora vai implicar até com a minha cor — resmungou. — Por acaso a sua seria a preta?

— Não, azul marinho.

Laura envolveu um macaron com o guardanapo, o levou à boca e mordeu.

— Hummm, baunilha! — Exclamou em tom de satisfação gustativa. — Isso está uma delícia, você tinha razão — elogiou nos intervalos entre as mordidas.

— É realmente muito bom.

— Já sabe o dia que vai viajar? — Perguntou após engolir o último pedaço.

— Quarta-feira — respondeu-a prontamente. — Pretendo ficar uns dez dias fora, pois vou participar de alguns leilões e feiras. Isso leva algum tempo.

— Tudo isso? Caramba...

— Dez dias de paz pra você, já pode comemorar.

Laura não sabia como dizer aquilo, mas não conseguia não ser transparente com seus pensamentos e emoções:

— Pode parecer estranho, mas... — iniciou, ainda confusa e receosa. — Já me acostumei com a sua presença. Será diferente passar tantos dias sem você por perto, mesmo que reclamando e implicando comigo o tempo inteiro.

Marques não esperava ouvir aquela afirmação, então não soube o que dizer de imediato. Calou-se por alguns segundos enquanto formulava algo apropriado.

— É... A gente se acostuma com quase tudo na vida. Com o bom e o ruim também.

Laura sentiu um significado amplo naquelas palavras. Observou o semblante da mulher se tornar pensativo, como se aquele dizer abrangesse algum acontecimento do passado.

— Precisou se acostumar com muitas coisas na sua vida?

— Sim...

O diálogo entre as duas foi interrompido pelo celular da loira tocando dentro do bolso.

— O que meu pai quer comigo uma hora dessas? — Resmungou ao ver o nome na tela. — Ele me liga todos os dias, várias vezes por dia, é sufocante — continuou a reclamar.

— Você não vai atender?

— Não.

— Pois deveria, pode ser importante.

— Nunca é.

— Você não sabe. Atende, Laura. Porque um dia você irá desejar que esse celular toque, que seja ele, e nunca mais será...

A gerente engoliu em seco e sentiu-se mobilizada por aquelas palavras. Pediu licença e se afastou para atendê-lo. Quando voltou a se sentar, tomou um lugar bem próximo à mais velha.

— Não era nada demais, só para dizer que está com saudade, e eu avisei que vou visitá-lo no próximo fim de semana.

— Ah, que bom... Não deixe de ir, pois família é importante.

— É, sei que sim.... — Sem jeito, tentou iniciar algum assunto que pudesse trazer um pouco mais de conhecimento sobre a mulher ao seu lado. — Você ainda tem algum familiar? Primos, tios, sobrinhos?

— Não. Minha mãe era filha única também, então não tive tios, primos nem sobrinhos. Meu pai possuía apenas um irmão que nunca se casou.

— E esse seu tio ainda é vivo?

— Sim, ele é o Rogério.

— O quê? — Perguntou surpresa, elevando o volume da voz. — O Rogério? Aquele senhor que quer comprar o lustre?

— Sim. Ele e meu pai iniciaram juntos o antiquário, mas o meu tio — nem sei se quero chamar esse homem assim. Estava se tornando muito ganancioso, fazendo transações por debaixo dos panos. Enfim, romperam a sociedade, e meu pai comprou a parte do irmão, que em poucos anos abriu

uma loja de antiguidades no centro da cidade e se tornou o concorrente do meu pai. Na época eu era uma criança ainda, mas a minha babá, a que tive como uma avó, foi me contando tudo o que houve conforme fui crescendo.

— Agora eu entendo porque você fala dele com fúria.

— Isso não foi tudo. Quando meus pais morreram, ele sequer compareceu ao velório e cremação para se despedir. Jamais vou esquecer ele aparecendo lá em casa dias depois somente para reivindicar a herança. Rogério só pensa em dinheiro e bens materiais.

— Nossa... Sinto muito que a única família que você tenha seja um alguém tão sem escrúpulos assim.

— Tudo bem. Como eu vinha dizendo... Nos acostumamos até mesmo com as coisas ruins.

Ainda pensativa, Laura fez uma nova pergunta:

— Se os seus pais faleceram quando você ainda era uma criança, quem ficou com a sua guarda?

— O Rogério tentou, para manipular toda a minha herança. Mas a Suzana, que estava na família há gerações, lutou pela minha guarda. Ela foi citada no testamento dos meus pais, então a justiça soube que ela era alguém importante pra nossa família. E ainda bem que o juiz levou minha vontade em consideração e cedeu a tutela a ela. Eu já estava abalada demais com o- — Elisa fez uma pausa nas palavras e pareceu refletir sobre algo. Por fim, desistiu do que ia dizer, e concluiu a frase de outra maneira — com a morte dos meus pais.

— Ah, que bom ela ter lutado por você! Essa mulher devia te amar muito...

— E amava mesmo — sorriu ao lembrá-la. — Quando Suzana faleceu seis anos depois, eu já estava com dezesseis, prestes a completar dezessete. Foi quando recebi emancipação judicial e passei a ser responsável por mim mesma.

— Eu sinto muito. Deve ter sido bem difícil...

— A gente se acostuma...

Elisa dizia aquelas palavras na tentativa de se fazer de forte e convencer a si mesma que estava tudo bem. No entanto, no fundo sabia que um histórico de vida como aquele deixava marcas que reverberavam no tempo. O que Laura sabia era apenas uma parte de como sua vida foi solitária ao longo dos anos. Contudo, a parte mais triste, traumática e

sombria ainda estava encoberta pelo seu silêncio, pelas suas vestes escuras de eterno luto e pelas manias que melancolicamente trazia consigo e que lhe proporcionavam memórias afetivas.

A maneira como seus pais perderam a vida é uma história que ela nunca foi capaz de contar a alguém.

— Obrigada por ter me falado um pouco sobre você — disse com suavidade na voz ao depositar a mão delicadamente sobre a coxa de Elisa, próxima ao joelho, sobre o tecido escuro do vestido. O gesto foi carinhoso e desprovido de segundas intenções. — Eu sabia que você era menos insuportável fora do trabalho — brincou, na tentativa de quebrar o clima tenso daquela conversa.

— Você diz isso na minha cara?— Fingiu indignação.

— Melhor que dizer por trás.— Piscou.

— Ainda me pergunto o que fiz pra merecer você na minha cola.— Elisa revirou os olhos e balançou a cabeça negativamente.

— Confessa que talvez, lá no fundo, bem soterrado e escondido, você gosta um pouco de mim.

Laura aproximou o indicador do polegar, gesticulando e simbolizando esse "pouquinho" que Elisa poderia possuir de gostar por ela.

— Não sei de onde você tira essas coisas.

— Desse seu ar de riso na face. Você está quase sorrindo, estou vendo.

Laura implicava com a mais velha ao mesmo tempo em que se inclinava sobre ela, na tentativa de conseguir enxerga-la na face. Mas Elisa girou parcialmente o rosto para o lado. Por fim, não resistiu às investidas da loira e sorriu genuinamente para ela, ao virar o rosto e encontrar aquelas íris olhando-a com alegria.

— Já mencionei que você deveria sorrir mais vezes?

— Sim, pois enquanto estou ocupada sorrindo, não te dou ordens.

— E também porque você é linda quando sorri — confessou, intercalando entre olhá-la nos olhos e na boca. A mais nova percebeu o exato momento em que seu comentário fez o sorriso desaparecer daqueles lábios.

— Se eu não fizesse seu tipo, diria que está dando em cima de mim, senhorita Garcia — comentou em tom de brincadeira, sentindo-se um pouco sem jeito pelo elogio que recebeu.

— Talvez eu não esteja sendo tão sincera como digo ser...

Laura a olhava com atenção, decorando todos os traços daquela pessoa tão incomum. Hoje era a primeira vez que a loira a via sem maquiagem, pois Elisa saiu de casa apenas com um batom na boca. Em seu corpo havia um vestido longo, frouxo, preto e de alça fina. Hoje estava sem qualquer joia; apenas um pequeno brinco de pérola a enfeitava.

— Hum, e o que está ocultando de mim? — Perguntou. Elisa também a observava minuciosamente. Laura era a única pessoa com quem ela mantinha convívio e diálogos tão longos.

— Nada que precise ser contado.

— Você também é misteriosa...

— Eu? Nem um pouco. Só que nem tudo precisa ser dito.

— Não em palavras. — Elisa a complementou

— Verdade. Existem outras formas, até mesmo mais verdadeiras, de dizermos as coisas.

— Tem algo que você queria me dizer em alguma dessas formas?

Sem saber o que responder, Laura sentiu as mãos transpirarem e o coração bater um pouco mais rápido que de costume. A gerente tinha o olhar de Elisa fixado em seus olhos, à espera de uma resposta que ela própria não possuía.

— Sim, que contar até dez já não é necessário para te aguentar. Cinco se tornou o suficiente.

— Oh, tivemos um avanço — riu fraco. — Agora eu acho que já vou, fiquei tempo demais fora de casa.

— Posso te acompanhar? Também já estou indo.

A mais velha assentiu, e as duas se levantaram do banco. Caminharam sem nada dizerem uma à outra. Os passos lentos indicavam que, inconscientemente, queriam fazer aquela companhia, mesmo que silenciosa, durar alguns minutos mais.

— Moro no final dessa rua — apontou a loira, algum tempo depois, quebrando o silêncio.

— Então é aqui que nos despedimos.

Ao estacionarem os passos e se depositarem de frente para a outra, a funcionária agradeceu pela companhia e pelos doces.

— Não precisa agradecer.— Sorriu gentilmente.

Laura havia perdido as contas de quantas vezes viu o sorriso de Elisa naquela noite. Talvez duas, três ou quatro. O fato é que admirou aquela curva de lábios como se ainda tivesse sido a primeira da noite.

— Vou sentir sua falta — soltou sem pensar muito nas palavras. — Quando for viajar — contextualizou.

Elisa não sabia como reagir, para onde olhar, nem o que falar. Era a primeira vez que alguém lhe dizia aquilo. Laura era a primeira pessoa que demonstrava fazer questão de sua presença, mesmo com suas recorrentes desavenças. Para seu desespero interior ainda maior, aquela gerente se aproximou e a tocou delicadamente nos cabelos, depositando uma mecha castanha atrás da orelha. Laura a olhava com ternura e interesse, fazendo a mente de Elisa entrar em curto-circuito.

— Eu sei que falo demais, que pergunto demais, mas é que você me desperta algo diferente.

— Você é masoquista — brincou, mas sua postura estava rígida.

— Devo ser, pois não consigo ir pra longe de você.

— E no final das contas eu também permaneço aqui. — Foi a vez de Elisa se manifestar. — Eu deveria ter demitido você nos primeiros dias, mas tem algo nessa sua insistência que me vence.

Sentindo-se completamente presa na atmosfera de Elisa, a mais nova encurtou ainda mais a distância, permitindo que seu corpo quase tocasse o daquela mulher.

— Tem algo em mim que te faz me conceder mais que algumas horas.

A rua estava pouco iluminada, diferente da avenida em que estiveram há poucos minutos. Conseguiam se enxergar sem esforço, mas os detalhes faciais se perderam na penumbra da noite. Com a baixa luminosidade, os outros sentidos tornaram-se mais aguçados, principalmente o olfativo. O perfume de Laura se fez marcante para Elisa tanto quanto sua fragrância também se fez marcante para ela.

— Laura...

Elisa não sabia o que estava acontecendo com as próprias emoções. Tentava inutilmente encontrar em qual momento permitiu que Laura se aproximasse tanto de suas camadas.

— Oi... — disse baixinho, com seu rosto próximo o suficiente a ponto de ouvir a respiração da outra tornando-se apressada.

Antes que pudesse raciocinar uma resposta, a mão de Laura tocou em sua cintura. Elisa estremeceu com aquele contato e observou as íris verdes permanecerem fixas ao seu olhar. Laura havia lhes proporcionado uma distância perigosa, fazendo a mais velha tornar-se incapaz de pensar com clareza. Aquele toque na cintura, o rosto tão próximo e o murmúrio de Laura a colocaram em curto.

— Por favor, vai embora... — pediu em um murmúrio, com os lábios muito próximos aos da gerente.

— Tem certeza? — Perguntou baixinho, com seu hálito quente tocando a face de Elisa.

Com um nó na garganta que a incapacitava de verbalizar, apenas acenou positivamente com a cabeça. Para ela, era mais fácil deixar Laura ir do que lidar com aquela situação.

— Boa noite... — disse ainda em voz baixa, afastando-se lentamente e deslizando a mão para fora daquela cintura.

Laura aguardou uma reposta que não veio. Elisa limitou-se a dar as costas e caminhar em sentido oposto de onde estavam. Após o tempo agradável que partilhou com a mais velha, não esperava que terminassem o momento sem um desejo de boa noite por parte da outra. Todavia, sabia que Elisa funcionava em um ritmo só dela, e que precisaria respeitar os limites que colocasse.

Laura caminhou pensativa pelos próximos minutos antes de chegar em casa. Tentava a todo custo compreender o motivo que a levou a querer beijá-la naquele fim de noite. Elisa a atraía e isso era incontestável. No entanto, existia algo mais naquela atração. Algo que estava começando a confundir os pensamentos de Laura.



Ponto de vista Laura Garcia

Acordei antes mesmo que meu alarme pudesse tocar. Tomei um banho, belisquei qualquer coisa de café da manhã, escovei os dentes e me vesti. Sobre a mesa da cozinha estava a sacola com os doces que recebi da Elisa na noite passada. Olhei fixamente para a embalagem enquanto me perguntava onde eu estava com a cabeça. Passei a madrugada praticamente em claro pensando nela e revivendo todos os momentos daquele fim de noite. Me surpreendi comigo mesma e com a maneira a qual me deixei levar até chegar ao ponto de querer beijá-la. Tenho certeza que Elisa deve estar querendo me matar. Laura, Laura... O que está acontecendo com você?

Dentro da enorme bagunça que estão os meus pensamentos, não consigo borrar a imagem dela sorrindo pra mim um par de vezes sentada naquele banco. Também não esqueço a confiança que teve em me contar um pouco mais sobre sua vida, muito menos o que senti nos minutos finais quando a tive tão próxima. Soltei um longo suspiro, recolhi minha mochila e fui para o trabalho pensando a respeito.

Elisa não compareceu ao antiquário durante toda a manhã. Até pensei que, para me evitar, não iria trabalhar naquela segunda-feira — assim como fizera após a noite em que bebemos juntas. Porém, para a minha surpresa, lá estava ela entrando na loja por volta das três horas da tarde. Quando a vi, lembrei das correspondências que haviam sido entregues no horário do almoço. Por distração, as deixei guardadas no caixa em vez de levá-las para o escritório.

Aguardei aproximadamente quinze minutos para que pudesse se acomodar em seu canto, e em seguida bati algumas vezes na porta da sala, pedindo licença para entrar. Receosa, girei a maçaneta devagar e tomei coragem para encará-la. Assim entrei com as correspondências em mão, Elisa estava de pé em frente ao navio de madeira. Parecia observá-lo.

— Boa tarde, vim trazer algumas coisas que o carteiro entregou na hora do almoço.

Para a minha surpresa, não me ignorou. Virou e me encarou em silêncio. Quando o fez, havia resquícios da noite passada naquele olhar. Seus castanhos estavam atenciosos e preenchidos por interrogações. Eles me procuraram como se esperassem de mim algum tipo de resposta para o que aconteceu. Ou melhor, *não aconteceu.*

Eu daria qualquer coisa para poder invadir a mente dessa mulher e descobrir o que realmente pensa e como se sente a respeito de tudo o que vem acontecendo. Desde ontem eu não consigo deixar de me questionar a respeito do que houve. Não é possível que me deixei levar por algo que não existe. Não consigo acreditar que fantasiei cada pequena abertura que ela me deu nos últimos tempos.

Estou extremamente confusa; com ela e comigo. Nos últimos meses permiti que minha curiosidade se transformasse em interesse por descobrir mais sobre sua vida intrigante, e agora evoluiu para algo que eu pareço não ter controle. Me sinto fisicamente atraída por ela, e está me custando confessar.

— Pode deixar sobre a mesa — me respondeu sem aspereza na voz, mas também sem o carisma e simpatia da noite passada.

Em silêncio depositei as correspondências, e em silêncio me retirei do escritório. Sem perguntas, sem mais olhares, sem impor a ela minha presença. Se eu estou precisando de tempo para compreender essa atração, imagino que ela esteja precisando cinco vezes mais. Sendo assim, respeitei o nosso tempo e não me atrevi a invadir o espaço necessário.

Não nos falamos durante todo o dia. Na terça-feira o mesmo ocorreu. Ela não me chamou para absolutamente nada, e eu me limitei a cumprir com minhas obrigações. Porém, aquela terça era a última do mês, e isso significava que minha chefe iria querer fechar o caixa comigo para puxar o relatório mensal.

Durante todo o expediente aguardei algum contato ou mensagem confirmando, mas, nada aconteceu. Com isso, permaneci na minha e comecei a fechar o caixa sozinha quando o momento chegou.



A gerente havia se trocado e estava distraída fechando um dos caixas quando Marques deixou o escritório e se aproximou lentamente, tomando um lugar no computador ao lado.

— Boa noite — disse a morena.

Laura a cumprimentou, mas se manteve quieta e compenetrada no que fazia. Se esforçou a contar o mais baixo possível para não interromper a concentração de sua chefe.

De onde estava, Elisa tentava de maneira falha, manter a atenção em sua função. Seus olhos a traíam e, discretamente, buscavam pela mulher que estava ao seu lado. A morena estava inquieta e, ao mesmo tempo, intrigada com o comportamento de Laura. Confusa, não compreendia por que ela ainda não havia tentado qualquer tipo de contato. Visto que a mais nova sempre a procurava, a enchia de perguntas e a questionava, estranhou a ausência de todas essas atitudes. A morena não sabia o que estava acontecendo, mas sentia-se agoniada como se tivesse passado todo o dia à espera de algo que não veio.

— Quando finalizar, me avisa. Preciso puxar o relatório do mês nos dois computadores — comunicou, recebendo apenas um “ok” em resposta.

Mesmo concentrada na contagem, a gerente conseguiu perceber através de sua visão periférica que Elisa a observava. Sem saber o que fazer, dizer ou como se comportar, limitou-se a apenas terminar aquela tarefa.

— Acabei. Os valores bateram corretamente.

— Aqui também. Agora vou puxar o relatório do mês primeiramente no seu computador pra que acompanhe o passo a passo.

Quando Elisa saiu de onde estava e estacionou ao lado da gerente, a mesma teve as narinas e os pulmões invadidos por seu perfume. Aquela fragrância desbloqueou em Laura as memórias da noite de domingo que tanto tentava esquecer. A forte presença ao seu lado ativou automaticamente o botão de suas emoções. Com uma forte inquietude no peito, não sabia se

olhava para o monitor ou para ela. Não sabia se abria a boca ou permanecia calada. Hoje foi a vez de Laura entrar em curto-circuito.

— Quero ensinar a você todas as minhas funções, pois será o meu braço direito aqui dentro. Quando eu não puder comparecer, preciso estar segura de que tenho alguém que consiga me substituir. Então, preste bastante atenção.

"*Estou tentando*" — pensava Laura.

As confusões que habitavam a mente da mais nova eram semelhantes às que povoavam os pensamentos de sua chefe. Elisa também estava possuindo dificuldades em focar apenas nas ações que exercia no computador. Ela não conseguia compreender como Laura foi tão ousada naquela noite e agora se comportava como se nada tivesse acontecido. Por um lado, estava agradecida por não precisar falar a respeito. Em contrapartida, havia uma angústia e uma espera por algo além daquele silêncio.

Elisa Marques estava tão desestruturada com aquela situação, que se perdeu na explicação duas vezes consecutivas. Seu coração estava um pouco agitado pela proximidade de Laura somada às lembranças daquele festival. Não conseguia compreender o que estava acontecendo em seu interior; de qualquer maneira, era claro que aquela inquietude estava afetando também o exterior. A curta distância com o corpo de Laura também lhe desbloqueou algumas memórias. Aquele perfume de fragrância suave, no ambiente, estava tornando ainda mais difícil a concentração.

— Está tudo bem? — Perguntou a gerente, percebendo que a mulher mexia o cursor do mouse de maneira incerta.

— Sim, é que me deu um branco em relação ao programa, mas já lembrei. — Elisa ensinou o passo a passo e colocou o relatório para imprimir. — Agora vou pedir que você faça no outro computador o que eu fiz nesse aqui.

— Ok.

As duas se dirigiram para o aparelho ao lado, e Laura foi executando as ações conforme ela lhe ditava.

— Clico aqui, certo?

— Isso.

As duas estavam de pé e olhavam fixamente para o monitor. Elisa, localizada parcialmente atrás da direita de Laura, depositou o braço sobre o

dela e englobou a mão repousada no mouse. O deslizava e mexia o cursor conforme ia guiando e relembrando o passo a passo para a loira. Tamanha proximidade e contato proporcionou certo nervosismo em Laura, que sentia o calor de Elisa unida por trás, ao lado direito de seu corpo. O mesmo calor vinha da mão suave, macia e delicada que estava sobre a dela.

Cada vez que a morena deslizava o mouse e clicava sobre o dedo da gerente, proporcionava em Laura um arrepio que subia pelas costas até alcançar a nuca. Aquela estava sendo uma péssima maneira de tentar fazê-la memorizar. Contudo, a loira estava se esforçando para não perder as informações.

Enquanto travava uma batalha contra as emoções e sensações em seu corpo, Elisa ia constatando o quão familiarizada estava se tornando com o contato daquela mulher. Ela apenas não conseguia definir aquele costume como bom ou ruim. Perceber que a presença da gerente, ao contrário das demais pessoas, já não lhe despertava estranheza, a estava preocupando. Nunca outra pessoa conseguiu chegar tão perto de si como aquela mulher vinha fazendo. E esse “perto” ia muito além daquele corpo tão próximo.

— Elisa... — Laura chamou, tentando iniciar um assunto.

A mais velha concluiu a tarefa e solicitou a impressão do segundo relatório.

— Sim?— Respondeu ao retirar a mão que estava sobre a dela.

Laura virou de frente, ficando entre o balcão e sua chefe.

— Eu sei que você não faz absolutamente nada com as minhas desculpas, mas eu quero me desculpar por domingo.

Elisa a encarava com atenção.

— Está se desculpando pelo que, exatamente?

— Não sei... Por algo que eu possa ter feito. — Falava com receio e suavidade na voz.

— Eu estaria sendo desonesta se aceitasse o seu pedido.

— Não entendi.

— Bom, vamos lá. — Elisa soltou um suspiro como se estivesse criando coragem para prosseguir com as palavras. — Você não fez nada de errado, então não me deve desculpas. Sou uma mulher adulta, responsável pelas minhas ações. Seria injusto deixar cair a culpa sobre você, uma vez que eu permiti que fosse até ali.

Elisa não sabe como conseguiu pôr para fora aquelas palavras. Talvez seu senso de justiça e honestidade a tivesse impulsionado.

— Mesmo assim eu quero me desculpar. Quando te convidei para o festival, foi porque eu queria a sua companhia. Apenas isso. Queria conhecer você além dessas paredes, mas não sei o que aconteceu no final da noite...

Elisa a olhava e não conseguia deixar de se questionar interiormente sobre o que estava acontecendo. Para ela, se aquela gerente fosse uma mulher aleatória que tivesse tomado a iniciativa em alguma de suas viagens, possivelmente teria permitido que a beijasse. Afinal, aos seus olhos, a loira é uma mulher bonita, inteligente e de atitude. Seria infinitamente mais fácil permitir um beijo se nunca mais precisasse lidar com aquela situação. Mas, infelizmente, o cenário era completamente diferente. Aquela mulher da noite de domingo não era qualquer pessoa, ela era Laura; a mulher que fazia parte da sua rotina, que a rebatia, mas não ia embora. Era a pessoa que passava debaixo da sua janela, que se importava em não vê-la dirigir bêbada, que a convidou para o festival, não a deixou sozinha na chuva e ainda ousou dizer que sentiria a sua falta. Como lidar com aquela situação inédita em sua vida? Elisa não sabia. A maioria das pessoas sempre desistiu na primeira arrogância— que no fundo era uma dádiva para alguém como ela, que prefere não formar vínculos. No entanto, a ousadia de Laura mudou drasticamente o cenário que já conhecia. E agora ela não sabia para onde mover as peças.

— Por que o interesse em me conhecer? — Perguntou, enquanto se perdia em pensamentos.

— Porque você é diferente de todas as outras pessoas. Porque quando te olho, sinto que não te vejo por inteira, e isso me instiga a te procurar aí dentro.

— Amanhã eu viajo — comentou, cortando e desviando o assunto.

— Vou sentir a sua falta.

— Não é isso que você deve dizer. Não nos toleramos no mesmo ambiente, lembra? Então se sinta aliviada pela distância.

— Por que faz isso? Por que me impede de ser legal com você?

— Porque eu não peço para que seja legal comigo.

— Não precisa pedir, Elisa. Somos naturalmente legais com alguém quando gostamos. Você não me pediu permissão para ser legal comigo e me

comprar aqueles doces no domingo. Esse é o ponto — suspirou. — Enfim, esquece.

— Desculpe, não sei reagir quando me diz essas coisas. — Agora foi a vez da chefe soltar um suspiro de lamentação.

Laura esticou o braço e a tocou na mão em um gesto delicado e surpreso.

— Eu entendo. Entendo e respeito o seu jeito. Mas, me deixa sentir a sua falta? Me deixa dizer que esses dez dias sem você serão uma chatice...

Elisa era um antagonismo de emoções. Um de seus lados se alegrava com aquelas palavras. Em contrapartida, a outra parte sentia-se incomodada pela mesma razão. Estava se apegando à Laura e começara a se dar contar.

— Esses dias longe serão importantes pra colocarmos as coisas no lugar.

— Mas eu não tenho nada para pôr no lugar. Você tem?

Laura percebeu que se demorou demais em seu contato com a mão da mais velha. Quando decidiu rompê-lo, surpreendeu-se com Elisa impedindo que ela a soltasse.

— Algumas... — respondeu em tom suave de voz. — Preciso entender o que está havendo aqui — disse ao alternar entre os olhos de Laura. — Engraçado você ter me pedido desculpas por domingo, pois eu estava quase agradecendo por aquele dia — Elisa estava se esforçando para conseguir externalizar alguns pensamentos — Obrigada por ter querido me ver. Foi agradável estar na sua companhia, mesmo que por um período curto de tempo. Você também é menos insuportável fora daqui — piscou, arrancando um pequeno sorriso da loira.

— Um curto espaço de tempo talvez seja o ideal para não nos matarmos. — brincou, fazendo Elisa curvar os cantos dos lábios.

A mais nova estava encostada no balcão com uma mão dentro do bolso dianteiro do jeans e a outra segurando a de Elisa. Pelo fato de estar usando tênis, ficava poucos centímetros abaixo da morena, que sempre utilizava saltos bem altos.

— Mas foi uma pena ter sido pouco — a loira continuou a falar.

Elisa olhava a postura de Laura encostada naquele balcão e não conseguia negar a si mesma o quanto a achava bonita e atraente. Os cabelos naturalmente loiros, os olhos verdes e vívidos harmonizavam e faziam um

belo conjunto com o nariz levemente arrebitado e os lábios finos. Laura possuía traços delicados que contrastavam com sua postura firme, ereta e forte. A loira era dona de um par de braços definidos ao ponto, sem exageros. Seus seios eram pequenos e seu físico magro, mas sua postura exalava uma grande presença. O “jeito” que todos mencionavam era visível no andar e na maneira como gesticulava. E era esse mesmo jeito que agradava o olhar de Marques; principalmente quando a via de regata, como agora.

— E quanto seria o ideal pra você?

— Mais que algumas horas...

Laura novamente voltou a jogar com as palavras, transformando a atmosfera entre elas. Elisa até tentava manter a rígida postura, mas estava se tornando cada vez mais difícil não se deixar levar por aquilo que ainda não era capaz de nomear.

— Você já teve de mim mais que qualquer outra — disse com firmeza na voz ao dar alguns passos à frente. Suas mãos se soltaram e deram lugar a uma união de olhares.

— Talvez nunca seja de mais ter o que vem de você.

— E o que daria certeza e tiraria de você esse “talvez?”

A proximidade de Elisa estava proporcionando uma descarga pelo corpo de Laura. Por mais que quisesse, não era capaz de controlar a forma como estava reagindo. Os pensamentos vinham sem permissão, os arrepios e o calor em seu corpo eram involuntários, mas sua razão sabia que não podia querê-la nem desejá-la. Não aquela mulher. Sua mente pedia para não avançar, sua consciência dizia que Elisa nunca iria correspondê-la.

— Se eu for honesta na reposta, você vai me demitir — brincou, na tentativa de aliviar a tensão do próprio corpo.

— Acho que entendi... — comentou a mais velha, deduzindo o que possivelmente Laura responderia. — Vamos embora? Já está tarde.

Elisa estava cada vez mais confusa. Ela era uma mulher inteligente e sabia há algum tempo que Laura estava lhe dando brecha. O que ainda não possuía certeza, era no quanto suas próprias emoções a correspondiam.

As duas desligaram os computadores, Laura apagou as luzes, e deixaram o estabelecimento. Enquanto a loira fechava o portão de segurança, a mais velha se aproximou e fez um convite completamente inusitado:

— Está tarde, vamos comigo, te dou uma carona.

Elisa havia repetido duas vezes aquela frase em pensamentos antes de conseguir verbalizá-la.

— Você tem certeza? Não quero incomodar.

— Não é incômodo, moramos próximas. Vem, antes que eu mude de ideia.

"*Como é delicada, nossa*" — ironizou em pensamentos, enquanto terminava de trancar o portão.

A gerente caminhou em direção ao automóvel e tomou um lugar no banco do carona. Ela observava os movimentos da mulher fechando o cinto de segurança, ao mesmo tempo em que se perguntava com qual Elisa Marques havia entrado naquele carro. Era sempre uma aventura descobrir qual humor e personalidade aquela mulher usaria a seguir.

A morena dirigiu em silêncio, e Laura também se manteve calada após comunicar a localização de sua casa. Quando o veículo parou em frente, um clima constrangedor se interpôs entre as duas.

— Que horas você viaja amanhã?

— Meu voo está marcado para as nove.

— Ah... Então nem vai comparecer à loja.

— Não.

— Hum...

— Tem meu número, então me comunique se algo importante acontecer. Estarei à disposição caso queira esclarecer alguma dúvida, também. Mas peço que, por favor, tente trazer o mínimo possível de problemas.

— Pode ficar tranquila, sabe que sou capaz de resolver quase tudo sozinha. Quantas vezes já bati na porta da sua sala pra fazer você resolver algum pepino? Ah é, nenhuma.

O comentário de Laura fez a morena revirar os olhos.

— Ótimo! Pois odeio que tomem meu tempo.

— Relaxa. Só mandarei mensagem se por ventura eu fizer sua loja explodir.

— Laura! — A repreendeu com o olhar raivoso.

— É brincadeira, é brincadeira — riu. — Pode ir em paz, o antiquário está em boas mãos.

— Eu conto com isso — respondeu com seriedade na voz e semblante.

— Que mulher brava, meu Deus — disse ao mesmo tempo em que encarava as expressões da chefe.

— Aproveite esses dez dias para montar a vitrine, ok? Quero que esteja pronta quando eu voltar.

— Certo. O que mais?

— Apenas isso.

— Ok. Pode me avisar quando chegar no hotel?

— Com qual intuito?

— Quero saber se chegou bem.

— Mando uma mensagem quando encontrar um tempo — respondeu um pouco sem jeito.

— Certo. Bom, vou descer.

Laura comunicou, mas não moveu-se do banco, fazendo a outra perceber que ela ainda fazia contato visual quase sem piscar.

— Quer me dizer algo?— Perguntou a morena.

— Quero.

Causando certa tensão em Elisa, Laura se inclinou lentamente sobre ela e estacionou os movimentos apenas quando sua face estava tão próxima como na noite de domingo.

— O quê?— Murmurou Elisa, no silêncio daquele veículo fechado.

Uma vez mais a distância se tornou curta o suficiente a ponto das respirações se misturarem. As duas tiveram incontáveis pensamentos enquanto os segundos daquele momento pareciam se estenderem. Pensamentos confusos, que cruzavam seus cérebros e liberavam sensações em seus corpos perigosamente próximos.

— Boa viagem — respondeu baixinho, em um murmúrio muito próximo à boca de Elisa.

— Obrigada...

Marques perdeu a sustentação do olhar e o deixou cair para os lábios à sua frente. O gesto durou uma fração de segundos, e tão logo voltou a encontrar aquelas íris verdes que exalavam interesse.

— Boa noite.

Laura avançou lentamente até sentir a lateral da face de Elisa em seus lábios. Foi a primeira vez que esteve tão perto aspirando o cheiro

daquela pele e dos cabelos castanhos muito próximos à região onde estava. O beijo depositado naquele rosto durou apenas alguns segundos, mas, foi o suficiente para a loira sentir o coração acelerar e perceber o tamanho do problema que havia se metido. Aquela pele macia e perfumada em seus lábios trouxe a constatação de que estava balançada pela última mulher que poderia sentir aquelas coisas. Ao afastar-se ainda mais lentamente de quando avançou, seus lábios praticamente deslizaram pela bochecha de Elisa antes de romperem o contato. Quando voltou a encontrar com o par de olhos castanhos, recebeu um “boa noite” em resposta e desceu do veículo.



Ponto de vista Elisa Marques

Deixei meu carro na garagem e entrei em casa atordoada. Meu corpo e minhas emoções estavam inquietos. Meu coração batia alto, apressado, como se dentro dele eu armazenasse um trovão. Tomei um banho e me sentei na poltrona do quarto com uma dose de whisky na mão. Em meu corpo havia apenas uma confortável camisola de seda e um robe por cima.

Minhas emoções se moviam, oscilavam e me deixavam cada vez mais confusa. Eu não conseguia deixar de pensar na mulher que estava me deixando dessa maneira. Na escuridão do cômodo, com apenas um abajur me proporcionando meia luz, eu olhava para dentro de mim na tentativa de compreender o que estava acontecendo.

A cada instante, o meu coração parecia bater mais alto e mais alto. Comecei a sentir um temor e um medo que há tempos não faziam parte das minhas emoções. Estava um pouco apavorada com a capacidade que Laura possui em me desconfigurar. Sinto como se meus muros e camadas se tornassem cada vez mais transparentes perto dela. Por quê?

É irônico quando diz que gostaria de me enxergar, pois ela é a única pessoa que em vez de me atravessar, consegue olhar para aqui dentro. Por mais que eu tente afastá-la, Laura corresponde demonstrando que prefere ficar. Isso me confunde e me deixa sem saber como agir. Ninguém nunca

quis ficar, antes. Não depois de descobrir o quanto posso ser agressiva nas palavras.

Embora na maior parte do tempo eu tenha oferecido o silêncio quando se trata de quem sou, Laura olha tanto para dentro de mim, que às vezes eu sinto como se escutasse o estrondo que constitui o meu interior.

Estava quase concluindo a bebida quando meus pensamentos me levaram para o ocorrido no carro. Lá estou eu, novamente, sentada no banco com ela. Dessa vez, olhando de fora, como espectadora da minha própria mente. Comecei a reviver as sensações daquela mulher tão próxima a mim. Seus olhos verdes me olhavam com tanto interesse, como se não quisessem perder um traço ou um movimento meu. Havia ternura, mas também desejo naquele olhar. Laura aproximou-se como na noite do festival, mas não me tocou na cintura como fizera aquela vez. Hoje o toque que conheci foi o dos seus lábios na pele do meu rosto. Seus toques estranhamente vinham se tornando familiares, e eu já não os rejeitava. Estava se tornando corriqueiro e natural senti-la. E por falar em sentir, continuei observando aquela lembrança até novamente vivenciar a sensação de seus lábios deslizando pela lateral do meu rosto. Quando atingiram o último segundo em minha pele, desejei que ela tivesse alcançado minha boca e colocado um fim naquela vontade. *Droga*, estou odiando admitir a mim mesma que Laura me fez desejá-la.

Estou profundamente aliviada pela viagem de amanhã. Dez dias fora irão resolver essa questão e pôr as coisas em seu devido lugar. Não posso continuar permitindo essa aproximação. Nunca me envolvi com nenhuma mulher da minha cidade, então não será com a minha funcionária que eu deixarei algo acontecer. De qualquer maneira, o que me assola é enxergá-la de um jeito diferente. Porque por mais que tenhamos nossas desavenças — que são muitas. Laura é a única companhia que não me desagrada. É o único toque que se tornou familiar em minha pele. É o único olhar que busca o meu e não me faz querer fugir. Por outro lado, todos esses pontos que deveriam ser positivos, me fazem querer correr. É por essa razão que sou tão inconstante com ela, como se a cada dez minutos uma outra personalidade tivesse assumido meu lugar. Estou acostumada a não sentir, a ser minha própria companhia e desgostar de qualquer outra. E não será por causa dela que as coisas irão mudar. Se isso se chama fugir, então aceito o título de uma grande covarde.



Cheguei no hotel por volta do meio dia. Hoje a rotina seria cheia e os horários, corridos. Participaria de uma feira de antiguidades às duas, teria uma reunião de negócios às três e meia e um coquetel logo em seguida. Odeio precisar interagir com toda essa gente chata, mas infelizmente faz parte do meu negócio. Sempre que viajo, peço para meu advogado e contadora permanecerem o mais disponíveis possível para mim, pois gosto de esclarecer questões que eventualmente surgem nesses eventos.

Ainda no hotel, tomei um banho e vesti um conjunto de terno feminino. Hoje ousei anexar uma gravata ao meu visual. O terno e a gravata eram pretos e a camisa que eu usava no interior era grafite. Meus pés estavam calçados por saltos. Aquela aparência séria e intimidadora certamente iria me poupar de alguns diálogos. Caminhei até a janela daquele quarto de hotel e avistei o fluxo de veículos na rua. Nesse instante, minha visão sobre os carros pareceu desligar e a imagem de Laura estupidamente voltou aos meus pensamentos. Droga! Balancei a cabeça suavemente, espantando sua projeção, e desci.

Me esforcei para cumprimentar e sorrir para todas aquelas pessoas chatas, desinteressantes e superficiais dos meus compromissos. Não suporto ter de ser simpática e fingir emoções que não são verdadeiras. Essa, sem dúvida, é a pior parte de conviver em sociedade. Sou obrigada a apertar mãos de indivíduos que, em alguns casos, querem ver a ruína do meu negócio. Preciso sorrir para contatos que sorriem de volta única e exclusivamente porque são forçados a serem cordiais. Emoções não genuínas me incomodam. Odeio ser forçada a ser de mentira.

Cumpri toda a minha agenda para aquela quarta e lá estava eu; sozinha na sacada do décimo andar de um edifício comercial onde acontecia um coquetel de encerramento. Eu estava com o quinto drink da noite em minha mão, e olhava pela vista da sacada enquanto sentia a brisa da noite balançando os meus cabelos. Perdi as contas de quantos homens vieram até mim com seus discursos rasos e baratos. Será que eu já posso voltar ao hotel sem soar a única estranha do evento?

Algumas mulheres, em número inferior aos homens, me olharam e sorriram em convite. Fazia muito tempo desde que estive com alguém, mas o desinteresse ainda permanecia. Recusei cada olhar e sorriso de todas elas. Continuei isolada naquela sacada observando as luzes da cidade até escutar uma voz feminina nas minhas costas.

— Boa noite, posso me juntar a você?

Ao virar, me deparei com a imagem de uma loira que aparentava ter alguns anos a mais que eu. Minha genuína vontade era de verbalizar um "não", porém, senti meu celular vibrar dentro do bolso da calça. Quando desbloqueei a tela, constatei que se tratava de uma mensagem de Laura Garcia perguntando se eu havia chegado bem. Voltei a olhar para a loira que me encarava e resolvi dizer que "sim" para a sua pergunta. Talvez ela fosse capaz de resolver *"o problema que acabei de guardar, sem resposta, dentro do bolso."*

Conversamos por mais de uma hora, o álcool em meu organismo me ajudava a adquirir alguma capacidade social. Tudo o que consegui absorver da nossa conversa foi que a mulher em questão era historiadora e também estava de passagem por aquela cidade. Quando o coquetel chegou ao fim, fui convidada até o quarto onde ela estava hospedada. Pensei em recusar, mas lembrei do motivo que me fez dizer o primeiro "sim" naquela noite. E então, disse o segundo.

Minutos após a proposta, me vi a sós com ela no quarto de algum hotel. A todo momento eu me perguntava o que estava fazendo ali, mas, prossegui. Não aceitei nada para beber, então continuamos apenas conversando. Seus olhos me olhavam com luxúria e eu pude observar quando desceram para a minha a boca. Sem aviso prévio, aproximou-se de mim e tocou na minha cintura sem delicadeza. O desejo em seus gestos ávidos era evidente. Não senti absolutamente nada com o avanço das investidas. Se a entrega era difícil antes, estava ainda mais agora, pois eu travava uma luta árdua contra os meus pensamentos. Quando sua boca tocou a minha, correspondi ao beijo através de atitudes mecânicas. Me sentia uma boneca que alguém havia dado corda para que cumprisse com a sua função.

Ainda pior que não sentir nada naquele beijo, era estranhar as mãos dela percorrendo e apertando o meu corpo sobre a roupa. Eu não as queria ali e estava me odiando por nos sujeitar àquela situação. Era desonesto comigo e com a mulher que me beijava.

Os minutos passaram e eu continuei insistindo naquele erro porque, para mim, ele era menor que pensar em Laura.

— *Desculpa, eu não consigo* — acabei dizendo para ela, algum tempo depois, e a mim também.

Identifiquei a frustração em sua face, mas eu não era capaz de prosseguir. Recolhi minha bolsa, chamei um táxi e saí dali o mais rápido que pude. Eu precisava da segurança física e emocional do meu próprio quarto de hotel.



Três dias haviam se passado desde a viagem de sua chefe. Laura estava profundamente chateada pela falta de notícias. Não havia recebido sequer o retorno de sua mensagem perguntando se havia chegado bem. Seu contato mais próximo era ver a notificação de "*online*" cada vez que abria a janela de conversação.

Era final de tarde e início da noite de um sábado quando Laura chegou em sua cidade natal. Havia dirigido até lá para visitar o pai e matar a saudade dos amigos. Reunida à mesa com Marcos, jantavam juntos enquanto se atualizavam sobre a vida um do outro.

— Alguma notícia sobre sua mãe? — Perguntou o homem.

— Ah, ela me liga de vez em quando para eu saber que está viva. Você sabe como são as coisas...

— Sim. A carreira dela em primeiro lugar.

— Pois é. Às vezes me pergunto por que se casou e teve filho. Não que ela não possa ter uma carreira. Mas...

— Mas família é dedicação e comprometimento — disse Marcos.

— Pois é. Eu conto nos dedos quantos aniversários meus ela presenciou. Uns quatro? Talvez. E olha que já tenho vinte e cinco anos.

— Infelizmente esse foi um dos motivos que nos levou ao divórcio. Sua mãe é espírito livre, mas quando se deu conta disso, já estava casada e com você no colo.

— Ela poderia ser livre, sem esquecer de nos amar. — Laura dialogava com certa amargura. — Enfim, não quero continuar falando sobre isso.

— Ok, vamos mudar de assunto. Já avisou à Bianca que chegou? Vai saltar de alegria!

— Já! A todos os meus amigos. Combinamos de nos encontrarmos mais tarde. Avisei que hoje à noite sou deles, mas o domingo eu quero passar apenas com você. — Sorriu.

Algumas palavras de Elisa ecoavam em sua mente referentes às chamadas que recusava de seu pai. Reconhecia que a morena estava certa, e que precisava ser mais paciente ao lidar com o jeito pegajoso de Marcos. No fundo, sabia que toda aquela carência do pai era amor somado a uma grande parcela de saudade.



Ponto de vista Laura Garcia

Era nove horas da noite, havia chegado o momento do meu compromisso. Vesti um jeans lavagem clara, tênis branco e regata cinza. Meus amigos e eu havíamos combinado de beber e comer alguns petiscos na casa de Sandra. Chegando lá, todos já estavam à minha espera: Bianca, Felipe, Giovana, Tamara, Vinícius e, claro, a anfitriã. Cumprimentei um por um, meus amigos aparentavam estarem muito felizes com a minha visita. Quando fui abraçar Sandra, acabei sendo surpreendida por um selinho nos meus lábios. Confesso que fiquei sem jeito com a repentina atitude. Sandra e eu já ficamos algumas vezes, mas nunca passou disso: ficadas. Éramos o que chamam por aí de “amizade colorida.” De qualquer forma, fazia meses que não nos víamos, então estranhei aquele gesto impulsivo.

Me sentei no sofá e começamos a interagir. Felipe me surpreendeu com a notícia de que iria ser papai, fiquei muito feliz e emocionada! Me lembro como se fosse ontem de nós dois no ensino médio. É... Os meus amigos haviam crescido. A mais jovem da turma era Bianca, minha amiga de infância. Todos os outros possuíam a mesma faixa etária que eu, com exceção de Vinícius, que era cinco anos mais velho. Giovana conheci no ensino fundamental. Vinícius era amigo de Sandra e acabou entrando no grupo. Tamara sempre morou na mesma rua que eu, mas nos tornamos amigas apenas no início da vida adulta. Sandra conheci pela internet, era companheira minha e de Bianca nos jogos online. Ela é uma ruiva extremamente inteligente quando se trata do universo *gamer*. Possui um canal sobre jogos, com milhões de seguidores. É bastante popular.

Entre bebidas, petiscos, conversas e partidas de cartas, sentia o olhar de Sandra me procurando com interesse. Em outra ocasião eu estaria louca para encontrar um momento a sós com ela, mas, hoje eu apenas queria desfrutar com todos os meus amigos. Meu comportamento estava estranho, eu sei. E estava começando a me preocupar.

Sempre fui bastante mulherenga e nunca neguei. Sou jovem, solteira e independente financeiramente. Gosto de aproveitar a vida, e isso inclui mulheres. Porém, de uns tempos pra cá tenho me sentido um pouco diferente, como se os ânimos estivessem acalmando. Me atrevo a dizer que isso seja proveniente da idade. Aquela Laura de vibe adolescente e jovem adulta talvez estivesse, aos poucos, ficando para trás. Prefiro acreditar que seja isso.

Quem me vê largada, à vontade, sentada de perna aberta e falando alguns palavrões entre os amigos, não imagina que sou a mesma Laura extremamente educada e responsável que coloca aquele antiquário de pé de segunda à sábado. É... Sou uma grande dualidade.

Quando a noite com os meus amigos chegou ao fim, era por volta de meia noite e meia. Agradeci por todos terem comparecido e me despedi de um por um com abraço carinhoso e apertado. Bianca foi a última a ir embora, me deixando para trás com a dona da casa, que muito ansiou por aquele momento a sós comigo.

De pé, frente a frente com Sandra, pela primeira vez eu não soube lidar com uma situação daquele teor. Quem costumava tomar a iniciativa era eu, mas acabei ficando só ali, olhando para ela sem nada dizer.

— Está tudo bem, Laura? — Me perguntou enquanto me encarava. Eu também gostaria de ter aquela resposta.

O pensamento em Elisa se fez presente, mas eu logo tratei de expulsar. Não poderia permitir que ela tivesse aquele poder sobre mim. Afinal, Elisa Marques não me dava a menor importância, sequer respondeu a minha mensagem de preocupação! Eu não podia seguir atraída por uma mulher que eu nunca teria. Além de ser dona de uma personalidade extremamente difícil de lidar, ela era minha chefe e vivia em uma realidade econômica totalmente diferente da minha. Embora morássemos no mesmo bairro, o quarto dela deveria ser do tamanho da minha casa inteira — que ainda era alugada. Não sei onde estive com a cabeça quando me deixei levar pelo que estava sentindo. Ela jamais iria corresponder. Jamais.

Puxei Sandra para um beijo e comecei a suprimir a imagem de Elisa na minha cabeça. Porém, quanto mais eu tentava, menos eu conseguia. Tentei a cada instante sentir que era Sandra que me beijava, mas os meus pensamentos insistiam em me fazer imaginar a outra.

A segurei na cintura e a encurralei contra a parede mais próxima. Minha boca buscava a dela com urgência enquanto minhas mãos tateavam aquele corpo. Embora por fora fosse Sandra que eu tocava, por dentro era em Elisa que eu executava cada um daqueles movimentos.

— *Dorme aqui em casa*? — Me pediu em um sussurro ao pé do ouvido. Aquela voz me fez sair do transe e cair na real de que não era quem eu queria ali comigo.

Eu não poderia transar com Sandra se era Elisa que eu desejava. Não seria justo com nenhuma das partes.

— Desculpa, não posso continuar — respondi, interrompendo os beijos e os amassos entre nós.

E foi assim que terminei, de maneira patética, essa noite.



Ponto de vista Elisa Marques

Eram os últimos dias da minha viagem. Me vi outra vez sozinha na janela daquele quarto de hotel, olhando para o fluxo de pessoas que transitavam a muitos metros abaixo do meu andar. Há anos a solidão me acompanha, então não sei por que tenho sentido tanta inquietude com o silêncio daquele cômodo. Acho que estou com saudades de casa, da minha cidade e do meu antiquário; onde cada objeto sussurra sua própria história em meu ouvido.

Essa cama de hotel não está me proporcionando boas noites de sono. E através dessa janela eu não tenho a mesma confortável visão da minha rua arborizada e pacata— com exceção do período noturno onde Laura passa debaixo da janela com aquela música nas alturas. Sempre inconveniente! — Respirei fundo.

Ainda reflexiva, divagando a respeito do quão sem propósito era a minha vida, peguei o celular e me deitei. Em meio a pensamentos melancólicos, deslizava o dedo sobre a tela e rolava uma lista de e-mails que precisava responder. Questionava qual o sentido de passar meus dias sem alguém a esperar por meu retorno em casa. Nunca possuía uma pessoa esperando pela minha ligação, muito menos alguém que me mandasse mensagens informais. Eu achava que os anos haviam feito um impecável trabalho em me acostumar àquela solidão, mas estava enganada. O tempo apenas maquiou vontades e me convenceu de que estava tudo bem.

Submersa entre e-mails e mais e-mails que rolavam diante meus olhos, uma notificação inusitada apareceu no topo da tela. Se tratava de uma mensagem daquela gerente:

“Incendiei a sua loja, sem querer."

“Que palhaçada é essa?”

“Vejam só, resolveu me responder? — Disse Laura, na segunda mensagem.

“Srta. Garcia, não estou com tempo para as suas brincadeiras. Diga o que quer.”

As respostas dela chegavam instantaneamente.

“Deitei pra descansar e vi que estava passando Titanic na televisão. Lembrei de você e resolvi novamente tentar saber se está bem, se chegou viva.”

Li a mensagem duas vezes enquanto pensava no que responder.

“Não precisa se preocupar comigo, estou bem. E a vitrine da loja? Já trocou? Preocupe-se com isso, pois retorno em três dias.”

“A nova decoração já está quase pronta, faltam apenas detalhes finais. Desculpa se não consigo não me preocupar com você. Como está sendo a viagem?”

“Não pense que somos amigas e que preciso relatar minhas coisas a você.”

“Por que está tão agressiva comigo? O que eu fiz dessa vez?”

Li aquelas perguntas e levei pouco mais de cinco minutos pensando no que diria.

“Você não fez nada, eu que não estou em um bom momento. Nunca estou. Sempre fui sincera com você, eu não gosto de me relacionar com as pessoas. Não é nada pessoal.”

Enviei a mensagem e mantive a janela de conversa aberta enquanto aguardava. Avistei o momento exato quando ela iniciou um áudio, mas, de repente, pareceu ter desistido e voltou a digitar. A digitação se estendeu por um tempo que não correspondeu ao tamanho da mensagem que chegou. Foi como se Laura tivesse digitado e apagado algumas vezes. Todavia, quando finalmente enviou, me senti tocada e ainda mais confusa e balançada com o que li.

“Eu compreendo. Mas... O que eu faço com a saudade de você?”

“Laura, por favor..."

“Desculpa, mas estou ansiosa pra te ver de novo. Aquela loja não é a mesma coisa sem você no meu pé."

“Você é mesmo uma grande masoquista. Daqui a pouco estarei de volta para colocar ordem no meu antiquário e, quem sabe, dar uns puxões de orelha em você. Não se preocupe.”

“Realmente estou começando a acreditar que sou masoquista por sentir falta da mulher mais chata e complicada que eu já conheci.”

“Talvez esse seja o meu charme.”

“Sim, esse seu charme vampiro.”

Brincou, proporcionando em mim o primeiro riso dos últimos dias.

“Não é à toa que o pescoço é meu pedaço favorito.”

Retribui a brincadeira sem me dar conta da ambiguidade da minha frase. Apenas o percebi através da resposta de Laura, que havia interpretado como quis.

“E a imaginação é a parte que mais gosto. Ela é minha inimiga e aliada. Quando um pensamento se torna perigoso, a cura para ele não é imaginar menos, pelo contrário. É devanear mais e por inteiro. Até senti-lo palpável.”

Minhas pálpebras se fecharam suavemente e por breves segundos. Instante o suficiente para que um inconveniente pensamento atravessasse minha mente. Reabri os olhos ainda mais perdida e atordoada. Não conseguia compreender, ou talvez não quisesse aceitar, que aquela mulher estava tendo poder sobre minhas emoções. Meu corpo e mente já não conseguiam se manterem inexpressivos. Pelo contrário, estavam reagindo de maneira inesperada e gradativa. Cada vez mais as palavras e ações de Laura reverberavam dentro de mim. Respirei fundo, fingi não ter identificado o verdadeiro significado daquela mensagem e tentei pôr um fim naquela conversa.

“Preciso dormir, amanhã estarei de pé muito cedo para participar de uma feira de antiguidades. Quero ser uma das primeiras a chegar para ter a oportunidade de ser a primeira a adquirir os objetos mais interessantes.”

“Engraçado como você sempre tenta escorrer por entre os meus dedos... Saiba que eu não mordo. A vampira aqui é você.”

Acredito que para aliviar alguma possível tensão, Laura tentou trazer descontração em sua última mensagem. Contudo, não deixou de se expressar nem demonstrar que observava as minhas atitudes. Sua ousadia e insistência me obrigavam a me mover e reagir. Tem sido assim desde quando nos conhecemos. Não suporto a capacidade que tem em me tirar da zona emocional de conforto. Seria pedir muito para se afastar e me deixar sossegada? É mais seguro aqui, dentro de mim, onde já conheço todas casas do tabuleiro que eu própria construí ao longo dos anos. Eu quero a comodidade de mover os meus peões em paz, mas Laura insiste em me instigar a conhecer um percurso diferente.

Meus dedos estavam travados sobre o teclado. Sem resposta. Eu precisava interromper o que estava acontecendo entre nós. Precisava dizer não a ela e a mim mesma. Não poderíamos ir para frente por dezenas de razões. O fato de Laura ser minha funcionária é a primeira delas. Não estou preparada para lidar com tantas questões.

Quando a mulher de algumas noites atrás segurou na minha cintura, estranhei e rejeitei seu toque mesmo com muitas doses alcoólicas em meu organismo. Inusitadamente, o mesmo não ocorreu com o toque de Laura na noite do festival. Tendo em vista que eu estava inteiramente sóbria, é demasiadamente preocupante. Eu deveria estranhá-la igualmente estranho todas as outras. Está tudo tão confuso... Não sei o que sinto, muito menos até onde vou continuar negando que ela me atrai. Suprimir é mais fácil que admitir em voz alta a verdade sobre a noite daquele coquetel; a verdade sobre ter desejado que fossem as mãos e os lábios de Laura em mim.

Droga, senhorita Garcia. Estou ficando por um triz...

“Boa noite.”

Foi tudo o que me limitei a responder. Tenho certeza que após essa mensagem, ela está me praguejando e detestando um pouco mais. *Perfeito*. Em poucos dias estarei de volta à Hills Dale para colocar absolutamente tudo em seu devido lugar.



Elisa chegou de viagem na manhã de um sábado, mas apenas compareceu à loja quando uma nova semana iniciou. Durante o fim de semana limitou-se a apenas descansar para começar a segunda-feira com vitalidade máxima. Manteve a janela do quarto trancada por todo sábado e domingo. Estava evitando qualquer contato com a loira. Elisa não sabia como iria lidar com o assunto *Laura Garcia*, mas estava decidida a não permitir a evolução daquilo que não sabia denominar, mas que estava acontecendo.

Ao levantar da cama por volta das nove e meia, tomou um banho e se vestiu com uma saia lápis preta e uma camisa de manga longa, ensacada, de tecido leve e fino, sutilmente transparente. Por dentro da peça usava um sutiã preto para homogeneizar as cores naquela transparência.

Um pouco inquieta, dirigiu até o antiquário com os pensamentos a todo vapor. Ao estacionar próximo ao meio fio, desceu do automóvel e entrou na loja pisando firme e apressado com seus saltos contra o piso. Quando atingiu o meio do salão, seu olhar caiu sobre Laura, que parecia estar em alguma conversa paralela com Júlia.

— Eu quero você na minha sala — disse com autoridade na voz, fazendo a gerente perceber sua presença no mesmo instante.

Laura olhou para frente e a avistou parada próxima a si. Seus olhos a contornaram de cima para baixo e o inverso também. A loira não sabia se era efeito dos dez dias longe, mas, hoje, sua chefe parecia ainda mais bonita e elegante que todos as vezes anteriores.

— Agora — concluiu, segundos antes de sair pisando ainda mais forte para dentro do escritório.

— Boa sorte, Laura — desejou Júlia, ao observar a expressão espantada da gerente. — Parece que ela já chegou com o diabo no corpo!

— Vou lá saber o que aconteceu — respondeu um pouco sem jeito. — Não esquece de fazer o que pedi. Sua seção está uma zona!

— Pode deixar.

A gerente concluiu o diálogo com a outra funcionária e se dirigiu para a sala da mais velha. Diferente de todas as outras vezes, hoje parou em frente a porta, mas não bateu. Antes de fazê-lo, respirou fundo e tentou acalmar a inquietude do peito. Elisa passara por ela tão depressa, que seu cérebro e emoções ainda não haviam sido capazes de digerir a informação. Dez dias daquela ausência a deixaram na expectativa do reencontro. Mesmo com todas as desavenças, foi inevitável sentir saudades. Para Laura, aquele escritório se tornou estranhamente silencioso sem ela. Por dias o visitou, olhou para os livros, observou o navio e a cadeira vazia. Não era apenas Elisa; a mais nova também estava confusa. Nunca antes sentiu-se incapaz de compreender as próprias emoções. Nunca antes uma mulher a instigou por tanto tempo, tampouco habitou seus pensamentos por dias e noites seguidas. Um retorno nunca havia sido tão aguardado quanto esse.

— Bom dia... — disse após bater na porta e entrar.

A mais velha estava de pé e escaneava algo na impressora quando Laura entrou e a voz ecoou no ambiente. Ao virar-se, seus olhos castanhos estacionaram sobre ela com atenção. Fazia tantos dias desde que se viram, que a lembrança do último momento antes da viagem ativou um botão em sua memória; trazendo ao pensamento de Elisa as imagens delas em seu carro.

Laura também a olhou em silêncio no tempo em que seus passos se aproximaram da mesa. Estava feliz por vê-la, mas receosa na mesma proporção. Sua consciência pedia para barrar as vontades, mas sua emoção a empurrava cada vez mais para aquilo. Laura possuía o péssimo costume de sempre escutar os próprios *querês*.

— Eu posso saber o que é aquele show dos horrores na minha vitrine?

Elisa saiu de onde estava e caminhou furiosamente em direção à loira, parando de frente.

— Do que está falando?

— Como do que estou falando? — Perguntou como se fosse óbvio. — Daquele mal gosto que está exposto para todos verem. Eu quero que refaça aquela vitrine hoje mesmo!

— O quê? Você só pode estar de brincadeira comigo. Perguntei se tinha alguma preferência e simplesmente não deu importância, apenas jogou a vitrine nas minhas mãos. Não tenho bola de cristal para adivinhar seus gostos e o que se passa na sua cabeça.

— Você é paga para que eu não gaste meu tempo resolvendo esse tipo de assunto.

— Desculpe, mas eu não recebo para adivinhar a maneira como você deseja as coisas. A partir do momento que não diz como quer, não é minha responsabilidade caso não fique do seu agrado.

Elisa não havia desgostado tanto assim da decoração. Em seu ponto de vista, mudaria pequenos detalhes, nada gritante. Porém, estava sendo propositalmente arrogante e agressiva para que a loira sentisse raiva e o relacionamento voltasse a ser como antes.

— Volto a repetir: quero que desfaça aquela vitrine.

— Sinto muito, mas não é assim que as coisas funcionam.

— Mas é assim que funcionam comigo.

— O que deu em você, Elisa? Ou melhor, o que está havendo aqui? Você passa dez dias fora e a nossa relação recua dez casas? Será sempre assim? Cada vez que virar as costas e depois retornar, voltará com um humor diferente?

Laura começou a cuspir aquelas palavras em um tom de voz alterado.

— Onde nossa relação encaixa na parte em que não gostei da vitrine?

— Por favor, não subestime a minha inteligência. Você sabe exatamente do que estou falando.

— Quem você pensa que é pra falar comigo dessa forma? — Elevou a voz.

— Quem VOCÊ pensa que é para oscilar tanto na maneira como me trata? — Respondeu ainda mais alto que a morena. — A Elisa que deixei naquele carro há dez dias, jamais falaria assim comigo. Ela encontraria um

jeito educado de dizer que não gostou, e eu gentilmente estaria disposta a acatar o pedido.

— O seu grande problema, Laura, é achar que me conhece.

— Então me mostra quem você realmente é — disse ao dar um passo adiante, ficando ainda mais próxima. A vontade de Laura era de poder voar as mãos naquele pescoço até descarregar toda a sua raiva. — Você é constituída de arrogância? Não acredito. Essa Elisa aqui não é a mesma que ia me pedir obrigada por ter querido vê-la no festival.

— Eu sou exatamente isso que está vendo. — A mais velha saiu da frente e deu alguns passos no sentido da porta, mudando de localização.

— Todo mundo gostou da decoração; Júlia, Débora, Leonardo, Lillian. Menos você. Até alguns clientes já elogiaram.

— Eu não sou todo mundo — comentou com arrogância na voz.

— Ainda bem, porque outra de você eu não ia aguentar.

— Você me atura porque quer — rebateu.

— Talvez eu não queira mais — disse enquanto se aproximava novamente da mais velha, que parecia estar fugindo de um contato físico com ela.

Com um nó na garganta, Elisa não sabia o que fazer com aquela situação. No fundo não queria perder Laura, mas também não conseguia tomar diferentes atitudes. Seu cérebro estava à beira de entrar em colapso.

— Laura, você vai deixar a minha sala e ir dar um jeito naquela vitrine agora!

Elisa levantou a mão e apontou o dedo para a gerente, que prontamente barrou o gesto e segurou em seu pulso no ar.

— Ou o quê? Vai me punir? — Laura começou a guia-la com o corpo, enquanto continuava falando: — Me diz, Elisa.

— O que está fazendo? — Reclamou ao sentir que estava sendo encurralada entre ela e a porta.

— Eu quero que você me diga o que vai fazer se eu não sair correndo para acatar a sua ordem agora.

Elisa sentiu quando suas costas encostaram devagar contra a porta. Intimidada, tentou olhar para os lados, mas os olhos de Laura estavam fixos em sua face, a fazendo encarar e enfrentar aquela situação.

— Sinceramente... Não acredito que voltamos à estaca zero — reclamou em um balanceio negativo de cabeça. — Eu sou uma idiota, é isso

que sou. Não deveria ter querido ver você no festival, nem enviado mensagens na viagem, muito menos ter dito que sentiria a sua falta.

As duas permaneciam frente a frente. Elisa estava posicionada entre a porta atrás de si e a loira. Não estava de fato encurralada, havia espaço para mover-se para fora dali. Contudo, a distância entre seus corpos era limitada, e a mais velha tratou de diminui-la ainda mais ao desencostar da porta e penetrar seu olhar naquelas íris esverdeadas, que pareciam faiscarem em uma combinação de raiva e *algo mais*.

— Então da próxima vez que fizer algo por mim... — Iniciou Elisa, com seriedade e autoridade em cada palavra e expressões faciais. — Se certifique de que realmente quer.

— Não fale sobre o que você não sabe! — Rebateu em um firme tom de voz, avançando o corpo para frente, de modo a fazer Elisa recuar para trás. Dessa vez a gerente, de fato, a encurralou contra a porta.

— Está me mandando calar a boca?

— Entenda como quiser.

— Você não vai falar assim comigo, Laura! — Exclamou. — E sai da minha frente!

— Não.

— Sai!

— Não.

— Laura, me deixa passar.

— Não vai passar.

— Eu quero que saia da minha frente agora se não quiser ser demitida.

Elisa novamente fez menção em apontar o dedo para ela, mas teve o pulso erguido e pressionado contra a porta atrás de si.

— Não, você não quer.

Marques queria, mas não encontrava brecha para fugir daquela situação que se complicava a cada instante. Laura estava perigosamente próxima de seu rosto e ainda segurava e mantinha seu pulso suspenso.

— O que você sabe sobre o que quero ou não?

— Eu consigo ver por trás dessa sua marionete — respondeu, ainda com seriedade e firmeza na voz.— Suas palavras podem dizer uma coisa, mas o seu olhar assim, de perto, me diz outra.

— O que meu olhar diz a você?

— Que eu vou soltar seu pulso e mesmo assim você não vai sair daqui.

A loira desafrouxou a mão daquela região e a soltou, deixando Elisa fisicamente livre, mas a prendendo em seu olhar.

— Você é uma idiota — reclamou, ainda imóvel na mesma posição. Tentava demonstrar indiferença, mas seu coração batia depressa como se fosse sair pelos dois primeiros botões da camisa.

— O que mais eu sou? — Perguntou ao apoiar um braço na porta e se inclinar contra Elisa, deixando seus rostos próximos o bastante para que seus narizes roçassem um no outro.

— Uma petulante — respondeu-a com a voz já menos alterada. — Uma abusada — continuou a dizer. A cada palavra, sua voz ia desvanecendo aos poucos, até se tornar murmúrios contra a boca de Laura.

— O que mais? — Perguntou baixinho, fazendo Elisa sentir seu hálito quente. — O que mais quer me dizer?

A mais nova deslizou as duas mãos pelas laterais daquele corpo e a envolveu na cintura com um de seus braços; o fechando ao redor.

— *Eu te odeio* — sussurrou a um passo de desistir.

— Não, você não odeia. Não é isso que quer me dizer... — respondeu baixinho, roçando os lábios lentamente contra os de Elisa, torturando-a enquanto ganhava tempo para analisá-la.

— Laura, sai, por favor — pediu quase sem voz.

A loira a soltou devagar e se afastou com alguns passos para trás. A distância que tomou durou breves segundos, pois no instante seguinte avançou sobre Elisa, a segurou com uma mão em cada face do rosto e a calou com um beijo pressionando seus lábios.

A ação de Laura foi tão abrupta e repentina, que Marques apenas teve tempo de sentir suas costas se chocando contra a porta. Suas mãos tentaram alcançar os braços e ombros da loira para fazê-la se afastar, mas não obteve sucesso. Aqueles lábios macios pressionados contra os seus a impediram de criar qualquer linha de raciocínio. A sensação do calor do corpo Laura misturado ao perfume que invadia suas narinas sem pedir permissão, estava fazendo seu coração entrar em um ritmo descompassado. Ela até queria, mas não possuía força de vontade o suficiente para ir contra aquilo.

Laura deslizou uma das mãos para a cintura e sentiu quando o corpo da mulher perdeu a rigidez e começou a se tornar maleável em seus braços. Nesse momento, enquanto a sentia se entregando àquele contato tão próximo, começou a mover os lábios contra os dela ao mesmo tempo em que usou a mão livre para segurá-la na base dos cabelos da nuca. Elisa correspondia ao beijo gradativamente. Seus lábios se buscavam com rapidez, deixando evidente o desejo suprimido.

— *Ainda quer que eu saia?* — Sussurrou Laura, em tom provocativo.

— Não...

Ao ouvir aquela resposta, a mais nova guiou a mulher com seu corpo sem romper o contato, e a fez se chocar contra a borda da mesa. A enlaçou forte pela cintura com o braço esquerdo e a apertou como se quisesse fundi-la em seu corpo. Sua mão direita permanecia com os dedos entrelaçados nos cabelos castanhos, enquanto sua boca provava a maciez e a textura daqueles lábios que se moviam prazerosamente contra os seus.

Laura alternava entre beijar e chupar os lábios superiores e inferiores. Não conseguia descobrir qual dos movimentos estava lhe proporcionando mais prazer sensorial. Entretanto, começou a sentir que apenas aquilo não bastava; precisava sentir o gosto completo daquela boca. Em razão disso, instigou de maneira mais provocante e pediu passagem com a ponta da língua. Quando o fez, sentiu os lábios de Elisa se afastando devagar e permitindo que aquele contato mais íntimo acontecesse.

Suas línguas se encontraram, se sentiram e se provaram pela primeira vez após vivenciarem esse momento apenas na imaginação. Sim, tanto Laura quanto Elisa já haviam desejado e imaginado aquela situação. Contudo, nenhum pensamento chegou perto da verdadeira sensação e do verdadeiro gosto que provavam.

Elisa deslizou as mãos para cima e envolveu os braços no pescoço da outra. Não conseguia entender como os toques de Laura não lhe causavam estranheza; pelo contrário, cedia lentamente e prazerosamente ao que estava acontecendo. Seu corpo pedia para que aquela gerente o apertasse cada vez mais, e a loira parecia escutar, pois estava correspondendo bem ao pedido.

— *Sua boca é tão gostosa...*

Sussurrou Laura entre o beijo, de maneira praticamente impensante. Quase soltava um gemido de prazer cada vez que sentia Elisa brincar com sua língua e chupá-la no final. Para conter o impulso, acabava mordendo o lábio inferior da mais velha e o puxava para si. A cada instante daquela troca, constatava que as ações de Elisa demonstravam que ela também aguardava há tempos por aquele momento. A reciprocidade que estava entregando era tanta, que a gerente começou a sentir os efeitos em seu baixo ventre. Sem qualquer vestígio de dúvida, podia afirmar que aqueles lábios foram os que melhor encaixaram aos seus. A sintonia era tão harmônica, que lhe assustou. Nunca sentiu com outra mulher o "*algo a mais*" e diferente que estava sentindo nesse beijo com Elisa. Havia desejo, muito. Mas também existiam emoções ainda veladas.

Há alguns meses Laura buscou pela chefe para constatar se seu corpo era gélido. Hoje, acabou descobrindo o quão quente ela podia ser, a começar pela boca macia e úmida que provava a dela a cada instante. *De novo, de novo e de novo.*

O perfume de Elisa era tão incomum quanto ela. Laura não era capaz de reconhecer aquela fragrância marcante e suave ao mesmo tempo. Estava adorando sentir o cheiro tão próximo como jamais imaginaria sentir. Ele estava impregnado na pele e roupa de Elisa, e agora certamente ficaria registrado em Laura também.

A mais nova usava uma camisa social branca de manga comprida, e um jeans básico. Aquelas vestes começaram a se tornar incômodas devido ao calor proveniente da troca tão íntima e prazerosa. Para piorar sua situação, Elisa vestia uma camisa de notável transparência e uma saia lápis com pequena abertura lateral que desconcertava ainda mais seus impulsos.

— *Laura...* — murmurou quando sentiu os lábios da loira deslizando por seu queixo, percorrendo o maxilar e alcançando o pescoço. — Laura — voltou a chamá-la.

— Oi... — respondeu baixinho, com sua boca contra o pé do ouvido.

— Para — pediu. Elisa começou a se assustar consigo mesma em relação a quanto seu corpo correspondia a cada movimento, toque e investida daquela mulher. — Me solta, por favor. — Marques desfez o enlaço de seus braços naquele pescoço e começou a empurrar o corpo da loira para traz.

— O que houve? — Perguntou confusa, se afastando lentamente.

— Quero que você saia agora da minha sala! — Disse ao desencostar da mesa e caminhar até a porta. A morena estava visivelmente confusa e atordoada.

— Mas você...

— Isso não deveria ter acontecido — afirmou com seriedade na voz, interrompendo-a. — Por favor, saia — pediu ao segurar na maçaneta da porta e abri-la.

A mais nova aproximou-se a passos lentos e se interpôs entre ela e a saída. Seu olhar para Elisa ainda era de desejo, mas estava manchado por algumas dúvidas também.

— Isso nunca mais vai acontecer. Agora saia, por favor — disse a morena, por fim.

Confusa e sem muita capacidade de raciocinar qualquer coisa naquele momento, Laura respeitou aquele pedido e saiu para processar lá fora o que havia acabado de acontecer entre elas.

— *Está tudo bem, Laura?* — Perguntou Débora, ao vê-la passar. — Escutei umas vozes altas vindo do escritório...

A gerente retornou ao trabalho somente após passar no espelho do banheiro e conferir se havia algum batom borrado em seu rosto. Por sorte, não tinha passado nenhum naquele dia. No entanto, precisou limpar os vestígios do vermelho de Elisa.

Laura apenas assentiu positivamente para Débora e caminhou em retorno ao meio do salão. Fora incapaz de verbalizar alguma coisa; permanecia com os pensamentos embaralhados e um pouco eufórica.

No escritório, Marques ainda tentava processar o que acabara de vivenciar. Seu coração batia em enorme descompasso; combinando com todo o restante de suas emoções. Se praguejava mentalmente por não ter conseguido interromper o momento antes que ele acontecesse. Agora era tarde demais para arrependimentos. “*Droga*” — pensou.

Sentada em sua cadeira, olhava ao redor, e a visão de cada canto daquela sala remetia à gerente. Ainda era capaz de sentir aqueles lábios pressionados e se movendo contra os seus. Precisou respirar fundo para

barrar a lembrança antes que o gosto daquele beijo se fizesse marcante a ponto de não ser esquecido. *Falha tentativa*.



O expediente de Laura perdurou em meio ao caos que estavam suas emoções e mente. Não conseguia manter a concentração em tarefas simples como passar um cartão de crédito. Todos os seus companheiros de trabalho perceberam que havia algo anormal em seu comportamento. Seus pensamentos estavam uma bagunça, não resolviam se pensavam naquele beijo ou no que viria a seguir. Estava receosa, não sabia como a mais velha iria se comportar a partir de agora. Demissão? Agressividade nas palavras? Qual Elisa estaria esperando por ela?

Após horas de tormento e nenhum sinal de contato, a gerente decidiu tomar coragem para bater na porta do escritório. Precisava saber o que fazer, pelo menos, com a questão da vitrine.

— Entre.

— Desculpe te atrapalhar, Elisa. Mas eu quero saber como proceder com a decoração.

Dizia conforme caminhava receosamente para dentro. Quando seu olhar caiu sobre a morena, que estava de pé observando a loja através da janela de vidro escurecido, as memórias de horas atrás invadiram sua mente como um rio arrebentando a barragem. Somada a essas lembranças, a imagem de Elisa Marques naquela roupa também a estava deixando desconcertada. O salto alto, a saia com fenda e a camisa parcialmente transparente faziam a composição de um visual extremamente atraente. Para a loira, Elisa era bonita, elegante e profundamente charmosa. O semblante autoritário e o ar de superioridade aguçavam ainda mais sua imaginação.

— Em outra ocasião eu aponto onde precisa ser mudado — respondeu sem fazer contato visual. — Estou sem cabeça no momento.

Garcia respirou fundo, tomou coragem e se aproximou:

— Precisamos conversar sobre o que houve.

— Não, não precisamos. — Marques se virou e a encarou. — Porque isso nunca mais voltará a acontecer — disse com todas as letras e em bom tom, como se tentasse afirmar aquilo a si mesma.

— Elisa, eu assumo toda a responsabilidade do que aconteceu. Eu que beijei você. —

A loira deu alguns passos para próximo a ela.

— O que está fazendo? — Perguntou ao vê-la encurtar a distância. Estava tensa dos pés à cabeça. — Por favor, saia, não temos porque falarmos sobre isso.

— Você pode conversar civilizadamente comigo? — Bufou.

— Eu quero que você me deixe sozinha, aquilo foi um erro que nunca mais se repetirá.

— Não estou aqui para que se repita. Nem sei por que fiz aquilo, acho que me deixei levar por... sei lá. — Estava confusa sobre as próprias palavras. — Acho que eu só queria calar a sua boca.

— Não deveria ter feito o que fez! — Elisa elevou o tom de voz e jogou a culpa para o colo da mais nova na tentativa de esconder as próprias razões.

— Alto lá! Assumo a culpa, mas você correspondeu! Ou eu te beijei sozinha? — Perguntava ao mesmo tempo em que penetrava as íris verdes naqueles castanhos tão cheios de dúvidas.

— Não quero mais saber desse assunto, se afasta, por favor.

A presença da loira assim, tão próxima, estava desnorteando os pensamentos de Elisa, que a muito custo tentava suprimir o que sentiu quando teve o braço de Laura envolto à sua cintura.

— Se o seu medo é que eu te beije outra vez, pode ficar despreocupada. Repito: não sei por que fiz aquilo. Você está muito longe de fazer o meu tipo.

— Ótimo! Pois o beijo não significou nada.

— Claro que não significou — reforçou a gerente. — E não irá acontecer outra vez.

— Lógico que não vai. Agora me deixa sozinha. Se eu precisar de você, comunico pelo celular.

Laura deu uma revirada de olhos e saiu. O restante de seu dia foi profundamente estressante. Como se não bastasse, o senhor Rogério reapareceu na loja para novamente tentar negociar o lustre. Dessa vez não foi recebido com tanta simpatia pela gerente, que limitou-se a responder o necessário. Agora que já conhecia sua má índole, foi difícil separar o pessoal do profissional.

Quando a jornada de trabalho chegou ao fim, Laura parou em casa apenas para comer algo leve e trocar de roupa. Após alguns abdominais e flexões, recolheu a chave e guardou o celular no suporte que prendia ao braço, antes de sair para correr. Diferente de todas as outras vezes, hoje a corrida estava sendo feita com mais intensidade. A loira forçava o corpo e tentava atingir seu limite na tentativa de esquecer a chefe. Quanto mais a morena lhe invadia os pensamentos, mais depressa corria.

Com o corpo suado e os músculos cansados, desacelerou o ritmo e limitou-se a caminhar. Dessa maneira, teve tempo o suficiente para passar devagar em frente a casa de Elisa. A loira sentia que, conforme o tempo avançava, a aparência daquele lugar parecia se tornar ainda mais sombria. As trepadeiras estavam cada vez mais secas e, a pintura, gasta. Erguendo o olhar, enxergou a silhueta de Marques aproximando-se da janela. Laura identificou que no corpo dela havia camisola e uma espécie de robe por cima.

Alternando entre a mulher e a casa, questionava-se o que era mais intrigante ali. A vontade de conhecer Elisa acompanhava a curiosidade em saber como aquele imóvel era por dentro. Ela se perguntava se era escuro como as roupas da proprietária, e se possuía objetos e móveis antigos, semelhante à vibe do antiquário.

Voltou o olhar para a mais velha e resolveu fixá-lo ali. De baixo para cima a observava. De cima para baixo era observada. Estava virando rotina se perderem naquela observação silenciosa. Marques gostava de vê-la passar, e Laura não conseguia resistir à vontade de olhar para cima. E por falar em olhar, aquela imagem da morena estava demasiadamente agradável aos seus olhos. Ventava um pouco forte naquela noite, deixando o robe esvoaçante na janela. Laura agradou-se daquela visão de soberania e elegância que vinha lá de cima. Precisou balançar a cabeça para espantar os pensamentos e conseguir prosseguir com a corrida.



Dois dias haviam se passado desde o beijo. Nesse período, restringiram e limitaram ao máximo o contato. A chefe informou os pequenos detalhes a serem modificados na vitrine, e Laura dedicou-se a atender aquele pedido. No final das contas, descobriu que sua decoração

não estava um “*show dos horrores*” como a mais velha havia feito questão de dizer. A gerente acabou captando que aquilo não passou de exagero ou até mesmo encenação.

Por volta de sete e meia, Elisa estava isolada na sala com seus pensamentos enquanto contornava a borda do copo de whisky com a ponta do dedo. Era a segunda dose da noite. Divagava em lembranças quando escutou alguma movimentação vindo da área externa. A constar pelo horário, deduziu se tratar da gerente.

Inquieta, confusa e até mesmo nervosa, resolveu sair daquele isolamento de horas. Levantou-se e caminhou sobre os saltos com a mesma elegância, equilíbrio e maestria de sempre. Hoje usava um jeans skinny preto, cinto e uma blusa de alça e tecido fino. Elisa arrastou consigo toda sua angústia e confusão para fora daquela sala. O ambiente à frente estava vazio e silencioso. Seus olhos procuraram por Laura até escutar algum som vindo da área dos funcionários.

A passos lentos, caminhou em direção e estacionou na porta entreaberta. Através da brecha avistou a mais nova de costas. Laura já havia se trocado e parecia concentrada mexendo em algo que Marques identificou como o celular. A loira estava tão distraída que não a viu entrar sorrateiramente no ambiente. Se deu conta apenas quando a presença daquele corpo se fez sentida em suas costas. A morena havia praticamente se unido a ela, por trás.

— Elisa? — Disse surpresa, ao se virar e encontrar aqueles castanhos muito próximos. — Pensei que já tivesse ido embora...

Com um pouco de coragem líquida em seu corpo, a mais velha a segurou no queixo e aproximou a face lentamente.

— *Pela última vez...* — murmurou, pegando Laura inteiramente de surpresa e unindo seus lábios aos dela.

Sem qualquer oportunidade para raciocinar, a loira foi invadida por aquele toque suave e macio de lábios pressionando-se contra os seus. Corresponder àquele beijo foi praticamente automático. Seus olhos se fecharam e suas mãos encontraram com facilidade o caminho até a cintura de Elisa. A troca iniciou lenta, ditada pelo ritmo da mais velha, que movia a boca devagar na tentativa de reafirmar suas próprias certezas.

Elisa buscou caminho com a ponta de sua língua e não encontrou qualquer resistência. Os lábios de Laura abriram passagem lentamente, permitindo que invadisse sua boca e a fizesse sentir o gosto de seu beijo misturado ao sabor alcoólico.

— *É exatamente como eu lembrava...* — sussurrou Elisa, entre o beijo. Uma de suas mãos segurou a nuca de Laura e a outra correu pelo braço exposto na regata preta.

A mais nova sorriu internamente ao ouvir o comentário que ela fizera. *Então sua chefe esteve pensando no beijo*? Ao mesmo tempo em que sorria, também se praguejava mentalmente por ceder tão fácil àquela mulher. Talvez ela realmente fosse masoquista. Ou, talvez o beijo de Elisa fosse tão prazeroso, que não conseguia barrá-lo.

Laura perguntava aos céus por que aquela mulher a intrigou desde a primeira vez que a viu no supermercado. Não conseguia explicar por qual razão a aura enigmática e ao mesmo tempo melancólica lhe despertava tanto a atenção e interesse. Sem saber por quê, seus lábios buscavam os dela na ânsia de conhecer cada vez mais os caminhos que podia percorrer. Laura apenas cedia, cedia e cedia. De novo, de novo e de novo.

— Tem certeza do que está fazendo?

— Shhh.... Cala a boca, Laura. Você sempre fala demais — respondeu com a voz embargada de desejo. Seus lábios roçaram-se contra os dela e sua boca voltou a encontrar o ritmo. — É a última vez — murmurou entre a entrega.

— Sim... A última vez — concordou Laura. Sua voz também entregava o desejo em seu corpo.

As investidas de Elisa começaram a se tornar expressivas. Sua língua tomou movimentos mais intensos, externalizando o interesse de aprofundar aquele beijo.

— *A última...* — sussurrou em meio a pensamentos desconexos. Elisa estava perdida em sensações. Seu corpo nunca antes havia se sentido tão à vontade nos braços de alguém. Sua boca nunca entrou em um ritmo tão prazeroso como estava ocorrendo agora.

— Se vamos fazer pela última vez...— iniciou Laura entre o beijo, guiando a mulher para fora dali, com seu corpo. — Então que seja bem feito.

A gerente a levou de costas até o escritório, que basicamente ficava ao lado da sala dos funcionários. Com movimentos mais abruptos, a fez se chocar contra a mesa atrás de si. Voltou a tomá-la ao ritmo em que os braços se fechavam cada vez mais contra aquela cintura. Sua língua acariciava a dela, enquanto a boca puxava e chupava aqueles lábios sem muita pressa. Com avidez, Laura repetia e alternava a sequência de carícias. O gosto misturado ao perfume que emanava daquela mulher começou a despertar sensações dentro de seu jeans.

— *Odeio você* — murmurou, instantes antes de morder o lábio inferior de Elisa. — Odeio sua arrogância — continuou a dizer. Laura a beijava, a pressionava ainda mais contra seu corpo e sussurrava algumas frases soltas.

— O que mais você odeia? — Provocou-a. Elisa sorria maliciosamente.

— Odeio a capacidade que tem de me tirar do sério. — Laura subiu uma das mãos e entrelaçou os dedos nos cabelos castanhos, os agarrando com força.

— O que mais odeia? Diz pra mim, Laura.

— Odeio a maneira como sua boca está me convertendo a você — respondeu em um murmúrio contra o ouvido, proporcionando um arrepio na pele morena. — Você realmente deve ser a porra de uma vampira, porque não é possível que eu tenha caído assim.

Elisa curvou o canto dos lábios em um sorriso quase diabólico e começou a se mover nos braços de Laura, trocando lentamente de posição, a deixando contra a mesa.

— Acho que você descobriu minha verdadeira identidade...

Os lábios vermelhos de batom percorreram o queixo, se arrastaram pelo maxilar e deslizaram pela curva daquele pescoço alvo, deixando a loira cada vez mais inquieta dentro daquele jeans. Laura não sabia o que havia dado naquela mulher; se era efeito do álcool ou qualquer outra coisa. Tudo o que sabia, é que estava imensamente prazeroso ser tocada por ela. Suas mãos não resistiram à vontade e desceram pela lateral daquele corpo. Se seria a última vez, então aproveitaria a dose de loucura.

— Até onde posso ir com você? — Perguntou no instante em que desceu as mãos até a bunda de Elisa, que ignorou por completo seu

comentário. Laura sentiu o volume preenchendo suas mãos e o apertou, trazendo o corpo da morena ainda mais para si.

Ainda com os lábios deslizando pela curva do pescoço, Elisa começou a beijá-lo enquanto a provocava com as palavras. Não era capaz de compreender o quão bem seu corpo correspondia àquela mulher, mas se permitiria a ela por hoje. Havia passado dois dias infernais revivendo o beijo de Laura em suas lembranças, então decidiu que seria melhor sanar a vontade para, assim, voltar ao eixo. As doses de whisky lhe forneceram a coragem necessária, além de intensificar o desejo suprimido. Estava odiando constatar que embora vivessem em guerra dentro de campo, estavam funcionando bem com seus corpos unidos.

A respiração de Laura deu início a um descompasso quando aquela boca em seu pescoço começou a se mover. Elisa beijava e mordia devagar, inteiramente envolta à uma sensualidade que Garcia jamais vira igual. A boca quente, o cheiro tão próximo e o corpo colado ao seu, a estavam fazendo controlar os impulsos para não perder a cabeça.

— Cuidado para não deixar mar-

— Shhhh, eu jamais deixaria a minha gerente com uma marca deselegante no pescoço — disse baixinho, interrompendo-a.

A mais velha se perdeu no aroma daquela pele e começou a chupar a região devagar e em muitos pontos para evitar alguma possível mancha naquele pescoço tão alvo. Quanto mais mordia e chupava, mais sentia as mãos de Laura apertando seu corpo e a prendendo em seus braços.

— Droga, Laura. Não suporto a sua persistência. Por que simplesmente não foi capaz de me deixar em paz? — Disse baixinho, voltando a aproximar seus rostos.

— Porque eu não consegui — respondeu-a com sinceridade. — Não imagina a saudade que senti nesses dez dias.

— Por favor, não vamos fazer disso um momento afetivo. Começou e vai acabar aqui.

— Ei. — Laura a segurou no queixo e a fez encará-la. — Se eu tenho apenas esse momento, quero ser verdadeira — com suavidade, roçou seu nariz e lábios contra os dela, a fazendo sentir o hálito quente. — Estava com tanta saudade que, quando vi você, não aguentei. Me vieram tantas emoções e vontades...

— Laura, por favor...

— Me deixa dizer que além de feliz ao te ver, fiquei louca pra sentir o seu beijo.

— Você deve dizer isso a todas.

Com um sorriso sacana nos lábios, optou por não exaltá-la. Preferiu omitir que apenas Elisa lhe despertara tanta alegria por simplesmente vê-la. E que nenhuma outra teve sobre ela um poder atrativo tão grande.

— É apenas a sua boca que eu quero beijar. — A mais nova inverteu as posições e voltou a encurralar a chefe contra a mesa.

— Não pense que isso vai mudar algo entre nós amanhã. — A voz de Elisa estava desestabilizada pelas investidas de Laura. A loira se pressionava contra o seu corpo e murmurava frases que a deixavam ainda mais balançada.

— Não vou te procurar amanhã, nem depois. Mas, hoje eu quero mais. Eu quero saber o que você acha, pensa...

— Eu não quero ter que achar nada. Só quero te sentir e depois pôr um fim nisso.

— Como você quer me sentir? — Provocou ao pressionar o corpo ainda mais contra o dela, fazendo Marques sentir o duro material da borda da mesa atrás de si. — Assim? — Laura posicionou uma mão na cintura, a outra na nuca e começou a trilhar um caminho de beijos no pescoço da morena.

— Isso está tão errado... — murmurou enquanto era levada por aquela mão se fechando com força em sua cintura, e pelos lábios macios que enchiam sua pele de beijos. Elisa estava assustada em como seu corpo ainda respondia positivamente àquela mulher.

— Você é tão cheirosa — disse Laura, deslizando os lábios para cima até alcançá-la na boca outra vez. — Essa sua boca...— sussurrou. — É tão gostosa.

Elisa entregou-se a outro beijo com a gerente. Aquele corpo estava tão unido ao seu, e a mãos a tocavam com tanta firmeza, que a qualquer momento sentia que iriam transpassá-la. Seus olhos e os de Laura se abriam por breves instantes apenas para comunicarem uns aos outros o desejo. A entrega era contínua e progressiva. Tão progressiva, que Elisa começou a sentir um pequeno nervosismo tomando conta de seu corpo. O prazer do beijo misturou-se ao conflito mental, fazendo seu interior questionar o que estava acontecendo. Laura movia os lábios contra os seus e brincava com

sua língua de um jeito tão gostoso, que a aura envolta àquelas carícias começou a se tornar sexual e assustou a mais velha, que estava à beira de soltar um gemido abafado contra aquela boca.

— Laura... — chamou-a. — Eu preciso parar.

— Algum problema? — Perguntou com suavidade na voz. A mais nova quase soltou um resmungo ao senti-la interrompendo o beijo e tentando sair dos seus braços.

— Acaba aqui — disse em um sério tom de voz, tentando voltar a si.

— Fiz alguma coisa errada? — perguntou, confusa, ao se afastar e abrir espaço para a outra sair.

— Não, mas já fomos longe demais — respondeu ao passar a mão nos cabelos e ajeitar a roupa. — Não quero que pense que isso muda algo entre nós — reforçou. Elisa esticou-se sobre a mesa e recolheu a bolsa. — Finja que isso nunca aconteceu — disse, por fim.

Elisa deixou o escritório a passos apressados, deixando a mais nova sem qualquer oportunidade de resposta.



No retorno para casa, Laura caminhava devagar pelas ruas com suas mãos dentro dos bolsos dianteiros e os pensamentos em Elisa. A brisa da noite tocava seu rosto e trazia consigo o perfume que estava impregnado em sua roupa e pele; dificultando ainda mais o esquecimento. Era praticamente impossível passar uma borracha em tudo o que havia acabado de acontecer. A cada passo que dava, o cheiro dela em sua roupa se misturava com cada memória sensorial.

Quando chegou em casa, resolveu ir diretamente para o banho. Hoje havia decidido que não sairia pra correr, pois precisava organizar algumas coisas em casa e dentro dos pensamentos, também. No banheiro, tirou a camiseta do corpo e a levou até as narinas. Foi impossível não sorrir ao sentir o perfume daquela arrogante— segundo seus próprios pensamentos. Olhando-se no espelho, observou que haviam marcas vermelhas do batom de Elisa na pele branca do pescoço. Ao tocar na mancha, lembrou-se do calor e maciez da boca percorrendo aquela região.

Após o banho, iniciou uma organização dentro do imóvel. Os cômodos estavam uma bagunça desde que viajou para a cidade natal. Nos intervalos entre a arrumação, respondia algumas mensagens de amigos, do pai e também de sua mãe, que resolveu lembrar que tem filha. Entre as mensagens dos amigos, recebeu algumas fotos que haviam sido tiradas na viagem. Sorrir foi inevitável.

Entre uma das conferidas que deu no aparelho, abriu o aplicativo de conversa e foi até a última mensagem trocada com a chefe. Laura ampliou a foto que a morena usava no perfil e se demorou ali, observando-a. Quando identificou que a mulher constava como *online*, sentiu-se tentada a enviar uma mensagem.

"O que está acontecendo com você, Laura? Não faça isso." Mentalmente, disse a si mesma.

Não conseguia compreender o significado das próprias vontades. Nenhuma outra mulher frequentara tanto os seus pensamentos; nem havia lhe despertado uma vontade incontrolável de enviar mensagens após alguns beijos. Para quem sempre foi sentimentalmente desprendida, estava lidando com grandes dificuldades na tentativa de entender aqueles porquês.

Ao bloquear a tela, balançou negativamente a cabeça e voltou às atividades. No entanto, estava praticamente impossível parar de pensar em sua chefe. Já não sabia o que fazer para esquecer aquela mulher tão inusitada. Era a primeira vez que precisava expulsar as lembranças de alguém.

Quando concluiu as tarefas, tomou outra ducha e sentou-se à mesa do computador. Acabou pegando um lápis e uma folha em branco para desenhar alguns esboços na tentativa de passar o tempo. Em meio a tantos rabiscos, um deles representava a silhueta de uma mulher olhando pela janela no ponto de vista de um observador que a enxergava de baixo. Inconscientemente, havia retratado a própria imagem que avista de Elisa quando passa sob sua janela.

— Idiota! — Xingou ao riscar o desenho e estragá-lo. Estava irritada consigo mesma por pensar tanto naquela arrogante, inconstante e insuportável— segundo suas próprias palavras.

Deitou-se por volta das onze horas da noite. Ao fechar os olhos, as memórias com a chefe naquele escritório começaram a atrapalhar o sono. Ainda era tudo tão vívido, que o corpo começou a reagir, deixando-a

inquieta. Laura não aguentou aquele inferno mental e resolveu pegar o celular na mesa de cabeceira para enviar de uma vez por todas uma mensagem antes de tentar adormecer:

“Oi, boa noite, estou escrevendo apenas para falar que fiquei feliz com o seu retorno, pois não tive oportunidade de dizer pessoalmente. Apesar de estarmos sempre entrando em conflito, acho importante que saiba que alguém se alegra com a sua presença.”



Elisa estava encostada contra grandes almofadas e tentava se concentrar no livro em suas mãos. Lia o mesmo parágrafo duas vezes consecutivas para conseguir absorver as informações. Seus pensamentos estavam uma bagunça; sentia-se atordoada, confusa, indecisa. Mais de meia hora sem pensar em Laura parecia uma tarefa impossível. Como se não bastasse, escutou uma notificação no celular que se tratava de uma mensagem dela. Cogitou a possibilidade de não a responder, no entanto, sentiu necessidade de fazê-lo. Laura havia sido fofa com as palavras, não podia negar. Nunca antes alguém ousou ser carinhosa assim. No final das contas, respondê-la parecia mais atrativo que aquele livro. Elisa pensou uma, duas, três vezes no que dizer.

“É bom estar de volta à Hills Dale e ao meu antiquário. Acho que seria honesto eu admitir que talvez tenha sentido a sua falta. Apesar do estresse com a vitrine, foi bom ver você. Não é em qualquer lugar que encontro uma presença tão marcante, falante e curiosa.”

A mais nova parecia já estar com o celular na mão, pois a resposta não tardou:

“Talvez? Como é difícil arrancar as verdades de você.”

“Não tem nada aqui a ser arrancado. Boa noite, Srta. Garcia. Não durma tão tarde, minha loja precisa de você."

“Boa noite. Espero conseguir pegar no sono, mesmo com a mente barulhenta. Tente não dormir tarde, também. Beijo...”

Um novo dia de expediente havia iniciado. No caixa, Laura resolvia um problema de troca com um cliente quando a chefe chegou e passou muito próxima ao balcão. Precisou conter o olhar interessado antes que Débora, de pé ao seu lado, percebesse. Em poucos instantes sentiu o aparelho celular vibrar dentro do bolso da calça. Sempre o mantinha por perto para se comunicar com a mais velha.

“Srta. Garcia, preciso que venha à minha sala quando for possível.”

A loira solucionou a questão da troca, concluiu o atendimento ao cliente e entrou na sala de Elisa.

— Poderia buscar o meu almoço, por favor? — Pediu educadamente, ao vê-la entrar e sentar-se na cadeira em frente a sua mesa.

— O que vai querer?

Marques informou o que gostaria para aquele dia e passou o endereço do lugar. A gerente anotou tudo no bloco de notas do aparelho. Sem jeito, as duas mulheres estavam visivelmente sem saber como se comportarem. Evitavam sustentar qualquer troca de olhares.

— Elisa... — chamou. No entanto, a morena não tirou o olhar do computador ao respondê-la.

— Hum?

— Estava aqui pensando... O natal está chegando. O que acharia de decorar a vitrine com algumas luzes? Não sei o que você costuma fazer anualmente a respeito da loja, então pensei em perguntar.

— Não gosto de muitos enfeites, pois tira o foco dos itens na vitrine. Mas, aprovo a ideia das luzes.

— Ah, que ótimo! Então vou providenciar o mais rápido possível. — Sentada na cadeira, sem saber o que dizer ou para onde olhar, a mais nova tentou puxar algum assunto antes de ir ao restaurante. — Você gosta do natal? — Perguntou. Ainda sem olhá-la, a morena respondeu:

— Costumava gostar quando era criança. Após perder os meus pais, se transformou em uma data sem sentido. A Suzana tentou não deixar a magia ir embora, mas não teve jeito. Eu não tinha como... — fez uma pausa em sua fala e finalmente direcionou o olhar em Laura. — Como comemorar algo sem as pessoas que eu amava — suspirou. — É estranho ver as coisas mudarem tão repentinamente. É tudo tão efêmero. O que antes era uma noite feliz com direito a meias natalinas penduradas pela sala e preenchidas por surpresas, se tornou uma noite silenciosa entre mim e Suzana.

— Compreendo... — respondeu em um tom de voz baixo. Laura sentiu-se entristecida ao ouvir aquele relato. — Se não quiser que eu traga as luzes, não tem problema.

— Pode trazer, já não faz diferença — explicou. — E você, gosta do natal?

— Gosto. Minha mãe nunca esteve muito presente, mesmo quando ainda era casada com meu pai. Eles são separados, não sei se já contei. Porém, meu pai sempre fez de tudo para que essa data não passasse em branco, pois sabia que eu gostava muito. E também porque queria suprir a ausência da minha mãe. Quando cresci, me dei conta do quanto ele se empenhava e assumia o papel dos dois.

— Por que sua mãe não era presente?

— Porque vivia e ainda vive viajando a trabalho. A carreira dela é consolidada lá fora.

— Entendi.

— Mas, graças a ele eu tive bons natais.

— Que bom, Laura. Fico feliz que você o tenha — sorriu. — Nem sempre é bom ser sozinho. Estar sem a presença de estranhos, eu acho uma benção. Mas, a solidão das pessoas que amamos... Essa machuca.

Laura voltou a enxergar tristeza naqueles olhos. A mesma tristeza que avistou no dia em que Elisa dissera que não se pode morrer duas vezes nessa vida.

— Não tenho como entender com exatidão, pois não estive e não estou na sua pele. Mas eu posso imaginar que seja muito ruim perder aqueles que verdadeiramente importam pra nós.

— Sim. É ainda mais triste quando ocorre a uma criança. Isso é um tipo de crueldade da vida que eu nunca vou aceitar. Perdi Suzana aos poucos, ao longo dos anos, a vendo cada vez mais velha e debilitada. Tive

tempo para aceitar sua partida. Mas os meus pais foram levados de mim sem que eu tivesse a chance de dizer adeus.

— Sinto muito, Elisa...

— Eu também.

Envoltas à pesada tensão proveniente daquele assunto, as duas limitarem-se a trocarem olhares em silêncio. Elisa observava a face de Laura, incluindo os fios soltos que contornavam as laterais do rosto. A mais nova, por sua vez, mantinha a atenção naqueles olhos que passeavam sobre si.

— Tem uma data cravada no seu navio de madeira — iniciou, atraindo Elisa novamente para as suas íris. — Eventualmente entro aqui e você está olhando pra ele — continuou a falar. Sua voz estava calma e suave. — É uma memória afetiva, não é? — A morena balançou a cabeça positivamente.

— Foi construído pelo meu pai. A data que está entalhada é do dia em que ele o finalizou e me entregou. Na época eu estava fascinada pelo filme Titanic, pois meus pais haviam me levado na estreia. Embora eu tivesse apenas dez anos e a classificação fosse doze, na presença dos meus responsáveis permitiram que eu entrasse. Fiquei encantada com tudo o que vi, com exceção da cena de sexo entre o Jack e a Rose, pois meus pais me fizeram o desfavor de cobrir os meus olhos — riu, arrancando uma risada ainda maior da gerente. — Era Titanic pra cá e para lá, por todos os cantos da casa. E eu insistia dizendo que havia lugar para o Jack em cima daquela porta.

— Oh, todos nós! — Respondeu aos risos. A forte tensão começara a aliviar. — Inaceitável aquele final!

— Exatamente! — Riu junto a ela. — Meu pai viu o quanto eu estava fascinada pelo filme e resolveu me fazer a surpresa de construir uma réplica em madeira.

— Que atencioso da parte dele.

— Sim. Eu amava muito os meus pais, mas ele... Ah, sem dúvida eu gostava um pouco mais. Sabe quando você sente que tem uma conexão com alguém? Nós tínhamos. Meu pai era carinhoso e atencioso nos mínimos detalhes. Ele era a minha fortaleza, meu aconchego, meu melhor colo. Acredito que tivesse seus defeitos, pois todos nós possuímos. Mas, aos

meus olhos de dez anos de idade, ele era sem igual. E como se foi tão cedo... Eu ainda o enxergo com os mesmos olhos de criança.

Elisa falava do pai com tanto amor e ternura, que Laura foi capaz de sentir todo aquele sentimento apertando seu coração.

— Tivemos sorte de ter ótimos pais, isso é bem raro. Encontramos nosso segundo ponto em comum. — Sorriu.

— É? Qual seria mesmo o primeiro?

— Não nos envolvemos sentimentalmente.

— Ah... Verdade. E não nos toleramos na mesma proporção, então eu acho que já são três pontos.

— O terceiro ponto merece ser questionado.

— Por quê?

— Porque embora você seja uma chata, eu consigo te suportar.

— Como você tem coragem de dizer isso na minha cara? — Comentou ao erguer uma das sobrancelhas, fingindo indignação. — Vai buscar meu almoço, vai.

Laura *Garcia retornou do restaurante povoada por pensamentos na cabeça. Todos envolvendo a mais velha.*

— Ontem, por mensagem, você me disse que talvez tenha sentido minha falta — comentou ao depositar as sacolas sobre a mesa. — Eu sei por quê. Quem mais buscaria a sua comida? — Brincou, fazendo a outra balançar a cabeça negativamente enquanto tentava conter um pequeno riso, que a loira foi capaz de avistar.

— Você é mais que *apenas* uma pessoa que traz o meu almoço — respondeu em voz baixa, um pouco sem jeito por estar expondo aquele pensamento.

— Bom, também estou indo almoçar — disse, ignorando a fala da chefe. Também não estava sabendo como se comportar na presença daquela mulher. Não era apenas o beijo que estava mexendo com ela; os sentimentos por Elisa, também.

— Almoça comigo — pediu de forma impulsiva, sem pensar. — Quer dizer, fica por aqui, pois eu quero te mostrar algo no computador. — Marques quase tropeçou nas próprias palavras.

— O que quer me mostrar?— Perguntou ao depositar a própria sacola de almoço sobre a mesa.

— Você tem uma péssima mania de arrastar a cadeira. Não poderia simplesmente levantá-la? — Resmungou ao vê-la puxando e tomando um lugar ao seu lado.

— Meu Deus, tudo o que eu faço te incomoda — revirou os olhos.

— Ninguém manda você fazer tudo o que me desagrada.

— E por acaso existe alguma coisa que te agrada, realeza? Pois eu desconheço — implicou.

— Ai, cala a boca, Laura — bufou em um revirar de olhos. — Mantenha sua atenção no monitor, quero te mostrar as peças que vou incluir no catálogo — disse com empolgação.

A mais velha começou a abrir algumas imagens enquanto dialogavam. Laura não conseguia deixar de observar as expressões de alegria que a morena esboçava. Ela realmente parecia muito animada com aquilo.

— São caixas de música? — Perguntou com interesse, recebendo um aceno positivo em resposta. — Eu amo caixas de música! Remetem à minha infância — disse com um sorriso no rosto.

— É por isso que eu gosto tanto da minha loja, cada objeto conta uma história que há muito se passou. Você, por exemplo, olhou para essas caixas antigas e já deu um mergulho na sua infância. Isso é mágico pra mim.

— Realmente...

— E olha que essas caixas de música possuem mais que o triplo da sua idade — informou. — Todos os objetos do meu antiquário são memórias do tempo.

— Sim. Sua loja é a casa das memórias — comentou, recebendo um sorriso em resposta.

Laura não pôde deixar de reparar na beleza daqueles lábios quando se curvavam, e Elisa acabou percebendo aquele olhar sobre sua boca.

— Continuando... — comentou um pouco sem jeito. — Não consegui muita coisa, mas gostei de tudo que adquiri — dizia enquanto passava as imagens.

Na tentativa de evitar se sujar, Laura retirou o blazer preto que estava em seu corpo e dobrou a manga da branca camisa social que usava.

Seus movimentos atraíram a atenção da morena, que prontamente fez um comentário a respeito de sua roupa.

— Você fica muito bem com esse conjunto de terno, até cogitei fazer dessas peças o seu uniforme.

— Acha mesmo? — Indagou surpresa. — Nada de errado com a roupa? Com meu cabelo? Unhas? — Implicou.

— Como você é idiota, Laura. Apenas aproveite o elogio.

— Um elogio vindo de você é meio duvidoso. Devo me preocupar com alguma possível tempestade no final do dia?

O comentário que a loira fizera proporcionou um revirar de olhos em sua chefe.

— Falta apenas uma gravata para terminar de compor.

— Aceito de presente — disse despretensiosamente.

— Anotado.

Começaram a almoçar enquanto dialogavam e olhavam imagens no computador. Pela falta de espaço, suas cadeiras estavam posicionadas muito próximas e seus braços encostavam-se eventualmente. Isso sempre ocorria quando sentavam lado a lado. Garcia estava tentando a todo custo atender ao pedido da chefe sobre “fingir que isso nunca aconteceu.” No entanto, vez ou outra seus olhares se cruzavam e comunicavam-se em silêncio. Porque por mais que as palavras estivessem silenciadas, eles diziam um ao outro que nada estava como antes. Até mesmo os corpos entregavam que algo estava acontecendo e alguma coisa havia mudado. Os movimentos estavam tímidos, e esporadicamente recuavam.

Marques é uma pessoa que por razões pessoais não gosta do que “*vem depois*”. Porém, com Laura, as coisas pareciam estarem acontecendo de forma contrária. Após o beijo teve mensagem e ainda estava almoçando junto a ela. Talvez a loira não tivesse se dado conta, mas ela é a única mulher que a beijou por mais de um dia.

— Elisa...— chamou, a fazendo virar o rosto em sua direção.

— Sim?

— Por que você me disse aquilo ontem?

— Eu disse muitas coisas a você.

— Me refiro a quando comentou sobre eu dizer aquilo para todas — respondeu ao olhá-la com atenção.

— Porque é verdade, você deve ser uma mulherenga.

— Talvez. Mas fui sincera quando disse que-

— Não quero falar sobre isso. — A impediu de concluir.

— Mas eu quero — insistiu com suavidade na voz. Sobre a mesa, Laura buscou a mão de Elisa e a englobou. — Fui sincera quando disse que fiquei louca para provar o seu beijo. — A loira começou a mover a mão sobre a dela através de carícias sutis.

— E quando disse que é apenas a minha boca que você quer beijar? — Perguntou com curiosidade e interesse, buscando compreender o que aquela mulher verdadeiramente pretendia com ela.

— Fui ainda mais sincera. — Laura aprofundou o contato de mãos e começou a deslizar a carícia por entre os dedos de Elisa, a deixando nervosa. — Posso te fazer uma pergunta? — A mais velha apenas assentiu com a cabeça. — Você só me beijou porque estava um pouco alcoolizada?

— Você não vai mesmo esquecer esse assunto, não é?

— Não.

— Ok. — Elisa tomou fôlego e começou a falar. — Não foi porque eu havia bebido. O álcool serviu para impulsionar. Beijei porque eu quis — afirmou. — Fiz porque eu não tirava o seu beijo da minha cabeça.

— E agora? Tirou? — Perguntou, prendendo o olhar ao dela.

— Vou te dar o benefício da dúvida.

Elisa deslizou a mão para fora daquele contato e voltou a prestar atenção no computador. A gerente, de onde estava, balançou a cabeça negativamente enquanto tentava conter o sorriso no canto dos lábios.

Final de semana havia chegado e trazido consigo a folga de Laura. Por um lado, sentia-se aliviada em poder descansar. Por outro, lamentava não ver Elisa. Hoje era um sábado de feriado em Hills Dale, então teria dois dias completos em casa. Em razão disso, sua amiga Bianca resolveu fazer uma visita para que pudessem desfrutar bastante tempo juntas.

— O que você vai querer para mais tarde? — Perguntou a loira. Ela e a amiga andavam por entre as seções do supermercado.

— Ah, pode ser qualquer coisa.

— Vou comprar material pra gente fazer uma lasanha e você escolhe um bom vinho, pode ser?

— Por mim está perfeito.

As duas amigas dialogavam enquanto coletavam os ingredientes para mais tarde. Bianca começou a contar sobre os murmurinhos após a última visita que a loira fizera.

— Sandra veio conversar comigo sobre vocês.

— É? O que disse?

— Que você a rejeitou.

— Eu apenas não quis prosseguir, não estava em um bom momento. Mas espero que ela não tenha ficado chateada.

— Comentou que ficou meio frustrada no dia, mas não chateada. Depois disse que entendia, pois ninguém é obrigado a ter que beijar e transar sem estar com vontade. Só que isso me deixou meio pensativa. Tem acontecido alguma coisa?

— O pior é que tem. Em casa a gente conversa a respeito, pode ser?

— Pode sim. Vou ali escolher um vinho enquanto você está aqui. Já volto!

A loira prosseguiu terminando de depositar na cesta os últimos ingredientes para a lasanha, e aproveitou para pegar algumas barras de chocolate, também. Algum tempo depois, viu Bianca retornar com os olhos um pouco arregalados.

— Ela está ali, bem na seção de vinhos — disse baixinho, com o rosto próximo ao da loira.

— Ela quem? — Indagou, confusa.

— Sua chefe! — Falou com a voz elevada.

— Fala baixo! — A repreendeu. — A Elisa? — Cochichou.

— Sim, tenho quase certeza que é ela. Se não for, é muito parecida com a mulher das fotos que me mostrou. Só que duas vezes mais bonita! — Frisou.

— Estava vestida de preto?

— Sim!

— Então é ela — disse em meio a um sorriso.

— Vamos lá, pra você me apresentar! — Pediu com empolgação.

— Neeeem pensar! Elisa me mata se eu colocá-la nessa situação. Ela odeia interagir socialmente, então tenho quase certeza que ficaria muito sem jeito.

— Ain, fala sério, Laura! Eu queria muito poder conhecê-la. Vamos até lá, por favor? — Bianca fez cara de cachorro sem dono e esboçou um biquinho pidão.

— Oh Deus, tudo bem! Mas, por favor, limite-se a dizer apenas boa tarde, ok? Não puxe qualquer assunto.

— Combinado! — Piscou.

Mesmo um pouco aflita, Laura se dirigiu com Bianca até a seção de vinhos. Quando avistou a chefe parada em frente as garrafas, sorrir foi praticamente inevitável. A morena usava um jeans preto e camisa de algodão. Era um look mais despojado, diferente do que costumava usar no dia a dia em seu antiquário.

— Boa tarde.

A voz da gerente soou por trás, proporcionando uma sensação de frio na barriga em Elisa.

— Laura... — disse com um sorriso no rosto ao virar-se. Sorriso esse, que automaticamente se desfez quando percebeu que havia alguém mais.

— Já não basta convivermos no trabalho, agora no mercado também? — Comentou em tom divertido. — Essa é a Bianca, minha melhor amiga.

— Boa tarde — disse Bianca. Quando a moça fez menção em oferecer a mão para cumprimentar a morena, Laura automaticamente a segurou pelo pulso e a fez abaixar o braço.

Elisa apenas esboçou um sorriso fraco em resposta ao cumprimento.

— Se me dão licença, eu já estava me direcionando ao caixa. — A morena recolheu a primeira garrafa de vinho que seus olhos avistaram e se virou de frente para as duas mulheres. — Tenham um bom fim de semana — desejou educadamente, instantes antes de começar a caminhar para fora dali.

— Meu Deus, que mulher lin-da! — Comentou Bianca, com a palma da mão aberta sobre o peito. — Ela consegue intimidar qualquer um apenas com essa beleza e aquele olhar! Nossa.

— Ela é linda mesmo... — concordou um pouco aérea, observando a morena ao longe, quase chegando ao caixa. — É sobre ela que eu gostaria de conversar com você — disse, voltando a si.

— O que essa mulher aprontou?

— Acho que o certo seria: o que *eu* aprontei? Agora shhh... Em casa eu te conto.



Sentadas no sofá, Bianca olhava para Laura com os olhos arregalados e a boca entreaberta. Mal conseguia acreditar no que a loira tinha contado.

— Você o quê? — Exclamou. — Como assim você a beijou?!— Disse ainda mais alto.

— É exatamente o que você ouviu. Não consegui conter o impulso, ela estava tão próxima a mim, tão bonita... E eu com saudades. Quando me dei conta, já estávamos nos beijando.

— Estou cho-ca-da, Laura Garcia! Mas e aí?Sua chefe não te deu uns tapas? — Riu.

— Não, ela correspondeu. Depois cortou o momento e disse que nunca mais aquilo ia acontecer. Só que a melhor parte vem agora...

— Ai, meu Deus, conta!

— Alguns dias depois, acho que uns dois, ela entrou na sala dos funcionários quando eu estava sozinha.

— E aí? — Perguntou com interesse. Seus olhos quase brilhavam escutando os relatos da amiga.

— E aí que segurou no meu queixo e, supreendentemente, me puxou para um beijo.

— Uuuuuuui! Eu não estou acreditando nisso! Em que momento vocês foram do “não passa de uma riquinha arrogante” para o “me puxou para o beijo”?

— Eu a julguei muito precipitadamente quando nos conhecemos. Elisa ainda é arrogante comigo quando quer, mas eu sinto que ela é uma boa pessoa no interior. Sinto vontade de matá-la quase todos os dias? Sinto. Mas não posso negar que me atrai.

— Você gosta é de uma mulher difícil de lidar, isso sim. Aquela que te pisa e maltrata é a que te interessa.

— Elisa é desafiadora em muitos pontos, a complexidade dela me instiga. É uma mulher de emoções muito genuínas. Sempre que possui algum gesto positivo comigo, sei que é extremamente verdadeiro, pois para

ela é complicado até conseguir se expressar. Então, quando chegou ao ponto de me beijar, tenho certeza que foi porque desejou muito. O grande problema são as mudanças repentinas de humor. Às vezes sinto que me quer por perto, mas no momento seguinte me afasta para bem longe — suspirou.

— Ela deve estar confusa, até eu estou! Quase não consigo acreditar no que está me contando!

— Nem eu. Só sei que não paro de pensar nessa mulher. Durmo e acordo com ela dentro da minha cabeça. Está insuportável, isso nunca me aconteceu.

— Hummmm, você deve estar caidinha. Bem que eu desconfiei que havia algo de errado no seu desinteresse por todas as mulheres. Você não é de negar fogo. Quando Sandra me contou sobre o ocorrido, achei preocupante e estranhei na hora.

— Realmente é preocupante. Não consigo focar em outra mulher que não seja ela. Olho para todas as outras e não enxergo nada capaz de me prender ali — explicava. — Puts, não sei como fui deixar isso acontecer — disse ao levar a mão à testa.

— Você nunca se apaixonou, mas parece que a vida resolveu te fazer viver essa experiência.

— Vira essa boca pra lá! Bate três vezes na madeira, Bianca.

— Hummm, a negação é o primeiro estágio de um apaixonado. — Riu. — Não acredito que Laura Garcia está apaixonada. Já era, garotas! Vocês perderam! — Disse em tom divertido.

— Como você fala bobeira — revirou os olhos. — Me apaixonar pela chefe seria castigo demais. Ela só é... interessante.

— E bota interessante nisso, né, Laura? A mulher é uma gata, puta que pariu. Até eu me apaixonaria. Me pareceu muito narizinho em pé, do tipo que a gente quer ver perdendo a pose.

— Ela é mais que um narizinho em pé. — Garcia usou ternura ao falar sobre Marques. — Elisa é algo que não sei explicar, mas que me prende. — A loira fechou os olhos por breves segundos e suspirou. — Sem contar aquele beijo...

— Foi muito bom?

— O mais gostoso que provei.

— Ui! Gata e ainda beija bem, não julgo se você se apaixonar.

— Para com isso de paixão! — Retrucou. — De qualquer maneira, não vou te dizer que preciso esquecê-la, pois eu me conheço e sei que quando estiver com ela, vou fazer tudo completamente diferente do que eu disser aqui.

— Amo a sua sinceridade — comentou ao olhá-la. As duas conversavam lado a lado no sofá.

— Ela me envolve sem precisar fazer nada. Basta cruzar o ambiente e me fazer aspirar aquele perfume que se tornou ainda mais agradável quando o senti diretamente sobre a pele.

— Meu Deus, você está mais que gamada nessa mulher. Vou perguntar o nome do feitiço que essa Elisa Marques te preparou.

— Ela deve ser uma feiticeira ou vampira mesmo, porque não é possível uma pessoa ser tão sensual — brincou, tentando fazer piada da própria desgraça.

— Ai ai... Se eu bem te conheço, você não deve estar conseguindo controlar a cara de interesse quando está perto.

— Provavelmente, não — disse um pouco sem jeito e, ao mesmo tempo, preocupada. Não queria ser tão transparente assim. — O que está mexendo com a minha sanidade é o fato dela ser tão diferente. Nunca fiz de alguém especial, mas com a Elisa eu sinto como se ela estivesse reivindicando esse pódio, mesmo sem precisar pedir.

— O nome disso é paixão, Laura.

— Vamos mudar de assunto?

— Claro que não! Está interessantíssimo saber dos seus babados com ela. Pegar a chefe é para poucas, hein? — Riu, fazendo a loira entortar a cara. — Por que não a chama pra sair? Aproveita que é fim de semana e as duas estão livres. Não se preocupe comigo, eu aguento ficar umas horinhas sem você, desde que me traga atualizações sobre essa história.

— Você só pode estar brincando.

— Eu? Claro que não. Estou ótima e muito confortável aqui. — Bianca pegou uma barra de chocolate na mesa de centro e em seguida esticou as pernas sobre ela. — Vai lá, chama essa Elisa pra sair. Enquanto isso estarei aqui devorando esses chocolates.

Bianca proferiu aquelas palavras tão naturalmente, que Laura ficou boquiaberta.

— Você realmente não conhece a Elisa. Primeiro: ela não me dá brecha.

— Claro que dá! — Disse Bianca ao interrompê-la. — Se liga, Laura. Ela te beijou! Quer brecha maior que essa? Aposto que está nesse momento reclusa naquela mansão pensando em você.

— Posso continuar? — Comentou um pouco impaciente. — Segundo: Elisa não gosta de sair e socializar. Nem se eu quisesse, saberia o que fazer.

— Se não gosta de sair, chama ela pra cá, ué. Eu prometo que fico escondida em algum cômodo. Ou então, se convida para a casa dela.

— Bianca, por favor, para de falar coisas absurdas.

— Absurdo por quê? Estou falando sobre duas mulheres adultas.

— Não é assim que as coisas funcionam. Sinto muita vontade de conhecer um pouco mais e tentar compreendê-la, gostaria muito da oportunidade. Mas, não é tão simples.

— Já tentou?

— Eu tento todos os dias...

— Após ela ter te beijado?

— Bianca, ela não quer nem falar sobre isso.

— Então a ousada e corajosa terá que ser você. Chama essa mulher pra sair!

— Tá, tá, ok! Vou chamar. Não hoje. Amanhã, quando você for embora. Tem uma doceria muito bonitinha no bairro, talvez aceite ir comigo tomar um café.

— Que passeio de velha, Laura! Meu Deus.

— Quero que a Elisa se sinta confortável. Lá é pouco movimentado, pelo que pude perceber. É um ambiente bastante tranquilo. Vou chamá-la de dia para que se sinta ainda mais à vontade e não pense que estou com segundas intenções. Eu só quero poder estar com ela, ouvi-la, olhá-la, conhecê-la, entendê-la...

— Quem é você e o que fez com a minha amiga?

— Prefiro não ter essa resposta. — Laura esticou-se e, também, alcançou uma barra de chocolate. — Vamos fazer a lasanha para o jantar?

— Não muda de assunto, manda logo uma mensagem a convidando pra sair!

— Pelo amor de Deus, esquece essa história. Ainda estou pensando a respeito.

— Se pensar de mais, não tomará atitude alguma. Toma, pega esse celular e entra em contato! — Bianca pegou o aparelho que estava sobre a mesa de centro e o jogou no colo da amiga.

— Eu não sei o que escrever — disse ao desbloquear a tela e abrir o aplicativo de conversas. — Melhor deixar isso pra lá, não estou disposta a receber um fora. E os da Elisa são daqueles bem dados.

— O *não* você já tem.

— Ah é, e a humilhação eu conquisto, né?

— Laura, ela te beijou, se liga. Não terá humilhação alguma, tenta. No máximo, dirá que não quer sair. Um não nunca matou ninguém.

— Puta merda, como você é chata, Bianca. Vou enviar logo esse convite pra me deixar em paz. — A gerente proferiu as palavras em tom divertido e começou a digitar uma mensagem para a mais velha. — Estou nervosa — respirou fundo. — Mas, vamos lá...

“Boa tarde, Elisa. Tudo bem? Sei que você não gosta de sair e socializar, mas senti vontade de te fazer um convite. Tem uma doceria/cafeteria muito bonita no nosso bairro, eu gostaria de ir conhecê-la. Quer ir comigo no domingo à tarde? Tomamos um café e passamos uma hora juntas. Não precisa se sentir pressionada a aceitar. Se não quiser, vou compreender.”

— Ela sequer vai responder, mas, tudo bem. Satisfeita?

— Satisfeitíssima! Agora sim, podemos montar a lasanha! — Sorriu.



Algumas horas mais tarde, estavam na cozinha jantando e provando o vinho escolhido pela mais nova. Entre uma conversa e outra, a loira percebeu o celular notificar sobre a mesa. Ao pegá-lo, inacreditavelmente constatou se tratar de uma mensagem da chefe:

— O que ela disse? — Perguntou Bianca, curiosa, esticando-se para olhar.

“Boa noite. Terei que recusar seu convite, não gosto de frequentar ambientes populosos. Mas, agradeço."

Laura virou o líquido da taça de uma só vez em sua garganta e se apressou em respondê-la:

“Em todas as vezes que passei em frente, me pareceu sempre vazio. Tem duas mesas isoladas do lado de fora, poderíamos ocupar uma delas. São de dois lugares. Porém, se mesmo assim você se sentisse desconfortável, a gente viria embora. Pensa com calma e me dá uma resposta até amanhã.”

A mais velha nada mais respondeu, então a loira interpretou aquele silêncio como se ela realmente estivesse pensando. Havia uma esperança, afinal.

No dia seguinte, Laura levantou-se da cama e conferiu o celular despretensiosamente.

— *Essa mulher não dorme*? — Murmurou ao ver uma mensagem da chefe com o horário de quatro horas da manhã. “Ou, acorda cedo demais.” Pensou enquanto lia.

A loira precisou ler e reler aquelas palavras três vezes para conseguir se convencer do que estava escrito. Um sorriso automaticamente instalou-se em seus lábios, e seu corpo foi inundado por uma forte carga de alegria.

— Ela aceitou! — Disse incrédula, vendo a amiga despertar.

— Ela quem? Aceitou o que? — Sonolenta, Bianca soltava frases desconexas.

— Minha chefe.

— Aceitou sair com você? Não acredito! — Exclamou, saltando da cama. — Quer dizer, acredito muito! — Disse com empolgação. — Que horas vão se encontrar? Estou quase ficando por aqui e matando a faculdade amanhã. Pre-ci-so saber no que isso vai dar.

— Disse que pode às cinco. Respondi dizendo que vou buscá-la na porta pra irmos juntas, pois o lugar fica a menos de sete minutos daqui.

— Eu sabia que você precisava fazer esse convite! Ai, ai... Já pensou no que vestir?

— Ah, eu vou normal, com algum jeans. O lugar é bem simples.

— Você fica linda até em um saco de batata!

— São seus olhos de amiga. — Sorriu.

Laura passou todo o domingo ansiosa; não sabia o que pensar nem sentir. Mesmo convivendo com a morena de segunda à sábado, hoje sentia emoções diferentes ao saber que iria vê-la em poucas horas. Nunca havia se sentido dessa maneira; era a primeira vez que uma mulher estava fazendo suas mãos suarem e o coração bater em um ritmo mais acelerado que o habitual.

"Calma Laura, é apenas um café juntas." Repetia em pensamentos para a própria imagem no reflexo do espelho, enquanto terminava de se vestir. Bianca havia realmente ficado para saber das notícias mais tarde.

Quando o momento finalmente chegou, recolheu a chave de casa, carteira e foi buscar a mais velha em casa.

— *Elisa!* — Gritou. — *Elisa!* — Chamou um pouco mais alto. Em poucos instantes a imagem da mulher apareceu na janela:

— Que escândalo é esse debaixo da minha janela? Será que não sabe esperar? — Resmungou do alto, revirando os olhos.

— Ai, como você é chata! — Gritou lá de baixo.

— Estou descendo!

— Ok!

Em menos de cinco minutos a mais velha apareceu na porta de entrada.

— Não sei o que fiz pra merecer você, senhorita Garcia. Mas deve ter sido algo terrível.

— Como se você fosse muito fácil de lidar, não é? — Rebateu. — Boa tarde pra você também.

— Fala de mim, mas está aqui na minha porta em pleno domingo de folga — disse para cutucá-la.

— E você diz que não me suporta, mas aceitou me encontrar.

— Talvez eu também seja masoquista.

— Então achamos mais um ponto em comum.

Elisa terminou de fechar a porta e caminhou para próximo à loira. A curta distância proporcionou a elas a capacidade de sentirem o perfume uma da outra.

— Você está tão bonita... — Laura elogiou, carregando uma expressão de encantamento.

— Obrigada — respondeu sem jeito. — Vamos?

Caminharam paralelamente a passos lentos. A loira estava com as mãos nos bolsos dianteiros e a cabeça um pouco cabisbaixa; olhando para os próprios calçados e para as pegadas da mulher ao lado. O estabelecimento era próximo, então rapidamente chegaram e solicitaram suas bebidas. Laura escolheu uma bebida composta por café com leite, chocolate e chantilly, enquanto a mais velha tomou um café latte. Bolo e alguns coockies foram os acompanhamentos.

— Obrigada por aceitar vir — agradeceu com suavidade na voz. — Se você se sentir desconfortável, me avisa e a gente vai embora, ok?

— Não se preocupe, estou bem aqui. Esse canto é bem reservado e distante da falação do interior. Mas, obrigada por se preocupar.

Elisa estava visivelmente nervosa e sem saber como se comportar.

— O que você costuma fazer aos domingos? Quando não está viajando a negócios — perguntou. Possuía muito interesse em conhecer cada vez mais sobre aquela mulher.

— Leio muitos livros sobre economia e manuais de restauração de peças. Assisto documentários históricos, respondo e-mails, olho catálogos. Essas coisas... E você? — Perguntou ao olhá-la.

— Quando não faço algum passeio, gosto de jogar no computador com os meus amigos. Sou viciada em jogos, principalmente online.

— Eu não entendo nada sobre isso.

— Tem cara que realmente não entende.

— O que você quer dizer com isso, posso saber? — Ergueu uma das sobrancelhas e fingiu indignação.

— Não me leve a mal, mas é notável que não faz seu estilo. — Laura conteve o riso ao observar as expressões que a morena esboçava. — Assim como assistir documentários não faz o meu. Gosto de adrenalina. — Sorriu para ela.

— E eu de calmaria.

— Mas aí eu cheguei para tirar a sua paz, não é?

— Uhum. — Elisa deu gole em seu café e voltou a olhá-la.

A mesa em que estavam era redonda e pequena, projetada para duas pessoas. Devido a seu curto comprimento, estavam bastante próximas e conseguiam enxergar sem esforços os detalhes uma da outra.

— O que foi? — Perguntou Laura, suavemente, ao perceber que os olhos castanhos à frente contornavam seus cabelos. — Está lembrando dela? Sua ex babá?

— Não... Estava vendo seu rabo de cavalo e constatando que nunca vi você de cabelo solto.

— Ah, é que eu não gosto, não me sinto muito bem. Minha mãe critica e diz que eu deveria soltá-lo. Bom, ela critica muita coisa em mim, pra ser sincera. Sempre bateu na tecla dizendo que eu preciso ser mais feminina. Um saco — bufou. — Por isso, na infância eu cortei meu vestido com a tesoura no dia da minha festa de aniversário.

— Não acredito, Laura! — Exclamou com a boca entreaberta e os olhos parcialmente arregalados.

— Pois pode acreditar. Nunca gostei de usar vestidos, mas ela não respeitava. O jeito foi picotá-lo — deu de ombros.

— Você é terrível. Desafiadora desde pequena. — A mais velha controlava o riso que teimava em sair por seus lábios.

— Ah, eu sou mesmo. Onde já se viu querer me impor algo tão superficial? Minha mãe sempre disse que eu deveria gostar de coisas femininas. No fim das contas, eu gosto, e muito. Mas, não da forma que ela esperava... — disse ao esboçar um sorriso sacana.

— Não entendi — comentou Elisa, franzindo o cenho. Antes que a mais nova pudesse explicar, seu cérebro conseguiu compreender aquela frase. — Oh... — riu, por fim.

— Você é a projeção ideal da filha que ela sempre desejou ter: feminina e muito vaidosa.

— A graça está na diversidade. Você não precisa por um vestido e subir em um salto para ser bonita. Esse seu jeans e regata são um charme. Quando está de terno, também.

— Obrigada. — Sorriu. — Algo me diz que você tem uma queda nas minhas regatas. Quer uma emprestada? — Brincou. — Não é a primeira vez que menciona.

— Cai bem em você. — Sorriu timidamente e logo mudou o rumo da conversa. — Seus pais aceitam sua sexualidade?

— Meu pai, sim. Minha mãe, mais ou menos. Deixa claro que não gostaria que eu fosse assim, mas também não fica no meu pé. Nunca teve muito tempo pra mim, então meio que tanto faz.— Deu um gole na bebida e em seguida focou o olhar em um ponto qualquer. Elisa percebeu que aquele assunto parecia meio delicado para ela, então o deixou morrer.

— O café daqui é muito bom — fez o comentário, servindo-se de mais um gole.

— Também gostei. Podemos vir mais vezes se você quiser... — Laura alternava entre os olhos de Elisa como se tivesse urgência em prender cada detalhe deles em sua memória.

— Laura... Nada mudou entre nós. O que aconteceu preci-

Sobre a mesa, a mais nova buscou uma das mãos de Elisa e a tocou delicadamente. Quando o fez, a morena não conseguiu prosseguir com as palavras.

— Eu sei que sou apenas sua funcionária, mas...

— Laura, não é isso. — Agora foi a vez da mais velha interrompê-la. — Ok, você é minha funcionária e eu não sei se foi ético o que ocorreu. Mas, não use o “apenas”, por favor. Não classifico ou qualifico as pessoas dessa maneira. A questão não é essa...

— E qual seria a questão? — A gerente começou a acaricia-la na mão enquanto mantinha os olhos fixos aos dela.

— Não me envolvo com ninguém.

— Nem eu, mas não consigo parar de pensar em você... — confessou naturalmente, quase sem dar-se conta. Nem Laura sabia o que estava acontecendo ali.

Marques não aguentou se manter imóvel enquanto sentia os carinhos suaves daquela mão tão macia. Quando se deu conta, seus dedos começaram a se mover em uma sutil correspondência. Elisa estava gostando daquele contato, mas não sabia dizer; nem a Laura, nem a si mesma.

— Você foi a única mulher que eu tomei a iniciativa de beijar. E foi a única que provei o beijo por mais de um dia.

— Talvez isso queira dizer algo.

— Eu queria poder esquecer.

— E por que não pode?

— Não sei...

Garcia esticou o braço livre até alcançar os cabelos de Elisa, para então depositar delicadamente uma mecha atrás da orelha.

— Você é tão bonita... — sorriu ao observá-la.

As duas estavam envoltas a uma aura preenchida por dúvidas e, ao mesmo tempo, vontades. Sentiam-se fisicamente atraídas, mas sabiam que havia algo a mais acontecendo. Laura era corajosa o suficiente para avançar as peças, em contrapartida com a mais velha, que temia colocar suas emoções a jogo.

— Obrigada.

Elisa a olhava em silêncio enquanto ouvia seu interior pedindo para que a sensação do toque em seus cabelos perdurasse. Laura parecia tê-la escutado, pois sua mão agora depositava a mecha atrás da outra orelha. No fundo, o contato estendido era fruto da vontade que a loira também possuía em prolongar aquele toque e momento.

— Sabe o que é engraçado? Você nunca me diz até onde posso ir com você. E eu jamais iria onde você não me deixasse alcançar.

— Porque eu não tenho essa resposta. Assim como eu também não sei ir embora nem ficar — respondeu com honestidade. — Eu sou uma grande bagunça aqui dentro, não aconselho que se aproxime.

— Ei. — Laura deslizou o toque dos cabelos para o queixo e o segurou com ternura. — Tarde demais.

Enquanto aquela conversa sincera acontecia entre elas, o tempo passou sem que pudessem se dar conta. Quando perceberam, havia se tornado noite. O fluxo de clientes começou a aumentar, tornando até mesmo a área externa barulhenta. Toda aquela falação somada ao entra e sai de pessoas começou a dificultar o diálogo. Visto isso, resolveram caminhar em retorno para casa.

Diferente da ida, a volta não foi feita em silêncio.

— Sua rua é meio escura e vazia. Às vezes me dá medo — confessou Laura, quando viraram a esquina e entraram na rua da mais velha.

— Combina comigo.

— Você não me dá medo.

Quando chegaram em frente à casa de Elisa, estacionaram os passos e mantiveram-se conversando por mais um tempo. O sensor que havia no

portão fez uma luz externa acender quando se aproximaram.

— Melhorou a escuridão? — Perguntou Elisa, olhando-a. A iluminação favoreceu a visão de ambas.

— Muito, agora consigo te olhar e dizer novamente o quanto está bonita...

— Já é o terceiro elogio da noite. Vou começar a desacreditar daquela história sobre não fazer o seu tipo — brincou.

Bastou um passo à frente e Laura ficou cara a cara com ela.

— Acha mesmo que você não faz o meu tipo? — Voltou a tocar naqueles fios castanhos que novamente haviam coberto parcialmente as laterais da face de Elisa.

— Você disse que não.

Elisa encarava aquelas íris verdes escurecidas pela baixa luminosidade da noite. Garcia sustentava seu olhar e não se deixava intimidar; pelo contrário, exalava firmeza e segurança.

— Sempre fui uma péssima mentirosa.

Laura desfez o foco naqueles olhos e se perdeu por breves instantes em outras áreas do rosto da mais velha. Observou os curtos fios, as sobrancelhas bem feitas, a boca, nariz, queixo. Nunca havia se demorado tanto em alguém.

— Isso significa que...

— Que você me atrai. — Fez a segunda confissão da noite. Seu olhar voltou para os castanhos intensos e sua mão buscou a cintura de Elisa. — Era isso que queria ouvir?

— Com todas as letras.

Laura aproximou o rosto lentamente. A rua estava tão vazia e silenciosa, que não foi difícil escutar a respiração de Elisa se tornando pesada com sua presença tão perto.

— Você faz muito o meu tipo — murmurou, a fazendo sentir seu hálito quente.

Elisa começou a sentir-se como se estivesse febril. Seu coração acelerou o ritmo dentro do peito e seus pensamentos começaram a entrar em conflito.

— Odeio admitir isso — a loira continuou a falar. — Detesto o que tem feito comigo...— Sua mão se fechou com mais força naquela cintura.

— E o que eu tenho feito com você? — Agora foi a vez de Marques murmurar com os lábios próximos à boca da gerente. Seu corpo estava começando a reagir àquele toque na cintura.

— Tem me feito querer provar o seu beijo de novo, uma vez mais, pela última vez...

Garcia roçou os lábios contra os dela e não notou qualquer resistência.

— Laura, por favor, não posso...

— Sua boca diz não, mas seu corpo está dizendo sim pra mim — sussurrou.

— Droga... — A respiração de Elisa estava apressada. Aquele toque firme em sua cintura a fazia querer pedir por mais.

— O quê? Me diz?

— Estou com saudade do seu gosto — assumiu, trazendo um sorriso para o canto dos lábios de Laura.

— Então vem sentir uma vez mais... — murmurou, segundos antes de pressionar a boca contra a dela, anulando qualquer vestígio de distância.

Laura a segurou pela cintura com as duas mãos e a conduziu mansamente com o corpo sem cortar o beijo. Quando Elisa se deu conta, suas costas encostaram no grande portão de casa, e os lábios de Laura moviam-se prazerosamente contra os seus. A língua úmida buscava a sua lentamente, a fazendo reviver o gosto familiar daquele beijo. A atração por Laura era tamanha, que hoje não precisou de coragem líquida para seu corpo ceder a ela.

A gerente a tomava nos lábios e a sentia correspondendo na mesma intensidade. Aquela boca macia, úmida e quente a beijava, mordia e chupava devagar, oferecendo tempo para que conseguisse sentir e memorizar cada movimento e sensação. Laura deslizou os beijos para o queixo e pescoço. Nesse momento, sentiu as mãos da morena repousarem em seus braços e apertá-los. Aquele gesto da mais velha descarregou uma forte carga de desejo por seu corpo, a deixando excitada.

— Seu perfume é tão gostoso — sussurrou entre os beijos que distribuía na curva do pescoço de sua chefe.

Na tentativa de encurtar ainda mais a distância, Laura encaixou uma das pernas entre as de Elisa — que usava um vestido poucos centímetros acima do joelho. E começou a pressionar o corpo contra o dela. Quanto

mais o fazia, mais a sentia apertar seus braços. Subiu os beijos do pescoço para o queixo, do queixo para a boca e voltou a beijá-la.

Naquela rua vazia e quase sem iluminação, localizada entre o portão e o corpo da loira, Elisa sentia o coração bater acelerado como se fosse saltar do peito. O toque firme e preciso em sua cintura e o cheiro familiar que vinha daquela pele, somados ao beijo de Laura, estavam proporcionando a ela emoções e sensações físicas únicas. Não conseguia compreender como aquela entrega se fazia tão naturalmente, nem como a mais nova vinha colocando abaixo muitas de suas resistências.

— O que você tem feito comigo? — Sussurrou entre o beijo.

— Tenho desejado você — disse Laura, baixinho, contra aqueles lábios. — Tenho querido você. — A mordeu delicadamente no queixo.

— Não tem nada interessante por trás de mim. — A voz de Elisa estava fraca, perdendo-se em meio aquelas carícias e palavras murmuradas.

— Isso quem decide sou eu — respondeu ao cruzar o olhar naqueles castanhos parcialmente iluminados pela luz externa. — Me deixa conhecer você — pediu baixinho, causando arrepios em regiões distintas da pele de Elisa. — Me deixa ser a mulher que tem verdadeiramente você por mais que poucas horas...

Laura ainda não havia se dado conta, mas ela já era essa mulher. As mensagens, os pensamentos, as horas, os olhares e desejos de Elisa estavam à mesa para ela.

— Quantas vezes vou precisar pedir pra você se afastar de mim? Quantas vezes precisarei dizer que é a última vez? — A voz de Elisa saiu em tom baixo e suave, quase inaudível. Não havia arrogância ou grosseria. As palavras estavam banhadas nas próprias dúvidas.

— Quantas vezes forem necessárias até você se convencer do contrário...

Laura diminuiu a força que depositava naquela cintura e parou de pressionar o corpo contra o da mulher. Seus toques se tornaram suaves, em contrapartida com o olhar que se sobrecarregou de desejo, interesse e, ao mesmo tempo, ternura. Não era apenas o coração de Elisa que batia fora do ritmo habitual.

— Eu sou uma grande covarde.

— Então me deixa ter coragem por nós duas.

— Você não entenderia, são muitas questões.

Laura voltou a murmurar e roçar os lábios contra os dela.

— A decisão de estar com você precisa ser minha, e eu quero estar...

Elisa alternava a atenção entre aqueles olhos e boca. Suas palavras ainda tentavam demonstrar resistência, mas suas expressões corporais tomavam um caminho oposto. A inquietude em seus pensamentos também se fazia presente entre as pernas. Era a primeira vez que seu corpo reagia a alguém com tamanha intensidade. A dualidade em sua mente estava em uma disputa acirrada; sentia-se viva e ao mesmo tempo temerosa por isso.

Em um gesto quase involuntário, Elisa a buscou com os lábios e iniciou com ela um beijo lento e torturante. Suas línguas moviam-se devagar a tempo em que o desejo em seus corpos aumentava. Elisa sentia como se pela primeira vez estivesse descobrindo até onde suas vontades podiam chegar. Um gemido abafado foi impossível de ser evitado quando a mão de Laura desceu até sua coxa. Um simples toque nunca havia sido tão prazeroso.

— Preciso entrar... — avisou entre o beijo. Estava prestes a soltar outro gemido abafado quando sentiu a loira apertando sua coxa.

— Ok...— Laura voltou a mão para a cintura e desacelerou o beijo gradativamente junto a ela. — Qual Elisa vou encontrar amanhã? — Perguntou ao depositar uma mecha daquele curto cabelo castanho, atrás da orelha.

— A de sempre... — A voz marcante permanecia fraca, baixa e suave. A mulher estava completamente desnorteada pelos toques e palavras de Laura.

— Qual seria a de sempre?

— Aquela que não admite o quanto você faz o tipo dela...

O comentário da morena fez a gerente esboçar um grande e triunfante sorriso.

— Certo, então estarei esperando por ela. — Laura deu alguns suaves passos para trás. Nessa hora, percebeu que quase não estava respirando. — Boa noite, Elisa — disse um pouco ofegante. Seu corpo ainda estava sob efeito de tudo o que havia acontecido.



Quando Bianca escutou o som da chave na fechadura, levantou-se do sofá com empolgação para receber a amiga.

— Me conta tudo!

Com um sorriso de orelha a orelha, Laura foi caminhando até a sala enquanto dialogavam.

— Foi maravilhoso! — Afirmou ao sentar-se ao lado de Bianca, no sofá. — Conversamos um pouco sobre nossas vidas, nos olhamos, nos tocamos sobre a mesa.

— Hummmmm, o quê mais? — Bianca demonstrava empolgação, quase não conseguia se conter no sofá.

— Nunca havia sentido isso antes, mas hoje eu a olhei e percebi que poderia passar horas, dias ou semanas ali, presa àquele olhar. A presença e companhia dela são tão confortáveis... Já se sentiu assim a respeito de alguém?

— Talvez, não sei.

— Hoje foi novo e diferente. Nunca imaginei que apenas olhar para uma pessoa fosse me causar tantas emoções. Mas, com Elisa eu sinto tanto ao observá-la, tocá-la. Quando segurei na mão dela foi tão prazeroso, sabe? O contato de uma pele na minha nunca foi tão bom.

— Você está apaixonada, Laura! Não há como negar! — Sorriu.

— Não sei o nome do que sinto, mas sinto muitas coisas.

Bianca observava a amiga suspirando, e sorria por vê-la assim.

— Mas e aí? Ficaram conversando? Ela disse algo sobre corresponder a você? Se beijaram de novo?

— Meu Deus, quantas perguntas! — Riu. — Conversamos e, inicialmente, ela não disse nada comprometedor. Apenas comentou que nunca me viu de cabelo solto.

— Hummm, isso significa que tem vontade de ver?

— Ah, talvez.

— E por que não soltou pra ela ver?

— Não sei, nem pensei na hora. Deixa para outra ocasião. A doceria começou a encher e resolvemos ir embora. A acompanhei até o portão de casa e acabamos nos beijando!

— Ahhhhhh, não acredito! — Exclamou com empolgação. — Eu sabia que daria em algo! Essa Elisa também está interessada em você, amiga. Por isso te beijou naquele dia! Talvez ela esteja confusa? Sim. Assim como você também está tentando compreender o que vem sentindo. Mas, não dá pra descartar que essa mulher te beijou! Se tratando dela, foi um gesto e tanto. Me lembro bem sobre você comentar que sua chefe é a pessoa mais fechada e reservada que conhece.

— Sim, eu concordo. Não vou negar que me tornei mais corajosa após a Elisa ter me beijado. Senti como se eu tivesse um espaço para me aproximar, entende?

— E por que ainda se sente tão hesitante e receosa? Se eu não tivesse insistido, você nem a teria convidado pra sair, ok?

— Porque com a Elisa eu preciso caminhar a passos lentos. Tenho que ler com muita atenção os sinais que me dá. Cada vez que vou conhecendo mais sobre ela, se torna ainda mais interessante a espera. Eu não sei onde quero chegar, mas enquanto a vou desvendando, tenho tempo pra descobrir.

— Entendi... Vai compreendendo os próprios sentimentos também, né? — A loira assentiu com a cabeça. — Tem medo de gostar muito e se machucar no final?

— Não. O que tenho é curiosidade em saber tudo o que ela é capaz de me fazer sentir.

— Hummmm, interessante — comentou com um sorriso no canto dos lábios. — E o beijo de hoje? Quem tomou a iniciativa? Foi bom? Que pergunta, né? Tenho certeza que foi ótimo. — Riu.

— Eu, eu a beijei. — Sorriu. — Beijei e a senti corresponder tão instantaneamente, como se também tivesse passado as últimas horas esperando por ele.

— Own, queria ser uma mosquinha pra ter visto isso!

— Nem pensar! — Riu. — O momento foi feito para ser apenas nosso.

— Ui, não está mais aqui quem falou. Chata! — Riram. — Deve ter sido muito bom, pois você está meio borrada de batom...

Após ouvir aquele comentário, Laura começou a passar os dedos em volta da boca, na tentativa de limpar algum possível vestígio.

— Foi mais que bom. O beijo dela é tão... tão... gostoso. — Suspirou. — Mas é um gostoso diferente, entende? Vai além de um prazer sensorial. Há muitas coisas envolvidas no beijo da Elisa. A entrega, o significado da entrega, o desejo dela por mim. O perfume tão próximo, me gerando memórias afetivas...

— Ihhh, já estou começando a ficar com uma invejinha boa de vocês. — Sorriu. — Saiba que estarei na torcida para que descubram até onde podem ir juntas, e o que serão capazes de despertar à outra.



Era por volta de uma e meia da tarde quando Laura retornou do horário de almoço com algumas sacolas de lojas.

— Elisa já chegou? — Perguntou à Débora, ao se aproximar do caixa.

— Sim, já faz algum tempo, está acompanhada daquela moça de sempre.

— Ah sim, então depois eu falo com ela. — Laura tirou uma nota fiscal do bolso e a entregou juntamente a algumas cédulas e moedas. — Dá saída nesse valor do cupom, e aqui está o troco das luzes natalinas que comprei hoje. Ah, e não esquece de guardar a nota fiscal na pasta de sempre — pediu.

Enquanto aguardava o momento de encontrar Elisa a sós, escovou os dentes e descansou alguns minutos na sala dos funcionários. Perdida em pensamentos, mexia aleatoriamente no celular enquanto se perguntava qual seria o comportamento da mais velha após o "*encontro*" do dia anterior. Iria repeli-la ou convidá-la a conhecê-la um pouco mais?

Alguns minutos mais tarde, a gerente auxiliava no fechamento de uma venda quando escutou a voz da morena e da contadora. Ao olhar para trás as avistou se despedindo e Elisa retornando para dentro do escritório. Essa foi sua chance para recolher as sacolas de compras e bater na porta.

— Pode entrar.

Ao vê-la sentada na cadeira, Laura adentrou a passos lentos carregando não somente as bolsas, mas também um sorriso discreto nos lábios. Olhá-la e não recordar dos momentos de ontem era impossível.

— Boa tarde, Elisa.

— Boa tarde — respondeu-a educadamente.

Olharam-se em silêncio conforme a mais nova se aproximou da mesa e depositou as sacolas sobre a superfície. Novamente não sabiam como se comportarem após a troca íntima entre seus lábios.

— Trouxe as luzes para a vitrine — disse Laura. Ela quase sempre era a responsável por romper os silêncios constrangedores. — Posso te mostrar? — A outra apenas assentiu positivamente com a cabeça.

Conforme abria a caixa e esticava toda a extensão do pisca-pisca, a mais velha observava atentamente. Laura já havia testado o produto na loja, mas resolveu ligá-lo na tomada para que a chefe pudesse vê-lo.

— Também comprei um pra mim. Com o meu dinheiro, claro — explicou. — E trouxe algo pra você...

— Pra mim? O quê?

Laura enfiou a mão dentro de uma pequena bolsa de papel e retirou um globo de neve que estava enrolado em plástico bolha para não quebrar.

— Para que o natal aqui dentro não passe despercebido — disse enquanto o posicionava sobre a mesa, próximo a um porta canetas.

— Não precisava se incomodar, eu já não me importo com o natal.

— Bom, deixa ele aí. — Laura respondeu. — Mal não irá fazer.

Elisa observou o globo por pequenos instantes e em seguida levantou o olhar, encontrando a face da gerente.

— De qualquer maneira, obrigada. — Sorriu.

— Já almoçou? — Perguntou enquanto enrolava novamente as luzes para guardá-las.

— Sim, antes de vir trabalhar. E você?

— Também, não faz muito tempo que voltei do descanso.

— Hum... — Sem jeito, não sabia se continuava observando a loira ou se desviava a atenção para o monitor do computador. Acabou optando pela primeira opção. — Está muito difícil aí?

— Essa droga dessa corda embolou todinha! — Resmungou, arrancando um riso baixo da chefe, que prontamente levantou-se e foi até ela.

— Deixa eu ajudar você. — Elisa segurou na extensão do *pisca-pisca* e começou a desfazer os nós pacientemente.

— Obrigada, eu não tenho a menor paciência pra desembolar essas coisas.

— Oh, eu percebi. — Riu.

Enquanto a mais velha organizava aquelas luzes, foi a vez da gerente observá-la. Olhou para as mãos em movimento, a boca bem marcada pelo batom de cor forte, o caimento dos fios castanhos e para o par de olhos, que logo foi de encontro ao dela.

— O que foi? — Perguntou Elisa ao olhá-la.

— Nada, estava te observando.

— E o que encontrou?

— Você.

Marques concluiu o que fazia, guardou as luzes de volta na embalagem e a depositou sobre a mesa.

— E o que isso significa?

— Significa que olhei e encontrei os trejeitos de uma mulher linda.

— Para quantas já disse isso hoje?

— Nas minhas contas... Apenas pra você.

— Hum.

Quando a morena pensou em cortar o assunto, Laura teve uma atitude mais rápida e embarcou em outro:

— Elisa...

— Sim?

— Gostei muito de ter estado ontem com você.

— Laura, por favor. Não deveríamos levar isso adiante...

Antes que a loira pudesse responder, o celular começou a vibrar dentro do bolso.

— É o meu pai.

— Pode atendê-lo.

— Um momento.

Caminhou para próximo da porta e atendeu a chamada de Marcos.

— Alô?

— Oi filha, boa tarde! — Disse a voz do outro lado.

— Boa tarde. Tudo bem, pai?

— Tirando a saudade, está tudo bem. Não posso estender muito a chamada, pois estou no trabalho. Liguei apenas pra dar um comunicado que acabei de receber.

— E qual seria?

— Infelizmente estarei de plantão e não vou poder passar o natal com você, assim como havíamos planejado — disse tristemente.

— Oh pai, tudo bem... — suspirou descontente. — Outras oportunidades virão. Não se preocupe, tá? — Laura tentava disfarçar o desânimo para que Marcos não se sentisse tão culpado.

— Prometo compensar esse furo, sei o quanto essa data é importante pra ti. Mas, assim que tiver uma folga, vou visitá-la.

— Estarei esperando — sorriu ao telefone. — Mas não se preocupe quanto ao natal, não é sua culpa.

— É impossível, mas vou tentar. E sua mãe? Mandou notícias?

— Essa semana ainda não. Talvez ela lembre de mim no natal e envie um presente. O de sempre, já estou acostumada.

— Espero que um dia a Letícia não se arrependa de não ter feito parte da sua vida. Bom, preciso voltar ao trabalho. Nos falamos novamente em outra ocasião. Um bom dia, filha. E me desculpa pelo imprevisto.

— Bom dia a você também, pai. Pode trabalhar em paz, estou bem, ok? Não se preocupe. Amo você!

— Também te amo! Tchau...

Laura desligou a chamada e aproximou-se outra vez da mais velha.

— Era o meu pai. Combinamos de passar o natal juntos, mas ele não vai poder. Ele é médico, recebeu o comunicado que estará de plantão no dia.

— Médico? Que profissão linda. — Sorriu. — Lamento que não poderão estar juntos, já deu pra perceber que essa data é importante pra você.

— Ah, tudo bem. A gente cresce e entende que nem tudo sai como o planejado.

— Verdade...

— Agora deixa eu ir enfeitar a vitrine, pois já estamos atrasados quanto a isso, faltam apenas duas semanas para o natal.

Sem mais nada dizer, Laura pegou as embalagens e se direcionou para dentro da vitrine do antiquário. Em meio àquele longo fio, ela o esticava para cá e para lá, avaliando de qual maneira aquelas luzes melhor ficariam posicionadas. Quando finalmente decidiu por um parâmetro, uma voz ecoou atrás de si:

— *Assim vai ficar horrível*.

Ao olhar para trás, deparou-se com a chefe parada, olhando-a, com os braços cruzados abaixo dos seios.

— Estava demorando... — murmurou em um resmungo, virando-se.

— Eu ouvi isso.

— Talvez eu tenha dito propositalmente alto para você escutar — respondeu, fazendo a mais velha revirar os olhos. — De qualquer maneira, é uma surpresa ter você por aqui. Deu formiga na sua sala?

Discretamente, todos os funcionários olhavam em direção à Elisa. Era a primeira vez que a mulher tomava uma atitude como aquela.

— Não posso querer monitorar o que você faz com a decoração? — Perguntou ao erguer uma de suas sobrancelhas. — Não correria o risco de deixar você cometer outro erro.

— Como você é implicante! Já que veio pessoalmente, deveria me mostrar de qual forma deseja ver essas luzes.

— Basta contornar toda a vitrine. Se fizer dessa maneira, irá se assemelhar a uma caixa iluminada pra quem visualizar de fora.

— Vai em frente — disse Laura, oferecendo o montante de fios a ela.

— Eu? Nem pensar. Não consigo me equilibrar nessa escada usando saltos.

— É só você tirá-los.

— Não quero ter que fazer isso.

— Ué, segundos atrás parecia tudo tão simples e fácil pra você.

— Laura, para de me fazer perder a paciência.

— Está perdendo muito facilmente — implicou. — Mas ok, eu subo e você vai me ditando como deseja. Não posso correr o risco de deixar a realeza cair dessa escada, não é mesmo?

— Depois eu que sou a implicante...

Laura soltou um pequeno riso ao observar a morena esboçando expressões de impaciência.

— Está bom dessa altura? — Perguntou lá do alto, atingido um dos últimos degraus da escada. A morena apenas assentiu positivamente com a cabeça, a fazendo dar continuidade até concluir. — Pronto — disse ao descer das escadas. — Satisfeita? — Agora foi a vez da loira erguer uma de suas sobrancelhas.

— Estou — respondeu-a sem esboçar qualquer expressão.

Conforme caminhavam para fora da vitrine, Laura carregava a escada e Elisa a olhava enquanto dialogavam.

— Você sabe restaurar porcelanas antigas? — Perguntou a mais velha.

— Não, por quê?

— Curiosidade. Estou com algumas peças que precisam de restauração.

— Você mesma faz esse processo?

— Normalmente eu contrato uma empresa que oferece esse tipo de serviço, principalmente quando é necessário algum banho metálico nas peças. Mas, no caso de reparos simples, principalmente em porcelanas, eu mesma costumo fazer. Meu pai montou uma pequena oficina no fundo da casa e me ensinou muitas coisas. Claro que a maior parte do que sei hoje, aprendi com o tempo e os cursos que fiz. Mas, tenho uma boa base que veio dos ensinamentos dele.

— Que interessante... O seu trabalho acaba carregando bastante coisa afetiva. Não apenas pela história de cada peça, mas, pelo fato de ser a continuidade do que seu pai fazia.

— Sim...

— Obrigada por me contar esses detalhes. — Sorriu.

Ao chegar no pé da escada que dava acesso ao andar de cima, as duas se separaram e cada uma seguiu uma direção. Marques voltou a se

isolar no escritório e começou a trabalhar no computador. Entre uma tarefa e outra, se pegava rindo sozinha ao lembrar de Laura e suas respostas sempre a altura. Aquela personalidade ousada lhe despertava um misto de raiva e interesse.



Por volta das sete e meia da noite, Laura foi até o escritório para avisar que já estava indo embora. A passos lentos, entrou e observou que a morena olhava para o globo de neve sobre a mesa.

— Já estou indo, precisa de alguma coisa?

— Não — respondeu ao direcionar o olhar para ela. — Mas, queria te agradecer novamente por isso — disse, desviando novamente os olhos para o enfeite. — Acho que foi o gesto mais bonito que alguém teve por mim em um longo tempo...

— Oh Elisa, não foi nada. Só não quero que o seu natal dentro dessa sala passe totalmente em branco — respondeu com suavidade na voz ao caminhar até a borda da mesa.

— Por quê? Por que é legal comigo apesar de tudo? — A voz de Elisa estava baixa e suave. E seu olhar transmitia muitas incertezas.

— Talvez seja porque quando olho pra você, vejo algo que não encontrei em ninguém mais. É isso que me faz querer ficar.

— O que seria esse *algo*?

— Eu não tenho a resposta, mas ele existe e me mantém aqui.

— Você deve ser mais louca que eu.

O comentário da mais velha fez as duas expressarem um riso baixo.

— Não descarto a possibilidade.

Marques balançou a cabeça negativamente e a convidou para sentar ao seu lado.

— Sabe Laura, uma vez, há muito tempo, houve um alguém. Uma moça, sendo mais específica. A conheci enquanto eu fazia minha faculdade.

Sentada ao lado dela, a loira a olhava e ouvia com atenção. Eram raros os momentos que Elisa se abria, porém, sempre muito genuínos.

Conforme o silêncio daquela mulher ia se rompendo aos poucos, Laura sentia que poderia alcançá-la algum dia.

— Estudamos juntas por um ano e meio. Ela foi a única pessoa que se aproximou de mim enquanto todas as outras me achavam estranha. Ela também foi a única que me despertou algum sentimento após ter perdido as únicas três pessoas que eu amei. Até hoje não sei o que eu senti por ela, não tive tempo de descobrir, pois foi embora da cidade sem me avisar. Achei que fôssemos amigas. Bom, eu a considerava uma amiga. Mas quando se foi e eu descobri através de terceiros que havia deixado a cidade, percebi que eu gostava sozinha. E no final das contas foi melhor eu nunca ter explorado os meus sentimentos, nem ter dito nada.

— Poxa Elisa, eu sinto muito. Algumas pessoas não merecem nosso carinho e consideração.

— É tudo tão complicado... É mais fácil ser assim, sozinha, do que precisar lidar com tudo isso.

— Não tiro a sua razão, os relacionamentos são difíceis. Mas o medo, a angústia, as dúvidas, os desejos... São os que nos tornam humanos. Silenciar nossas emoções é negar quem somos.

— Seria mais fácil ser uma vampira — brincou, na tentativa de aliviar a tensão proveniente daquele assunto.

— Acho que não existe caminho fácil. Todos nos cobram um alto preço.

— Pode ser... — Elisa estava pensativa. Uma parte sua divagava pelo passado, enquanto a outra se mantinha firme à Laura, olhando-a. — Hoje eu quis te dizer algo, mas eu não consegui. Era uma pergunta.

— Não precisa se forçar a me dizer nada. Faça quando se sentir à vontade. Não estou aqui pra te cobrar, estou para que saiba que pode me falar tudo o que quiser, sem medo.

— Eu sou tão covarde...

— Já disse que posso ter coragem por nós duas.

Laura levou a mão até os cabelos de Elisa e começou a acariciá-los com ternura conforme seus olhos contornavam aquela face.

— Sinto muito que seus pais não possam estar com você nesse natal.

— Eu também.

— Sinto falta dos meus em todos os natais, em cada aniversário meu e deles...

Pela primeira vez Laura observou aqueles olhos castanhos marejarem e serem preenchidos por lágrimas, que a muito custo a mais velha se esforçava para não deixar cair.

— Algumas ausências são difíceis de superar.— Conforme Elisa falava, sentia os carinhos de Laura se aprofundando cada vez mais. O que iniciou nos cabelos, agora estava em sua face.

— Talvez algumas chegadas possam amenizar um pouco essas partidas.

— Ou causar ainda mais despedidas.

— Esse é um risco o qual todos estamos sujeitos. Cabe a nós dizer se vale ou não arriscar.

— O que você quer, Laura? — A voz de Elisa ainda estava suave, mas as suas lágrimas já haviam secado antes que pudessem escorrer.

— Quero que me deixe gostar de você.

— Mas você nunca gostou de alguém antes.

— Então isso fará de você especial. — Sorriu. — Quero te fazer uma pergunta. Um convite, na verdade. Como já sabemos... Sou corajosa o suficiente para me submeter aos seus “nãos” e patadas. — Riu. — Mas a esperança do “sim” me faz arriscar.

— Eu sou tão agressiva assim?

— Quando quer, sabe ser muito.

— Desculpa, você não merece a minha arrogância. Talvez, apenas algumas patadas, quando me tira do sério.

— Você que sempre começa, ok? Mas, enfim...— Laura respirou fundo enquanto escolhia as melhores palavras. Até mesmo ela precisava de coragem para se relacionar com Elisa. Afinal, era a primeira vez que seus sentimentos estavam em campo. — Quero te convidar pra passar a noite de natal comigo.

— Passar a noite de natal com você?

— Sim. Você quer? A gente se faz companhia.

— Laura, eu não quero ser chata, mas você me coloca em situações onde sou obrigada a dizer não. Infelizmente terei que recusar seu convite. Não por desgostar da sua companhia, muito pelo contrário. É por gostar além do que eu deveria.

— É bom saber que esse é o motivo, porque assim eu posso acreditar que todas as vezes em que esteve comigo, incluindo ontem, foi

porque verdadeiramente quis minha presença.

— Claro que sim, a essa altura você já deveria ter certeza disso.

— Não posso ter certeza em cima do que você não diz.

Elisa a olhou e nada argumentou. Sabia que a loira estava certa.

— Seria apenas nós duas?

— Sim, só você e eu na minha casa.

— Vou pensar, mas é quase certeza que não.

— Deus, que mulher difícil.

— É por isso que você gosta de mim — disse, poucos segundos antes de esboçar um sorriso no canto dos lábios.

Ainda sentada, Laura passou o braço esquerdo por trás de Elisa e o apoiou nas costas da cadeira. Posteriormente, inclinou-se sutilmente sobre a mulher até encurtar a distância entre seus rostos.

— Olha... Deve ser — respondeu. — Porque eu tenho pensado em você noite e dia. — Laura alternava a atenção entre os olhos castanhos. — E se eu souber que você pensa em mim ao menos durante a noite, ou dia, ficarei feliz.

Com o coração agitado e a respiração presa devido à proximidade da loira, Elisa não conseguiu maquiar a resposta, acabou sendo verdadeira:

— Claro que eu penso... — disse com suavidade na voz, enquanto a olhava tão de perto. — Penso muito em você.

Com um sorriso nos lábios, Laura diminuiu ainda mais a distância e tomou uma inclinação ainda maior sobre a morena. Infelizmente, não era capaz de saber as sensações que aquela proximidade despertava na mais velha. Se tivesse esse poder, saberia que o coração de Elisa batia em um ritmo mais acelerado, os pensamentos entravam em conflito, a respiração se tornava pesada e as mãos transpiravam além do normal.

— Pensa sobre ontem?— Perguntou baixinho, do jeito que sempre fazia, com os lábios perigosamente próximos à boca de Elisa.

— Penso, pensei a noite inteira.

— No que exatamente você pensou?— Laura sustentava a troca de olhares, ao mesmo tempo em que sentia a atmosfera entre elas se transformando.

— Nas horas agradáveis daquele fim de tarde e nos minutos prazerosos da noite naquele portão.

— Você lembra o que sentiu?

Agora foi a vez de Marques se mover naquela cadeira. A morena inclinou-se com suavidade, levou a boca ao pé do ouvido de Laura e murmurou:

— Impossível esquecer. E você? Lembra o que eu te fiz sentir?

Aquele murmúrio trouxe consigo um arrepio que percorreu a nuca e as costas de Laura.

— Lembro, mas não me importaria em sentir outra vez...

A mais nova se manteve quieta até sentir os lábios de Marques percorrendo a lateral de seu rosto. Hoje foi sua chefe que tomou a iniciativa e a beijou por toda extensão do maxilar até fazer suas bocas se unirem em um encontro macio, úmido e quente. Os lábios se encaixavam, desencaixavam e moviam-se em um ritmo que já conheciam. A loira firmou uma das mãos na nuca de Elisa, ao mesmo tempo em que sentiu a mulher tocando e percorrendo a lateral de seu corpo. A morena não demonstrava qualquer resistência quando entregue ao beijo com Laura; pelo contrário, sua língua buscava a dela à procura de um contato cada vez mais íntimo e prazeroso.

— É desse jeito que você recordava? — Sussurrou Elisa, entre o beijo.

— Sim...— murmurou com um sorriso nos lábios. — É exatamente assim o beijo que eu revivo mentalmente desde a primeira vez.

Elisa sorriu e soltou um leve suspiro. Interrompeu a união de suas bocas e percorreu os lábios pela extensão do pescoço de Laura. Tendo em vista que já era final de expediente, não preocupou-se em borrar seu batom ali. Traçou um caminho vermelho de beijos por toda aquela pele alva e acabou manchando a gola branca da camisa social que a mais nova usava. Atipicamente naquele dia, a loira não havia se trocado para ir embora.

Marques estava cada vez mais inclinada sobre Laura. Os braços de ambas as cadeiras era o único obstáculo entre elas. Seus lábios se arrastavam lentamente pela curva daquele pescoço, fazendo a loira reagir impulsivamente e apertar seu corpo. Ela segurava firme na cintura da mais velha com uma mão enquanto entrelaçava os dedos da outra naqueles cabelos castanhos, na base da nuca. Sua respiração começou a se tornar um pouco ofegante quando sentiu Elisa provocá-la com suaves mordidas em sua pele. A morena alternava entre morder e chupar seu pescoço; deixando nítido o quanto desejava aquela região.

Com os olhos fechados, a mais nova desfrutava da prazerosa sensação que era ter Elisa naquele contato tão íntimo. Sua boca macia fazia um belo conjunto com a língua úmida e quente. Os movimentos precisos e contínuos que se espalhavam por toda a pele daquela área estavam proporcionando em Laura um desejo crescente. Tão crescente, que suas mãos começaram a percorrer as laterais do corpo de Elisa e puxá-la para si. Ela precisava sentir com mais intensidade aquela mulher que a mordia e chupava na pele do pescoço tão sensualmente e na medida certa.

Elisa subiu novamente os lábios para a boca de Laura enquanto a sentia apertando e puxando seu corpo para ela. Elisa sabia o que a outra mulher queria, e ela própria também. Evitá-la e afastá-la com as palavras era infinitamente mais fácil que dizer não ao que seu próprio corpo pedia. Marques tentou se manter onde estava, mesmo com aquelas mãos e braços demonstrando para onde queria que ela fosse. Estava sendo uma luta árdua consigo mesma negar o contato prazeroso daquele corpo ao seu. Sua pele não a rejeitava, pelo contrário, desejava senti-la cada vez mais. Cada toque que depositava em Laura, cada beijo que recebia... Todos significavam o quão entregue ela vinha se tornando. Elisa não queria se apegar àquela mulher, mas não haviam palavras que conseguissem impedir o que estava acontecendo entre elas. A atração física que sentia pela gerente era apenas um plano de fundo ou o complemento do apego que tentava suprimir. A insistência de Laura somada às sutis atitudes gentis vinham ganhando um espaço significativo. Mesmo ainda temerosa, uma parte de Elisa sentia confiança quando estava com ela. E mesmo com medo de gostá-la, já não conseguia repeli-la. Não assim, não quando estava envolvida por aquelas carícias.

Laura percebeu que Elisa resistiu à vontade de vir para o seu colo. Mas, diferente da morena, ela possuía um sério problema em não conseguir resistir aos impulsos. Visto isso, saiu da própria cadeira e a buscou na dela. Laura a envolveu pela cintura e a impulsionou pra frente, fazendo Elisa envolvê-la pelo pescoço com os braços e pelo quadril com as pernas. Laura a tirou da cadeira e a sentou na borda da mesa sem desfazerem o enlaço.

— Quando você sair por aquela porta... — A gerente começou a falar enquanto deixava um rastro de beijos pelo pescoço. — E pensar em me esquecer... — continuou. Sua voz era quase um sussurro contra a pele da chefe. — Quero que lembre do que sente quando está comigo.

— Laura...

— Hum? — Respondeu ao buscá-la nos olhos. — Nega que você gosta de mim. — Sua voz saía em um murmúrio suave contra a boca de Elisa. — Diz que não sentimos e queremos a mesma coisa. — Laura apoiou delicadamente as mãos sobre as coxas da mais velha, por cima do tecido da saia, e as manteve fixas ali. — Se você for capaz de negar... — Suas mãos começaram a apertar aquelas coxas e subir vagarosamente a saia. — Eu prometo tentar nunca mais te procurar.

— Sem mais mensagens? — Perguntou Elisa, tentando ignorar os efeitos daquelas mãos sobre seu corpo.

— Sem mais mensagens.

— Sem você me chamando debaixo da janela?

— Sim.

— Sem mais convites?

— Sem convites — respondeu-a com um pouco mais de firmeza na voz. — Está disposta a abrir mão disso?

Ainda com os braços em torno do pescoço de Laura, Elisa alternou a atenção entre aqueles olhos verdes que aguardavam ansiosamente uma resposta. As mãos da loira pausaram os movimentos em suas coxas, lhe causando insatisfação. No fundo, sabia que não queria perder nenhuma daquelas coisas; mensagens, pedidos, procura. Ela só não sabia como dizer a Laura que possuía medo de tentar, de ir muito além e ser tarde demais para pegar o retorno. Contudo, o que não conseguia dizer em palavras, seu corpo expressava. Elisa deslizou lentamente as mãos pelo pescoço, ombros e braços de Laura; contornando-os. Suas mãos percorreram aquele corpo como se quisesse registrá-lo em suas digitais. Era a primeira vez que uma mulher mexia tanto com ela, então desejou memorizá-la com calma. Seu próprio olhar acompanhava cada movimento que suas mãos exerciam. Quando alcançou a cintura da loira, fincou os dedos ali e subiu os olhos para aquele rosto que ainda ansiava por uma reposta.

— O que eu posso deduzir com o seu silêncio?— Perguntou a mais nova.

Marques repousou as mãos sobre as de Laura e a encorajou a prosseguir com as carícias.

— A reposta é não, eu não quero abrir mão de você — respondeu-a, enfim.

— Ok Elisa, então você dita até onde podemos ir.

— Não é uma boa ideia, eu não tenho o controle de nada.

— Então vamos perder a direção juntas.

Laura concluiu aquelas palavras e a tomou nos lábios com urgência. Suas mãos e boca a buscavam com necessidade e desejo. O perfume e a pele de Elisa se fundiam em seu corpo e criavam mais memórias olfativas e táteis. Com Marques, ela ia descobrindo um novo prazer de estar com alguém, e estava adorando cada nova sensação despertada.

Há algum tempo Elisa sabia que algo estava diferente daquela vez, com aquela mulher. Reconhecia que suas emoções reagiam diferente com Laura, e que a linha entre se permitir ou não, estava cada vez mais frágil.

— Você faz tanto o meu tipo de mulher, que eu te praguejo mentalmente por isso — confessou Laura, entre o beijo, provocando na morena um sorriso que mais parecia de vitória.

— Então tenta me odiar se você for capaz — provocou. — Tenta me odiar enquanto sua vontade é completamente outra — sussurrou.

— E qual seria a minha vontade?

Elisa segurou uma das mãos de Laura e a depositou sobre um de seus seios, por cima da camisa, a fazendo sentir o volume e a sensação de apertá-lo.

— Me tocar...

A gerente mordeu o próprio lábio inferior ao sentir aquele seio preencher sua mão. Ela o apertava e massageava ao mesmo tempo em que sentia os efeitos provenientes daquele ato, entre suas pernas. Foi inevitável desejar sentir a maciez por debaixo dos tecidos. Laura não avançaria, mas deixaria evidente sua vontade.

— Você não pode me trazer até aqui se não vai me deixar ir além — murmurou contra o ouvido da mais velha.

— Achei que eu pudesse ditar até onde ir — sussurrou contra o ouvido da loira.

— Não acredito que está usando minhas palavras contra mim — respondeu. — Você deve estar querendo me enlouquecer.

Laura não podia ver, mas Elisa esboçava um discreto sorriso no canto dos lábios.

— Você é a primeira que me faz querer sentir sua mão aqui dentro... É a primeira que me faz imaginar esse tipo de situação.

— Por quê?

— Porque todas as outras apenas me tocaram sem grandes feitos. Foram poucas, mas sempre tão mecânico. Com você é diferente, com você eu consigo viver o momento antes de sentir o seu toque. Eu consigo desejá-lo, imaginá-lo...

— Então eu vou dar mais tempo para a sua imaginação, até você me querer o suficiente aí dentro.

Laura pressionou o seio de Elisa uma vez mais e, posteriormente, deslizou a mão para a cintura, fazendo a mulher soltar um suspiro arrastado. O contato na coxa também foi rompido, e as pernas de Elisa relaxaram aos poucos sobre a mesa. Os ânimos ainda estavam alterados e se olhavam com desejo. O vermelho na boca de marques quase já não existia, pois boa parte estava registrado nos lábios, pescoço e gola da camisa de Laura. Sabiam que se quisessem levar aqueles momentos adiante, só poderiam ocorrer no final do dia, quando estivessem a sós. Nenhuma das duas gostariam que os boatos corressem no local de trabalho.

Laura depositou um beijo na mais velha e ajudou-a descer da mesa. Ela percebeu que os olhos castanhos a observavam com atenção como se a estivesse analisando.

— Quer me dizer alguma coisa? — Perguntou ao segurá-la pela mão. De alguma forma sentia como se aquele toque transmitisse segurança para Elisa, além de ser demasiadamente agradável unir sua mão à dela.

— Gostaria.

— O quê?

— É sobre o que eu ia perguntar mais cedo.

— Pode perguntar — disse com suavidade na voz enquanto a olhava.

— Tem interesse em aprender a restaurar peças?

— Estranhamente eu tenho interesse em tudo o que vem de você.

— Então o convite do próximo final de semana será feito por mim.

— Sou toda ouvidos.

Elisa havia pensado e repensado sobre fazer aquela proposta durante todo o dia.

— Estou convidando você para conhecer a pequena oficina que tem lá em casa, e aprender algumas coisas comigo.

Laura quase não podia acreditar no que seus ouvidos escutaram. O convite de Elisa soava como um aviso, transmitindo a ela uma parcela de confiança. Com um sorriso nos lábios e certo brilho no olhar, sentiu-se animada e curiosa para conhecer e descobrir o que havia por trás daquele extenso muro que protegia aquela casa tão intrigante e de aparência sombria. Estava instigada a não apenas ultrapassar aquele muro, mas também mais uma camada de Elisa. Sentia-se curiosa para desvendar a história daquela família, as reportagens excluídas da internet e a melancolia que eventualmente povoava aqueles tão bonitos olhos castanhos. A loira se atrevia a pensar que até o lustre da loja possuía alguma história para contar. Em meio a tantas questões, sentia-se cada vez mais submersa nas emoções que tudo aquilo vinha lhe despertando. A curiosidade, o desejo por Elisa e os sentimentos que aos poucos vinham crescendo estavam levando Laura para o oposto da tranquilidade que procurara quando chegou a Hills Dale. Entretanto, aquela turbulência em sua vida possuía uma conotação totalmente diferente da que conhecia. Era uma agitação que a tirava da inércia, que a fazia querer explorar e se aventurar por um caminho onde desconhecia o destino final.

— Aceito com uma condição. Ou você acha que é a única a ditar regras aqui?

— E qual seria essa condição? Eu cubro.

— Que você me mostre aonde dorme. Tenho certeza que é de cabeça pra baixo em alguma espécie de galho.

— Como você é idiota, Laura! Achei que fosse me dizer algo sério. — Revirou os olhos e saiu de onde estava para recolher a bolsa.

— Estou falando muuuito sério — continuou a brincar, enquanto se divertia das expressões impacientes da mais velha.

— Eu durmo dentro de um caixão igual ao drácula, satisfeita?

Laura soltou uma risada e a acompanhou para fora do escritório.

— O pior é que você ainda compra as minhas ideias — disse a loira, do lado de fora, enquanto fechava a loja.

— Claro, se eu não disser o que quer ouvir, não me deixa em paz!

— Ai, que mulher nervosa, meu Deus.

Laura carregava um ar de riso na face enquanto concluía o fechamento do portão. Elisa, ao seu lado, apenas aguardou com a cara

emburrada.

— Vamos embora? Eu levo você — ofereceu.

— Não precisa, eu venho a pé porque a distância entre nossa casa e aqui, é ridícula.

— Está recusando minha carona e ainda insinuando que venho de carro porque sou preguiçosa?

— Eeeu? Isso é você que está deduzindo — continuou a implicar. Enquanto dialogavam, uma trovoada se fez audível no ambiente, fazendo a loira repensar a proposta. — Pensando melhor...

— Agora você que vá a pé, e eu espero que caía uma chuva *daquelas* enquanto estiver no caminho! — Elisa saiu pisando firme sobre os saltos e bateu a porta com força ao entrar no carro.

— *Quanto ódio nesse coração...*

Disse Laura, a si própria, enquanto ficava para trás e ria baixinho de toda aquela situação.



Os dias passaram de maneira agoniante para a gerente, que aguardava com demasiada ansiedade a chegada do fim de semana. Marques e ela haviam combinado de se encontrarem sábado às cinco da tarde, quando a loja já estivesse fechada e Laura pudesse ir em casa se preparar para a visita. Terça e quarta-feira sua chefe não compareceu ao antiquário, mas enviou uma mensagem explicando a ausência; comunicou que estava resolvendo assuntos profissionais. Quinta e sexta quase não puderam se comunicar, pois o movimento da loja foi tão grande, que a gerente precisou se multiplicar para dar suporte à Débora, Júlia e Lillian — Além de ajudar Leonardo na vigilância. Sendo assim, Elisa se manteve sozinha em sua sala e não solicitou sua presença.

Quando sábado finalmente chegou, foi a vez da mais velha passá-lo em tremenda agonia. Após uma noite praticamente acordada, sendo assombrada pela insônia, levantou-se cedo e foi tomar um forte café. Não conseguiu comparecer à loja, pois passou o dia preparando-se psicologicamente para receber a visita de Laura. Seria a primeira vez que teria alguém em sua casa após tantos anos ouvindo somente o silêncio daqueles cômodos.

Nervosa, passou o dia pensando em como deveria se vestir e o que seria apropriado servir para um convidado. Dona de uma desenvoltura social a nível zero, arriscou-se a pesquisar na internet detalhes sobre como receber alguém em casa. Durante todo o dia suas mãos transpiraram e o coração batia tão agitado, que parecia querer saltar do peito. Juntamente a

essas sensações veio uma enorme falta de ar. Ao mesmo tempo em que desejava a presença de Laura, não sabia como seriam as coisas quando a tivesse ali, dentro de seu mundo particular. Houve um momento daquele sábado em que se olhou no espelho, respirou fundo e decidiu pôr a mente e emoções no lugar. Não queria correr o risco de deixar suas inseguranças transparecerem para a gerente.

E por falar em Laura, a loira passou o dia na mesma agonia. Por razões diferentes, certamente. A expectativa de estar a sós com Elisa e conhecer um pouco mais de sua intimidade era tão grande, que mal conseguia se concentrar no serviço.

— Laura, tá tudo bem? — Perguntou Débora.

— Por quê?

— Está aérea o dia inteiro, parece nervosa.

— Puts, eu devo ser muito transparente mesmo — respondeu despretensiosamente. — Tenho um compromisso mais tarde e isso está me deixando um pouco tensa.

— Eita, é algo ruim? — Preocupada, perguntou.

— Não, de forma alguma. Vou me encontrar com uma mulher.

— Huuuum, entendi tudo! Um encontro amoroso, não é? — Comentou com um sorrisinho sapeca nos lábios.

— Amoroso? Oh, não. Não chegamos a tanto. Estamos tendo um lance... — hesitou. — físico, eu acho — completou, não muito certa das próprias palavras. — Nem sei por que estou tão nervosa assim, isso nunca me aconteceu antes.

— É sério? Você nunca ficou nervosa antes de encontrar uma pessoa?

— Nunca.

— Nossa, estou surpresa! — Disse incrédula. — Pois eu fico tão nervosa, que me dá até dor de barriga! — O comentário de Débora proporcionou uma grande gargalhada à gerente.

— Não sei mesmo o que é isso. Quer dizer, nunca soube. Mas deve ser bom, é um sinal que aquele momento tem significado e importância pra você.

— É, acho que é isso — deu de ombros. — Quem é a moça? Achei que só tivesse olhos para a nossa chefe bruxa.

O comentário da funcionária quase fez Laura engasgar com a própria saliva.

— Que história é essa, Débora? — Tossiu. — De onde tirou isso? — Soltou um pequeno riso de nervoso.

— Ué, tirei a informação dos seus olhos. Já avisei que você deveria disfarçar mais, pois daqui a pouco até a Elisa perceberá. Não pode vê-la chegar que esses olhinhos verdes já se atentam e sua boca logo sorri.

— Bobagem, está vendo coisa onde não tem — disfarçou enquanto pegava o celular dentro do bolso e checava a hora.

— Qual foi, Laura. Vai me dizer que ela não te atrai? Segunda-feira eu observei muuuito bem aqui do balcão vocês duas na vitrine. Você chegava tãaao próximo dela pra falar, que nem sei como ela estava permitindo. A menos que...

— A menos que nada, vamos deixar de papo furado e trabalhar?

— Está desconversando? — Débora segurou o riso enquanto a olhava pelo canto dos olhos. — Nem temos o que fazer, estamos sem cliente e a loja fechará em menos de meia hora.

— Não estou desconversando, mas não acho esse assunto apropriado. Elisa é minha chefe; ou melhor, nossa. Não quero ouvir esse tipo de fofoca rolando por aqui.

— Desculpa, não sabia que falar sobre isso poderia incomodar.

— Especulações não fazem de algo, real. Isso é tudo o que posso dizer.

— Tudo bem, desculpa a intromissão — disse, sem jeito.

— Não precisa pedir desculpas, e eu não quis ser chata. Mas eu prefiro que a gente fale sobre outro assunto. Sei lá, sobre sua teoria dela ser uma bruxa — brincou, tentando aliviar o clima estranho que se instalou.

— Ah, isso nem é teoria, eu tenho certeza! Aquele olhar enigmático me arrepia até os ossos!

— Engraçado como você associa bruxa a algo ruim. — Garcia estava com os cotovelos apoiados no balcão e a cabeça direcionada para o lado de Débora. — No meu conceito, podem ser fantásticas mulheres empoderadas, permeadas pela liberdade. Não as definiria como boas ou más; elas apenas são mulheres que passam por mutações ao longo da História. E dependendo da perspectiva, todas somos um pouco bruxas, a partir do momento que lutamos para reafirmar nossas verdades.

— Você fala muito bonito, mas aqui em Hills Dale as pessoas se prendem a outra perspectiva. No nosso imaginário popular, bruxa ainda é aquela mulher antiquada que se veste com roupas escuras e possui um caldeirão em casa. Pra mim, nossa chefe é exatamente essa mulher.

A gerente ria enquanto balançava a cabeça negativamente e deixava aquele assunto morrer aos poucos.



Enrolada na toalha, Laura saiu do banho ainda mais nervosa de quando entrou. Olhava para as opções em seu guarda-roupa e não conseguia decidir o que vestir. Não queria se arrumar demais para não parecer exagerada, muito menos escolher quaisquer peças e soar como largada. Pensou, pensou e pensou, até que recolheu um jeans preto, camiseta branca e uma jaqueta preta de couro. Colocou uma gargantilha fina e dourada no pescoço, prendeu o cabelo em seu habitual rabo de cavalo com fios soltos e aplicou algumas borrifadas de perfume. Ao olhar em seu relógio de pulso constatou que se tratava de quatro e quarenta da tarde. Sendo assim, recolheu as chaves, enfiou o celular no bolso e saiu. Visto que ainda faltava vinte minutos, caminhou a passos lentos enquanto observava as casas e refletia sobre o que vinha acontecendo entre Elisa e ela. Quando se deu conta, seus passos já haviam estacionado em frente ao portão. Olhou para a extensão esquerda e direita do muro antes de olhar para cima e avistar a continuidade dele. Parecia uma fortaleza. Era praticamente impossível enxergar o que havia por trás daqueles tijolos cimentados, emboçados e pintados.

— Elisa! — Gritou ao direcionar a voz para a janela do segundo andar. — Elisa! — Voltou a chamá-la, instantes depois.

Sem obter resposta, buscou o celular dentro do bolso e começou a digitar uma mensagem para ela. Porém, enquanto o fazia, foi surpreendida pelo barulho do portão sendo aberto.

— Você não perde essa mania de fazer escândalos debaixo da minha janela.

Ao escutar aquela voz, Laura sentiu o coração sorrir por dentro. Não entendia o que significava aquela sensação, mas reconhecia que era prazerosa.

— No dia que você instalar uma campainha, eu paro de gritar — rebateu ao desviar o olhar do celular para ela. Elisa havia colocado apenas o busto para fora do portão.

— Não recebo visitas, então não faria sentido ter campainha — explicou.

— E como espera que eu te chame? Ainda não aprendi a fazer sinal de fumaça.

Marques revirou os olhos e prontamente a respondeu:

— Para que existe celular?

— Ainda prefiro gritar seu nome.

— Você gosta é de me tirar do sério, é seu passatempo favorito.

— Também — riu.

— Ai, ai... Não sei o que fiz pra te merecer. — Balançou a cabeça negativamente e abriu passagem para a loira. — Vem, entra.

Com o riso contido, Garcia atravessou o portão a passos lentos. Quando o fez, suas expressões se modificaram e o semblante se tornou sério. Seus olhos estavam atentos a todos os detalhes por trás daqueles tijolos. Cruzar aquela porta e caminhar para dentro ia além de uma questão física; simbolizava que seus passos atravessam não somente o muro da casa, mas também uma nova camada da habitante.

Com o olhar curioso e mais atencioso que nunca, avistou duas árvores secas logo na entrada, uma de cada lado da casa. O imóvel era ainda maior do que aparentava, muitas janelas foram observadas ainda do lado de fora, indicando uma numerosa quantidade de cômodos. As trepadeiras secas estavam presentes em toda a fachada, quase recobrindo toda a pintura gasta. Laura caminhava atrás da mulher e ia observando aos arredores enquanto a seguia. Parou os passos apenas quando Elisa estacionou em frente a porta principal e a abriu. O coração da mais velha estava acelerado e suas mãos insistiam em tremerem um pouco. No entanto, não permitiu que transparecesse. Girou a maçaneta, convidou a loira para entrar, passaram por um pequeno hall de entrada e se direcionaram para a esquerda.

— Pode ficar à vontade, vou buscar a chave da oficina lá em cima e já volto.

— Ok.

Quando a mulher saiu do ambiente, Laura soltou a respiração que nem percebera que estava presa, e passeou o olhar por tudo à sua volta. Estava em uma espécie de sala, segundo sua própria dedução. Era um cômodo enorme, decorado por papéis de parede escuros e de estampa antiga. Na verdade, toda a decoração remetia a coisas antigas. Juntamente aos móveis de madeira escura, haviam alguns quadros e jarros de porcelana que compunham a ambientação antiga e sofisticada. Laura estava julgando tudo muito bonito e impecavelmente arrumado, como se ninguém habitasse aquele lugar.

“Se Elisa visse a zona que é a minha casa, cairia para trás” — pensou e riu consigo mesma.

Observava o ambiente com atenção quando foi interrompida pelo retorno da morena alguns minutos depois.

— Você não vai se sentar?

A voz adentrou o cômodo e atraiu o olhar da mais nova em sua direção. Nesse momento, Laura cortou a conexão com a casa e focou a atenção apenas nela, reparando que a mulher usava um vestido preto casual que ficava alguns centímetros acima dos joelhos. O rosto estava natural, sem qualquer vestígio de maquiagem. Era como se fosse uma versão mais espontânea e verdadeira. Não que Laura desgostasse de vê-la maquiada e sobre os saltos — muito pelo contrário. Aquela versão toda montada a hipnotizava de segunda à sábado, em horário comercial. No entanto, aquela Elisa mais natural conseguia ser igualmente atraente. Se assemelhava à mesma Elisa do festival, que se sentou com ela no banco e conversou um pouco sobre a vida.

— Achei que já fôssemos para a oficina — respondeu, a vendo se aproximar. — Você está tão bonita. — O elogio saiu espontaneamente, sem que pudesse filtrá-lo.

— Obrigada — disse sem jeito. — Você também. Gosto quando está assim — comentou quando já estava de frente para a loira.

— Assim como?

— Sem maquiagem.

— Olha, eu também me gosto assim. Então esse é o momento onde eu peço pra você me deixar trabalhar sem.

— Nada disso. — Marques a cortou. — Infelizmente é necessário.

— Droga, pelo menos tentei — expressaram juntas um riso pequeno. — A sua sala é imensa, quase do tamanho da minha casa — afirmou ao voltar o olhar para o ambiente. — Aposto que um quadro desse vale a minha vida.

— Como você é boba, Laura. — Voltou a rir. — Mas, sim, são cômodos muito espaçosos. A casa é imensa, meus pais pretendiam ter muitos filhos.

A loira sentiu certo pesar naquelas palavras. O que deveria ter sido a construção de uma grande família, irônica e drasticamente resultou em Elisa inteiramente sozinha.

— São eles naquele porta retrato? — Perguntou ao apontar para uma prateleira.

— Sim, já viu de perto? — Garcia balançou a cabeça negativamente, e então a mais velha gesticulou para que se aproximassem da foto.

— Você é a cara da sua mãe — constatou ao olhar a imagem bem de perto. Laura não ousou tirar o porta retrato do lugar, mas manteve os olhos bem próximos.

— Uhum. — Sorriu.

Ao lado da imagem haviam duas urnas, e cada uma delas possuía uma placa com os nomes “Patrícia Marques” e “Vitor Marques.” Laura era astuta o suficiente para deduzir que aquelas urnas carregavam as cinzas dos pais de Elisa. Não ousou confirmar a dedução, pois sabia que aquele assunto era extremamente delicado e não possuía qualquer intimidade para alcançar uma camada tão profunda daquela mulher. Em razão disso, apenas suspirou e voltou a olhá-la. De alguma maneira, se importava com ela, e ressentia sobre tudo aquilo. Principalmente ao enxergar as amarras psicológicas que as envolviam.

— Vamos?

Laura voltou a caminhar atrás da mais velha enquanto era guiada para os fundos da casa. Realmente parecia se tratar de um imóvel extremamente grande. Quando entraram na oficina, a loira automaticamente passeou a visão por todo o ambiente. Haviam muitos artefatos antigos

dispostos em prateleiras, uma bancada de trabalho, recipientes com produtos químicos e alguns livros.

— Vou te ensinar um passo a passo simples, dos mais básicos. Quer um avental pra não manchar sua roupa com os produtos?

— Não precisa — respondeu suavemente.

— Ok. Bom, porcelanas são delicadas, então é preciso muito cuidado no manuseio para que não arranhem. O primeiro passo é forrar um pano macio na parte da bancada onde ficará a peça. Assim, além de evitar arranhá-la, também evitará que lasque ou quebre.

Garcia a escutava com atenção, ao mesmo tempo em que a observava forrar a superfície da mesa de trabalho. Após puxar dois bancos de madeira, a morena pediu para que tomasse um lugar ao seu lado. Elisa estava tão perfumada, que por breves instantes Laura perdeu-se naquele cheiro e desligou a audição.

— O segundo passo é limpar as peças com um pano seco para tirar qualquer vestígio de poeira. Toma, pode ficar com esse bule e eu fico com a xícara. Limpa com cuidado para não derrubá-lo e quebrá-lo, do contrário eu termino de destruí-lo na sua cabeça.

— Assim você vai me deixar nervosa, aí será capaz que eu derrube mesmo.

— Eu mato você antes que possa me pedir desculpas.

— Ai, que mulher brava! Quase havia me esquecido de como consegue ser chata.

Marques revirou os olhos e ignorou aquele comentário. Laura, por sua vez, limpou todas as áreas do bule e aguardou o próximo passo.

— Essas peças já foram lavadas, então podemos pular essa etapa. Mas, caso fosse necessário, é aconselhável passar um pano com água morna e algumas gotas de detergente.

— Por que água morna?

— Porque facilita na limpeza desse tipo de material.

— Entendi...

— Você consegue enxergar que elas possuem algumas áreas amareladas? — Virou-se no sentido da loira e apontou as manchas da xícara em sua mão e do bule na mão dela. — Essas manchas conseguimos remover ou clarear consideravelmente com vinagre branco. — Abriu uma

das gavetas acopladas na mesa de trabalho, pegou panos limpos e entregou um à loira.

— O que eu faço? Despejo vinagre no pano e vou esfregando as zonas amareladas?

— Exatamente.

Sobre a bancada havia todo o material que precisavam.

— Não parece possível que essas manchas irão sair — disse Laura.

— Pode apostar que você verá esse amarelo indo embora.

— Há quanto tempo faz isso? — Perguntou com interesse.

— Desde quando era criança, passava horas aqui na oficina com meu pai. Depois que ele e minha mãe morreram, deixei de vir. A oficina, assim como o antiquário, ficou dez anos fechada.

— Nossa, tudo isso? — Indagou surpresa, enquanto limpava cuidadosamente o bule em suas mãos.

— Uhum. Meus pais morreram quando eu tinha dez anos. Apenas aos vinte resolvi reformar a loja e dar continuidade ao trabalho deles.

— Deve ter sido bastante difícil pra você... — comentou ao buscá-la com o olhar.

— Um pouco. Mas... nada foi tão difícil quanto o dia em que se foram. Os primeiros anos foram pesados. Enfim. Agora você vai esperar a peça secar naturalmente enquanto eu passo o vinagre na minha. — Estrategicamente mudou de assunto.

— Eu ia secar com um pano, não pode?

— Não, porque mancha.

— Ah...

Enquanto o bule secava sobre o tecido macio, Laura observava a delicadeza com a qual Elisa limpava aquela xícara. O movimento das mãos, dos dedos e o olhar atencioso sobre os próprios movimentos a prenderam àquele momento. Ela começou a admirar Elisa, mas não somente por ter reerguido a loja de antiguidades e por entender sobre restaurações. A admirava pela resiliência em ter conseguido se manter de pé, sozinha, por todos esses anos. Eram nítidas as consequências dos traumas da infância. Mas, mesmo sendo vítima de um passado tão doloroso, ainda estava ali, praticamente acariciando aquela porcelana enquanto compartilhava com Laura um pouco do seu saber.

A constar pelas palavras que encontrou em sua pesquisa na internet, suspeitava que os pais de sua chefe haviam morrido de algum jeito bastante violento e trágico. Embora sentisse curiosidade, jamais perguntaria a causa da morte, pois sabia que a resposta poderia ser tão dolorosa quanto a morte em si. Um dia, quando aquela mulher se sentisse à vontade e confiante o suficiente para lhe contar, ela seria sua melhor ouvinte.

— O que está olhando?

— Nada... Apenas como você é bonita em muitas perspectivas. — Sorriu.

Elisa alternou o olhar entre aquelas íris que a observavam com grande atenção. Sem saber como reagir, apenas abaixou a cabeça e voltou a atenção para o que fazia.

— Pronto, enquanto minha xícara seca, vou te auxiliar com a sua peça. Muito cuidado nessa hora para não manchar a roupa. Vamos reparar as lascas e rachaduras.

— Ok.

A loira resolveu tirar a jaqueta de couro para evitar qualquer respingo nas mangas. Quando deslizou a peça para fora do corpo, não se deu conta que atraiu o olhar de Marques sobre si. Elisa a olhou e em seguida disfarçou, virando sutilmente o rosto para o lado. Era incontestável o quanto Laura a atraía.

— Agora vamos fazer uma mistura epóxi para aplicar na peça.

— O que seria isso?

— É basicamente uma resina de poliéster. — explicou. A mais velha fez a mistura do produto dentro de um recipiente de vidro e começou a aplicá-lo sobre a rachadura com um palito de madeira. — É preciso alisar bastante para que se misture com a antiga porcelana.

Laura observava minuciosamente os movimentos que a mulher executava, enquanto a admirava.

— Quando estão lascadas, basta preencher os vãos com a resina. Mas, no caso da minha xícara, que ainda tenho os pedaços, conseguimos aderi-las novamente ao espaço vazio.

— Muito interessante. E as manchas amareladas realmente desapareceram!

— Sim. — Sorriu. — Feito isso, devemos aguardar vinte e quatro horas para que seque totalmente. Às vezes é necessário lixar para que a

aparência se adeque.

— Incrível! Já podemos colar sua xícara?

Elisa conferiu se a peça estava seca e auxiliou a loira no processo. Suas mãos a seguraram juntas. Enquanto uma ia aplicando a resina, a outra unia os pedaços. Durante o processo, suas mãos e dedos entravam em contato a todo momento, despertando prazer sensorial e ao mesmo tempo um pequeno nervosismo em ambas.

— Acabamos, agora é só esperar secar. Restaurar porcelanas é a parte mais básica de todas, mas exige delicadeza no manuseio.

— Eu gostei muito! Deve ser incrível saber reparar outros materiais.

— Posso te ensinar outros tipos de restaurações se tiver interesse.

— Tenho interesse em tudo o que tiver para me ensinar. — Laura esboçou um sorriso pequeno e recebeu outro em resposta.

— Bom, essa foi sua pequena aula demonstrativa. Quando secarem, tiro foto das peças e te envio. Tenho algumas outras porcelanas aqui, mas estas precisam apenas perderem o amarelamento. Quer fazer junto comigo?

— Sem dúvida.

A mais velha depositou todas as peças sobre a bancada e começou a tratá-las juntamente à Laura enquanto dialogavam. Durante o processo, suas mãos e braços se esbarravam, se tocavam e os olhares se cruzavam quase sempre em sintonia. Mantiveram-se assim por quase duas horas, até concluírem todas as porcelanas.

— Ufa, acabamos — comunicou Elisa.

— O que vai fazer com elas? Levar pro antiquário?

— A maioria, sim. Algumas poucas deixo aqui, expostas nas prateleiras da oficina.

— São muito caras?

— Nem todas, apenas as mais antigas e em perfeito estado — explicou. — Agora vamos lavar as mãos e voltar lá pra dentro. — O nervosismo que Elisa sentiu durante as horas antes da chegada de Laura havia desaparecido completamente após a agradável tarde naquela companhia. Funcionaram tão bem dentro da oficina, que ela foi capaz de esquecer a agonia de mais cedo. — Quer conhecer a casa?

— Adoraria...



— A sala aonde estávamos inicialmente é a de estar, agora vou te mostrar a de jantar.

Os cômodos eram tão espaçosos, que aquela apresentação se tornaria um verdadeiro tour pelo imóvel. Conforme Laura caminhava, seus olhos se atentavam a cada detalhe. Todos os ambientes seguiam o mesmo padrão antigo e sofisticado. Após a sala de jantar, foi a vez de conhecer a cozinha.

— Eu mal venho aqui, não sei cozinhar. Normalmente peço algo pronto quando estou em casa, ou preparo um lanche rápido e levo para comer na sala. Chega a ser um desperdício de espaço. — Ela comentou.

— Alguma vez pensou em se mudar para uma casa menor?

— Não, é aqui que vivem todas as minhas lembranças de infância. Tem até rabiscos meus em algumas paredes. Os fazia com giz, minha mãe ficava querendo me matar. — Riram.

Logo após a cozinha, mostrou uma espécie de biblioteca e escritório. Era um lugar composto por estantes e prateleiras recheadas de livros e uma mesa com um computador quase inutilizável. O cômodo passava a maior parte do tempo fechado. Elisa pulou a parte do jardim, pois não havia o que mostrar, visto que as plantas já não existiam por lá. Após apresentar rapidamente o banheiro social, foi a vez de subirem para o segundo andar. Ele basicamente era composto apenas por quartos. Quatro, no total. Todos abrigavam um banheiro. Nessa hora, Elisa não a levou para dentro dos cômodos. Por se tratarem de ambientes mais pessoais, apenas abriu as portas e os mostrou do corredor. Um era o quarto pertencente à Suzana, o outro era um quarto de hóspede nunca utilizado, o terceiro se tratava do quarto de seus pais — este Elisa não abriu, apenas citou. E o último da lista era o seu próprio quarto.

— É nesse momento que você me revela seu caixão de vampira? — Brincou. Estavam paradas em frente a porta fechada.

— Infelizmente não serei capaz de alimentar essa sua fantasia. Sou meramente uma humana — respondeu ao encará-la de frente. Seus corpos

estavam voltados um para o outro.

— Mas você consegue alimentá-la de outra forma.

Em silêncio, Marques alternou a atenção entre aqueles olhos ansiosos, e em seguida desconectou-se deles para abrir a porta, expondo o que havia no interior.

— Pode entrar... — anunciou com suavidade na voz, dando passagem para que a loira adentrasse primeiro.

Não diferente dos outros cômodos, o quarto era bastante espaçoso. No entanto, possuía pouquíssimos móveis. Era composto apenas por um guarda-roupas planejado, uma grande cama, espelho de chão, poltrona e uma pequena escrivaninha com um notebook e alguns objetos sobre a superfície. Um pouco sem jeito, deu alguns passos para dentro e olhou em volta. Era nítido o quanto ele remetia à proprietária.

— É através daquela janela que eu te vejo passar — apontou.

Laura caminhou até lá, apoiou as mãos no parapeito e inclinou-se para olhar.

— Dá pra ver muitas casas daqui — comentou a loira, enquanto sentia a brisa e escutava o silêncio da noite. Era uma rua vazia e silenciosa; tão silenciosa quanto aquele imóvel.

— Viu? Sem caixões, sem galho — disse em tom descontraído, fazendo Laura virar-se e caminhar de retorno a ela.

— Quem diria que você dorme em uma cama... — brincou, alternando entre o móvel e a morena. — Uma simples humana.

— Você é uma boba mesmo — balançou a cabeça negativamente. — Vamos descer? — Laura assentiu e as duas retornaram para o andar de baixo.

— Quer comer alguma coisa? — Ofereceu assim que entraram na cozinha. — Prometo que não tem apenas palmitos aqui.

— Graças a Deus! — Riu. Ao olhar para a mesa, Laura não pôde deixar de observar algumas barras de chocolate sobre ela. — Estranho... você disse que não gosta — comentou, atraindo a atenção de Elisa para onde ela olhava.

— Ah... São pra você — respondeu um pouco sem jeito. — Pesquisei na internet o que oferecer a uma visita, e o resultado foi: o que ela gosta de comer. Como não conheço seus gostos, comprei a única coisa que eu sei que você adora.

— Você não fez isso! — Exclamou, referindo-se ao fato de Marques ter feito aquele tipo de pesquisa. — Você é mesmo muito peculiar...— A mais nova pegou uma daquelas barras, a abriu e partiu um pedaço. — Obrigada, foi um gesto fofo. — Sorriu.

Sem jeito, Elisa desviou o foco.

— Ainda não me disse se quer comer alguma coisa.

— Oh não, obrigada, estou bem assim.

— E beber? Tenho um whisky maravilhoso aqui em casa.

— Beber eu aceito.

A morena pegou dois copos de vidro e depositou algumas pedras de gelo. Feito isso, pediu que Laura a acompanhasse. Caminharam até a sala de estar, que era composta por dois ambientes. Ficaram no lado onde possuía dois grandes sofás em veludo verde escuro, uma mesa de centro, televisão e uma cristaleira — de onde Elisa pegou uma garrafa de bebida e preencheu os copos. Com eles em mão, sentaram-se lado a lado. Marques tomou a localidade encostada ao braço do sofá, enquanto Laura sentou-se à sua esquerda.

— Ainda estou pensando sobre a pesquisa na internet — comentou a loira, expressando um pequeno riso. — Você nunca recebeu alguém aqui, não é?

— Você deve me achar uma louca — disse em tom baixo. — Nunca recebi uma visita sequer.

— E a moça da faculdade? Sua amiga.

— Nem ela. Nossa amizade era limitada, nos víamos apenas na faculdade mesmo.

— Entendi...— Deu um gole em sua bebida e continuou a falar. — Queria te fazer uma pergunta meio pessoal.

— Vai em frente.

— Como foi pra você estar com alguém a primeira vez? Você é tão fechada e antissocial, que eu não consigo te imaginar iniciando algo.

— Depende ao que está se referindo. Sexo? — A outra assentiu positivamente. — Eu apenas segui as vontades do meu corpo. Uma hora a gente atinge o limite e não dá para segurar. Foi casual, como em todas as vezes. E essas vezes foram bem poucas — explicava. — Não foi ruim, nem bom. Me senti um pouco estranha por ter alguém me tocando a primeira

vez, e quando acabou eu fiquei aliviada em saber que não precisaria mais ver a pessoa.

— Entendi. Nunca repetiu com a mesma?

— Não. E com você? Como funciona? — Elisa pegou o copo sobre a mesa de centro e o manteve em sua mão.

— Já estive várias vezes com a mesma pessoa, mas também já aconteceu por apenas uma noite.

— Qual você prefere?

— Várias vezes com a mesma — respondeu-a sem cortar a comunicação visual.

— Deve ter uma fila de mulheres atrás de você. Aposto que deixou meia dúzia de apaixonadas na sua antiga cidade.

— O que posso fazer, é o charme natural — disse em tom divertido. — Brincadeira, não existe nenhuma mulher apaixonada por mim. — Laura serviu-se de mais um gole e também resolveu segurar o copo. — Existe apenas uma pessoa. Uma amiga, na verdade. Fazia alguns meses que mantínhamos uma espécie de amizade colorida quando eu morava na outra cidade, mas ela nunca foi apaixonada por mim. Não que eu saiba — explicou. — Esse lance acabou indo para o ralo, de qualquer forma — deu de ombros

— Por quê?

— Quer a resposta sincera?

— Por favor.

Laura voltou a dar um gole na bebida e a sentiu descer queimando em sua garganta. Respirou fundo como se estivesse tomando coragem para seguir em frente com as palavras.

— A última viagem que fiz ocorreu em uma daquelas semanas em que você não estava. Quando passou dez dias fora, lembra? — Marques assentiu. — Me reuni com alguns amigos e ela estava junto. Nos beijamos quando todos se foram, mas eu não consegui prosseguir. Confesso que tentei, mas a cada minuto daquele beijo eu... eu só pensava em você.

Agora foi a vez de Elisa beber um pouco do whisky enquanto ganhava tempo para pensar no que responder. Ela aplaudia internamente a honestidade e sinceridade de Laura, além da coragem e ousadia em conseguir confessar aquela situação olhando em seus olhos.

— Não sei o que dizer...

— Nem eu. — A loira devolveu o copo para a mesa e acomodou o braço direito atrás de Elisa, sobre as costas do sofá. — Foi confuso e ao mesmo tempo esclarecedor.

Elisa observou a mais nova virar parcialmente o corpo para que pudesse olhá-la com mais precisão. Ela própria também tinha uma parcela do corpo voltado para Laura.

— O que ficou claro? — Perguntou com suavidade na voz.

— Que você estava me atraindo...

Laura usou o braço que estava apoiado nas costas do sofá para alcançar a nuca de Elisa. Sua mão mergulhou lentamente para dentro dos fios castanhos daquela região, e os dedos começaram a se mover em uma espécie de carícia, proporcionando um arrepio que descia pela coluna de sua chefe.

— Acho que você se meteu em uma cilada — comentou enquanto desfrutava daqueles dedos se movendo no emaranhado de seus cabelos.

— Por quê?

— Porque eu sou uma bagunça. Não posso corresponder as suas expectativas, está tudo tão errado aqui...

Laura inclinou-se de modo a desfazer a distância entre seus rostos. Levou a boca até o ouvido de Elisa e ousou dizer algumas palavras contra ele:

— Se está tudo tão errado, por que ainda estamos aqui? — Perguntou. — Se não pode corresponder minhas expectativas, por que não barra?

— Não sei — respondeu com a voz um pouco cortante. O hálito quente de Laura contra seu ouvido estava interferindo em sua capacidade de formular respostas.

A gerente tirou o copo de Elisa da mão, depositou sobre a mesa e voltou aproximar-se.

— A resposta é que talvez você também tenha caído em uma cilada.

— Droga... Eu só queria poder te evitar.

— Então me evita — disse baixinho, com seu rosto a uma mínima distância e os dedos se enroscando novamente naqueles fios. — Me evita e diz que não sente nada quando minha boca está a poucos milímetros da sua.

— Laura...

Elisa estava com a respiração presa sem que pudesse se dar conta. Aquele hálito contra sua pele só a fazia querê-lo cada vez mais próximo.

— Me diz que não gosta de sentir minha língua na sua boca. Me diz que não quer senti-la de novo agora...

Ouvir aquelas palavras a fez receber uma mensagem no vão entre suas pernas. Era inegável o quanto queria sentir o gosto daquela umidade e maciez pedindo passagem entre seus lábios.

— *Você está me deixando louca*...

O murmúrio de Elisa fez Laura expressar um sorriso sacana e buscar por sua boca. Ela prendeu delicadamente os lábios superiores da mulher contra os dela, e em seguida alcançou os inferiores e os chupou lentamente, oferecendo às duas tempo o suficiente para usufruírem daquela sensação. A ponta de sua língua encontrou e se deslizou pela de Elisa enquanto os lábios se moviam em sintonia. Era um beijo lento, carregado de vontades. O prazer sensorial daquela úmida sensação enviava mensagens aos seus corpos a cada segundo. A morena foi a primeira a pedir passagem com a língua, porque após aquela provocação em palavras, necessitava com urgência sentir aquela boca com mais profundidade. No momento em que Laura afastou um pouco mais os lábios e permitiu um contato mais intenso, sentiu uma das mãos de Elisa percorrendo seu ombro e deslizando por seu braço. Nesse instante ela pôde perceber que a morena havia se rendido às próprias vontades. A maneira como a apertava no braço e a buscava nos lábios com avidez, contradizia todo o seu discurso verbal sobre não querer seguir com aquela relação.

Hoje não haviam cadeiras as separando, seus corpos conseguiram se unir sem qualquer empecilho. Laura era a que possuía maior inclinação sobre a outra. Seus lábios deslizaram para fora do beijo apenas para alcançarem o pescoço perfumado de Elisa.

— Você está sempre tão cheirosa — murmurou contra aquela pele. — Estava sentindo o perfume desde a oficina — anunciou, breves instantes antes de traçar um caminho úmido com sua língua de baixo para cima e chupá-la delicadamente, fazendo Elisa soltar uma respiração pesada.

O contato macio, úmido e quente no pescoço estava fazendo a respiração da mais velha tornar-se cada vez mais alterada. Sentia como se o seu corpo tivesse subido abruptamente de temperatura, pois a sensação era de um estado febril.

— Diz que não devemos prosseguir. — Laura continuou a provocá-la enquanto a encurralava entre palavras e beijos no pescoço. — Diz que está tudo errado. Diz que eu quero tocar você, quando na verdade é você que não para de imaginar minha mão bem aqui. — Garcia deslizou a mão esquerda por aquele corpo e a repousou sobre o seio da mulher.

— Você não sabe o que está dizendo — respondeu com a voz fraca e um pouco ofegante. — É você que precisa confessar o quanto quer senti-lo. — Com seu corpo sutilmente inclinado para trás, sentindo a loira cada vez mais deitada sobre si, Elisa apoiou a mão sobre a dela, que estava em seu peito, e a encorajou a apertá-lo.

— Uma vez eu disse a você que meu maior defeito é ceder muito facilmente aos meus desejos, então eu não vou negar o quanto eu quero isso — confessou ao apalpá-lo com avidez.

Elisa tirou a própria mão e se permitiu sentir Laura em seu seio, sobre a roupa. A loira o apertava e massageava, ao mesmo tempo em que a beijava devagar, como se quisesse provocá-la em cada movimento. Elisa não resistiu aos próprios impulsos, estava cada vez mais encurralada entre o braço do sofá e aquele corpo que a procurava. Em razão disso, entregou-se inteiramente à vontade de deslizar as mãos por Laura, sem recuar. Ela a percorreu pelos braços, cintura e costas; apertando-a durante o trajeto.

— Sabe o que eu adoraria que você confessasse? — Dizia a loira enquanto distribuía pequenas mordidas pelo queixo da morena. — Que você é quem imagina as piores coisas comigo quando me vê assim, de regata.

Marques expressou um largo sorriso malicioso e riu em meio a resposta:

— Droga, como eu te odeio.

— Tarde demais para me odiar. — A loira esboçou um sorriso sacana contra aqueles lábios e começou a exercer força corporal, a fazendo ir deitando lentamente no sofá enquanto seu corpo repousava sobre o dela. As duas ficaram parcialmente na horizontal, pois a região dos ombros da mais velha estava encostada contra o volume do braço do estofado.

— Você tenta se enganar, mas eu é que tenho o controle — argumentou Elisa, em tom provocativo. — Eu sei o que você quer. — Com aquele corpo sobre o seu, pegou uma das mãos de Laura e a levou até o meio de suas coxas, por dentro do vestido. — E é assim que eu te domino.

A mais nova chegou a respirar fundo ao se deparar com aquela atitude inesperada. Foi impossível não se excitar e apertar a região enquanto *sujos* pensamentos povoavam sua mente. Estava prestes a perder o controle, mas não daria o braço a torcer.

— Então diz... o que eu quero? Mas, me diz com todas as letras.

— Você só quer me levar pra cama.

— Eu trocaria o "só" por "também" — respondeu ao apertá-la ainda mais na coxa. — Porque eu quero, sim, te levar pra cama — confessou ao subir um pouco mais a mão. — Mas não é apenas isso que eu quero com você.

As batidas do coração estavam agitadas e o restante do corpo reagia instantaneamente a cada investida física e verbal de Laura. Elisa quase não estava sendo capaz de controlar a si mesma, e não conseguia entender como aquela mulher mexia tanto com suas emoções. Havia uma enorme bagunça em sua mente e entre suas pernas. Corpo e mente se conectavam e desconectavam ao mesmo tempo em que ia sentindo sua calcinha se tornando cada vez mais úmida. Para piorar- ou talvez melhorar a situação- sentiu as mãos de Laura subirem para seu quadril e depois cintura. A loira voltou para a posição inicial, mas a levou junto quando a puxou e a apertou contra si, demonstrando que desejava aquele corpo sobre o seu. Entretanto, em vez de novamente se inclinarem e deitarem, Laura a guiou para o seu colo. Dessa vez, diferente de seis dias atrás, Elisa não resistiu e sentou-se sobre ela com os joelhos dobrados e uma perna de cada lado.

Os amassos se tornaram intensos, enérgicos. A mais nova aparentava ter perdido um pouco do controle ao senti-la sentada sobre suas pernas. Suas mãos estavam em torno da cintura e a boca percorria enlouquecidamente pelo pescoço e colo da mais velha.

— *Shhh, por aqui não* — disse Elisa ao segurá-la na região do maxilar e impedi-la de descer os beijos para dentro de seu decote. — Você é uma safada, Laura... — comentou ao encará-la nas íris verdes. Nunca antes vira aqueles olhos carregando tanta intensidade como agora.

— Bin-go! — Afirmou, poucos instantes antes de abrir um sorriso cafajeste. — E você é gostosa, Elisa.

Quanto mais a gerente falava naquela noite, mais ficava difícil resistir à entrega. Era incontestável o quanto aquela loira estava sendo capaz de mexer com Elisa.

— Você não tem como saber se sou, não me provou.

— Então me deixa conferir... — A resposta de Laura saiu automaticamente após a provocação. Já estava chegando no seu limite com aquela mulher.

— *Shhh, você fala demais*.

Elisa depositou o indicador sobre os lábios da mais nova e trilhou um caminho de beijos por toda a extensão do pescoço. Aquela mulher de postura autoritária, vestido preto e perfume marcante começou a deixá-la ofegante com as investidas na pele. Garcia achava Elisa extremamente sexy quando a tinha assim, como agora, firmando o desejo através de mordidas e suaves chupadas em seu pescoço. A loira sentia como se fosse capaz de ficar horas naquela entrega.

— É assim que alimento sua fantasia? — Perguntou contra o ouvido. Nesse momento, sua voz saiu firme, porém, rouca. — Gosta de me sentir assim? — Provocou. Elisa também estava saindo do controle e deixando escapar o desejo que suprimia a algum tempo. — Gosta que eu me sirva do seu pescoço?

— Elisa...

A morena sorriu com malícia e interrompeu as investidas para não marcar a pele tão branca. Ela já conhecia aquele gosto, aquele cheiro e aquela textura. Sabia de cor o caminho até aquele pescoço. O que Elisa ainda não conhecia, eram as outras partes daquele corpo debaixo do seu. Visto isso, suas mãos voltaram a percorrê-la pelos ombros, braços e cintura. Sentia uma forte necessidade de registrar Laura em suas digitais. Queria conhecer em detalhes aquela mulher que inusitadamente fazia seu peito remexer como se carregasse um trovão, ao mesmo tempo em que também era capaz de provocar um redemoinho dentro de sua calcinha. Os efeitos se tornaram ainda mais marcantes quando a mão de Laura encontrou novamente o caminho para dentro de seu vestido; a fazendo busca-la nos lábios impulsivamente e beijá-la com fervor. O contato de bocas, que sempre iniciava com suavidade, agora estava tomado por desejo e urgência. Elisa ansiava sentir aquele gosto de novo, de novo e de novo, como se o tempo em que se perdia ali nunca fosse o suficiente para explorar todas as sensações que aquela troca íntima podia oferecer. Seus braços enlaçaram o pescoço de Laura que, por sua vez, investiu um pouco mais dentro de sua peça de roupa. A loira deslizava e subia cada vez mais uma das mãos,

atingindo novamente a altura do meio das coxas, arrancando de Elisa um gemido abafado.

— Laura... — chamou-a entre o beijo. Excitada, estava sentindo sua calcinha se tornar cada vez mais úmida conforme a intimidade enviava sinais sobre o que desejava.

Elisa soltou um, dois, três baixos gemidos contra a boca de Laura. A mão da loira apertava sua coxa com força, ao mesmo tempo em que ameaçava subir um pouco mais. A mais nova possuía um destino certo, mas Elisa não permitiria que alcançasse.

— Laura — voltou a chamá-la. — Precisamos parar — pediu em um sussurro.

— Não consigo — respondeu-a com a voz carregada de desejo. Sua respiração estava evidentemente alterada; fruto da excitação que também habitava seu corpo. A gerente ansiava desesperadamente tocá-la e senti-la mais intimamente.

— Consegue... Precisamos — murmurando, voltou a pedir.

A loira respirou fundo na tentativa de controlar o próprio desejo e começou a recuar com a mão até movê-la novamente para a cintura de Elisa, que também respirou profundamente e começou a tentar normalizar os ânimos. O beijo foi interrompido a muito custo e a morena foi saindo com calma daquele colo.

— Você vai me deixar louca — comentou Laura, ao segurar na própria camisa e agitá-la na tentativa de obter algum vento para se refrescar. Sentia o corpo quente, a respiração alterada, o coração agitado e sua intimidade completamente molhada.

Aquele comentário trouxe um pequeno sorriso sacana para os lábios de Marques, que a essa altura levantava do sofá arrumando o vestido em seu corpo.

— Acho que fomos longe demais...

Ainda expressando um olhar safado, Laura levantou-se e a envolveu pela cintura sem aviso prévio.

— Fomos até onde precisávamos ir — a respondeu. — Não imagina como estava gostoso ter você no meu colo.

— Você não vale nada...

— Eu nunca disse que valia muita coisa. — O comentário da loira fez Elisa esboçar um sorriso e balançar a cabeça negativamente. — Você

fica ainda mais bonita assim, sabia?

— Assim como? — Perguntou sem jeito.

— Sorrindo.

— Ah, é que você é muito idiota. Não tem como não sorrir e rir das coisas que diz.

— Eu digo que você fica bonita sorrindo e é isso que me fala? Que eu sou uma idiota? — Retrucou, fingindo indignação. — Realmente não estou valendo nada por aqui.

— Drama não faz seu feitio, senhorita Garcia — Elisa controlava o riso, ao mesmo tempo em que balançava sutilmente a cabeça. — Tem certeza que não quer comer alguma coisa?

— Tenho, obrigada — respondeu educadamente. — Obrigada pelo convite. — Laura desfez o enlaço na cintura de Elisa e segurou em sua mão. — Não sabe como gostei de conhecer sua casa, sua oficina e um pouco mais de você e da sua história. — Elisa a olhava em silêncio. — Você sabe que me atrai. — Apertou-a na mão. — Há algum tempo não escondo, nem conseguiria. Mas não é apenas atração física que você me desperta. Ainda não sei o que existe aqui, mas é algo que traz um significado tão diferente para momentos tão simples, como nosso domingo na doceria.

— Laura, eu...

— Eu sei o que vai me dizer; que não quer levar isso aqui para um caminho afetivo. Não vou contra sua vontade, mas também não posso negar que eu queria poder gostar de você.

— É que... não estou acostumada a ter afeto na minha vida. Não sei lidar nem com essa atração que sinto por você. Sua presença perto de mim desperta... desperta... — Elisa olhava para os lados enquanto buscava as palavras que melhor definiriam a situação. — Desperta novas sensações, me faz sentir como se eu não conhecesse a Elisa que está com você. E eu gosto de ter o controle sobre mim.

— E qual seria essa Elisa? A que sorri? Aquela onde o corpo reage a estímulos? A que sente?

As verdes íris estavam completamente diferentes agora. Em vez de luxúria, carregavam ternura pela mulher que nelas estava refletida. Embora quase sempre Elisa exalasse auto confiança, segurança e imponência, por vezes os olhos de Laura conseguiam capturar alguma fragilidade, como agora. Nesse momento, foi a vez de Marques apertar aquela mão que

segurava a dela. Desejou poder se expressar, queria olhar naqueles olhos e ser capaz de não sentir um nó em sua garganta. Expulsar e afastar Laura sempre foi mais prático que aprender a lidar com aquela situação. Uma arrogância sempre soou mais livre que um pedido de desculpas. No entanto, evitá-la já não parecia tão simples e fácil como antes. Elisa sabia que não queria abrir mão daquela mulher, só não sabia a medida em que seu corpo e mente a desejavam. No meio desse conflito interno estava seu coração, que há muito fora maltratado e fragmentado pela vida. *Permitir que Laura acessasse seus retalhos era uma opção?* Antes que pudesse dar a ela qualquer resposta, escutou alguém batendo com força em seu portão, as pegando de surpresa.

— Que estranho, eu nunca recebo ninguém...

Com o cenho franzido, se afastou de Laura e deixou a audição em alerta. Estava visivelmente aflita. Seja lá quem fosse, continuava insistindo nas batidas.



— Não seria melhor ir atender? Pode ser algo importante.

— Impossível, eu não tenho ninguém que possa vir me visitar, nem estou esperando entrega. Deve ser algum engano.

As batidas prosseguiram. Dessa vez, seguidas de uma voz:

— *Elisa!* — Chamou. — *Preciso falar com você!*

— Eu conheço essa voz... — comentou Laura.

— O que esse sujeito quer? É muita ousadia vir me importunar aqui, ainda mais em um sábado à noite! — Exclamou, furiosa.

— É o Rogério, não é?

— Sim, também reconheci a voz. O que esse homem pretende? Que inferno!

— Puts, Elisa! — Exclamou, levando a mão a testa. — Esqueci completamente de te avisar que o Rogério foi à sua procura essa semana.

— E o que ele queria? Novamente o desconto pelo lustre?

— Olha, eu não sei, mas me parecia meio ansioso e impaciente. Avisei que não estava, mas não acreditou. Ele disse que eu encubro você — bufou.

— Que sujeitinho mais inconveniente — resmungou.

— Outra vez solicitou seu contato, e eu obviamente neguei. Então ele reclamou algumas palavras e foi embora.

— Se esse homem continuar a procurá-la, diga que o lustre não está mais à venda. Não para ele. Estamos entendidas? E se voltar a me procurar aqui em casa, serei obrigada a chamar a polícia. Não temos absolutamente

nada para conversar! — Disse em voz alta, nitidamente alterada. — Eu tinha apenas dez anos, mas conseguia entender muitas coisas. Sempre foi ofensivo com meu pai, até mesmo com a minha mãe. Como já havia dito, nem ao velório compareceu. Eu só o vi quando tentou reivindicar minha guarda e a herança. Tão previsível — riu ironicamente. — Conforme fui crescendo, enxerguei cada vez mais a pessoa que ele é. Suzana me contou algumas coisas também. Não vale absolutamente nada. Nada!

— Parece ser um cretino.

— E é! Não duvido que esteja envolvido no — Elisa automaticamente pausou as palavras, respirou fundo e deixou a frase pela metade.

— Acho que já foi embora... As batidas pararam. — Laura observou.

— É muita audácia vir aqui em casa. Você não faz ideia de como estou irritada!

— Eu posso imaginar — suspirou. As duas voltaram a sentar no sofá, e Laura repousou a mão sobre o ombro da mais velha, confortando-a. — Sei que é difícil, mas tenta não permitir que esse sujeito te afete, ok? Se ele persistir, é seu direito dar queixa na delegacia.

— Não quero chegar a tanto, mas realmente espero que pare de me aborrecer e esqueça o nome da minha família, não suporto mais precisar lidar com esse homem.

— Eu também espero. Vou colocá-lo pra correr se retornar à loja. Deixa só eu mostrar a ele o que meus braços podem fazer! — Brincou, forçando os músculos e fazendo Marques esboçar um riso fraco. — Tenta se acalmar, está tudo bem agora. — A voz de Laura estava doce e suave, transmitindo calmaria para o interior de Elisa.

— Obrigada, daqui a pouco minha raiva passa.

A mais nova aproximou os lábios e depositou um beijo carinhoso na testa de Elisa, a fazendo fechar os olhos por breves segundos enquanto desfrutava da sensação.

— Bom, eu já vou, talvez você esteja precisando ficar sozinha agora. Estarei com o celular por perto, se precisar de algo, me liga ou manda mensagem. — Elisa assentiu. — Obrigada por hoje, novamente. Desfrutei cada instante ao seu lado.

— Também gostei de estar na sua companhia. — Sorriu. — Não esquece de levar os chocolates — alertou.

— Nossa, verdade! Obrigada por eles, também. — Agora foi a vez da loira sorrir.

As duas foram até a cozinha para que a mais velha depositasse as barras dentro de uma sacola. A passos lentos, caminharam em direção a saída. Elisa estava com receios de ainda encontrar Rogério, mas, ao que tudo indicava, ele realmente havia desistido. Para finalizar aquela noite, despediram-se com um selinho nos lábios por iniciativa de Laura.



Quando domingo amanheceu, Elisa preparou o café da manhã e se dirigiu para a oficina. Assim que entrou, avistou algo que a fez sorrir; se tratava da jaqueta de couro esquecida por Laura no dia anterior. Ao aproximar-se, depositou a xícara com café e o pires sobre a bancada de trabalho para que pudesse ter as mãos livres. Ainda com um pequeno sorriso nos lábios, tirou a jaqueta das costas da cadeira, a segurou e a trouxe até as narinas. O perfume que ali havia fez seu coração bater em um ritmo mais acelerado. Seus olhos se fecharam por breves instantes e o sorriso se formou ainda maior em sua face. Inevitavelmente estava, aos poucos, se apegando à dona daquele perfume. Pensar em Laura havia se tornado rotina. Suspirar e sorrir a esses pensamentos, também.

Ao devolver a peça para as costas da cadeira, pegou o celular que havia trazido consigo e fotografou as porcelanas. Ainda não havia se passado as vinte e quatro horas necessárias para a secagem total de algumas peças, mas mesmo assim resolveu fotografá-las e enviá-las à Garcia. Haviam alcançado um bom resultado.

No decorrer daquele dia trocaram algumas mensagens. Além da imagem das porcelanas, houve uma foto enviada por Laura, com uma das barras de chocolate dadas por Elisa, na mão. Quando a segunda-feira iniciou, trazendo consigo mais uma semana de trabalho, a gerente não

possuía absolutamente nada para fazer no salão, pois o movimento daquele dia estava praticamente nulo. Sendo assim, puxou um banco, sentou-se no caixa e começou a papear com Débora enquanto não havia o que fazer. Entre um assunto e outro as horas foram passando. Por volta de duas da tarde, quando estavam inteiramente distraídas em um assunto sobre a adolescência de Débora, escutaram alguns passos invadindo o ambiente e preenchendo o silêncio quase absoluto que estava naquela loja.

— A bruxa chegou, não achei que viesse hoje.

— Débora! — A gerente a repreendeu.

O som dos saltos ecoou pelo salão e o perfume deixou um rastro suave no ar quando passou próxima ao balcão. Sem olhar para os lados e sem cumprimentar ninguém, apenas abriu a porta do escritório e se isolou.

— Tão mal educada... — resmungou Débora, baixinho.

Antes que Laura pudesse se manifestar, o celular vibrou dentro de seu bolso. Aquele costume fazia parte de sua chefe desde quando começara a trabalhar no antiquário; Elisa nem bem pisava na loja e prontamente a convocava.

— Já volto, vou ver o que ela quer — comunicou após ler a mensagem.

Laura adentrou a sala e encontrou a mulher de pé, apontando o controle para o ar condicionado. Ao olhá-la de cima a baixo, e o inverso também, se aproximou enquanto falava:

— Hoje você caprichou, está linda.

— Laura, fala baixo — cochichou.

Elisa usava saia e uma camisa social de manga comprida e tecido fino, de sutil transparência. Havia uma fina pulseira dourada em seu braço e um par de brincos pequenos nas orelhas. Não era adepta a acessórios extravagantes, em contrapartida, prezava por uma maquiagem marcante. O batom em seus lábios era um vinho intenso, proporcionando ainda mais sensualidade à sua aparência.

— Como você está? — Perguntou a gerente, ao encurtar a distância e tocá-la na cintura.

— Me sinto bem. E você?

— Ótima. Mas estaria ainda melhor com um beijo seu. — Laura tentou aproximar o rosto, mas Elisa a interrompeu e se inclinou para trás.

— Não podemos fazer isso aqui, meu batom vai borrar, e o seu também — explicou.

— Nem um beijinho? Assim, bem pequenininho? — Comentou ao fechar o indicador com o polegar, indicando o tamanho do beijo. Elisa balançou a cabeça, negando, então a gerente a apertou pela cintura e tentou roubar um beijo em um gesto divertido.

— Sem beijos, Laura — disse, tentando se esquivar. Entre um desvio e outro, a mais nova acabou lhe roubando um rápido selinho.

— Ops, tarde demais! — Sorriu.

— Que peste de mulher. Vamos trabalhar, vamos.

— Com você vestida assim, fica extremamente difícil pensar em trabalhar.

O comentário da loira a fez expressar um sorriso enquanto balançava sutilmente a cabeça para os lados. Nunca sabia se reprovava ou aplaudia aquelas ousadias.

— Chamei você aqui pra conversamos sobre a loja — anunciou ao desvencilhar-se dos braços da gerente. — Hoje vou fazer um tour por todos os aposentos do antiquário: fachada, salão, área dos funcionários, banheiro, segundo piso. Quero averiguar as condições e tomar algumas medidas necessárias para que iniciemos o novo ano com as coisas no lugar — explicou. — Preciso que você vá anotando absolutamente tudo o que vou pontuar.

— Ok.

Quando Laura tirou o celular do bolso, a chefe se manifestou:

— Nada de digitar nesse seu bloco de notas. Quero tudo anotado em uma folha e depois transferido para uma planilha. Inclusive, solicitarei que faça alguns orçamentos e os discrimine.

— Orçamento de quê?

— É isso que vamos descobrir agora. — Coletou uma caneta, uma prancheta e as entregou nas mãos da gerente — Ah, e comporte-se! — Alertou-a antes de cruzarem a porta.

Assim que Elisa apareceu no salão, todos os funcionários se calaram e tomaram uma rígida postura. A olhavam caminhar entre as seções e quase não acreditavam no que seus olhos estavam enxergando. Júlia e Lillian eram as que mais se entreolhavam aflitas e, ao mesmo tempo, surpresas

com a presença da chefe no recinto. Nunca antes Elisa Marques havia tomado uma postura como aquela; era sempre Fiona quem monitorava diretamente toda a loja. Nos últimos meses, os funcionários também perceberam que a morena estava cada vez mais presente no lugar. Há um tempo, na época de Fiona, não costumava passar tanto tempo por lá.

Enquanto a proprietária passeava por entre os jarros, espelhos, tapetes e tudo mais que compunha a loja, os funcionários puderam escutar sua voz falando com Laura. Era extremamente raro ouvi-la, com exceção de quando discutia com a gerente dentro do escritório. Conforme Elisa analisava o salão, a gerente ia anotando todas as suas solicitações.

— Já mencionei que gosto muito das caixas de música que você tem? Com exceção do lustre, elas são o que mais gosto daqui — disse Laura, assim que pararam em frente à seção de objetos decorativos.

— Algumas são tão antigas, que precisam dos discos que ficam armazenados na minha sala. Mas... — Esticou o braço e pegou uma das caixas. — Essa daqui precisa apenas dar corda — explicou ao girar o mecanismo e fazê-la soar pelo ambiente.

A loja estava vazia, todos os funcionários ainda as olhavam com espanto. Quase estáticos em seus lugares, intimidados pela presença da chefe, se comunicavam entre si apenas com o olhar. Não eram capazes de compreender o que estava acontecendo ali; com exceção de Débora, que possuía uma pulga atrás da orelha.

— Essa caixinha tem o som da minha infância. A que eu tinha possuía uma bailarina rodando — contou a loira, enquanto observava e ouvia a pequena caixa na mão de Elisa.

Quando a melodia chegou ao fim, o objeto foi fechado e devolvido ao lugar na prateleira.

— Há uma espécie de museu em uma cidade que fica a duas horas e meia daqui. Nele ficam expostos muitos objetos antigos. Não são centenários como os meus — explicou. — São coisas mais modernas, dos anos setenta, oitenta e noventa. Tem brinquedos, eletrônicos...

— Que interessante! Poderíamos combinar de ir visitar algum dia. — Laura recebeu um olhar recriminante e percebeu que falou aquelas palavras mais alto do que deveria.

— Vamos prosseguir.

Após o *tour* por todo o primeiro piso, foi a vez de visitarem o andar de cima. Marques queria ver como estavam as condições do lugar, e acabou constatando que precisava de uma reforma.

— Posso dar minha opinião? — A gerente perguntou, recebendo um aceno positivo. — Por que você não aproveita que precisa de uma reforma nesse piso e faz logo uma obra completa?

— Como assim?

— Pensei na possibilidade de ampliar a loja e utilizar esse segundo andar para isso. O que acha?

— Mais do mesmo?

— Não necessariamente precisa ser a expansão lá de baixo. Você pode trabalhar algo novo aqui em cima. Uma nova proposta. Algo que seja diferenciado do que já tem no primeiro andar.

— Bom, é um ponto a se pensar, pois esse piso fica praticamente inutilizado. O problema é que para uma mudança desse porte, eu precisaria fechar o antiquário para iniciar a obra. Não teria a menor condição de mantê-lo funcionado enquanto os pedreiros transitassem.

— Hum... Isso é verdade. Você teria que fechar e dar umas férias coletivas aos funcionários.

— Pois é. Sem mencionar o transtorno que seria ter os meus objetos em meio a uma obra. Eu precisaria alugar um galpão para guardá-los. Então, por ora, prefiro apenas solicitar uma reforma simples para tirar algumas infiltrações e retocar a pintura.

— Compreendo...

— Mas a sua ideia não é ruim. É trabalhosa, exige um bom planejamento, mas é algo a se pensar.

— Oh sim, não me referia para agora. Talvez daqui um ou dois anos...

— E você pretende estar comigo até lá?

Aquelas palavras fizeram Laura refletir. Sua permanência ou não no antiquário poderia vir a implicar em muitas coisas. Aquela pergunta a fez dar-se conta de que ultrapassar a linha do profissionalismo tornavam as coisas confusas.

— Se eu não te matei nesses quatro meses que trabalho aqui, sou capaz de aguentar até lá.

— Já se passaram quatro meses? O tempo está voando mesmo...— constatou. — E por falar em tempo, precisamos agilizar nosso trabalho. Vamos voltar à minha sala, que preciso dizer algumas coisas.

Quando já estavam de volta ao escritório, Marques fez um relatório verbal de tudo o que viu. Enquanto isso, Laura reforçava as anotações na prancheta.

— E por último... Preciso que marque a manutenção dos ar condicionados. Pude perceber que a loja quase não está gelando. Ah, e não menos importante... Mande providenciar novos uniformes aos funcionários, os atuais já estão completamente desbotados.

— Como você percebeu isso se nem os olhou?

— Isso é o que você pensa. Inclusive, olhei o suficiente a ponto de perceber o quanto estavam me observando.

— Meu Deus, Elisa. Às vezes eu tenho medo de você.

Conversavam de pé, lado a lado, com os quadris apoiados na borda da mesa.

— E por falar em uniforme... Pensei em encomendar pra você também.

— Pra mim? — Indagou.

— Uhum. Estive pensando em padronizar um conjunto de terno pra você, bastante semelhante ao que você usa às vezes. O que me diria? Uma calça social preta, uma camisa branca de manga comprida e um blazer que você usaria opcionalmente.

— Seria ótimo para não precisar usar minhas roupas — riu. — Mas... Por que isso? De onde tirou essa ideia?

— Porque você fica linda assim, além de extremamente bem apresentável. E ainda harmoniza com o tom de roupa dos funcionários. Mas, é apenas uma sugestão, não vou obrigá-la a isso.

— Então quer dizer que eu fico extremamente linda assim, é? — Perguntou ao depositar a prancheta sobre a mesa e aproximar-se um pouco mais da mulher.

— Eu disse “extremamente bem apresentável.”

— E o “linda” veio de onde? Porque eu escutei — implicou. Sabia como Elisa era difícil de dar o braço a torcer.

— Deve ter ouvido coisas...

A chefe estava com os braços cruzados abaixo dos seios e uma das sobrancelhas arqueadas enquanto a olhava.

— Aham, sei... — Laura tentava segurar o riso. — Apoio a ideia do uniforme, mas toma cuidado para não babar demais em mim.

— Como você é convencida — revirou os olhos. — Depois me passa seus tamanhos — pediu. — Ah, e por falar em roupa... — Saiu de onde estava e tirou algo de dentro da bolsa.

— O que é isso?

— Sua jaqueta. Esqueceu sábado na oficina — disse ao entregá-la.

— Puts, verdade, já nem lembrava...

— Acho que tem um litro de perfume depositado sobre ela. Fez isso pra me impressionar? — Implicou.

— O quê? Que mentira! Eu quase não borrifo perfume. Você que deve ter ficado cheirando.

— Eu? Por favor, tenho mais o que fazer.

Laura se posicionou de frente e mansamente a encurralou entre seu corpo e a borda da mesa.

— Quando quiser sentir meu cheiro, basta vir, não precisa de jaqueta...

Elisa olhava para a figura daquela loira na sua frente e tentava a todo custo não deixar transparecer o quanto seu corpo se atraía. Não sabia se era o olhar de Laura, sempre interessado. O sorriso de lado, que carregava nos lábios. Ou a maneira como guardava a mão dentro do bolso dianteiro. Talvez fosse a forma de falar, gesticular, ou o jeito único de implicância. O que sabia, é que aquela postura muito a agradava. Laura era confiante, carismática e divertida. Elisa tentava com afinco, mas vinha se tornando cada vez mais difícil não se deixar ser conquistada por todo aquele charme.

— Aqui não, Laura. Agora não... — disse baixinho, depositando as duas mãos contra o abdômen da loira, na tentativa de fazê-la não avançar. Contudo, aquele movimento acabou sendo um tiro no próprio pé, pois ao sentir aquela região sobre a camisa social que a gerente usava, uma lembrança desbloqueou em sua mente. Se tratava do dia em que a viu na sala dos funcionários com todos os botões da camisa abertos.

— *Então me fala quando*... — murmurou ao encostar a lateral do rosto contra o dela.

— Quando eu puder borrar o batom em você — respondeu-a em tom provocante. Elisa sentia o abdômen de Laura pressionando cada vez mais em suas mãos conforme a mulher investia com o corpo, a deixando cada vez mais encurralada na borda da mesa.

— E em qual parte você vai borrá-lo em mim? — Perguntou baixinho contra o ouvido.

— Por você faz isso comigo?

— Porque você não é nem um pouco inocente. Ou esqueceu o que fez comigo sábado? Porque eu não paro de pensar desde então.

— Foi você que me fez fazer aquilo.

As duas permaneciam com as laterais de seus rostos quase unidas enquanto falavam baixinho no ouvido da outra.

— Não fiz absolutamente nada, essa é quem você realmente é — respondeu. — Gosta de dizer que sou safada, mas você não está ficando atrás...

— Senhorita Garcia, peço que vá trabalhar, eu não a pago para ficar aqui me cantando.

— Se não negou, é porque estou certa. — Expressou um riso baixo, daqueles que anunciam vitória, e se afastou. — Mais tarde eu repito a pergunta — piscou, recolhendo a prancheta sobre a mesa.

— Sai daqui, Laura! Anda, anda, anda. — Falava ao mesmo tempo em que ia guiando o corpo da loira para fora. Nenhuma das duas conseguia desfazer o sorriso da face.



Perdida em pensamentos, se aproximou distraidamente do balcão, recebendo de Débora um olhar atento e curioso. A funcionária nada disse, mas se atentou ao fato dela ter saído do escritório com uma jaqueta na mão. *De onde viera aquela peça de roupa?* Questionou-se enquanto a observava com os olhos semicerrados.

— Atrapalho se ficar aqui fazendo uns telefonemas? Preciso marcar a manutenção do ar condicionado, solicitar novos uniformes, orçar uma pintura para o segundo piso e mais uma porrada de coisas que a Elisa me pediu.

— Não atrapalha. Como vocês estão? Se entendendo?

— Estamos. Ela não é má pessoa... — respondeu vagamente.

— Hum... Hoje fiquei surpresa ao ver ela por aqui. Eu não, todos nós! Aposto que veio confabular um plano maligno. Já sei, vai aumentar nossa carga horária! Pior, vai diminuir nossos salários e cortar as comissões!

— Deixa de ser boba. Elisa não é uma tirana, muito menos injusta. Conheci o histórico dela através da Fiona, sei que não faz esse tipo de coisa.

— Verdade, estou exagerando, no máximo pede hora extra quando é necessário. Isso é normal.

— Pois é. Estou longe de ser o tipo de funcionária que defende as más atitudes de um patrão, mas não posso ser injusta com a Elisa. Ela não tem esses defeitos.

— Ela só é mal educada mesmo.

— É... Nisso aí não tenho como defendê-la — riu.

Puxou o banco, tirou o celular do bolso e começou a entrar em contato com algumas empresas e profissionais para atender as solicitações de Elisa. Enquanto trabalhava, Débora estava inquieta ao seu lado. A mulher estava esperando uma brecha para questiona-la sobre a jaqueta. A funcionária tentou, mas não conseguiu guardar os pensamentos por muito tempo. Entre uma ligação e outra, decidiu questioná-la:

— Laura...Tô com algo martelando aqui na cabeça.

— O que houve?

— É que te vi sair lá de dentro com essa jaqueta aí que está no seu colo, mas não te vi entrar. Elisa te deu?

— Ah, e-então... É que esqueci no escritório dela outro dia, quando ficamos trabalhando até depois do horário.

— Hum, não é me metendo na sua vida, só que estranhei e fiquei curiosa. Você não usa jaqueta pra vir trabalhar.

— Às vezes trago na mochila pra usar na hora de ir embora — inventou a primeira coisa que veio à mente. — Por quê? O que mais seria? Presente da Elisa? — Riu sem jeito.

— Sei lá, por isso perguntei. Enfim, doideira minha, não vou te atrapalhar com suas ligações.

Um pouco nervosa, Laura voltou à tarefa. Sabia que Débora já desconfiava de algo, então tomaria mais cuidado daqui para frente.

Algumas horas mais tarde, faltando pouco menos de duas horas para o fechamento da loja, foi convocada até a sala da chefe para escanear algumas notas fiscais e salvá-las no computador. Enquanto a loira ficava de pé, escaneando, Elisa ia salvando esses arquivos. Minutos mais tarde, a atenção da mais velha foi atraída pela loira cantarolando uma canção desconhecida por ela. Um sorriso floresceu no canto de seus lábios ao ouvir e visualizar a cena. Pensando consigo mesma, balançou sutilmente a cabeça e voltou a olhar para o computador. Se sentia feliz ao compartilhar aquele espaço com ela.

— Meu celular já começou a alarmar, é hora do fechamento. Vou auxiliar Débora nos caixas e me trocar pra ir embora. Você pode me esperar? Ou já terá ido?

— Vou estar aqui, ainda tenho algumas coisas pra fazer.

— Ok, já volto!

Laura se retirou e foi concluir sua última obrigação do dia. Enquanto isso, Marques guardou as notas fiscais restantes e respondeu alguns e-mails até ela retornar. Com os caixas fechados e o dinheiro contado, a gerente puxou o relatório do dia e o enviou por e-mail à Elisa. A contagem do dinheiro não costuma demorar. Visto que a loja trabalhava com valores altos de mercadoria, quase sempre os pagamentos eram efetuados por cartão de crédito e até mesmo transferência bancária quando se tratavam de valores muito expressivos.

Ao despedir-se da equipe, trocou de roupa e retornou ao escritório. Por cima da camiseta havia depositado a jaqueta de couro trazida pela morena.

— Laura, aproveitando que estamos aqui, quero conversar sobre algo com você antes de ir. — Elisa desligou o computador, levantou-se e contornou a mesa para se aproximar da loira, que estava de pé. — É sobre o nosso contrato de um ano.

— O que tem?

— Estou liberando você dele.

— Como assim?

— Vou invalidá-lo e gerar um novo. No dia que você quiser sair, não precisa pagar multa alguma.

— Por que está me dizendo isso? Quer que eu saia?

— Você escutou o que eu disse? “No dia que quiser sair” — revirou os olhos.

— Meu Deus, como você é impaciente.

— E você finge de boba — rebateu. — Eu só não quero você presa aqui por obrigação.

— Não estou aqui por obrigação, gosto do meu trabalho.

— Certo.

— Ai, ai... Que resposta seca. Você é muito nervosinha, Elisa. Se estressa fácil demais.

— É porque você me tira do sério.

— Se eu respirar, tiro você do sério, pelo visto. — O comentário da loira fez a mulher revirar os olhos outra vez. — Olha aí, já está irritada — riu. — O que posso fazer pra te acalmar, hum? Te relaxar... — Laura aproximou-se lentamente e a envolveu pela cintura. — Sabe que passei o dia esperando por esse momento, não sabe?

— Qual momento? — Fingiu inocência.

— De poder te beijar, te tocar e dizer que sábado você quase me deixou louca. — Garcia começou a distribuir suaves beijos pelo queixo e os desceu pelo pescoço; voltando a encontrá-la nas íris castanhas logo em seguida.

— Então eu tenho todo esse poder sobre você? — Elisa segurou e deslizou delicadamente as mãos na gola da jaqueta de Laura até estacioná-las na frente, onde manteve segurando.

— Tem. Gosta de saber que me deixa louca?

— Gosto...

— É claro que você gosta, não é à toa que veio trabalhar tão bonita hoje. — Apertou-a na cintura. — Eu disse mais cedo que você não é absolutamente nada inocente, e é verdade.

— Já falei que você é quem me deixa assim.— Elisa fechou os dedos com mais força na gola da jaqueta. — Não sei como viemos parar aqui, mas...

— Mas não quero voltar — completou-a. — Estou louca por você, Elisa.

Com o olhar da loira travado ao seu, sentia o coração começar a entrar em descompasso. Ela também estava se tornando cada vez mais louca por aquela mulher.

— Me beija... — pediu, ainda encarando as íris verdes. Suas mãos puxaram Laura suavemente pela gola, e seus lábios roçaram contra os dela. — Me beija...— Seu pedido, nesse momento, saiu em um murmúrio. — Me faz sentir tudo mais uma vez...

As mãos de Elisa desceram pela jaqueta e mergulharam para o interior, alcançando e abraçando a cintura de Laura à procura de um contato maior. Conforme apertava o corpo, a sentiu segurar com força em seus cabelos na base da nuca, fazendo sua cabeça virar sutilmente para trás e seu pescoço se tornar alvo de beijos. A gerente beijava, mordia e chupava a pele macia e perfumada, ao mesmo tempo que sentia as mãos da mulher deslizarem para suas costas. Era notório que Elisa também queria explorá-la e conhecê-la.

Quando os lábios da loira alcançaram a boca impecavelmente desenhada por aquele vinho, iniciaram um beijo lento, carregado de desejo. Seus lábios se roçavam e se percorriam enquanto suas línguas faziam uma busca sem fim. O íntimo momento estava banhado por texturas e perfumes que se misturavam. Por dentro da jaqueta as mãos de Elisa estavam ávidas e exploravam as costas da mais nova através de movimentos irregulares e sutis fincadas através das curtas unhas.

Laura também demonstrava interesse em tocá-la, senti-la, conhecê-la, decorá-la. Usou a mão esquerda para alcançá-la no seio e o apertou sem qualquer pedido de permissão. A sensação de senti-lo preenchendo sua mão enquanto provava o beijo daquela mulher, era extasiante. Se via incapaz de dizer qual parte de Elisa lhe oferecia mais prazer. Era quase igualmente excitante beijá-la, tocá-la, cheirá-la e ser tocada por ela. Sem interromper o beijo, procurou pelo primeiro botão da camisa de Marques e o abriu com uma mão. A segunda casa veio em seguida, logo depois o terceiro botão. Sua mão mergulhou para dentro da abertura gerada e se espalmou sobre o seio coberto pelo sutiã. O apertava com desejo, ansiando poder sentir a maciez da pele em suas digitais.

O beijo tornava-se mais intenso à medida que suas mãos ousavam alcançar novas regiões.

— Você é tão linda — dizia Laura, trilhando um caminho de investidas pelo pescoço. — Tão gostosa...

— Já disse que você não tem como saber... — provocou. Elisa depositou a mão na região do abdômen da loira e a afastou de seu corpo

com suavidade para conseguir olhá-la. Garcia aproveitou a oportunidade para observar a camisa da mais velha com os três primeiros botões abertos; expondo parcialmente um preto sutiã.

— Eu não tenho dúvidas — afirmou com um sorriso sacana ao admirar aquela visão. — Mas você pode me mostrar que estou certa.

— Laura, você é uma safada.

— E você gosta.

— Gosto? — Elisa ergueu uma de suas sobrancelhas e esboçou uma expressão sensual. — Não sei, não experimentei — jogou com as palavras da outra e as usou a seu favor.

— E você quer experimentar? — Perguntou ao se encaixar no meio entre aquelas pernas. Elisa estava quase sentada sobre a borda da mesa, que possuía uma altura baixa.

— Você quer? — Provocou-a, voltando a pergunta.

Antes de responder, Laura a segurou na coxa e a levou até a altura de seu quadril, prendendo-a ali para que melhor pudesse se encaixar entre as pernas grossas.

— É o que eu mais quero... — afirmou baixinho, segundos antes de beijar e mordê-la no queixo. Sua mão percorreu a coxa de Elisa e mergulhou para dentro da saia que, a essa altura, havia subido alguns centímetros devido a posição.

— Eu sei que você quer — respondeu sem muita firmeza na voz. Sua respiração estava ficando alterada pela excitação de sentir aquela mão macia e quente apertando sua pele.

— Você sabe e me tortura — disse contra o ouvido de Marques. — Mas eu também sei que você quer tanto quanto eu.

— O que eu quero? — Perguntou um pouco ofegante, entrando no jogo. Elisa estava ficando cada vez mais excitada com aquelas provocações.

— Você quer sentir eu te tocando, quer minha mão brincando na sua calcinha, mergulhando para dentro dela, provando com meus dedos o quanto você está molhada agora.

— Laura...

— Oi, diz pra mim, ou nega que está molhada me imaginando entre as suas pernas.

Elisa sentiu uma inquietude descendo por seu baixo ventre. As vontades estavam ficando incontroláveis ao dividir espaços a sós com

aquela mulher.

— Sim, eu estou... — afirmou. Sua mão buscou a de Laura e a fez alcançar sua intimidade por cima da calcinha.

— Porra Elisa... — A mais nova mordeu o próprio lábio inferior ao sentir a umidade que transpassava o tecido da peça. — Eu queria poder te jogar sobre essa mesa e transar com você agora mesmo. — Laura estava um pouco ofegante, excitada e com o coração agitado. As pontas de seus dedos deslizavam para cima e para baixo, sentindo a lubrificação que ultrapassava o material da calcinha. Seus movimentos fizeram a mais velha soltar alguns gemidos abafados contra seu ouvido.

— Não sei o que você faz comigo, mas essa também é a minha vontade — confessou a mais velha, através de um murmúrio ofegante. A loira começou a beijar seu pescoço, ao mesmo tempo em que massageava sua intimidade. Elisa estava a um passo de ceder à vontade de ambas. Estava a um passo de desligar por completo sua racionalidade. Ela muito desejava prosseguir, mas seus receios ainda a seguravam e o medo a impedia de dar um passo tão significante com Laura. A incerteza do que fariam a seguir não permitiu que chegassem até lá. Elisa não sabia se deveria querer ser apenas mais uma na cama de Laura, ou temer o exato mesmo motivo. — Como quero fazer isso com você... — continuou a dizer com sua voz arrastada. — Não estou aguentando de vontade.

— Nem eu... — a respondeu baixinho. Estava tão excitada e alterada, que sua voz começou a falhar. — Mas eu quero que tenha certeza, além de vontades. — Laura respirou fundo e a muito custo retirou a mão dali, fazendo a morena soltar um gemido que mais parecia um choro descontente.

— Eu devo estar perdendo o juízo. — Elisa passou a mão pelos cabelos e os jogou para trás em um nítido gesto de inquietação e nervosismo. O corpo de Laura se afastou, permitindo que sua perna abaixasse e voltasse à posição vertical, esticada. — Estou em uma situação deplorável. — Agora foi a vez de Marques segurar na própria camisa e sacudi-la na tentativa de se refrescar.

Laura não conseguiu conter o riso ao ver a mulher naquela situação.

— Quem diria... Elisa Marques quase perdendo a linha pela gerente petulante e inconveniente.

— Loiras sempre foram o meu fraco, e você usa jaqueta de couro. Quem resiste a uma mulher numa jaqueta de couro? — Brincou, tentando descontrair o clima enquanto os ânimos acalmavam.

Laura exibia um sorriso de orelha a orelha. Embora parte de seu corpo estivesse frustrado por não terem prosseguido com o que desejavam, a outra parte estava feliz ao vivenciar aqueles momentos com Elisa e saber que havia uma grande e crescente reciprocidade ali.

— Vamos embora? Eu te levo — se manifestou, ainda um pouco alterada. — Ou vai recusar novamente? Não seja deselegante, senhorita Garcia.

— Dessa vez eu não recuso. Aquele dia eu quase peguei uma baita chuva por sua culpa!

— Minha culpa? — Indagou com indignação no olhar.

— Sim, porque me jogou praga. Eu tive que, literalmente, correr para não receber um pé d'água.

— Acharia é pouco se tivesse recebido. — Elisa se esticou para pegar a bolsa e caminhou em direção a porta sem olhar para trás. Laura revirava os olhos e esboçava algumas caretas enquanto a seguia.

Quando já estavam no carro, a loira percebeu que o humor da chefe havia se modificado. Estava séria e parecia pensativa enquanto dirigia a caminho de casa. Já não existia desejo ou felicidade naquele olhar. Ele estava vazio, distante. Talvez preenchido por um fragmento de melancolia. Laura começou a se questionar se havia feito algo errado.

— Está tudo bem, Elisa? — Se atreveu perguntar.

— Não... Estava refletindo sobre a minha vida. Tenho esse costume enquanto dirijo.

— Parece triste — ousou supor.

Elisa diminuiu a velocidade para que a viagem se prolongasse um pouco mais e elas pudessem dialogar.

— Não é tristeza, talvez seja insatisfação — respondeu. — Quase sempre sinto como se minha vida não tivesse propósito algum.

— Como não? Você é dona do seu próprio império — disse ao olhá-la dirigir. Marques alternava a atenção entre a pista e ela.

— Amo meu antiquário, amo viajar para adquirir ou conhecer novas peças e suas histórias. Me sinto preenchida ao entrar na oficina e passar horas a fio restaurando porcelanas, por exemplo. Mas, às vezes me pergunto

que vida é essa que eu tenho levado. O que me preenche e faz eu sentir que tenho alguma conexão com o mundo, são coisas. Compreende? Coisas. Jarros, quadros, tapetes, prataria, ornamentos e objetos de uma forma geral. Eu sou estranha e tenho consciência disso. Quando paro para refletir sobre mim, sobre a vida, percebo que eu não construí nada. Esse império ao qual se referiu, não tem vida. E eu sou a extensão dele. Sinto como se eu vivesse no automático.

— Não sei se sou capaz de compreender a exatidão das suas palavras, mas entendo o que significa viver no automático. Eu nunca te contei muita coisa sobre a minha vida, mas os últimos anos foram extremamente massacrantes e vividos nesse automático. Além de precisar lidar com questões pessoais que todos nós possuímos, eu vivia em uma cidade caótica. Eu não tinha tempo para absolutamente nada, nem lembro a última vez que olhei para o céu antes de vir morar aqui. Eu acordava muito cedo para pegar a estrada, pois morava longe do trabalho. Passava o dia cumprindo minhas obrigações e na volta gastava horas presa no engarrafamento refletindo sobre o dia merda que eu havia tido. Chegava tão tarde em casa, que eu só tinha tempo de comer, tomar um banho e dormir para recomeçar a programação no dia seguinte. Foi assim por muitos e muitos anos.

— Infelizmente é a realidade da maioria das pessoas — lamentou.

— Sim, isso deprime qualquer ser humano. Ainda mais a mim, que tenho o péssimo hábito de pensar demais, questionar demais. Minha única real alegria era conseguir reunir alguns amigos uma ou duas vezes no mês. Eram vinte e oito dias ruins contra dois dias de poucas horas de alegria.

— Sentia que sua vida não fazia sentido?

— Sim. Aqui em Hills Dale eu ainda tenho uma rotina de obrigações como qualquer cidadão, mas essa cidade nos permite respirar. Eu amanheço no silêncio do meu bairro, vou caminhando para o trabalho enquanto observo a natureza que ainda é bastante presente por aqui. Cumpro meu expediente, chego em casa e consigo ter tempo e vontade para sair e correr. Aos finais de semana não preciso lidar com vizinhos barulhentos, nem enfrentar um engarrafamento ridículo para ir ao centro da cidade. Me atrevo a dizer que até as pessoas daqui são diferentes. Elas levam muito a sério lendas urbanas, chega a ser de uma enorme inocência

— riu. — Eu gosto disso, é como se aqui existisse o respiro que eu precisava.

— Fico feliz que tenha conseguido a coragem necessária para mudar a sua realidade.

Elisa adentrou a rua de Laura e foi diminuindo a velocidade até estacionar em frente à casa amarela pertencente a ela.

— Você também é capaz de mudar o que não te agrada.

— Acho que é um pouco tarde pra mim. Eu amo essa cidade, apesar de algumas coisas. Quando preciso viajar, conto os dias para retornar. Hills Dale é como se fosse o lugar dos sonhos para quem não gosta de agitação. Porém, quando o problema não é o externo, mas, nós mesmos... A coisa muda de figura. Estou um pouco cansada de tudo isso — suspirou.

— Estou aqui, quer desabafar comigo? — Laura levou a mão até uma mecha do cabelo de Elisa e a depositou atrás da orelha.

— Não sei o que espera ouvir de mim, nunca fui boa com as palavras... Às vezes eu só queria sair da minha pele. Me sinto sufocada. Ironicamente, até a minha enorme casa me sufoca. Ao mesmo tempo em que as lembranças do que foi vivido ali me confortam, há memórias que fazem aquelas paredes se movimentarem e me esmagarem ali dentro. Anos não foram capazes de apagar momentos.

— Não sei o que te aconteceu, mas eu sei que se um momento triste não pode ser apagado, os felizes também têm a capacidade de durarem para sempre. E através de memórias de um momento feliz podemos encontrar forças para seguir.

— Pode ser...

— Quer me dizer algo mais? — Perguntou ao segurá-la carinhosamente na mão.

— Eu sou autodestrutiva, me saboto o tempo inteiro. A última coisa que quero é trazer você para dentro dessa confusão. Mas, ao mesmo tempo, não posso fingir que não gosto de estar ao seu lado. Hoje a minha reflexão era um pouco sobre como tenho vivido no automático, mas, sobre como percebo que às vezes esse botão desliga um pouco quando estou com você. Quando me olha, me beija, me toca, me deseja... Eu sinto meu corpo tão vivo. E tudo isso começou muito antes, com você insistindo, me rebatendo, ficando. Até suas palavras desaforadas serviam para me despertar emoções reais. Muitas vezes quis voar no seu pescoço e te enforcar. E ainda quero —

riram. — Porque somos muito diferentes e divergimos em muitas coisas. Mas, o que estou querendo dizer é que você consegue acordar minhas emoções.

— E por que não me deixa gostar de você? — Perguntou com suavidade na voz. — Sei que uma vez contei que não me envolvo emocionalmente, mas eu acho que cai na minha própria armadilha.

Laura e Elisa eram tão focadas em suas diferenças, que não enxergavam a similaridade do que sentiam. Mesmo por razões ou caminhos diferentes, estavam vivenciando uma igual experiência. Marques sentia suas emoções e corpo criando vida, enquanto Laura também estava se aventurando em um mar de novos sentimentos.

— Ainda não me disse se quer passar o natal comigo. — A loira continuou a falar.

Em alguns dias havia algo em Elisa que doía. Em outros, nada sentia. E ela não sabia dizer quais desses estados de espírito era o pior. Com o tempo se tornou apenas um recipiente vazio, desprovido de qualquer emoção. Imprensou a dor no fundo de alguma gaveta do passado e engoliu a chave. No início, quando doía, doía mais que agora que já não dói tanto. Para ela, é ruim não sentir nada. É ruim constatar que há algo que deveria ser sentido, mas que ela suprimiu ao ponto de restar apenas uma sensação distante, como uma voz, um fantasma que a acompanha.

Elisa se apega às lembranças porque nelas seu castelo ainda está de pé. Mas, não se pode morar em uma lembrança para sempre. Ao abrir os olhos, verá que a fortaleza foi abaixo. Ela precisa aceitar e enxergar isso para reerguer colunas e criar um novo abrigo. Do contrário, passará o resto da vida debaixo de um teto que só existe na sua projeção mental.

— E eu tenho outra escolha? Você não vai desistir dessa ideia.
— Isso é um sim? — Perguntou sorridente.
— Sim, Laura. É um sim.

A mais nova contou cada hora dos dias que se sucederam. A tão aguardada véspera de natal finalmente havia chegado. Ao sair do banho e se vestir, foi até a cozinha para conferir se estava tudo certo. Enquanto organizava pratos e taças sobre a mesa, escutou uma notificação de mensagem no celular:

“Laura, boa noite. Desculpe avisar em cima da hora, mas não poderei ir. Estou me sentindo um pouco mal, me parece febre.”

“Oi Elisa, boa noite. Já tomou algum remédio? Estou indo aí.”

Laura recolheu a chave do carro e dirigiu até a grande casa.

— Elisa! — Gritou ao sair do veículo. A morena apareceu na janela instantaneamente.

— Laura, não precisava ter vindo, é apenas um mal-estar. Mas eu resolvi cancelar porque não seria uma boa companhia hoje.

— Você pode descer até aqui?

A morena assentiu e reapareceu no portão alguns minutos depois, vestida com um robe de seda.

— Desculpe cancelar nosso compromisso, mas não estou bem.

Laura se aproximou e depositou a mão sobre a testa e pescoço da mulher. Elisa realmente esboçava um semblante abatido e a temperatura parecia um pouco alta.

— Não se preocupe com isso, mas não quero que passe a noite de natal sozinha. Talvez seu mal estar possa até ser emocional, pela data de hoje. — Elisa a olhava em silêncio. — Eu vim te buscar. Vou te dar um antitérmico e cuidar de você. Não vai ficar sozinha aqui.

— Laura, não se preocupe.

— É claro que me preocupo. Não saio daqui sem você, não existe outra opção.

Mesmo contrariada, Elisa resolveu ceder.

— Ok, então vou tomar um banho e vestir alguma coisa. Vem, me espera lá dentro.

Aguardou sentada no sofá da sala até Elisa estar pronta. Antes de sair, a morena tomou um remédio e pegou uma embalagem que Laura não sabia o que era. Quando chegaram em frente a casa da loira, Marques observou luzes natalinas acesas logo na fachada. Diferente de sua casa, a de Laura possuía cores, claridade e vida. O amarelo da pintura era forte, contrastando com a cor das portas e janelas de madeira. Havia um pequeno canteiro de plantas bem na frente. Em vez de muro, existia apenas uma cerca branca.

Ao saírem da garagem, Elisa sentiu a mão da mais nova segurar a dela e guiá-la para dentro. Mesmo desconfortável e sem saber como se comportar, se deixou ser levada. Quando se deu conta, estava em um território completamente desconhecido, e estagnada no meio da sala.

— Vou confessar uma coisa: arrumei tudo exclusivamente para te receber. Se viesse aqui algumas horas atrás, me perguntaria se é um campo de batalha — disse a loira, em tom divertido, na tentativa de descontraí-la.

— Boba.

Marques estava com a postura um pouco rígida. Não sabia para onde olhar, o que dizer, ou o que fazer.

— Posso te mostrar os cômodos? Ou prefere se sentar por causa do mal estar?

— Não, não quero me sentar — disse ao apertar a mão que ainda segurava a dela. — Quero ver tudo — sorriu um pouco sem jeito.

De mãos dadas, a mais nova apresentou cada cômodo da casa para ela. Tendo em vista que não era tão grande, a apresentação foi bastante rápida. O último cômodo a ser mostrado foi seu quarto. Ao adentrá-lo, Elisa olhou em volta discretamente. Estava nervosa.

— Passo a maior parte do tempo ali, no computador, quando estou em casa. — Laura a guiou até ele e foi mostrando suas coisas. Havia um mural na parede com fotos dela em momentos vividos com os amigos, o pai e a mãe. Apontou cada um da imagem e os apresentou rapidamente.

— Você tem tantas pessoas na sua vida — observou. — Seu pai parece muito com você. Quer dizer, você se parece com ele.

— Acho que sou uma mistura dos dois — sorriu.

Em meio ao mural de fotografias haviam alguns desenhos presos, um deles retratava uma imagem bastante familiar. Laura percebeu quando o

olhar da mais velha se fixou ali.

— Parece comigo e com a minha casa — comentou enquanto olhava o rascunho de uma mulher no alto de uma janela.

— É assim que o interpreta? Então é você. — Laura notou um pequeno sorriso nascer nos lábios de Elisa após sua resposta. — Eu sou péssima na cozinha, mas segui algumas receitas e preparei um jantar pra nós. Comprei um vinho também, mas não sei se você vai poder beber.

— Uma taça não me fará mal — sorriu.

— Não precisamos esperar até meia noite, ok? Você não está se sentindo bem, então podemos adiantar as coisas. — Marques assentiu. — Vamos voltar para a sala?

Elisa apoiou sobre a mesa de centro a embalagem que trouxera. Garcia ainda estava curiosa a respeito daquilo, mas preferiu não perguntar sobre.

— Pode se sentar e ficar à vontade. Sou eu, a Laura. Não precisa ter receios de nada comigo — confortou-a com suavidade na voz e palavras, ao constatar que a mulher ainda possuía uma rígida postura.

— Você tem uma árvore de natal... Gosto delas.

— Tenho! Vem ver mais de perto!

Laura a chamou e sentou-se no chão com ela, em volta da árvore. Olhavam juntas para os enfeites de bolas, bengalas e papai Noel, ao mesmo tempo que seus olhares refletiam o brilho das luzes que envolviam os galhos.

— Não tenho uma árvore de natal há muito tempo... — comentou, mais pra si que para a loira.

— Como está se sentindo? — Perguntou ao levar a mão à testa. — Parece estar menos quente.

— Um pouco melhor, mas ainda indisposta. Passei quase todo o dia assim.

— Estranho...

— Acho que foi um misto de nervosismo por saber que viria aqui, somado à tristeza que sinto nessa época do ano. Faz um bom tempo que não fico em casa nessas datas festivas.

— Ah é? E pra onde você vai?

— Faz uns cinco anos mais ou menos que comprei um chalé. Ele é completamente isolado, no meio do nada, rodeado por muitas árvores. Às

vezes me isolo por lá quando as memórias da minha casa me sufocam. Principalmente aos natais. Sempre volto com a bateria recarregada.

— Caramba... Senti uma paz só em imaginá-lo — comentou, instantes antes de fechar os olhos por breves segundos, suspirar e reabri-los.

— Ele é pequeno e aconchegante, tem até uma lareira. É bom sentir que posso pausar um pouco a vida por lá.

— Eu não tenho dúvidas que sim! Deve ser lindo demais.

— Acho que vou para lá no final de semana do ano novo. E você, o que pretende fazer?

— Sem planos...

Elisa a olhou em silêncio e percebeu que Laura também a observava com atenção. Seus olhos pausaram nas íris verdes, que pareciam quererem lhe dizer algo. Marques também desejava falar, mas não sabia como pôr em palavras os pensamentos que cruzavam seu peito antes de se formarem no cérebro. Elisa queria convidá-la para estar com ela, mas não conseguia desfazer aquele nó na garganta.

— Estou feliz por você estar aqui. — Laura a beijou carinhosamente nos lábios e voltou a olhá-la. — Quer comer agora? Pois tenho algo pra nossa programação.

— Programação? Eu não posso ir embora muito tarde.

— Mas você não vai embora. Ficará tarde de qualquer jeito.

— Laura, não tem a menor chance de eu dormir aqui.

— E você pretende ir embora de madrugada?

— Não, após a meia noite — explicou. — Não vou dormir aqui — reforçou.

— Eu pretendia dormir no sofá e deixar a cama pra você.

— Não há necessidade, eu vou embora.

— Droga, então não vamos ver o filme que separei pra nós.

— Não.

— Tudo bem. Mas é o seu filme preferido...

— Não acredito que você baixou Titanic pra gente assistir!

— Baixei.

— Ai Laura... Assim eu vou me sentir mal em recusar.

— Então aceita. Vamos fazer o seguinte, a gente janta agora e logo após assiste ao filme. Ele é longo, mas até duas da manhã conseguimos

terminar. Eu levo você pra casa. Pode ser? Moramos muito próximas, não será tão perigoso assim se formos juntas de carro.

— Tudo bem...



Sentadas, jantavam uma de frente para a outra na pequena mesa que ficava localizada na cozinha. Elisa observava todos os detalhes daquela noite. Cada um deles lhe mostrava o carinho que Laura sentia por ela. Em meio a uma conversa descontraída, a loira fez uma revelação que proporcionou na morena uma gargalhada alta o suficiente para ecoar pelo ambiente.

— Eu não estou acreditando nisso, Laura!

— Estou me sentindo babaca por ter contado — entortou a cara. — Não tive culpa, ok? Fizeram a minha cabeça, então precisei averiguar — deu de ombros.

— Então foi por isso que você segurou na minha mão tão repentinamente aquele dia. Achei que você fosse louca quando o fez, mas agora tenho certeza ao descobrir o motivo real. Não sabia que você levava tão a sério essa história de vampira.

— E eu não levo! Só não sei o que me deu naquele dia. É culpa da vibe dessa cidade. Daqui alguns anos vou estar acreditando até em lobisomens. — riu de seu próprio comentário.

— O que você faria se eu revelasse hoje, agora, que sou mesmo uma vampira?

Elisa falou com tanta convicção e seriedade na voz e olhar, que Laura calou-se, desfez o riso e a encarou.

— Eu não acreditaria, obviamente.

— Tem certeza? — A mais velha penetrou seu olhar em Laura e o manteve fixo. Sua mão a buscou do outro lado da mesa e a ponta de seus dedos começaram a acariciar a região próxima ao pulso. Elisa a estava envolvendo em sua enigmática atmosfera.

— Não me faz pergunta difícil.

— Acho que chegou o momento de contar meu segredo a você. — Elisa inclinou-se até conseguir chegar no ouvido de Laura. — Eu realmente sou uma vampira — sussurrou. Sua voz estava parcialmente rouca hoje. —

Eu só estava aguardando ser convidada para entrar na sua casa — continuou a sussurrar, proporcionando um arrepio na pele de Laura ao ter aquela voz assim tão próxima. — Você conhece as regras... Não nos revelamos antes do convite.

Um silêncio se instalou no ambiente até Elisa retomar à posição anterior em sua cadeira. Exalando sensualidade e mistério, serviu-se do líquido avermelhado da taça sem cortar a conexão visual com Laura, que a essa altura a visualizou servindo-se de uma taça de sangue.

— Meu Deus — sacudiu a cabeça, cortando a imaginação. — Eu devo ser louca.

— Você precisava ver a sua cara — comentou a mais velha, rindo. — Tim-tim! — Verbalizou ao erguer a taça.

— Você me paga!

Quando o jantar se findou, sentaram-se lado a lado no sofá e deram início ao filme. Elisa estava visivelmente mole naquela noite. A febre já havia cessado, mas a sensação de peso e indisposição ainda estava em seu corpo.

— Pode se apoiar em mim — sugeriu Laura, com suavidade na voz. — Não mordo — brincou.

Elisa estava tão indisposta, que não a rebateu. Pelo contrário, aceitou e repousou a cabeça em seu ombro. Enquanto olhava para a televisão, sentiu alguns carinhos em sua nuca. Laura entrelaçava os dedos em seus fios e os deslizava em uma prazerosa oferta de carícia. Aos poucos, sentiu o corpo relaxando e se entregando ao momento. Suas mãos buscaram a cintura da loira, e os braços se enlaçaram ali. Marques começou a sentir-se tão confortável naquele aconchego, que uma hora depois estava deitada com a cabeça no colo dela.

— Você é a mulher mais bonita e interessante que eu já conheci — dizia Laura enquanto acariciava não somente os cabelos, mas também a face e ombro de Elisa.

— E você diz isso para todas.

— Não é verdade. Digo apenas pra você.

Os carinhos de Laura eram tão suaves e prazerosos, que Elisa fechava os olhos para desfrutá-los ainda mais.

— Tão verdadeiro quanto eu ser uma vampira.

— Então você é uma vampira, pois eu gosto mesmo de você.

Elisa começou a se tornar sonolenta, proveniente da indisposição somada à taça de vinho e o aconchego daquele colo. Sua voz estava cada vez mais baixa e arrastada. Laura sabia que ela estava por um triz e logo adormeceria em seu colo.

— Você não pode gostar de mim — respondeu-a, confusa. Seus olhos se mantinham fechados. Estava quase adormecendo, mas ainda sentia os carinhos e ouvia a voz de Laura.

— Tarde demais... — disse em um sussurro para não despertá-la da sonolência. — Desculpa se eu não soube me apaixonar por você em silêncio...

A última frase foi sussurrada para ninguém, pois a essa altura aquela mulher em seu colo já havia adormecido. Seus carinhos mantiveram-se por entre os curtos fios castanhos; descendo para os ombros e retornando para a cabeça. Laura a observava dormir e respirar, enquanto sentia o peito sendo preenchido por uma sensação totalmente nova. A confissão foi mais para si, que para a mais velha. Laura realmente havia convidado Elisa para entrar.

Ao olhar para a hora no relógio de pulso, viu que já passava de uma da manhã. Cuidadosamente, buscou o controle no braço do sofá para desligar a televisão. Quando o fez, sentiu a mulher remexendo em seu colo.

— Nem pense nisso, ainda estou assistindo — resmungou.

— Você não estava dormindo? — Perguntou. — Tenho certeza que estava. — A mais velha nada respondeu, seus olhos novamente se fecharam e seu corpo voltou a relaxar sobre o colo de Laura.

Embora Elisa ainda se mostrasse relutante em alguns pontos, mudanças significantes eram notáveis nos últimos quatro meses. Ela, que nunca fora capaz de dormir com alguém, parecia sorrir em seu sono, aconchegada naquele colo.

— *Feliz natal, Elisa.*



Laura despertou com a claridade solar adentrando pela janela da sala. Ao se remexer no sofá e abrir os olhos lentamente, lembrou-se que não estava em seu quarto. Na noite anterior, quando Elisa adormeceu em seu colo, a carregou nos braços e a acomodou em sua cama. Após esse desbloqueio de memória, levantou-se ansiosa e caminhou até o quarto. A porta estava entreaberta e seus olhos percorreram a brecha na tentativa de vê-la.

— Ué... — murmurou ao constatar que o cômodo estava vazio e a cama, forrada. — Elisa? — Chamou-a enquanto conferia os outros ambientes. Quando se deu conta que a morena não estava, buscou pelo celular sobre a mesa de centro e percebeu que havia uma mensagem:

“Bom dia, Laura.

Acordei extremamente cedo e quase não identifiquei onde estava. Não sei como fui parar na sua cama, mas imagino que você tenha me acomodado lá. Desculpe ir embora antes de você despertar, mas nem era minha intenção ter passado a noite. Acabei dormindo sem perceber. Espero não ter dado trabalho .”

Obrigada por ontem. Sobre a mesa de centro tem uma embalagem com um presente pra você. Feliz natal!”

A loira soltou um suspiro arrastado e buscou pela sacola. O conteúdo estava muito bem embalado entre folhas de seda. Ao tirar uma embalagem dourada de dentro, desfez o laço e abriu. Juntamente ao presente havia um pequeno bilhete escrito com a letra de Elisa:

“Pra você nunca mais passar debaixo da minha janela com sua música nas alturas.”

Desembrulhando por completo, Laura se deparou com um *headphone.* Coincidentemente, o estava cobiçando no último mês.

— Que mulher implicante! — Exclamou após ler o bilhete.

Nunca sabia o que sentir quando se tratava da mais velha. Ao mesmo tempo em que estava desejando enforcá-la, também se alegrou pelo gesto de ter sido presenteada. Era de fato um headphone que namorava há algum tempo.

Começou a digitar uma resposta, mas optou por apagá-la no meio do caminho. Sua mente, aos poucos, começou a lembrar do momento que viveram no sofá. Foi um aconchego não apenas físico, mas também emocional. Laura suspirava com a lembrança de tê-la relaxada em seu colo. Velar o sono de Marques fora mais agradável do que ela poderia imaginar.

Após o café da manhã, se alongou e vestiu uma roupa esportiva. Decidiu que, hoje, faria a corrida no período diurno. Antes de sair de casa recolheu as chaves, o celular e depositou o headphone em volta do pescoço. Quando o sol tocou sua pele e seus olhos avistaram o dia bonito que estava lá fora, sorrir foi inevitável. Amava caminhar e correr por aquelas ruas. Durante todo o circuito, ouvia música enquanto pensava na noite de ontem. Sentia em seu peito uma alegria tão incontrolável, que saía em forma de sorrisos e suspiros por seus lábios.

Minutos mais tarde, chegou na parte do trajeto referente à rua de Elisa. Sempre fora um misto de sensações caminhar por lá, antes mesmo de saber que a mais velha ali morava. Quando alcançou a altura da casa pertencente a ela, olhou para cima e viu que a janela estava aberta. Pensou em chamá-la; queria olhá-la nos olhos após o momento tão singelo de ontem. No entanto, voltou a atenção para a rua e seguiu em frente. Deu uma, duas, três, quatro voltas pelo circuito. Em todas elas não conseguia evitar erguer a cabeça para aquela janela.

— *Laura!* — Uma voz soou no ambiente. — *Laura!* — Chamou-a outra vez. Garcia apenas foi capaz de escutá-la no intervalo entre uma música e outra.

— Elisa! — Sorriu ao vê-la se aproximar.

— Perdeu alguma coisa lá em cima? — Perguntou ao estacionar os passos na frente da loira.

— Acabei de encontrar — respondeu prontamente. — Milagre ver você na rua.

— Ah, estou vindo do mercado, mas esqueci que hoje é feriado natalino, não abriu.

— Puts, realmente... Você está melhor?

As duas mantinham os olhares fixos, estavam nitidamente sem jeito.

— Estou. Obrigada por perguntar — sorriu timidamente. — Vejo que está usando os fones. Finalmente vai parar de me perturbar — implicou.

— Como você é chata, eu duvido que a música chegue tão alto lá em cima. De qualquer maneira, eu já estava pra comprá-lo, ok?

— Aham... E por que não comprou em todo esse tempo?

— Não estava com pressa. Sem contar que minha chefe me paga muito mal, não estava sobrando nem para os fones.

— Laura! — Repreendeu, cruzando os braços abaixo dos seios.

— É brincadeira, é brincadeira — riu. — A propósito... Obrigada pelo presente. Achei a minha cara! — Sorriu. — Infelizmente não comprei nada pra você.

— Não se preocupe com isso, a noite de ontem valeu mais que um presente. O convite em si, você ter ido me buscar, o jantar, a escolha do filme... — Se expressava com certa dificuldade. Estava sem jeito, mas não desviava o olhar da face de Laura, nem queria deixar de demonstrar sua gratidão.

— Você gostou?

— Sim... — esboçou um sorriso pequeno. — Desculpa ter ido embora antes de você acordar. Levantei muito cedo, acho que meu corpo estranhou o ambiente. Despertei confusa, em uma cama desconhecida. Ainda eram seis da manhã. Sem contar que me levantei, vi você dormindo no sofá e me senti mal por isso. Parecia desconfortável.

— Oh, não se preocupe, dormi bem. E não precisa se desculpar, entendo suas limitações — disse com suavidade na voz.

As duas saíram do meio fio e continuaram o diálogo em frente ao portão.

— Foi tudo muito legal da sua parte, incluindo ter me deixado sozinha no quarto.

— Eu não seria louca de ter dormido do seu lado. Você me acordaria aos tapas. Ou, me enforcando! — Disse em tom divertido.

— Ainda bem que você sabe! — Respondeu, fingindo braveza. — Voltando ao presente... Estou feliz em te ver usando.

— Eu adorei! Eles são ótimos. Te daria um abraço em agradecimento se eu não estivesse assim — apontou para si mesma. — Toda suada — concluiu.

Após o comentário, a morena percorreu o olhar sobre ela e observou alguns fios úmidos de suor no contorno e lateral da face. O top parcialmente molhado também fez parte de seu campo de visão; incluindo o abdômen exposto. Elisa se perdeu naquela região mais do que gostaria, julgava o físico de Laura demasiadamente atraente. Sem nada dizerem uma à outra, a loira observou quando os castanhos à sua frente voltaram a atenção para seu rosto. A mais nova havia percebido o interesse que aquele gesto carregava. Possuía inteira consciência do quanto mexia fisicamente com ela.

— Talvez em outra ocasião — respondeu Elisa, um pouco desnorteada.

— Mas... — Laura encurtou a distância com lentos passos e a tocou na lateral da face. — Um beijo de agradecimento eu posso dar.

Com suavidade, pressionou os lábios contra aquela boca por breves instantes. O toque não durou muito, mas foi tempo o suficiente para fazer Elisa desejar um contato maior. As vontades da mais velha estavam voltadas a querer sentir aquela cintura e abdômen na palma de sua mão. Desejou diminuir a distância corporal para novamente desfrutar da prazerosa sensação oferecida pelo contato daquela pele na sua. Todavia, os quereres permaneceram apenas em pensamentos, pois controlou o impulso e a deixou se afastar após o beijo.

— Vou seguir meu trajeto. Nos vemos na segunda?

Elisa assentiu.

As duas mulheres passaram todo o dia do domingo sem se comunicarem. No entanto, o pensamento uma na outra se fez presente e

constante no decorrer das horas. Elisa Marques era um poço de dúvidas e agonias. Não conseguia deixar para trás a lembrança da noite natalina, quando estava aconchegada ao colo de Laura. Essa memória se fundia à imagem de ontem, com a gerente suada a poucos centímetros de seu corpo. Suas emoções estavam entrando em colapso, enquanto mergulhava na profundeza de tudo o que aquela mulher a estava fazendo sentir. Sua mente, corpo e coração estavam a jogo naquele tabuleiro.

No decorrer do dia, buscou o celular e tentou digitar alguma mensagem para Laura. Uma, duas, três falhas tentativas. Olhava para a foto da loira no aplicativo de conversa enquanto se questionava se deveria ou não fazer o convite que desejava. Com medo de agir precipitadamente, resolveu deixar o aparelho de lado e foi se isolar na oficina.

Quando a noite chegou, tomou um banho relaxante e sentou-se em seu sofá de veludo verde, na sala de estar. Usava apenas uma camisola feita do material que mais desfrutava sentir em sua pele: a seda. Sobre a mesa de centro estava uma garrafa de whisky — sua bebida alcoólica favorita. A única que conseguia queimar mais que suas emoções, ou a ausência delas, ao longo dos anos.

Com apenas uma parcela das luzes acesas, olhava para o líquido e as pedras de gelo em seu copo enquanto entrava em seu estado noturno de reflexão. O silêncio dos cômodos abria portas para que sua mente fosse ouvida. A gerente foi a primeira voz de seus pensamentos naquela noite. Elisa queria poder reafirmar um novo contrato a respeito de Laura; um completamente diferente daquele que guardava na gaveta em seu escritório. O contrato que queria fazer era com os próprios sentimentos. Um contrato subjuntivo, onde se submeteria a deixar os sentimentos do lado de fora e se entregaria apenas na cama. No entanto, quanto mais pensava, mais chegava à conclusão que aquele era o único contrato impossível de sua vida.

Avistou o celular sobre a mesa de centro e o tomou em mão. O antagonismo de emoções e pensamentos por Laura deixavam-na em conflito. No mesmo momento em que desejava desligar o que estava sentindo, também queria ouvi-la, olhá-la e convidá-la para entrar em muitos de seus interiores. Elisa não possuía dificuldades apenas com o externo do mundo; o interior de sua mente era a parte que mais lhe dava trabalho.

Entre muitas reflexões, enfim tomou coragem para entrar em contato através de uma mensagem que Laura, certamente, se surpreenderia ao ler. Afinal, as iniciativas nunca partiam da mais velha.

“Boa noite, Laura."

Redigiu e depositou o celular no assento do sofá. Se manteve reflexiva, desfrutando do líquido que esvaziava o copo a cada gole que dava. Em um curto espaço de tempo, o aparelho soou uma notificação que fez o coração acelerar com a possibilidade quase certa de ser Laura Garcia.

“Oi Elisa, boa noite! Está tudo bem?”

Leu aquela mensagem três vezes consecutivas antes de respondê-la. *Boa pergunta* — pensou.

“Acho que sim. Estou com um pouco de coragem líquida dentro do copo e resolvi procurar você.”

A resposta da loira veio sem delongas. Com as janelas de conversa abertas simultaneamente, iniciaram uma troca instantânea de mensagens:

“Ah é? E o que sua coragem líquida quer comigo?”

Elisa curvou o canto dos lábios na forma de um pequeno sorriso. Aquela era uma pergunta com múltiplas respostas.

“Ela quer te fazer um convite.”

“Qual?”

“Passar o ano novo comigo no chalé.”

“Um momento. Vou conferir na minha agenda se terei essa disponibilidade!”

“Certo.”

Marques soltou um riso pequeno e aguardou a resposta que não tardou.

“Aqui diz que sim, terei disponibilidade pra passar o ano novo com você.”

“Se tivesse mesmo um compromisso, eu te faria cancelar.”

“Por quê?”

“Porque eu quero você comigo e não gosto de ser contrariada. “

“Você é muito abusada, sabia? “

Elisa ergueu uma de suas sobrancelhas ao olhar para aquela reposta, a julgando uma afronta.

“Um pouco

Bom, quero avisar de antemão que tenho somente uma cama no chalé, então terá que dormir no sofá. Diferente de você, não sou cavalheira a ponto de cedê-la.”

“Cavalheirismo é para poucas, mas não me importo de ficar com o sofá.

Podemos voltar à parte em que disse me querer com você?”

A mais velha se serviu de mais uma dose e, posteriormente, redigiu a reposta enquanto desfrutava da prazerosa *brisa* ocasionada por aquele líquido.

“Podemos. Quero você comigo no próximo final de semana. Prometo compensar de outras formas essa falta de cavalheirismo.”

“De quais formas pretende compensar?”

Voltou a esboçar um sorriso de lado enquanto olhava para a tela.

“Certamente não é da forma que está pensando."

“E você sabe o que estou pensando?”

“Se tratando de você, consigo ter uma ideia.”

“Já me conhece assim? Então me diz o que estou pensando.”

“Alguma coisa bem baixa...”

“Sua mente que te levou a essa dedução. Logo, seus pensamentos que estão voltados a esse tipo de conteúdo."

“Fingir inocência não faz nem um pouco o seu feitio, srta. Garcia.”

“Hum, você realmente me conhece. É verdade. Mas... A meu favor, eu culpo a sua beleza. É impossível não ter pensamentos com uma mulher tão bonita como você."

“Não sei se devo levar esse seu papinho a sério. Você tem um jeitinho terrível de mulherenga.”

“O pior é que eu consigo te imaginar me dizendo isso. Sei exatamente a voz e a expressão facial que faria. Você bem que poderia deixar eu provar que gosto de você, que me interesso por todas as suas nuances, e que é a única que venho desejando. Não acredita nem um pouco em mim?”

“A verdade é que eu acredito, sim. Por isso fiz o convite. E se serve de algo... Saiba que também acho difícil não ter um pensamento com você. Acho que depois de tudo o que vem acontecendo, não dá pra negar muitas coisas.”

“Então diz o que não quer mais negar pra mim.”

A mais velha decidiu interromper a comunicação escrita e gravou uma mensagem de voz como resposta.

Áudio Elisa:

— Sei que sou inconstante e muitas vezes minhas palavras não condizem com as atitudes. Você sabe... É sempre mais fácil enganar com dizeres, mas, é extremamente difícil omitir as intenções em nossas expressões corporais. É ainda mais complicado manipular nossos pensamentos, então faz um tempo que não quero nem consigo negar ou esconder o quanto estou interessada em você.

Laura estava sentada em frente ao computador, havia recém concluído uma partida de jogo quando recebera a primeira mensagem da chefe naquela noite. Um pouco surpresa, pausou a atividade e deu sua inteira atenção ao que ela dizia. E quando o áudio chegou, levou algum tempo para digitar uma resposta, pois o reproduziu algumas vezes consecutivas. Aquela voz aveludada muito a agradava.

“Isso é ótimo, porque eu não tenho intenção alguma de esconder o quanto te quero. Nem de mim, muito menos de você.”

Elisa voltou a respondê-la por mensagem de voz:

— Eu também quero, pois desde aquela vez, não tem um maldito dia que eu não mentalize o seu beijo. Às vezes odeio você por isso, por fazer tudo tão bem.

Laura não conseguiu escutar novamente aquela voz, tampouco ouvir aquelas afirmações, sem sentir vontade de também respondê-la por áudio. Mas, diferente de Marques, não enviou uma mensagem. Ligou.

— Nove anos a menos não me desqualifica em nada, você pode se surpreender — disse em tom provocativo assim que Elisa atendeu a chamada; alfinetando algo que a morena dissera meses atrás, quando se conheceram.

— Você é mesmo muito abusada, senhorita Garcia.

— Porque eu te liguei? Porque desafiei e desarmei suas antigas palavras? Ou porque no fundo você sabe que pode se surpreender? — Laura usava um tom de voz galanteador ao se dirigir a ela, a fazendo praguejar-se

em pensamentos do outro lado da linha, por gostar tanto de como a loira as conduzia.

— Que inferno, Laura. Eu odeio você.

— Não odeia — rebateu, esboçando um sorriso triunfante. — O que sente é muito diferente disso.

— Idiota...

— Essas suas reações só me mostram a intensidade do que tem aí dentro.

— Droga, você está me deixando louca.

— E você já me deixou... Quanto mais te beijo, quanto mais te sinto, mais eu quero. — Laura percebeu que a mais velha ficou em silêncio, oferecendo apenas o som da respiração. — Está uma tortura me imaginar com você. Prazerosa, mas, ainda assim uma tortura.

— Eu não vou perguntar o que você imagina, pois eu não aguentaria apenas ouvir a resposta.

— Ok, aceitável — expressou um riso baixo. — Não vou fazer isso a nós duas.

— Certo... — A mais velha sentia consideravelmente em seu corpo os efeitos daquele assunto. — É... Bom, nos vemos amanhã. Boa noite.

— Boa noite, Elisa. E obrigada pela conversa...

Uma nova semana havia iniciado, a gerente conversava com o segurança na entrada da loja enquanto eventualmente observava o fluxo de pessoas que iam e vinham na calçada.

— Como passou o natal? — Leonardo perguntou.

— Bem. E você? — Respondeu educadamente

— Dormindo! Estava exausto. — Riu. — Aproveitei todo o fim de semana pra descansar.

— A vida adulta é uma verdadeira cilada, não é mesmo? — Riu junto a ele. — Acho que nunca perguntei, mas... você tem família? Me refiro a ser casado, ter filhos... — explicou-se.

— Não. Até tenho interesse em alguém aqui do trabalho, mas ela só me vê como um colega.

— Hum... Júlia? — Ele assentiu. — Sabia!

— Como? Ela te contou?

— E precisa, Leonardo? Basta olhar pra cara de bobão que você faz quando está com ela.

— É foda, essas coisas não dão pra disfarçar.

— Pois é... — respondeu vagamente. — Você parece um bom sujeito, vou ficar na torcida.

— Pô, valeu Laura! — Sorriu.

— Só não podem se relacionar aqui dentro, ok? Regras da casa. — Sentiu-se completamente hipócrita com aquela frase, mas precisava cumprir com sua função de gerente.

— Que isso, Garcia! Jamais. Não se preocupe.

— Mas aprovo que a chame pra sair — piscou.

— Ah, será? Não sei. Júlia não está nem aí pra mim. — Leonardo carregava certo pesar em sua voz e semblante.

— Será mesmo? Não saberá se não tentar. Se ela realmente vê-lo apenas comigo, ao menos saberá. Aí bola pra frente, certo?

— Quem sabe? Ano novo, novas metas...

— Isso aí! Coragem, Leonardo! Mas, lembre-se: o que faz de um ano realmente novo, são as nossas atitudes.

— É, eu sei. Não posso querer novos resultados se repito e tomo as mesmas decisões.

— Exatamente!

— Bom, vamos ver. Obrigado pelo papo!

— Imagina. — Sorriu.

Enquanto ainda dialogavam, a proprietária do lugar surgiu repentinamente na entrada da loja. Laura precisou conter o sorriso e segurar o olhar que insistia em querer segui-la. Após a chegada, não levou muito tempo para que o celular vibrasse dentro do bolso, a fazendo não mais segurar o sorriso.

— O que foi? — Perguntou Leonardo, confuso por ela começar a sorrir repentinamente, além de aparentar inquietação.

— Hã? Não é nada. Acho que... acho que pre-preciso dar um recado à Elisa — atropelou-se nas palavras. — Depois conversamos de novo.

— Ué... — murmurou o homem, confuso, ao vê-la dar as costas às pressas e caminhar em direção ao final do antiquário.

Laura conferiu se realmente era uma mensagem da mais velha e entrou no escritório. Seus olhares cruzarem-se instantaneamente assim que a porta foi aberta. Estavam carregados de resquícios da conversa íntima na noite passada.

— Bom dia — cumprimentou ao caminhar a passos lentos para o interior.

Elisa parecia tão imponente sentada em sua cadeira, que a loira não ousou deixar o olhar cair ou desviar. Pelo contrário, foi penetrando aqueles castanhos até encostar na borda da mesa.

— Bom dia, Laura. Se aproxime.

Confusa e com o cenho sutilmente franzido, contornou a mesa e parou de frente para a chefe.

— Mais perto — pediu ao girar a cadeira para o lado e erguer o olhar, alcançando as íris esverdeadas.

Sem saber onde a morena queria chegar, Laura apenas se deixou guiar e inclinou-se sutilmente até que seus rostos ficassem próximos. Quando o fez, sentiu as mãos de Elisa segurarem delicadamente em sua gola e puxá-la, fazendo seu corpo se curvar ainda mais para baixo.

— Agora está perto o suficiente — disse baixinho contra o ouvido de Laura. — Estive ansiosa pra ver você. — O comentário proporcionou na outra um sorriso de orelha à orelha.

— Está com coragem líquida? — Respondeu contra o ouvido de Marques, enquanto se mantinham quase estáticas naquela posição.

— Não, hoje não estou precisando dela. Amanheci tão cheia de vitalidade, que eu só precisava te dizer — respondeu em voz baixa, ainda contra o ouvido, segundos antes de soltar a gola da camisa e girar a cadeira para frente. — Agora vamos trabalhar.

— Pensei que eu fosse ganhar pelo menos um beijo.

— Então vem aqui. — A chamou com o indicador. Quando a loira voltou a se inclinar, depositou um beijo na lateral de sua face, próximo ao maxilar, e em seguida limpou a marca de batom. — Vamos trabalhar.

A mais nova soltou um suspiro frustrado, contornou a mesa e puxou uma cadeira para se sentar.

— Sem arrastar, por favor.

— Estava demorando... — revirou os olhos.

— Como está o andamento das solicitações que te fiz?

Elisa Marques automaticamente transitou de personalidade e assumiu a postura de chefe. Contudo, não conseguia deixar de olhar para a mais nova com outros olhos. Queria tocá-la, beijá-la e sentir mais de perto o perfume que a essa altura preenchia o ar de sua sala. Por mais que tentasse se manter imparcial, seu olhar percorria e se perdia pelos fios loiros. Ainda se impressionava com a maneira que Laura prendia os cabelos. A semelhança sempre trazia o conforto de boas lembranças com a babá Suzana.

— Os uniformes dos funcionários já estão prontos e devem chegar até o final da semana. A manutenção dos ar condicionados está marcada para quarta-feira. Maaaas, em relação a reforma eu não consegui encontrar uma empresa disponível. Nem pintores autônomos. Está muito em cima da hora, Elisa. Sexta já é véspera de ano novo! Muitas empresas tiraram férias coletivas — explicou.

— Ok. Tenta novamente na primeira semana de janeiro. Preciso que essa loja inicie o ano sem muitas pendências. De preferência, nenhuma. Me dá nos nervos arrastar e acumular questões que podem ser solucionadas rapidamente.

— Não se preocupe, está tudo encaminhado. Mas a reforma lá de cima vai ter mesmo que esperar.

— Não me resta outra alternativa. — Soltou um suspiro pesado e continuou a falar. — Tentei fazer a encomenda dos seus uniformes. Olhei alguns sites de empresas que conheço, mas não gostei do corte das roupas,

então vou pedir que você vá pessoalmente e compre. Conheço uma loja maravilhosa no centro, as roupas são de excelente qualidade. Certamente encontrará um corte que te favoreça. Use o cartão da loja e peça para Débora acrescentar na planilha de gastos. Depois te informo o endereço.

— Por que não me leva lá?

— Como assim?

— Por que não vamos juntas? Assim você me ajuda a escolher. Quero confiar no seu bom gosto. Ainda não saí pra almoçar, então podemos usar esse tempo e resolver essa pendência hoje mesmo.

— Sem chance — respondeu, instantes antes de desviar a atenção e depositá-la no monitor.

— Vamos, Elisa? Por favor?

— Não posso, tenho que trabalhar e ajeitar as coisas para o ano novo. Também preciso entrar em contato com o caseiro do chalé pra saber de sua disponibilidade. Quero que esteja tudo nos conformes quando chegarmos.

Elisa mantinha a atenção no computador, evitando contato visual com Laura. Quase sempre se comportava dessa maneira quando não sabia como lidar com alguma situação.

— Olha aí, mais um motivo pra tirarmos o tempo do almoço juntas. Assim a gente planeja os detalhes pro final de semana. Não dá para ficar falando sobre isso aqui, você sabe — disse em baixo tom, quase cochichando. — Vamos? — Esticou o braço sobre a mesa e apoiou a mão sobre a de Marques, que ainda se mostrava relutante. — Será só por uma horinha, uma hora e meia... — Acariciou-a, conseguindo trazer o olhar da morena para o contato entre suas mãos.

— Não sei...

— Vamos, Elisa? Só se vive uma vez. E eu sei que no fundo você quer me ver provando as roupas — disse em tom divertido, fazendo a mais velha balançar a cabeça negativamente e expressar um pequeno sorriso.

— Ok, mais uma vez você me venceu pelo cansaço — respondeu ao subir o olhar para a face de Laura.

— Você sabe que não faz absolutamente nada a contragosto. Vai porque no fundo você quer. Não julgo, quem não gostaria de sair pra almoçar comigo?

— Almoçar? — Ergueu uma das sobrancelhas. — Que armadilha é essa aqui? Você disse que era para auxiliar nas roupas.

— E por acaso vamos ficar com fome? Prometo que a gente encontra um restaurante tranquilo.

— Tudo bem, precisamos mesmo comer alguma coisa...

Elisa recolheu a bolsa, e Laura se certificou se a carteira estava em seu bolso. Permitiu que a morena saísse do antiquário primeiro e logo em seguida a seguiu.

— Débora, vou sair pra resolver umas questões pertinentes à loja, com a Elisa. Qualquer pendência você pode me comunicar e até mesmo me ligar.

Sem disfarçar a cara de surpresa, Débora apenas assentiu.



O caminho até o centro foi percorrido através de poucas palavras. A mais velha estava sem saber como se comportar com a gerente dentro do carro. Embora estivesse gostando de tê-la ali, se tratava de uma situação inteiramente nova. Na verdade, todos os últimos acontecimentos vinham sendo completamente inéditos para ela, que ainda estava aprendendo e se adaptando a tudo aquilo. Após muitos anos de solidão, permitir que alguém entrasse em sua vida parecia um passo maior do que a perna podia alcançar. Contudo, a persistência de Laura e as constantes demonstrações de interesse e afeto, faziam Elisa sentir-se confortável o suficiente a ponto de querer arriscar.

Quando estavam estacionando próximas ao local de destino, ambas tiveram as atenções roubadas pelo barulho de alguém batendo na janela do carro.

— É uma criança — comentou Laura, olhando pelo vidro à sua direita.

— Está sozinha?

— Aparentemente, sim.

A loira baixou o vidro da janela e observou a criança se aproximar. Se tratava de um menino com aparência de aproximadamente oito anos. Sua roupa estava encardida e possuía alguns rasgos na barra da camisa. O cabelo estava bagunçado e as mãos um pouco sujas.

— *Oi, você pode comprar pra me ajudar?*

Essa foi a primeira fala da criança ao mostrar uma caixa com algumas barras pequenas de chocolate. Comovida, Laura trocou olhares com Elisa e logo voltou a atenção para ele.

— Ei, você não deveria estar na escola?

— Eu estudo de manhã — respondeu para a loira. — De tarde preciso vender isso pra ajudar meu irmão.

— Você é muito pequeno pra estar sozinho pela rua, rapaz — disse Laura enquanto o olhava. Todavia, embora sentisse o peito apertar por ver aquele triste cenário, era ciente de que suas palavras nada mudariam aquela situação, e que muito provavelmente a criança não possuía qualquer poder de escolha.

— Em qual momento você volta pra casa?— Marques se manifestou, inclinando-se para enxergá-lo.

— Só quando tiver vendido tudo — respondeu-a cabisbaixo, com pesar em sua voz, trazendo um nó para a garganta da morena.

— Qual o preço e quantas unidades você ainda tem aí?— Elisa continuou a interagir.

Ao fazer uma estimativa, com base na embalagem ainda fechada e a outra pela metade, o pequeno garoto informou que ainda tinha aproximadamente trinta ou trinta e cinco barrinhas de chocolate que custavam um real. Com a informação, Marques tirou a carteira da bolsa e pegou uma nota de cem reais.

— Vou querer todas — disse ao esticar o braço até a janela.

— Sério, tia? Todas? — Questionou-a, incrédulo. A criança era um misto de espanto e alegria.

— Sim, mas com a condição de você ir pra casa!

— Claro! Eu vou! — Respondeu-a com alegria.

Laura observou tudo com um pequeno sorriso nos lábios e intermediou o processo; transferindo o dinheiro para ele e pegando as duas caixas.

— Direto para casa, ok? — Reforçou com firmeza na voz e uma quase ameaça no olhar. Sua cabeça estava inclinada para que pudesse vê-lo.

— Sim, tia! Pode deixar! Obrigado!

Feliz e ao mesmo tempo intimidado por Elisa, o menino sorriu e praticamente saiu saltitando para longe dali.

— Tia? — Resmungou Marques quando já estavam a sós. — Olha bem para a minha cara e me diz se sou velha? Onde já se viu...

Laura prendia o riso para não rir da expressão indignada que a morena esboçava.

— Foi muito bonito da sua parte o que fez — comentou quando já haviam saído do carro e caminhavam para dentro da loja.

— Mas eu não fiz nada — respondeu-a vagamente, evitando olhá-la na face.

Laura surpreendeu-se ao perceber que Elisa estava tímida. Jamais imaginaria que timidez pudesse fazer parte de algum traço da personalidade daquela mulher. Sem conseguir deixar de focar sua atenção nela, soltou um suspiro arrastado e sorriu em admiração pela atitude nobre de minutos atrás. Com o tempo, estava sendo capaz de olhá-la e genuinamente enxergá-la. Talvez nem Elisa conseguisse ver a verdadeira versão que existia em algum lugar dentro de si; uma versão mais leve, feliz e esperançosa. Um alguém que ela poderia ter sido se a vida não tivesse sido tão cruel vinte e quatro anos atrás.

Seria impossível trazer à tona uma Elisa sem traumas, uma vez que cicatrizes haviam sido fundidas ao núcleo de sua alma. Todavia, nosso passado faz parte de nós, mas não nos define. Somos sempre capazes de encontrar novos caminhos para sermos felizes.

Alguns momentos mais tarde, Laura escolheu algumas variações de modelo de ternos e camisas sociais. Por se tratar da loja favorita de Elisa, ela também acabou escolhendo algo para si.

— Laura, está ocupada? — Chamou-a baixinho pela brecha da própria porta. Estavam posicionadas em provadores lado a lado.

— Estou terminando de me vestir, o que houve?

— Não consigo fechar as costas do meu vestido.

— Espera, vou aí te ajudar.

Assim que Laura entrou na cabine, Marques não conseguiu disfarçar o interesse no olhar. A loira estava usando a nova calça, e a camisa social ainda estava aberta em seu corpo. Os castanhos a olharam lentamente de baixo para cima, se demorando na região da barriga, até encontrar os olhos.

— Onde é pra fechar?

— Aqui — respondeu ao virar-se, oferecendo o alto das costas para ela.

Laura aproximou-se por trás e depositou a mão sobre o zíper. A tatuagem de fênix estava parcialmente exposta, o que a levou a se demorar ali, observando, antes de tomar a atitude de fechá-lo. Por breves instantes se viu reflexiva a respeito do possível significado daquela fênix negra, assim como das vestes sempre tão escuras. Sua inteligência e senso de dedução a levavam a pensar que sua chefe vivia em eterno luto, e que usar roupas coloridas não abraçariam seu estado de espírito. A casa pouco iluminada e de aparência abandonada também retratavam sua composição emocional. Afinal, por que se importar com pinturas e jardim, uma vez que já não havia vida na parte mais importante: o interior.

A ânsia por conhecer a história e compreender a mente daquela mulher era tão grande, que elevava consideravelmente seus interesses físicos e emocionais. A atração por Elisa era quase palpável. Olhava com encantamento não somente para aquelas costas, mas todos os contornos por trás. Encarou, inclusive, o reflexo da mulher no espelho que estava bem à frente. Marques também as olhava através dele. Juntas, possuíam um bonito contraste.

— Feito — disse a loira, por fim.

— Obrigada.

Elisa virou-se e novamente encarou a imagem de Laura com todos os botões da camisa abertos. Em sua percepção, a cabine parecia cada vez mais apertada e pequena diante ao tamanho da atração que estava sentindo.

— Pode me ajudar com as mangas? — A gerente pediu.

A tensão entre as duas se tornou ainda maior quando Elisa deu um passo à frente e começou a dobrá-las. Enquanto fazia, Laura ia fechando os botões da camisa de baixo para cima. Elisa dobrava as mangas ao mesmo tempo em que se deixava envolver por aquela presença tão forte. Seus dedos tocavam involuntariamente o pulso e subiam pelo antebraço. A atração tornou-se ainda mais notória de ambos os lados quando Marques a

buscou nas íris e se comunicaram através do olhar. Nenhuma palavra descreveria o desejo tão bem quanto as expressões entregues uma à outra.

Submersa nos castanhos de Elisa, a mais nova percebia o quanto aquelas janelas eram expressivas. Nelas já havia presenciado raiva, melancolia e até mesmo alegria nesses últimos quatro meses. Contudo, nesse exato momento, tudo o que via era o desejo que aquele olhar era capaz de transmitir e, praticamente, depositar em sua mão. Laura sentia como se quase pudessem transar através daquela conexão.

— Acho melhor eu voltar para o provador — respondeu um pouco desconcertada. A morena apenas concordou.



Sentadas à mesa do restaurante, conversavam enquanto desfrutavam da refeição. Elisa estava dizendo pela quinta vez naquela tarde, que Laura não precisava ter pago o vestido para ela.

— Elisa, é meu presente de natal pra você! Deixa de bobeira, vai? Claro que precisava. Se não aceitar, vou devolver o headphone!

— E me fazer escutar aquelas suas músicas de péssimo gosto? Não mesmo! Prefiro aceitar o vestido. Fica tudo certo.

— Desde quando minhas músicas são de péssimo gosto? — Reclamou. — Você que não gosta de nada!

— Argumento inválido.

Em meio a algumas alfinetadas, Marques se viu tão submersa na aura da loira, que foi capaz de esquecer que existiam mais pessoas aos arredores.

— Ainda estou pensando naquele garotinho, acredita? Se não me engano, já o vi por aqui mais vezes. Me parte o coração presenciar essas coisas. Ninguém deveria ter uma qualidade de vida tão ruim, muito menos uma criança.

Com um semblante chateado, Elisa a respondeu:

— Acredito, pois também estou com ele na cabeça desde então. Viu a felicidade que sentiu quando comprei todos os chocolates? A propósito... São todos seus. Divide com a equipe.

— Eu estava mesmo me perguntando o que você ia fazer com eles.

— Esse menino deveria estar estudando, aprendendo algum *hobby* ou brincando. A rua não é lugar pra ninguém — falava em um misto de indignação e, ao mesmo tempo, tristeza. — No nosso bairro tem um centro educacional que funciona em período integral. Abrange crianças e adolescentes. Fornece ensino gratuito em diversas áreas. Tem música, desenho, esportes, teatro. Era lá que ele deveria estar.

— Como sabe de tudo isso? — Perguntou um pouco confusa.

— Porque sou voluntária. Ajudo financeiramente a instituição.

— Que interessante! Estou realmente surpresa. Não me julgue mal, mas é que... Você sabe, não achei que se importasse com questões sociais. Você parece odiar pessoas.

— De fato as odeio, sim — riram. — Mas são crianças, Laura. E eu acredito que apenas através da educação conseguiremos construir uma sociedade menos violenta. Falta de oportunidades e incapacidade de escolha acarretam em muitos cenários, inclusive no que vimos lá fora hoje.

— Eu não poderia concordar mais.

Em frações de segundos, Elisa pareceu refletir sobre algo, mas logo dispersou os pensamentos.

— Vamos falar sobre o ano novo?

— Por favor! Estou ansiosa. Quando iremos? Onde fica o chalé?

— Não muito longe, coisa de uma hora e meia de onde moramos. É aqui mesmo na cidade, só que mais afastado, onde a arborização se faz ainda mais presente. Vamos sexta à noite, na véspera, e voltamos domingo. Está de acordo em se isolar comigo no meio do nada por dois dias? Posso ser uma maníaca psicopata.

— Elisa, você usa sua própria foto como papel de parede! — Zombou. — Se isso não é ser psicopata...

— Então toma muito cuidado ao me irritar, porque não me custa nadinha por as mãos no seu pescoço.

— Se dependesse de mim, você colocaria agora.

Portando um riso contido no canto dos lábios, Elisa fingiu não compreender o significado daquelas palavras. Tentou disfarçar as expressões e se saiu com uma troca de assunto.

— Vamos finalizar o almoço, precisamos voltar.

Laura ria internamente ao observá-la tentando disfarçar as expressões faciais. Ao mesmo tempo, se perguntava internamente se Elisa havia escutado ou não sua declaração na noite de natal...



— Eu não sei como você consegue comer palmito em conserva — disse aleatoriamente.

— Você está falando exatamente como minha mãe falava com meu pai.

Era quinta-feira, final de expediente. Haviam ficado depois da hora para atualizarem alguns preços no sistema. Visto que o antiquário só retornará as atividades na segunda-feira, Marques solicitou que não carregassem a pendência para janeiro.

— Sua mãe sabia das coisas. Palmito já é ruim, do jeito que você come então...

Sentadas lado a lado, a loira com o notebook e Elisa ao computador, finalizavam as tarefas em meio a diálogos.

— É costume, meu pai era viciado em comê-lo direto do pote. De tanto observá-lo, me senti estimulada a comer também. Com o tempo pegamos o hábito de nos sentarmos juntos pra comer e conversar.Após sua morte, esse costume acabou se tornando uma boa memória afetiva. E no fim, são deliciosos. Até preciso comprar quando voltar do chalé. Faz um bom tempo que não como.

— Por falar em chalé... Já vamos amanhã e eu ainda nem fiz minha mochila por não saber o que levar.

— Você está ciente que ele fica no meio do nada? Não existe absolutamente nada em volta, além de árvores. Então, roupa pra dormir e

ficar em casa já basta. Ah, e seus pertences pessoais; como escova de dentes. Essas coisas...

— Ah, então vou apenas com a escova no bolso.

— Como assim? — Indagou confusa.

— Eu durmo pelada e gosto de passar o dia sem roupa.

— Laura!

— É brincadeira, é brincadeira! — Riu. — Você precisava ver como seus olhos se arregalaram!

— Você só fala besteira! — Elisa entortou a cara, mas foi segurada pelo queixo.

— E você fica linda quando se irrita — comentou ao olhá-la. — Se bem que você não se irritou, ficou nervosa...

— Eu? Nervosa? Com o quê?

— Com o suposto pensamento de me ver nua.

— Até parece. Precisa de muito mais que isso pra me ver nervosa. Sou uma mulher, não uma menina — respondeu-a com firmeza na voz e um olhar convicto das próprias palavras.

Laura quase mordeu o próprio lábio inferior ao escutá-la. Quando pensava que Elisa não poderia se tornar ainda mais sensual, ela ia e lhe mostrava o contrário.

— Consigo ver muito bem que você é uma mulher. Mas, eu devo ser uma menina.

— Por quê?

— Porque me enlouquece a ideia de te ver por debaixo de tudo isso — afirmou ao olhá-la de cima para baixo.

Hoje Elisa usava calça e camisa social. Havia um blazer depositado nas costas da própria cadeira. O comprimento do cabelo estava um pouco diferente, havia renovado o corte no dia anterior. Apenas dois ou três centímetros menor, e as pontas pareciam mais repicadas que antes. Laura suspirou discretamente com a visão e voltou a atenção para o notebook. Já havia concluído sua parte, então pôs o aparelho para desligar. Ao seu lado estava Elisa, também concluindo a atividade. Se sentia inquieta, com as últimas palavras da loira se repetindo em sua mente.

— Enlouquece tanto assim? — Perguntou repentinamente, rompendo o silêncio e desligando o próprio computador. A essa altura sabia

perfeitamente o quanto mexia com Laura, mas gostava de desfrutar das palavras que saíam daquela boca.

— Faz o teste... — provocou-a, repousando uma mão sobre o joelho de Elisa e o acariciando sobre a calça.

— Boa tentativa, mas não vou tirar a roupa pra você.

— Não pensei que fosse. — Laura fechou a tela do notebook e começou a se inclinar sobre a chefe. Suas cadeiras estavam coladas, facilitando o contato. — Já disse que vou te dar tempo o suficiente para me imaginar e desejar aí dentro... — comentou ao brincar com o primeiro botão da camisa de Marques, ameaçando desabotoá-lo. Quando a mais velha se deu conta, a primeira casa havia sido aberta.

— Suas mãos são muito ousadas, *senhorita Garcia*... — disse, olhando para baixo e percebendo que Laura agora mexia no segundo botão de cima para baixo. Elisa falava com sensualidade na voz, desfrutando do desejo que a loira emanava.

— E como a gente barra uma ousadia? — Perguntou, no instante em que abriu a segunda casa.

Laura movia as mãos sem cortar o contato visual com a face. Elisa muito gostava quando ela oferecia sua atenção, cuidado e graciosidade. Mas, era a Laura provocante que lhe fazia perder o controle até dos próprios pensamentos.

— Com uma ousadia ainda maior.

— Como? — Perguntou em tom provocativo.

A mais velha inclinou-se parcialmente e levou a boca ao pé do ouvido:

— *Sussurrando que na minha imaginação você faz muito bem...*

Os lábios de Elisa se arrastaram pela lateral do rosto até alcançarem os de Laura. Ela os roçava contra os dela em um provocante convite para beijá-la. Ora se afastava para alternar o olhar entre os olhos e a boca, ora voltava a roçá-los ali.

— Meu Deus, Elisa... Como você me diz isso assim...

Laura umedeceu os próprios lábios, ao mesmo tempo em que ia sentindo a respiração se tornando mais profunda e acelerada. Não resistindo à vontade, mordeu com sensualidade o lábio inferior de Elisa, o puxando delicadamente para si. A mais velha esboçou um sorriso entre o beijo e levou sua língua de encontro à de Laura, proporcionando às duas um

pequeno e prazeroso choque. A loira não hesitou em percorrer as mãos pelas laterais daquele corpo e puxá-lo ainda mais. Com apertões na cintura, fazia a morena soltar baixos e abafados gemidos contra sua boca. As mãos de Elisa também a buscaram com desejo; uma oferecia apertões no ombro e braço, enquanto a outra a segurava pela nuca e arranhava com delicadeza aquela região.

Os lábios tocavam-se com suavidade, intercalando entre se chuparem e se beijarem. Selinhos eram oferecidos em meio a troca íntima e apaixonada. Interrompiam o contato por frações de segundos, buscando o mínimo de ar, e logo retomavam com um beijo ainda mais excitante. O escritório, assim como todo o antiquário, estava em um silêncio absoluto àquela altura da noite. Em razão disso, suas respirações aceleradas e pesadas se faziam bastante audíveis entre si, juntamente aos suaves e abafados gemidos. O contato das mãos de Laura estava cada vez mais marcante, demonstrando o quanto desejava a presença daquele corpo. Marques sentiu-se tão guiada e estimulada pelos apertões na cintura, que se moveu da cadeira onde estava e deslizou-se para o colo da outra mulher; sentando-se de lado sobre as pernas dela.

Todos os sentidos da loira se tornaram mais aguçados quando sentiu aquele corpo em seu colo. E ao mesmo tempo em que se aguçaram, se misturaram descontroladamente. As respirações, os perfumes, o contato de pele e o sabor do beijo se fundiam em uma grande e prazerosa sensação. O único sentido que estava em segundo plano era a visão, pois seus olhos se abriam somente por alguns segundos entre a troca íntima de suas bocas.

Elisa muito prezava conduzi-las em um beijo lento para apreciar com calma as sensações que ele a fazia sentir. Gostava de desfrutar inteiramente e sem pressa a textura e o gosto da única boca que ela já conhecia até os movimentos. Seus narizes eventualmente se esbarravam conforme suas cabeças alternavam de lado à procura de um encaixe cada vez mais harmônico. As mãos de Elisa passeavam pela nuca, pescoço e ombros de Laura, enquanto sentia uma das mãos dela se sustentar na cintura e a outra percorrer o corpo até estacionar em suas pernas. A mais velha estava de lado, então a gerente depositou a mão no par de pernas e a acomodou melhor em seu colo. Sem tirar a mão dali, apertou as coxas com força, a fazendo abrir os olhos e encontrar carinho, paixão e excitação em seu olhar.

— Gosta quando te toco assim? — Perguntou Laura em um baixo tom de voz. Ao mesmo tempo em que possuía a intenção de provocá-la, gostava de ir com calma para conhecê-la e entrarem em uma prazerosa sintonia.

Elisa expressou um pequeno sorriso de lado e moveu-se sobre o colo.

— Nunca pensei que fosse dizer isso a alguém... — Sua boca alcançou o ouvido de Laura e deixou uma resposta em forma de sussurro, encorajando-a continuar. — Mas, sim... Eu adoro quando me toca. E gosto ainda mais quando usa sua mão assim.

Laura usou a liberdade oferecida e subiu as investidas até alcançar entre as pernas de Elisa. Quando sua mão apertou a região íntima sobre a calça, a morena precisou beijá-la no pescoço para abafar os gemidos que saíam por seus lábios. Quanto mais seu sexo era apertado e massageado por aquela mão, mais Elisa trabalhava a boca no pescoço alvo; ora beijando, ora mordendo, ora chupando. Entre carícias, desceu alguns beijos pelo colo e região do ombro. Avistou quando o toque de seus lábios proporcionou arrepios que se espalharam pela pele do braço de Laura.

— Que vontade de abrir sua calça bem aqui — confessou, excitando-se ao tocá-la entre as pernas.

Junto ao prazer sensorial, Elisa desfrutava saber que Laura a desejava com urgência. Quanto mais a loira lhe demonstrava em palavras e gestos, mais excitada se tornava. Ela própria não compreendia a intensidade a qual seu corpo correspondia aos estímulos. Tentava controlar-se por medo de conhecer um lado seu que pudesse ser difícil de dominar. Ainda sentia receios em mergulhar naquele mar de novas sensações e não saber voltar para casa. Queria tanto se entregar ela, mas tanto... Que não entendia de onde vinha tudo aquilo. A química com a loira era deliciosamente assustadora.

— Laura, por favor, cala a boca — pediu quase em desespero, temendo não conseguir se manter apenas nos amassos.

A gerente esboçou um sorriso sacana e deslizou o contato para fora daquela região. Ela própria não era capaz de se manter naquela tortura, pois suas mãos ansiavam tocar e sentir aquela mulher desesperadamente. Com a respiração pesada, segurou o rosto da mais velha e a puxou para um beijo. Sua mão fazia carinhos na lateral da face enquanto seus lábios entregavam

movimentos mais intensos; tentando suprimir no beijo o desejo de todo o corpo. A troca mútua durou algum tempo mais, até chegarem em comum acordo que estava na hora de ir embora.



No dia seguinte e na hora combinada, Elisa a buscou e caíram juntas na estrada. A ansiedade e nervosismo habitavam em ambos os corações tão preenchidos de interrogações e expectativas. Em um dos bancos estava Garcia, refletindo sobre as mudanças de sua vida e a existência dos novos sentimentos que vinham crescendo dentro de si. Aquela mulher ao seu lado estava sendo um desafio diário e ao mesmo tempo seu poço de intensas emoções. Com Marques sentia sensações empolgantes e indescritíveis. A adrenalina percorria em seu corpo desde os primeiros contatos, quando batiam de frente e a loira sentia como se fosse uma bomba relógio prestes a explodir. Elisa possuía uma capacidade única de elevar seus sentimentos, sejam eles quais fossem.

A mais velha também refletia sobre sua atual situação. Com o olhar na estrada, constatava o nervosismo se espalhando por toda a extensão de seu corpo. Seria um final de semana inteiro na presença de alguém, na presença dela, da mulher que povoava sua mente e desconcertava os seus sentidos. Não fazia a mínima ideia de como seria o convívio durante esses dois dias. Sentia-se receosa por não saber para onde mover a peça do tabuleiro que já não lhe pertencia. Cada novo passo era um risco.

O percurso de aproximadamente uma hora e meia foi feito em um silêncio quase absoluto. Um silêncio crucial para estabilizarem as emoções e organizarem os pensamentos. Seria uma inédita experiência em todas as categorias possíveis. Era a primeira vez que Laura estreitava a relação com uma chefe, e era a primeira vez que seu coração estava em jogo. Já para Elisa, estava sendo suas muitas primeiras vezes. A relação com a funcionária, a entrega emocional, o intenso despertar físico, o apego, a companhia.

— Chegamos.

Era por volta de oito e meia da noite quando Elisa estacionou o automóvel na garagem coberta que havia nos fundos. Pelo horário, estava escuro demais para que Laura pudesse ver a bela paisagem que servia de cenário. Mas, ao sair do veículo conseguiu avistar algumas luzes pertencentes a chalés localizados a muitos quilômetros de distância. Estavam tão longe, que essas luzes mais pareciam pingos d'água luminosos.

— Que lindo, Elisa! — Comentou assim que saíram dos fundos e caminharam até a fachada.

O chalé era composto por uma entrada em decks de madeira. Seu formato seguia o modelo clássico dos chalés suíços; com linhas retas e o telhado inclinado em forma de triângulo. A fachada era constituída por vidro, e o restante da estrutura, madeiras. O interior era composto por sala, cozinha, banheiro e quarto. O quarto fica localizado no segundo piso, ocupando todo o mezanino.

— Gostou? Vem, vamos entrar. — A segurou pela mão e a guiou para dentro.

— É a coisa mais bonita que já vi! — Expressou-se maravilhada. Seu olhar percorria todo o interior. — Você disse que ele era simples, pequeno, mas é super espaçoso! — Constatava, ainda explorando com sua visão.

— Mas ele é pequeno, todos os cantos são extremamente compactos. Apenas o quarto que é bastante espaçoso, pois ocupa todo o piso de cima.

— Comparado ao seu casarão, realmente. Mas, pensei que fosse menor do que realmente é — explicou. Laura possuía um brilho nos olhos que não passou despercebido pela mais velha. — A decoração é linda, você tem um bom gosto inquestionável.

— Obrigada. — Sorriu.

— Adorei o deck na entrada.

— Amanhã você conseguirá vê-lo melhor, incluindo a arborização daqui. É um refúgio muito revigorante.

— Imagino que sim, mal cheguei e já estou encantada com a *vibe* do lugar. Tão aconchegante...

— Fico muito feliz que tenha gostado, espero que não ache entediante, pois não há muito o que se fazer por aqui. É mais um lugar de descanso para quando queremos pausar a vida um pouquinho. Não tem

internet, mas pega sinal telefônico, então pode usar os dados móveis do celular — informou.

— Está brincando? Jamais acharia entediante estar aqui, ainda mais tendo você de companhia... — Laura aproximou-se e a envolveu pela cintura. — Já comecei a contar as horas para o tempo não acabar — disse carinhosamente, instantes antes de depositar um beijo rápido naqueles lábios. — E quanto ao celular... — O tirou do bolso, desligou e o jogou sobre o sofá que havia na sala. — Não quero ser encontrada.

Elisa sorriu e a guiou pelo chalé, mostrando todos cômodos restantes. Através de uma escada de madeira que dava acesso ao segundo piso, subiu com ela para o mezanino onde ficava seu quarto. A loira encantou-se pelo fato de existir uma janela muito próxima à cama.

— Dá pra deitar e ver as estrelas à noite — comentou Marques.

— Meu Deus, que sonho de lugar! — Disse com encantamento na voz e nas expressões faciais. — É nesse sofá que vou dormir? — Perguntou, apontando para um estofado localizado ao pé da cama.

— Nem pensar. Seu sofá é aquele da sala.

— Tá brincando?

— Estou falando seríssimo. O outro é muito mais espaçoso e confortável.

— Esse daqui me parece ótimo.

— O outro, Laura.

— Como você é má — reclamou, quase fazendo beicinho.

Ao retornarem para o andar de baixo, constataram que já se tratava de nove horas da noite. Sendo assim, Marques apressou-se para resolver as coisas na cozinha. Não queria perder os fogos da virada de ano que costumavam ser soltos pelos habitantes dos chalés vizinhos. Era um espetáculo pequeno e assistido de longe, mas não passava em branco.

— Não sei cozinhar absolutamente nada, nem seguindo receitas, como você. Mas pedi para o caseiro me comprar algumas coisas pela manhã, então vou improvisar algo pra nós.

— Não precisa se preocupar com isso — disse ao aproximar-se dela na pequena bancada da compacta cozinha. — Vou gostar de qualquer coisa produzida pelas suas mãos. — Sorriu.

— Tem alguns congelados e massas frescas para o almoço e jantar de amanhã. Mas, hoje pensei em organizar uma mesa de frios bem

caprichada. Vou fazer algumas opções de pasta, também. O clima por aqui é um pouco frio à noite, então arrisquei e pedi para que ele trouxesse alguns queijos de sabor mais intenso. Você gosta?

— Amo, meus preferidos.

— Que bom. Tenho algumas opções de vinhos tintos encorpados para harmonizar. Me arrisquei com base no que me ofereceu no natal, então deduzi que gostasse. Mas, tenho opções de rose e branco também.

— O tinto está perfeito pra mim. — Laura aproximou-se por trás e a envolveu carinhosamente pela cintura. — Obrigada por ter sido atenciosa e cuidadosa até na escolha da bebida. — A beijou no ombro.

— Ser bastante observadora tem suas vantagens — disse ao se virar e piscar para ela. — Agora deixa eu correr, do contrário passarei o ano novo lavando frutas e picando queijo — brincou.

— Posso ajudar em alguma coisa?

— Não, hoje é tudo por minha conta.

— Ok. Bom, então vou tomar um banho e vestir algo.

— Aproveita e dá uma volta pelo chalé pra conhecê-lo melhor.

Laura assentiu e se retirou da cozinha, deixando-a inteiramente compenetrada em sua atividade. Após um banho relaxante, arrumou-se e se perfumou para estar bonita à mesa. Enquanto Elisa não finalizava, observou com calma cada canto do lugar; conseguindo identificar a personalidade da chefe nos mínimos detalhes. Ao subir para o quarto, não conteve a vontade de tomar um travesseiro com a mão e cheirá-lo. Infelizmente não havia o perfume da morena ali, mas aspirou feliz até mesmo a fragrância do amaciante. Sua última parada foi a área de fora. A iluminação externa permitia que enxergasse os bancos que haviam no deck.

— A mesa está posta — comunicou da porta, a pegando distraída. — Vou tomar um banho e já desço — disse ao dar as costas e voltar para o interior.

Garcia entrou e se deparou com uma linda apresentação sobre a redonda mesa de centro da sala. Havia variedade de queijos simetricamente bem cortados e dispostos na tábua, dentre torradas, embutidos, frutas, pastas, azeitonas e até mesmo palmitos, que arrancaram um pequeno riso da loira. As tábuas estavam perfeitamente bem organizadas e decoradas. Uma garrafa de vinho e duas taças de vidro terminavam de compor a apresentação. Com um sorriso no rosto, sentia o coração apertar de uma

forma diferente. Era como se estivesse inquieto, eufórico e com pressa para bater. Estava tão agitada, tensa e nervosa, que não conseguiu se sentar. Aguardou de pé, olhando para a área externa através da fachada de vidro. Alguns minutos se passaram até que um perfume já familiar invadiu o ambiente. Ao virar-se, lá estava Elisa.

— Você está... — Caminhou de encontro a ela e quase não conseguiu expressar-se em palavras. — Linda.

A mais velha havia surgido com o vestido preto que Laura lhe dera no dia em que foram juntas ao centro. Por conta da noite fria, acendeu a lareira e em seguida sentou-se confortavelmente com Laura sobre o pequeno carpete que havia no chão, em meio a algumas almofadas.

— Pode fechar o meu vestido? — Pediu ao oferecer as costas para ela, que se prontificou em deslizar o zíper para cima. — Obrigada. — Sorriu, voltando à posição e cruzando o olhar com as íris esverdeadas.

— E essa mesa? — Se manifestou a mais nova. — Está um luxo de linda!

— Você gostou? — Perguntou um pouco sem jeito. — Tentei reproduzir a que vi na internet. Salvei a foto.

— Eu não gostei, eu adorei!

A gerente fez as honras e as serviu com o vinho. Começaram a petiscar enquanto dialogavam e se olhavam como se não acreditassem que estavam juntas naquele ambiente. Inicialmente, a conversa abordou assuntos triviais. Mas, com o passar dos minutos, começaram a relaxar e se aprofundar em temas mais delicados e pessoais. A mais nova revelou algumas mágoas que carregava pela mãe, não somente pelo descaso com sua vida e assuntos, mas também pelo fato de Letícia nunca ter aceitado de fato sua sexualidade.

— Minha mãe me respeita, é o mínimo. Mas, às vezes a gente precisa mais que apenas respeito.

— Sem dúvida... — concordou ao escutá-la com atenção. — Em alguns momentos me pergunto como meus pais teriam reagido à minha condição sexual. Nunca saberei...

Elisa também se aprofundou nos próprios assuntos, e contou à loira que faz terapia desde a infância, entre idas e vindas. E que se ela sobreviveu até hoje, foi pelo suporte profissional. Não se curou e tem consciência que

nunca irá ser liberta de tudo, mas aprendeu a conviver com os traumas e cicatrizes, apesar de tudo.

— Um dia eu conto a você toda a minha história. Inclusive, como desenvolvi pavor a sangue.

— Não se preocupe com isso, ok? — Laura buscou a mão de Elisa para seu colo e acariciou-a. Estavam sentadas confortavelmente, lado a lado, alternando a atenção entre a lareira e uma à outra. — Sinto vontade de conhecer cada vez mais sobre você — continuou a falar. — Mas, tome o tempo que precisar.

— Não tem nada interessante sobre minha vida ou passado. Apenas uma triste história — respondeu-a com suavidade na voz. — Enfim... Obrigada por estar aqui. Não nesse espaço físico, mas, nos meus dias.Obrigada por insistir tanto em mim e não ter fugido no meu primeiro rugido. É difícil explicar, mas... — Fez uma pausa enquanto lidava com o nó na garganta e tentava fazer uma boa escolha de palavras. — Com você eu tenho tempo e oportunidade para conhecer um outro lado meu, uma outra versão. Você me dá espaço e vontade para querer explorar o que eu sinto. Uma vez eu disse que você me olha, mas não me vê. Mas... No fundo sou eu que sequer me conheço.

— Fico feliz em ser um ponto positivo na sua vida. — Sorriu, intensificando ainda mais o carinho na mão. — Eu compreendi o que quis dizer quando disse que não se conhece. Mas, acho que no fundo todos somos um pouco desconhecidos para nós mesmos, até porquê... Estamos em contínua mudança. Então, de tempos em tempos precisamos nos reencontrar e nos reconhecer uma vez mais.

— Verdade...

— Eu, por exemplo, tenho conhecido minha nova versão com você. Sei que a magnitude da sua falta de autoconhecimento é diferente da minha, mas...

— É o mesmo princípio — a complementou.

— Exatamente.

Elisa desmoronou silenciosamente ao longo dos anos. Sem alguém para ouvir seu choro, o engoliu juntamente à dor, até o corpo criar anestésico natural. Muitas vezes sentia como se ainda fosse aquela criança de dez, nove, oito anos. Sentia como se estivesse presa na mente dela. No

fundo, temia libertar-se, pois dentro destas versões anteriores residem memórias de quando a vida ainda era boa com ela.

— Tem dias que me sinto submersa feito o Titanic; em um profundo e gélido nada. Sei lá... Acho que a vida é mesmo assim. Há feridas que nunca se fecham...

— Todas as feridas se fecham. As que não se curam, nos matam. E eu não quero permitir que se enterre ou se afunde viva. Você é uma mulher tão linda, tão inteligente e com um coração tão generoso — dizia com suavidade na voz. — Insuportável? Às vezes — riram. — Mas você merece muito ser feliz. — Elisa nada dizia, apenas a olhava com ternura. — Vasos remendados ainda podem abrigar flores — finalizou com um sorriso.

— O que você viu em mim?

— Um charme vampiro irresistível! — Brincou, aliviando a tensão da conversa.

— Idiota. — Riu. — O que nós somos? — Perguntou, transitando do riso para uma séria expressão facial. Seus olhos castanhos buscavam por Laura com anseios.

— Depende do que tudo isso significa pra você. — Garcia deu um gole em sua taça de vinho e continuou a falar. — Do que te faz sentir...

— O que sentimos quando estamos juntas é o que irá denominar?

— Em partes...

Antes que pudessem dar continuidade ao assunto, escutaram sons abafados que indicavam se tratar de fogos. Levantaram-se do chão e se dirigiram ansiosas para o lado de fora. Chegando lá, se depararam com um pequeno espetáculo no céu. Laura tomou a iniciativa de abraçar a morena por trás e aconchegá-la em seus braços. Sem relutância, Elisa desfrutou do aconchego e observou os fogos iluminarem a noite.

— *Feliz ano novo* — murmurou por trás, ao pé do ouvido. A morena apenas sorriu sem desviar a atenção do céu.

Quando os fogos chegaram ao fim, um silêncio quase absoluto se instalou entre elas. Elisa virou o corpo lentamente e seus olhos encontraram a face de Laura parcialmente iluminada pelas lâmpadas externas. Gostava de como aquelas íris sempre a buscavam com atenção e interesse. Ainda sem nada dizerem, permitiram que apenas seus corpos se comunicassem. Suas mãos e braços moveram-se e abraçaram uma à outra. Estavam felizes

e ao mesmo tempo eufóricas. Os corações quase saltavam do peito. O abraço se estreitou um pouco mais quando as mãos de Laura percorreram as costas e puxaram o corpo de Elisa ainda mais para si em uma carinhosa troca de calor.

Marques nunca havia se apaixonado antes, mas ao sentir a paz daquele abraço, o suspiro acarretado pelo cheiro de Laura tão próximo e o prazer sensorial daquela pele na sua, concluiu que, pela primeira vez, aconteceu; estava apaixonada e inteiramente consciente disso.

Ao retornarem para o interior, voltaram a conversar enquanto desfrutavam da belíssima mesa de frios. As conversas já não eram sobre assuntos tristes, pelo contrário; estavam sorridentes e felizes, esvaziando a segunda garrafa de vinho da noite. Todas as suas vontades foram acentuadas pelo álcool. Olhavam-se com carinho e desejo. Um desejo tão manifesto, que quase podiam tocá-lo.

Elegante em seu vestido preto, segurava uma taça na mão e sorvia o líquido avermelhado quando notou a presença do olhar de Laura, que costumava sentir-se quase hipnotizada com o charme e beleza da mais velha. Ao levantar-se e ir para o sofá, a loira buscou o celular que havia largado por ali. Quando ligou e abriu a câmera, começou a fotografar Elisa distraída.

— O que está fazendo?

— Capturando sua beleza.

A morena levantou-se do chão com a taça na mão e caminhou lentamente até ela. Laura estava largada no sofá, sentada com as pernas abertas.

— Então deveria colocar na câmera frontal — respondeu ao subir sensualmente no colo da loira, dobrar os joelhos e sentar-se com uma perna para cada lado. Tal atitude repentina surpreendeu positivamente a mais nova.

— Deveria me deixar dormir na cama com você — comentou ao largar o celular e depositar as mãos no quadril da mulher. As incontáveis taças de vinho a deixaram completamente sem filtros naquela noite.

— O que você quer na cama comigo? — Perguntou, levando a bebida à boca logo em seguida. — Você é muito sem vergonha, senhorita Garcia... — afirmou com sensualidade na voz. Seus olhos estavam um pouco estreitos, consequência do álcool no organismo.

— Nunca disse que não era. — Laura percorreu uma mão pelo corpo em seu colo até segurá-la pela nuca e buscá-la nos lábios.

— *Gosto de como me toca*... — murmurou, trocando a borda da taça pela boca de Laura. — *Gosto de como me beija*... — continuou a falar baixinho. — *De como me instiga*. — Elisa enlaçou o pescoço da mais nova com os braços e tentou manter o equilíbrio da taça, ao mesmo tempo em que correspondia ao beijo.

As mãos de Laura atreveram-se a subir o justo vestido preto até o meio das coxas; oferecendo à mais velha o calor e maciez delas em sua pele exposta. Com as curtas unhas, a arranhou eroticamente naquela região, arrancando suspiros da outra mulher entre os beijos. Sentir as prazerosas investidas fez a mais velha começar a se agitar no colo. Sua mão buscou um dos seios de Laura e o apertou com desejo sobre o tecido. Ao descer um pouco mais, buscou a barra da camisa e mergulhou para dentro no anseio de sentir o abdômen nas pontas de seus dedos. A boca também se movimentou e procurou o pescoço alvo com urgência. Enquanto sua mão tateava dentro da camisa, os lábios beijavam e a língua traçava um caminho úmido pela curva do pescoço. Os dentes mordiam e a boca chupava eroticamente, arrancando gemidos abafados da loira. Levada pelo desejo e vontade de se entregar à Laura, seu quadril começou a se movimentar de forma lenta para frente e para trás, quase involuntariamente.

A mais nova estava enlouquecendo com as investidas em seu pescoço, abdômen, e os movimentos em seu colo. Seus arranhões se tornaram mais fortes, fincando com força as unhas naquela pele tão macia. O perfume de Elisa adentrava suas narinas e tornava o momento ainda mais excitante. Ela queria a entrega, Marques queria entrega, mas chegaram em comum acordo que haviam exagerado no vinho. Não queriam que o excesso de álcool entorpecesse os sentidos e borrasse os detalhes daquela noite. Visto isso, desaceleraram a muito custo e decidiram pausar o momento ali.

Usaram a ocasião em que desfizeram a mesa para acalmarem os ânimos. A mais velha foi a primeira a tomar um banho, e quando chegou a vez de Laura, a morena foi para o quarto se vestir e separar uma roupa de cama. Com um sorriso bobo nos lábios, repassava mentalmente as últimas horas desde o abraço após a queima de fogos. Ao descer para o piso de baixo com cobertas e travesseiro, se aproximou lentamente enquanto via a figura da loira de costas. Elisa sentiu-se nervosa, no entanto, não era um

nervosismo ruim. Soava mais como um frio na barriga por ter a companhia de alguém após tantos anos. Olhar para a mais nova e, nela, conseguir enxergar certa familiaridade na presença, trazia conforto.

— Laura — chamou, fazendo-a virar.

Os olhos verdes inevitavelmente caíram sobre a imagem da morena. Elisa apareceu usando um robe de seda amarrado na cintura. Laura não conseguiu deixar de achá-la extremamente sensual e feminina.

— Trouxe suas cobertas... — continuou a falar, aproximando-se. A morena também não deixou de reparar no pijama que a outra usava. Ele era composto por camiseta de alça fina e um short.

— Obrigada.

Antes de subir para o quarto, Elisa depositou um beijo no canto dos lábios e desejou boa noite. Ela não poderia saber, mas a loira observou seu caminhar até que fugisse do campo de visão.



Quando o dia amanheceu, levantaram cedo para que pudessem aproveitar todo o sábado. Após trocarem de roupa e tomarem um café da manhã, saíram para explorarem os arredores do chalé. Caminhavam juntas, lado a lado, por entre a vegetação que compunha o lugar. Pinheiros eram as árvores mais predominantes. Por questão de segurança, evitaram o afastamento e mantiveram-se apenas nas redondezas.

— A vontade é de nunca mais voltar pra casa — comentou a mais nova. — O ar por aqui consegue ser ainda mais puro que em nosso bairro. A energia de toda essa natureza é tão boa e tão forte.

— É uma paz indescritível, não acha? Gosto muito de me isolar aqui.

— Sim, parece um pedaço do paraíso. É incrível como nem sempre precisamos ir tão longe pra conseguirmos encontrar um respiro e tranquilidade. Às vezes visamos a felicidade naquela viagem dos sonhos para um país distante. Não deixa de ser uma experiência boa e feliz, claro. Mas, também é possível sentir preenchimento de outras formas e em outros lugares.

Marques nada disse, mas a escutou com atenção e absorveu as palavras. Quando retornaram da caminhada, descongelaram o almoço e

preparam uma salada. Laura teve a ideia de almoçarem no deck de madeira, sendo assim, levaram a mesa de centro para fora e encontram uma maneira de deixá-la mais alta. Almoçavam de frente, com a paisagem da natureza servindo de plano de fundo.

— Queria poder inventar uma desculpa para a minha chefe e não ir trabalhar na segunda só pra aproveitar um dia a mais. Será que ela se importaria?

— Tenho certeza que arrancaria a sua cabeça fora.

— É capaz, do jeito que é chata e pega no pé... — implicou, proporcionando na outra um arqueio de sobrancelha ao olhá-la com seriedade.

— Se pega no seu pé, certamente tem motivos.

— Nada. É pura chatice mesmo — segurou o riso. A mais velha a olhava com os olhos semicerrados. — Mas, de fato é uma pena precisar ir embora amanhã.

— Sinto muito te informar, mas mentir pra ela não vai rolar. — A morena resolveu entrar na brincadeira. — Isso que dá misturar as coisas.

— Como assim?

— Você não pode querer pegar a sua chefe e mentir pra ela ao mesmo tempo.

— Droga, achei que fosse ter vantagens nisso tudo — riu. — E agora? Como vou faltar serviço se fiz de você e dela a mesma mulher?

— Boa pergunta.

Em meio a refeição, Elisa se pegava olhando discretamente para a gerente. Nunca antes foi tão confortável olhar para frente e ver um rosto conhecido. Estava apreciando estreitar a relação e criar um vínculo de intimidade. Sua respiração, aos poucos, começou a se tornar apressada ao lembrar da noite de ontem no sofá. Sabia que a qualquer momento não mais se limitariam a beijos e carícias. Marques queria transar com ela mesmo sabendo que precisaria lidar com o que essa entrega viria a acarretar.

Aquele pequeno e singelo convívio no chalé estava sendo crucial para que descobrissem como funcionavam além das paredes do antiquário. Após o almoço, Laura a chamou para disputarem algumas partidas de dama; havia levado o tabuleiro consigo dentro da mochila. Em meio ao jogo, descobriram que ambas eram extremamente competitivas. E após

Laura se revoltar ao ter perdido quase todas as partidas, resolveram fazer uma pipoca e assistir um filme no sofá da sala.

— Você estava roubando, tenho certeza — resmungou a loira.

— Ainda está rendendo isso? Supera que sou muito melhor que você na dama.

— Impossível. Não existe ninguém melhor que eu nesse jogo! Confessa que estava roubando, vai?

— Laura, cala a boca e presta atenção no filme — disse em tom divertido, ao pegar um pouco de pipoca e depositá-la na boca da loira. Hoje era Garcia que estava deitada com a cabeça apoiada em seu colo.

— Esse filme tá muito chato, mais de uma hora se passou e nada aconteceu — bufou.

— Nossa, pensei que só eu estivesse achando isso. — Riram. — Vai mudando de canal e procura outro enquanto vou pro banho.

Elisa se ausentou por alguns minutos e retornou exalando o cheiro suave e marcante de seu perfume. Em seu corpo estava o mesmo robe de ontem, mas, diferente da noite anterior, hoje Laura teve mais que apenas alguns minutos para suspirar com a visão. Ao sentar-se, voltou a acomodar a cabeça da loira em suas pernas. Não estava completamente atenta ao que passava na televisão, pois aquela presença em seu colo eventualmente a distraía. A vontade de tocar o rosto de Laura se fez tão necessária que, quando seu deu conta, as costas de sua mão acariciavam a testa, bochecha e queixo. O carinho descia para o ombro, parte do braço e retornava para a face incontáveis vezes. Observava o arrepio que seu toque proporcionava na pele branca cada vez que as pontas dos dedos desciam pelo braço. Oferecer carinho a ela fazia Elisa sentir como se ela própria estivesse sendo acariciada. Era um momento que jamais imaginou partilhar com alguém. Uma sensação de entrega que não imaginava ser possível sentir.

Uma chuva começou a cair, preenchendo o ambiente com o efeito sonoro. Era oito horas da noite e, ao olhar pela fachada de vidro, perceberam o quão negro estava o tempo lá fora. Quando picos de luzes se fizeram perceptíveis e uma ameaça de queda pairou no ambiente, Laura decidiu pausar o filme para tomar um banho morno antes que a energia caísse de vez. Quando retornou, viu que a morena já não estava no sofá.

— Elisa? — Chamou-a.

— Estou aqui — respondeu da cozinha. — Vim lavar e pegar umas uvas.

Laura se aproximou mansamente e parou ao lado dela na pia.

— A água estava em uma temperatura tão boa — comentou. — Quer ajuda? — Perguntou ao tirar uma mecha do cabelo de Marques do rosto e arrumá-la atrás da orelha.

— Obrigada, mas já terminei — disse com suavidade na voz, virando para ela com um recipiente preenchido por uvas sem caroço.

— Você fica tão bonita nesse robe de seda — afirmou ao passear o olhar com atenção. — Ele é golpe baixo demais, sabia?— Disse ao encurtar a distância e tocá-la na cintura; sentindo o macio e deslizante tecido em suas mãos.

— Por que seria golpe baixo?— Perguntou ao fingir inocência enquanto depositava uma uva na boca da loira e a observava engolir.

— Você quer a resposta sincera?

— Sempre...

Com as mãos ainda naquela cintura, fez Elisa encostar suavemente na borda da pia e depositar o recipiente na superfície ao lado.

— Porque você fica extremamente atraente usando ele.— Apertou a cintura em suas mãos com avidez, transmitindo o desejo expresso em suas palavras. — Ontem, quando você surgiu assim, eu não pude conter os pensamentos.

— Quais? — Instigou-a.

— Imaginei minhas mãos exatamente assim, sentindo-o na sua pele. — Laura começou a deslizar o contato pelo corpo da mais velha. Suas mãos alcançaram o quadril, costas e desceram para o volume da bunda; contornando-a e sentindo suas mãos serem preenchidas. — Me peguei pensando no que você estaria usando por baixo. — As carícias permaneceram na busca e exploração. As mãos sempre ousadas alcançaram delicadamente os seios e começaram a apalpá-los.

A respiração pesada de Elisa dava sinais da excitação proveniente dos toques e palavras. A loira apertava e massageava tão prazerosamente, que não foi difícil desejar ter aquelas mãos dentro de sua roupa, em um contato direto com a pele.

— Vou dar tempo pra que explore essa imaginação.

— E como você me permite explorar? — Perguntou. A loira afundou o rosto na curva do pescoço e começou a distribuir beijos pela região.

— Permitindo que você me toque...

Sem quebrar o contato dos lábios de Laura em sua pele, Elisa a guiou lentamente com o corpo até chegarem na sala.

— E se eu não conseguir mais parar? — Murmurou em tom provocante, encurralando-a na parede mais próxima. — E se hoje eu quiser te tocar até descobrir o que existe debaixo das suas roupas?— Laura a segurou pela nuca e a buscou para um beijo, ao mesmo tempo em que a mão livre ainda estava ofertada sobre o peito.

— Então você terá que me enlouquecer o suficiente — murmurou entre o beijo, desafiando-a. — Terá que me enlouquecer até eu mesma abrir esse robe pra você — provocou.

Nitidamente sob efeito daquelas palavras, Laura mordeu o próprio lábio inferior ao imaginá-la por debaixo daquele tecido. Com a mão esquerda, segurou firme na coxa direita de Marques e a posicionou próxima à altura de seu quadril, a fazendo sustentar o joelho dobrado ali. Dessa forma, conseguiu diminuir ainda mais a distância entre os corpos.

— Não sou muito de obedecer, você sabe. Talvez eu mesma desfaça esse laço. — Com as mãos posicionadas nas pontas dele, não somente ameaçou desmanchá-lo, como começou a puxar lentamente.

— Você é mesmo muito abusada, senhorita Garcia...

— E o que você vai fazer? — Provocou-a com sensualidade na voz. — Me barrar? Ainda está em tempo.

O coração de Elisa estava acelerado e a respiração em um ritmo oscilante. Sentiu as mãos abrirem lentamente seu robe, e em seguida viu nascer naquelas íris verdes um desejo absoluto. As expressões faciais de Laura tornaram-se sacanas, levando Elisa a deduzir que ela muito havia gostado.

Ao abrir o robe, Laura expôs o corpo e o visualizou em uma camisola de seda preta com detalhes em renda na região do busto e barra. Os seios estavam unidos dentro do generoso decote, deixando o colo extremamente atraente. Com as mãos ainda depositadas no robe, Laura o deslizou pelos ombros e o tirou. Ao olhá-la minuciosamente, sentiu-se

excitada ao pensar na ideia de a mulher ter escolhido vestir aquela camisola exclusivamente para ela.

Por não conseguir mais sustentar, Elisa começou a descer a perna pela lateral do corpo de Laura, mas foi surpreendida pela mão da loira a sustentando. Garcia segurou com força e firmeza, voltando a erguer a perna pouco abaixo do quadril. Dessa vez, sem soltá-la. Com a mão livre, apertou alternadamente os seios pelo decote, deixando a morena ofegante.

Com os olhos fixos na boca de Laura, Elisa a buscou para um beijo. Seus lábios roçaram-se suavemente contra os dela e sua língua úmida a procurou sem aviso prévio. Hoje seus movimentos possuíam uma lentidão diferente; queria provar o gosto, a textura e a temperatura daquela boca sem pensar em voltar para casa. Queria sentir todas as sensações orais sem pressa ou agonia, ao mesmo tempo em que ia permitindo que seu corpo se tornasse alvo daquelas mãos tão cheias de atitudes.

O interior de Laura estava tão preenchido de desejos por aquela mulher, que sua boca não se manteve apenas na correspondência do beijo; precisava senti-la em outros pontos. Visto isso, estendeu o beijo para o pescoço, mordeu o lóbulo da orelha, arrastou-se pelo maxilar e queixo, e posteriormente desceu para o decote. Laura inalou o perfume da região e, em seguida, a sentiu com seus lábios. Não somente beijou, mas também distribuiu algumas chupadas pela área exposta dos seios, deixando a pele úmida e um pouco avermelhada.

— Eu posso barrar você aqui e agora se eu quiser. — Elisa deslizou a mão pelo pescoço de Laura e fechou os dedos ali. — Porque eu sempre tive o controle.

— Será que você tem mesmo esse controle? Porque se eu aproximar meus lábios do seu ouvido e disser que transaria com você agora mesmo nessa parede, eu acho que verei outra versão sua. E sabe de uma coisa, Elisa? Você é péssima em fingir que não me quer. Já eu... — Depositou a mão na fina alça da camisola e a deslizou pelo ombro. — Estou louca pra te mostrar o quanto te quero.

Elisa estava tentando manter a postura, mas seu corpo reagia incontrolavelmente a cada provocação. O simples pensamento em se entregar a ela proporcionava reações intensas entre suas pernas.

— Eu sempre digo... Você fala demais, senhorita Garcia. — Elisa subiu a mão pelo pescoço e usou a ponta do polegar para contornar os

lábios de Laura eroticamente. — *Me mostra o que você sabe fazer* — murmurou ao fazer a troca de dedos; usando o indicador e o do meio para provocá-la.

Laura não hesitou em umedecê-los com a ponta da língua e trazê-los para sua boca. Os chupava eroticamente e com suavidade, oferecendo à Elisa as sensações de maciez, umidade e calor; a fazendo movê-los em sua boca e imaginá-los em outra região. Marques estava tão extasiada com aquele prazer visual e sensorial, que quando se deu conta, percebeu que Laura soltou sua perna para ter liberdade com as mãos.

— Você é tão linda — sussurrou ao segurar na outra alça e abaixá-la delicadamente pelo ombro. Com o corpo próximo, mergulhou a mão para dentro do decote e finalmente teve o prazer de sentir o seio de Elisa diretamente em suas digitais.

Laura o apertava, massageava e apalpava ao mesmo tempo em que o sentia preencher um pouco além do que sua mão era capaz de englobar. Tomada por desejo crescente, terminou de descer as alças e deixou a camisola até metade do corpo. Quando expôs a nudez dos seios tão almejados, não foi capaz de conter as expressões luxuriosas.

— Tão gostosa... — sussurrou contra a boca de Elisa.

— Sou? Então me prova — respondeu, a fazendo sentir seu hálito quente. — Faz o que eu sei que nós queremos...

Laura umedeceu os lábios e os percorreu pelo colo até encontrar os seios. Alternando a atenção entre os dois, deslizou pela maciez da pele até alcançar os mamilos. Os chupou devagar e os circundou com a língua ao mesmo tempo em que percebeu a respiração da outra mulher se tornando apressada. Ao aumentar a intensidade, sentiu o mamilo se enrijecer como resposta aos estímulos, se tornando ainda mais gostoso chupá-lo.

Elisa estava ficando ofegante e excitada com Laura apertando e provando seus seios. Suas mãos começaram a percorrê-la até encontrarem o cós do short. Ao puxá-lo para frente, trouxe a loira para si e fez seus corpos se unirem um pouco mais.

— *Vamos pro quarto?* — Pediu Elisa, em um sussurro.

Subiram as escadas em meio a troca lenta de beijos. A mais velha caminhava de costas enquanto ainda segurava no cós do short e era guiada por Laura. Quando atingiram o piso de cima, a loira sentou-se no sofá que havia ao pé da cama e foi surpreendida pelo gesto repentino de Elisa

montando em seu colo. Com uma perna dobrada para cada lado, a morena sentia como se quase não pudesse controlar a si mesma. Havia algo inquieto entre suas pernas, trazendo à tona uma versão que ela própria estava conhecendo junto à Laura.

A luz do quarto estava acesa, permitindo que a conexão visual se fizesse presente entre as trocas de carícia. A imagem dos seios nus agradava Laura, que não hesitou em apertá-los e acariciá-los nos mamilos com as pontas dos polegares. Seus movimentos eram suaves e lentos, oferecendo às duas tempo o suficiente para usufruírem daquele prazer tátil.

O olhar de Elisa alternou entre as íris verdes e desceu para a camiseta. Ao segurar na barra, subiu a peça e a tirou do corpo de Laura. Um sorriso malicioso fixou no canto dos lábios com a exibição dos seios e também abdômen. Admirou a beleza da mulher debaixo de si e percorreu as mãos pelos ombros e colo até alcançar os seios. Eram tão macios e bonitos, que desejou senti-los em sua boca. Seu corpo moveu-se para fora do colo e se ajoelhou entre as pernas. Com uma inclinação sutil, conseguiu levar os lábios até eles e traçar vários caminhos de beijos e suaves chupadas. Laura era tão branca, que foi inevitável não deixar marcas vermelhas. A ponta de sua língua encontrou o mamilo arrepiado e enrijecido. A textura era tão prazerosa, que sua boca o envolveu para prová-lo. Elisa queria poder demorar um pouco mais naqueles seios, mas ansiava trilhar um caminho de beijos e mordidas pelo abdômen. Quando o alcançou, não conteve a vontade de arrastar os lábios, as unhas e também a língua por aquela região; deixando um rastro úmido e avermelhado.

Ao retornar para o colo, uniu a lateral do rosto com a da mais nova e começou a murmurar algumas confissões:

— É tão diferente tocar em você e sentir que reconheço suas curvas, suas linhas, a textura da sua pele, o seu cheiro... — Quando voltou a olhá-la, levou as mãos até os cabelos e desmanchou o penteado de Laura. Os fios loiros recaíram sobre os ombros, atraindo sua total atenção. Era a primeira vez que a via daquele jeito. — Droga, como você é linda... — disse ao observar o comprimento daqueles fios soltos.

Por dentro da camisola, Laura deslizou as mãos pelas coxas até alcançar a bunda e puxá-la um pouco para frente. A inquietude entre as pernas de Elisa se tornou ainda maior com aquela ação, a fazendo segurar e se apoiar nas costas do sofá, pois seu corpo também queria diminuir a

distância. Com a boca no pescoço da loira; a mordia e chupava enquanto se movia lentamente para frente e para trás. Sentada sobre o colo de Laura, tudo pulsava: seu corpo, pensamentos e vontades.

— Porra Elisa... — murmurou, nitidamente excitada pelos movimentos de vai e vem sobre suas pernas. — Que vontade de sentir você nos meus dedos. — A loira percorreu a mão entre as pernas e apertou a intimidade de Elisa sobre a calcinha. — Você sabe o que estou louca pra fazer, não sabe?

— Não... Me diz. Diz com todas as letras.

— Estou louca pra invadir sua calcinha e penetrar você no meu colo...

As palavras de Laura enviaram uma intensa mensagem para o corpo de Elisa, que instantaneamente sentiu seu centro quase se contraindo. Com um sorriso malicioso e os movimentos um pouco mais direcionados, se esfregava sensualmente nas pontas daqueles dedos para provocá-la ainda mais.

— É? E eu tenho certeza que você se encaixa perfeitamente dentro de mim... — Suas mãos soltaram as costas do sofá e seus braços se fecharam em torno daquele pescoço. Elisa estava ofegante e desejava desesperadamente aquele contato. — Não consigo parar de imaginar a sensação.

— Eu sei... — concordou baixinho, enquanto sentia o tecido umedecendo nas pontas de seus dedos. — Porque eu também não consigo parar de imaginar. — Laura mergulhou a mão para dentro da calcinha e a tocou intimamente, arrancando da outra mulher gemidos abafados. Com a ponta de seu dedo do meio, começou a explorar aquele sexo tão escorregadio. Quanto mais descia, mais a sentia molhada.

Enlaçada em Laura, Elisa a tomava nos lábios e se movia sensualmente sobre ela. Precisava senti-la explorando-a, preenchendo-a e a fazendo alcançar um prazer nunca antes sentido. Quando os estímulos em sua intimidade começaram a se tornar mais prazerosos, aumentou a intensidade de como se movia. Precisava de mais daquela masturbação. Queria se encaixar e sentir Laura dentro dela.

A brincadeira dentro daquela calcinha estava levando a gerente à loucura. Seus dedos estavam cada vez mais molhados, assim como sua própria intimidade. Laura estava aprendendo um novo conceito de prazer ao

tocar a mulher por quem estava apaixonada. Seus dedos deslizavam-se na excitação de Elisa de cima para baixo, dando uma atenção maior para a região sensível, inchada e quase pulsante.

— Quero tanto foder você agora, não estou aguentando. — Laura deslizou lentamente o dedo médio para baixo até encaixá-lo. Elisa estava tão molhada, que o penetrou inteiramente sem muita dificuldade.

— *Isso Laura... Assim* — verbalizou em voz baixa, sentindo os movimentos suaves em sua intimidade.Afastou um pouco mais as pernas e começou a rebolar para ditar o ritmo conforme seu desejo aumentava. — Quero você dentro de mim, entrando e saindo...

A sentindo inteiramente relaxada, Laura forçou o segundo dedo devagar e agarrou o pescoço de Elisa com a mão livre. Os movimentos tornaram-se mais apertados e prazerosos para as duas. Conseguiu penetrá-los por inteiro enquanto a sentia os englobando.

— Olha como você me aperta, Elisa... Está tão gostosa, tão molhada...

Marques precisou selar os lábios nos de Laura para conter os próprios gemidos. Uma de suas mãos se agarrou aos fios loiros na base da nuca e a outra se apoiou no ombro. Seu movimento de quadril entrou em sintonia com a penetração, gerando um prazer cada vez mais evolutivo em seu interior.

Elisa rebolava sobre o colo em um ritmo sensualmente provocante e prazeroso. Perguntava-se como levou tanto tempo para sentir aqueles dedos preenchendo e devorando sua intimidade com tanta maestria. Não conseguia e nem possuía planos de parar. Queria se entregar a ela... Mais, mais, mais e de novo. Queria senti-la invadindo e se movendo dentro de seu corpo exatamente como imaginou tantas vezes.

— Laura... — resmungou em meio ao gemido quando a loira, em um gesto repentino, a tomou nos braços e a carregou para a cama.

A chuva começou a cair forte lá fora e a luz do ambiente se apagou, indicando uma possível queda de energia. Por sorte, havia uma grande janela de vidro próxima à cama, trazendo ao ambiente o brilho da lua. A baixa luminosidade proporcionou um clima mais sensual, romântico e instigante para o momento. A camisola de Elisa foi completamente tirada por Laura, que se livrou do próprio short; exibindo uma calcinha boxer de cor branca.

Inteiramente deitada sobre os lençóis, observou a mais nova engatinhando e subindo para cima de seu corpo. A claridade da janela lhe ofereceu a visão parcial daqueles olhos verdes tão apaixonados e banhados de desejo. Os cabelos loiros, soltos, caindo para frente, faziam a bela composição do que era ter Laura Garcia sobre si. E o que Elisa estava entregando para ela naquela noite, era mais que seu corpo. Oferecendo mais que sua cama. Existiam muito mais que peças de roupas espalhadas pelo chão. E quando Laura a penetrava, sentia que o preenchimento ia além do seu íntimo.

A loira distribuiu beijos pelos lábios, pescoço e seios, e demorou-se por ali no anseio de novamente senti-los em sua mão e boca. Marques sorriu involuntariamente ao observar o quanto aquela mulher a desejava. Laura não apenas passava por ela, nem por seu corpo; como também parava, ficava e apreciava com genuína vontade. A ousadia nos lábios da loira a levou a descer o caminho. No entanto, antes de chegar ao cós da calcinha, Elisa a interrompeu com uma forte segurada na raiz de seus cabelos.

Surpresa ao receber um movimento tão forte, Laura esboçou um sorriso malicioso e não prosseguiu; deixou-se guiar pelas vontades da mais velha e voltou para cima. Seus corpos se uniram por completo, e os seios roçaram-se e se mantiveram pressionados uns aos outros. As pernas se entrelaçaram e os pés se buscaram em uma carinhosa entrega mútua. As bocas se provavam até a falta de ar não mais permitir. Ali, naquela entrega, não existia absolutamente nada entre elas. Qualquer desavença, dúvidas ou incertezas haviam sido sucumbidas ao desejo que gritava no roçar das peles.

Laura novamente voltou a ser surpreendida pelo corpo de Elisa virando-se por cima. A boca quente da mulher a chupou e mordeu no pescoço e região dos ombros. Ao se arrastar para baixo, admirou as coxas que preenchiam a boxer antes de livrá-la da peça para que pudesse encontrar seu ponto alvo. Marques expôs o sexo à sua frente e mordeu o próprio lábio inferior em um nítido gesto de desejo. Suas mãos afastaram as pernas de Laura e sua boca a tocou na intimidade, abrindo caminho com a maciez da língua em um movimento ainda incerto. A explorava com a calmaria de quem desejava descobrir como a outra gostava de ser tocada e sentir prazer. Percebeu que estava no ritmo certo quando Laura começou a gemer e se contorcer baixinho. Com os dedos da outra mulher se

entrelaçando aos seus cabelos, aprofundou as investidas e se entregou ao momento. Elisa a lambia e a chupava em alguns pontos distintos para conhecer toda a textura e gosto que Laura poderia oferecê-la. Estava excitantemente macio e úmido. Tão excitante que quase gemeu ao chupá-la; sentindo a própria intimidade se tornando mais molhada que Laura em sua boca.

Ao retornar para cima, Elisa sentiu os braços da mais nova a envolverem pela cintura. Garcia sentou-se na cama e a atraiu, fazendo-a se encaixar e sentar sobre ela com uma perna de cada lado. Na posição em que estavam; sentadas e encaixadas de frente, conseguiam trocar olhares e se tocarem mutuamente. A mão de Elisa percorreu o único espaço que havia entre seus abdomens e desceu com anseio até a intimidade de Laura. Precisava senti-la e prová-la com a ponta dos dedos.

— Elisa... — murmurou ao toque da mão alcançando e masturbando o vão entre suas pernas.

— Não imagina como quero provar você, Laura — provocou-a. — Foder você...

A mais velha a estimulava lentamente, percorrendo a fenda úmida de cima para baixo e afastando com os dedos. Quando a outra mulher também a tocou por dentro da calcinha, se desconcertou e quase não conseguiu prosseguir. Mas, o desejo por sentir Laura por dentro e oferecer prazer a ela era tão grande que tentou não se render, e encaixou delicadamente dois dedos dentro dela. Iniciaram uma mútua penetração entre beijos e gemidos que tornaram-se impossíveis de abafar. Laura estava inteiramente extasiada com a ideia e sensação de ter sua chefe dentro de si.

A posição de seus corpos foi mudando com a influência de Laura, que aos poucos se forçou sobre a morena e assumiu o controle pressionando os pulsos dela contra o colchão.

— Estou louca pra ver você sem essa calcinha...

Elisa estava tão excitada, que quando as mãos da loira puxaram as alças da peça para baixo, a deixando exposta; sua vontade foi pedir que ela eliminasse a inquietação entre suas pernas imediatamente. Estava pulsando de um desejo que lhe tirava a racionalidade.

— Laura, preciso de mais — pediu, com as pernas afastadas. Oferecendo à loira a imagem do que ela tanto quis ver.

— Mais do quê? — Perguntou ao inclinar e repousar o corpo sobre o dela. — Diz pra mim. Ou melhor, pede.

Elisa prendeu as pernas naquela cintura e deslizou os dedos pelas costas, deixando apenas um espaço para que Garcia conseguisse descer a mão e alcançar sua intimidade.

— Quero te sentir dentro de mim.

Laura deslizou o dedo médio e o anelar e os posicionou exatamente onde Elisa queria, mas não a penetrou. A viu inquieta debaixo de seu corpo. Os olhos castanhos, parcialmente encobertos pela penumbra do quarto, estavam ansiosos por aquele momento. Para torturá-la um pouco mais, e a si mesma também — pois não via a hora de senti-la outra vez. Laura começou a movê-los devagar enquanto instigava Elisa com frases *sujas.*

— E como você me quer dentro de você? Assim? — Perguntou ao deslizar dois dedos devagar. — Te fodendo bem gostoso?

Marques estava ofegante e eufórica. Suas unhas fincaram as costas alvas de Laura e começaram a arranhá-la. De seus lábios saíam palavras quase impensantes; fruto do prazer oferecido por aqueles dedos tão bem posicionados. Laura definitivamente *fazia tudo tão bem.*

— Sim... Com força e bem fundo.

Com um sorriso malicioso, A mais nova iniciou movimentos rápidos de vai vem dentro daquela umidade. Elisa estava deliciosamente escorregadia. Ora trazia os dedos para fora, ora a fazia senti-los até o final, exatamente como pediu. Suas costas se tornaram alvo de arranhões cada vez mais intensos, e seus ombros receberam mordidas que inutilmente tentavam camuflar os gemidos.

— Você é tão linda, tão gostosa... Eu poderia gozar bem aqui, ouvindo você gemer.

Laura estava extremamente excitada. Seus dedos invadiam e preenchiam Elisa com cada vez mais força e velocidade. Queria poder fundir-se a ela além do que a física permitia. Embora a noite estivesse gélida, um pouco de suor escorria em regiões como a testa. A pele de Elisa também estava suada, trazendo à tona o perfume que ela fez questão de usar naquela noite. Aquele cheiro era tão único, tão dela, que Laura não deixou de aspirá-lo na nuca. Estava perdidamente apaixonada, não podia negar.

— Você está completamente molhada... Preciso te chupar...

Elisa quase resmungou quando a mulher interrompeu o momento e desceu os lábios por seu corpo. Mas a frustração rapidamente foi embora assim que a língua macia entrou em contato com seu sexo. Sentia que podia gozar bem ali, sendo chupada por ela.

— Laura... Não para...— Gemia ofegante, agarrada ao lençol, enquanto se contorcia ao prazer ofertado pela maciez chupando todo seu sexo em ponto de explosão. — Eu vou gozar pra você.

— Vem, goza nos meus dedos...— Laura virou o corpo de Elisa de costas e a posicionou de quatro com os joelhos dobrados e os cotovelos apoiados sobre o colchão.

Ao se encaixar por trás, a abraçou pela cintura com uma das mãos e transpassou a outra para frente até alcançar a intimidade. Com força, começou a penetrá-la enquanto a sentia se chocar contra a parte frontal de seu corpo. Elisa estava *quase lá*.

— Não para, com força... — pedia. — Me faz gozar pra você...

Sem interromper os estímulos, Laura observava aquelas costas curvadas enquanto pensava em quantas vezes idealizou aquele momento com Elisa. Contudo, nenhuma imaginação fora capaz de proporcionar o prazer que era ouvi-la chamar seu nome com tanta manha. Toda a postura séria, imponente e arrogante de Elisa Marques se desmanchou ali, contraindo em seus dedos e desabando na cama.

A mais nova a buscou para averiguar como se sentia, e prontamente foi desafiada por aquelas mãos femininas agarrando seus punhos e dizendo para onde queria guiá-la. Em um delicioso combate, positivamente surpreendeu-se com a vitalidade de Elisa mesmo após se satisfazer em seus dedos. Eufórica, lutou pelo domínio apenas para excitar-se ainda mais com ela. Estava adorando vê-la entregue às próprias vontades. Deixaram a cama em meio a guerra corporalmente declarada, e mesmo percebendo que possuía mais força, permitiu que Elisa vencesse e a fizesse sentar no sofá ao pé da cama. A luz havia retornado e o olhar castanho foi avistado a tempo. Estava intenso, marcante e vívido. Sentada, a viu ajoelhar-se diante de si e beijar suas pernas. Agradou-se da visão. Os beijos subiram pela região de suas coxas, trazendo o anseio de ter aquela boca em seu centro. Para a estranheza de Laura, a mais velha interrompeu as carícias e ergueu a cabeça. A loira percebeu quando os olhos à frente contornaram o

comprimento de seus fios. Parece que Elisa realmente havia gostado de vê-la com eles soltos.

Sem mais delongas, sentiu o corpo quase dar um espasmo quando Elisa a tocou com os lábios e língua. Seus dedos automaticamente se entrelaçaram aos fios castanhos e suas pernas se afastaram em um oferecimento ainda maior para ela. Portando um sorriso malicioso — que Laura não foi capaz de avistar, Elisa apoiou uma das pernas em seu ombro e mergulhou ainda mais. Agora, não apenas a boca, mas o dedo também a estimulava.

— Porra Elisa... — gemeu entre os dentes.

Laura não sabia se a olhava para entre suas pernas ou se mantinha a cabeça jogada para trás, nas costas do sofá. Estava inquieta, à beira de desmanchar-se naqueles lábios.

— Vem pra mim, Laura...— pediu baixinho, ao interromper os movimentos com a boca para observar como seu dedo estava sendo englobado entre o vai e vem.

O pedido de Elisa foi a peça chave para Laura morrer naquela mão. A mulher que antes não lhe direcionava a palavra estava ali, de joelhos, pedindo. Ofegante, desmanchou em meio a gemidos quando não mais conseguiu segurar o prazer acumulado.

Com a cabeça apoiada nas costas do sofá, sentia os efeitos do orgasmo em seu corpo quando Marques sentou em seu colo com os joelhos dobrados. Suas mãos a tocaram na cintura e sua boca a buscou para um beijo calmo, cúmplice e apaixonado. Deitaram lentamente no estofado e enroscaram as pernas uma na outra. Em silêncio, escutavam somente a respiração enquanto sentiam o coração bater acelerado. Elisa estava com a cabeça apoiada no colo de Laura usufruindo de alguns carinhos em seu ombro. Dentro daquele aconchego, aguardavam o acalmar dos ânimos.

Com o passar dos minutos, a mais velha começou a se tornar pensativa. Não sabia o que viria a seguir, muito menos como dividiria o mesmo ambiente profissional após ter se entregado para ela. O simples pensamento sobre o que acabou de acontecer a excitava. Havia desfrutado o melhor sexo de sua vida e não conseguia esquecer a sensação de Laura entre suas pernas. Elisa estava confusa, não sabia o que seriam uma para outra quando a segunda-feira chegasse. Sequer possuía domínio do que aconteceria nos próximos instantes.

Com a mais velha aninhada em seus braços, Laura também se deixou povoar de pensamentos. A incerteza a respeito de como as coisas funcionariam dali para frente, lhe causava uma chata inquietude. Todavia, conhecia as limitações de Elisa e permaneceria respeitando.

— Isso foi... incrível — rompeu o silêncio. Notava-se que sua voz ainda estava alterada pela respiração ofegante.

— Foi gostoso demais... — Elisa respondeu.

— Poderíamos repensar a folga da segun-

— Nem pensar — a cortou.

— Droga, não custa tentar — riu.

— Está tentando me subornar com sexo, Laura Garcia? — Perguntou ao erguer a parte superior do corpo para olhá-la. Uma de suas sobrancelhas estava arqueada e havia uma falsa indignação nas expressões do seu rosto.

— Ah, vai que dava certo, né? — Brincou, recebendo um tapa nos ombros. — Ai, ai! Que agressiva! — Riram.

Laura a puxou para um beijo carregado de felicidade. Suas bocas sorriam uma contra a outra ao mesmo tempo em que suas pernas se entrelaçavam uma vez mais. A comunicação corporal estava tão fluida e natural, que nenhuma palavra precisou ser dita. O ritmo dos corpos já dizia por si só o que ainda queriam apreciar. Elisa virou por cima e sentou-se encaixada entre as pernas da loira, de modo a unir sua intimidade à dela em um vai e vem hipnotizante para quem olhava de baixo. Seus seios nus e as expressões de prazer estavam levando Laura novamente à loucura. Ali, naquele momento, soube que Elisa montada em seu corpo seria uma imagem difícil de esquecer.

A fricção se tornou cada vez mais rápida, úmida e deslizante com o tempo. Os olhares permaneceram fixos e cruzados até, juntas, desmancharem-se novamente em prazer.

Os corpos suados outra vez se aninharam até estabilizarem respiração e batimento cardíaco. Quando o silêncio se instalou por tempo de mais, Laura decidiu que era o momento de respeitar o espaço e condições de Elisa. Sentindo-se nas nuvens, recolheu a roupa de cama que estava dobrada no canto do sofá e desceu.

Sozinha com os próprios pensamentos, Elisa também se levantou e foi para cama. Deitou com as costas sobre o colchão e mirou o teto. Havia

um pequeno sorriso em seus lábios. Mal se afastou da presença de Laura e já suspirava com as lembranças de tudo o que acabou de acontecer. O cheiro, o toque, a voz, o gosto... Tudo naquela petulante gerente a agradava. Reflexiva, permaneceu divagando em pensamentos por um longo tempo. Não conseguia se acomodar para dormir sabendo que a mais nova estava no piso de baixo. Não depois de tudo o que havia rolado.

No sofá, Laura também não pregava os olhos. Já havia se passado uma hora desde que desceu e acomodou-se entre as cobertas. Estava sendo praticamente impossível esquecer as últimas horas. Na verdade, não conseguia deixar de pensar em nenhum dos momentos vividos desde que chegaram ao chalé. Um pouco receosa, sabia que estava apaixonada por ela e que não possuía qualquer garantia de que Elisa retribuiria. Sequer sabia se a mulher iria querer repetir a transa, ou deixar apenas no chalé as lembranças do que aconteceu.

Em meio a pensamentos, suspiros e interrogações, não se deu conta quando a presença de Marques enrolada a um lençol branco, adentrou o escuro ambiente a passos lentos e suaves. Quando finalmente a sentiu ali, ela já estava agachada próxima de seu rosto.

— Elisa? — Indagou surpresa. — O que houve?

— *Vem dormir comigo...?*



Sem nada dizer, Laura a olhou e tentou enxergar o máximo que pôde daquela face, diante a escuridão quase total da sala. Ainda em silêncio, levantou-se suavemente e recolheu apenas o travesseiro; depositando-o sobre os seios nus, de modo a cobri-los. Em seu corpo havia apenas a boxer feminina e nada mais. Subiram a escada a passos lentos, com Elisa caminhando poucos centímetros na frente. Mesmo com as luzes apagadas, o quarto não era tão escuro quanto a sala, pois a janela próxima à cama proporcionava algum vislumbre de luz exterior. Ainda de pé, olharam-se como se perguntassem o que viria a seguir.

A imagem parcial de Marques enrolada ao branco lençol foi algo que chamou a atenção de Laura. De certa maneira, era a primeira vez que a via envolta a tecidos claros. Após desfazerem a conexão de olhares, a morena soltou aquele lençol e começou a se acomodar em um dos lados. Incerta sobre como se comportar, sentia-se nervosa por estar prestes a compartilhar a cama com alguém. Embora estivesse desejando a presença da loira ali, não conseguia evitar o turbilhão de emoções latejando em sua mente e corpo. Seu coração entrou em um ritmo consideravelmente acelerado quando a mais nova também deitou-se sobre o colchão. Confusas, não sabiam como agir, então limitaram-se a permanecerem caladas.

Aconchegada de lado, sentiu o momento exato quando Laura entrou debaixo do cobertor e envolveu seu corpo nu por trás. Mesmo estranhando a nova situação, uma sensação de conforto invadiu seu interior, permitindo que a rigidez do corpo fosse se transformando em relaxamento. A

respiração rápida, notada pela gerente, tornou-se calma juntamente aos movimentos do tórax. Naquele instante, nada mais foi preciso ser dito. Adormeceram juntas em *forma de concha.*



Quando o dia amanheceu, Laura buscou pela chefe na cama e não a viu. Com o cenho franzido, levantou-se, vestiu uma roupa e desceu do mezanino. Ao atingir o primeiro piso, procurou-a em todos os cômodos e não a encontrou. No entanto, ao se aproximar da porta, a viu sentada no chão sobre o deck de madeira. Elisa parecia reflexiva, olhava para os lados e para cima ao mesmo tempo em que parecia estar colocando os pensamentos em ordem. Para não a incomodar, Laura apenas se aproximou descalça, a passos lentos, e tomou um lugar ao lado.

Sem nada dizer, Elisa a olhou e voltou à reflexão particular. Enquanto mirava para toda a natureza em volta, assimilava e processava tudo o que havia acontecido na noite passada. Seus pensamentos davam ênfase ao último momento compartilhado entre elas. Não que o sexo estivesse fora de seus pensamentos, porém, dividir a cama e a noite de sono com Laura estava tendo um peso muito maior em seu processo de assimilação dos fatos.

Ali sentada, a mais nova alternava a atenção entre as árvores que as rodeavam e Elisa. Ela a olhava e lamentava não poder descobrir o que havia em sua mente. Não sabia se a mulher com quem adormeceu era a mesma que estava ao seu lado agora. Os silêncios de Marques, em alguns momentos, incomodavam-na. Por vezes era angustiante não saber o que esperar, ou como se comportar; embora fosse igualmente excitante aquela aura enigmática.

— Já tomou café da manhã? — Perguntou Laura, não mais conseguindo se manter calada.

— Não, estava esperando você... — respondeu-a com suavidade na voz ao olhar para o lado e oferecer sua atenção juntamente a um pequeno sorriso.

A resposta da mais velha fez a outra mulher enxergar uma brecha para interrogá-la.

— Como está se sentindo? Dormiu bem?

— Estaria melhor se tivesse dormido. Não sabia que você roncava tanto, Laura. Eu quase te empurrei pra fora da cama diversas vezes.

— Ei! Eu não ronco! — Rebateu-a com ar de indignação. — Já você... Se mexe demais! Eu estava mais confortável no sofá — implicou, eliminando qualquer clima estranho entre elas.

— Pois se fôssemos passar mais uma noite aqui, seria exatamente lá que você dormiria! — Exclamou ao se levantar e começar a caminhar para dentro.

— Ei, Elisa! — Chamou-a. — Eu estava brincando! — Disse ao correr atrás e rodeá-la. — A verdade é que dormi igual uma pedra.

— Está tentando se retratar? Tarde demais.

A gerente estava posicionada de frente para Elisa e caminhava de costas, enquanto a olhava e tentava fazê-la parar de andar.

— É sério, juro que sua cama é mais confortável que o sofá. — Segurava o riso ao ver a expressões que a morena esboçava.

— E a minha companhia, Laura Garcia? Não tem nada a dizer sobre ela? — Questionou-a, cruzando os braços abaixo dos seios.

— Foi maravilhoso dormir com você. Era isso que queria ouvir?

— Talvez — respondeu ao pausar os passos e olhá-la. — Agora pode me dar licença?

— Só após desmentir sobre o meu roncado.

— Mas você realmente ronca, não há o que ser desmentido. — Elisa viu o desapontamento preencher a face de Laura. — Agora podemos comer? — Ela também tentava segurar a vontade de rir. — Anda, Laura. Vem...

— É claro que não ronco, tenho certeza que isso é pura implicância — resmungou baixinho ao acompanhá-la até a cozinha.

Sentadas à mesa, comiam entre um diálogo e outro. Marques estava de poucas palavras, ao contrário de Garcia, que se sentia na necessidade de saber o que aconteceria daqui para frente.

— Elisa...

— Oi?

— Estou te achando um pouco distante hoje...

A mais velha aparentava estar com os pensamentos flutuando longe dali — e de certa forma, era verdade. No entanto, todos eles estavam voltados a tudo que dizia respeito a elas. Nos últimos dias havia se dado

conta de que permitiu deixar o espaço entre quem foi e quem é, se tornar grande demais. Todas as emoções que um dia conheceu, ficaram longe o suficiente a ponto de se transformarem em desconhecidas. Contudo, ao lado de Laura, naquela casa, pôde resgatar pequenos fragmentos de antigas emoções. Ou, talvez, pequenas impressões de sentimentos já sentidos. Na companhia da gerente conseguiu ter ideia de como é ter alguém em casa outra vez, assim como partilhar momentos simples, igual aquele café da manhã.

— Estava pensando sobre nosso final de semana...

Laura soltou um suspiro e prontamente a respondeu.

— Sabe Elisa, eu gosto de você — iniciou. A voz estava suave e seu olhar fixo nos castanhos que também a olhavam. — Mas se quiser que tudo o que houve entre nós fique apenas nesse lugar, não terei muito o que fazer.

— Não fala isso, vai estragar a brincadeira.

— Isso o quê? — Confusa, perguntou.

— Você sabe... Isso de que gosta de mim — comentou sem jeito. — Como vamos continuar fingindo que não nos gostamos, se você estraga tudo?

— Hum... Então está confessando que gosta de mim?

— Eu não disse isso — disfarçou ao olhar para o lado.

— Claro que disse, com as suas palavras, mas disse.

Enquanto disfarçava as emoções, tentava evitar fazer contato visual com a loira. Há um tempo vinha se esforçando e lutando contra as próprias travas. Nenhuma entrega era fácil, pelo contrário, possuía grandes dificuldades até mesmo em encarar aquelas íris esverdeadas quando seus sentimentos estavam em jogo. Todavia, a mais nova a despertava tão intensamente, que se tornava quase impossível ser indiferente. Gostava de olhá-la, tocá-la, cheirá-la e senti-la. Seu coração se inquietava cada vez que Laura a rebatia ou simplesmente a chamava em um dia comum. Nos últimos tempos, talvez semanas, Elisa percebeu que a queria como jamais quis alguém. Não havia um dia, data ou momento certo que afirmasse quando aquele sentimento nasceu. Talvez Elisa tenha se apaixonado em um olhar, um toque despretensioso de mãos ou nas incontáveis vezes que Garcia impôs presença debaixo de sua janela. Acredita-se que algo tão forte e genuíno se enraíza com o tempo, através da sutileza dos momentos.

— Queria poder deixar a nossa noite morrer aqui. Também gostaria de ter deixado nosso primeiro beijo naquele escritório — começou a desabafar. Sua voz estava suave e seu olhar tomou coragem para encarar Laura. — Mas eu não consigo — suspirou. — Estou aprendendo a deixar você gostar de mim, e a gostar de alguém de volta. Ontem, por exemplo, quis dormir com você e levei mais de uma hora até conseguir te dizer isso...

— Eu também queria que tivesse sido apenas um beijo. Até porque, você é a minha chefe e... Nossa, olha que confusão. — Riu fraco. — Não sei em qual momento a raiva que eu sentia se transformou em outra coisa. Você é muito diferente de qualquer mulher que já conheci, e isso me atraiu de um jeito que, quando dei por mim, estava envolvida na sua aura. É ridículo o quanto essa frase soa clichê, pois você está longe de ser um. Mas foi exatamente assim que aconteceu.

— Queria poder dizer que você é diferente de todas as mulheres que conheci, mas... Não conheci nenhuma delas. Acho que isso quer dizer alguma coisa — sorriu.

— Eu gosto tanto de te ver assim, sabia? Sorrindo — afirmou ao observá-la com atenção. — Tem se tornado cada vez mais frequente. Talvez isso também queira dizer algo. — Agora foi a vez de Laura sorrir para ela.

Com mais alguns minutos de conversa, a loira contou um pouco sobre si mesma, sobre a relação com o pai, mãe e amigos. E após algumas perguntas da mais velha, respondeu-a se aprofundando sobre sua *amizade colorida* com Sandra.

— Ela me ligou alguns dias atrás, conversamos novamente sobre aquela situação que rolou na viagem. Contei a você, lembra? — A morena afirmou — Foi muito desconfortável e constrangedor pra nós duas, mas conseguimos esclarecer e enterrar o assunto. Nem sei por que ela voltou nele, pra ser sincera.

— Já pensou que talvez essa Sandra goste de você? As ficadas poderiam ter um significado especial pra ela, não sei.

Elisa estava quase inexpressiva. *Quase*. Salvo pelo pequeno desconforto aparente.

— Bom, ela nunca me disse nada.

— Nem tudo é dito em palavras. Se bem que... — Elisa já havia concluído o café da manhã, então começou a se levantar com seu prato e xícara — Você é uma mulherenga — continuou. — Tem que ser muito

louca pra se apaixonar por você. — Terminou de dizer a frase de costas, virada para a pia.

— Por que está dizendo isso? Está com medo de se apaixonar por mim? — Perguntou ao se levantar e ir até ela. — Do *gostar* para a *paixão*, é um pulo, hein, cuidado — disse em tom de implicância.

— Faça-me o favor, Laura. Está se achando demais — respondeu ao se virar de frente. Estava nervosa, mas não deixaria transparecer. Soube fixar a atenção nos olhos da loira e sustentá-la.

— Estou? Noite passada não foi isso que você me passou. A propósito...— Garcia a envolveu pela cintura e a fez encostar na borda da pia com suavidade. — Ontem começamos exatamente aqui, assim, até pararmos na sua cama.

— Sexo. Apenas. Não é assim que você também funciona? Ou se apaixonou por mim?

Laura a encarava confusa, não sabia se Elisa estava jogando ou se havia escutado sua declaração na noite natalina.

— Você já tem a resposta.

A mais nova esboçou um curto e discreto sorriso de lado e se afastou, abrindo espaço para que a morena desencostasse da pia.

— É... Bom, acordamos muito tarde, daqui a pouco já teremos que arrumar nossas coisas — disse sem jeito, um pouco desconcertada. Sempre se sentia dessa maneira em uma conversa sobre sentimentos e emoções.

— Que horas vamos sair?

— Umas cinco está bom pra você?

Ao olhar no relógio de pulso, constatou se tratar de uma hora da tarde. De fato, haviam dormido e perdido toda a manhã.

— Está, sim.

Deixaram os pertences organizados, recolheram e lavaram algumas louças, caminharam um pouco pelas redondezas e assistiram a um filme de comédia. Próximo à hora de partirem tomaram um banho e se vestiram. Assim que Laura saiu arrumada do banheiro, pôs uma música para tocar no celular e começou a conferir a mochila sobre o sofá. Enquanto o fazia, foi surpreendida pela voz da mais velha invadindo o ambiente da sala.

— Estou pronta — anunciou, fazendo a gerente virar-se e encontrá-la arrumada. Laura nada disse, mas a olhou de cima a baixo. — Vamos?

Sem respondê-la, a mais nova apenas se limitou ao contato visual. Uma pequena angústia havia invadido seu peito naquela hora, pois não queria ir embora e deixar para trás as lembranças de uma Elisa tão entregue. Embora respeitasse o tempo e limites da mulher, temia que a realidade amanhã, fora dali, fosse completamente outra. Laura havia se apaixonado por ela e o seu coração estava começando a provar os efeitos desse querer. O corpo desejava tanto aquela mulher, que até ardia. Contudo, havia um outro ardor começando a se tornar proeminente.

— Aconteceu algo?

— Não exatamente, é que... Não queria ir embora — confessou com pesar em sua voz.

Ao notar o semblante triste, Elisa se aproximou e tomou a gentil iniciativa de tocá-la na lateral do rosto em um gesto carinhoso para confortá-la.

— Sei que é reconfortante estar aqui, mas preciso da minha gerente lá no antiquário.— Sorriu ao acariciá-la na bochecha com a ponta do polegar.

Laura a buscou nos pequenos e expressivos olhos castanhos e se perdeu entre eles. Seu peito estava inquieto, quase palpitando. O toque de mão em seu rosto estava agradável ao tato e ao coração. Não entendia como um carinho poderia significar tanto quando vindo de Elisa.

— Eu quero criar uma última memória com você nesse lugar.

Sem conseguir desviar do olhar atencioso de Laura, a mais velha se manteve presa a ele enquanto tentava compreender por que aquela mulher à sua frente fazia tanta questão de estar com ela.

— Qual?

— Uma dança... — sorriu com o canto dos lábios.

— Uma dança? Mas eu não sei dançar. E-eu nunca...

— Nunca dançou? — Marques afirmou com a cabeça. — Então me deixa ser o seu primeiro par? — Pediu ao segurar a mão que estava em seu rosto e guiá-la até seu ombro. — Te deixo escolher a música, já que as minhas são horríveis pra você.

Laura pegou o celular que estava no bolso da calça e o entregou na mão de Elisa que, sem saber o que escolher, encarou o aplicativo de músicas por alguns instantes até digitar sua decisão. Quando a melodia começou a tocar, depositou o aparelho sobre a superfície da mesa de centro

e voltou a encarar os olhos verdes A música escolhida foi ‘*In Case You Didn’t Know – Brett Young*. Seus braços apoiaram-se sobre os ombros à frente e fecharam-se com delicadeza na região da nuca. Nesse momento, sentiu sua cintura ser enlaçada pela mais nova, que eliminou integralmente a distância entre elas. A música escolhida possuía um ritmo lento, então seus corpos, unidos, se moviam com suavidade através da delicadeza dos passos. Estavam descalças e com o olhar fixo um no outro. Elisa sentia-se confortável e aconchegada enquanto seus pés tentavam entrar em sincronia com Laura. Existia uma forte sensação de segurança e tranquilidade sendo transmitida a ela através das íris e dos braços tão envoltos ao seu corpo.

— Não tenho a menor chance de não me apaixonar com você me olhando assim... — Laura se expressou.

— Então esse é o momento em que eu pergunto para quantas você disse isso?

Envoltas ao ritmo lento, a loira uniu a lateral do rosto ao de Elisa e disse algumas palavras:

— Esse é o momento em que eu respondo: *apenas pra você* — murmurou a última frase ao pé do ouvido, provocando um suave arrepio na pele morena. — Posso te perguntar uma coisa? — Continuou a falar contra aquela região sensível, sem interromper a dança.

— Pode...

— Por que sempre me pergunta para quantas eu digo essas coisas? Te incomoda pensar que eu possa dizer e fazer o mesmo com outras?

Elisa hesitou na resposta por não tê-la na ponta da língua. No fundo, nem ela sabia ao certo o porquê do questionamento que fazia.

— Às vezes faço de maneira despretensiosa — respondeu algum tempo depois. — Em outras, por não saber reagir às coisas que me diz.

— Entendi... Mas você ainda não me respondeu a outra pergunta.

— Você disse que seria apenas uma — rebateu-a.

— Droga, verdade — riu. — Mas você pode me responder mesmo assim? — A mais nova afastou o rosto e voltou a buscá-la nos olhos.

— Hum, eu nunca pensei muito a respeito. Não temos qualquer compromisso, mas, não sei... É confuso.

— É confuso aqui...— Laura levou a mão até a testa de Elisa. — Ou... Aqui? — Finalizou depositando-a sobre o peito, próximo ao coração.

— Nos dois — respondeu sem jeito. — Nem sei se devo pensar sobre isso.

— Não sei se adianta de algo dizer, mas você é a única mulher em quem tenho pensado.

— E é certo pensar apenas em mim?

— Olha, nem se eu quisesse que fosse diferente, conseguiria. Sua voz ecoa aqui na minha cabeça o dia inteiro. Preciso mandá-la calar a boca pra conseguir dormir — riram juntas.

— Como você é boba! — Disse em meio ao riso. Elisa depositou alguns fios loiros atrás da orelha de Laura e continuou a falar. — Ontem foi tão especial ver você de cabelo solto. Estava tão bonita...

— Gostou? — Ela assentiu. — Acho que ontem muitas coisas foram especiais, né? Foi tudo tão...

— Sim...

Mesmo sem uma palavra para definir, chegaram a mesma conclusão.

— Você estava incrível, tão entregue.

— É que nunca me senti como na noite de ontem. Jamais tive determinadas atitudes, nem disse muitas daquelas coisas com outra mulher — suspirou. — Só que com você estava tão natural e espontâneo, que eu apenas fui me deixando levar pelas vontades do momento.

— Se arrepende de algo?

— Não.

— Foi melhor que na sua imaginação?

Estavam tão submersas na conversa, que não perceberam a música chegar ao fim minutos mais tarde. Permaneceram com a união de corpos, e olhares sustentados um no outro.

— Muito melhor...

Laura esboçou um sorriso e alternou a atenção entre os olhos e boca de Elisa. Desejou beijá-la e senti-la uma vez mais contra seus lábios, e percebeu que Marques também a olhava com o mesmo interesse. Os instantes que antecediam o beijo sempre eram muito empolgantes e excitantes, principalmente para a gerente, que nunca sabia como a outra corresponderia à entrega. Ainda era tudo muito novo entre elas, e por Elisa nunca deixar claro o que realmente esperava e queria daquela relação, cada passo se tornava um mistério a ser descoberto pela loira. Cada beijo, toque e sorriso que recebia de Marques eram singulares. E embora Laura, muitas

vezes, tivesse anseios por respostas, ela também muito desfrutava daquela sensação de ir descobrindo Elisa aos poucos. Não saber o que viria a seguir era muito estimulante.

Naquele instante compartilhado, a mais nova novamente se viu surpreendida quando Elisa segurou em sua nuca e a puxou para beijá-la. Havia felicidade naqueles lábios e um grande interesse na mão livre que tateou suas costas e desceu até alcançar o volume traseiro do jeans. Marques apalpava e apertava a bunda de Laura ao mesmo tempo em que oferecia a ela o seu beijo.

De olhos fechados, a jovem se deixava envolver por cada investida que recebia. As reações que Elisa causava naquele corpo eram difíceis de serem descritas. Os lábios e língua se movimentavam no tempo e intensidade ideais, como se ela soubesse de cor o que proporcionava prazer em Laura. A mão firme na nuca e sobre a bunda, somada a seu perfume tão próximo, estavam envolvendo os sentidos da loira e excitando-a gradativamente. Conforme explorava cada vez mais o corpo e a boca de Laura, ela se auto conhecia. Era através do contato com a outra que ia reconhecendo a si própria e tudo o que podia sentir em uma entrega. Quanto mais a tocava, a sentia e a provava, mais percebia que gostaria de ir além.

O momento romântico, anteriormente proporcionado pela da dança, transitou naturalmente para um clima que esquentava conforme se aprofundavam na entrega do beijo. A melodia, que já não existia há algum tempo, deu lugar ao silêncio quase absoluto do ambiente; salvo pelas respirações que se tornaram audíveis entre si. Suas bocas também emanavam um pequeno som, principalmente quando a mais velha sugava delicadamente o lábio inferior de Laura e o soltava.

— Elisa... — chamou-a entre o beijo. Antes que pudesse dizer algo mais, sentiu a mão da mulher deslizando para entre suas pernas.

— Algum problema? — Sussurrou ao provocá-la com estímulos sobre o jeans.

Quando afastou os lábios para respondê-la, o celular começou a tocar insistentemente sobre a mesa, emanando um som tão alto, que ecoou pelo ambiente silencioso, atrapalhando o clima. Após atender a chamada, que era de seu pai, as duas resolveram pegar a estrada antes que ficasse tarde demais.

Diferente da ida ao chalé, a volta não foi feita em silêncio, pois embora estivessem tentando processar tudo o que aconteceu no fim de semana, um grau maior de intimidade havia se estabelecido entre elas. Não somente pela noite de sexo, mas, e principalmente, pela entrega emocional. As refeições feitas juntas, as confissões, a caminhada, o filme assistido e o aconchego do colo foram singelos momentos que genuinamente as fizeram mais próximas. Afinal, não necessariamente nos tornamos íntimos quando nos entregamos fisicamente a alguém, mas sim, quando conhecemos uma parcela de seus gostos, alegrias medos e angústias.



Era segunda-feira por volta de duas e quinze da tarde. Uma nova semana de trabalho, de um novo ano, havia começado. Laura estava em frente à loja, tomando um ar na calçada, com sua mente divagando em pensamentos e completamente dispersa do ambiente à volta. Só se reconectou a ele quando viu um par de saltos parando próximo aos seus.

— Posso saber o que faz atrapalhando a visão da minha vitrine?

"*De volta à realidade*." Pensou numa fração de segundos quando escutou aquela voz. Ao subir o olhar, deparou-se com a imagem de Elisa com as mãos na cintura.

— Hoje ainda é três de janeiro, por favor.

— E você já começou mal. A propósito, esteja na minha sala em cinco minutos. Precisamos conversar.

"*O que deu nela, dessa vez?*" Se perguntou em pensamentos, antes de tomar um pouco mais de ar e, posteriormente, se dirigir para o escritório.

Elisa estava na cadeira quando a presença de Laura entrou no ambiente. Seu olhar caiu sobre ela e a contornou de cima para baixo, e o inverso também. A gerente estava usando um dos conjuntos de terno que lhe fora designado como uniforme, e as mãos estavam dentro dos bolsos da calça conforme caminhava para próximo à mesa. Elisa muito gostava desse trejeito que ela possuía ao andar. Em seus pés havia saltos, e o cabelo estava em um alto e impecável rabo de cavalo. Marques precisou esforçar-se para não esboçar qualquer expressão facial que entregasse o quanto aquele visual a agradava.

— O que eu fiz agora? — Perguntou, parando na borda da mesa. Ainda mantinha as mãos dentro dos bolsos.

— Você me deixou uma marca horrível no pescoço, Laura! Vem ver isso aqui. — Elisa girou na cadeira e aguardou a loira se aproximar. — Me diz como vou aparecer assim no meu psicólogo mais tarde? — Reclamou ao mostrar o pescoço a ela. — Estava pior, isso porque ainda disfarcei com maquiagem, hein? — bufou.

Em meio a baixas risadas, Laura a olhava e balançava a cabeça negativamente, achando graça da situação.

— Você ri? — Disse a morena, indignada.

— Esse tipo de situação pode acabar acontecendo, não é algo que se pode sempre controlar, sabe. — A loira segurava-se para não rir ainda mais.

— Hoje eu tenho psicólogo, Laura. Como irei vê-lo assim? — Marques pegou um espelho dentro da bolsa e começou a olhar para o pescoço. A mancha roxa, de fato, estava bastante evidente.

— Diz a verdade a ele, ué. Conta que você transou com a sua gerente.

— Laura! — A repreendeu. — Você não tem o menor juízo — devolveu o espelho para a bolsa e voltou a atenção.

— Eu estou falando sério. Não conta ao terapeuta sobre seus relacionamentos sociais e amorosos?

— Não exatamente assim. Meu Deus, estou com tanta vergonha, que pensei em desmarcar. Você me paga por essa!

— Eu não ia comentar nada a respeito, mas se é assim...

Parada de frente para a morena, Laura puxou a própria camisa de dentro da calça e começou a desabotoá-la fazendo contato visual com a mulher.

— O que está fazendo?!

Após abrir o último botão, a loira ofereceu a visão de seu abdômen exposto. Na pele daquela região haviam duas pequenas marcas roxas, ambas provenientes da boca de Elisa.

— Acho que estamos quites — comentou com um sorriso triunfal, ao mesmo tempo em que ia fechando rapidamente a camisa.

— *Vou me arrepender amargamente por ter designado esse uniforme a você* — murmurou ao pensar em voz alta, enquanto a observava. Não conseguia deixar de perceber o quão bem aquele visual caía em Laura.

— Bom, não quero prosseguir discutindo sobre isso — disse por fim, girando com a cadeira de volta para o lugar, ao tempo em que espantava os pensamentos.

— Claro, porque ficou sem argumento.

Elisa, mentalmente, contou até cinco antes de virar o rosto para a loira e respondê-la:

— Não estou sem argumento, pois fique você sabendo que há uma grande diferença entre deixar marcas em locais visíveis e ocultos. Mas, mesmo assim decidi encerrar o assunto.

— Você? Encerrando uma discussão que provavelmente venceria? Que estranho. Ficou desconcertada com alguma coisa? — Implicou, possuía prazer em tira-la do sério.

— O horário de expediente não permite que eu te dê essa resposta.

— Mas eu quero que você diga. Nas minhas contas... — Olhou para o relógio em seu pulso. — Ainda tenho sete minutos de intervalo.

— Por Deus, Laura, você é terrível! Vamos trabalhar.

— Ainda tenho sete minutos. Bom, agora são seis — informou ao conferir novamente a hora.

— Sério, o que eu fiz pra te merecer? — Comentou, massageando as têmporas.

— Eu sei que sou a sua dose diária de serotonina, pena que você não admite. — Laura se aproximou um pouco mais da cadeira e se encostou de costas na borda da mesa. — Já você, sem dúvida é a minha dose de adrenalina. Porque olha... Entrar nesse escritório é sempre uma aventura diária. Nunca sei com qual personalidade sua vou interagir.

— Não sei por que está me dizendo isso, pois no fundo sei que você gosta. Sei que instigo e mexo com a sua mente. E tenho certeza que um calafrio passa por esse seu corpo cada vez que você gira aquela maçaneta ali atrás — apontou com o olhar.

— É verdade. Sabe que não nego absolutamente nada, não sabe? Então, sim, ele gela quando estou lá fora, mas aquece consideravelmente quando estou dentro. — Laura tinha o rosto parcialmente virado para o lado e o olhar fixo nos castanhos que a encaravam. Suas mãos voltaram a se acomodar nos bolsos, e o tom de voz estava carregado de malícia. — Sabe Elisa... Acho que eu deveria procurar meus direitos trabalhistas.

— Lá vem você... — disse baixinho. A mais velha estava tentando ignorar um a um daqueles flertes — Hum, me diz pra quê?

— Pra te denunciar por agressões físicas. Essas marcas no meu abdômen seriam ótimas provas.

— Não sei por que ainda te dou assunto, Laura — balançou a cabeça negativamente. — Seu intervalo já chegou ao fim, senta, que eu tenho uma tarefa pra você.

— Ainda tenho três minutos.

Elisa respirou fundo ao levantar-se da cadeira, se posicionou de frente para Laura e levou os lábios até o pé do ouvido. O queria seria dito ali, apenas a loira podia ouvir.

— Não escutei uma sequer reclamação quando minha boca estava chupando esse seu abdômen. Pelo contrário, você estava gostando até demais.

— Mas eu-

— Shhh, eu ainda estou falando — murmurou de maneira autoritária, ainda contra o ouvido, fazendo Laura quase morder o próprio lábio inferior. — Agora você vai sentar naquela cadeira e parar de me provocar, pois está impossível trabalhar dessa forma. Estamos entendidas?

Laura quase não conseguiu processar as palavras ditas tão próximas e baixas contra seu ouvido. O corpo de Elisa ainda estava parcialmente inclinado sobre si e o marcante perfume que vinha do pescoço invadia gradualmente suas narinas. Era uma digna e extasiante combinação de elementos.

— Um minuto — informou ao conferir novamente o relógio. — Então ainda tenho tempo e o direito de dizer que você também não se importou quando me tinha no seu pescoço — disse baixinho. — Porém, em algo concordamos... Não está dando pra trabalhar assim. Desde que entrei nessa sala estou suprimindo minha vontade de te beijar.

— Precisamos estabelecer limites aqui dentro — respondeu com a voz um pouco falha. A mais velha também estava suprimindo muita coisa.

— Sim, eu sei, por isso não fiz nada. Mas estou deixando claro que eu queria.

— E você acha que eu não? — Respirou fundo. — Que situação difícil — se afastou. — Ainda mais com você vestida assim... Que péssima

ideia. — Elisa fez menção em voltar para a cadeira, mas foi impedida ao ser segurada pela mão.

— Me diz o que você está pensando e eu prometo que a gente encerra o assunto e eu volto a trabalhar.

— Se eu disser, aí mesmo que ninguém trabalha aqui hoje.

— Agora fiquei ainda mais interessada em saber, me diz... — Laura a tomou pela cintura e voltou a se encostar na borda da mesa. — Por que está tão desconcertada?

— Porque você está extremamente sexy — confessou em um fôlego. — E eu queria muito poder transar agora — continuou a dizer. — Com você vestida assim.

Agora foi a vez de Laura respirar fundo. Havia sido pega de surpresa, pois não esperava receber uma confissão tão direta. De fato, essa estava sendo uma segunda-feira difícil para trabalhar. Principalmente com as lembranças do fim de semana tão frescas e vívidas na mente e corpo.

— Ok, ok, entendi, vamos trabalhar — disse em rápidas palavras.

Visivelmente desconcertada, a gerente voltou a respirar fundo enquanto se afastava e tomava um lugar na cadeira. Se praguejou mentalmente por ter insistido naquela resposta, porque agora precisava lidar com os efeitos em seu corpo.

— Hoje não vou me demorar na loja — anunciou Marques ao se sentar. Ela também estava tentando acalmar os ânimos. — Meu psicólogo só vai poder me atender agora no período da tarde, e eu ainda tenho uma reunião com um rapaz interessado em alguns itens do catálogo. Provavelmente quer negociar alguns preços — informou. — Vim apenas buscar alguns documentos que deixei na gaveta e pedir que você vá ao banco depositar dois cheques pra mim.

Elisa abriu a carteira e os deslizou sobre a superfície da mesa. Ao tomá-los em mão, a mais nova observou a assinatura da mulher com atenção.

— Algo mais?

— Sim, resolva a questão da reforma o mais rápido possível. Quero finalizar as primeiras semanas de janeiro sem pendências.

— Ok, vou tentar entrar em contato com algumas empresas e pedreiros pra saber se já voltaram das férias. Mais alguma coisa?

— Não, apenas isso.

Se olharam em silêncio como se desejassem ou esperassem por algo antes de se despedirem. Laura até cogitou se aproximar para beijá-la, mas resolveu manter a postura profissional e apenas se retirar. Quando chegou à altura da porta, seus passos pausaram e seu corpo virou para trás.

— É... Elisa? — chamou-a, receosa. — Pensei em te convidar pra ir naquela doceria mais tarde.

— À noite deve encher muito, Laura. Agradeço o convite, mas...

— Hoje é segunda-feira, fica praticamente às moscas. Aceita? Tenho algo importante pra te dizer.

— E não pode ser dito agora?

— Não.

— Isso está me parecendo chantagem.

— Talvez — sorriu de lado. — Bom, se quiser saber o que tenho a dizer, me encontre às nove em frente a cafeteria — piscou antes de sair.



Laura foi ao centro da cidade e fez os depósitos solicitados. A única desvantagem em morar em Hills Dale era precisar ir tão longe para conseguir encontrar uma agência bancária.

Assim que saiu em busca de um bom local para chamar um táxi, se deparou com uma imagem familiar passando pela calçada.

— Ei — disse a loira ao abordar a criança. — Lembra de mim?

— Oi! Lembro sim, você estava com aquela tia que comprou meus chocolates. — Sorriu.

"*Elisa morreria por dentro se escutasse isso*" — pensou. — Sou eu mesma! — Sorriu de volta. — Você vem todos os dias pra rua? — Perguntou com certo pesar em sua voz. Ele apenas assentiu com a cabeça. — E o seu irmão, onde está?

— Não sei, deve tá vendendo coisas por aí, ou procurando trabalho — deu de ombros como se tanto faz.

Laura pensou em perguntar sobre os pais, mas conteve a curiosidade. Temeu ser um assunto delicado.

— Eu preciso voltar a trabalhar, mas quero te fazer um convite — disse, recebendo do menino um olhar atento e interessado. — Quer comer

um hamburguer e tomar um milkshake comigo? — Sorriu de maneira simpática.

— De verdade, tia? Eu nunca tomei um milkshake, mas quero muito! — Aceitou com alegria.

— Claro que é de verdade! — Esboçou um sorriso ainda maior ao ver a felicidade estampada na face da criança após um convite tão simples. — Maaas, antes a gente precisa se apresentar. Eu me chamo Laura. Qual o seu nome?

— Vitor!

"*Vitor... Que coincidência.*" — pensou consigo mesma. — Ok Vitor, então agora podemos lanchar!

Sentados um de frente para o outro em um *fast food* local, tentava coletar sorrateiramente algumas informações sobre a vida do menino. Descobriu que ele possuía oito anos e que, de fato, morava sozinho com o irmão que já era maior de idade. Pelo que havia compreendido, ambos não tinham convívio com os pais.

Ao observá-lo, percebeu que comia com bastante pressa, aparentando estar com muita fome. Foi inevitável não sentir o coração apertar, principalmente quando refletiu a respeito daquela ser a realidade de muitas crianças.

— Está gostoso? — Sorriu amigavelmente.

— Muito! Comeria isso todos os dias!

— Todos os dias pode fazer mal, mas sempre que a gente se encontrar, comeremos juntos, o que acha?

— Obaaaa! — Exclamou com alegria.

Infelizmente o horário estava apertado e Laura não pôde se demorar. Visto isso, assim que o menino concluiu a refeição, os dois foram embora.

— *Vitor, o que está fazendo aqui?*

Uma voz masculina soou no ambiente quando deixaram a lanchonete e pisaram na calçada.

— A Laura me trouxe pra comer hamburguer e milkshake. Olha! — Mostrou uma bolsa de papel. — Ainda estou levando pra casa.

— Oi... — disse a loira, sem jeito, olhando para o rapaz que aparentava ter um pouco mais de vinte anos.

— E de onde vocês se conhecem?

— Ela e uma outra tia compraram todos os meus chocolates aquele dia que fui pra casa. Lembra?

— Ah... — olhou receoso para a mulher. — Sou o irmão do Vitor — se apresentou.

— Prazer, me chamo Laura — respondeu educadamente.

— Me chamo Vinícius — sorriu sem jeito. — Desculpa se meu irmão importunou vocês de alguma forma.

— Oh não, relaxa, ele não fez isso — esboçou um fraco sorriso.

— Sei que não é certo deixar uma criança tão pequena como ele vendendo coisas nos sinais enquanto faço uns bicos por aí, mas... — O homem repentinamente tentava se justificar. — Infelizmente minha situação está muito difícil. Estou sem emprego faz muito tempo, eu o crio sozinho e ainda pago aluguel. Ou é isso, ou a gente fica sem ter o que comer.

Laura sentiu um forte aperto no peito ao escutar aquelas palavras. Embora sequer conhecesse o homem que estava na sua frente, e não soubesse se aquelas palavras eram verdadeiras, sabia que a dura realidade de Vitor era real e estava bem ali, diante de seus olhos.

— Você teria algum telefone pra contato? Vou ver o que consigo fazer...

O homem ditou alguns números e ela os salvou na agenda do celular. Após isso, se despediu de Vitor com um carinho em seu cabelo e tomou um táxi de volta para o antiquário.



Ponto de vista Elisa Marques

Estacionei o carro e comecei a subir uma íngreme escada que dava acesso ao consultório particular do Sr. André Rodrigues, meu terapeuta. O chamo por esse tratamento desde criança; tendo em vista que entre idas e vindas, ele é meu psicólogo há vinte e quatro anos. Sim, é um longo período escutando sobre a vida de um mesmo alguém.

O consultório do Sr. André é extremamente aconchegante; não apenas pela decoração vintage que eu particularmente muito aprecio, mas também por se tratar de um espaço bastante individual. Não possui recepção, nem algum hall de espera, é apenas uma espécie de escritório onde recebe seus pacientes entre um largo espaço de horas. Para uma pessoa como eu, que odeia ter de interagir socialmente, é excelente.

Após duas batidas na porta, lá estava ele em seu suéter xadrez e óculos de armação grossa. Pelas minhas contas, André deve estar com um pouco mais de cinquenta anos.

— Boa tarde, Elisa.

O cumprimentei e prontamente tomei um lugar na poltrona de couro. Atrás de mim havia uma grande estante repleta de grossos livros; possivelmente sobre assuntos relacionados a psicologia.

— Como estamos hoje? — Ele perguntou. Eu própria acabei me fazendo aquele questionamento. Era sempre assim quando entrava naquela sala e me sentava de frente para ele.

— Bem, eu acho — verbalizei e o vi me observar como se aguardasse uma resposta mais ampla. — Hoje é um daqueles dias sem lembranças ruins e sem datas significantes como aniversário de vida ou morte. — Agora minha resposta pareceu satisfazê-lo.

— Um dia sem influências emocionais.

— Sim...

Eu olhava com atenção para André enquanto o observava anotar algo em seu caderno. Ele já me conhece há tantos anos, que poderia fazer uma biografia com base nas incontáveis anotações que tem sobre mim.

— Vamos começar... — tossiu seco. — Quero que me conte como estiveram suas emoções na última semana.

Respirei fundo, firmei as mãos nas extremidades dos braços da poltrona e comecei a respondê-lo.

— Minhas emoções oscilaram bastante, estive apreensiva, nervosa, empolgada, receosa, feliz e ao mesmo tempo temerosa.

— Aconteceu algo diferente que desencadeou nessas oscilações?

— Sim.

— Certo. Daqui a pouco falaremos a respeito. Antes eu gostaria de perguntar se conseguiu identificar a transição pelas quais suas emoções têm passado nos últimos meses. Você saiu de um estado de estagnação

emocional, que mantinha sempre a mesma constante de sentimentos como solidão, vazio e melancolia, para picos de nervosismo, expectativas, alegrias, receios... — ele pontuou. — Não vejo um perfil emocional semelhante a esse, em você, desde quando reinaugurou a loja de antiguidades.

— Não, não identifiquei — respondi de imediato. Eu sabia que estava diferente, mas, de fato, não havia tomado consciência dessa transição, ou quando exatamente havia ocorrido. — Tenho vivenciado novas situações, talvez seja isso — expliquei.

— Ok, agora vamos voltar a parte onde você me disse ter feito algo diferente. O que seria, exatamente?

— Você lembra da Laura?

— Certamente, é o assunto que mais temos abordado nas últimas semanas. — Me respondeu com suavidade na voz. — Suponho que ela seja o ponto inicial de todas essas oscilações?

— Acredito que sim... — Olhei para o lado como se buscasse a resposta em algum ponto qualquer. — Ela me desperta um coquetel de emoções.

— E como você tem lidado com esse coquetel?

— A princípio tentei barrar cada pensamento e emoção justamente para não precisar lidar com isso. Seria um enorme problema me deixar levar pelo princípio das vontades.

— Por que você enxergava a situação como um problema?

Eu estava sentada de pernas cruzadas quando comecei a bater o salto suavemente contra o piso através de rápidos e constantes movimentos. Falar sobre Laura notavelmente mexia com minhas emoções.

— Porque eu não queria sentir.

— O que você não queria sentir?

— Carinho, desejo... — falei um pouco sem jeito.

— Isso foi a princípio, mas e atualmente? Você quer ou ainda tenta subir aqueles muros de defesa?

— Não se tornou uma questão de querer ou não, simplesmente aconteceu, fugiu do meu controle. Até tentei subir os muros de sempre, mas a Laura escalava.

— Então você via a situação como um problema porque não queria sentir. Logo, sentir seria o problema aqui. Você sabe me dizer por quê?

O sr. André era sempre muito assertivo em suas perguntas. Muitas vezes me submergia em um mar de questionamentos que me fazia refletir por horas, dias ou até mesmo semanas, até me fazer dizer em voz alta a resposta que eu própria precisava ouvir. Ele me fazia buscá-las em lugares que eu imaginava serem inacessíveis dentro de mim. Contudo, para a pergunta de hoje eu já tinha uma resposta.

— Porque eu senti medo de criar afeto por alguém e depois... — hesitei por alguns instantes. — Perdê-lo.

— Hoje não vou falar sobre esse seu medo, pois já trabalhamos bastante sobre ele e você identificou de onde vem. Vamos focar no seu posicionamento atual em relação a esse sentimento. Certo?

— Ok.

— Como você está equilibrando esse medo com os sentimentos que essa moça te desperta?

— Hum... Acho que estou me entregando em partes, pois não consigo evitar sentir tudo o que sinto por ela. Laura me desperta algo tão forte, que consegue transpassar a barreira desse medo. Mas ainda sinto que algo está preso.

— De que maneira identifica que há algo preso?

— Quando não consigo expressar o que sinto por ela... — falei em voz baixa, mais para mim que para ele. — É como se a partir do momento em que eu verbalizasse isso, eu tivesse que oficialmente aprender a lidar. E eu não sei se sou capaz.

— Elisa. — André chamou minha atenção, me fazendo refletir sobre suas palavras. — Não acho que consigamos ter a confirmação de algo antes de fazê-lo.

— Eu sei... — concordei ainda incerta.

— Como está o seu humor hoje?

— Bom. Estou feliz. Receosa, mas feliz. Vivenciei novas situações com a Laura que me fizeram bem.

Observei André anotando algo mais em seu caderno.

— E essa Laura... Sente segurança nas ações e sentimentos dela?

— Sim. Muitas vezes tento me sair das investidas justamente porque sei que gosta de mim. Houve um momento na noite de natal em que eu estava sonolenta no colo dela e... — André anotou algo mais. — E eu escutei quando sussurrou que estava apaixonada por mim — suspirei.

Pensar naquela declaração fazia meu peito acelerar e o ar se tornar escasso. — Laura não sabe que eu escutei, pois disfarcei e fingi que estava dormindo.

— E o que você sente por ela? Saberia me dizer?

Aquele era um questionamento que me fiz umas centenas de vezes antes de chegar a uma conclusão.

— Sim... — respondi timidamente, seria difícil dizer em voz alta, e talvez fosse injusto fazer uma pessoa que não fosse Laura escutar aquilo primeiro. — Me apaixonei por ela... — confessei. — É nesse momento que volto à parte em que ainda me sinto presa aos meus próprios sentimentos. Não consigo contá-los à Laura.

— E você deseja?

— Sim. Sinto que ela precisa saber.

— Bem, Elisa... Eu não estou aqui para dizer o que você deve ou não fazer, minha função é fazer você trabalhar os próprios pensamentos e emoções, e, consequentemente, conseguir um efeito positivo em seu comportamento. No entanto... — André consultou folhas anteriores em seu caderno. — Devo frisar que já estamos conversando sobre essa moça há cinco sessões — pontuou. — Conheço você desde que possuía dez anos de idade, e atualmente tem trinta e quatro, então eu acho que o fato de você assumir que está apaixonada, quer dizer muita coisa. — André fez uma pequena pausa em suas palavras, mas logo prosseguiu. — Façamos assim... Eu vou te passar um exercício para casa. — O olhei confusa. — Quero que escreva em um papel tudo o que sente por essa moça. Absolutamente tudo, a nível físico e mental. Tenta esvaziar os seus excessos e confusões. Alguns dias depois eu peço que leia as suas emoções, talvez dessa maneira, estando do lado de fora, você consiga olhar para elas e organizá-las melhor.

— Vou tentar. Mas não sei... Será estranho dizer para um papel o que deveria ser dito a ela.

— Acho que a premissa de escrever já está mobilizando algo aí dentro.

Novamente André estava certo. Me atrevo a dizer que ele sabia mais de mim que eu mesma.

A sessão durou aproximadamente uma hora. Costumava fazê-la uma vez por semana no período da manhã, antes de ir ao antiquário. No entanto,

hoje André precisou remarcá-la para o período da tarde. Antes de recolher minha bolsa e levantar da poltrona, resolvi contar algo para ele.

— Laura usa o cabelo justamente como Suzana fazia — comentei, atraindo de imediato sua atenção para as minhas palavras. — Isso é algo tão bobo e aleatório, mas eu gosto da sensação que sinto quando vejo essa familiaridade.

— Se você realmente achasse bobo, será que teria trazido o assunto pra essa sala? — Voltou a me questionar. — Acredito que essa familiaridade com alguém que foi importante tenha feito Laura ganhar pontos, a princípio. Dentro de você, em algum espaço do seu subconsciente, sempre enxergou um lugar de conforto ao olhá-la. Possivelmente por isso foi mais fácil — ele fez sinal de aspas— permitir que ela se aproximasse. Bom, trabalharemos mais sobre isso na próxima sessão se você se sentir confortável.

— Ok.

Me despedi do sr. André e fui para o meu compromisso com os pensamentos fervilhando. Estava ansiosa para chegar em casa, tomar um banho e fazer o exercício que me foi passado. Quando finalmente o momento chegou, me sentei à mesa de estar com um caderno e caneta em mão. A casa estava habitualmente silenciosa, em contrapartida com meu peito, que parecia querer saltar sobre aquela folha em branco. Decidi pegar meu celular para colocar uma música em volume quase mínimo. Ao abrir o aplicativo, meus dedos digitaram a mesma canção que dancei com Laura no dia anterior. Minha mão estava pausada sobre as linhas vazias quando me ative à letra daquela música. Me identifiquei de imediato com o compositor, principalmente na parte onde falava sobre não conseguir dizer o que pensa.

Tentei minutos afinco, mas nada saiu através da ponta daquela caneta. Se Laura pudesse ver quão patética eu estava...

Amassei a folha de papel em um impulso e a joguei em qualquer canto da sala. Me senti frustrada, mas relevei. Afinal, nunca fui boa com as palavras em nenhuma de suas formas. Deixei aquele exercício de lado e confirmei minha presença às nove horas naquela cafeteria. Admito que estava ansiosa para vê-la, além de muito interessada em saber o que tinha para me dizer.

Após me arrumar e passar uma maquiagem leve no rosto, borrifei uma pequena quantidade de perfume em meu pescoço e saí. A cafeteria era consideravelmente próxima à minha casa, então caminhei por pouco menos de dez minutos. Comecei a me aproximar do local, foi quando avistei Laura sentada em uma das mesas na área externa do estabelecimento. Para a minha surpresa, ela estava com o cabelo solto.

Dei alguns passos adiante, mas não notou minha presença, estava distraída mexendo em algo no celular. Eu muito admirava vê-la vestida formalmente durante o expediente de trabalho, porém, devo admitir que igualmente apreciava quando estava de jaqueta de couro, como agora. Laura me atraía muito como mulher, essa era uma parte da nossa relação que eu já não conseguia disfarçar. Mas eu devo admitir que às vezes me acho desonesta quando demonstro a ela apenas o quanto a desejo fisicamente, quando na verdade a cada dia que passa sinto uma necessidade maior em dizer que admiro a dedicação e o cuidado que tem comigo, mesmo que muitas vezes eu não tenha merecido tanta paciência. Eu queria poder contar que admiro sua inteligência e a excelência a qual vem dirigindo meu antiquário. Queria ter coragem pra dizer que meu coração quase salta pela boca cada vez que ela gira a maçaneta do meu escritório e caminha até a mesa com o jeitinho único de acomodar as mãos nos bolsos. Eu admiro sua coragem em ter jogado tudo para cima quando decidiu mudar de cidade para recomeçar.

Uma vez você me disse que se preciso fosse, teria coragem por nós duas. E essa é a melhor definição sobre o que você é: *valente*. Mas eu não quero ficar parada, como estou agora, vendo você mover as peças do tabuleiro sozinha. Não após ter me apaixonado por você...

Queria poder chamar o seu nome nesse instante e dizer que tenho medo de declarar o que sinto, pois oficializar meus sentimentos me deixaria vulnerável e me colocaria em posição de aceitar que um dia poderei te perder também. Então eu pré-estabeleci que é menos doloroso não ter o seu carinho do que correr o risco de um dia ver tudo acabar. Mas a grande questão é que não posso passar o resto da vida oferecendo apenas o meu silêncio, porque dessa maneira é certeza que uma hora você vai embora. *Droga*.

Me aproximei por trás a passos lentos e assumi uma postura onde meu rosto conseguiu ficar na mesma altura que o dela. Antes de sussurrar

em seu ouvido, não pude deixar de sorrir ao sentir seu perfume. Aquela fragrância pertencia e remetia somente à Laura em minha memória.

— *Cabelo solto e jaqueta de couro é um golpe muito baixo, senhorita Garcia*.

— Elisa! — Disse meu nome ao virar o rosto.

Laura carregava um bonito sorriso nos lábios e um brilho diferente no olhar, como se a sua felicidade tivesse sido pega desprevenida pela minha presença. É curioso como Laura sempre comenta sobre a minha beleza; quando, pra mim, ela é a mulher mais bonita que eu já conheci. Estudos apontam que o tempo necessário para que duas pessoas se apaixonem é de um quinto de segundo; quase tão rápido quanto conseguimos pensar. Isso me leva a deduzir que se eu não tivesse me apaixonado por ela ao longo dos últimos meses, certamente teria me apaixonado agora, com a imagem dessas íris tão encantadas ao me verem.

— Boa noite — eu sorri ao cumprimentá-la. Tomei um lugar na cadeira à sua frente e a olhei com carinho. — Estou pronta para ouvir o que tem a dizer.



Ponto de vista Laura Garcia

Estava entretida mexendo em meu celular quando aquela voz ecoou sobre meus ombros e próxima ao ouvido. Gostaria que todos vocês pudessem saber a sensação de ouvi-la tão de perto. Elisa possuía uma voz firme e aveludada. Seu sussurro, quase sempre, me provocava um arrepio que descia pela nuca e percorria todo o lado do corpo correspondente à localização de onde sua boca murmurava. Hoje não foi diferente, senti a mesma sensação em minha pele quando virei o rosto e me deparei com seu olhar castanho muito próximo à altura dos meus olhos. Tenho certeza que naquele momento, sorri com todos os músculos da minha face.

Marques me cumprimentou e a vi tomar um lugar na cadeira em frente à minha. Ela disse estar pronta para ouvir o que eu tinha a dizer, já eu, havia me acovardado no momento em que escutei sua voz atrás de mim. Eu precisava ganhar tempo para tomar coragem e dizer o motivo pelo qual eu a tinha convidado para aquele encontro.

— Boa noite, Elisa — respondi, ainda portando um sorriso nos lábios.

Meus olhos se dedicaram a olhá-la com atenção e interesse. Estava tão bonita em seu jeans preto e camiseta de gola alta. Pensei em perguntar se aquela peça de roupa havia sido escolhida para esconder a marca no pescoço, mas resolvi evitar essa implicância.

— Já pediu alguma coisa?

— Não, estava te esperando.

Após solicitarmos nossos pedidos, prontamente perguntou o que eu tinha para dizer a ela. Um pouco nervosa, decidi adiar o assunto um pouco mais.

— Podemos falar sobre isso depois? — Perguntei gentilmente. — Antes eu gostaria de saber como foi sua terapia.

Elisa pareceu confusa e surpresa com a minha pergunta, o que me fez pensar que talvez ninguém nunca tenha querido saber como foi seu dia. De qualquer forma, não hesitou em me responder.

— Foi tranquila e consideravelmente esclarecedora. E como foi sua ida ao centro? Conseguiu fazer os depósitos?

— Que bom — eu sorri. — Consegui, sim. Graças a Deus nunca pego fila nos bancos daqui. Ah, deixei os comprovantes com a Débora — informei.

Nosso pedido chegou à mesa, agradecemos e prosseguimos com a conversa.

— Imagino que na sua antiga cidade as filas sejam gigantescas.

— Sim, assustadoras! Quando precisava ir, o horário do almoço nunca era o suficiente, quase sempre precisava pedir meia hora mais.

— Eu posso imaginar o caos. Quando viajo às cidades grandes, percebo que é fila para absolutamente tudo. Não conseguiria viver em um lugar assim, acho que nasci na cidade certa.

— Você nunca pensou em sair daqui, não é?

Perguntei enquanto a observava provar a bebida. Seus movimentos eram delicados até mesmo enquanto comia. Vez ou outra, ela passava a mão nos cabelos e os jogava para trás. Eu precisava me esforçar para não me perder em seus movimentos.

— Nunca. Sou completamente apegada a Hills Dale, à tranquilidade do meu bairro, da minha rua e à minha casa.

Assim que Elisa mencionou sobre sua rua, aproveitei a oportunidade para tentar sondá-la a respeito do deserto que era aquela região.

— Sua rua é meio incomum, né? — Comentei. — É muito silenciosa e não vejo quase nenhum morador por lá. Quase todos os imóveis têm uma placa de venda ou de “aluga-se”.

— Curiosa do jeito que eu sei que você é, deve achar isso bem estranho.

— Muito.

— Há uma razão, envolve o meu passado, um dia talvez eu te conte...

Notei que o assunto a deixou tensa, então o deixei morrer.

— Eu queria muito conversar sobre uma coisa com você. Hoje quando fui ao centro reencontrei com aquele menino dos chocolates, lembra? — Ela afirmou com a cabeça. — Puxei assunto e o chamei pra lanchar. Inclusive, ele ainda lembra de você. Te reconhece como *a tia que comprou todos os seus doces*. — Riu.

— Tia? Era só o que me faltava. Esse menino quer me envelhecer uns dez anos — ela disse em uma cômica indignação. Não contive meu riso.

— Não que você seja uma novinha, né... — impliquei. Eu também não valia nada. A vi revirar os olhos, mas logo ingressei em um assunto importante e tive novamente a sua atenção. — Conversamos um pouco, ele tem apenas oito anos e mora com o irmão mais velho.

— E os pais?

— Não mencionou em nenhum momento. Mas na saída da lanchonete nós encontramos com o irmão dele. Trocamos algumas palavras e eu acabei pegando o contato. Me disse que está desempregado há algum tempo, então pensei em...

— Nem pensar. — Ela me cortou, já sabendo o que eu pretendia propor. — Você nem conhece esse homem, Laura.

— Eu sei, mas... mas ele pode ser uma boa pessoa, Elisa. Só saberemos se oferecermos uma oportunidade. Nos falamos rápido pelo celular antes de eu vir pra cá, e ele me disse que sabe fazer um pouco de tudo. É eletricista, pelo que entendi, mas também trabalha com pintura, jardinagem, faxina. Pensei em te propor pra contratá-lo na reforma da loja. O nome dele é Vinícius. Disse que nos consegue carta de recomendação e que nos informa alguns telefones de lugares que já trabalhou, pra nos certificarmos de que era um bom funcionário.

— Não sei... É muito arriscado colocar um estranho dentro do meu antiquário.

— Compreendo perfeitamente, mas eu posso ficar atenta a ele. O que acha? Eu posso até verificar se tem passagem pela polícia se você ficar muito desconfiada.

— Se comprometeria dessa forma?

— Por aquela criança, sim. Não queria ter que vê-lo pelas ruas, me corta o coração. Sei que seria um emprego temporário, mas poderíamos tentar conseguir algo fixo pra ele em algum momento.

— Não sei se estou muito certa disso, mas tudo bem. — Soltou um suspiro pesado, se dando por vencida. — Mas eu quero que seja absolutamente tudo de papel passado, ok? Vou gerar um contrato pra ele assinar.

— Obrigada! Obrigada! — Falei com alegria e envolvi suas mãos com a minha, sobre a mesa. Seu olhar pareceu surpreso com meu gesto repentino, mas não retirou a mão dali. Há algum tempo vinha aceitando a presença do meu toque, carícias, olhares e palavras. — Posso fazer uma entrevista com ele na sua sala, amanhã?

— Na minha sala? Nem pensar. Não gosto de ninguém dentro do meu ambiente.

— E onde você sugere que eu faça a entrevista?

— Se vira. É você que está inventando isso.

Elisa se desfez sutilmente do meu toque e serviu-se da bebida enquanto me olhava por cima do copo. Tenho certeza que naquele momento ela sabia que eu estava contando até cinco. No fundo, eu acho que ela também gostava de me ver irritada.

— Poxa Elisa, não custa liberar o escritório para a entrevista. Não é pra isso que sua sala serve? Você está dificultando porque não o quer trabalhando lá. — Ela pareceu refletir. — Pensa pelo menos na criança, por favor.

— Ok, ok. Você venceu. Que saco — disse impaciente, mas não irritada. Não de verdade. No fundo eu sabia que aquela mulher à minha frente possuía um coração grandioso, só disfarçava isso muito bem. — Mas se algo der errado, Laura Garcia... Eu vou cortar a sua cabeça fora. Esteja ciente.

— Sem problemas! Morrer pelas suas mãos é glorioso.

— Você é muito doida — balançou a cabeça negativamente e riu. Eu adorava quando isso acontecia. O riso e os sorrisos estavam se tornando cada vez mais frequentes entre nós.

— Que horas vai estar na loja amanhã?

— Hum... No período da tarde, provavelmente por volta das três ou quatro. Por quê?

— Ótimo. Então vou marcar a entrevista para um pouco antes desse horário.

— Ok...— Marques se serviu de mais um gole em sua bebida e voltou a falar, me pegando desprevenida com seu comentário. — Algo me diz que você está enrolando pra dizer o que tem aí dentro.

— Dentro de onde? — Disfarcei, ainda tentava ganhar tempo. Minha coragem não havia retornado e eu já não tinha certeza se contaria aquilo... *Outra vez.*

— Da sua cabecinha.

— Na verdade... — iniciei minha fala com a voz baixa. Definitivamente eu não diria a ela o que planejei. — Na verdade não é nada.

— Como assim não é nada?

— Ah... Eu inventei isso pra te convencer a vir me encontrar. Sua curiosidade em saber o que supostamente eu tinha pra dizer, seria maior que qualquer coisa.

— Laura, eu só não vou quebrar uma dessas cadeiras na sua cabeça porque eu sei que está mentindo.

— Não estou.

— Sim, você está. Basta olhar para suas mãos, seus dedos estão se mexendo de uma forma nervosa sobre a mesa. Isso me leva a pensar que é algo importante e que está te deixando aflita.

— Lê expressões corporais agora? — Comentei ao tirar as mãos da mesa e apoiá-las sobre minhas próprias pernas. — Que medo de você.

— Eu leio até mentes.

Esbocei um sorriso sem graça e desviei daquele par de olhos que parecia querer decifrar minha alma. Elisa estava certa, me sentia nervosa e não sabia porquê. Havia planejado me declarar para ela novamente, pois ao que tudo indicava, não escutou minhas palavras na noite de natal. Porém, eu ainda estava na incerteza. E se ela tivesse ouvido e ignorou porque simplesmente não quer saber sobre os meus sentimentos? Aquela dúvida me angustiava e fazia com o que eu recuasse.

— É verdade, Elisa. Não tenho nada a dizer. Esse foi apenas o método que encontrei de fazer você vir me encontrar.

— Eu sei que está mentindo, mas não vou forçá-la.

— Obrigada. Mas... E você?

— O que tem eu?

— Nada que queira me contar?

— Ah sim, tenho algo a declarar.

— O quê? — Perguntei curiosa.

— Você fica linda de cabelo solto — piscou, me fazendo sorrir ao seu elogio.

Nos demoramos na cafeteria por aproximadamente quarenta minutos mais. Conversamos sobre assuntos triviais e também nos tornamos envoltas a um clima que transitava entre flertes e implicâncias. Fazia quase cinco meses que eu a conhecia, e eu já conseguia identificar alguns traços de sua personalidade e comportamento. Pude notar, inclusive, que ela também queria me dizer alguma coisa. Claro que não era o mesmo que eu tinha pra dizer, mas eu sentia como se quisesse me falar algo.

Após pagarmos a conta nos levantamos e começamos a caminhar para longe dali. Sua presença ao meu lado me despertava inúmeras sensações. O coração batia um pouco mais acelerado e o sorriso se fixava em meus lábios; principalmente quando a brisa da noite trazia seu perfume até mim. Eu não queria que nosso encontro terminasse agora, mas também não sabia como estendê-lo um pouco mais, visto que morávamos muito próximas do estabelecimento. Cogitei chamá-la para ir até minha casa, mas já era mais de dez horas da noite e com certeza recusaria. Quando me dei conta, já estávamos em frente ao seu portão. A rua estava vazia, silenciosa e um pouco escura. A iluminação que tínhamos era de um poste ao longe e da lâmpada automática que ficava acima do portão.

— Não vai mesmo me dizer o que guardou por toda a noite? — Voltou a me perguntar. — Eu não mordo — esbocei um sorriso sacana ao olhá-la na penumbra quando me disse aquilo — Ok, em alguns momentos sim...

— O que guardei por toda noite foi a vontade de te beijar.

Respondi e me aproximei mansamente de seu corpo. Levei uma mão até a lateral de sua face e a deslizei para o pescoço. Nossos olhares se encontraram muito próximos e eu enxerguei naquelas íris castanhas o quanto aquela mulher também estava desejando a união dos nossos lábios.

— Então por que você não chega mais perto... — ela me disse baixinho, levando as mãos para dentro da minha jaqueta, me envolvendo

pela cintura e me trazendo para ainda mais próximo. — *E mata a vontade de nós duas?* — Sussurrou contra minha boca.

Expressamos um pequeno sorriso sacana para a outra e unimos nossos lábios com desejo. As mãos de Elisa percorriam por minhas costas no interior da jaqueta, enquanto sua língua úmida e macia se movia lenta e prazerosamente em minha boca. Sempre que nos beijávamos eu sentia como se meu coração fosse criar vida própria. Ele batia tão aceleradamente, que me tirava o ar. Meu corpo também tinha sua reação particular aos beijos de Elisa que, por sinal, eram significantemente excitantes. Tão excitantes, que em determinado momento eu precisava pausar, respirar e tentar controlar o ânimo alterado.

Elisa me atraía, excitava e envolvia muito antes de tocar meus lábios. Sua beleza, elegância e o bom coração — que eu já havia detectado, faziam uma instigante e atraente composição somados à sua personalidade forte e a aura enigmática. Até suas vestes sempre escuras era algo que eu gostava, pois essa peculiaridade pertencia somente a ela.

Necessitamos interromper o beijo quando nossas mãos começaram a buscar pelo corpo da outra com mais avidez. Era nítido o quanto ela me desejava, e isso me deixava feliz. Mas, havia uma parte de mim que questionava se aquela mulher possuía algum sentimento a meu respeito. Algumas pequenas -grandes- atitudes me diziam que sim. Afinal, Elisa não fazia o perfil de alguém que teria me levado a seu aconchego pessoal apenas para transar. Não, definitivamente esta não era Elisa. O convite parar dormir ao seu lado também me pareceu o indício de algo que ia muito além de uma entrega física. Mas eu só teria certeza quando me oferecesse suas palavras e me contasse se possuo algum espaço dentro do seu coração.

— Até amanhã — falei baixinho, ainda contra sua boca. A senti apertar minha cintura antes de, também, deixar sua despedida.

— Até amanhã... — me sorriu.

No dia seguinte, assim que a gerente foi ajudar Débora no caixa para auxiliá-la com o fluxo grande de clientes que surgiram no antiquário ao mesmo tempo; seu coração quase saltou pela boca ao escutar o comentário da funcionária. Débora havia passado de carro pelo bairro na noite anterior e viu quando a chefe e ela estavam sentadas em uma das mesas na região externa da cafeteria.

— Eu até abri a janela do carro pra ter certeza se era isso mesmo que eu estava vendo.

— E o que fazia pelo bairro naquele horário? — Laura disse qualquer coisa na tentativa de ganhar mais tempo para se justificar.

— Estou saindo com um carinha. Não sei se te contei, mas meu namoro não deu mais certo. Então estou saindo com um rapaz pra distrair um pouco a mente e não pensar no término. Não temos absolutamente nada, estamos apenas nos conhecendo. Ontem foi a folga dele e me convidou pra comer alguma coisa. Seu bairro é caminho do meu até o centro, então vi as duas pela janela.

"Meu Deus, o que será que ela viu? Algum toque de mão? Carinho no cabelo?" Questionava-se em pensamentos. — Então... — tossiu seco. — Chamei nossa chefe pra conversar porque precisava tratar do assunto sobre aquele rapaz, o Vinícius, lembra? E por ser um assunto delicado, não dava pra conversar tudo por telefone. Eu precisava convencê-la a dar uma oportunidade a ele.

— Lembro. Mas estou muito surpresa pelo fato dela ter aceitado se encontrar com você. Como assim?!— Disse incrédula. — Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, não acreditaria.

— E o que você viu? É, q-quero dizer, e o que tem de mais no que você viu? Apenas um encontro profissional.

— Eu sei que foi um encontro profissional, pois embora você esteja caidinha por ela, nossa chefe jamais te daria mole. — Riu.

— Desde quando estou caidinha por ela, Débora? — Revirou os olhos. — Você ainda insiste nisso? E por que Elisa não iria me querer? Não sou de se jogar fora, ok? — Tentava descontrair o assunto a qualquer custo.

— Ah, conta outra né, Laura? Não adianta negar que você está louca por ela. Todo dia eu observo suas expressões quando a Elisa chega. Diria até que está apaixonada. Ela não percebeu isso ainda não? Não é possível!

— A única louca aqui é você, que insiste nesse assunto. Assumo que ela é muito atraente, isso eu sempre te disse. Mas... Apaixonada por ela? Onde já se viu. Vamos trabalhar que é o melhor que a gente faz.

Débora preferiu não insistir naquele assunto. Contudo, a reação um pouco alterada e nervosa da loira ofereceu a ela ainda mais certeza sobre a própria opinião.

Quando o horário da entrevista estipulado por Laura chegou, a gerente viu o rapaz entrando no antiquário acompanhado da presença do irmão.

— Laura! — Disse a criança, correndo, ao vê-la no meio da loja.

— Oi garotão, tudo bem? Que surpresa boa te ver! — Bagunçou o cabelo do menino, ao mesmo tempo em que o sentiu abraçar sua cintura.

— Boa tarde, Laura. Não sei se errei em trazer meu irmão, mas ele insistiu muito quando eu disse que estava vindo ver você.

— Boa tarde. Não, tudo bem, sem problemas. — Ela sorriu. — Trouxe sua carteira de trabalho e documentação pra que eu dê uma olhada?

— Sim, e um currículo atualizado também.

— Ótimo. Então vou pedir que me acompanhe, por favor.

Laura caminhou em direção ao escritório, mas fez uma pausa no balcão para falar com Débora.

— *Pode olhá-lo pra mim enquanto estarei em entrevista? Porque se essa criança quebrar algo da Elisa lá dentro, principalmente aquele navio, temo que você nunca mais me veja outra vez* — disse em um sussurro, fazendo sinal de corte na região do pescoço.

— Pode deixar — riu. — Você me faz companhia enquanto seu irmão está com a Laura, rapazinho? — Perguntou Débora, olhando para a criança, que assentiu positivamente com a cabeça.

Algum tempo depois a gerente reapareceu no balcão com Vinícius. Laura havia feito algumas perguntas padrões, conferiu os registros e observações na carteira de trabalho e anotou a documentação do homem. Feito isso, o levou até o segundo andar para mostrar os problemas com a infiltração e pintura. Se agradou bastante da conversa que teve com ele, além de não ver qualquer anormalidade na carteira de trabalho. Faltava apenas Elisa aprovar e contratá-lo para o serviço.

Antes de se despedir de Vinícius e do irmão, Vitor se mostrou interessado pelo ambiente à volta. Principalmente pela exuberância do lustre que era a o ornamento principal do antiquário. Em razão disso, a loira decidiu segurar em sua pequena mão e guiá-lo por todo o salão, mostrando a ele alguns enfeites e objetos. Assim como Laura, a criança muito gostou da seção das caixas musicais. Enquanto os dois faziam um tour pelo lugar, Vinícius aguardava próximo ao caixa.

— Tudo isso é seu, Laura?

— Oh não. — Ela riu. — Lembra da moça que te comprou os chocolates? Então, é dela. Se chama Elisa.

— Ah... — Pareceu pensativo. — E o que você é dela?

"*Boa pergunta*" — pensou. — Sou funcionária, trabalho aqui.

Distraída com a criança, não percebeu quando a morena chegou à loja. Quando se deu conta, a criança já apontava.

— Olha lá ela! — Ele exclamou, fazendo Laura olhar para trás e avistá-la.

"Esse menino é muito bom em decorar rostos" — pensou.

Elisa caminhou a passos lentos, observando minuciosamente o ambiente ao redor. Quando seus olhos alcançaram Laura e a criança, automaticamente o reconheceu.

— Oi Elisa! — Disse ele ao erguer o braço e acenar.

Sem saber como se portar, Marques apenas deu continuidade aos passos até parar de frente para os dois.

— Oi Elisa, lembra de mim? — A criança voltou a falar. Laura, que estava ao lado dele, percebia que o menino estava esperando da mais velha o mesmo comportamento simpático que recebeu dela.

"Meu Deus, a Elisa também não sabe lidar com crianças." — A loira constatou, vendo-a estática de frente para o menino. "Espero que ele não a abrace como fez comigo. É capaz dela surtar" — torceu, em pensamentos.

— Oi, claro que me lembro. — Ela sorriu de maneira simpática, surpreendendo Laura e também Débora, que observava tudo do caixa.

— Vitor, já está na hora de irmos — disse Vinícius, se manifestando.

— *Vitor...* — Sussurrou Elisa. Aquela criança à sua frente possuía o mesmo nome de seu falecido pai.

— Ah... Tudo bem — respondeu um pouco frustrado. — Até outro dia, tia Laura. Tchau Elisa! — Ele sorriu para elas, correu e segurou a mão do irmão antes de se retirarem dali.

Quando os dois foram embora, a mais velha convocou Laura em sua sala para saber como foi a entrevista com Vinícius. Por fim, com base nas respostas que recebeu, decidiu contratá-lo sob a condição de Vitor não mais ir às ruas. Elisa até mencionou que se tudo ocorresse bem na reforma, ela tentaria conseguir uma vaga fixa para ele em algum setor do centro educacional onde é voluntária.



Ainda naquela terça-feira, quando os caixas foram fechados e a equipe se despediu entre si, Laura desligou os computadores e se direcionou à sala dos funcionários para trocar de roupa. Porém, a caminho de onde ia, avistou Marques pela brecha da porta, ela estava com sua dose corriqueira de whisky sobre a mesa. Laura cogitou passar direto, mas resolveu bater e entrar para agradecer o fato dela ter atendido ao seu pedido e dado uma oportunidade a Vinícius.

— Não precisa me agradecer, fiz pela criança. Além do mais, está tudo sob sua responsabilidade, então eu só tenho que enforcar você se tudo der errado.

— Não vai precisar fazer isso. — Riu. — Senti confiança nele. Tem experiência na carteira e me trouxe uma recomendação. Vou supervisionar a obra pra que dê tudo certo.

— Ok, vou confiar na sua percepção sobre o rapaz. Quer se juntar a mim? — Convidou ao pegar um segundo copo. — Estou tomando apenas essa dose. Avisando antes que você pense que vou dirigir bêbada por aí.

— Ora, ora... Está aprendendo. — Laura a observou abrir o frigobar e depositar duas pedras de gelo em um copo e depois preenchê-lo com dois dedos de whisky. — Está precisando de coragem líquida para alguma coisa? — Questionou ao vê-la deslizar o copo para ela sobre a superfície da mesa.

— Não... Você está? — Serviu-se de sua bebida e ficou observando-a com um meio sorriso no canto dos lábios.

— Também não. — A loira ofereceu à Elisa o mesmo olhar fixo. — Débora nos viu ontem e veio comentar.

— Nos viu? Na cafeteria?

— Sim.

— E você acha que desconfia de algo?

— Em partes.

— Não entendi.

— Bom, ela tem certeza que estou interessada em você, mas não pensa que me corresponde. Acho que é quase impossível pra ela acreditar.

— Melhor assim. Não gostaria de tornar isso público aos funcionários.

— Compreendo, é sempre bom evitar fofocas.

— Exatamente. E eu não quero que vejam isso com maus olhos. Nunca se sabe o que podem pensar.

— Verdade. Mas podemos ficar tranquilas, ela não viu nada comprometedor. — Laura deu um gole em sua bebida e voltou a encarar Elisa. — Mas me perguntou se você não percebe que estou interessada. Segundo a Débora: está na cara.

— Devo concordar, você disfarça muito mal. Em dez minutos dessa nossa conversa e eu já te peguei olhando para o meu decote três vezes.

— Eu fiz isso?

Marques apenas balançou a cabeça negativamente e riu daquele cinismo.

— Me pergunto dia e noite como você veio de outra cidade e, por fim, parou bem aqui, na minha porta.

— Destino. Não dá pra gente se livrar uma da outra.

— Não sei exatamente porquê, mas às vezes você me deixa tão irritada. Só que estranhamente eu não queria que nada fosse de outra maneira.

— O nome disso é te-

— Shhh, não complete essa frase.

— Por quê? — Questionou-a com um sorriso sacana nos lábios. — Ai ai, Elisa Marques... Às vezes você me faz rir, sabia? Essa sua pose de séria não dura muito.

— Cala a boca.

— Por que não vem calar? — Se atreveu a dizer. — Também peguei você me olhando muito indiscretamente desde que cruzei aquela porta ali atrás. Então não tente disfarçar, a mim você não engana nem um pouco.

— Você é mesmo muito abusada. — A mais velha se levantou, contornou a mesa lentamente e parou de pé ao lado da cadeira de Laura. — Eu deveria demitir você se... — inclinou-se sobre a loira de modo a levar a boca ao seu ouvido. — Se eu não gostasse tanto disso — murmurou, referindo-se ao que elas têm.

— Então você admite?

— Que você me enlouquece? — Continuou a falar através de murmúrios contra o ouvido. — Sim — afirmou se afastando. — Busca suas coisas, que eu vou te dar uma carona. Já passamos tempo demais nesse lugar.

Laura deixou a cadeira carregando um sorriso malicioso no canto dos lábios. Visto que não iria embora caminhando, não trocou o uniforme por roupas confortáveis. Apenas recolheu a mochila e entrou no carro. Quando Marques estacionou em frente sua casa, um silêncio constrangedor invadiu o ambiente dentro daquele pequeno espaço, mas logo foi rompido:

— Quer entrar um pouco?— Perguntou ao apoiar a mão sobre a perna de Elisa.

— O que você quer comigo lá dentro?— Fingiu inocência.

— O mesmo que você quer comigo — entrou no jogo.

— E o que eu quero?

— Isso você deveria me mostrar.

As duas mulheres estavam inteiramente envoltas à uma aura carregada de desejo. A noite no chalé se fazia fresca em suas memórias, proporcionando nas duas uma forte vontade de sentir aquela conexão outra vez.

— Seria apropriado?

— Desde que se sinta confortável ao entrar, tudo é apropriado. Só preciso te ouvir dizendo que quer. Ou melhor, me mostrando...

— E como eu poderia fazer isso? — Elisa inclinou o corpo parcialmente sobre Laura. — Assim? — Seus lábios encontraram e beijaram de maneira provocante o pescoço alvo.

— Isso...

— De qual maneira mais posso demonstrar? — Sussurrou. — Dizendo com todas as letras que eu quero transar com você de novo?— A mais velha se inclinou ainda mais e percorreu os lábios pela região do maxilar até alcançar o queixo.

— Sim Elisa... Assim. Me diz e me mostra o que realmente quer, sem filtros — instigou-a. — Porque não pretendo poupar palavras pra dizer o quanto quero ir pra cama com você outra vez.

Laura a segurou pela nuca e a buscou nos lábios para um beijo lento e torturante, fazendo-a se inclinar cada vez mais sobre si naquele banco.

— Entra comigo... — sussurrou o pedido entre a troca íntima de suas bocas.

Caminharam em meio aos beijos até atingirem o interior. Quando chegaram na sala, a mais velha desceu as mãos pelos ombros e braços de Laura e a segurou com firmeza pela abertura do terno, depositando uma mão de cada lado.

— Vou tomar um banho e já volto — disse a loira, enquanto distribuía beijos rápidos pelo pescoço.

— Nem pense nisso. — Elisa a segurou com força pelo tecido do terno. — Quero que você me dê prazer exatamente assim, sem tirar esse uniforme.

— Então esse é o seu fetiche? — Perguntou com a voz embriagada de desejo. — Pois saiba que o meu é ter você bem aqui... — murmurou contra o ouvido. — Nos dois lados do meu pescoço.

Elisa expressou um pequeno riso como se afirmasse já saber daquilo. Seus lábios desceram deslizando pelo queixo até alcançarem a pele do pescoço; onde a beijou, mordeu e chupou até que o desejo de Laura não conseguisse ser contido e vazasse através de pequenos gemidos pelos lábios.

— Não consigo parar de pensar na nossa noite de sábado — dizia Elisa entre as investidas naquela região de pele alva. Suas mãos começaram a tatear o corpo à frente e apertá-lo com tamanha urgência. — O que você fez comigo?

— Não sei. Mas o que eu quero fazer agora é... — Laura levou a boca até o ouvido e sussurrou algo *sujo* bem ali, fazendo a mulher morder o próprio lábio inferior ao ouvi-la.

— Acho que você está me deixando louca, porque não consigo parar de pensar nisso. — As mãos de Elisa desceram apertando os seios da loira e contornando a cintura. Queria sentir e registrar cada centímetro daquele corpo à sua frente.

— O nome disso é tesão, Elisa — disse com firmeza na voz, olhando-a no fundo daquelas íris castanhas e intensas. — E você sabe como a gente cura isso? — Agora foram as mãos de Laura que começaram a buscá-la com avidez. A mais velha usava uma saia social e camisa sem manga, com botões. — Se provando até esgotar.

De jaqueta de couro ou de conjunto de terno, Laura Garcia possuía um estilo e *vibe* bastante ousados. Era algo que vinha de dentro para fora e carregava um tom de rebeldia. Elisa Marques caminhava na linha tênue entre odiar e igualmente se ver enlouquecida por tanto gostar daquela aura meio cafajeste que ela possuía. Se existisse um tipo que Elisa odiaria gostar, este sem dúvida seria aquela mulher na sua frente. Tornou-se incapaz de resistir às investidas, uma vez que nada se comparava às mãos de Laura em seu corpo.

— Se o nome disso é tesão... — Elisa a contornou, se posicionou por trás, transpassou as mãos para frente e as e subiu pelo corpo até atingir os seios e senti-los em seus dedos. — Você sabe exatamente como matá-lo.

Através de um amasso quente, deitadas no sofá, com Laura uniformizada e parcialmente deitada sobre a morena, os ânimos começaram a se alterar:

— Ao contrário de você, Elisa... Eu quero muito te ver sem essa roupa e nua pra mim.

Antes que a loira abrisse a primeira casa de botões, a mais velha a interrompeu:

— Só se eu puder ficar em cima de você.

Laura esboçou um sorriso cafajeste e abriu passagem para que a mulher se levantasse. Após se sentar, a chamou com a ponta do dedo e a observou sentar-se em seu colo com os joelhos dobrados e uma perna para cada lado.

— Vai rebolar gostoso pra mim de novo?

— Com você nesse uniforme... — A segurou suavemente pela gola da camisa. — Eu faço o que você quiser.

— É? Achei que a chefe fosse você... — Laura arqueou uma das sobrancelhas e começou a abrir os botões daquela camisa. Ansiava por ver os seios nus de Elisa outra vez.

— Na cama eu prefiro te obedecer.

— Ah é? — Deslizou a peça da chefe para fora do corpo e apertou o volume dos seios ainda cobertos pelo sutiã. — Posso fazer o que eu quiser? — Perguntou em tom provocante, enquanto abria o fecho e a livrava da roupa.

— O que você quiser.



Levaram os amassos para a cama de Laura; onde se entregaram física e emocionalmente até sucumbirem ao desejo. Com o corpo suado e o coração disparado, a loira a puxou para um beijo carinhoso. A respiração ofegante as impedia de falar com clareza, então se colocaram a rir uma para a outra enquanto desfrutavam daquele prazeroso estado pós sexo. Elisa estava tão nas nuvens, que sequer se atentou ao fato de que aquela cama não era a dela. Não até receber um convite inesperado:

— Dorme comigo hoje? — Dessa vez o pedido foi feito através dos lábios sorridentes de Laura. — Vamos tomar um banho juntas e dormir peladas bem aqui — bateu contra o colchão. — Na minha cama.

— Eu...

— Não aceito “não” como resposta.

— Mas Laura, não é assim que as coisas funcionam, eu estou completamente despreparada, não tenho nem roupa pra vestir.

— Pois não seja por isso! Tenho a solução para todos os seus problemas! Tem escovas de dentes fechadas no armário do banheiro, tenho calcinhas novas na gaveta e posso te emprestar uma roupa pra dormir. Só que a intenção era passar a noite assim... Nuas. Sentindo uma à outra.

Carinhosamente, percorreu o vão entre os seios e desceu pelo abdômen de Elisa com a ponta de seus dedos. A morena estava deitada de barriga para cima e ela de lado, olhando-a. Elisa até queria negar, mas os sentimentos pela mais nova estavam tomando um espaço tão grande e

significante em seu interior, que não conseguiu. Os carinhos arrepiando sua pele também estavam prazerosos demais para pôr um fim.

— Diz que sim?

— Ai ai... Ok. — Sorriu. Antes que pudesse dizer algo mais, sentiu o corpo da loira jogando-se sobre o seu, e uma chuva de beijos foi distribuída por sua face, seguida de alguns pedidos de agradecimento.

— Vamos tomar um banho? — Pediu Laura, ainda deitada sobre o corpo dela.

— Juntas?

— Sim, você quer?

Elisa sorriu, assentiu com a cabeça e se direcionaram para o banheiro. Debaixo do chuveiro, sentiam a água morna rolar por seus corpos ao mesmo tempo em que seus seios nus e molhados se roçavam uns aos outros. Era a primeira vez que Elisa estava desfrutando com alguém uma intimidade tão prazerosa como aquela. Seus dias vinham sendo povoados por tantas novas situações, que sua mente ainda estava em processo de compreensão. As inéditas emoções e sentimentos estavam formando uma grande explosão em seu interior. De acompanhamento, vinham as sensações em seu corpo — que parecia ter despertado com energia e ansiava por compensar o tempo em que esteve adormecido em algum lugar dentro dela.

Os beijos com Laura sob a água morna enviavam mensagens para regiões distintas. Elisa sentia suas mãos criando vida própria e necessitando explorar aquela pele úmida em um misto de carinho e desejo. Era diferente estar assim com Laura; partilhando um momento tão íntimo onde desfrutavam da mesma água em um pequeno espaço compartilhado. Todavia, não era um diferente ruim, pelo contrário, estava gostando de poder ser com Laura a experiência daquela vivência.

O banho levou mais tempo que de costume; se deixaram levar pelos beijos, toques e a gostosa sensação de sentir a nudez de suas peles molhadas roçando-se quase involuntariamente. Quando chegou ao fim, a mais nova a segurou na mão e a levou até o quarto. Sobre a cama havia calcinha e uma blusa grande de algodão. Por saber que a morena costumava vestir somente peças escuras, escolheu um blusão seguindo o mesmo tom.

Extremamente sem jeito, Elisa recolheu as peças sobre a cama e as vestiu. Sentiu-se como se estivesse em outra pele usando roupas que não eram as suas, no entanto, aos poucos foi relaxando conforme Laura a

tratava com carinho e naturalidade. A gerente até se ofereceu para pentear e secar seus cabelos com o secador. Ao contrário da morena, a outra vestiu uma camiseta de tom claro, entrando em um bonito contraste com ela.

— O que vai querer pra jantar? — Perguntou assim que desligou o secador. Laura percebeu que a mulher estava um pouco retraída, totalmente diferente da postura imponente que assumia quando estava em seus próprios territórios.

— Não quero incomodar ou dar trabalho. Pode ser o que você preferir — disse ao se levantar da beirada da cama.

— Você não incomoda...

A gerente se aproximou e a envolveu carinhosamente pela cintura, fazendo as batidas de Elisa entrarem em descompasso por tê-la tão próxima. Há algum tempo aquele gostoso nervosismo fazia parte das muitas sensações despertadas por Laura.

— Hum, tudo bem... Então pode ser comida japonesa.

— Ok, vou abrir o cardápio e a gente escolhe juntas.

Alguns minutos mais tarde, sentadas à mesa lado a lado, notou que Laura a olhava com certa insistência. Quando pensou em perguntá-la do porquê, a mulher pareceu adivinhar seus pensamentos:

— Você está ótima na minha camisa — elogiou ao apontar os hashis para Elisa. — Nunca mais vou lavá-la — disse em tom divertido, a fazendo soltar uma pequena risada.

— São esses seus olhos lindos...

— Não, você que é linda mesmo — sorriu.

— Isso aqui está muito bom! — Comentou Elisa, repentinamente, ao olhar para a comida na tentativa de desviar daquele assunto. *Não sabia reagir a elogios*.

— Está ótimo mesmo! — Respondeu colhendo uma peça. — Você tem algum sonho?

A pergunta inusitada pegou a morena de surpresa, a fazendo dar-se conta que nunca fez planos para a vida, tampouco desejou algo com afinco.

— Não...Vivo um dia de cada vez sem pensar muito no amanhã. E você?

— Sério? Ah, eu tenho algumas vontades. Mas o meu sonho mesmo é meio bobo...

— E qual seria? — A olhou.

— Conhecer a neve. Tenho essa vontade desde criança, mas ainda não tive a oportunidade. Meu pai se afundou em dívida após o divórcio com a minha mãe, e quando cresci acabei não tendo oportunidade. Mas é um grande sonho que carrego. Bobo, né? — Riu sem jeito.

— Nenhum sonho é bobo. São sempre grandiosos e têm o poder de trazer sentido à vida das pessoas. Eu costumava tê-los enquanto criança, não sei onde os perdi. — Divagou por breves segundos, mas logo voltou a falar. — Vou torcer pra que realize o seu o mais rápido possível.— Sorriu.

— Obrigada!

Após concluírem o jantar, escovarem os dentes e irem para o quarto, Laura sentou-a sobre sua coxa e ligou o computador para mostrar a ela um pouco dos seus jogos favoritos.

— Poderíamos jogar juntas qualquer dia desses — sugeriu.

— Oh não, deixo isso pra quem sabe.

— Se eu fui capaz de aprender um pouco sobre restaurar peças, acho que você consegue aprender algum jogo.— Riu.

— Hum... Você tem um ponto. Mas, tenho certeza que eu passaria vergonha.

— Um dia instalo um jogo no seu computador, a gente joga à distância e testa.

— Você quer mesmo me ver passar vergonha.

— Não, eu quero te ver se divertindo comigo, e mostrar um pouco do meu universo a você, mesmo que nisso esteja incluso te ver passando um pouco de vergonha — riram.

Ainda sentada no colo de Laura, passeou o olhar pelo mural de fotos e avistou alguns novos desenhos que não estavam ali na primeira visita que fez. Coincidentemente- ou não- todos representavam uma mulher com as mesmas características — que por sinal, eram iguais as dela. Elisa não conteve a vontade e acabou se levantando para olhar mais de perto.

— Eu sei o que deve estar se perguntando — comentou a loira, levantando-se e indo até ela. — Todas elas são esboços de você.

— Imaginei desde quando estive aqui naquela vez — sorriu ao olhá-la. — Você leva jeito, estão muito bons.

— A modelo ajuda — respondeu-a. — Mas, nenhum está finalizado. São todos esboços incompletos.

— Por quê?— Perguntou ao voltar o olhar para o mural.

— Não sei bem, me perdia no caminho.

— Quer concluir um agora?— Ofereceu ao virar de frente para Laura, oferecendo a ela um olhar fixo contra as íris verdes.

— Só se você me deixar te desenhar nua... — A loira a envolveu sensualmente pela cintura e a buscou para próximo de seu corpo, os unindo.

— *Como uma de suas garotas francesas?*

Laura abriu um largo sorriso ao pegar no ar aquela referência.

— Acho que Jack e eu temos algumas semelhanças. Mas cá entre nós... — Levou os lábios até o ouvido da mais velha e sussurrou: *você é muito mais bonita que a Rose*.

— Obrigada. — Elisa sorriu com os solhos fechados, desfrutando do arrepio proveniente daquele sussurro. — Só que o Jack morre no final...— comentou ao reabri-los para encarar a face à frente.

— Não pense que é tão fácil se livrar assim de mim. — Laura se afastou, caminhou até a mesa e começou a recolher lápis, borracha e um suporte para apoiar algumas folhas.

— Eu sei que não, até tentei, mas...

— Mas a minha presença é muito marcante — a cortou.

— Eu diria *irritante*, Laura — riram.

A mais nova estava distraída coletando o material que precisava quando sentiu o calor do corpo a abraçando por trás.

— *Estou pronta* — murmurou próxima à nuca da loira, a fazendo virar e se deparar com seu corpo já inteiramente nu.

— Vai ser difícil manter a concentração com você assim.

— Tenho certeza que consegue... — piscou.

Elisa se afastou lentamente e deitou sobre a cama de barriga para baixo e os cotovelos apoiados sobre o colchão. Laura, sentada na cadeira do computador, conseguia ter a imagem de suas pernas, o volume do bumbum e as costas que carregavam a linda tatuagem de fênix negra. Ao perceber que estava muito distante, arrastou a cadeira até a lateral da cama para conseguir captar todos os detalhes daquele corpo nu, incluindo o rosto de Elisa, que nesse momento estava parcialmente virado para o lado, olhando-a.

— Você é tão linda que deveria estar exposta na vitrine do seu antiquário — elogiou ao traçar os primeiros riscos sobre o papel. — Se bem que não é muito boa a ideia de qualquer um te olhando.

— Por quê? Ciúmes, *senhorita Garcia*?

— Não sei, nunca senti isso. Mas é desconfortável pensar sobre.

— Acho que o nome disso é ciúmes.

— Pode ser... Dizem que sentimos isso quando gostamos de alguém.

— É...

Elisa nada mais disse a respeito, mas esboçou um curto sorriso. Por alguma razão havia gostado de ouvir aquelas palavras.

As duas mulheres costumavam dar destaque para as suas diferenças, e acabavam não se dando conta das semelhanças que possuíam entre em si. Apesar de suas realidades de vida distintas, ambas carregavam consigo determinadas dificuldades e conflitos no quesito vida amorosa. Não foi apenas Elisa que viveu uma vida baseada somente em sensações físicas; Laura, ao seu modo, também. Nunca antes conseguiu sentir-se interessada e verdadeiramente envolvida por alguém. Contudo, com Elisa sentia uma ligação como se algum cabo dentro dela tivesse sido conectado ao lugar. E era tudo tão espontâneo, que ela só queria se permitir sentir aquela sensação.

— Espero que seu desenho esteja fazendo jus a mim — implicou, na tentativa de descontrair a si mesma. Estava um pouco tensa pela posição de extrema exposição à Laura.

— Ainda está duvidando da minha capacidade, *senhorita Marques*? — Ergueu uma das sobrancelhas ao falar. Gostava de brincar com as palavras ao chamar a chefe pelo sobrenome, assim com ela fazia. — Acho que já te dei provas suficientes.

Não levou muito tempo para traçar as linhas do corpo no papel. Onde mais se demorou foi nos detalhes faciais, principalmente nos olhos, pois precisou se aproximar ainda mais e olhá-la com minuciosa atenção.

— Feito — disse algum tempo depois, entregando o desenho para Elisa, que se enrolou ao lençol e sentou na beira da cama para analisá-lo.

— Ficou ótimo! — Sorriu. — Posso ficar com ele? Realmente ficou muito bonito e eu gostaria de guardar a lembrança desse momento

— Ufa, ainda bem que gostou, estava preocupada de você picotá-lo inteiro na minha cabeça.

— Boba!

Se travava de onze da noite, então cuidaram dos últimos preparativos para se acomodarem juntas, peladas, na cama. A luz do quarto já estava apagada, mas havia um abajur na mesa de cabeceira permitindo uma agradável iluminação parcial.

— Você sabe que tudo isso tem sido especial pra mim, não sabe? — Comentou Laura, no silêncio do cômodo, deitada de lado para poder enxergá-la. — Nossos beijos, nosso sexo, sua presença nessa cama, o desenho que fiz de você. Tudo o que vem acontecendo entre nós tem mexido comigo de uma forma singular.

— Podia imaginar que sim, mas tenho certeza agora com você me contando. O que sua relação comigo diferencia das outras? — Estava deitada de barriga para cima e o seu rosto estava sutilmente virado para o lado pertencente à localização da loira.

— Não sei... Tem algo especial quando estou com você. Nunca senti vontade de desenhar outra mulher, por exemplo.

— Não? — Perguntou surpresa.

— Não. Desenhei apenas amigas. Bianca tem um desenho dela feito por mim, inclusive. Fora isso, nunca. Sempre foi apenas química com as outras, mas com você... Com você é diferente.

— De qual maneira?

— Você fica na minha mente desde quando apenas discutíamos. Reverberando aqui dentro, sabe? Como uma voz, uma impressão. É difícil explicar.

— Sei...

— Hoje aquele menino, o Vitor, me fez uma pergunta.

— É? Qual?

— Perguntou o que sou sua. O mais engraçado é que de imediato não pensei em dizer que sou sua gerente, pois essa resposta eu já sei. Meus pensamentos me levaram para um outro lado desse questionamento, e eu acabei ficando sem uma resposta pra dar a mim mesma.

— Eu comentei sobre isso enquanto estávamos no chalé, e você me disse que o que somos depende do significado que damos e, principalmente, do que tudo isso nos faz sentir.

— Sim, mas a nossa conversa acabou ficando pela metade.

Elisa virou de lado e ficou totalmente de frente para Laura. Seu coração estava acelerado por não saber o rumo que aquela conversa iria tomar, no entanto, disfarçou bem o nervosismo que teimava em se fazer evidente em seu corpo. Aquele era o momento ideal para revelar o que havia em seu coração, mas por algum motivo as palavras que gostaria de expressar estavam agarradas em sua garganta.

— É... Acho que algumas coisas ficaram à espera de serem ditas. — Laura assentiu com a cabeça sem desviar o olhar das íris castanhas. — Pra mim é tão difícil admitir o que eu quero te dizer agora.

— Por quê? — Perguntou com suavidade na voz. — O que você quer me dizer? — Seus olhos e audição estavam atentos.

— Por muitas razões, mas a primeira e a principal delas, é pela vulnerabilidade do que venho sentindo. Há muito tempo eu endureci o meu coração pra que nenhuma emoção o tocasse outra vez; seja ela boa ou ruim. Me escondi dentro de mim mesma até não mais me encontrar. Cresci e acabei esquecendo quem eu era e hoje não reconheço quem me tornei. Com essa decisão eu acabei bloqueando os caminhos por onde a alegria poderia ter entrado em minha vida. Mas, ironicamente, o bloqueio também impediu que a dor saísse. Então, tragicamente me tranquei nesse casulo juntamente às memórias de dor, sem o equilíbrio de um instante feliz para balancear. E eu só me dei conta disso quando conheci você. Sua insistência em mim, em querer saber se existia algo além do que eu te mostrava, desestruturou alguns bloqueios e ainda vem desconcertando as coisas aqui dentro. Sinto como se você tivesse gerado algumas fissuras em mim, nessa minha armadura que eu já nem sei em qual exato momento foi construída. Através dessas fissuras meu interior começou a vazar, me fazendo sentir tudo o que tentei evitar.Mas não foi apenas isso que aconteceu; através dessas mesmas fendas vem escorrendo uma parte de mim que eu nem conhecia; provavelmente a que se desenvolveu unicamente trancada aqui dentro. Então ao mesmo tempo em que me descubro com você, eu temo estar sentindo essa alegria. Porque a relação de coexistência com a felicidade é a...

— Tristeza. — Laura a completou. — Entendi onde você quer chegar — suspirou. — Sabe Elisa, eu não sou ninguém pra opinar sobre sua

vida ou despejar em você algum discurso filosófico. Mas eu queria dizer que você pode buscar o equilíbrio.

— Tem um erro gravíssimo nessa sua frase — a interrompeu. — Não diz que não é ninguém, por favor, porque pra mim você é a mulher que tem me feito sentir tudo a níveis físicos e mentais. — A loira sorriu instantaneamente àquela resposta. — Preciso te confessar uma coisa importante.

— E o que seria?

— Não sei bem como falar.

— Ei, sou eu, sua gerente insuportável, lembra? E ironicamente, o seu braço direito — riu. — Pode me dizer qualquer coisa.

Extremamente nervosa, Elisa encarou aqueles olhos verdes como se neles pudesse encontrar a tranquilidade que precisava. Suas mãos tremiam e o nó ainda parecia habitar em sua garganta, mas, diferente de outras vezes, não queria deixar ainda mais palavras não ditas.

— *Eu... Eu também não me apaixonei por você em silêncio*. Pelo contrário, foi de uma forma muito barulhenta, só que aqui dentro... — Elisa levou a mão até o peito de Laura e a repousou sobre a localidade do coração. — Eu até pesquisei na internet por sintomas de paixão, mas nada descreve o que sinto por você. Acho que gostar e se apaixonar é isso; é não conseguir uma exata definição...

— V-você me escutou naquela noite?

— Sim, e eu guardei aquela informação até estar pronta pra gostar de você de volta. E mais que isso; pra conseguir dizer que eu também me apaixonei. Não sei se estou apta pra viver tudo isso, mas eu não quero te perder...

Os olhos castanhos estavam marejados, à beira de desaguarem a essência dos sentimentos de Elisa. Toda sua dor, alegria, desejo, medo e paixão estavam a um passo de escorrerem por sua face, mas foram barrados pelo conforto e amparo dos lábios de Laura tocando carinhosamente sua testa.

— *Eu também não quero perder você.* — A loira disse baixinho. — Estamos juntas nesse barco, você também é a mulher que me fez sentir tudo. A oportunidade que eu te peço é por nós duas. — Seus olhos voltaram a encontrar os de Elisa, a tempo em que sua mão a acariciou com delicadeza na maçã do rosto. — Me deixa ser não apenas a sua mulher, mas também a

sua amiga, a pessoa pra quem você pode descarregar um pouco do peso do mundo ao final do dia. Confia em mim? — A mulher a olhava com atenção e ternura enquanto aquelas palavras perpetuavam em sua mente. — Sei que vamos nos atracar eventualmente, pois você é muito cabeça dura. — Marques revirou os olhos ao comentário. — Mas eu assino até um contrato por essa paixão, um contrato onde você pode me tirar tudo se eu não estiver sendo honesta nas minhas palavras.

— Por favor, não seja exagerada. — Riu.

— Ao menos te faço rir. Onde está o contrato? Hum? Eu assino.

— Ai Laura, cala a boca.

— Não me manda calar a boca, porque aqui quem dá as ordens sou eu.

Elisa percebeu o tom daquela voz transitar para dentro de um envoltório com a premissa de luxúria. Ela muito apreciava ver o desejo vazando através daquele olhar ora carinhoso, ora indecente. Com Laura, sentia que podia provar dos prazeres físicos sem pudor, ao mesmo tempo em que possuía o peito amparado pelos sentimentos que partilhavam.

— *Cala a boca* — repetiu em tom de provocação. Elisa virou-se por cima e sentou sobre o corpo de Laura com os joelhos dobrados e uma perna para cada lado. O lençol cobria apenas a parte inferior de seu corpo. — *Não me faça lembrar quem é a chefe.*

— Por quê? Vai me bater? — Laura esboçava um sorriso sacana enquanto desfrutava da magnífica visão que era ter Elisa Marques com os seios nus, sentada sobre sua barriga.

— Você tem uma cara tão safada, que essa é minha vontade, sim.

O sorriso cafajeste da loira se abriu ainda mais quando uma das mãos de Elisa alcançou seu pescoço e os dedos se fecharam ali. A mais velha se manteve por cima, movendo-se devagar enquanto sentia as coxas e quadril sendo tocados pelas mãos hábeis de Laura. No seu campo de visão conseguia ver não somente as expressões que a gerente esboçava, mas também seus fios loiros, soltos, derramados e espalhados sobre o lençol.

— Você é a única que domina os meus pensamentos, que manda nas reações do meu corpo e me excita dessa forma — confessava Laura, ao mesmo tempo em que a apertava com força na região do quadril. — Mas deixa eu esclarecer uma coisa. — Por ser consideravelmente mais forte,

conseguiu mover o corpo e trocar de posição com Elisa. — Toda a sua pose acaba aqui, na minha cama, debaixo de mim.

Tendo Laura sentada sobre seu quadril, a morena começou a mexer e fechar as coxas quase involuntariamente na tentativa de conter o desejo que crescia entre suas pernas. Seu corpo sempre se excitava com as palavras indecentes que ouvia daquela mulher. Com o coração abertamente entregue à Laura, desejava sentir seu corpo também sendo servido e maltratado por ela. Naquela noite queria senti-la em seu íntimo, no fundo, testando as barreiras de todos os prazeres físicos e psíquicos. Queria Laura alimentando e saciando vontades até restar somente tremores sobre os lençóis. Desejava sentir-se dela; não no sentido de posse, mas do prazer de uma genuína entrega, com seu coração sem correntes e suas pernas abertas para satisfazê-las.

Naquela noite Elisa havia sido colocada por baixo e estava à espera de receber Laura no interior de seu corpo, saciando seus anseios mais primitivos, ao mesmo tempo em que se acostumava com a ideia de vê-la entrar também em sua vida. Os beijos que recebia alternadamente na pele do pescoço e sobre os lábios tornavam seus caminhos cada vez mais úmidos à espera dela.

— Me deixa ir por cima e montar em você devagar? — Pediu; não porque aquela era sua vontade, mas, para provocar Laura e excita-la através de palavras. O olhar de Elisa havia se tornado intenso, e um sorriso indecente habitava o ar de riso em seus lábios. Suas mãos subiram pelo abdômen, alcançaram os seios expostos de Laura e começaram a apalpá-los. Adorava a maciez sensorial que lhe proporcionavam.

— Não, você vai ficar quietinha debaixo de mim.

Elisa aproveitou o momento em que Laura se inclinou para baixo, e levou a ponta dos dedos até os lábios dela, contornando-os eroticamente em um oferecimento para que ela os tomasse com a boca. E assim Laura fez; ofereceu à Elisa calor e umidade na extensão de seu dedo indicador e do meio, os chupando lentamente até fazê-la imaginá-los em outra região.

Os dedos úmidos saíram da boca, desceram pela pele do pescoço e foram de encontro a um dos mamilos de Laura. Após circundá-lo, desceu ainda mais na tentativa de tatear a intimidade.

— Sem me tocar — ordenou em firme e bom tom, segurando Elisa pelos punhos. Ao inclinar-se, imprensou os pulsos dela contra o colchão,

um de cada lado. Sua boca explorou a carne do pescoço e seus dentes morderam-na no lóbulo da orelha. — Diz pra mim que eu sou a única que você quer — sussurrou contra o ouvido. Os beijos de Laura não pararam, percorreram a pele morena pelo ombro, vale entre os seios e barriga. Ao voltar para cima, fechou os dedos com força na região da mandíbula e encarou as expressões sacanas que a mais velha esboçava. — A única que conhece você... — continuou a falar, fechando os dedos com ainda mais firmeza. — E a única que te excita.

— Sim, apenas você... — respondeu entre os dentes. — Agora faz eu te sentir onde eu mais preciso nesse momento.

A mais velha fechou os olhos para se apegar ao prazer sensorial, ao perfume natural da pele de Laura tão próxima, ao hálito quente contra sua própria carne e ao toque de mãos que percorriam seu corpo e exploravam seus limites. O sentimento de vazio vinha dando lugar para emoções como medo, alegria, desejo, receios e também certezas. E a mais verdadeira nesse momento, era a de não querer perder o que compartilhavam; na cama e fora dela.

As mãos de Laura afastaram as pernas morenas para que seu corpo pudesse se encaixar naquele meio. Suas bocas se uniram com desejo e seu braço desceu por entre elas até que a mão alcançasse o centro úmido de Elisa.

— *Estou pronta pra você*.

A frase de Marques ecoou dentro de Laura, oferecendo a ela mais que apenas um significado. Seus dedos percorreram a intimidade e os estímulos arrancaram os primeiros gemidos abafados.

— Quero te sentir devagar... — notificou ao segurar o rosto da loira contra suas mãos.

Os dedos deslizaram-se sobre a excitação e preencheram lentamente o interior de Elisa, que reagiu fechando as pernas na cintura da loira. Hoje ela queria ser inteiramente dominada em todas as velocidades que Laura conseguisse oferecer. Queria senti-la não apenas invadindo entre suas pernas, mas a apertando com força, mordendo, arranhando e sussurrando todas as vontades que sabiam ser de comum acordo.

Com os dedos depositados nas costas alvas, Elisa a percorria conforme sentia o quão fundo a paixão de Laura a atingia. Sua boca a beijava, sua língua a provava, seus braços a chamavam para mais próximo

de seu corpo, enquanto a unha penetrava a pele na tentativa de conter o prazer daqueles dedos movendo-se vagarosamente em seu interior.

Durante uma troca espontânea de posição, Garcia permitiu que Elisa rolasse e deitasse sobre si. Na rotação, os olhares se conectaram e a loira não pôde deixar de se expressar em palavras:

— *É difícil acreditar que se apaixonou por mim*.

Elisa sorriu para ela e distribuiu beijos por toda a extensão do pescoço, colo, seios e abdômen. Seus beijos estavam tomados por carinho e um forte desejo por cada pedaço daquele corpo que se aventurava cada vez mais em conhecer. Ao sentar-se sobre Laura, encaixou-se entre as pernas e uniu suas intimidades em um só fluído. Através de movimentos lentos, oferecia-se a ela ao mesmo tempo em que a tomava na mesma equivalência.

Após algum tempo, inclinou seu corpo suado sobre a loira, que prontamente a segurou com força pela raiz dos cabelos. Naquele instante sentiram que precisavam de um contato mais férvido, intenso e até mesmo bruto. Foi então que Laura sentou-se apoiada nas costas da cama e recebeu Elisa, que prontamente encaixou-se em seu colo com uma perna de cada lado. A mais velha deu à loira o poder de fazer o que quisesse com ela naquela noite. Garcia podia mordê-la se assim gostasse. Tinha carta branca arranhá-la, apertá-la e até mesmo chupá-la na pele macia de seu pescoço se assim desejasse. E assim Laura o fez, a estimulou de diferentes maneiras enquanto Elisa alcançava novas sensações cavalgando em seu colo, sobre os dedos inteiramente cobertos de prazer.

Os cabelos loiros foram enroscados pelas mãos da mais velha, que os agarrava com força, enquanto rebolava e gemia o nome de Laura entre os dentes, em delírio. Garcia estava hipnotizada pelos movimentos de Elisa, que parecia estar perdendo o controle em seu colo. A escutava gemer como nunca antes, no mesmo tempo em que sentia aquele corpo suando e os dedos deslizando cada vez mais facilmente. *Como era bom estar dentro dela* — pensou.

— Você me toca tão gostoso... Por favor, não para — pediu com certa manha em sua voz falha.

— Eu disse que a sua pose acabava aqui — sorriu de lado, triunfante. — Sua submissão na cama me enlouquece, sabia?

— Sim... Eu sei que enlouqueço você de muitas formas — comentou maliciosamente.

Marques sentia o corpo leve, como se uma sensação de liberdade o tivesse atingido a partir do momento em que se livrou do peso das palavras não ditas. A mão livre de Laura subia pela parede úmida de seu abdômen e apertava seus seios como se suas vidas dependessem daquele contato. A gerente a fazia sentir-se alta ao possui-la, independentemente da posição em que estavam.

As horas se arrastaram juntamente aos corpos, um ao outro, sobre a maciez da pele e dos lençóis. A mais velha, através dos próprios dedos, tentou sentir o estrago que fizera em Laura. No entanto, foi impedida de tocá-la; a loira alegou que o protagonismo daquela noite seria exclusivamente de Elisa.

— Quem é a chefe, agora? — Perguntou Laura, ao guiá-la para o ato final daquela noite.

Ao ser puxada bruscamente para a beirada da cama, sem qualquer tempo para criar um pensamento racional, Marques teve o corpo virado, servindo à loira a visão de suas bonitas costas. Sentiu os pés tocarem o chão ao mesmo tempo em que a parte superior de seu corpo foi inclinada para baixo e pressionada contra o colchão. Ela sorriu com luxúria, com a boca quase mordendo o lençol após sentir os braços sendo virados para trás. Seus pulsos foram unidos e segurados somente com uma das mãos de Laura, que fez questão de repetir a pergunta:

— Quem é a chefe, Elisa?

Marques sentiu uma pequena região de seu bumbum arder quando um tapa da gerente alcançou o lugar, a fazendo morder o lábio inferior ao mesmo tempo em que tinha a lateral do rosto cada vez mais pressionada contra o colchão. Embora o passado de sua vida tivesse sido desastroso, sua paixão por Laura não precisava repetir o padrão. Ali, curvada para ela, desfrutava de uma soberana liberdade ao senti-la percorrendo seu úmido caminho. Os dedos invadiam com força, do jeito que ela desejou ser tomada naquela noite. O abdômen suado colava ao lençol, ao mesmo tempo em que o quadril se chocava contra a borda da cama conforme a loira aumentava a intensidade. Seus punhos permaneciam presos em suas costas e sua mente já atingia um nível quase delirante de prazer. Tentou provocar a loira com palavras, mas foi incapaz, apenas gemidos contínuos ecoaram pelo quarto até gozar ali, imprensada entre o corpo e a cama macia.



Amanheceram com as pernas enroscadas, o corpo de Elisa estava envolvido por trás, de lado, aquecido e protegido por Laura, que foi a primeira a acordar. Ao observá-la ainda adormecida, sorriu involuntariamente com as lembranças da noite passada. A declaração que recebeu ecoava em seus pensamentos juntamente aos gemidos de uma entrega tão prazerosa. Sabia que quando os olhos castanhos se abrissem, a morena voltaria a ser a mesma mandona de sempre, e ela muito apreciava aquela dualidade.

Ainda a olhando dormir, pensou em seus colegas de trabalho. Eles jamais imaginariam como aquela mulher era diferente longe das paredes do antiquário, e presa entre as paredes de seu quarto.

— Bom dia... — disse a loira, baixinho, notando que começou a se mexer. Era a primeira vez que estava tendo a oportunidade de vê-la despertar.

— Bom dia — respondeu com a voz rouca, virando-se para encará-la.

— Dormiu bem?

Balançou a cabeça positivamente e sorriu.

— Que horas são?

— Ainda está cedo, meu despertador acabou de tocar e eu me apressei pra desligar antes que você acordasse. Pode continuar dormindo. — Laura ajeitou uma mecha daquele cabelo castanho e pressionou os lábios contra a testa da morena, beijando-a.

— Prefiro me levantar com você...

— Ok, então tomamos café da manhã juntas e a gente vai. — Sorriu. — Ontem realmente aconteceu ou foi um sonho?

— Qual parte?

— Todas elas, principalmente aquela onde se declarou pra mim. É difícil acreditar que conquistei uma mulher como você.

— Eu fiz isso? Não estou lembrada. Que droga você tem usado?

— Seu corpo.

Elisa balançou a cabeça negativamente e sorriu. Era quase impossível manter a seriedade quando estava na presença da loira.

— Aproveita, que não é todo dia que eu me declaro assim.

— Ai, que mulher difícil.

— E você gosta.

— Não gosto, sou louca por ela.

Elisa acariciou a bochecha de Laura com o polegar e mergulhou-se no deslumbre daquele cabelo loiro solto e bagunçado.

— Você é linda — A mais velha elogiou. — Obrigada por ontem... — Agradeceu-a em voz baixa e suave. Elisa possuía uma significante dificuldade em se expressar, mas estava tentando.

Em resposta, Laura depositou um beijo terno no queixo e levantou-se com ela para fora do quarto. Tomaram banhos individuais para despertarem, e trocaram de roupa. Durante o café da manhã, Garcia contou a ela sobre estar feliz e empolgada pela visita que receberá do pai no fim de semana.

Tendo em vista que estava de carro, Elisa ofereceu deixá-la na rua do antiquário antes de seguir para casa. Assim que fez menção em descer, Laura teve um gesto impulsivo de felicidade e recuou. A alegria era tamanha, que a fez puxar o rosto de sua chefe repentinamente com a mão e beijá-la de maneira terna e carinhosa na bochecha.

— *Tenha um bom dia* — desejou baixinho, deixando para trás uma Elisa inteiramente risonha.



— Droga, eu jurava que estava aqui — resmungava sozinha, enfiando a mão nos bolsos da calça.

— Bu!

Uma voz soou em suas costas.

— Débora, que susto!

— Está devendo, Laura?

— Não, mas me pegou distraída — respondeu inquieta, conferindo se a chave não estava na mochila.

— O que houve?

— Não estou achando meu molho de chave, e eu tenho certeza que peguei antes de sair de casa, pois tranquei a porta.

— Será que não perdeu no chão? No caminho?

— Não, porque vim de carro.

— E onde ele está? Vamos lá procurar.

Naquele instante, a mente da gerente fez um estalo e ela cogitou a ideia de ter deixado cair no carro de Elisa quando pegou o celular do bolso para atender uma chamada do pai — que confirmou a visita.

— Vim de táxi, meu carro está com problema — disfarçou.

— Xiiii, então vai ter que ligar pra nossa chefe vir abrir. Mas saiba que a bruxa vai arrancar sua cabeça.

— É o jeito.

Laura se distanciou de Débora, ligou para a morena e informou a situação. A mais velha pediu alguns minutos, foi até a garagem e de fato a chave da gerente estava caída no chão do automóvel, próximo ao banco. Certo tempo depois, quando Elisa chegou ao antiquário para solucionar a situação, parou o veículo no meio fio e buzinou para a loira se aproximar. Nesse contratempo, Leonardo e Júlia também já estavam esperando para entrarem.

— Desculpem o transtorno, pessoal — disse a gerente.

Leonardo e Júlia estavam distraídos conversando entre si, enquanto Débora a observava encaixar a chave no portão. Laura não se deu conta, mas o olhar da funcionária estava fixo no pingente de seu chaveiro. De imediato, a própria Débora não assimilou o que viu. Contudo, após entrarem, algum tempo depois, sua mente fez um *clique*. Afinal, se Laura havia perdido o molho de chaves durante a ida ao trabalho, o que ele estava fazendo na posse de Elisa? Com a pulga atrás da orelha, decidiu averiguar aquela situação.

— Laura... — atraiu a atenção da mulher quando a viu passar pelo balcão.

— Oi, algum problema?

— Nenhum. Mas eu queria te perguntar uma coisa.

— Sim?

— É... Sei que não tenho absolutamente nada a ver com a sua vida, mas tem algo me deixando muito encucada e eu preciso colocar pra fora.

— E o que seria?

— Então, eu notei que o chaveiro trazido pela Elisa, é seu. Sei que é seu porque ele tem o logotipo e as siglas da franquia hospitalar onde seu pai trabalha. Você mesma me disse isso. — Débora hesitou um pouco nas próprias palavras, respirou fundo e tomou coragem para prosseguir. — Por que mentiu?



— *Você o quê?!*

Laura havia passado todo o expediente aflita, aguardando o momento em que poderia ficar a sós com Elisa para conversar sobre o ocorrido na parte da manhã. Infelizmente, a morena reagiu da pior forma possível àquela notícia.

— Elisa, desculpa, mas não tive o que fazer. Eu estava completamente encurralada naquela situação.

A gerente havia dito à Débora apenas uma parcela da verdade. Omitiu sua relação amorosa com Elisa, logicamente, mas precisou admitir que passaram a noite uma na casa da outra e que recebeu uma carona pela manhã. No entanto, distorceu parte da realidade dizendo que ela e a chefe trabalharam em algumas planilhas até tarde, e que estavam começando a desenvolverem uma boa relação. Com isso, justificou o encontro que tivera com ela na cafeteria, reforçando novamente a ideia de que estão construindo um bom convívio. Laura também precisou dizer que omitiu a informação porque achou que seria mal interpretada.

— Você acha mesmo que essa moça acreditou na sua conversa fiada? — Elisa estava de pé, com a mão na cintura, se movendo de um lado para outro no escritório.

— Não... — respondeu um pouco cabisbaixa. — Mas eu não tive o que dizer. Como iria justificar minha chave aparecendo magicamente no seu carro?

— Por que simplesmente não a deixou sem resposta? Deveria ter dito que não é da conta dela. A propósito, que moça mais intrometida, hein? Ela não tem o que fazer? Isso é culpa sua, que dá liberdade demais para que se achem no direito de questionar sobre a sua vida!

Marques estava nitidamente furiosa e impaciente, seu tom de voz atingiu um nível alto e hostil. As íris castanhas pareciam querer faiscarem.

— Não quero que fale sobre o que você não sabe. — A respondeu com firmeza e seriedade — Você não convive conosco no salão pra saber como nosso relacionamento em equipe funciona.

— Ah não? Então me explica por que essa moça se achou em tal direito.

— Eu realmente não sei, mas as pessoas são curiosas, Elisa. Ela deve ter percebido alguma coisa muito anteriormente e resolveu nos observar.

— Ela não é paga pra tomar conta da minha vida.

— Não é assim que as coisas funcionam. Além do mais, você é alguém que gera curiosidade nas pessoas. Débora deve ter ficado muito instigada em descobrir o que está havendo entre nós.

— Pois ela trate de tomar conta dos próprios assuntos! Não admito que minha vida pessoal seja exposta assim, muito menos que o meu nome fique de boca em boca entre os funcionários. Vai saber o que podem inventar sobre nós.

— Olha, eu entendo o seu lado, sei que é uma mulher extremamente reservada, e que pra você seria um pesadelo que todos tivessem acesso à sua vida. Também sei como as pessoas podem ser maldosas e até inventarem que estou com você por interesse. Só que já foi, entende? Aconteceu, infelizmente. Dei bobeira com o chaveiro? Dei. Mas não foi apenas isso, Débora já está notando nos mínimos detalhes.

— Isso é muita falta do que fazer, está faltando trabalho no caixa? — Ironizou. — Aposto que a essa altura já espalhou para todos. Onde fica a minha moral no meio disso tudo?

— Elisa, calma. — Laura se aproximou e tentou tocá-la, mas foi impedida.

— Não me peça pra ficar calma!

— E o que você quer que eu faça?!— Agora foi a vez da loira perder a paciência e elevar o tom de voz.

— Eu acho que você deveria demitir essa moça.

— O quê? Eu jamais faria isso. Não é pra tanto.

— Às vezes a gente precisa demonstrar autoridade pra receber respeito.

— Eu não vou demiti-la — repetiu.

— Não a quero revirando a minha vida, isso é extremamente incômodo e me sinto desconfortável com essa situação. Ela é livre para achar o que bem entender, mas não tem o direito de colocar você contra a parede e pedir uma explicação. Quem essa moça pensa que é?

— A Débora foi bastante inconveniente mesmo, mas vir a demiti-la é meio radical. Melhor não tomar decisões de cabeça quente.

— Não quero ter que pensar nesse assunto outra vez, está demitida e ponto final. Se ela me enxerga como uma bruxa, então vou dar argumentos suficientes pra isso.

Marques encarava fixamente os olhos de Laura, que também a olhava sem desviar das íris castanhas.

— Elisa, eu não vou demiti-la por isso.

— Mas essa é a sua função.

— Não, não é. Estou aqui pra me encarregar de todas as questões profissionais do antiquário, e essa está muito longe de ser uma. Se quer demiti-la, faça você mesma.

A loira não parava de gesticular com os braços enquanto a rebatia. Infelizmente a conversa não estava chegando a nenhuma conclusão e o desfecho não parecia ser dos melhores.

— Acho que você esqueceu quem é a autoridade aqui dentro.

As palavras de Elisa saíram em tom baixo, porém, firmes e afiadas ao ponto de magoarem Laura, e de fazê-la se arrepender no mesmo instante em que as verbalizou.

— Eu vou fingir que você não disse o que acabei de ouvir! Essa mulher que está na minha frente definitivamente não é a mesma que passou a noite comigo, nem a que acordou na minha cama.

— L-Laura, eu não...

— Você está fazendo aquilo de novo! Está se sentindo ameaçada e resolveu vestir uma armadura de arrogância. Essa não é você, mas eu não vou ficar aqui tolerando sua falsa versão. Acho que já passamos dessa fase.

A gerente deixou o escritório a passos apressados e bateu a porta com força, deixando para trás uma Elisa submersa em arrependimentos.



Laura chegou em casa furiosa ao final do dia. Em um gesto impulsivo, pegou o primeiro vaso decorativo que viu sobre a mesa e o estilhaçou contra a parede. Seu peito estava preenchido de raiva e revolta por ter tido a melhor manhã de sua vida, e de repente ter visto tudo desandar diante de seus olhos.

Não muito longe dali, sentada no sofá de casa, Elisa chorava sozinha por sentir-se idiota e arrependida do que fez. O pânico proveniente da sensação de exposição a fez agir de maneira impensante, despejando em Laura uma injusta culpa. Naquele mesmo dia, fez plantão na janela para ver a loira passar e tentar uma aproximação. No entanto, a mais nova não deu qualquer sinal de vida. Sendo assim, entrou em contato através de ligações e mensagens, mas Laura não as respondeu. Com isso, Elisa acabou deduzindo que a mulher precisava de um momento a sós com os próprios pensamentos.

No dia seguinte, Laura encontrou Vinícius na calçada aguardando sua chegada. Juntamente a ele estava Vitor, com uma pequena mochila infantil nas costas:

— Oi Laura! — O menino disse com alegria.

— Oi rapaz, tudo bem? — Ele assentiu positivamente com cabeça.

— Bom dia, Laura — se manifestou Vinícius, educadamente. — Desculpa ter trazido meu irmão sem avisar, é que o Vitor ainda está de férias da escola, então fiquei com medo dele querer passar o dia na rua. Sua chefe disse que o principal requisito para que eu fosse aceito, era de não ver meu irmão por aí. Como não estarei em casa pra controlar, pensei em vir com ele todos os dias se não houver problema. Prometo que farei ele se comportar.

— Eu não vejo nenhum problema desde que ele seja um bom garoto e não mexa em nada. — A frase da loira foi dita mais para Vitor que para Vinícius. — Só não sei como minha chefe vai reagir, preciso avisá-la

primeiro. De qualquer forma, vamos entrar, pois você inicia hoje com a gente.

Após adentrar a loja juntamente aos dois, direcionou Vinícius ao escritório para que o contrato de Marques fosse assinado. Feito isso, apresentou o local dos funcionários e informou que ele teria uma hora de almoço como os demais. Com os pertences já acomodados, a loira os levou para o andar de cima e mostrou o material que havia chegado nos últimos dias. Vitor acomodou-se em uma cadeira que ali havia e retirou algumas folhas de papel e lápis de cor da pequena mochila.

— Mesmo que a Elisa não se importe, ele não poderá ficar aqui quando você tiver que lixar a massa da parede. Levanta muita poeira e poderá ser prejudicial — disse Laura, alertando.

— Sim, eu vejo o que faço até lá.

— Ok. Tudo certo? Qualquer coisa pode entrar em contato comigo pelo celular, que eu subo. Bom, até depois. Tchau Vitor, até a hora do almoço — sorriu.

A proprietária chegou ao antiquário por volta das onze da manhã. Ela e a gerente não se falavam desde o ocorrido de ontem, mas a loira precisaria passar por cima das questões pessoais e informá-la sobre a presença de Vitor.

— Pode entrar.

A passos lentos e com o coração aflito, Laura engoliu o nó na garganta e se aproximou da mesa. Quando estava próximo o suficiente, pôde observar o semblante triste estampado na face da mais velha. Um suspiro foi inevitável.

— Vim avisar que o Vinícius já assinou o contrato temporário e já está lá em cima trabalhando. — Laura sustentava um tom de voz sério, assim como as expressões faciais. — Ele precisou trazer o irmão, pois está de férias escolares e Vinícius acha que ele pode passar o dia na rua se deixá-lo sozinho em casa. Seria um problema pra você? Vim pedir sua permissão. Se não puder, subo e comunico pra que não o traga a partir de amanhã.

Elisa estava tão chateada com o clima ruim entre elas, que se limitou a dizer apenas três palavras:

— Não tem problema.

Suas íris castanhas estavam esmorecidas. Queria se desculpar com Laura, mas não encontrava uma brecha para fazê-lo, pois desde ontem a loira ignorava todas as suas tentativas de contato.

— Certo. O contrato assinado está sobre a sua mesa.

Laura deixou a sala sem dizer nada mais. Elisa estava tão triste, que sequer mexeu no envelope onde estava o contrato; apenas o guardou na gaveta e se demorou observando o globo de neve que a mais nova lhe dera no natal. Um suspiro escapou por seus lábios ao pegá-lo na mão, acompanhado da lembrança onde a loira falava sobre o sonho de conhecer a neve.

— *Como pude ser tão idiota*... — murmurou, sentindo os olhos marejarem.

Por volta de uma hora da tarde, Vinícius desceu com Vitor e se direcionaram para o local dos funcionários. O mais velho esquentou as comidas e se acomodou junto a ele na mesa que ali havia. Certo tempo depois chegou Laura com o almoço que comprara.

— Posso te fazer companhia? — Perguntou gentilmente ao tomar um lugar ao lado do pequeno Vitor. Vinícius, por sua vez, comeu apressado e logo voltou para as obrigações, pois possuía muito trabalho pela frente. Todavia, antes de ir, ordenou que o irmão subisse assim que concluísse a refeição.

— Sim! — Respondeu com um sorriso nos lábios. — E a Elisa? Ela não almoça?

— Almoça, sim. Mas come sozinha na sala dela...

— Onde é a sala dela? — Perguntou, segundos antes de levar a colher à boca.

— Lá onde seu irmão assinou aquele papel hoje de manhã.

— Ah... — O menino se calou por alguns instantes enquanto mastigava, mas logo voltou a falar. — Estou feliz do meu irmão trabalhar aqui, ele disse que não preciso ir na rua vender doces.

— Isso é uma ótima notícia, não é? — Sorriu. — Se tudo der certo, você nunca mais vai precisar ir.

— Assim vou ter mais tempo pra brincar.

— E estudar também, mocinho. A propósito, está em qual série?

— Passei para a terceira! — Disse com orgulho, fazendo a loira respirar aliviada ao constatar que não estava atrasado na vida acadêmica. — Quero voltar logo.

— Mesmo? Sente saudades da escola?

— Sim, das tias e dos meus amigos. E eu gosto muito de aprender coisas novas!

— Que legal, Vitor! Estudar é muito importante, você faz muito bem em querer aprender. Conta pra mim a última coisa nova que te ensinaram a fazer.

— Hum... Deixa eu pensar... — depositou a mão no queixo. — Lembrei! Ano passado fizemos um vulcão! — Disse, demonstrando certa empolgação. — A tia encheu uma garrafa de refrigerante com água morna e a gente usou massinha marrom com cinza pra cobrir em volta, fazendo um formato de vulcão. Ah! Dentro não tinha apenas água... Deixa eu ver se me lembro... — Garcia o olhava e o escutava com atenção. — Acho que tinha detergente e um pó branco que esqueci o nome.

— Bicarbonato?

— Isso! E também tinha corante vermelho! Quando o vulcão de massinha estava pronto, a tia jogou vinagre dentro da garrafa e a *larva* começou a sair.

Laura soltou um risinho ao vê-lo pronunciar a palavra de forma errada.

— Não seria “lava”? Lava é o líquido quente de tonalidade vermelha. Larva é um bichinho.

— É, acho que é isso — deu de ombros. — Ciências é minha matéria favorita na escola. Qual era a sua, Laura?

— Educação física e geografia.

— Hum, não gosto de educação física — comentou com pesar em sua voz. — Os meninos caçoam de mim porque vou mal em todos os jogos — suspirou cabisbaixo.

— Não se sinta mal por não ir bem, pois nem todos temos as mesmas habilidades. Hoje você pode ir mal no vôlei, mas amanhã descobriremos que se tornou um grande cientista. Hum? — Sorriu. — Por outro lado, se jogar vôlei for algo que você gosta e está determinado a fazer... Mesmo que hoje se saia mal, com treino você pode melhorar.

— Não, acho que prefiro os vulcões e as lavas — riram juntos.

Quando aquele assunto chegou ao fim, Laura se manteve calada e quase não tocava no alimento. Tal atitude não passou despercebida pelo olhar curioso do menino.

— Você está triste, tia Laura?

— Eu? Não. Por quê?

— Tá olhando com cara de triste pra comida.

— Você é um garoto muito esperto. — Sorriu fraco. — Estou um pouquinho chateada.

— Por quê? A comida tá ruim? — Perguntou com ingenuidade.

— Oh não, estou assim por outra coisa.

— Que coisa? — Ele insistiu.

— Elisa e eu brigamos...

— Hum... Compra chocolates pra ela, tia.

— Elisa não gosta de chocolates.

— Não? Mas todo mundo gosta de chocolate!

— Pois é... Definitivamente a Elisa não é todo mundo — disse baixo, mais para si que para Vitor. — Mas vamos esquecer esse assunto, hum? Você é curioso demais, rapaz. Hora de subir e ficar quietinho com o seu irmão.

A gerente o bagunçou nos cabelos castanhos, desconversou e encobriu o fato que era ela quem precisava de um pedido de desculpas.

Por volta das quatro, algo inusitado e completamente inédito aconteceu na loja de antiguidades: Elisa Marques havia deixado a sala e se dirigido até onde estava Laura, Lillian e Júlia. Todos, incluindo Débora e Leonardo, ficaram calados e estáticos ao observar o caminhar da chefe pelo salão. Ela não esboçava qualquer expressão facial, e o único som a ser escutado foi o de seus saltos ecoando no silêncio absoluto da loja vazia.

— Senhorita Garcia, preciso que cubra a funcionária Débora no caixa. — Com os olhos quase arregalados, Júlia e Lillian eram capazes de verem e escutarem tudo com clareza, visto que a morena estava a poucos centímetros de distância. — Quanto a vocês duas... — apontou para as vendedoras, fazendo o coração de cada uma quase saltar pela boca. — Podem continuar o que estavam fazendo. — A voz de Elisa ecoou firme,

assim como seu olhar sobre elas. Verbalizou com firmeza no tom e seriedade nas expressões faciais que esboçava. Foi a primeira vez que fizera um contato direto com os funcionários.

Confusa sobre o que estava acontecendo, a gerente apenas caminhou a passos lentos, atrás de Elisa, e viu o momento em que ela se aproximou do balcão e abordou Débora:

— Preciso que compareça à minha sala nos próximos cinco minutos.

O coração da funcionária bateu ainda mais rápido que o de Júlia e Lillian juntos, minutos atrás. Seus olhos se arregalaram e suas mãos começaram a transpirar. Assim que Marques se foi, lançou em Laura um olhar de desespero, mas a loira também não sabia do que se tratava tudo aquilo.

— É melhor você ir saber o que houve, pois a Elisa estava com uma cara péssima.

— Meu Deus, ela vai me demitir! Ou coisa pior! — Disse em meio ao nervosismo e desespero. — Acho que vou recolher minhas coisas e ir embora, não tenho coragem de entrar naquela sala. O que quer comigo?

— Isso apenas ela poderá dizer. Sugiro que não demore, Elisa não sou eu, ela não suporta esperar.

Débora estava em pânico pela convocação. Seu coração não diminuía o ritmo das batidas e suas pernas começaram a fraquejar conforme caminhava em direção ao escritório.

— *Feche a porta ao entrar, por favor* — escutou a voz de Marques antes mesmo de olhar e avistá-la de pernas cruzadas na cadeira. A postura imponente da chefe fez seu ritmo cardíaco acelerar ainda mais, se é que era possível. — *Sente-se.*

— Vai me demitir? — Perguntou antes mesmo de conseguir se acomodar. A aura escura e enigmática de Marques lhe causava arrepios.

— Vejo que já sabe por que foi convocada — sorriu ironicamente. — A princípio foi essa a minha vontade, mas estou aprendendo indiretamente com alguém sobre a importância de dialogar em vez de fugir dos problemas — respondeu com a voz aveludada e encorpada, enquanto observava o nervosismo de Débora naquela cadeira.

— E o que v-você quer comigo, exatamente?

— Quero conversar sobre a parte que me cabe. Diferente da senhorita Garcia, não me agrada nem um pouco a ideia de murmurinhos

com o meu nome. Principalmente se esses boatos envolverem um assunto tão pessoal.

— Elisa, eu...

— Ainda estou falando — cortou-a. Marques mantinha um baixo tom de voz, no entanto, extremamente sério, firme e intimidador. — Você é livre para ter curiosidade e especular sobre o que quiser, mas quero que guarde exclusivamente para você todas as dúvidas ou certezas que tiver, sem espalhar um fragmento que seja para os outros funcionários. Não quero a minha vida íntima sendo comentada e discutida até com o meu segurança. Não sei qual tipo de relacionamento você tem com a senhorita Garcia, e até onde ela dá a você liberdade para questioná-la. Mas, a partir do momento que é a *minha* vida em questão, me sinto no direito de manifestação. Sou uma figura de autoridade aqui dentro e não quero que essa imagem seja desfeita.

— Eu entendo sua chateação e peço desculpas. Preciso me desculpar com a Laura também, porque minha curiosidade praticamente a obrigou a me dizer o que estava havendo. Mas eu juro que não fiz por mal, foi apenas curiosidade mesmo! Porque pra mim seria o máximo saber que vocês estão juntas! De verdade. Assumo que iria comentar sobre isso com as outras meninas em algum momento, mas consigo entender seu ponto de vista, então vou ficar na minha.

Na tentativa de fugir do olhar penetrante da mulher à frente, Débora direcionou a visão para qualquer ponto naquela sala. Contudo, acabou voltando a olhá-la quando a morena começou a responder.

— Nunca tive a oportunidade de dizer isso, mas gosto muito do seu trabalho como funcionária. Tivemos alguns problemas com seus atrasos no ano passado, mas a senhorita Garcia resolveu essa questão. Fora isso, nunca tive do que reclamar. Jamais encontrei qualquer problema ao conferir os fechamentos dos caixas. Tenho muita confiança no seu trabalho, então seria uma grande perda romper o que foi construído nos dois anos em que trabalha aqui. — Marques fez uma pausa e respirou. Suas expressões faciais se tornaram mais relaxadas. — Mas não vou subestimar sua inteligência, sei que a história da Laura não te convenceu, sem mencionar o fato dela não saber disfarçar absolutamente nada. Sendo assim, tudo o que posso fazer é pedir discrição. Claro, se quiser continuar fazendo parte da equipe.

— Pode confiar em mim, não vou contar nada pra ninguém, só que uma hora vão perceber, espero que não pense que fui eu...

— Estou ciente de que cedo ou tarde isso acontecerá, e não faz parte dos meus planos esconder meu relacionamento com ela. Eu só preciso lidar com uma coisa por vez. Por enquanto não é o momento para expor nossa tão recente relação. Mas, quando a hora chegar, quero que tenham certeza que estamos juntas. Quero que me vejam ao lado dela, e não que fiquem especulando todo tipo de história por aí. Estamos entendidas?

— S-sim, você está certa. Novamente peço desculpas por querer atropelar seu momento. Agora consigo enxergar que não tenho o direito de sair falando sobre algo que eu nem sei se pra vocês é okay que as pessoas saibam. Mas realmente não era por maldade, foi sem pensar. Eu estava meio incrédula em imaginar que você corresponderia a Laura, pois você é tão calada, séria, distante. Enfim. Fiquei curiosa e atenta a tudo o que dizia respeito a vocês, mas eu deveria ter guardado pra mim.

— Agora já foi. Estou chateada com a situação, mas ao mesmo tempo aliviada por saber que o assunto ainda não se espalhou.

Sem saber ao certo para onde olhar, Débora alternava a visão entre a superfície da mesa e a face da mulher. Sentia-se demasiadamente constrangida pela própria atitude.

— Obrigada por essa conversa, por elogiar meu trabalho e por permitir que eu me explicasse...

Elisa nada mais disse, apenas avisou que a funcionária já podia se retirar. Quando Débora retornou ao caixa, a gerente prontamente se manifestou:

— Que cara de espanto é essa?

— Cara de quem a alma saiu do corpo e acabou de retornar! — Disse ao puxar um banco alto e se sentar com a mão sobre o peito. — Meu Deus, que mulher é essa, pensei que não fosse sair viva, e olha que ela nem me esculachou.

— O que houve? Ela não te demitiu, né? Débora, lamento ter comentado sobre o que aconteceu, mas o assunto dizia respeito a ela, então precisei contar.

— Não, não me demitiu, dessa eu escapei — respirou fundo. — Me chamou pra conversar sobre minha intromissão em relação a vocês. Deixou bem claro que não gostou, e eu confesso que achei que ela fosse me

enfeitiçar com o olhar ali mesmo! Nossa, não sei como você consegue confrontá-la, me senti totalmente acuada. Mas, por fim, acabou pedindo discrição sobre o relacionamento de vocês.

— Como assim? Então ela te...

— Sim, ela assumiu o que eu já sabia, né? Convenhamos, Laura... Você é péssima escondendo as coisas, já te avisei.

— Você que parece uma agente do FBI! Isso sim!

— Vai se enganando, vai — riu. — Te devo um pedido de desculpas por me intrometer tanto na sua vida. Não tinha o direito de te encurralar.

— Desculpas aceitas. Mas admito que estou muito surpresa por ela ter nos assumido assim.

— E eu estou é morta e enterrada com toda essa fofoca sobre vocês! Agora que não preciso fingir que acreditei na sua conversa, posso me expressar: *como assim você está pegando essa mulher, Laura?* — Disse baixinho, em um sussurro. — Logo ela! Meu Deus! Eu quase me mijei de nervoso pra entrar naquela sala, e você aí, fazendo o impossível e sabe-se lá mais o quê com ela.

A loira quase não estava prestando atenção nas palavras de Débora, porque sua mente ainda estava presa ao momento em que a funcionária contou sobre Elisa ter assumido o relacionamento. Olhou para trás e encarou o vidro escuro da janela que pertencia a sala da mais velha e, mesmo sem enxergar, sentiu como se a mulher a estivesse olhando de volta. Não podia negar que estava feliz com aquela informação, pois se Elisa chegou ao ponto de expor para Débora, isso significava que ela estava convicta sobre os próprios sentimentos.

Por volta das cinco horas, horário definido para que o dia de trabalho de Vinícius chegasse ao fim, o homem desceu com o pequeno Vitor para a sala dos funcionários e começou a se aprontar para irem embora. Durante uma pausa ao banheiro, seu irmão mais novo aproveitou-se da ausência e deixou o ambiente sorrateiramente, sem que fosse visto.

Vitor começou a caminhar em direção ao salão, mas no meio do caminho viu uma porta entreaberta e, ao espionar pela brecha, avistou Elisa sentada na cadeira.

— Oi — disse ele, da porta, despertando a atenção da mulher.

— O que faz aqui? — Ela perguntou, o fazendo arregalar o olho e correr de volta para onde o irmão estava.

Elisa permaneceu trabalhando por algum tempo mais. Substituiu algumas imagens no site da loja, fez um ajuste de preço no sistema, escaneou notas fiscais e estudou os gastos e rendimentos nos últimos cinco meses desde que Garcia assumiu a gerência. A situação econômica havia subido doze por cento na margem de lucros. Enquanto trabalhava, havia mantido uma brecha na porta desde o momento em que Vitor a espionou. Dessa maneira, conseguiria ver o fluxo de funcionários passando antes de recolherem os pertences e irem embora. Assim que constatou a quietude lá fora, desligou o computador e foi atrás da única pessoa que ainda não havia passado em retorno pela sua porta.

Laura estava tão distraída conferindo se todos os pertences estavam na mochila, que não notou a presença silenciosa e sorrateira da mais velha adentrando o ambiente. Quando se deu conta, a voz da mulher já ecoava atrás de si:

— Podemos conversar?

— Elisa, o que faz aqui? — Perguntou, surpresa, ao virar.

— Vim aproveitar que nesse horário é quando realmente ficamos a sós. Queria que a gente conversasse sobre o que está acontecendo...

A loira fechou a mochila e puxou duas cadeiras. Sentaram-se lado a lado à mesa quadrada de refeições, mas com seus corpos virados de frente para a outra.

— Não sei bem por onde começar — disse a morena, com suavidade na voz. — Ontem você ignorou todas as minhas ligações e mensagens. Compreendi que precisava do seu tempo, mas foi muito ruim olhar para a tela do celular a cada dez minutos e não receber nada além do seu silêncio. Lembrei do nosso início, quando você me enviava mensagens fora do trabalho e eu muitas vezes as ignorava por te achar irritante. Quem diria que hoje eu estaria aqui, me sentindo triste por não recebê-las.

— Bom, ontem eu estava muito chateada e realmente precisava de um tempo sozinha. Foi injusto você ter falado daquela maneira, como se eu tivesse culpa de tudo. E as palavras rudes no final me magoaram um pouco, mesmo sabendo que aquela não é quem você é.

— Você está coberta de razão, eu reagi mal do começo ao fim na nossa conversa. Simplesmente fiquei fora de controle com a ideia da minha

vida sendo exposta, e acabei descontando em você um pânico e uma frustração que só diziam respeito a mim. Me desculpe...

Elisa a olhava com certa melancolia. Sua voz estava em um tom baixo e o semblante expressava a tristeza em seu coração.

— Em uma conversa recente que tivemos, eu disse que eventualmente bateríamos de frente. Ontem não foi a primeira vez que discutimos e também não será a última. Conflitos podem acontecer, até mesmo para solidificar uma relação. Só acho que devemos nos certificar de não repetirmos as mesmas brigas.

— Novamente te dou a razão. Eu não sei me relacionar com as pessoas, muito menos como funciona uma relação amorosa. Sou complicada e difícil de lidar, tenho muitos defeitos, e os mais gritantes você já conhece bem. Mas eu estou disposta a aprender...— Elisa alcançou a mão de Laura sobre a mesa e a tocou carinhosamente. — Pode me desculpar por ontem? Não quero perder outro dia sem você...

— Também tenho meus defeitos. Um monte! — A respondia ao mesmo tempo em que desfrutava do calor da mão englobando a dela — Mas eu gosto muito de você, e mesmo que a gente desafine um pouco pelo caminho, também estou disposta a aprender. — A mais velha a escutava com atenção — Não quero uma pessoa perfeita; primeiro porque isso não existe, segundo porque seria um saco lidar com a superficialidade de uma perfeição. Quero uma pessoa real, verdadeira, com emoções genuínas. Ser de verdade é errar também. E eu quero você assim; com seus acertos e falhas.

— Obrigada. — Sorriu ao sentir-se acolhida por aquelas palavras. — Mas garanto que a de ontem não voltará a acontecer. — Elisa fechou os dedos sobre a mão da loira e a envolveu com mais firmeza no toque. — Eu gosto tanto de você — disse mirando no fundo das íris verdes que a encaravam. — Nunca pensei que fosse dizer isso a alguém. Ou melhor, sentir. — A mão livre alcançou a lateral da face de Laura e acariciou-a com ternura. — Estou tão apaixonada, que me doeu ter te magoado.

O toque suave e macio de Elisa, juntamente ao olhar e palavras tão sinceras, estavam fazendo o coração da mais nova bater em um ritmo acelerado. Laura sabia das condições sociais da mulher à sua frente. Sabia o quão difícil era para Marques se relacionar com as pessoas, e ainda mais

difícil abrir seu coração. E se ela o estava fazendo, certamente era porque aquela relação era importante e especial para ela.

— Está tudo bem agora, já passou. Eu também já fui tão dura nas palavras... Acho que nunca me desculpei por aquela vez em que disse que você é solitária porque ninguém te suporta.

— Ah Laura... Em partes isso é verdade, pois não faço questão de ter pessoas próximas a mim, então me comporto de uma maneira que as repele. Por outro lado, quando realmente alguém vale a pena, parece que também não sei recebê-lo na minha vida.

— Eu estou aqui, não estou? Isso prova que você está conseguindo me receber — piscou docemente, recebendo um pequeno sorriso em resposta.

O olhar de Elisa contornou a face da mulher à frente, percorreu pelos cabelos presos e estacionou no par de olhos.

— Você é uma pessoa incrível.

— Eu?

— Uhum. É engraçado como sempre me elogia e exalta, quando na verdade a sorte é toda minha de ter conhecido você.

— Por que está me dizendo isso? Eu sou tão normal, tão comum. A mulher inteligente, sexy e dona do império aqui, é você — disse as últimas palavras em tom divertido.

— Boba. Você também é muito inteligente. Que a Fiona não ouça isso, mas você está fazendo um trabalho muito melhor — piscou. — Me sinto segura o suficiente em deixar minha loja nas suas mãos. Eu odeio nunca ter conseguido encontrar um erro digno de arrancar fora a sua cabeça! — riram. — Talvez nunca tenha dito, mas te admiro muito, principalmente sua coragem e determinação. Você mudou toda a sua vida quando se mudou para Hills Dale, enquanto eu... Mal consigo abrir a boca pra dizer o que sinto.

— Elisa...— Laura saiu da cadeira, a segurou na mão e a impulsionou a se levantar. — Coragem também é estar aqui reconhecendo seu erro e se desculpando enquanto luta contra esse invisível que tenta te sabotar todos os dias. Eu também chamo de coragem o que você fez hoje quando assumiu nossa relação para a Débora.

— Ela te contou?

— Sim — sorriu. — Aquilo fez eu me sentir tão especial e importante na sua vida...

— E você ainda tinha dúvidas?— Marques pressionou os lábios delicadamente contra os da loira e sussurrou ao afastá-los em uma distância de poucos milímetros. — Eu sou louca por você, Laura...

— Eu também sou completamente louca por você — respondeu baixinho, fazendo seu hálito tocar os lábios carmesim. Suas mãos a envolveram pela cintura de modo a encurtar aquele chato distanciamento entre elas. — Em alguns dias vou querer te enforcar? Sim. Mas a maioria deles será gasto enchendo você de beijos e palavras bonitas.

Com um sorriso inevitável estampado na face, a mais velha prontamente se pronunciou:

— Você tem certa fixação em querer me enforcar, ou é impressão minha?

— Bom, você vive dizendo que quer cortar a minha cabeça fora, então eu posso presumir que nós duas temos certa fixação pela mesma região.

— Hum... Você tem um ponto — riram baixinho. — Uma pena minhas ameaças nunca terem surtido efeito em você. Vamos ser honestas... Algum dia eu já te intimidei?

— Já — confessou enquanto depositava carinhosamente uma mecha de Elisa atrás da orelha. — Mas, beeem pouquinho.

— Porque você é muito petulante e abusada. Que raiva me dá!

— Ihhhh, o nome disso aí já é amor! Cuidado — comentou em tom divertido, fazendo a mulher revirar os olhos e olhar para o lado. — Por falar em intimidar... A Débora saiu do seu escritório mais branca que fantasma! — Laura começou a rir das próprias palavras. — Você precisava ver como estava tremendo antes mesmo de entrar na sua sala!

— Mas eu vi! Ela estava em pânico na cadeira! — Marques soltou uma gargalhada alta e extensa, fazendo-a se misturar com a de Laura no ambiente. — Os olhos estavam desse tamanho! — Disse ao gesticular com o indicador e polegar, formando um formato de “C” com os dedos e levando-os até o próprio olho. — Vitor também pareceu se assustar comigo hoje. O vi me brechando pela porta e perguntei o que estava fazendo ali. No mesmo instante ele saiu correndo como se tivesse visto o demônio.

— Meu Deus, coitado! — A loira riu ainda mais alto. — Está vendo? Esse é seu efeito intimidador sobre as pessoas. — Riu um pouco mais. — Uma verdadeira pantera negra — disse em tom divertido, soltando a cintura da morena para fazer sinal de garras com as mãos.

— Como você é boba! Não é pra tanto... — balançou a cabeça negativamente. O riso não saía de seus lábios, gostava do jeito brincalhão da mais nova.

— É daí para pior. Mas na cama você é uma...

— Shhh, calada. Te proíbo de continuar. — Laura expressou um sorriso sacana e conteve o comentário. — Tenho algo pra você.

— Pra mim? O quê?

— Um plano B, se por acaso meu pedido de desculpas não tivesse funcionado. Está no meu escritório, vem cá!

Elisa a segurou na mão e a guiou até a sala. Chegando lá, pegou uma caixa cartonada que estava na prateleira acima dos livros e a segurou. Ao olhar para o que havia nas mãos de Marques, Laura sorriu e admirou a bonita embalagem cor de café com um bonito laço de cetim. Havia, também, um envelope branco sobre a caixa.

— São trufas de chocolates. Maaaas... Como já me desculpou, acho que posso levá-las embora.

— Nada disso! Quem disse que te desculpei? Passa esses chocolates pra cá, são meus! Você me deve por ter jogado minha barra no lixo.

— Mas eu já te paguei aquele chocolate com correção monetária, espertinha. — Marques contornou a mesa e se aproximou com a caixa sobre as mãos.

— Pois saiba que vai me dever chocolates pelo resto da vida. Eu chamo isso de reparação histórica!

— E eu chamo isso de ser cara de pau.

— Que seja — deu de ombros. — Eram pra mim e eu quero, principalmente esse envelope que está sobre eles — apontou.

— Quer? Então primeiro me beija. Mas tem que ser do jeito que você sabe que eu gosto.

— E como seria? — Laura se aproximou mansamente enquanto a via depositar a caixa sobre a mesa. — Assim? — Perguntou ao subir os dedos pela nuca e enroscá-los entre os fios castanhos. — Gosta quando te beijo devagar? — Murmurou em tom provocativo, com os olhos fechados e

os lábios roçando aos de Elisa, que a essa altura também mantinha os seus fechados e se inebriava com o perfume de Laura em suas narinas.

— Sim, gosto de sentir sua boca devagar, sem pressa... — respondeu baixinho, sentindo os dedos da mais nova se fecharem em seus cabelos. — Memorizando o gosto e a textura do seu beijo...

A loira sorriu contra aqueles lábios e a beijou com a calmaria que necessitavam. Elisa a segurou pela cintura e encostou-se delicadamente contra a borda da mesa para conseguir um melhor apoio. O carinho e a paixão estavam evidentes em cada toque de mãos, de bocas e nas frases que sussurravam entre o beijo. Os movimentos de seus corpos sintonizavam tão bem, que não demoravam muito para sentirem os efeitos da química que partilhavam. A intensidade que Garcia começou a depositar nos fios castanhos demonstrou à Elisa que o beijo estava tomando proporções maiores. A mais velha até pretendia barrá-la, mas aproveitou o momento um pouco mais.

Os dentes de Laura morderam o lábio inferior de Elisa e o puxaram com um desejo diferente das pequenas mordidas despretensiosas que ocorriam instantes atrás. A língua começou a movimentar-se com mais avidez e uma das mãos tateou o corpo pela região da cintura até subir e alcançar o seio sobre a camisa. Elisa desfrutou daquele toque mais atrevido e aguardou para ver o que a loira pretendia. Sua curiosidade e até mesmo expectativa não perdurou muito, pois Garcia em alguns minutos começou a se expressar também em palavras.

— Seu cheiro, sua pele, sua voz, sua boca... Tudo em você mexe demais comigo. — Os beijos da gerente desceram pelo pescoço e a mão apalpou o seio com mais precisão, o sentindo preencher toda a palma e os dedos. — Não consigo evitar os pensamentos que surgem.

— E qual pensamento está tendo agora?

— Transar com você nessa mesa.

— Nem pensar. — Marques depositou a mão sobre o abdômen da loira e a empurrou suavemente para trás, de modo a desgrudar seus corpos, pois Laura se projetava contra ela com tanta intensidade, que por pouco não estava sobre a superfície da mesa. — Vai esquecendo esse seu fetiche.

— Impossível, uma vez que não paro de imaginar você sentada sobre essa mesa.

— Isso aqui é local de trabalho, se você já esqueceu — disse com charme na voz.

O corpo de Elisa estava se tornando alterado sob aquelas palavras. Tentava a todo custo bloquear os pensamentos que a loira implantava em sua mente.

— Não depois que o expediente se encerra. Quando as portas se fecham e todos se vão, só existe você e eu transando nessa superfície.

— Esse é o seu sonho, não é? — A loira afirmou com a cabeça. — Ainda bem que sonhar é de graça — piscou de maneira debochada. — Vamos? Hoje vou a pé com você pra viver uma situação diferente.

— A pé comigo? Mas e o seu carro?

— Hoje vim de táxi, já tinha a intenção de ir caminhando se fizéssemos as pazes.

— Você indo a pé? Muuuuito suspeito — a olhou com os olhos semicerrados. — Vai conseguir caminhar com esses saltos tão altos?

— Você se surpreenderia se soubesse do que sou capaz enquanto me equilibro sobre eles. Agora vamos?



Caminhavam lado a lado sob a noite estrelada. Laura contava para ela que até o céu em Hills Dale parecia mais bonito que em sua cidade natal, principalmente no bairro onde moravam.

— Aqui nós temos menos luminosidade e poluição atmosférica, por isso conseguimos ver as estrelas mais fracas. Consequentemente, nosso céu se torna muito mais bonito — disse Marques, alternando a atenção entre Laura e aquele céu noturno.

— Sim, sem dúvida! Essa é mais uma vantagem de morar longe das grandes cidades. Onde eu vivia tinha muita poluição luminosa, aumentando muito o brilho do céu, então conseguíamos ver um número bem reduzido de estrelas a olho nu.

— Ah sim, pra vocês só é possível ser visto aquelas com um brilho superior ao fundo do céu.

— Exatamente. A visão que temos em Hills Dale é muito privilegiada, sinto que escolhi a cidade certa — sorriu, desviando o olhar do céu para Elisa.

— Como foi o primeiro dia do Vinícius?

— Olha, ele foi bastante produtivo, deu pra perceber que é um profissional ágil. Além de ágil, muito organizado. Limpou toda a bagunça que gerou e deixou os materiais organizados. Acho que concluirá o serviço antes do tempo que está descrito no contrato.

— Que bom, não quero ter dores de cabeça. Antes do prazo vencer, se tudo tiver ocorrido bem e você concluir que ele é de confiança, vou encaixá-lo no centro educacional.

— Acha que consegue?

— Sim, tenho bastante influência lá dentro. E mesmo que não existam vagas no momento, eu abro uma pra ele.

— Você tem um coração enorme, sabia? Está longe de ser a riquinha arrogante que eu pré julguei que fosse.

— Como é que é?!— Marques pausou os passos e depositou as mãos na própria cintura. — Você me achava uma rica arrogante, Laura Garcia?

— Ué?! Era a imagem que você me passava — deu de ombros. — O melhor foi perceber e descobrir que é o oposto disso.

— Não quero saber.

— Ah, não faz assim, você me achava uma loira petulante e abusada, vai?

— Achava, não. Você é!

— É o quê, Elisa?! — Agora foi a vez da mais nova demonstrar indignação.

— Exatamente o que você ouviu. *Loirinha abusada*.— Marques segurou o riso e começou a caminhar na frente de Laura que, por sua vez, ficou estática no mesmo lugar por alguns segundos.

— Isso é um absurdo!— Se manifestou, acelerando os passos e encontrando Elisa mais à frente.

— O que é um absurdo, *loira petulante*?— Implicou ao olhá-la tomando novamente um ritmo ao seu lado.

— Esse adjetivo.

— Oh, e você não é uma atrevida, ousada e bastante descarada, Garcia?

— Ah, só um pouquinho, vai?

— Ahaaam — a olhou pelo canto dos olhos. — Mas não se preocupe, talvez lá no fundo, beeeem no fundo, eu goste do seu jeitinho abusado.

— Rum.

— Desfaz esse biquinho, vai?

— Está perdoada só porque me deu essa caixa de chocolates e eles parecem ótimos. Vou até olhar o que tem nesse envelope...

— Nada disso. Quero que leia somente em casa.

— Por quê?

— Porque são os meus sentimentos aí dentro, teria vergonha se lesse na minha frente...

— Hummmm, então é uma carta? Pensei que fosse um bilhete.

— Um bilhete não expressaria tudo. — O comentário da morena trouxe um sorriso bobo para os lábios de Laura. Porém, antes que pudesse respondê-la, Elisa mudou estrategicamente de assunto para não ficar ainda mais sem jeito do que já estava. — Estava pensando sobre aquele menino.

— O Vitor?

A mais velha assentiu.

— Ele tem o mesmo nome do meu pai... — comentou pensativa.

— É, eu percebi. O que estava pensando a respeito?

— Nada em específico, mas queria poder fazer alguma coisa por ele. E você intermediaria, claro. Pois não tenho habilidades nem com criança — a loira riu. — Pensei em pedir pra que você fizesse uma proposta ao Vinícius.

— Qual?

— Matricular o Vitor lá no centro educacional pra que ocupe o tempo aprendendo coisas novas. Eu cubro os gastos com passagem, material, uniforme, alimentação. Tudo.

— Eu vou propor com certeza! Acho que não irá se opor em algo que só trará benefícios ao irmão. Vitor me pareceu ser muito estudioso pelo pouco que conversamos hoje. Acredito que também ficará feliz em aprender coisas novas em vez de estar nas ruas.

— Certo, depois me diga o que disseram.

— Pode deixar! — Sorriu.

Em meio a diálogos, caminharam alguns poucos minutos mais. Quando atingiram uma esquina que dividiria seus caminhos, chegou o momento de se despedirem para que cada uma tomasse sua direção. Era nítido que não desejavam sair da companhia uma da outra. Em razão disso, enrolaram uns minutos mais, paradas, criando coragem para darem as costas e seguirem.

— Gosta de quem você é? — Perguntou Elisa, tomando a loira de surpresa.

— Se gosto de ser quem sou? Hum... Gosto. Pois não seria uma pessoa diferente se pudesse. Sei quem sou, gosto das escolhas que faço e não me importo em errar. Todos os erros que cometi na vida me serviram de aprendizado e me trouxeram para exatamente onde estou agora.

— De alguma maneira eu sabia que me daria essa resposta, porque essa é quem você é: uma mulher livre, segura de si, corajosa e irritantemente feliz — riram juntas das duas últimas palavras.

— É assim que você me enxerga?

— Uhum— sorriu.

— E você? Gosta de ser quem é?

A resposta de Elisa não veio tão rápida quanto a da mulher à frente. Ao contrário de Laura, ela pareceu refletir sobre o que ia dizer.

— Não sei bem quem eu sou...

— Mas você ainda tem tempo pra descobrir.

— Acho que errei muito comigo a minha vida inteira, tenho medo de seguir assim.

— Você chegou tão longe, Elisa. E sem a ajuda de ninguém. Se transformou nessa mulher linda e inteligente, deu continuidade ao patrimônio dos seus pais e não permitiu que as dores do seu passado te transformassem em uma pessoa ruim. Ser fechada é completamente diferente de ser uma pessoa sem coração. Eu admiro muito você. Não pense que cometeu apenas erros consigo mesma, porque não é verdade. Só precisa se enxergar com novos olhos. Talvez com o mesmo olhar que eu vejo você — sorriu. — E sobre “seguir assim”, seja lá o que quis dizer com isso... Você é livre para tomar um caminho diferente, fazer escolhas diferentes, cometer novos erros, mas, muitos novos acertos também.

— Talvez...

— Aquela Elisa feliz que guarda na lembrança está do outro lado do seu medo, então apenas atravesse. Dessa vez você não está sozinha, a loira petulante está bem aqui e ela não vai a lugar algum.

— Que loira insistente.

— Muito.

Sorriram.

— Bom, obrigada pela conversa, Laura. Agora vou indo...

— Nos vemos amanhã? Ou talvez mais tarde quando eu caminhar debaixo da sua janela?

— Se você tiver um pouquinho de sorte eu apareço lá de cima pra te olhar.

— Então vou aguardar ansiosa por isso. — Laura a tocou no queixo e pressionou os lábios contra os dela com suavidade. — Boa noite — sussurrou.

Assim que abriu a porta da sala, Elisa escutou uma notificação do celular ecoar pelo silêncio absoluto do ambiente. Ao se livrar dos saltos e pegar o aparelho dentro da bolsa, caminhou em direção ao sofá enquanto desbloqueava a tela. Quando se sentou, um sorriso automaticamente se formou no canto de seus lábios ao ler a mensagem recebida:

“Recentemente li uma frase. Não encontrei o autor, mas facilmente poderia ser de mim para você, pois seu rosto veio à minha mente no mesmo instante. Ela dizia exatamente o seguinte:

Todo desejo nasce para morrer. Mas você, meu bem, é a minha fênix.”

A mais velha entendeu com exatidão o que Laura quis dizer através daquelas palavras. Havia passado tanto tempo consumindo a si mesma, que não se deu conta que o tempo de ressurgir das cinzas de tudo aquilo que se foi, chegou. Elisa sabia que precisava ser forte para renascer em seu novo corpo, deixando para trás os fragmentos daquela triste criança que já não lhe cabia.



Laura chegou em casa ansiosa para abrir o envelope e revelar os sentimentos contidos no papel. Ao desdobrar a folha, um sorriso se formou no canto de seus lábios. Era exatamente a letra de Elisa redigida no papel — a conhecia bem.

Sentou-se no sofá com aquela folha em mão e iniciou uma viagem para dentro da mente e coração daquela mulher. Eram sentimentos ditos através de palavras, vírgulas, pontos e acentuações. Laura analisava cada pausa, cada respiro de palavras, ao mesmo tempo em que imaginava a voz aveludada como plano de fundo, dizendo para ela cada uma daquelas frases.

“Laura,

por onde eu deveria começar? Pelo início parece bem lógico, não é? Então vou partir dele.

Quando Fiona me contou sobre a entrevista, o período de experiência e a sua contratação, eu te desprezei de imediato. Muito me incomodou o fato de perder minha antiga gerente e precisar recomeçar algo novo com alguém. Não foi nada pessoal, eu apenas repudiei essa ideia. A princípio eu detestava precisar conviver ao seu lado diariamente. Eu torcia para que o meu jeito de ser te expulsasse do antiquário e Fiona não tivesse outra opção a não ser continuar ao meu lado. Mas, quando se trata de você, tudo parece sair do meu controle. E ainda vejo as coisas funcionando com a mesma dinâmica, não tenho domínio dos pensamentos e reações do meu corpo quando seu nome vira protagonista na minha mente e entre os meus lábios.

De imediato, comecei desprezando a maneira como me rebatia, não baixava a cabeça e me respondia com segurança nas palavras. Sua ousadia era um desafio que tomei prazer em confrontar. Confesso que sentir o sangue quente correndo

em minhas veias não era de todo ruim, mesmo que por razões iniciais negativas. Seu interesse contínuo e gradual sobre mim também foi um ponto relevante. Sua vontade de querer me conhecer gerou em mim um anseio por também querer saber o que havia de tão instigante aqui dentro.

Te desprezei, senti raiva, fúria, impaciência. Até que essas emoções começaram a atenuar, permitindo que você se infiltrasse através de fendas que eu não sabia da existência, até então. Um dia me perguntei como uma pessoa que eu não gostava, começou a estar tão presente em meus pensamentos. Me senti confusa. Com o passar do tempo, sua constante presença deu início a uma sensação estranha e diferente dentro de mim. Como um embrulho no estômago ou uma agonia no peito. Foi difícil distinguir qual dessas duas regiões estava sendo atingida, mas eu sabia que era algo dentro, com sensações físicas. Seus olhares sempre tão interessados, seus toques despretensiosos sobre mim, a familiaridade que encontrei na forma como prende o cabelo em fios soltos...

Comecei a me deparar comigo mesma ansiosa para te ver no dia seguinte, para chegar ao antiquário, para chamá-la à minha sala e sentir um frio na barriga durante o pequeno espaço-tempo entre minha mensagem e sua mão virando a maçaneta. Sensações novas que eu ainda estava decifrando se gostava de senti-las ou não. Era difícil saber o que estava acontecendo e o que tudo aquilo significava.

Em meio a tantas emoções turbulentas, um dia me peguei em um quarto de hotel sendo beijada e tocada por uma mulher. Uma estranha. Nunca fui de me entregar com totalidade a esses momentos, mas naquela noite eu estava ainda mais distante daquelas investidas. Eu não queria aquela pessoa à minha frente, então meus pensamentos me trouxeram você para mostrar aquilo que eu ainda tentava negar. A ideia de ser seus lábios e suas mãos em mim me confortavam, foi quando me dei conta do quão errada estava aquela situação com a estranha. Naquela noite recolhi minha bolsa e fui embora.

Quando voltei daquela viagem de dez dias você me beijou, bagunçando e consertando muitas coisas aqui dentro. Eu já havia imaginado um momento como aquele; onde seus lábios me tocavam. Mas a sensação real foi superior à desejada. Seu hálito misturado ao meu, o gosto da sua boca, sua textura... Foi tudo tão inebriante, que eu precisava sentir uma vez mais, mesmo que pela última vez. Mesmo que eu tivesse disposta a não me deixar seguir. Mas a questão é que no dia seguinte você estava lá; girando a maçaneta de novo e me olhando outra vez. Me fazendo lembrar como foi bom sua mão no meu corpo, nos meus cabelos, enquanto sentíamos o desejo tomando gosto em nossas bocas.

Me rendi a mais um, dois, três beijos. Minha pele queimava, e somente então eu notei que ela existia, que eu não era um corpo quase inanimado. Você começou a sussurrar seus desejos em minha pele, nessa mesma pele que agora eu sabia da existência. Mas eu ainda não sabia o que ela era capaz de sentir, e devo admitir que até o momento presente não sei o quanto ela tem potencial de queimar sob seu toque.

Sei que meu coração é o ponto final da sua procura. E você já chegou nessa estação. Te vejo nela com uma mala gigante nas mãos, como quem veio para

ficar. Essa estação comporta apenas você, ninguém mais.

Sou mais imperfeita do que possa imaginar. Tenho um passado triste, sombrio e trágico que não pode ser restaurado como as porcelanas da minha oficina. Mas eu também tenho um presente, um no qual eu quero que você faça parte. Eu morreria se deixasse você partir da minha vida; gerando mais um espaço vazio, preenchido por ecos embalsamados no silêncio."

Laura pressionou aquele pedaço de papel contra o peito como se fosse o bem mais precioso que possuía. Como se não bastasse quase abraçá-lo, o levou às narinas e aspirou o suave perfume daquela folha. Sim... Havia a fragrância de Marques registrada naquelas fibras de celulose.

— *Elisa*! — chamou uma — *Elisa!* — chamou duas.

Laura havia se trocado para fazer sua caminhada noturna e não pôde deixar de parar debaixo daquela janela.

— Será que você nunca vai parar de fazer algazarra no meu portão? — Reclamou lá de cima, já tomada banho e vestida em sua camisola com um robe esvoaçante. A mais nova muito apreciava a visão.

— E você nunca deixará de ser rabugenta? — Rebateu. — Vem aqui, preciso muito falar com você!

A loira viu o par de olhos castanhos revirar, mas em instantes o som do portão sendo aberto se fez audível.

— Pois não? — Disse enquanto amarrava as fitas do robe na cintura.

— Eu li sua carta quase uma hora atrás e não pude deixar de vir aqui agradecer a dona de tão belas palavras...

— Não sei ao que se refere, não lembro de nada disso — comentou sem jeito.

— Você é muito preciosa, sabia? — Laura deu alguns passos adiante, de modo a conseguir alcançar os cabelos de Marques, ainda úmidos do banho. — Amei cada palavra — disse ao depositar uma mecha castanha atrás da orelha, deixando à mostra uma face ruborizada. — Saiba que é recíproco cada sentimento, cada emoção, cada batimento acelerado.

O olhar de Elisa era um misto de timidez e ternura. Seu coração estava se alegrando com cada palavra que ouvia, e com as mãos que, agora,

acariciavam o vermelho em suas bochechas. As de Laura estavam da mesma maneira, mas por razões diferentes. Certamente a caminhada a deixara com a aparência rosada.

— Aproveita, pois não é qualquer uma que recebe de mim uma carta — respondeu-a de forma marrenta, disfarçando a timidez de ter seus sentimentos expostos.

— Oh, eu sei que não, e é por isso que eu quero aproveitar tudo o que tem pra me oferecer – afirmou com doçura na voz.

— E as outras?

— Não existem outras... — deslizou o polegar pela bochecha e o fez alcançar os lábios de Marques. — Todas perderam a graça depois que eu te encontrei. — Laura circundou os lábios da mulher com o dedo e a olhou no fundo dos castanhos expressivos. — Não sei o que fez comigo, mas cai na minha armadilha de não me apaixonar. — Deslizou o polegar pelo queixo e posteriormente voltou a tocá-la na lateral do rosto. — Esse seu olhar tem tudo de mim. Moraria dentro dele se eu não precisasse estar aqui fora para admirá-lo.

— Você já mora dentro do meu olhar. — Elisa apoiou a mão sobre a de Laura que estava em seu rosto, e começou a pressioná-la, fazendo a loira deslizar-se com a palma por seu maxilar e descer pelo pescoço. — Na minha pele, também. Que reivindica apenas o seu toque.

— Como fomos nos apaixonar assim? — Perguntou ao observar o contraste de sua mão branca percorrendo a pele morena do pescoço, até atingir o colo parcialmente exposto dentro do robe. — É tudo tão novo pra mim também.

— Não sei, só espero não estragar tudo.

— Vamos aprender isso juntas, ok? — A outra assentiu. — Quero te propor uma coisa antes de voltar a caminhada.

Seu braço relaxou para baixo e seus dedos se entrelaçaram aos de Elisa.

— O quê?

— Um encontro.

— Um encontro? — Franziu o cenho. — O que você quer dizer com isso?

— Isso mesmo que ouviu — sorriu. — Sei que não gosta de lugares muito cheios, mas eu queria muuuuito ter um encontro com você. Um

encontro oficial, sabe? Pra te oferecer tudo o que você tem direito. Pra namorar seu olhar o passeio inteiro...

Com um sorriso tímido no canto dos lábios, Elisa a respondeu.

— Onde seria esse *encontro oficial*?

— Deixo você escolher o lugar de sua preferência e eu venho te buscar aqui, na porta da sua casa.

— Tudo bem, vou pensar em algum ambiente tranquilo pra nós. Um ambiente que você também irá gostar.

— Ótimo! Agora preciso voltar à caminhada antes que fique muito tarde. Nos vemos amanhã no trabalho?

— Sem dúvida que sim — sorriram uma à outra.



Alguns dias se passaram e o fim de semana de Marcos na casa da filha havia chegado. Laura pediu à Elisa para sair mais cedo no sábado, pois o homem já estaria na rodoviária de Hills Dale por volta do meio dia. Após um encontro cheio de saudades, com direito a muitos abraços apertados, Laura dirigiu para casa o mais rápido que pôde. Não queria perder um segundo que fosse da companhia do pai em seus aposentos.

O relógio da cozinha indicava se tratar de pouco mais de uma da tarde quando pai e filha começaram a colocar os assuntos em dia enquanto almoçavam na pequena mesa ali disposta.

— Estava com tantas saudades suas, minha garotinha.

— Pai! Assim faz parecer que tenho cinco anos de idade outra vez — revirou os olhos. Mas no fundo gostava de sentir-se mimada por ele.

— Pra mim será sempre minha garotinha. — Sorriu para ela. — Por falar em cinco anos... Seu aniversário está chegando.

— Caramba, é mesmo, é no próximo fim de semana. Os anos estão voando, né? Nem acredito que domingo já faço vinte e seis.

— Pois é, parece que foi ontem que você perdia o primeiro dente e o guardava debaixo do travesseiro à espera da fada te deixar algum dinheiro.

— Você sabe que jamais acreditei nisso, não é? — Marcos a olhou com surpresa nas expressões. — Nem em papai Noel — continuou a falar, vendo o brilho nos olhos do pai desaparecer. — Eu fingia que sim porque

percebia que pra vocês era importante fazer aquele teatrinho na minha frente.

— Laura, para de brincadeira, como pode você ter fingido por anos? Não acredito nisso!

— Uma criança muito a frente à sua idade, fazer o quê — disse ao dar de ombros, gabando-se de si mesma.

— Se bem que já era de se imaginar, você sempre foi muito astuta, deixava a Letícia de cabelo em pé. Não apenas ela, mas também os professores! Perdi as contas de quantas vezes fui convocado à escola.

— Eu dava bastante trabalho, né? — Riu. — Desculpa, pai. É que eu nunca tive muita paciência para a burrice dos meus coleguinhas. Lembro que no jardim de infância tinha um menino que não sabia nem se limpar após usar o banheiro. Eu olhava para aquilo e achava um absurdo, pois nessa idade eu já sabia até escrever meu nome completo de tanto que insisti pra minha mãe me ensinar, mesmo eu ainda não sendo alfabetizada.

— Você sempre teve muito interesse no mundo à sua volta, então isso contribuiu para seu rápido desenvolvimento cognitivo e motor. E a sua mãe... Bem, nos seus primeiros anos de vida, ainda era muito presente e gostava de te estimular. Eu como médico, também tive muita contribuição por saber qual capacidade uma criança pode alcançar de acordo com cada idade. Acho que fizemos um bom trabalho — piscou.

Marcos saboreava cada garfada juntamente aos minutos que tinha com Laura. Gostava de olhá-la enquanto admirava o resultado dos anos. Sua garotinha havia se tornado uma grande mulher — constatava.

— Bianca perguntou se eu passaria o aniversário com todos, mas não tenho como viajar agora, ficaria muito corrido sem um feriado pra dar suporte.

— E se você pedir um dia à sua chefe? Será que ela acharia ruim?

— Ah pai, você sabe como sou... Não gosto de faltar serviço por motivo banal. Além do mais, estou monitorando uma reforma na loja nos últimos dias. Deve levar algumas semanas ainda pra acabar.

— Entendo... Menina responsável — disse baixinho, provando o suco natural de abacaxi com hortelã, seu preferido. Sorriu ao constatar que a filha ainda lembrava. — Bianca ficará inconformada, vocês quase nunca passaram um aniversário longe.

— Nada, eu vou convidá-la pra me visitar, não temos que quebrar essa tradição. — E assim Laura o fez, ligou para amiga ao final daquele dia e a convidou para passar o próximo sábado e domingo com ela.

Após o almoço, apresentou cada canto, móvel e objeto de sua casa nova para o pai. Feito isso, o chamou para sentirem a brisa lá fora enquanto mostrava um pouco do bairro. Durante a caminhada de apresentação, Laura notou que o homem olhava de maneira atenciosa para a grande casa poucos passos à frente. Haviam chegado na rua de Elisa.

— Que curioso... — disse o homem com a cabeça erguida. Os movimentos de suas pernas desaceleraram para que sua visão tivesse tempo de captar os detalhes daquele imóvel.

— O quê? — Perguntou ela, supondo já saber o que ele diria a seguir.

— Essa casa. É completamente diferente de todas as outras — apontou. — É consideravelmente maior, mas... *Morta*.

Marcos parou os passos e manteve o olhar fixo ao imóvel. À primeira vista, o lugar incontestavelmente proporcionava o mesmo estranho interesse a todos que passavam por ele. Toda a aura escura, composta por trepadeiras secas e pintura descascada proporcionavam uma espécie de hipnose para quem olhasse. Era uma aparência incomum se comparada às outras residências. Até mesmo as casas vazias daquela rua não causavam o mesmo impacto que a mansão de Marques. Talvez fosse pela exuberância no tamanho e a arquitetura antiga.

— Uma casa muito bonita, não é mesmo?.

Uma voz ecoou na traseira de Marcos e Laura, os fazendo sobressaltar. Principalmente a loira, que não estava acostumada a ver qualquer alma viva passar por aquela rua.

— Boa tarde, senhor — disse Marcos ao virar para trás e se deparar com um idoso de cabelo completamente branco.

— Boa tarde. — Laura também o cumprimentou, questionando-se internamente em qual momento aquele homem aparecera ali. — O senhor conhece os antigos moradores? — Curiosa, perguntou.

— Oh sim, sim... Era o casal Patrícia e Vitor Marques. Vizinhos maravilhosos, pena que tiveram um fim tão trágico. — O mais velho parecia pensativo, mergulhado nas próprias lembranças. — Avisei tanto pra não permanecerem nessa casa...

— Por quê? O que aconteceu?

Marcos limitava-se a escutar o diálogo da filha com aquele homem.

— Essa é a casa mais antiga do bairro. Se não me falha a memória, a mais antiga de Hills Dale também. E como tudo o que é antigo, nos conta uma história. O casal que habitou esse lugar fez uma reforma, mas não há obra que repare uma realidade obscura.

Os olhos de Marcos estavam arregalados e um frio percorria sua espinha.

— Desculpe, mas do que o senhor está falando? — Laura voltou a questioná-lo.

— Às vezes me pergunto o que ela ainda faz nessa casa — comentou com o queixo erguido e o olhar direcionado à janela.

— Ela quem? O senhor poderia ser mais claro?

— Pergunte à menina toda a história.

— Quê menina? — Garcia começou a se perguntar se o senhor se referia à Elisa. A constar pelas marcas do tempo em sua pele, a loira chegou à conclusão que o homem à sua frente era velho o suficiente e poderia estar confuso sobre as próprias lembranças.

— A menina dos Marques. Ela é a única que pode te contar. Com licença, meus jovens.

O senhor baixou a cabeça e começou a caminhar, parando somente ao entrar no portão de casa, alguns metros à frente.

— Quem é esse? Do que ele estava falando? — Perguntou Marcos, achando tudo aquilo inusitado.

— Algum morador que sabe o que aconteceu com o passado da minha chefe. É ela que vive nessa casa...

Laura foi para casa pensativa. Enquanto o pai tomava um banho para livrar-se do suor da caminhada, resolveu fazer uma pesquisa no navegador do celular. Novamente pesquisou pelo nome de Elisa, acrescentando as palavras chave: casa, morte e Hills Dale. Todos os *links* permaneciam inativos e removidos do ar. Frustrada, jogou o aparelho em

um canto qualquer e bufou. Lhe restava sondar a mulher e torcer para que ela, em algum momento, sentisse confiança em contar tudo o que havia acontecido.

Marcos era um grande amigo de Laura, além de pai. Quando moravam na mesma cidade compartilhavam muitas atividades sempre que a vida adulta lhes concedida algum tempo livre. Atualmente as circunstâncias já não eram as mesmas, mas o sentimento de união não se perdeu.

— Droga, pai! Você está roubando! — Resmungava, sentada ao chão da sala, jogando uma partida de luta no videogame em um dia de domingo.

— Estou roubando ou você que não é páreo pra mim? — Ele provocou.

Marcos era um homem loiro, alto, charmoso e de olhos azuis. Garcia havia herdado dele boa parte de suas características físicas e também de personalidade. O sucesso com as mulheres também era outro ponto em comum; assim como o sorriso sacana e o costume de andar com as mãos nos bolsos dianteiros. Quem os observasse, não teria dúvidas de que eram pai e filha. A personalidade divertida também era um marco; cativando a todos que se aproximavam.

— Está roubando, sim! Onde já se viu ficar atirando poder de longe a luta inteira? Eu quero ver chegar perto e me derrotar na luta corporal! Seu apelão!

Os dois pareciam crianças divertindo-se em meio a discussões e chocolates espalhados pelo chão e mesa de centro. Infelizmente o tempo juntos era curto e Marcos logo começou a se arrumar para ir embora. O sábado passara em um piscar de olhos e o domingo parecia ter seguido o mesmo ritmo. Eram seis horas da noite quando conversava com Laura enquanto terminava de pentear o cabelo.

— Quem é a moça dos desenhos? — Estava para fazer aquela pergunta à filha desde que vira umas folhas no mural e sobre a mesa do computador. — Alguém importante ou desenhos aleatórios? — Ele penteava os fios loiros ao mesmo tempo em que a olhava sentada na beira da cama.

— Minha chefe — respondeu sem rodeios. — Longa história... — riu sem jeito.

— Ainda tenho dez minutos pra ouvi-la — respondeu no instante em que olhou para o relógio em seu pulso.

Marcos caminhou em direção à filha e tomou um lugar a seu lado.

— É exatamente o que você está pensando, pai — disse envergonhada.

Ela e o homem sempre tiveram uma relação completamente aberta a diálogos. No entanto, era a primeira vez que nutria sentimentos por alguém, ainda não sabia como dizer ou lidar com aquilo.

— E você sabe o que estou pensando?

— Claro que sei, conheço muito bem o seu olhar. E nesse momento ele está desconfiado.

— Você está tendo um caso com a sua chefe? — Ergueu uma sobrancelha ao olhá-la.

— Tá vendo como eu sabia o que estava pensando? — Riram em sincronia. Eram ótimos nisso. — É mais do que um caso, estou apaixonada por ela.

— Filha, como assim? Está falando sério? — A olhou surpreso.

— Como assim o quê? Sobre eu estar apaixonada ou sobre ser a minha chefe? — Laura coçou a nuca em um nítido gesto de vergonha por temer o que seu pai poderia pensar.

— Os dois, né, Laura? O que está aprontando?

— Quem aprontou comigo foi ela, me acertou uma flecha bem no peito!

— Mas achei que aí dentro sempre tivesse sido blindado — apontou para região próxima ao coração da filha.

— Blindado? Claro que não. Só nunca aconteceu.

— E foi acontecer justo com a sua chefe? E se não der mais certo, como fica? Perde o emprego? Sei não...

— Não quero pensar de forma negativa, é a primeira vez que sinto isso por alguém e não quero vivê-lo à sombra do medo. O futuro é incerto pra todos nós, pai. Se fôssemos pensar assim... Nunca arriscaríamos nada.

— Desculpe, você está certa. É que me preocupo com você e com seu futuro. Às vezes esqueço que aquela garotinha que me pedia conselhos sobre a vida, cresceu. E quem sou eu para parâmetro de relacionamento,

não é? Solteirão e com um divórcio nas costas! — Marcos expressou um pequeno riso, porém, não era um riso de alegria. Havia melancolia, tristeza e até mesmo arrependimentos.

— Pai, não fala como se tivesse sido culpa sua — tentou confortá-lo.

— Não vamos fazer isso ser um assunto sobre mim, ok? — Sorriu. — Caramba, estou ficando atrasado! — Avisou ao conferir o relógio de pulso. — Vamos pra rodoviária e você vai me contando sobre essa Elisa no caminho. Posso conhecê-la?

— Com calma aí, senhor Marcos Garcia. Um passo de cada vez! — Eles riram, levantando-se da cama. — Por enquanto vou apenas te mostrar uma fotografia e contar um pouquinho sobre ela. Porque se bem te conheço e dou abertura, vai querer saber até o signo da mulher! Vamos?



Na segunda-feira de uma nova semana, Laura estava encostada na borda da mesa de Elisa, muito próximo à cadeira da mulher, contando a ela com empolgação sobre a visita do pai e sobre Vinícius ter aceitado a proposta de estudo para Vitor. Compartilhavam aquele momento de alegria quando de repente uma voz infantil, seguida de fortes batidas na porta, se fez ouvida.

— Tia Laura, tia Laura! — Exclamava o menino.

A loira trocou um olhar aflito com a chefe, e correu para atender a porta e cessar o desespero daquele chamado.

— Meu Deus, Vitor. O que aconteceu?

O menino saiu invadindo o escritório em meio ao choro, e correu para se sentar na primeira cadeira que viu.

— Vitor! Já avisei pra não entrar nos lugares das pessoas sem pedir permissão! — Da porta, Vinícius chamou sua atenção. — Desculpa, Laura. Falei pra ele esperar que eu resolveria as coisas com você.

— O que houve? — Perguntou confusa. Logo o choro de Vitor tornou-se mais alto e ela pôde perceber que escorria uma quantia considerável de sangue do joelho. — Meu Deus, como isso foi acontecer? — Questionou ao ir até a criança e agachar-se.

— Esse teimoso inventou de subir na cadeira pra ficar saltando e acabou caindo em cima de alguns materiais — explicou o irmão mais velho, ainda da porta.

Elisa, de onde estava, arregalou os olhos e levantou-se impulsivamente da cadeira. Seu coração aumentou o ritmo cardíaco, o ar se tornou escasso e uma sensação de tontura se apossou de seus sentidos.

— Tira ele daqui, por favor! — Pediu Elisa, ao evitar olhar para o sangue que escorria pela perna.

— Vitor, vamos ali comigo pra gente dar um jeito nesse machucado.

Laura o segurou pela mão e o guiou para o banheiro. Vinícius os acompanhou, aflito, e aguardou na porta até que os dois saíssem. A gerente lavava cuidadosamente o joelho da criança em meio a resmungos de dor.

— Ai, ai!

— Tá vendo só o que ganha por fazer essas artes?

Após higienizar a região, seguiram para a sala dos funcionários — local onde armazenavam utensílios de primeiros socorros.

— Desculpe por tudo isso, Laura. — Vinícius se pronunciou, observando-a fazer um curativo no joelho do irmão. — Percebi que sua chefe não gostou nem um pouco.

— Ah não, relaxa. Não foi nada pessoal — respondeu, referindo-se ao fato dela ter pedido de maneira apressada para que tirassem o menino da sala. — Só que o Vitor não poderá ficar lá em cima, em meio aquela reforma, é perigoso em vários sentidos.

— Entendo — suspirou. — Vou ter que deixar ele em casa mesmo.

— Ainda falta duas semanas para o ano letivo e as aulas no centro educacional iniciarem. Vitor vai ficar sozinho em casa todo esse tempo? Não acho legal para uma criança de oito anos.

— Mas sempre foi assim, nunca tive ninguém pra olhá-lo enquanto eu trabalhava. Ele ficava em casa ou nas ruas vendendo doces pra me ajudar.

— Elisa não gostará nem um pouco de saber disso. Sei que não temos o direito de nos metermos na sua vida, mas ela quer poder ajudar seu irmão e mudar a realidade da vida dele.

Laura falava em tom suave enquanto terminava de tratar o joelho da criança. Vitor, sentado na cadeira, se distraía com o curativo em seu joelho, sem dar importância ao que os mais velhos diziam.

— O que você sugere que eu faça? Não tenho outra opção.

— Bom, — respirou firme ao se erguer e virar para Vinícius. — Continue trazendo ele. Mas vou pedir que o deixe aqui, nessa sala. Traga alguns brinquedos pra que se distraia.

— Não tenho brinquedos, tia Laura. — Se pronunciou Vitor, levantando-se da cadeira.

Com o coração apertado, a loira se virou em direção ao menino e inclinou-se para ficar na sua altura. Naquele instante, ela de fato se deu conta da realidade em que ele vivia. Se precisava vender doces no sinal pra se alimentar, certamente não sobrava qualquer dinheiro para um brinquedo.

— Não se preocupe com isso, eu trago alguns pra você. — Laura viu um sorriso estampar a face do pequeno Vitor ao ouvir suas palavras. No entanto, o mesmo sorriso desmanchou-se instantes depois quando Vinícius se pronunciou.

— Laura, não podemos aceitar, vocês já estão fazendo muito por nós.

— A Elisa está. Eu ainda não fiz nada — o respondeu, virando-se. — Então não me custa comprar algum brinquedo pra ele.

— Claro que você fez. Se não fosse pela sua ajuda, não estaríamos aqui hoje.

— Eu fiz o mínimo, não se preocupe. Agora preciso voltar, mas depois eu gostaria de conversar com você sobre a vida do Vitor pra conhecê-lo melhor. Isso inclui saber onde estão os pais — disse a última frase baixinho, quase em um cochicho. — Mais tarde eu dou um pulo lá em cima, pode ser? — O rapaz assentiu com a cabeça.

A gerente deixou Vitor acomodado na área dos funcionários e retornou para o escritório. Ao entrar, viu Elisa de costas, contemplando o navio de maneira que sempre permanecia sobre um móvel que havia na sala. A loira aproximou-se sorrateiramente por trás, a envolveu pela cintura e apoiou o queixo sobre seu ombro; aspirando o agradável perfume que vinha da roupa, pescoço e cabelos.

— Como você está? — Perguntou baixinho, contra o ouvido. Não sabia o exato motivo, mas era ciente do problema que Elisa tinha com sangue. A própria mencionara que em algum momento diria a ela suas razões.

— Estou bem, não se preocupe, foi apenas momentâneo... — Elisa mantinha o olhar fixo no navio e parecia divagar em pensamentos. — Obrigada por perguntar. Como ele está?

— O Vitor? Está bem. O corte foi superficial.

— Que bom...

— Você realmente está bem?

Laura depositou um beijo suave próximo à nuca e aguardou a resposta.

— Podemos mudar de assunto? — Pediu ao se virar e encontrar os olhos verdes que a observavam.

— Claro que sim — sorriu. — Tenho algo pra te dizer. — Marques a olhava com atenção. — Domingo é o meu aniversário. — Os braços de Laura permaneciam envoltos à cintura da mulher.

— Eu sei... Andei espionando seu cadastro de funcionária. — Sorriu discretamente. Sua afirmação deixou a loira surpresa. — Não gosto de comemorar os meus, mas tenho certeza que você gosta dos seus.

— Acertou — sorriu. — Não que tenha muita graça comemorar que está ficando velha, mas... — riram. — Minha amiga Bianca virá me ver final de semana, então provavelmente terá bolo, algum petisco e bebida. Queria te convidar pra estar com a gente, mas acho que seria pedir demais, não é?

— Ah Laura... Não seria confortável a situação, eu nem bem a conheço. Pra mim, essas questões sociais são muito difíceis.

— Imaginei que essa seria sua resposta — suspirou.

A mais velha sentiu-se chateada ao ver as expressões da gerente tornarem-se desanimadas. Ela possuía consciência de que se quisesse ter uma relação com a loira, necessitaria aprender a lidar com esse tipo de situação. Afinal, precisaria abraçá-la com toda a sua bagagem, e isso inclui família, amigos e todo o passado de Laura até aqui.

— Desculpa não atender suas expectativas...

— Está tudo bem, só fiquei triste porque seria perfeito ter a sua presença com a gente. Mas eu entendo suas limitações e não vou forçá-la a interagir com as pessoas. Podemos trabalhar todas as questões com o tempo.

— Você sabe que isso pode nunca mudar, não é?

— Não se preocupe com isso, Elisa. Eu te conheci e me apaixonei por você assim, não foi? Seria meio hipócrita da minha parte querer te mudar agora. Mas...

— Mas...?

— O meu pai eu faço questão que conheça!

— Ah não, pois nem pensar. — A morena saiu dos braços da loira e caminhou até a borda da mesa; onde se encostou.

— Desculpa, mas ele faz questão de te conhecer — disse ao ir de encontro a ela.

— Falou de mim pra ele? — Garcia assentiu. — O que você disse?

— Que pela primeira vez a filha dele foi acertada por uma flecha bem no meio do peito. E não foi por um cupido. — Laura falava em tom divertido conforme se aproximava novamente do corpo da chefe. — Contei que você, senhorita Marques, a lançou pessoalmente com suas mãos habilidosas.

Com um sorriso tímido no canto dos lábios, Elisa apoiou as mãos nos ombros de Laura e se expressou em palavras. Sentia-se receosa com a responsabilidade de ter um relacionamento, mas, igualmente feliz por tê-lo. Embora não tivessem oficializado, estava levando a sério e disposta a fazer aquilo funcionar.

— Não quero perder isso aqui — se pronunciou, referindo-se ao que vinham vivendo. — Mas espero que você não tenha caído numa grande cilada.

— Xiiii, tarde demais, estou submersa nisso até os cabelos.

— Não tem medo de sofrer?

— Tenho — confessou, transitando do tom de voz brincalhão para o sério. — Mas sabe o que me amedronta mais? Te deixar passar.

— Por que insiste tanto em mim? — O olhar de Elisa se fez doce e suas mãos deslizaram pelos ombros e subiram pela nuca de Laura, fechando-se ali.

— Porque eu gosto de você, não há motivo maior — piscou e curvou os lábios em um sorriso de lado. — Será que posso te beijar? — Pediu, firmando os braços com um pouco mais de força na cintura da morena. — Ou... Não posso borrar esse seu batom impecável?

Marques aproximou-se da boca à frente e roçou os lábios contra os de Laura de maneira suave e provocante.

— Segunda opção... — sussurrou, a fazendo sentir seu hálito contra a pele.

— Droga, melhor eu voltar ao trabalho — falou baixinho, sem qualquer vontade de quebrar aquele contato.

— Concordo.

— Porque se eu não for, isso aqui pode dar muito errado, não? — Agora foi a vez da loira provocá-la com um roçar de lábios. — O fim de semana longe da sua boca me deixou com saudades...

— Essa saudade vai aumentar um pouquinho mais, pois tenho uma viagem curta pra fazer essa noite.

— Ah não... De quantos dias?

— Cinco, vou hoje e volto sábado.

— Você chama isso de curta? Não sei se aguento a saudade até lá...

— É claro que aguenta. Vou deixar minha loja nas suas mãos, incluindo o trabalho aqui no escritório. Estarei em contato sempre. E quando eu voltar... — As mãos de Elisa saíram da nuca e deslizaram pelos ombros e laterais do corpo conforme seu tom de voz se tornava sedutor — Eu compenso toda essa saudade — finalizou, mergulhando as mãos para dentro do blazer de Laura até alcançar as costas cobertas pela camisa.

— Sabe que vou cobrar, não sabe?

— Não vai precisar fazer isso — seu tom de voz havia atingido um grau malicioso. — Porque eu mesma vou reivindicar sua presença. — Elisa fincou as unhas naquela região enquanto se colocava a falar. — Se tiver um tempo pra mim no domingo, seu aniversário, quero te dar um presente — esboçou um sorriso preenchido por segundas intenções.

— Me parece interessante... — Laura curvou os lábios com a mesma malícia da mais velha. — Bianca vai embora no final da tarde.

— Perfeito, porque o presente que quero dar a você é melhor apreciado à noite.

Elisa lançava um olhar demasiado forte enquanto falava com tanta convicção, que a mais nova sentiu-se eufórica e ao mesmo tempo nervosa pelo que estaria por vir.

— Pode me dar uma prévia?

A ambiguidade nas frases de Elisa desapareciam quando Laura lia suas verdadeiras intenções através da sensualidade daquele olhar castanho e do sorriso pintado pela luxúria vermelho carmesim.

— Não. Mas quando você estiver livre no domingo, quero que vá pra minha casa. — As mãos de Elisa voltaram a se mover e seus dedos começaram a brincar com os botões da camisa de Laura. — Reivindicarei cada parte de você lá, no meu território. Após dar seu presente, claro.

Laura a segurou nos punhos e a impediu de prosseguir com a provocação. Seu corpo começara a sentir os efeitos daquelas palavras.

— Elisa, Elisa... Não deveria brincar assim com as minhas vontades.

— Não vou, guarde todas elas para domingo; a vontade de hoje, de amanhã, de quarta... Quinta, sexta...

— Nunca esperei tanto por um aniversário — riram juntas. — Bom, agora preciso voltar ao trabalho.



Os dias pareciam se arrastar dentro do antiquário. E embora conversasse com Elisa por mensagens e ligações sempre que possível, não era a mesma coisa que tê-la fisicamente. Dias chatos de uma semana ainda mais desanimadora. Salvo pela presença do pequeno Vitor, por quem a loira estava nutrindo um genuíno carinho. O menino ficou imensamente feliz quando a gerente apareceu com alguns brinquedos na quarta-feira. Só estava sendo um pouco difícil mantê-lo quieto na sala dos funcionários durante todas as manhãs e tardes.

Quando sábado à tarde chegou, a loira fechou o antiquário e dirigiu às pressas em direção a rodoviária para buscar Bianca. No meio do caminho, sorriu ao ler uma mensagem de Elisa dizendo que já havia retornado de viagem. Atrasada, apertou o pé no acelerador e conseguiu chegar a tempo de ver a amiga descendo do ônibus. O grande sorriso que crescia gradativamente em seus lábios começou a morrer quando percebeu que Bianca não estava sozinha. O que deveria ser motivo de alegria, se tornou um temor em relação a como Elisa reagiria àquilo.

— Laura! — Gritou Bianca, acenando!

— Estou aqui! — A loira avisou, indo de encontro ao local de desembarque.

— Meu Deus, que saudades! Quanto tempo sem te ver, amiga! — Bianca a tomou em um abraço apertado, daqueles de urso, onde o corpo do outro fica inteiramente envolvido.

— Também estava morrendo de saudades de vocês! — Disse a loira, algum tempo depois, quando Bianca a soltou. Agora foi o momento de abraçar a presença surpresa que havia ido com Bianca para Hills Dale.

— Saudades de você, Laura. — A voz de Sandra soou carinhosa em meio ao abraço.

As três entraram no carro e seguiram a caminho de casa. Durante todo o trajeto, Laura estava perdida na dualidade entre sentir-se feliz e preocupada com aquela situação. Sandra era sua amiga de anos e havia feito questão de estar presente em seu aniversário; no entanto, aquela surpresa poderia desencadear em alguma incômoda situação com Elisa.

Após chegarem em casa e instalarem suas coisas, Laura comunicou que daria um pulo rápido no supermercado, pois não tivera tempo de abastecer a casa durante a semana. Sandra e Bianca fizeram questão de acompanhá-la, mesmo a contragosto da loira. Alegaram que não queriam perder uma hora que fosse do curto tempo que teriam com ela.

Entre muita conversa, risos e seções de alimentos, Laura só conseguia pensar no momento em que voltariam para que pudesse pelo menos comunicar sobre a presença de Sandra para Elisa através de uma mensagem. Sendo assim, recolheu todos os itens às pressas e começou a caminhar em direção aos caixas. Com tudo já ensacolado, deixou o supermercado e se dirigiu à saída.

— Ai, não... — murmurou Bianca, despertando a atenção da loira.

— O que foi?

— Um minuto antes da tragédia...

Ao olhar para a face de Bianca, a loira notou que a amiga tinha a atenção fixa em algo logo a frente. Quando decidiu seguir a visão, constatou que ela mirava para a imagem de Elisa a poucos metros. Aflita, não restou outra solução a não ser fazer as apresentações quando se aproximaram. Elisa estava tão bonita e Laura sentia tanta saudade, que precisou conter a vontade de enchê-la de beijos ali mesmo, próximo ao estacionamento.

— Que bom ter você de volta — disse a loira, assim que todos pararam frente a frente. — Espero que tenha tido uma ótima viagem — sorriu.

Marques também a olhava com anseios de abraçá-la. Contudo, conteve as emoções e focou nas duas presenças ao lado de Laura. Uma delas; Bianca, já sabia quem era.

— Foi razoável.

— Puts... que pena — lamentou. — Bom, depois conversamos a respeito, vou querer saber cada detalhe — sorriu fraco, sentia-se coagida pela situação. — Agora deixa eu fazer as apresentações... Essa é a Bianca, vocês já se conheceram rapidamente na outra vez em que ela veio à cidade.

— Olá. — Bianca a cumprimentou com um sorriso educado nos lábios.

— Essa daqui é a... Sandra — ao pronunciar aquele nome, Laura viu as expressões faciais de Elisa se tornarem inexistentes. Ela simplesmente não esboçou qualquer reação, e o sorriso cortês direcionado à Bianca instantes atrás, desapareceu.

— Também sou amiga da Laura — a ruiva se pronunciou.

Diferente de Bianca, Sandra deu um passo à frente e estendeu a mão para cumprimentar Elisa que, a essa altura, olhou para a mão suspensa da moça e em seguida subiu o olhar, cravando-o no fundo dos olhos adiante, que aguardavam uma reação de sua parte.

Laura, completamente tensa com a situação, não sabia se olhava para Sandra, Elisa ou para a mão — que ainda aguardava o cumprimento da mais velha. Seu coração nunca batera tão acelerado e os milésimos de segundos jamais demoraram tanto para passar como agora; esperando o desfecho. Pela falta de emoções na face de Elisa, ela reconhecia o quão incômoda a morena estava naquele momento.

O braço de Sandra permanecia suspenso à frente, e os olhares sustentados uns nos outros. Laura sentia como se estivesse no meio de um fogo cruzado, onde o resultado final era completamente imprevisível.



Parada de frente para a figura da mulher ruiva à sua frente, Marques a olhou de baixo para cima enquanto a analisava minuciosamente. E quando seus olhos castanhos cruzaram os dela, estendeu a mão e a cumprimentou com um aperto firme, digno de quem demonstrava segurança.

— Me chamo Elisa — respondeu, ainda sustentando o olhar e o apertado aperto de mão. — Sou a chefe e namorada da Laura.

Seria quase impossível dizer quais das mulheres ficou mais surpresa com aquela resposta. Com base no que a amiga sempre contou sobre a morena ser uma pessoa extremamente discreta e reservada, Bianca não imaginava que ela falaria sobre aquilo abertamente como acabara de fazer. Bianca sequer sabia sobre esse namoro; incluindo Laura, que era a segunda pessoa surpresa naquele estacionamento. A loira era um misto de espanto e alegria. Estava preocupada sobre como Elisa estava se sentindo diante àquela situação. Afinal, ela não havia tido qualquer oportunidade de avisar que Sandra também iria. Tudo soava como se tivesse escondido aquela informação da mais velha, e Laura estava extremamente preocupada em esclarecer as coisas. Por outro lado, o coração encheu-se de uma alegria e euforia sem igual ao constatar que as atitudes de Marques reforçavam cada vez mais aquilo que fora dito na carta.

A terceira pessoa surpresa naquele ambiente foi Sandra, que também não sabia que a amiga estava nesse grau de envolvimento com outra mulher. O sorriso pomposo e seguro de si se desfez de sua face tão rápido quanto se formou. E por último, não menos surpresa, estava Elisa.

Seu coração batia acelerado e um nó se formava na garganta tamanho o nervosismo que teimava em se apoderar de seu corpo. Surpreendeu-se com a própria atitude. E embora ela e Laura não fossem namoradas, não viu outra classificação para dar ao que tinham. “Ficantes” seria raso demais e não transmitiria à Sandra a seriedade que estava disposta a passar.

Elisa quase esboçou um sorriso debochado ao ver o desapontamento nas expressões da ruiva. Tal reação serviu para demonstrar à morena que Sandra não gostou de saber o quão comprometida Laura estava. Com isso, reforçava a ideia de que ela ainda carregava algum interesse pela *amiga*.

— Sandra me fez uma visita surpresa. Essas danadinhas não me contaram nada, vê se pode? — Se manifestou Laura, rindo sem jeito, assim que as duas mulheres desfizeram o cumprimento de mãos.

— Então eu desejo que aproveitem a minha cidade — disse Elisa, sem desviar os olhos de Sandra, que ainda a olhava com desgosto. — Bem-vindas à Hills Dale — sorriu cordialmente.

— O convite ainda está de pé, viu? Se quiser se juntar a nós... — comentou a loira ao se aproximar da mais velha.

— Depois nos falamos, aproveite suas amigas.

Elisa depositou um beijo na testa de Laura e começou a se direcionar para dentro do supermercado. Embora seu coração estivesse a mil e seu interior fosse um misto de inseguranças e outras emoções negativas, não permitiu em momento algum deixar transparecê-las. Entrou no estabelecimento sentindo um gosto amargo na boca, somado a uma nova emoção que, até então, desconhecia qual era. Mesmo sendo segura dos sentimentos de Laura, não conseguia deixar de sentir sensações ruins como aperto no peito e chateação. Pela primeira vez sentia ciúmes e não sabia ao certo como deveria reagir àquilo. Era um sentimento novo, diferente dos ciúmes que sentia pelo pai e a mãe, ou até mesmo por Suzana, quando era criança.

Do lado de fora do supermercado as três amigas entraram no carro em silêncio. Nada foi dito sobre o assunto durante todo o percurso. A loira era a que mais necessitava processar o que havia acontecido. O fez enquanto prestava atenção no volante, em retorno para casa.

Laura não quis desmentir Elisa, então sustentou a agradável ideia de tê-la como namorada, enquanto organizavam os preparativos para mais

tarde.

— Agora eu entendi porque você não quis mais saber de mim — disse Sandra, ao lado de Laura, lavando algumas latas de cerveja na pia.

— Hã? — A loira a olhou com o cenho franzido, demonstrando estar confusa sobre o que ela dizia.

— Essa Elisa — comentou com certo desdém.

— Então é isso? Mas eu disse a você algum tempo atrás sobre estar sentimentalmente envolvida com alguém, e que por isso aquele dia não rolou nada entre a gente.

— Sim, mas não achei que fosse algo tão sério assim, a ponto de estar namorando.

— Eu disse que era. Talvez você que não tenha levado minhas palavras a sério.

— Pode ser... — Sandra pausou a atividade com as latas, virou no sentido da loira e apoiou a mão sobre o ombro dela. — Uma pena, porque você faz falta...

— Como amiga, acredito que sim. Como outra coisa, espero que não. Nunca tivemos nada sério, sempre foi apenas uma curtição.

Ao contrário de Sandra, Laura não virou-se para ela, permaneceu lavando as bebidas enquanto dialogavam.

— Nunca tivemos nada sério porque você não quis.

— Como é? — Incrédula sobre o que acabara de ouvir, parou o movimento das mãos e olhou para a ruiva. — Que história é essa, Sandra? Nunca existiu sentimento no que tínhamos.

— Ah Laura, não é como se eu fosse apaixonada por você. Não. Mas eu gostava, ou gosto, sei lá. E seria legal que nossas ficadas tivessem evoluído, mesmo você sempre deixando tudo muito claro.

— Olha, eu acho melhor mudarmos de assunto, é meio inapropriado da sua parte vir me dizer essas coisas agora.

— Desculpa, não quero te faltar com o respeito.

— *Algum problema aí, meninas*? — Se manifestou Bianca, pegando o final da conversa. Sentia-se mal por ter levado Sandra consigo e desencadeado aquele clima desagradável. — Ainda ficaram algumas sacolas no carro, poderia ir buscar, Sandra? — Pediu, na tentativa de ficar alguns minutos a sós com a loira.

Assim que Sandra deixou o ambiente, Laura puxou Bianca no canto.

— Posso saber por que você a trouxe sem me avisar? — Cochichou, nitidamente chateada.

— Desculpa amiga, é que ela insistiu muito, ficou falando no meu juízo a semana inteira quando soube que eu viria. Fui vencida pelo cansaço, já estava sem graça de ficar me saindo. Sandra quis porque quis que fosse surpresa, não cabia a mim contar. Mas agora me arrependo, que merda... — suspirou cabisbaixa.

— Péssima ideia, péssima. Além daquele clima tenso com a Elisa no estacionamento, agora a Sandra veio com um papo sobre gostar de mim? Realmente não estou entendendo qual é a dela, era só o que me faltava a essa altura do campeonato...

— Ah, isso deve ser dor de cotovelo porque não vai mais poder ter nada com você. E após ter visto a Elisa, acho que o ego dela se abalou, sei lá. E por falar em Elisa... Que papo é esse de namoradas?

Enquanto conversavam em voz baixa, Bianca auxiliava secando as latas e as organizando na geladeira.

— Longa história... — murmurou. — Em outra oportunidade, te explico — cochichou apontando com o olhar para a porta da cozinha, indicando que não gostaria que Sandra escutasse.

Laura passou o restante da tarde pensando em Elisa e preocupada a respeito de como ela estaria se sentindo ao saber que Sandra estava em sua casa. Sempre que tinha oportunidade, enviava uma mensagem carinhosa a ela, dizendo sobre o tamanho da saudade que sentia. E que os dias longe precisavam ser compensados o mais rápido possível.

Por volta das sete horas da noite, todas se reuniram no sofá para beberem e comerem alguns petiscos que haviam preparado. Escutavam música e colocavam os assuntos em dia enquanto aguardavam o bolo esfriar sobre a mesa da cozinha para ser decorado. Bianca havia feito com as próprias mãos, mas por conta de um imprevisto com a massa anterior, precisou refazê-lo, ocasionando em um atraso.

— A gente trouxe um presente pra você, mas só vamos entregar após a meia noite, quando for oficialmente seu aniversário! — Disse Sandra, sentada em uma das pontas do sofá. A loira estava no meio, entre as duas amigas.

— Ah não, sério isso? Vão me deixar curiosa até lá?

— Sim senhora! — Se manifestou Bianca. — Você aguenta mais algumas horinhas que eu sei.

— Isso não se faz, meninas. Sabem que sou extremamente curiosa e ansiosa — resmungou. — Façam essa pobre aniversariante feliz, por favor? — Disse com os olhos pidões, unindo as mãos em forma de oração.

— Esses olhinhos verdes podem ser muito convincentes, mas... Sem chances. Não vamos cair nessa — comentou Sandra, rindo juntamente à Bianca.

— Bom, ao menos tentei — deu ombros, se juntando às amigas na risada.

— Laura, o Felipe disse que faz questão da sua presença quando o filho dele nascer — comentou Bianca.

— Claro que sim! Não perderia isso por nada! A mulher dele está de quantos meses, alguém sabe? — Perguntou, alternando o olhar entre as duas amigas.

— Deixa eu conferir aqui, pera aí. — Sandra tirou o celular do bolso e abriu a rede social de Felipe. — Na legenda da última foto diz que está de vinte e nove semanas.

— Isso é o equivalente a quantos meses? — Indagou Bianca. — Nossa, eu odeio isso de contar as semanas, coisa chata. Será que é tão difícil dizer "*Está de tantos meses*"? Muito mais objetivo.

— Realmente é chato pra caramba. — Laura concordou. — Bom, pelas minhas contas... Vinte e nove semanas é o mesmo que sete meses.

— Nossa, então está pertíssimo! — Sandra alertou.

— Sim! — Bianca e Laura disseram em uníssono.

— Vamos ser todas titias — comentou Sandra, fazendo as amigas expressarem uma baixa risada.

— Como está o restante do pessoal? Faz um tempo que não me comunico com ninguém. Recentemente falei apenas com a Giovana. Parece que ela saiu da faculdade, né?

— Sim! Desistiu de fazer nutrição e está cursando cinema. — Sandra comunicou.

— Caramba, duas coisas bem distintas. — Laura fez a observação.

— Pois é, acho que só fazia nutrição por causa do pai. Aquela pressão em casa, sabe? Mas depois que começou a morar sozinha, foi seguir o que ela verdadeiramente queria.

— Ai, que bom, fico muito feliz quando as pessoas seguem seus sonhos. Isso de se levar pela vontade dos outros só gera frustração.

— Penso o mesmo, Laura. Por isso sigo minha vida de *gamer* e foda-se se não veem isso como profissão. O importante é que faço o que gosto e pago minhas contas no final do mês.

— Você que está certa — Laura concordou, — porque quem carrega o peso das nossas escolhas somos nós, não a pessoa que ficou colocando pressão.

— Pois é

Alguns minutos se passaram, até que Bianca lembrou da existência do bolo e que ainda precisava decorá-lo. Deixaram Sandra mexendo na *playlist* de música e foram para a cozinha finalizá-lo.

Ao observar Bianca colorindo o chantilly com corante amarelo, sua cor favorita, Laura lembrou-se de uma conversa que tivera com Marques no aniversário da cidade, e riu sozinha com os próprios pensamentos. Elisa havia dito que a loira possuía um gosto péssimo para cor. Laura também recordou de ela ter dito que sua cor favorita era o azul marinho. Eram memórias de detalhes pequenos, mas que relembrava com carinho.

A música que vinha da sala não estava alta, contudo, invadia a cozinha e eliminava quaisquer ruídos externos. Com isso, foi impossível Laura escutar a campainha da porta, assim como também não ouviu Sandra chamá-la duas vezes para atender.

— Gente, vocês estão surdas? — Disse a ruiva, surgindo na cozinha. — Tem alguém tocando a campainha — avisou.

— Deve ser alguma criança querendo pipa ou alguma bola que caiu no quintal. Isso vive acontecendo — disse Laura. — Pode atender pra mim? Estou com as mãos todas sujas de chantilly.

— Ok.

A ruiva abaixou o volume da música e foi até a porta para saber quem era. Quando a abriu, seus olhos se arregalaram de maneira surpresa ao se deparar com a última pessoa que desejaria ver ali.

— Boa noite, a Laura está?

O olhar de Sandra percorreu a pessoa à frente quase em câmera lenta, traçando-a dos pés à cabeça. A começar pelo par de saltos fechados, depois subindo pelas belas pernas, depois contornando o vestido preto de alça fina e parando na face minuciosamente bem maquiada. O olhar e os

cílios destacados pelo rímel preto e os lábios volumosos pintados de vinho davam o toque final para a composição sensual e intimidadora da mulher que estava à porta.

— Não vai me convidar para entrar? — Tornou a falar. Dessa vez, com um discreto ar de riso no canto dos lábios ao constatar que as palavras haviam fugido da garganta da ruiva.

— *Sandra, quem era?* — Laura retornou para a sala em tempo de ver o impasse que havia se formado na entrada. — E-Elisa? — Indagou, quase gaguejando, ainda mais surpresa que Sandra.

Completamente incrédula, Laura acelerou os passos e foi conferir se os seus olhos não estavam enganados. Quando chegou até onde Elisa estava, seu queixo foi ao chão. Primeiro, pela surpresa em vê-la comparecer ao aniversário. Segundo, pela elegância de Elisa. A loira não recordava de já tê-la visto tão bela como hoje.

— Vem, entra, por favor — abriu caminho para que a mais velha passasse. — Que surpresa maravilhosa você ter vindo! — Disse com um sorriso brilhante no rosto, ainda deslumbrada com a beleza da morena.

— É... Mudança de planos — sorriu de forma singela. — Desculpe o atraso.

— Ótima mudança de planos, eu diria! Vem, senta aqui.

Nitidamente animada, a loira a segurou pela mão e a guiou até o centro da sala. Sandra se mantinha calada, apenas observando. Bianca havia ficado na cozinha.

— Você está tão linda — elogiou ao vê-la tomar um lugar na poltrona. Marques optou por esse tipo de assento para que pudesse manter sua individualidade.

— Obrigada. — Sorriu.

— Eu preciso terminar de confeitar o bolo rapidinho com a Bianca, mas eu já volto, ok? É que atrasou tudo — riu coçando a nuca. — Quer beber alguma coisa? Temos cerveja — ofereceu. — Ah, tenho whisky também. Comprei pensando em uma próxima visita sua, pois sei o quanto gosta.

— Obrigada, querida. Vou aceitar o whisky, sim.

— Ok, já volto!

Laura se ausentou por poucos minutos, deixando Elisa e Sandra a sós. A ruiva acabou retornando a um dos assentos do sofá. O silêncio entre ela e Marques era absoluto. Enquanto a morena verificava algo no celular, Sandra a olhava com fixação e análise.

— Aqui está. — Laura a abordou pela lateral da poltrona e ofereceu o copo de whisky com gelo. — Prometo que volto logo — comentou ao acariciá-la no ombro

Voltando a ficar a sós com Sandra, a morena guardou o celular na bolsa e resolveu enfrentar aquele olhar demasiadamente interessado em si. Com base na boa percepção que tem sobre as pessoas, sabia que a ruiva estava prestes a abrir a boca para dizer algo. E foi exatamente assim que aconteceu:

— Elisa, não é? Se não estou errada, é dona de uma loja onde vende coisas antigas, acertei?

— Uhum. Vejo que sabe quem eu sou.

— É, a Laura deve ter mencionado vez ou outra — respondeu em tom de desdém. — Namorada... Estranho, não acha?

— O quê?

— O fato da Laura nunca ter me contado nada sobre vocês. Muito menos que estava namorando. Pra mim, você era apenas a chefe dela.

— Não vejo estranheza nisso, muito possivelmente a Laura só quis esperar um pouco mais para divulgar o que temos. Até mesmo porquê, ela sabe o quanto prezo pela discrição sobre o que diz respeito à minha vida. Dentre outros motivos que não vem ao caso.

Marques serviu-se do líquido em seu copo enquanto aguardava a reação da mulher. Pelo tom das palavras que ela proferia, sabia que Sandra não pararia ali.

— Esperar? Pra quê? Ela sempre me contou sobre todas as outras — expressou um pequeno riso sarcástico.

Elisa fechou os dedos com força ao redor do copo, mas não permitiu que suas reais emoções transparecessem através de suas expressões faciais. Sendo assim, manteve o queixo parcialmente erguido e decidiu responder Sandra à altura.

— Mas eu não sou todas as outras — disse em tom de superioridade, porém, com a voz suave e tranquila, fazendo a ruiva roer-se

por dentro.

— Mais um motivo pra ela ter me contado — tentou argumentar.

— Hum... Talvez Laura quisesse poupar você dos detalhes. É o que amigas fazem, não? — Agora foi a vez de Marques esboçar um sorriso cínico, instantes antes de levar o whisky aos lábios.

— Me poupar? Então eu posso supor que você soube sobre nossa amizade... *colorida*.

— Amizade colorida ainda é uma amizade.

Tomada pela raiva, Sandra respirou fundo enquanto observava o jeito pacífico no qual aquelas palavras saíam da boca de Marques. Por mais que tentasse provocá-la, nada parecia surtir efeito. Cogitou dar a ela uma resposta arrogante, mas foi interrompida pela presença das amigas voltando à sala.

Bianca alternou o olhar entre os estofados e viu a tragédia eminente. Outra vez, arrependeu-se amargamente por ter aceitado participar da surpresa de Sandra. Sentiu-se culpada pelo tenso clima que era notável a quilômetros de distância.

— Oi, Elisa — disse ela com um sorriso tímido nos lábios, aproximando-se. Sentiu vontade de cumprimentá-la com um beijo na face, mas limitou-se a apenas estender o sorriso e tomar um lugar ao lado de Sandra.

— Está tudo bem? — Perguntou Laura, em um sussurro, ao contornar a poltrona da morena e se pôr de pé, ao lado, com seu braço apoiado sobre as costas do estofado.

Elisa sentia-se completamente desconfortável naquela situação, no entanto, além de se manter firme em não querer demonstrar qualquer fraqueza para a ruiva, ela também não queria estragar o aniversário de Laura. Em razão disso, apenas meneou positivamente com a cabeça, indicando que estava tudo bem.

— Fico contente ao te ver aqui, Elisa. Na última vez que vim visitar a Laura, não tive muita oportunidade de te conhecer — comentou Bianca, gentilmente. Estava sendo genuína nas palavras; possuía curiosidade em conhecer a morena desde quando a amiga começou a falar bastante a respeito.

— Nos vimos muito rapidamente no supermercado, não foi? — A jovem assentiu. — É bom saber que está contente pela minha presença.

Você é uma amiga especial pra Laura, então também me alegro em poder conhecê-la um pouco.

Laura apertou o ombro de Elisa carinhosamente, sentindo-se feliz pela atitude da morena. E também muito orgulhosa, pois era capaz de imaginar o quanto ela estava se esforçando para conseguir levar adiante aquela situação. Talvez a coragem líquida dentro daquele copo estivesse auxiliando — pensou.

— Onde você dormiu nas vezes em que veio visitá-la, Bianca? — Perguntou Sandra, pronta para lançar seu veneno novamente. — Porque só tem um quarto, pelo que vi.

— Na cama com a Laura, ué — respondeu como se fosse óbvio.

Elisa logo fixou o olhar na face cínica da ruiva. Sabia que ela soltaria mais uma das suas. Não conseguia acreditar como uma pessoa tão agradável como Laura era capaz de ser amiga daquela mulher. Pior, ter mantido alguma relação mais íntima com ela. Marques sentia o estômago embrulhar só de olhá-la.

— Então vamos dormir as três? Juntas? — Todos ficaram em silêncio. Apenas a baixa canção que tocava ao fundo se fez ouvida. — Você não se importa, Elisa? Que a sua namorada durma na cama comigo?

— Nós não vamos dormir na mesma cama. — Laura se pronunciou. Havia seriedade em seu tom de voz e nas expressões faciais. Seu olhar pesado estava direcionado à Sandra, nitidamente recriminando sua atitude. — Vocês dormirão juntas e eu vou ficar no sofá.

— Mas a Elisa ainda não respondeu a minha pergunta.

A sensação de insegurança começou a ficar de lado, dando lugar a um forte sentimento de caça. Elisa havia deixado de sentir-se intimidada e agora desejava mais do que nunca rebater àquela que ousou tão descaradamente confrontá-la.

— O que Laura e eu temos é grande demais para que algo desse tamaninho — gesticulou, unindo a ponta do polegar com o indicador — abale minha segurança. Imagino que vocês duas já tenham compartilhado um espaço algumas vezes, mas veja com quem ela dorme fixa agora... Acho que isso quer dizer alguma coisa. Não? — Piscou em meio ao sorriso debochado que preenchia seus lábios ainda pintados de batom.

Laura, localizada ao lado da poltrona, não sabia se deveria se preocupar com o rumo daquele encontro ou se vibrava de felicidade por vê-

la se expressando tão bem e com tanta convicção.

— Respondido, Sandra? — Perguntou Elisa, exalando imponência no olhar e em sua voz firme.

A ruiva nada mais disse, por ora. Não em palavras. Seu olhar era quem não parava de se expressar. Estava furiosa, enciumada e não conseguia desviar a atenção da figura altiva que é Elisa Marques. Sem dúvida ela era uma mulher completamente diferente de todas as outras com quem Laura esteve — constatou. Sandra reconheceu que meia dúzia de palavras envenenadas não seriam capazes de abalar a fortaleza à frente.

— Vamos dançar?

A ruiva aumentou o volume das músicas que tocavam e puxou Bianca para o centro da sala. Olhou para Laura e Elisa e as convidou para se unirem a elas. A loira negou, alegando estar cansada. Marques também se recusou, disse que não gosta de dançar.

— Vem até a cozinha comigo? — Pediu Laura. — Quero te mostrar como ficou o meu bolo.

As duas se deram as mãos e retiraram-se da sala, sendo observadas pelo olhar furtivo de Sandra. Ao adentrarem o outro cômodo, Laura fechou a porta para abafar a música que vinha lá de fora e para que tivessem mais privacidade.

— Que gracinha, Laura. Está lindo! — Elogiou quando o viu sobre a mesa. — Apesar da cor — implicou. — Péssimo gosto, por sinal.

— Deixa o meu amarelo, ok? — Riram juntas. — Curioso que você ainda lembre...

— Tenho uma memória boa até demais. Qual o sabor?

— Abacaxi com doce de leite.

— Hummm, parece ótimo! Pretende partir meia noite?

— Sim. Vai estar aqui até lá?

Laura diminuiu o espaço entre seus corpos e apoiou as mãos na cintura da morena.

— Acho que sim... — respondeu incerta, repousando as mãos sobre os ombros da aniversariante.

— Desculpa por isso, tá? Não entendi o porquê daquele comentário sem noção da Sandra em relação a cama. Juro que se ela soltar mais uma como aquela, vou colocá-la em seu devido lugar.

— Nem pensar. Não precisa. Quero, por favor, que não se meta. Prefiro eu mesma respondê-la.

— Você não tem por que aturar essas coisas.

— E eu não vou, por isso peço que não se envolva. Não é minha intenção estragar sua comemoração, mas não posso permitir que ela me falte com o respeito. Está me provocando desde a hora que cheguei. Se a intenção dela é montar um circo, que tome cuidado para não virar o palhaço.

— Ah não, mentira, sério que está te provocando desde que chegou? Pois eu vou lá falar com ela!

— Laura, não — a segurou pelo braço. — Deixa que eu mesma me defenda.

— Que saco! Não sei por que a Sandra está fazendo isso, ela não é assim.— Garcia demonstrava impaciência e preocupação com o rumo daquela noite.

— Pra mim está claro, ela é muito interessada em você. Quando nos conhecemos no estacionamento, me desagradei dela de imediato. Você se assustaria se soubesse a excelente percepção de análise que faço sobre as pessoas.

— Não é possível que ela venha com essa agora. Estou muito chateada com todo esse clima, sinto muito mesmo, você deve estar péssima... — Laura voltou a segurá-la pela cintura com uma mão, e usou a outra para ajeitar carinhosamente uma mecha daquele cabelo castanho atrás da orelha. — Mas pelo menos você está aqui. Estou morta de saudades, sabia?E curiosa pra saber como foi a viagem.

— Amanhã, a sós, matamos essa saudade — sorriu. — Te conto tudo, prometo.

— Ok. — Laura esboçou um pequeno sorriso e pressionou os lábios contra os dela. Estava ansiosa para que pudesse compensar o tempo longe. Mas, por ora, precisavam retornar para a sala.

Sandra e Bianca estavam tirando fotos quando as duas apareceram. Laura ofereceu alguns petiscos que estavam sobre a mesa, mas a morena recusou educadamente e informou que ficaria apenas na bebida. Uma nova dose foi depositada no copo de Elisa que, dessa vez, resolveu sentar-se no sofá com Laura. A poltrona acabou ficando com Sandra, que permanecia com seu olhar sobre ela. E, sempre que podia, soltava um de seus

comentários inconvenientes. O último deles foi tentar contestar o namoro do casal.

— Eu juro que no começo pensei que fosse algum tipo de piada quando você se apresentou como namorada da Laura. A minha amiga namorando? A Laura que conheço? Que adorava pegar várias mulheres? Impossível de acreditar.

— Impossível por que, Sandra? — A loira se manifestou, farta daquela situação. Havia irritação em suas feições e aspereza nas palavras. — É verdade que sempre fui bem mulherenga, nunca escondi de ninguém, nem da Elisa. Sempre gostei de curtir a minha solteirice, mas isso foi antes de me apaixonar por ela.

— Mas você nunca se apaixonou.

— Sandra, pelo amor de Deus, por que você está assim? — Bianca se manifestou, nem ela aguentava mais aquela situação. Estava sentada no chão, de pernas cruzadas, petiscando as bandejas sobre a mesa de centro. — Que clima mais desagradável, se eu soubesse que seria assim, não teria te trazido.

— Desculpa, mas não posso querer entender o que houve com a minha amiga? Do nada recebo a bomba de que ela está namorando, e não posso opinar sobre nada?

— Você não está opinando, está faltando com o respeito a nós duas! — A loira se pronunciou novamente. Marques percebeu que Laura estava prestes a explodir, então a apertou na mão em sinal para que se acalmasse.

— *Já chega.*

A voz potente de Elisa ecoou pela sala, fazendo com que todos ali presentes, se calassem. Depositou o copo de whisky sobre a mesa e levantou-se. Seu olhar estava direcionado a Sandra e seus passos caminharam com elegância até ela, oferecendo apenas um ruído do salto contra o piso de tacos. A ruiva a olhava em desafio, sem permitir que os olhos desviassem daqueles castanhos que pareciam querer devorá-la.

— Acho que precisamos conversar de mulher para mulher. Você e eu — disse Elisa, parando os passos quando se posicionou de frente para a poltrona de Sandra. — Vamos lá fora?

— Não vou sair daqui. — A ruiva recusou, portava agressividade no tom que depositava nas palavras.

— Certo...— As feições de Marques estavam serenas. — Então o que tenho pra dizer, será dito na frente de todos.

— Se quer fazer um escândalo porque está com ciúmes, vai em frente — disse Sandra, rindo em tom debochado.

— Escândalo? Ciúmes? Eu não sei com qual tipo de garota você está acostumada a lidar. Só que eu, Sandra... Definitivamente não sou uma.

Bianca levantou-se tensa do chão e tomou um lugar ao lado de Laura, no sofá.

— Já notei que a questão aqui é pessoal. — Marques continuou a falar.

Suas expressões eram sérias, porém, permaneciam serenas. A voz, firme. E o olhar extremamente fixo nas íris da ruiva. Por estar de pé, a olhava de cima para baixo, enquanto Sandra precisava erguer um pouco a cabeça, estando sentada na poltrona.

— Claramente quem não está se contendo de ciúmes aqui, é você — afirmou Elisa.

— Até parece — Sandra tornou a rir debochadamente. — Você não sabe do que está-

— Eu ainda não terminei de falar. — Marques a cortou. — Onde está a sua educação, Sandra? — A mais velha possuía sarcasmo em suas palavras. — Você e eu temos apenas uma coisa em comum aqui, que é o nosso carinho pela Laura. E em respeito à casa e ao aniversário dela, não pretendo levar adiante esse seu espetáculo.

Elisa inclinou-se sutilmente sobre a poltrona e apoiou uma das mãos nas costas do estofado. Dessa forma, conseguiu um posicionamento onde a ruiva ficasse encurralada, sentada entre ela e o móvel.

— Mas você precisa entender algumas questões por aqui. E a principal delas, é saber o seu lugar. Está óbvio o quanto a minha presença nessa casa te desagradou, no entanto, não existe absolutamente nada que você possa fazer para mudar isso.

A expressão debochada de Sandra começou a dar lugar a feições raivosas conforme a mulher à sua frente lançava aquelas palavras.

— Pensando melhor... Há sim duas opções. Ou você toma uma postura de mulher e faz jus à consideração que tem à sua amiga, ou você pode se levantar dessa poltrona agora e ir se trancar no quarto igual uma

criança birrenta. O que não dá, é continuar destilando suas provocações como se fosse uma garota de colegial.

— Ridícula! Você não tem o direito de falar assim comigo! — Gritou Sandra, de forma impulsiva.

— E você não tem o direito de desrespeitar o relacionamento da sua amiga. E me faça o favor de não gritar, porque essa noite os meus ouvidos já estão saturados de ouvir sua voz e o seu baixo linguajar.

Elisa se afastou, recolheu o copo de whisky da mesa e sentou-se de maneira elegante no sofá, com as pernas cruzadas. Sentia-se aliviada por ter dito aquelas palavras sem perder o controle. Suas feições faciais esboçavam serenidade e calmaria, o que proporcionou ainda mais raiva na ruiva, tendo em vista que a intenção desde o início era intimidar e provocar a ira de Marques.

— Vocês vão deixar ela me tratar assim? — Perguntou Sandra, furiosa, olhando para Laura e Bianca. Ao perceber que as duas estavam a favor da Elisa, levantou-se raivosa da poltrona e trancou-se no quarto, batendo com força a porta atrás de si.

— É... Eu acho que ela resolveu tomar o caminho da segunda opção.

O comentário final de Elisa veio seguido de um sorriso triunfal.

— Meu Deus do céu, o que foi isso! — Disse Bianca, soltando o ar que sequer percebeu estar preso nos pulmões. Seus olhos estavam arregalados.

— Você está bem, Elisa? — Perguntou Laura, preocupada. — Eu pedi pra você me deixar dar um jeito nela, droga. Olha onde tudo isso chegou...

Laura passava a mão sobre os cabelos castanhos, na tentativa de afagar e confortar a morena.

— Estou bem, não se preocupe. Estaria mal se tivesse deixado você me defender.

— Olha... Confesso que eu tenho até medo de quem tenta entrar no seu caminho — riu de maneira nervosa. — Você consegue ser esmagadora quando quer.

— Humilhou a Sandra com classe, meu Deus, o que foi isso. — Bianca ainda estava incrédula com a situação que acabara de presenciar. — Ela é minha amiga, mas estava errada e eu não vou passar pano, não. Espero que você não pense que também faço esse tipo de coisa, Elisa —

continuou a dizer, temendo que a namorada da amiga chegasse a uma péssima conclusão sobre ela, também. — Mais tarde vou terminar de puxar a orelha dela, ah... Mas eu vou!

— Claramente essa moça gosta da Laura e não soube lidar com o fato dela estar finalmente comprometida com alguém. — Marques se pronunciou. — Eu não tinha nada contra ela, até o momento em que resolveu me confrontar. Isso eu não ia admitir.

— Você está coberta de razão, Elisa. Mas eu ainda vou chamar a atenção da Sandra quando você for embora. A conduta foi inaceitável, eu hein?Não vou permitir que ela nem qualquer outra pessoa te trate assim.

— Laura, está tudo bem.

— Não, não está. Não até eu ter uma conversa com ela. Onde já se viu...

— Acho que acabou a noite de qualquer jeito, né? Eu não tenho clima pra mais nada — comunicou Bianca. — Me desculpa por isso, amiga. Como estou me odiando por ter trazido a Sandra pra cá!

— A única culpada aqui, é ela. Relaxa, ok?

— Eu vou embora, pois também não tenho clima pra permanecer. — Agora foi a vez de Marques se manifestar.

— Elisa, mil perdões por tudo isso, de coração. Vou te acompanhar até a porta, também não tenho mais clima.

A morena despediu-se de Bianca e se direcionou para o lado de fora com Laura. Na calçada, trocaram algumas palavras antes de terminarem a noite:

— Ainda podemos nos ver amanhã, não é? — Perguntou a loira, com os olhos um pouco marejados. Sentia-se péssima por ter colocado a morena naquela situação, ainda mais sabendo de sua condição.

— Claro que sim... — A mão de Marques a tocou carinhosamente na lateral da face. — Não se sinta culpada. Promete pra mim? Cedo ou tarde algo como isso poderia acontecer. Até que eu soube lidar com a situação.

— Você foi incrível, fiquei surpresa a partir do momento que apertou a mão dela.

— Pois é, eu também me surpreendi comigo, mas eu não poderia deixar de tomar uma atitude.

— Verdade... Afinal, você é a Elisa vampira Marques. Com ciúmes, é ainda mais predadora e assustadora.

— Como você é boba, Laura. Mas, quem disse que eu estava com ciúmes? — Arqueou uma de suas sobrancelhas bem desenhadas, observando-a.

— Ah não? Então o que fez você encarar esse evento social? — Segurava o riso ao ver a mulher à sua frente tentando disfarçar e manter uma postura rígida.

— Eu só quis averiguar, ok?

— Sei... Vou fingir que acredito.

— Pois pode acreditar. Ciúmes... Era só o que me faltava.

— Então tá. Amanhã você me explica de onde saiu o termo “namorada" naquele estacionamento.

Segurando o riso, Laura a puxou para junto de si e a envolveu em um abraço carinhoso. Seu rosto afundou-se na curva daquele pescoço, onde foi capaz de aspirar o perfume antes de depositar um beijo na pele quente.

Ainda abraçada à Laura, desfrutando do calor de seu corpo, Elisa estendeu o assunto. Não queria dar o braço a torcer.

— Amanhã eu te mostro que não era ciúmes.

— De que maneira vai fazer isso?

— Mostrando a você o quanto eu me garanto...

— Ah é? — Garcia desgrudou do abraço e a buscou na face. — Me parece muito interessante isso aí.

— Então estarei te esperando pra comemorar oficialmente o seu aniversário. Já sabe que vai pra dormir, não é?

— Hummm, está ficando cada vez melhor. A vampira vai dividir os aposentos comigo? — Brincou.

— Sim. Meu quarto, minha cama, meus lençóis... Só não tem caixão de drácula. Mas se tivesse, dividiria também — disse em tom divertido.

— Ora, ora... Está ficando cada vez mais convidativo mesmo — sorriram juntas. — E hoje à meia noite, o que eu ganho?

— Nada.

— Nada? Nem uma *mensagenzinha* de feliz aniversário? — Pediu de maneira manhosa.

— Vou pensar no seu caso.

— Pensa com carinho.

— Pensarei, agora desfaz esse biquinho, vai? Está parecendo uma criança. — Elisa revirou os olhos e segurou o riso para não admitir que estava achando tudo aquilo muito fofo.

— Que mulher difícil, meu Deus. Que mulher difícil... — repetia Laura, com um sorriso nos lábios. — Te adoro, sua chata — disse, por fim, roubando um selinho rápido.

Apesar do momento complicado que vivenciou naquela noite, ouvir as palavras carinhosas de Laura fez tudo se tornar pequeno. Em silêncio, observando a felicidade estampada na face à frente, encheu-se de coragem para igualmente expressar seus sentimentos:

— Eu também adoro você...

A declaração foi dita com a voz aveludada e os lábios curvados; felizes, enquanto os olhos castanhos se tornavam estreitos ao, também, sorrirem.



— Que papelão, hein, Sandra? Eu só não te faço ir pedir desculpas à Elisa porque ela não merece mais te aturar por hoje. Agora eu quero uma explicação pra essa cachorrada que você fez lá na sala! Diferente dela, eu perco a pose muito fácil. Anda, se explique!

— Eu não gostei dessa mulher! — Disse, levantando-se da cama e indo até Laura.

— Quem tem que gostar sou eu, não você! Que palhaçada é essa agora? Achei que fôssemos amigas!

A loira era um misto de raiva e decepção. Não conseguia acreditar no péssimo comportamento daquela amiga de anos. Era como se a mulher na sua frente fosse uma completa estranha, uma pessoa totalmente diferente da que conhecia.

— E somos!

— Somos? Você tem certeza? Amigos não fazem o que acabei de presenciar lá fora. Qual era a sua intenção com a Elisa? Deixá-la desconfortável? Enciumá-la? Colocá-la contra mim? Porque até agora estou tentando entender!

— Laura, fala baixo...

— Não me peça pra falar baixo! Estou profundamente irritada com essa situação! — As íris da loira estavam fixas à face de Sandra. Se possível fosse, faiscariam a qualquer momento. — Anda, começa a me responder!

— Sim, eu queria irritá-la. Satisfeita? Fiquei com ciúmes e com inveja desde que se apresentou como a sua namorada. Eu gostava muito de

ficar com você, e de repente preciso aceitar que não vai mais rolar — confessou em um só fôlego. — E eu não tenho a menor chance de competir com ela.

— E por essa razão decidiu infernizar a nossa noite? Inacreditável... — Laura se sentou na beira da cama enquanto processava toda aquela informação. Respirou fundo e levou a mão à testa em um nítido gesto de impaciência.

— Desculpa se estraguei seu aniversário... — A voz de Sandra era mansa. Sentou ao lado da loira e tentou tocá-la no ombro, mas a viu se esquivar.

— Suas desculpas não consertarão o que fez, mas espero profundamente que isso não volte a se repetir! Não imagina o quanto estou decepcionada com essa sua atitude.

Laura levantou-se em um impulso e a deixou sozinha no quarto. Não queria mais ter que olhá-la na face essa noite. Recolheu algumas roupas de cama no guarda-roupas e saiu comunicando à Bianca que podiam pegar o que quisessem no armário. Após organizar a bagunça da sala, tomou um banho e deitou-se aconchegadamente no sofá. O bolo amarelo acabou indo para a geladeira, seria aberto no café da manhã.

Sentia-se triste pelo desfecho daquela noite. Mexia no celular sem muita motivação quando escutou passos invadindo a sala. A luz ainda estava acesa, então pôde constatar a presença de Bianca.

— Posso ficar um pouquinho aqui com você? — Pediu, aproximando-se. — Não quero que esteja sozinha quando der meia noite.

Laura assentiu positivamente com a cabeça e ajeitou-se no sofá de modo a abrir um espaço para a amiga.

— Sandra está emburrada lá no quarto, mas eu vim trazer seu presente. — Bianca apoiou uma embalagem sobre o colo da amiga. — Espero que goste! — Sorriu.

Garcia desembrulhou o presente apressadamente. Desde algumas horas atrás estava ansiosa para saber o que a amiga lhe trouxera.

— Que linda! — Exclamou sorridente. As íris verdes observavam com alegria a jaqueta jeans que ganhara. — Minha cara! Muito obrigada! — Inclinou-se para abraçá-la carinhosamente, apertando-a em seus braços.

— Feliz aniversário, Laura!

O relógio cravou meia noite.

— Obrigada! Não só pelo presente, mas por ter vindo passar essa data comigo. Sinto muito a sua falta.

— Acha mesmo que eu perderia? — Sorriu. — Vinte e seis anos, hein, amiga? Está ficando velha! Daqui a pouco vira trintona — implicou, dando uma leve empurrada no ombro da loira.

— Velha, não. Experiente, ok? — Empinou o nariz, gabando-se.

— Saudades de quando éramos duas meninas. Lembra? Você, por ser a mais velha, tinha as melhores ideias. Eu te achava mirabolante! Houve uma fase em que você atingiu a adolescência e eu ainda era uma criança. Acabamos nos afastando um pouco, mas eu compreendi que você já não tinha idade pra brincar com as minhas bonecas.

— Bianca, desculpa te desiludir, mas eu nunca gostei delas — confessou, fazendo a amiga olhá-la surpresa. — Brincava pra te agradar, mas sempre preferi jogar videogame, mexer no computador...

— Não me parecia que você não gostava, até as colocava para se beijarem. Disso eu lembro bem.

As duas amigas compartilhavam risadas ao lembrarem de pequenos e prazerosos momentos da infância.

— Essa era a única coisa interessante que dava pra fazer com elas.

— Sua safada! Sempre foi uma sem vergonha!

— Um pouquinho só, vai? — Riu, esboçando uma expressão sacana.

— E a Elisa? Qual a idade dela? Não lembro se já perguntei. E que papo é esse de namorada? — Pôs a mão na cintura, demonstrando indignação. — Deu pra esconder as coisas de mim agora, é? Achei que fosse sua melhor amiga!

— Claro que não, sua boba. Nem rolou pedido oficial. As coisas começaram a ficar mais sérias agora — explicou. — Respondendo sua pergunta, Elisa tem trinta e quatro anos.

— Humm... Ela é bonita, né? — Comentou timidamente. — Hoje tive tempo e oportunidade de reparar melhor. Teve um momento em que ela passou bem perto de mim, caramba, prendi até o ar. Com todo respeito, Laura.

— Relaxa — riu. — Elisa é belíssima, está permitido elogiá-la. Também prendo um pouco a respiração quando ela está perto. É involuntário, e quando dou conta, estou soltando o ar e suspirando. Ela tem

esse poder sobre as pessoas, quando não está intimidando todas elas — riram juntas da última expressão.

— Fico muito feliz que tenham se entendido e se apaixonado. É bom te ver gostando de alguém. Graças à Elisa eu posso ver essa sua cara inédita de boba ao falar dela.

— Quem tem cara de boba aqui?

— Eu que não sou! Bem, vou me deitar agora porque estou bem cansada da viagem e as cervejas me deixaram ainda mais mole. Amanhã a gente conversa mais. Feliz aniversário novamente, Lau. E desculpa mesmo por essa noite.

Bianca se inclinou para depositar um beijo no rosto e se retirou do ambiente, deixando-a novamente sozinha. Laura, por sua vez, deu mais uma olhada na jaqueta, sorriu para a peça e a deixou sobre a poltrona. Com as luzes agora apagadas, acomodou-se deitada no sofá e pegou o celular. Ao abrir o aplicativo de conversas, constatou que havia recebido uma mensagem da chefe 00:08.

“Sou péssima em felicitações, pois como sempre fui sozinha, a única pessoa a quem eu desejava parabéns era a Fiona, então não tive como praticar. Mas eu quero que saiba que estou contente por saber que hoje é um dia especial pra você. Espero que o desfrute da melhor forma possível e que mais tarde venha pra mim.Feliz aniversário, loira petulante.”

Com um sorriso nos lábios, tratou de respondê-la com pressa, a fim de pegá-la ainda acordada:

“Obrigada! Não pelo ‘petulante’, essa parte eu descarto. Se bem que dizem que a gente só implica com quem gosta, não é? Então vou tomar como um gesto de carinho. Mais tarde estarei aí, ao seu lado. Desde o final de semana passado não consigo um tempo com você. Senti tanto a sua falta lá na loja.”

Diferente de quando se conheceram, quando a mais velha sequer respondia suas mensagens, a resposta não tardou. Elisa estava atenta às notificações.

“Sentiu minha falta mesmo eu te enchendo de tarefas? Isso que eu chamo de amor ao trabalho. Preciso providenciar atividades extras, acho que ando pegando muito leve com você...”

“Se essa atividade extra envolver nós duas naquele escritório após o expediente, saiba que estou de acordo."

“Você é muito sem vergonha mesmo."

“Acontece que eu te desejo muito, é diferente. Mas aceito o título.”

Elisa parecia digitar uma mensagem, mas logo o aplicativo indicou que ela havia desistido. Não demorou muito e o status dela digitando voltou a aparecer, seguido de uma mensagem algum tempo depois:

“Também senti sua falta. Estou ansiosa pra ter você aqui. É estranho pensar que após tantos anos sinto vontade de ter uma presença além da minha, nessa casa.”

“Fico tão feliz por isso, Elisa. Quero muito ser merecedora de todo esse espaço que está me permitindo ocupar. Sinto que ainda tenho muuuuito o que conhecer sobre você, e estou ansiosa pra que confie em mim a tal ponto.”

“Não tem nada interessante sobre a minha vida solitária, mas, um dia a gente fala a respeito. Só não pode ser agora, nessa data especial."

“Tudo bem. Quero te perguntar uma coisa... Você ainda tem aquelas fotos que tirei suas? Incluindo essa que usa no perfil?”

“Tenho. Por quê?”

“Porque elas são lindas. Tem como me enviar? Eu apaguei do meu celular em um momento de raiva, hehe. ��”

“Pois vai ficar sem elas, pra deixar de ser impulsiva."

“Por que você tem que ser tão difícil? Hoje é meu aniversário, poderia ser mais boazinha comigo.”

“Como é chantagista. Ok.”

Marques enviou as fotos do dia em questão e acabou enviando uma mídia extra, por engano. Quando se deu conta, se apressou em apagar.

“Me enviou nudez e se arrependeu no caminho?”

Laura não perderia aquela oportunidade de implicância.

“Seu sonho, não é? Se você quer uma foto sensual minha, soa mais bonito pedir que jogar esse verde aí. Não que eu fosse tirar e enviar. Mas...”

“Você é muito má comigo, Elisa. Mas, tudo bem. Eu tenho a honra de ver pessoalmente."

As duas trocaram mais algumas mensagens e logo se despediram. Estavam ansiosas para que aquele dia chegasse ao fim e pudessem se ver dali algumas horas.

Durante o período da manhã, o clima entre as amigas estava extremamente desagradável. Sandra quase não abria a boca e Bianca acabava não sabendo como se comportar no meio daquela situação. Pensou em adiantar a passagem para irem embora, mas estava em cima da hora e não encontrou disponibilidade no site da empresa. Sendo assim, restou aguardarem até quase o final da tarde.

Antes de deixar a casa da amiga, Sandra depositou sobre a mesa de centro o presente que havia levado para ela. Junto a ele, deixou um bilhete com um pedido de desculpas. Garcia sequer abriu a embalagem, tampouco o bilhete quando voltou da rodoviária. O faria somente quando a raiva passasse. Até lá, se colocaria a questionar aquela amizade.No momento, sua atenção estava focada em tomar um banho e se vestir para ir encontrar Elisa e ter um digno final de aniversário. Terminou de se arrumar e borrifou um pouco de perfume no pescoço. Seus cabelos loiros estavam soltos; um gesto singelo para agradar Elisa.

Bastou algumas chamadas debaixo da janela para que a morena reclamasse pela décima vez sobre aquilo. Laura jamais deixaria de achar graça da afobação da mulher, principalmente quando ela descia e abria o

portão nitidamente impaciente, com os braços cruzados abaixo dos seios e uma sobrancelha arqueada.

— Vou instalar uma campainha exclusivamente pra você!

Laura mal permitiu que a mulher prosseguisse com a fala, pois a segurou pela cintura e a guiou com o corpo para além do portão. Calou cada palavra e desfez qualquer expressão séria com os beijos que distribuiu por toda a face. A ergueu alguns centímetros do chão, tamanha a sua felicidade em vê-la. Sem reação, tomada completamente desprevenida, Elisa sorriu e se deixou levar por aquela urgência de carinhos.

— Que saudades, que saudades, que saudades— repetia a loira, ainda preenchendo aquele rosto com beijos.

— Um minuto, só preciso fechar o portão — avisou, sorrindo, sentindo o coração acelerar de alegria por tanta demonstração de afeto.

Com o portão fechado, Laura se ateve ao fato de estar novamente dentro daquele casarão. Era noite, por volta das sete e meia, o caminho de entrada possuía baixa luminosidade, mas era possível observar as duas árvores secas que haviam no interior do terreno. Nada naquele trajeto havia mudado desde a primeira visita. As trepadeiras sem vida, espalhadas por toda a fachada de dois andares, sempre causavam arrepios em Laura. Se pudesse, as arrancaria dali e pintaria aquele imóvel com uma cor mais feliz. Não o amarelo, assim como é sua casa, pois sabia que Marques odiaria. Talvez algum tom neutro.

Foi tirada de seus devaneios e mergulhou em outros quando passaram pelo hall de entrada e chegaram na sala de estar, que era constituída por dois ambientes, como ela já vira. Estava no lado composto por sofás verdes de veludo, alguns jarros de porcelana, a cristaleira e uma televisão. Novamente constatou que o ambiente era impecavelmente arrumado, como se ninguém morasse ali dentro; como se fosse apenas uma casa, em vez de lar.

A proprietária acendeu as luzes principais do cômodo e o deixou claro para conseguir enxergar todos os detalhes de Laura.

— Feliz aniversário... — desejou com um sorriso nos lábios, depositando uma mão no quadril da loira e a outra nos cabelos soltos,

admirando como adornavam a face dela. — Obrigada por me deixar passar essa data com você. — Sua mão deslizava pelos fios, e seu olhar alternava entre o brilho deles e o que habitava nos olhos esverdeados à sua frente.

— Não precisa agradecer, é um prazer estar aqui com você...

A loira deslizou as mãos pela cintura da mais velha, transpassou para as costas e a puxou para si, unindo seus corpos em um abraço afetuoso. Afundaram-se e aconchegaram-se uma na outra em um misto de saudade e carinho. Sentiam o calor de seus corpos aquecendo um ao outro, ao mesmo tempo em que inalavam o perfume que vinha da pele e dos cabelos uma da outra. O cheiro de Laura já havia formado uma memória afetiva em Elisa há algum tempo, assim como o contrário também já havia acontecido, porque para Garcia a mais velha possuía um cheiro único e especial, que acelerava seu coração e fazia seus lábios se curvarem em sorrisos quase involuntários.

— Me desculpa por ontem — disse a loira, baixinho, próxima à nuca, sem desfazer o abraço tão aconchegante.

— Tudo bem, não foi sua culpa. Bati minha cota de convívio social por um ano? Sim. Mas eu sobrevivi — riu baixinho. — Não vamos falar disso agora, ok?

A morena se afastou do abraço e a puxou pela mão, sentando-se com ela no sofá. Diferente da vez anterior, não se sentia nervosa ou aflita por tê-la em sua casa. A presença da loira estava se tornando tão natural, que aprendeu a apenas desfrutá-la. No entanto, junto ao prazer de apreciá-la, vinha o medo. Medo de também perdê-la.

— Me conta como foi sua viagem? — Perguntou com interesse. Seu braço estava esticado nas costas do sofá, atrás de Marques.

— Bom, foi interessante nos momentos em que visitei algumas feiras. Fui a um leilão, também. Não comprei nada, mas vi coisas belíssimas. Visitei um antiquário enorme, que me fez sentir inspirada em levar adiante a sua ideia de expandir a loja para o segundo piso.

— Que maravilha! Sabe que aprovo demais, né? Ficaria um espetáculo o seu antiquário com dois andares!

— Podemos amadurecer essa ideia juntas. — Sorriu. — Participei de um coquetel chatíssimo, mas não me demorei mais que uma hora. Já falei que odeio a forma como funcionamos em sociedade? Todos aqueles shows de cumprimentos, sorrisos e abraços como se realmente as pessoas dali se importassem umas com as outras — revirou os olhos com a

lembrança. — Detesto. Isso quando não recebo cantadas de quinta. Faça-me o favor, é cada uma que preciso escutar.

— Hummm, então quer dizer que deram em cima de você?

— Apenas um homem, mas bastou para esgotar minha paciência. O mesmo papinho de sempre, extremamente previsível, me olhando como se eu fosse um pedaço de carne. Cansativo.

— Algumas pessoas são tão inconvenientes, né?

— Muito. Uma vez um rapaz ficou insistindo tanto, que eu precisei assumir que sou lésbica.

— Mentira! E aí?

— E aí que ele ficou com cara de bobo, todo sem graça. Pediu mil desculpas e me deixou em paz. Olha a que ponto é preciso chegar porque a pessoa não sabe respeitar um não?

— É complicado...

— Pois é. Mas e você? Como seguiu esses cinco dias?

— Bastante correria por causa da reforma. Desceu um pouco de poeira para o primeiro piso, então pedi para as meninas reforçaram a limpeza das peças. Ah, andei conversando com o Vinícius... Ele me contou sobre os pais.

— O que disse?

— Que a mãe deles morreu de câncer faz alguns anos. E parece que a última vez que soube sobre o pai, estava preso. Pelo que entendi, era um drogado, ficava pelas ruas, já separado da mãe deles há muito tempo.

— Caramba... Que triste. Coitados; principalmente do Vitor, que ainda é uma criança. Consigo imaginar o sofrimento ao perder a mãe tão novo...

— Pois é — suspirou tristemente ao lembrar que Elisa, melhor que ninguém, compreendia a dor do menino. — E você precisa ver o amor de criança que ele é, quem vê nem diz a vida sofrida que tem por trás. Na última semana nos aproximamos bastante, almoçamos juntos em alguns dias e conversamos sobre muitos assuntos. É uma criança bastante inteligente pra idade.

— Oito anos, não é? — A loira afirmou. — Tão pequeno e enfrentando situações tão grandes... — Agora foi a vez da mais velha suspirar. — Estou feliz de poder ajudá-lo de alguma maneira.

— Sabe o que ele me disse? Que tem medo de você! — A loira carregava um ar de riso nas expressões faciais. — Não o julgo, quem não tem? Você está sempre tão fechadona.

— Medo de mim? Mas eu não mordo — argumentou. — Só quando você quer e pede — sorriu maliciosamente, despertando uma atenção maior nas íris esverdeadas. — Prossiga. O que mais ele disse sobre mim?

— Por enquanto, só isso. Disse que você é muito séria.

— Diga a ele que sou boazinha, que não precisa se preocupar.

— Vou dizer, mas tenho certeza que seria mais legal se você própria fizesse isso e tentasse uma aproximação.

— Eu? Não levo o menor jeito com isso. Nem sei por onde começar.

— Seja você, o resto flui... — sorriu docemente, depositando a mão sobre a da morena para acariciá-la. — Mas agora eu quero saber do meu presente, ok? Ou pensa que esqueci, madame Marques? Estou muito curiosa.

— Tenho certeza que você não esqueceu, mas eu quero um beijo antes. — A morena inclinou-se parcialmente sobre Laura, deixando suas faces a uma curta distância. — Estou com saudades... — sussurrou.

Elisa estava usando um robe preto, longo e de seda. Longo no comprimento e também nas mangas. A peça era constituída por uma extensa fenda em uma das pernas, detalhes em renda nas extremidades e uma fita de mesmo tecido fazendo o contorno da cintura. Laura não deixava de observar o quão elegante e sexy a morena estava. Tentou poupar os olhares e comentários assim que chegou, no entanto, com ela assim tão próxima, era impossível não fazer um elogio. A face estava carregada por uma maquiagem forte, escurecida nos olhos e avermelhada nos lábios. Um visual extremamente provocante e sedutor, ao mesmo tempo em que exalava imponência.

— Me conta o tamanho da sua saudade... — pediu em baixo tom. Suas mãos procuraram o corpo de Marques e deslizaram pela seda macia e escorregadia. Se deslumbrava com a elegância que a mais velha exalava. — E somente então ganhará o beijo — provocou, agarrando o tecido preto entre os dedos, próximo à região do quadril.

— Uma saudade desmedida. — Elisa se pôs a falar. Sua voz estava baixa, provocante; embriagada de desejo e carinho. — Saudades dos seus olhos em mim, da sua voz dizendo o meu nome através de implicâncias que

sabemos bem o que significam. — Marques inclinava-se sobre o corpo conforme proferia cada palavra. — Saudades dos seus toques; ora carinhosos e delicados, ora enérgicos, como se não pudesse esperar um instante que fosse pra me sentir.

Garcia acomodou-se um pouco melhor na quina entre o braço e as costas do sofá para receber a presença perfumada de Elisa contra seu corpo. Suas mãos deslizaram-se pelo tecido das costas, sentindo a seda lisa com a ponta dos dedos. O tempo longe, na ausência de um contato mais íntimo, deixou Laura uma presa fácil, tornando sua mente povoada por pensamentos sacanas. Não resistiu e mordeu o lábio inferior de Elisa, o puxando para si.

— Que saudades do seu beijo — murmurou Laura, ao segurá-la na nuca. — Você ganhou.

Elisa sorriu de maneira quase triunfal quando sentiu a boca da loira buscar pela dela. Seus lábios entraram em sintonia e não se importou em ter o batom borrado por aquele beijo tão prazeroso e muito esperado. A língua macia, úmida e suave da mais nova pedia para percorrer o caminho através de um contato deliciosamente familiar. Para Elisa, era incrível poder reconhecer o beijo de alguém. Não de qualquer alguém; o beijo de Laura.

— Agora vou buscar o seu presente — disse baixinho, segundos antes de finalizar o contato com uma selada de lábios.

A mais nova aguardou com ansiedade e empolgação enquanto via a figura de Marques se afastar e sumir de seu campo de visão. Ajeitou-se no sofá e sorriu por estar lá, naquela casa, desfrutando da reciprocidade que partilhavam. Olhou para o teto e não conseguiu evitar franzir o cenho ao perceber que faltava algo ali. Havia somente um espaço vazio e um buraco em forma de círculo no rebaixamento de gesso, com alguns fios enrolados no interior, como se anteriormente existisse alguma espécie de luminária que fora retirada por alguma razão.Não levou muitos minutos para a imagem da bela mulher de robe preto ressurgir na sala, tirando a mais nova de seus devaneios. Elisa trazia um embrulho prateado.

— Lembra do grande antiquário que visitei durante a última viagem? — Dizia enquanto ia se ajeitando ao lado da loira, no sofá. — Comprei seu presente lá.

— Ué, mas antes de viajar você já tinha dito que tinha um presente pra mim.

— É porque eu já planejava te dar algo assim. Até cogitei em escolher da minha loja, mas quando vi esse...

Laura ouvia as palavras enquanto desfazia o laço com empolgação, ansiando descobrir o que tinha ali dentro. Daquela embalagem retirou uma pequena caixa armazenada entre papéis de seda. Ao abri-la, deparou-se com uma delicada e antiga caixa de música. E quando falamos de antiga, significa um objeto com mais de cem anos de história.

— Elisa... — murmurou sem saber o que dizer ou pensar, enquanto seus olhos admiravam o que havia em suas mãos. — Ela é linda! Mas eu não posso aceitar. Agora que trabalho com antiguidades, sei exatamente o preço de uma caixa de música como essa. É caríssima!

— Não se atente ao preço, por favor. Você gostou? — Perguntou receosa, com medo da loira ter uma reação negativa.

— Como não gostar? Ela é linda e ainda remete a minha infância. E não é qualquer caixa de música... Pelo modelo, é super antiga. Quanto foi isso, hein? Não vou poder aceitar, sério!

— Claro que vai. — A morena sorriu e depositou as mãos delicadamente sobre as de Laura que seguravam a caixa. — Escolhi especialmente pra você com todo o carinho, então o único valor que vamos dar a ela, será esse, o sentimental. É assim que vejo cada objeto do meu antiquário, sabia?

— Não...

— Embora eles sejam caros e minha fonte de renda, nada se compara ao valor sentimental que cada peça carrega. Todas contam uma história, seja de alegria ou de dor. Cada objeto e móvel presenciou momentos da vida de alguém. Eu gosto disso. Por isso quis dar continuidade à loja dos meus pais e a ampliei para deixá-la ao meu modo. Ela é um pouco deles, sim, mas não é apenas isso. — Fez uma pausa para olhar a face da loira com mais atenção e tocá-la na ponta do queixo. — E essa caixa na sua mão fez parte da história de alguém no passado. Uma criança? Um adulto? Não sei. Mas a partir do momento que a vi e a escolhi para ser sua, ela passou a fazer parte da nossa história. Por favor, aceita?

— *Nossa história*... — disse baixinho, pensativa. — Sei não...

— Por favor?

— Ai ai, tudo bem, eu vou aceitar. Mas só porque foi escolhida com muito carinho.

Sua resposta fez a mais velha respirar aliviada e começar a ensinar o mecanismo da caixa. Em poucos instantes uma agradável melodia ecoava do objetivo, preenchendo suas faces com sorrisos sinceros. A gerente havia adorado o presente e já planejava deixá-lo sobre sua mesa de cabeceira. Achou de grande delicadeza a mulher ter recordado seu gosto por caixas musicais. Elisa era mais atenciosa do que ela tinha imaginado. Juntamente à embalagem da caixa musical existia uma outra; nesta havia um pequeno embrulho com uma gravata preta que foi prometida por Elisa há alguns meses. Laura sorriu com imensa alegria e ansiou pelo dia em que a usaria pela primeira vez.

— Tenho algo mais pra você.

— Mais?

— Uhum, eu olhei umas receitas na internet e nos preparei um jantar. Não posso garantir que esteja bom — riu — , mas dei o meu melhor.

— Você cozinhando? Essa eu só acredito vendo!

Se levantaram do sofá e caminharam até o outro cômodo. Chegando lá, Laura se deparou com alguns utensílios de cozinha espalhados pela bancada, alguns ingredientes sobre a pia e um agradável cheiro de comida no ar. Ao olhar para aquele ambiente, percebeu que a “bagunça” indicava que algo foi produzido ali. Diferente da sala de estar, a cozinha indicava que alguém esteve por lá. Havia vida em cada um daqueles objetos e alimentos fora do lugar; até mesmo na mancha de molho que a mais velha deixou cair no fogão. Sorrir foi inevitável para Laura, que automaticamente a imaginou em cada canto daquela cozinha tentando reproduzir as receitas.

— Desculpe a bagunça, pelo que vimos... Desenvoltura zero — riu de si mesma. — Não tive tempo de organizar, estava nervosa com medo da comida dar errado.

— Relaxa Elisa, estou adorando ver tudo isso — sorriu genuinamente.

Marques a puxou pela mão e descobriu alguns refratários sobre o fogão e bancada da cozinha, revelando o que havia preparado para elas. A loira observava tudo com alegria e aspirava com as narinas cada coisa que a mulher revelava. Além de bonito e cheiroso, tudo parecia extremamente delicioso.

— Separei algumas opções de vinhos pra acompanhar o nosso jantar.

— Será que eu morri e ninguém me contou? Você está carinhosa demais pra ser verdade... — implicou, a segurando pela cintura.

— Está com saudades das patadas? Posso ativá-las agora.

— Deixa pra depois, agora eu quero aproveitar essa sua versão carinhosa e ciumenta.

— Quem é ciumenta aqui? — Retrucou com a cara fechada.

— Você. O que foi aquele "*namorada da Laura*" no estacionamento? Me soou como marcação de território.

— Não foi bem isso.

Portando expressões sérias, Elisa olhava para os lados na tentativa de fugir daqueles olhos verdes e atentos sobre si.

— Ah, não foi? Então me explica o significado.

Laura segurava o riso ao vê-la claramente sem jeito.

— Eu apenas não soube o que dizer. Não somos amigas. "Ficantes" não me soa muito bem. Não dentro daquela situação.

— E qual era a situação? — Instigou-a dizer.

— Uma situação onde a ex da mulher que você gosta veio passar uns dias com ela.

— E eu sou a mulher que você gosta? — Laura firmou um pouco mais as mãos na cintura de Elisa e sorriu ao fazer a pergunta.

— Sabe que sim...— A mais velha tomou coragem e a encarou nos olhos. — E ainda bem que eu tomei essa postura, pois ela não perdeu a oportunidade em destilar veneno. Claramente aquela Sandra ainda tem interesse em você. — Bufou e revirou os olhos em um misto de raiva e impaciência.

— Ei, não precisa ficar assim, eu só quero você. Além do mais, você acabou com ela, Elisa— Riu. — Sandra é minha amiga, mas preciso admitir que mereceu. A atitude que teve foi inaceitável e ainda estou pensando se é perdoável.

— Essa moça está claramente revoltada porque o *casinho* de vocês acabou — disse com desdém, carregando um riso debochado.

— Ai, que bonitinha você com ciúmes!

— Não é ciúmes. Só não quero aquela mulher achando que pode ter você pra ela.

— Por quê? Eu sou sua?

— É.

Elisa afirmou com tanta convicção, oferecendo seu olhar castanho preenchido por uma certeza ainda maior que a que carregava nas palavras, que Laura quase mordeu o próprio lábio inferior ao sentir-se excitada de todas as formas possíveis com a ideia de ser dela.

— Hum... Eu sou? Não sabia, madame Marques. Não fui pedida em namoro ainda.

— E você gostaria de ser? De se comprometer comigo?

— Eu já sou comprometida com o que sinto por você. Mas, sim, adoraria o título de sua namorada...

— Então avisa a todos os seus casinhos que estamos namorando.

— Só se você pedir com jeitinho bem aqui. — Virou o rosto parcialmente para o lado, oferecendo a orelha para ela.

Elisa aproximou a face da região e fez o pedido ao pé do ouvido, oferecendo o sussurro da sua voz. A pele da loira arrepiou-se e os olhos se fecharam para que pudesse aguçar apenas a audição. O pedido de namoro foi feito seguido de um beijo carinhoso no lóbulo da orelha.

— Quero muito ser a sua namorada — respondeu, ainda com os olhos fechados, sentindo Elisa respirar contra seu ouvido.

— Então agora você é exclusivamente minha — sussurrou, antes de percorrer os lábios vermelhos pela lateral da face de Laura até ir de encontro a boca. — Havia algo naquele seu beijo... — começou a falar baixinho, em tom provocativo, ao fechar os dedos no maxilar da loira. — Que me fez querer mais, mais, mais...

— Tinha desejo naquele beijo que roubei de você. — Se manifestou. A boca da mais velha estava tão próxima, que a loira se segurava para não beijá-la. Em vez disso, decidiu escutar tudo o que Marques tinha a dizer, ao mesmo tempo em que se excitava com a postura autoritária da mulher segurando em seu maxilar.

— Oh sim, eu pude sentir. Ninguém nunca me beijou do jeito que você fez, Laura. E ninguém nunca me olhou do jeito que você faz.

Elisa parou de segurá-la e apoiou a testa carinhosamente contra a dela. Sentia uma mistura de desejo e carinho por aquela gerente, acompanhados pelo medo da perda. Suspirou tentando espantar os pensamentos ruins que teimavam em assolar, pois não queria permitir que medo algum fosse maior que a vontade de viver aquela paixão.

— Vou colocar a mesa do nosso jantar — anunciou, separando delicadamente suas testas e beijando a da loira. Era a segunda vez que fazia aquilo, como se começasse a se tornar um hábito carinhoso de sua parte.

Com o auxílio da namorada, montou uma linda mesa na grande e elegante sala de jantar. Costumava se reunir ali com Suzana, Patrícia e Vitor Marques todas as noites quando os pais chegavam do antiquário. Uma lembrança de infância muito vívida em sua mente, apesar da grande passagem de tempo. Ver Laura ocupando uma cadeira naquela mesma mesa lhe despertava emoções distintas. Era estranhamente bom ter companhia para jantar, outra vez. Entre sorrisos e olhares, bebiam o vinho escolhido por Laura e comentavam o quanto as receitas de Elisa haviam dado certo. Estava tudo minuciosamente bem executado. Até mesmo a anfitriã surpreendeu-se com o próprio feito.

Quando o jantar chegou ao fim, a morena ainda tinha surpresas: um bolo. Este não foi feito por suas mãos, decidiu não abusar da sorte. Também havia comprado algumas velinhas e as espalhado por todo ele. Após serem sopradas, partiram o bolo e comeram um pequeno pedaço. A aniversariante estava nas nuvens por todo aquele cuidado e atenção recebidos. A felicidade em seu peito era tamanha, que começou a temer que algo ruim pudesse acontecer. Não estava acostumada a sentir emoções tão fortes como as que Elisa lhe despertava.

— Estava lembrando daquele final de semana no chalé. Que vibe incrível tem aquele lugar — disse enquanto auxiliava a morena com algumas taças e garrafa. Elisa havia proposto beberem na sala de estar para relaxarem e provarem um vinho que trouxera da última viagem.

— Podemos voltar quando você quiser, temos ótimas lembranças lá... — respondeu, desbloqueando memórias afetivas e sexuais em Laura.

Sentaram-se lado a lado no sofá. Elisa ficou no canto, encostada no braço, e Laura tomou um lugar ao seu lado, com as laterais dos corpos quase unidas. As taças e garrafa estavam de fácil acesso sobre a mesa de centro. As segundas intenções de Marques ficavam cada vez mais evidentes conforme bebiam. Havia esperado toda a noite para cessar a saudade dos braços de Laura.

— As mulheres com quem estive, tiveram tão pouco de mim. — Pensativa e de pernas cruzadas, Elisa começou a falar conforme circundava a borda da taça com a ponta do dedo médio. — Algumas horas e um adeus sem olhar pra trás.

— Eu olharia pra trás.

— Você é atrevida, Laura. Não apenas olharia, como voltaria, porque sempre quis mais que algumas horas comigo.

— Sempre fui muito sincera, diferente de você, que não assume o ciúmes de ontem. — A mais nova depositou a mão sobre o joelho de Elisa e sentiu a maciez da seda nas pontas de seus dedos. A sensação do tecido a agradava, mas ansiava sentir a pele que ele cobria.

— Ciúmes? — Sorriu sarcasticamente. — Talvez — desviou o olhar da borda da taça e o depositou sobra a mão de Laura, que a essa altura havia transitado do joelho para a coxa. — Mas eu disse a você que eu me garanto. Não disse?

— Você disse que me mostraria o quanto se garante. — A loira esboçou uma expressão sacana antes de sorver o líquido em sua taça, não deixando de fazer conexão visual com os castanhos de Elisa.

— E eu também disse que compensaria a nossa saudade sem que você precisasse me cobrar...— A morena serviu-se de um gole a mais e inclinou-se para repousar o objeto sobre a mesa. Carregava sedução em sua fala e no sorriso fixado ao canto dos lábios. — Porque hoje eu quero reivindicar cada parte do seu corpo, pra mim.

Elisa descruzou as pernas e começou a inclinar-se parcialmente sobre sua namorada conforme verbalizava em tom provocante e sedutor. A seda de seu robe entrava em contato com regiões expostas da pele de Laura, tais como os braços, proporcionando um agradável prazer sensorial. Seu perfume invadiu o espaço pessoal da outra e suas mãos apoiaram-se sobre ela; uma na perna e a outra na nuca — local onde Marques começou a arranhar suavemente com suas curtas unhas.

Laura quase não conseguia respirar com aquela presença tão marcante próxima a ela. O perfume era um traço que combinava com a personalidade sensual da mulher. Ele possuía notas em sua composição que despertavam memórias e emoções aliadas a sedução. Perfumes da família olfativa oriental são considerados os mais afrodisíacos, e Laura possuía

absoluta certeza que o de sua chefa fazia parte dessa família. Ele era suavemente doce, sem enjoar. Ambarado e balsâmico.

Acariciando a nuca alva com suas unhas vermelhas, Elisa observava e admirava a beleza de Laura, assim como os cabelos loiros, soltos, adornando a face. Enquanto a olhava, refletia sobre si mesma e nas mudanças que acometeram sua vida nos últimos meses. Sentia-se diferente, não como se tivesse mudado de fato. Mas, através de Laura, estava começando a se conhecer. A gerente a fazia resgatar, passo a passo, uma Elisa que ficou para trás enquanto se submetia a viver sob a sombra de um manto escuro. Com Laura, estava aprendendo a ouvir alguns chamados de seu corpo, de sua versão mulher, ao mesmo tempo em que descobria que ainda existia um coração aprisionado ao luto. Um coração que ansiava por um toque que transpassasse suas barreiras físicas e emocionais.

— Hoje estou no seu território, devo me preocupar? — Laura provocou, observando um sorriso malicioso crescer nos lábios da outra.

— Está com medo dos meus carinhos? — A mais velha soltou uma risada baixa e deslizou a mão da nuca para o pescoço da loira. — Eu só quero matar a nossa saudade...

Com os dedos fechados no pescoço alvo, ela inclinou-se um pouco mais, roçou os lábios contra os de Laura e a beijou com suavidade. Uma de suas mãos subiu pela lateral do corpo e a outra agarrou-se à raiz dos cabelos loiros na região da nuca. Durante a carícia entre suas bocas e línguas, sentiu as mãos da mais nova subirem por seu quadril e se fixarem na cintura. Garcia a apertou com força na região e deixou escapar alguns gemidos abafados. Elisa sorriu interiormente ao constatar que já reconhecia o ritmo de Laura, e que aquele aperto em sua cintura indicava que a mulher estava se excitando.

A chamou para o quarto em um sussurro feito entre o beijo. O coração de Laura acelerou-se ao pedido, pois estar no território íntimo da mais velha era extremamente significante e empolgante.

Subiram de mãos dadas, com Elisa alguns centímetros a frente. De trás, Laura tinha a elegante visão daquele corpo coberto pela seda preta, longa, escondendo os braços e as pernas da mulher que a usava. Os olhos verdes, por vezes, tentavam enxergar algo através da fenda que havia na perna. Aquela única abertura a instigava a querer descobrir tudo o que existia por baixo.

Quando a porta do quarto foi aberta, o olhar curioso de Laura começou a percorrê-lo na tentativa de relembrar os detalhes daquele ambiente. Elisa rapidamente tratou de acender a luz para que a mais nova tivesse uma visão mais nítida; não apenas do lugar, mas também de sua veste e do que ela revelaria por debaixo.

— Ontem você me deixou louca com aquela postura, sabia? — Comentou ao apoiar as mãos nos quadris de Elisa. — Tanta classe... Tão segura de si — dizia ao distribuir beijos pelo pescoço da morena. — Sua pitada de ciúmes foi um charme.

— Não foi exatamente ciúmes — tentou disfarçar. — Mas eu precisava mostrar que ninguém me intimida. Muito menos uma pessoa com atitudes de uma garotinha — riu debochadamente.

— Eu sei disso, porque você é uma mulher — disse a última palavra com desejo, aprofundado os beijos na curva do pescoço. Suas mãos começaram a deslizar pela seda e estacionaram nas alças do laço que havia na parte frontal.

— Nem pensar.

Elisa barrou as mãos que desfaziam o nó.

— Mas...

— Shhh, eu falei que o seu corpo seria reivindicado, não o meu.

Laura notou que Elisa estava com uma postura diferente naquela noite, como se houvesse uma grande necessidade de obter o domínio. Contudo, também queria o mesmo controle que ela, então entrariam em um embate.

— Preciso te sentir — afirmou Elisa em um murmúrio contra o ouvido, enquanto as mãos mergulhavam para dentro da camisa e tateavam o abdômen de Laura. — Estou com saudades da sua pele, do seu cheiro, do seu gosto. — Suas mãos a apertavam e sua boca distribuía beijos e algumas chupadas na pele branca do pescoço.

Laura tentou assumir o controle e começou a guiá-la com o corpo para próximo a janela, mas Elisa estava diferente; suas investidas eram mais enérgicas e de sua boca saíam provocações que desnorteavam Laura, a fazendo perder o foco.

— Hoje você vai me ter em cima de você de um jeito diferente. — Elisa a guiou de volta com o corpo até fazê-la se chocar contra sua cama. — Senta — pediu em tom autoritário.

— Prefiro abrir a sua roupa — a rebateu ao tentar tocá-la, mas foi impedida pelas mãos agarrando firme em seus punhos.

— Não lembro de ter dado a você essa opção — respondeu com cinismo. Elisa a impulsionou com o próprio corpo, a fazendo sentar-se na borda da cama.

— Sabe que estou louca pra tirar esse seu robe, não sabe? — confessou com um sorriso sacana nos lábios.

— Tenho absoluta certeza disso.

Laura atreveu-se a ir contra as regras e novamente tentou abrir a roupa da morena, mas foi surpreendida por um tapa suave na lateral de sua face, que a excitou ainda mais. Não sabia que precisava sentir aquela mão em seu rosto até a ardência demonstrar que aquilo podia ser prazeroso.

— Eu disse *não*. — A voz rouca e ao mesmo tempo aveludada de Elisa estava embriagada de luxúria. — Vou deixar você tirar. Mas... — Se moveu para cima e a fez deitar sobre seus lençóis. Com uma perna para cada lado, sentou na altura dos quadris de Laura e inclinou-se para baixo até unir a boca à dela. — Agora eu que preciso tirar a sua.

A gerente tentou mover-se para trocarem de posição, mas a mulher a segurou pelos pulsos e os prendeu contra o colchão. Sua boca úmida e quente voltou a percorrer a pele do pescoço e preenchê-la por beijos e lambidas que iam da curva até próximo ao lóbulo da orelha. A gerente começou a amolecer e perder a vontade de dominá-la. Estava gostando daquela nova versão. A sensação quente em seu pescoço estava prazerosa demais para querer sair dali.

— Morde... — pediu quase em súplica.

Seu desejo foi prontamente atendido, e tão logo os dentes de Elisa pressionaram-se contra pontos distintos em seu pescoço. Ela podia sentir as mordidas alternarem com beijos e chupadas.

— Tenho certeza que você veio assim pra me provocar.

O comentário era referente à regata preta que Laura usava. Suas mãos a tatearam nos braços expostos antes de deslizarem aquela peça para fora do corpo. Por baixo havia um sutiã que Elisa não hesitou em tirar. Necessitava ver e sentir sua mulher com urgência. Queria marcá-la com sua boca e mãos enquanto a ouviria gemer sob as carícias.

A figura da chefe sentada sobre seus quadris enquanto usava aquelas vestes escuras era deslumbrante. E já que não podia ver o que havia debaixo

do manto escuro, desfrutaria daquele outro prazer visual.

— Você é tão bonita... — disse Elisa com a visão dos seios nus. Parou para observar o formato deles antes de senti-los em suas mãos. Começou a apalpá-los, apertá-los e massageá-los antes de senti-los em sua boca. Eram macios ao toque de seus dedos e dos lábios também. Não resistiu muito tempo e inclinou-se para relembrar o gosto em sua língua. Elisa os beijou, lambeu e tomou os mamilos para si, alternadamente. Houve um momento em que demorou-se apenas em um, pois a sensação era tão prazerosa, que não queria interromper.

A mão de Laura estava em seus cabelos enquanto sua boca chupava e sugava com desejo o seio já úmido de sua saliva. Elisa excitava-se ao sentir o mamilo rígido na ponta da língua. Queria sugá-lo, lambê-lo e prendê-lo delicadamente entre os dentes.

— Você é tão gostosa, Laura...— disse ao subir e alcançá-la nos lábios. Moveu-se de cima para conseguir descer o jeans por entre as pernas, a deixando somente de calcinha. — Estou com saudades de tocar em você — comentou ao deitar entre as pernas da gerente.

— E onde você quer me tocar?

— Bem aqui... — Elisa abriu um pequeno espaço entre seus corpos para que seu braço percorresse e alcançasse a calcinha da loira. — Você está tão molhada, Laura...— constatou ao sentir a umidade que transpassou o tecido.

— É isso que você faz comigo.

Elisa a massageou por cima da peça, mas logo a afastou para o lado, precisava senti-la com urgência.

— Está mais molhada do que imaginei — disse com luxúria na voz ao percorrer o indicador pela fenda úmida. — Tão gostosa... — sussurrou com a boca contra a da loira. Elisa ajeitou-se sobre ela, a fazendo também se mover e dobrar os joelhos para que se encaixasse melhor entre suas pernas e conseguisse mover o braço sem muita dificuldade.

Laura começou a soltar gemidos baixos e abafados quando os dedos de sua namorada começaram a deslizar pela sua umidade e estimulá-la nas regiões mais sensíveis. Adorava sentir a textura e o formato daqueles dedos explorando seu sexo como se provassem alguma sobremesa com as próprias mãos.

— Geme pra mim, Laura... Enquanto eu te mostro quem é a única dona do seu prazer.

A loira começou a se contorcer devagar sobre os lençóis macios. Uma de suas mãos se apoiou nas costas de Elisa, sobre a seda, enquanto a outra a segurava com força pelos cabelos da nuca. Os dedos dela pareciam brincar ao percorrer e friccionar sua intimidade. Marques adotava ritmos distintos, ditando a carga do prazer que queria despejar sobre ela. Ao usar o indicador e o polegar para apertar suavemente o ponto mais sensível em Laura, escutou um gemido ainda mais manhoso saindo dos lábios:

— Elisa...— a loira mordeu o próprio lábio e agarrou-se às costas da mais velha com afinco. A puxava para si com tanta força, que Elisa estava precisando de força para manter o espaço livre entre seus corpos.

Por cima de Laura, com o cotovelo esquerdo apoiado firmemente sobre o colchão, movimentou a mão direita para baixo até conseguir se encaixar mais precisamente na entrada úmida. Se deliciava com as expressões de prazer que Laura esboçava debaixo de seu corpo. Cada vez que ameaçava penetrá-la, observava os lábios da namorada se entreabrirem de prazer, seguido de um gemido manhoso que a fazia sentir o próprio sexo se tornando escorregadio.

— Elisa...

— Hum? Me diz o que você quer? — Perguntou ao forçar dois dedos devagar. Laura estava tão encharcada, que a morena não sentia resistência. — Diz pra mim. Ou melhor, pe-de.

— Quero seus dedos... Por favor. — A loira a mordeu no ombro e se contorceu à procura de senti-la da forma que gostaria. — Dentro de mim.

— Também quero sentir meus dedos em você, se movendo daquele jeito bem gostoso. — Provocou-a. — Entrando e saindo. É assim que você gosta?

— Sim... — Laura já não sabia o que fazer com seus impulsos. Ora cravava as unhas nas costas de Elisa, ora a mordia no ombro. Estava quase enlouquecendo pelo anseio de senti-la em seu interior. Os dedos ainda a estimulavam por fora e voltavam a se posicionar na entrada. — Preciso ser sua, por favor... não estou aguentando de vontade.

— Não sei se você está merecendo após ter me deixado louca de ciúmes daquela maneira. Eu deveria te punir agora, sabia?

Elisa encaixou novamente os dedos e os deslizou lentamente para o interior de Laura. No instante em que fez, escutou um gemido manhoso sair pelos lábios. A mais nova estava totalmente entregue aos seus toques e mexia o quadril em busca de mais do que ela podia oferecer.

— Eu sabia que você estava com ciúmes... — disse um pouco ofegante, em meio ao riso safado e vitorioso.

— Droga Laura... Como eu odeio você.

— Então me bate...

— Agora eu não posso, porque minhas mãos estão fazendo algo muito mais interessante em você.

Elisa movia o corpo juntamente ao braço para impulsionar o vai e vem. Afundava o rosto na curva do pescoço da loira sempre que podia para aspirar o perfume da pele suada a tempo em que a escutava pedir por mais. Laura já estava tão excitada, que de sua boca começou a sair provocações desconexas e pedidos livres de pudores.

— Senti tanta falta disso... — murmurou a tempo em que sentia a namorada invadi-la com força e rapidez. — De nós... De me entregar — continuou a dizer, suando, enquanto escutava Elisa se tornando ofegante junto a ela, pelos movimentos acelerados e incessantes. — Você me fode tão gostoso. — As mãos da loira saíram das costas e alcançaram os seios de Elisa sobre o tecido. Ao apertá-los, arrancou um gemido da mulher. — Queria poder rasgar a droga desse roupão.

A mais velha observou o sorriso sacana da loira debaixo de si e do quanto aquelas mãos estavam ansiosas para abrir seu robe e tocar em seu corpo. Sorriu em satisfação com o pensamento; gostava de sentir o quanto Laura a queria, a ponto do desejo vazar através do olhar e palavras. Parou de penetrá-la e ouviu um resmungo em protesto. Ao deslizar-se sobre o corpo suado, a puxou pelas pernas e a trouxe para a borda da cama, a fazendo sentar. Sabendo o que viria a seguir, Laura mordeu o próprio lábio e abriu as pernas em oferecimento para sua chefe, que prontamente deslizou a calcinha para baixo e ajoelhou-se diante a intimidade inteiramente encharcada.

Elisa suspendeu uma das pernas e começou a percorrer pelos pés de Laura com os lábios. A beijou por toda a extensão da região, trilhou o caminho para o interior das coxas e a mordeu na virilha. Agradecia mentalmente pela iluminação do quarto, que a capacitava de ter a bela visão

de Laura aberta para ela. Sem hesitar, apoiou as mãos sobre as coxas brancas e levou a boca até o centro pulsante. A loira muito queria apreciar a visão daquelas mãos bonitas em contraste com sua pele, enquanto a via de joelhos e gemendo enquanto a chupava. Contudo, as sensações que os lábios e a língua de Elisa ofereciam eram tão prazerosas, que apenas a segurou pelos cabelos e tombou a cabeça para trás.

Elisa cravou as unhas com força nas coxas alvas enquanto se apoiava. Estava tão excitada em sentir aquela intimidade macia e molhada, que ela própria estava tão escorregadia quanto Laura.

Quando a loira prestes a se desmanchar em sua boca, tornou os movimentos suaves até interrompê-los com um beijo.

— O que houve? — Perguntou Laura, confusa, ao vê-la se levantar.

— Não quero assim. Não agora...— Elisa a empurrou para trás, a fazendo novamente deitar. — Como é bom te ver na cama que é minha, entre os meus lençóis...— Dizia em tom sedutor e ainda dominador ao subir no colchão. Se colocou de pé sobre a cama e a olhava de cima, imponente, com o pé depositado sobre o abdômen de Laura enquanto a via com as costas apoiadas em suas almofadas.

— Você parece uma relíquia... — comentou Laura ao subir o olhar pela fenda da perna que estava pressionando seu abdômen. — O que vai fazer agora? Tirar essa roupa pra mim? — Perguntou ao encará-la com hipnotismo.

— Sim, vou dar o que você tanto quer...

Elisa depositou a mão sobre o laço e o desfez até que o robe ficasse livre da amarração e se abrisse. Com os olhos atentos, a loira olhou de cima para baixo, percorrendo todo o corpo moreno e deslumbrando-se ao ver que usava uma sexy lingerie, parcialmente transparente e pequena; com um detalhe na coxa que fez Laura umedecer ainda mais entre as pernas. Se tratava de uma perneira envolvendo a circunferência da coxa, adornada por um pequeno laço. A partir do momento em que os olhos verdes recaíram ali, a loira se imaginou de joelhos para ela, deslizando o apetrecho entre as pernas.

— Posso assumir daqui?



— *Posso assumir daqui*?

Laura desencostou das almofadas e ajoelhou-se diante a figura de Elisa. Suas mãos subiram tateando a perna e se demoraram no adorno preso à coxa. Circundou o dedo por dentro da perneira e a desgrudou da pele conforme a percorria. Por fim, a puxou e a soltou logo em seguida, a fazendo ricochetear na coxa. Por enquanto a deixaria ali, enfeitando Elisa.

Ao se levantar, mexeu na alça da calcinha e também do sutiã; estava deslumbrada com a beleza de sua chefe naquele conjunto de lingerie. Quando a segurou nas laterais do roupão aberto, afundou o rosto bem na curva do pescoço e aspirou o perfume que dali emanava.

— Eu tenho a namorada mais linda do mundo — disse baixinho contra a pele do pescoço, muito próximo à nuca.

"*Namorada*..." Esse termo reverberou na mente de Elisa por um tempo. Agora ela tinha uma namorada e ainda precisava aprender a lidar com aquela situação. Era um comprometimento e tanto — ela sabia. E estava feliz com esse grande passo. Só lamentava não ter para quem contar que agora possuía uma namorada. Talvez o Sr. André ficasse sabendo na próxima consulta.

Seu relacionamento com Laura a colocava diante a situações inéditas, principalmente a nível social. Primeiro, precisou sair do conforto que era ter Fiona há anos como seu braço direito e aceitar uma nova figura invadindo seu espaço social. Após isso, veio a atração física e o apego emocional provocado por Laura. Através dela, percebeu o quão prazeroso

era se tornar íntima do toque e da companhia de alguém. Estreitar laços amedrontava, mas também amparava. Ainda estava em processo de aceitação, mas aos poucos começara a permitir ser querida e a querer também. E para defender a preservação de sua vida íntima, embarcou em mais uma situação a qual jamais se viu fazendo: dialogar com um funcionário. Sua conversa com Débora foi mais uma dessas pequenas coisas trazidas através de seu relacionamento com a gerente. O embate com Sandra também se tornou proveniente dessa relação; afinal, aceitar Laura em sua vida era o mesmo que aceitar toda a bagagem trazida por ela, a mesma bagagem que a esperava na última estação, aquela mencionada na carta. Desde que a loira entrou em seu caminho, pequenos desafios diários se apresentaram. Elisa começou a perceber que a vida fora de seu cárcere privado, corria. E que as mudanças e o autoconhecimento jamais aconteceriam em um mar calmo. Todavia, diferente de todos os anos em que esteve sozinha, dessa vez ela tinha alguém. Um alguém que a olhou de novo e uma vez mais. A olhou e a enxergou como ela própria não fazia. E através do olhar de Laura, se veria refletida.

A respiração da mais nova ainda era sentida em sua nuca. As mãos brancas permaneciam em sua seda e o agradável perfume dos fios loiros alcançava suas narinas e descia para seus pulmões, trazendo uma sensação de bem estar, como se aspirasse uma parcela de Laura para o seu interior. A desejava. Era desejada. Sabia. Mas havia algo mais entre seus corpos; algo que se misturava ao desejo. Algo que fazia seu coração acelerar quando a porta do escritório se abria para revelar a única pessoa que se atrevia a entrar.

— Já volto...

Elisa se afastou daquele contato tão bom, desceu da cama e deixou o ambiente. Sem compreender, Laura também desceu e apenas aguardou. Enquanto isso, se envolveu em um lençol branco e começou a caminhar por aquele quarto. Era minuciosamente organizado, assim como o restante da casa. Com exceção da cama, que há pouco tivera os lençóis bagunçados por elas. Algo naquela impecável arrumação a incomodava. Sentia alguma superficialidade em toda aquela perfeição, com tudo em seu devido lugar. Era uma casa linda, elegante e luxuosa, não podia negar. Mas faltava vida; a

mesma que encontrou horas atrás, na cozinha, quando seu aniversário despertou em Elisa uma atípica vontade de cozinhar.

— *Um doce por seus pensamentos*...

A gerente estava mergulhada em devaneios e sobressaltou com a voz murmurando em sua nuca. Ao virar-se, se deparou com a mulher segurando a garrafa de vinho que deixaram pela metade, e apenas uma taça. O manto negro de seda uniu-se ao branco do lençol como se formassem um perfeito *yin-yang*. E de fato elas eram antagônicas e complementares, em perpétua oscilação de predominância.

— Estava pensando em você — respondeu com um sorriso nos lábios. Laura a observou depositar a taça no parapeito da janela e preenchê-la com o líquido avermelhado.

— *Posso assumir daqui*... — disse Elisa, repetindo o que a loira dissera. — O que você gostaria de assumir, Laura? — Perguntou ao apoiar a garrafa e recolher a taça, fingindo não ter compreendido a expressão.

— O que mais gosto: o controle.

A mais velha sorveu o vinho e o transferiu para que a loira se servisse da mesma taça.

— Então lute por ele... — Elisa se afastou da janela e caminhou de encontro a Laura. Suas mãos apoiaram-se na cintura recoberta pelo tecido branco, e seu olhar fixou-se às íris verdes, que estavam ansiosas por tudo o que vinha a seguir. — Conquiste...

Elisa teve a taça servida nos lábios pela mão da namorada, que a olhava apaixonadamente enquanto o líquido desaparecia em sua boca. A observou se afastar do seu corpo para buscar por algo dentro do quarto. Quando pareceu ter encontrado o que queria, o celular, a viu abrir o aplicativo de música e pôr uma em volume baixo para ecoar no ambiente, em segundo plano.

Seus corpos voltaram a se unir. Elisa fechou os braços no pescoço da loira e a sentiu envolvendo sua cintura com uma das mãos enquanto a outra segurava a taça que alternava entre os lábios das duas; ora Laura a bebia, ora a servia.

Começaram a mover os pés de acordo com a lenta melodia, se deixando envolver pelo magnetismo que havia na troca de olhares. O vinho tinto estava fazendo seu trabalho, as deixando ainda mais leves que

momentos atrás. Estavam envoltas a uma aura sensual, ao mesmo tempo que compartilhavam a cumplicidade de uma mesma taça.

Elisa sorriu de algum comentário que a loira fizera. Um sorriso largo, aberto, seguido de uma risada que se espalhou pelo ambiente. O riso de Laura logo se misturou ao dela, e quando o silêncio de suas vozes se instalou, olharam-se com desejo, permitindo que os lábios fossem o ponto alvo de seus olhos.

O olhar de Laura não se limitou à boca na sua frente. Não. Seu corpo afastou-se alguns centímetros para que sua atenção descesse e pudesse se prender a Elisa naquela lingerie. Havia transparência nas peças e detalhes em renda. O robe permanecia aberto, emoldurando toda aquela exuberância.

— A seda escura cai muito bem em você... — elogiou em constatação, ainda a observá-la.

Quando a mais velha notou que a loira encurtaria novamente a distância, suas mãos seguraram o branco lençol e o puxaram, fazendo Garcia sentir o tecido roçar em seus mamilos enquanto ia ao chão. E antes que a reaproximação fosse feita, a morena também dedicou alguns instantes a observar o corpo à sua frente. Conhecia aquelas curvas nuas, o formato dos seios, o caminho que descia pelo abdômen, as coxas e até mesmo aqueles pés próximos aos seus. Elisa não hesitou em esticar os braços até alcançar os seios com as mãos, simultaneamente. Os sentia preenchendo seus dedos, ao mesmo tempo em que o olhar de Laura caía sobre si, sobre sua ação. Os polegares de Elisa começaram a roçar e acariciar os mamilos, que enrijeciam sob seus toques. Queria senti-los outra vez ocupando um lugar macio em sua boca, mas antes que pudesse satisfazer a vontade, Laura eliminou o espaço entre seus corpos e começou a guiá-la para trás, até suas costas encostarem na fria parede ao lado da janela. A taça foi apoiada no parapeito, agora as mãos da gerente estavam livres para conquistarem e assumirem o controle.

— Tenho uma confissão a ser feita. — A voz de Laura veio acompanhada de mãos quentes em seu corpo, contrastando com a fria sensação térmica da parede. — Nos meus melhores e mais imprudentes pensamentos como sua funcionária, fantasiei você se vestindo assim pra mim.

— Quando foi isso?

— Em algum momento antes do nosso primeiro beijo — confessou, trazendo surpresa para os olhos castanhos. — Você sabe como é... A funcionária que se deslumbra com a chefe bonita, misteriosa e autoritária. No começo a gente odeia vocês, depois se pega imaginando até onde vai toda a imponência.

— E você encontrou até onde vai?

Elisa sentiu as mãos descerem seu robe até chão, expondo a parcial nudez de seu corpo no conjunto de calcinha e sutiã escolhido especialmente para ser usado com ela.

— Encontro todas as vezes em que a gente se entrega.

A morena podia sentir o olhar interessado sobre si. Ora as íris verdes buscavam seus castanhos, ora se deliciavam com a imagem de seu corpo.

— Eu conseguia chegar lá apenas te imaginando.

As confissões de Laura estavam proporcionando uma sensação úmida dentro da calcinha de Elisa. O toque quente em sua pele e o olhar banhado em desejo, também.

— O que imaginava? — Instigou. Gostava do jogo de palavras. Na realidade, descobriu que gostava de muitas coisas com Laura.

— Meus lábios percorrendo a pele cheirosa do seu pescoço... — Laura a tocou na cintura e começou a pressionar o corpo contra o dela, fazendo com que as costas de Elisa colassem por completo na parede fria. — Minhas mãos abrindo um por um dos botões da sua camisa até expor o seu sutiã. E quando o tinha sob domínio dos meus dedos, o tirava de seu corpo para exibir os seios que eu já imaginava serem bonitos.

— E você quer isso agora? — Provocou com sensualidade em sua voz aveludada e potente. — Quer vê-los e senti-los? — Usou a mão para buscar a de Laura e depositá-la sobre o próprio seio esquerdo.

— Quero — afirmou, pouco antes de morder o lábio inferior ao olhar a transparência que havia no sutiã. As auréolas podiam ser parcialmente visualizadas através do fino tecido. — Tão macio... — comentou com a mão espalmada sobre ele.

Laura sentia que poderia ficar horas naquele jogo de interesses com Elisa, mas a necessidade de tocá-la, visualizá-la e cheirá-la não permitia espaço para aquela tortura. O pescoço moreno se tornou vítima de seus lábios famintos por percorrer aquela pele macia enquanto escutava a respiração da mulher se tornando ofegante.

Agarrou-se aos cabelos castanhos com força, mergulhando e entrelaçando os dedos na raiz próxima a nuca, puxando-os, arrancando gemidos baixos de dor e prazer. Elisa sorriu maliciosamente e tentou segurar o punho livre de Laura para assumir o controle, mas foi rebatida. A loira foi quem fechou os dedos em seu pulso e o prendeu contra a parede fria. Com um dos braços imobilizado, estava completamente dominada por aquele corpo que a encurralava e por aquela mão agarrando-se a seus fios.

Sentia-se afogando aos estímulos de Laura. A boca ainda percorria seu pescoço com beijos, mordidas e chupões que certamente deixariam alguma marca, mas ela não se importava agora. Queria ser daquela gerente, se entregar a ela, usufruir de todos os prazeres psíquicos e sensoriais que apenas aquela mulher fora capaz de despertar tão profundamente. Encontrava no contato da boca, das mãos, da voz e do olhar de Laura uma excitação inigualável.

A mais nova a soltou no punho para poder senti-la tateando seu corpo onde fosse de sua vontade. As carícias entre elas se tornavam cada vez mais enérgicas, a ponto de seus corpos saírem do lugar sem se darem conta. As costas de Elisa, que instantes atrás roçavam e deslizavam na fria e dura parede, agora estavam contra o vago espaço da janela aberta. Sua tatuagem de fênix estava de cara para a noite, para lua, enquanto a chama parecia percorrer a pele maltratada pelo desejo de Laura. Aquela gerente a despertava, a renascia e a excitava a ponto de fazê-la sentir a intimidade contraindo em um chamado.

— Laura... — Sua voz saiu misturada à ofegante respiração. O coração era um pulsar apressado. Seu pescoço e colo estavam em oferecimento. Havia um traçado úmido no caminho que ligava as duas regiões. Laura estava voraz e agora abria seu sutiã à procura de um contato com seus seios.

— Você me deixa tão excitada... — continuou a falar, lutando contra os efeitos intensos que desnorteavam seus pensamentos. Os movimentos estavam afobados de ambas as partes, assim como a respiração de Laura, que igualmente se animava com o contato de seus corpos.

Quando os seios foram expostos, a loira tomou um com a mão e sentiu a pele quente. Mordeu o próprio lábio inferior antes de olhar para Elisa, que sorria maliciosamente pra ela. Sabia o quanto seus seios agradavam Laura, então a segurou na nuca e a instigou a prová-los.

Seus dedos tocavam e acariciavam a raiz dos cabelos loiros, e os olhos observavam a satisfação da mais nova ao tomá-los. Possuía mamilos sensíveis, que deliciosamente estavam sendo sugados com volúpia por Laura. Quis gemer, mas pressionou os lábios e o fez de boca fechada. Sentiu quando a mão da namorada começou a brincar com a perneira em sua coxa. A loira eventualmente mexia na peça, a puxava e a soltava, deixando-a estalar contra a pele.

Laura era perdidamente apaixonada pela chefe que, agora, também se tornara namorada. Todos os elementos que a compunham, a envolviam. O ar misterioso, a elegância, o cheiro, o tato e o senso de justiça. Nos momentos íntimos com Elisa, sentia como se sua racionalidade fosse quase colocada a baixo. Era uma combinação de sexo com afeto, que também provava pela primeira vez. Instintos quase primitivos a faziam querer explorar cada ondulação, ranhura e fluído, mas sem jamais esquecer de dar prazer à sua mulher em primeiro lugar. Laura sabia ser voraz sem perder o zelo de um toque preciso e atencioso. Os mesmos toques, que estavam levando Elisa a um estado quase caótico entre as pernas.

A mais velha foi posicionada de costas, com os braços apoiados contra o parapeito da janela, sem aviso prévio. Ela não podia ver, mas o olhar de Laura repousava sobre seu corpo; percorrendo a tatuagem negra, descendo pelas costas delgadas, contornando a ondulação de sua bunda e descendo pelas pernas. Por trás, Laura a mordeu no pescoço enquanto transpassava a mão para frente de seu corpo, alcançando a calcinha.

— Tão molhada...— comentou baixinho, com a boca próxima ao lóbulo da orelha.

Elisa não conteve o gemido ao sentir o toque onde mais precisava. Sua intimidade estava sensível, escorregadia e pulsante.

— Laura...

Se apoiando na janela, a morena empinou o corpo para trás de modo a encostar a bunda próximo à região da barriga de sua namorada.

— Hum? — A mão da gerente brincou no fino e transparente tecido da calcinha, sentindo toda a umidade viscosa transpassar para as pontas de seus dedos. — Me pede — sussurrou em tom provocante contra o ouvido de Elisa, a encurralando cada vez mais com seu corpo. — Você é a chefe aqui. Pede, que eu faço o que quiser.

Laura subiu e mergulhou a mão para dentro da calcinha. Seus dedos lambuzaram-se em um deslize pela fenda encharcada de sua mulher. Ela própria quase gemeu de prazer; apreciava contornar a anatomia e textura daquela região. O corpo de Elisa estava parcialmente curvado enquanto seus dedos brincavam entre as pernas deliciosamente molhada.

— Eu quero que você me foda — pediu sem qualquer pudor. Precisava sentir aqueles dedos a preenchendo e saciando a vontade o mais rápido possível.

Laura brincou um pouco mais com a região externa, mas logo atendeu ao pedido de sua mulher. Deslizou dois dedos para a entrada e a invadiu devagar, sentindo a intimidade adaptando-se e apertando-se contra eles.

— Porra, Elisa. — Seu xingamento foi quase um gemido de prazer ao invadir o sexo úmido e escorregadio — Que delícia... — disse ao aumentar o ritmo.

A mais velha apoiava-se cada vez mais forte conforme o corpo de Laura a pressionava contra a janela e as mãos a invadiam. Naquela noite usufruíam de um contato de pele mais exacerbado, como se os dias longe, somado ao vinho, tivessem elevado a libido ao último grau. Elisa já não conseguia conter os gemidos, muito menos era capaz de controlar o desejo que se alastrava por seu corpo. Já havia sentido prazer com outras mulheres, isso era fato. Mas, nada se comparava ao sexo com Laura, e ao corpo entregue com carinho, conforto, segurança e paixão.

Mudaram de posição abruptamente através de um comando físico de Elisa, que virou-se e guiou Laura pelos ombros, a fazendo caminhar até a borda do colchão. Ao despir-se inteiramente para a loira, deslizando a calcinha pelas pernas, portando um sorriso malicioso nos lábios, permitiu que ela depositasse a boca em sua perneira e a deslizasse até o final. Agora, sem qualquer peça ou adorno entre elas, Elisa a empurrou para trás e a fez sentar na beirada. Queria ser fodida no colo de Laura, e assim ela pediu, com todas as letras.

Sentou-se com os joelhos dobrados e uma perna de cada lado. Agarrou-se ao pescoço alvo e iniciou movimentos para frente e para trás, subindo e descendo, enquanto era preenchida por dedos hábeis.

— Me pede novo — disse Laura ao fixar o olhar nos castanhos ainda mais intensos e destacados pela maquiagem escura da região. — Diz

novamente o que você quer.

— Eu quero que você me foda nesse colo até eu gozar pra você.

Laura surpreendeu-se positivamente com a atitude ousada de Elisa naquela noite. Cada vez que iam para a cama, a sentia ainda mais entregue ao prazer.

Iniciaram um beijo apaixonado, apressado e intenso conforme Elisa cavalgava sobre ela. Às vezes Laura interrompia o contato de bocas para visualizar os seios nus movendo-se para cima e para baixo em seu colo, mas logo voltava a beijá-la com fervor. Elisa agarrou-se aos fios loiros quando atingiu um estado de prazer quase delirante. Sentia que o orgasmo estava próximo e queria se entregar a ele. Laura a penetrava com força, fundo, a preenchendo em um vai e vem estonteante.

— Você sabe que o meu sonho é foder você na sua mesa de trabalho, não sabe? — Disse com todas as letras, aproveitando a aura de luxúria que as banhava naquela noite.

Elisa abriu um largo sorriso em afirmação. Sabia do fetiche de Laura e colocaria esse assunto em pauta em outra ocasião, pois nesse momento ela só almejava se satisfazer naqueles dedos, naquele colo, naquela cama.

— Shh... você fala demais...— disse em tom sensual, levando os dedos aos lábios da loira. — Continua me fodendo.

Elisa estava tão molhada que o contato com a lubrificação se fez audível. Rebolava cada vez com mais intensidade, apertando as coxas contra a cintura de Laura, que a essa altura segurava em sua bunda e a guiava para frente e para trás. Os gemidos começaram a aumentar e se tornarem altos dentro do quarto, até Laura amparar o corpo trêmulo e suado após o prazer satisfeito.

— Também estou quase lá... — a loira sussurrou ao se deitar com ela entre os lençóis.

— Vem, sobe na minha boca...

Laura a beijou antes de subir pelo corpo e sentar com uma perna de cada lado sobre a face de Elisa. Com as mãos apoiadas fortemente contra o espelho da cama, gemeu ao contato macio da boca em sua intimidade. As mãos de Marques se apoiavam e afastavam suas coxas, de modo a deixar seu sexo completamente exposto para ela. Laura não mais se conteve e gemeu de forma crescente até desmanchar-se sobre aqueles lábios.

— *Feliz aniversário...*

Elisa soltou um murmúrio carinhoso contra o ouvido. Estavam aninhadas entre os lençóis com a morena parcialmente deitada sobre a mais nova. Sua cabeça repousava na região dos seios enquanto recebia afagos nos cabelos.

— O melhor de todos. — Laura respondeu em um sorriso. — Que noite prazerosa — disse ofegante.

— Muito. Você me deixa louca, eu estava encharcada — comentou timidamente, incrédula sobre as manifestações do próprio corpo.

A mais nova soltou um riso baixo e apertou-a contra os braços.

— Estava gostosa — respondeu. — E linda — acrescentou. — Sou louca por você...— disse com ternura na voz, afagando ainda mais os cabelos castanhos. — Estou ansiosa pra dormir nessa cama — confessou. — Bobo, não é? Mas eu quero muito.

— Não mais do que eu quero ter você aqui...

Elisa ainda se surpreendia com as palavras que saíam de sua boca. E embora ainda existisse dificuldade em demonstrar o que sentia, estava ciente de sua evolução. Gostava tanto daquela *loira insistente* — segundo suas próprias palavras — que era impossível não deixar o carinho vazar.

— Já decidi pra onde quero ir com você.

— Sério? — Perguntou Laura, animada com a ideia. — Pra onde?

— Um museu de cera. O que acha?

— Aqueles que possuem estátuas de famosos feitas com cera? — Marques confirmou. — Eu achei perfeito! Sempre quis conhecer! Tem algum aqui em Hills Dale?

— Tem sim. Em proporção menor, claro. Não deve ter muita coisa, mas pesquisei na internet e pareceu interessante. Quer ir conhecê-lo comigo?

— Eu vou adorar! — Respondeu-a com alegria. Estava com o peito saltitando de alegria com a ideia de ter um encontro oficial com aquela mulher. — Bonecos silenciosos de cera... Deve ser um ambiente muito calmo lá dentro. Bem a sua cara para um passeio — constatou. — Posso escolher o que virá depois, não posso?

— Faça as honras.

— Ok, vou decidir com mais calma e te aviso. Quando?

— Hum... Próximo fim de semana? — Perguntou ao levantar a cabeça para tentar olhá-la.

— Perfeito.

Elisa apertou-se contra aquele aconchego e suspirou. Estava se tornando sonolenta nos braços de Laura, mas antes de se entregar, refletiu sobre como seu corpo e mente estavam reagindo ao tê-la ali, debaixo de si e sobre a sua cama. Era diferente, ela sentia. Mas, não um diferente ruim, e isso a surpreendia.

— Adoro você, Elisa. Mal posso esperar pelo nosso encontro...

O sussurro de Laura saiu em voz mansa, e os movimentos da mão sobre os fios castanhos foram se tornando cada vez mais lentos e suaves, até cessarem. O sono veio quase sem aviso, adormecendo as amantes.



No dia seguinte, Laura foi a primeira a despertar com o alarme. Um pouco desorientada a respeito de onde estava, resmungou algumas palavras e aos poucos foi se dando conta que estava na cama de Elisa.

— Não quero ir trabalhar. — Sua voz saiu abafada por estar com a face parcialmente afundada no travesseiro. — Quero ficar aqui com você — disse arrastadamente, enquanto esticava o braço por cima da mais velha que, ao escutá-la, esboçou um risinho ainda de olhos fechados por também estar sonolenta.

— A loja não abre sem você.

— Eu preciso inventar uma boa desculpa à minha chefe.

— Já avisei que você não pode pegar a sua chefe e ao mesmo tempo querer mentir pra ela.

A voz de Elisa estava rouca e ao mesmo tempo manhosa. Seus olhos abriram-se lentamente e encontraram Laura sorrindo para ela.

— Droga, assim nunca vou poder faltar ao emprego. Qual a vantagem de namorar minha chefe? Precisamos rever isso — disse em tom

divertido, movendo o corpo para cima de Elisa, dentro do lençol que compartilhavam.

A morena sorriu, apoiou as mãos nas costas da namorada e começou a acariciá-la.

— Sem privilégios.

— Ok, ok, então deixa eu me aprontar pra ir...

— Vou com você, quero chegar antes do Vinícius pra olhar a reforma.

Levantaram, tomaram um banho e Laura começou a se vestir na frente do espelho do quarto. Hoje ela usaria apenas a calça preta e a camisa social branca, sem blazer.

— Você fica tão linda vestida assim.— Elisa elogiou, ao mesmo tempo em que ia dobrando as mangas da blusa para ajudá-la.

— Obrigada — sorriu um pouco sem jeito, não estava acostumada com os elogios vindos da morena.

Elisa a observou prender o cabelo em um rabo de cavalo e puxar alguns fios para que caíssem nas laterais da face.

— Formamos um casal bonito, você deveria admitir — comentou Laura, ao olhar o reflexo de seus corpos lado a lado no espelho. A mais velha usava jeans escuro e uma camisa de gola alta, sem mangas.

— Talvez...

— Você sabe que sim. — Ajeitou a gola da própria camisa e virou-se. — Mas, você é uma mulher muuuito difícil de admitir as coisas.— A segurou pela cintura e a foi guiando até a cama, onde a fez se deitar para em seguida deitar sobre o quadril dela.

— Ei, vai amassar nossa roupa — alertou, disfarçando um sorriso nos lábios enquanto a sentia prender seu punho contra o colchão.

— Não me importo, eu vou afogar você em cócegas até que comece a admitir as coisas.

Laura soltou um dos punhos e começou a enchê-la de cócegas por todo o corpo. No meio delas, intercalava distribuindo beijos carinhosos sobre aquela face que tanto gargalhava para ela.

— Laura, para! — Dizia em meio ao riso, se contorcendo sob a gerente. — Para, para, por favor!

— Só quando admitir que fazemos um belo casal.

— Não! Nunca!
— Ihhh, então não vou parar é nada!

Elisa gargalhava, ao mesmo tempo em que se contorcia e ia ficando com a face avermelhada pelos movimentos agitados. Seu coração sorria, seus olhos brilhavam e seu íntimo sentia-se em paz pelo instante daquele momento. Não lembrava de uma sensação de leveza como aquela há muito tempo.



Chegaram juntas ao antiquário sem que fossem vistas por alguém, pois a loira era sempre a primeira a aparecer. Elisa prontamente foi examinar e avaliar a reforma, e em seguida caminhou por entre os objetos da loja. Anotou mentalmente algumas questões para repassar à Laura momentos mais tarde. Quem a via com queixo erguido, o olhar firme e os saltos ecoando no piso conforme caminhava, não imaginava se tratar da mesma mulher que perdera a altivez há pouco, enquanto se contorcia em risos sob as cócegas de sua gerente.

Em sua sala, com os braços para trás e a postura ereta, observava através do vidro da janela a fila de clientes no caixa. Através daquela transparência também conseguia ver Laura auxiliando Débora. Elisa estava inteiramente entretida nos movimentos da loira e nas risadas que ela expressava ao olhar para a outra funcionária enquanto conversavam. Parecia feliz, sorridente, radiante. Marques alegrou-se de vê-la assim.

— *Oi.*

A morena somente cortou o contato visual quando uma voz invadiu sua silenciosa sala através da brecha da porta. Quando seu rosto virou na direção do som, observou Vitor escondido atrás, olhando-a timidamente pela fenda. Sem saber como se comportar, limitou-se a uma palavra:

— Oi...

A criança também não sabia como reagir. Aquela mulher dentro do escritório era completamente diferente da "*tia Laura*" a qual estava habituado. No entanto, havia algo no comportamento recluso de Marques dentro daquela sala que o instigava. O pequeno Vitor queria saber por que

apenas aquela mulher não interagia com ele como o restante dos funcionários. Júlia, Débora, Lillian e até mesmo Leonardo o cumprimentava todos os dias.

Os dois se olharam em silêncio, até que a mais velha decidiu caminhar até a porta e abri-la por completo.

— O que faz me espionando? — Perguntou em tom pacífico. Vitor apressou-se em negar com a cabeça.

— Não estava te espionando, tia. Só vim te ver.

“Não é possível que eu tenha cara de tia” — pensou consigo mesma. — Por que veio me ver? Aconteceu alguma coisa? Se machucou?

— Não, é que você é a única que fica aqui sozinha. — Ele respondeu. — O que fica fazendo aqui? — Deixou a curiosidade à mostra.

— Trabalhando bem ali — apontou para o computador.

— Hum... — pareceu refletir sobre o que escutara. — É verdade que você não gosta de chocolate? A Laura que me disse.

— É verdade, sim.

Elisa o chamou para entrar e fechou a porta. Não sabia o que fazer com aquela criança no espaço de sua sala, mas estava disposta a ouvir o que o pequeno menino tinha a dizer.

— Por que você não gosta?

— Bom... Não acho gostoso — respondeu de maneira óbvia e objetiva. — O que chamamos de branco, consegue ser o pior, é muito doce e enjoativo. Os meio-amargos ainda consigo tolerar. Mas, no geral, não me agrada consumir.

— E o que você mais gosta de comer?

Elisa puxou uma cadeira no lado oposto à sua mesa e disse que Vitor podia se sentar. Posteriormente sentou-se em seu lugar de origem, de frente para ele.

— Vou te mostrar.

Vitor balançava as pernas enquanto observava atentamente ela retirar algo do móvel à sua direita. Ao olhar para o pote de vidro que ela segurava, franziu o cenho em confusão. Não lembrava de já ter visto “aquelas coisas brancas” — segundo sua ótica e percepção — em algum lugar.

— O que é isso?

Sem desviar o olhar do líquido onde estavam submersos, perguntou.

— Palmitos.

Elisa abriu o frasco e buscou dentro da bolsa um par de talheres que costumava trazer consigo. Ao desembrulhar o guardanapo que cobria os utensílios, pegou o garfo e o mergulhou dentro do frasco para espetar e coletar uma unidade.

— Quer experimentar? — Ofereceu ao esticar o braço. Vitor pareceu um pouco confuso, ponderou por alguns instantes, mas resolveu segurar o garfo e olhar aquele alimento mais de perto.

— E se eu não gostar? Vai brigar comigo?

— Oh, claro que não. É só você cuspir na lixeira próxima à porta — apontou, o fazendo olhar para trás e respirar aliviado.

Após uma mordia, Vitor esboçou uma expressão pensativa e analítica. Elisa, por sua vez, o olhava com expectativa para saber a opinião.

— Ainda prefiro chocolate! — Disse ele. — Mas não é ruim, eu gostei muito!

— Pontos pra você! Pois a Laura detesta.

— Se mergulhar no chocolate, ela pode gostar — comentou, ainda segurando o garfo e mordiscando em pequenos pedaços.

A morena quase expressou uma careta ao imaginar aquela combinação. Palmito com chocolate se assemelhava a desejo de grávida.

— Você sabia que agora vou estudar de tarde também? — Ele continuou a falar, já não estava temeroso naquela presença. Ao contrário da mulher, Vitor possuía um ótimo desenvolvimento social.

— É mesmo? Me conta. — Sorriu.

Enquanto a criança falava, Elisa a analisava. Vitor de fato parecia astuto e inteligente para a idade. E quanto mais palavras saíam como flechas de sua boca, a morena se questionava se toda criança era assim tão falante e curiosa. Nunca tivera uma em seu convívio; logo, não possuía parâmetros.

— E você está empolgado? — Perguntou, demonstrando estar atenta ao que ele dizia.

— Muito! A Laura disse que nesse lugar posso aprender o que eu quiser! Tem lutas, tem natação, tem música. Ah, e tem mais coisas que não lembro. — Vitor parecia refletir enquanto contava os próprios dedos. — Tem mais, é... Tem pintura!

— Hummm, quanta coisa! — Comentou, fingindo não saber tudo o que o centro educacional tinha para oferecer. Era uma instituição de grande estrutura, a qual ela possuía imenso orgulho de ser financeiramente colaboradora. — E você já escolheu alguma dessas coisas?

Vitor terminou de comer o palmito e apoiou o garfo sobre a mesa. Elisa apenas o observava, era a primeira vez que estava tendo a chance de escutar os pensamentos de uma criança. “Sinceridade” e “espontaneidade” são palavras que melhor definiriam o que estava achando do menino.

— É.. Ainda não — disse meio cabisbaixo, frustrado consigo mesmo. — Mas eu vou escolher! Você tem filhos?

Emplacou em outra pergunta antes mesmo que o assunto anterior fosse verdadeiramente finalizado.

— Não tenho. Por quê?

— Porque se você tivesse, eu podia brincar com ele! É chato ficar sozinho na outra sala, esperando meu irmão o dia todo — disse em tom de chateação, depositando os cotovelos sobre a mesa e apoiando a cabeça nas mãos. — Você não fica triste de ficar sozinha nessa sala?

— Oh não, eu gosto da minha própria companhia e adoro o silêncio. E eu fico tão entretida trabalhando, que não vejo a hora passar.

— O que é “entretida”, Elisa? — Curioso, perguntou. Vitor possuía uma fina voz.

— É o mesmo que ocupada, distraída.

— Ah... E a tia Laura?

— Também não tem filhos.

— Hum...— Vitor pareceu triste com as respostas. De fato havia se imaginado brincando com alguma criança por lá.

— Bom, vamos fazer assim... Todos os dias você pode vir aqui ficar um pouquinho comigo. Não sou legal e falante como a *tia Laura*, mas eu tenho palmitos — piscou, oferecendo-lhe um meio sorriso.

— Oba!!!Amanhã posso trazer os meus brinquedos pra você ver? — De repente Vitor se mostrou muito animado com a ideia de ter alguém mais para interagir. — A Laura me deu vários!

— A Laura é tão legal, não é?

— Sim!

— Você gosta dela?

— Muito! Muito mesmo! Desse tamanho aqui, ó.— Vitor abriu os braços para demonstrar o quanto gostava da loira. Elisa, ao visualizar os pequenos bracinhos abertos de uma extremidade à outra, sorriu.

— Eu também gosto muito dela... — disse carinhosamente, sentindo sensações como borboletas em seu estômago, ao pensar em Laura.

O diálogo entre ela e Vitor estava sendo guiado pelas perguntas e manifestações do menino. E, curiosamente, Elisa não estava se sentindo desconfortável em respondê-las. *Talvez crianças fossem muito mais agradáveis de lidar*, pensou.

O momento harmônico foi interrompido por uma movimentação do lado externo da sala. As vozes de Laura e Rogério estavam elevadas, e quando Elisa menos esperou, o homem entrou em sua sala sem aviso prévio.

— Você não pode fazer isso! Não pode entrar aqui! — Dizia Laura, na tentativa de contê-lo.

— Ora, ora... Você não disse que ela não estava? — Comentou Rogério, ironicamente, ao alternar o olhar entre Marques e a gerente.

— Elisa, desculpe, ele saiu entrando e insistindo em falar com você.

— Está tudo bem. Só leve o Vitor, por favor.

A gerente assentiu e chamou o menino, que saltou da cadeira e se retirou do ambiente com ela.

— Estarei lá fora, me chame se precisar — disse aflita, temendo deixá-la sozinha com aquele homem que, claramente, desconhecia limites.

— O que você quer comigo? — Perguntou ao se levantar. — Se adiante, pois não tenho todo o tempo do mundo.

— Não vai nem convidar seu tio pra sentar? — A voz de Rogério estava carregada de sarcasmo. — Então eu mesmo o farei. — Puxou uma cadeira e tomou um lugar.

— Volto a repetir: se adiante.

— Não se preocupe, serei rápido e objetivo. Estive em sua casa pouco antes de viajar, mas você não me atendeu. Eu queria fazer uma proposta.

Rogério segurava um envelope entre os dedos, que logo foi depositado sobre a mesa.

— Quer desconto pelo lustre? Está fora de cogitação.

— Não, mudança de planos. Tenho uma proposta de compra para esse antiquário. Quero retomar o que é meu.

— Desculpe? — Riu debochadamente. — Acho que tem alguma incoerência nessa sua frase.

— Não, não tem. Você sabe muito bem que essa loja era um negócio meu e do seu pai. Tivemos nossas desavenças e rompemos a parceria, sim. Mas sempre foi um sonho nosso, dos irmãos Marques. Passei os últimos anos me organizando financeiramente para comprar de volta não somente a minha antiga parte, mas a que pertenceu ao meu irmão.

— E quanto a sua loja?

— A vendi. Eu estava em viagem resolvendo os assuntos finais.

— E o que te leva a supor que eu a venderia? Se ainda não percebeu, eu a moldei à minha imagem. Tenho apego a cada detalhe do que construí aqui. E, francamente... Você seria a última pessoa com quem eu fecharia algum negócio.

— Abra o envelope, garanto que a proposta é tentadora. Pagarei bem.

— Não estou interessada em dinheiro. — Com olhar de superioridade e desprezo, Elisa segurou o envelope, contornou a mesa e o ofereceu para Rogério. — Se era apenas isso, pode se retirar.

— Não vou me retirar, porque ainda não terminei de falar. — Rogério levantou-se da cadeira e assumiu um olhar desafiador. Seu tom de voz se elevou e tornou-se mais agressivo. — Você deveria me tratar com mais respeito, pois sou a única família que tem.

— Família? Faça-me o favor. Sua única função na minha vida é querer tomar a herança dos meus pais desde que eles foram... — hesitou. — Desde que morreram. — Sentiu o amargo na boca ao proferir as últimas palavras. — Sei muito bem que toda aquela batalha em prol da minha guarda era interesse financeiro. Aqueles discursos de tio preocupado com a sobrinha nunca passaram de teatro. Eu tinha apenas dez anos, mas não era uma idiota. Presenciei muitas discussões entre você e aquele que chamava de irmão. Suzana também me alertou de algumas coisas.

— Não deveria dar tanto ouvido aos empregados.

Seu tom de sarcasmo e desdém enojava Elisa.

— Suzana era muito mais da família do que você jamais foi. E eu cresci, Rogério. Cresci observando muito bem o tipo de homem que é. Suas

próprias palavras nesse exato instante, apenas reforçam meu conceito sobre você.

— Você pensa que me conhece, Elisa...

— Não, eu realmente o conheço. — Deu alguns passos adiante e o encarou no fundo dos olhos castanhos. Infelizmente, Rogério possuía um olhar muito parecido com o de seu pai, e isso a fragilizava. Todavia, não permitiria que ele fosse embora antes de ser confrontado. — Talvez seja *você* que não me conheça.

— Você é apenas uma menina, Elisa. Uma menina que não consegue superar a morte dos pais.

— A morte ou o assassinato? — Elisa o encarava intensamente como se o seu olhar quisesse transmitir uma específica mensagem. — Saia da minha sala agora, ou eu vou chamar o segurança. — A voz estava firme e o olhar não hesitava.

Rogério levantou o braço como se quisesse tocá-la, mas desistiu. Trancou os dentes em um gesto de raiva e fechou o punho no ar. Ele tinha consciência de que sua sobrinha nunca foi uma criança ou adolescente manipulável, então não seria agora, após ter se tornado uma mulher, que se deixaria seduzir por suas ofertas. O homem deixou o escritório e a loja furioso. Assim que o viu atravessar o salão, Laura correu até a sala de Elisa para verificar se ela estava bem. A pegou olhando com fixação para o navio dado pelo pai. Ao lado dele estava o globo de neve presenteado por ela.

— Quero que avise ao Leonardo para não mais permitir a entrada desse homem.

Elisa estava de costas, mas sabia que aqueles passos e o perfume que invadiu o ambiente eram de Laura. A voz estava firme, mas havia um choro contido em sua garganta. No entanto, não permitiria derramá-lo. Rogério não merecia mais essa vitória.

— Ele faz algo com você? Se fez, me avisa que eu chamo a polícia agora! — Laura se aproximou por trás, mas não a tocou. Não quis invadir qualquer espaço pessoal.

— Tentou me atingir em forma de palavras, mas não se preocupe, aqui ele não vai conseguir nada. — Elisa virou-se e encontrou o olhar de Laura aflito. — O problema desse sujeito, é que ele quer tomar tudo o que pertenceu ao meu pai. Jamais aceitou perder em tudo para o irmão. Ele era

apaixonado pela Patrícia, minha mãe. Mas ela gostava do meu pai desde muito nova.

— Hum... Já entendi de onde iniciou essa rivalidade.

— Pois é. Infelizmente eu não confio nesse homem, Laura. E há algo que eu preciso te contar...

— O que você quiser, sabe que tem toda a minha atenção, não sabe?

— Não quero falar sobre isso agora, nem aqui, muito menos após ter tido uma noite tão boa com você. — Elisa a tocou na mecha solta do cabelo e a depositou atrás da orelha. — Mas eu quero te contar, preciso colocar pra fora.

— Dorme lá em casa hoje e a gente conversa sobre o que está te afligindo, pode ser? — A mais velha assentiu com a cabeça e foi buscada por Laura para se acomodar em seu peito. Seus braços envolveram a cintura da loira, e a cabeça mergulhou bem na curva do pescoço.

— Obrigada por estar sempre aqui — disse baixinho, em meio ao aconchego, ao mesmo tempo em que aspirava o perfume de Laura, que nada respondeu, mas apertou-a carinhosamente contra os braços.

Era bonito e antagônico perceber como a mulher que um dia reprovou a chegada de Laura ao antiquário, agora a agradecia pela estadia em sua vida.

— Você se mexe demais enquanto dorme, Elisa. Não dá muito certo dormir com você — implicou, na tentativa de mandar para longe qualquer emoção ruim que estivesse no peito e pensamentos da mulher.

— E você ronca.

— Ei, eu não ronco!

— Sim, você ronca — respondeu, ainda aninhada em um abraço reconfortante em sua gerente.

— Não ronco.

— Ronca.

— Não.

— Sim.

Em meio às implicâncias, acabaram caindo na gargalhada. Era uma gargalhada que trazia leveza, com a capacidade de fazer voar os males e angústias, ainda que momentaneamente.

— Você acredita que o Vitor teve a coragem de me chamar de tia?!

Elisa comunicou com indignação ao se deslizar para fora do abraço, de modo a enxergar a face da namorada, que não conteve o riso. Aquele assunto renderia boas risadas à Laura nos próximos minutos...



— Eu era uma criança imensamente feliz, eu tinha o meu pai, a minha mãe, Suzana e amigos que brincavam comigo de um canto a outro na minha rua. O que mais eu poderia desejar? Era rodeada de amor. Às vezes, minha mãe brigava conosco porque invadíamos a casa com os pés sujos da terra que havia no quintal. Na época, tínhamos um jardim bastante florido, cultivado por ela. Eu apenas ajudava. Ou, atrapalhava.

Diferente de você, eu amava vestidos, e eu possuía uma coleção deles em diversas cores, estampas e cortes. Minha cor favorita sempre foi o azul, então minha mãe, a Patrícia, costumava me presentear com laços nessa tonalidade para enfeitar os meus cabelos.

Era por volta das nove horas da noite quando Elisa começou a romper todo o silêncio de uma vida. Decidiu não ir para casa da namorada; em vez disso, a convidou para novamente dormir na sua. Seria difícil contar o passado em voz alta pela primeira vez, então sentiu que seria mais emocionalmente confortável fazê-lo em sua própria casa. Fiona, sua ex gerente, sabia sobre o assassinato de seus pais. No entanto, toda a história de uma vida e os detalhes de como tudo aconteceu, seria contado em primeira mão somente para Laura.

Sentadas no sofá de veludo verde, rodeadas por alguns quadros e cerâmicas de luxo, Elisa ia lutando contra o nó de sua garganta. Suas mãos suavam sobre os joelhos e as pernas se mexiam de forma agitada, com um nervosismo aparente.

— Você devia ser a criança mais linda do mundo com um laço azul na cabeça.

O comentário da loira a fez sorrir por breves segundos, e dentro daquele instante tão curto, a vida parecia leve.

— Era o que a minha mãe dizia...

— Dona Patrícia sabia do que estava falando — sorriu. Aquele pequeno momento fez a morena respirar com mais confiança e prosseguir:

— Meu pai montou a oficina nos fundos da casa quando eu ainda era bem pequena. Como eu já havia contado a você... Passávamos horas e mais horas ali, juntos. Enquanto meu passatempo com minha mãe era cuidar do jardim, com ele era "*operar as porcelanas*". Era dessa maneira que eu denominava o que ele fazia.

Vivíamos uma vida feliz, meus pais se amavam muito e me preenchiam de amor. Eu tinha amigos no bairro, na escola e nas minhas aulas de arte.

— O que aprendia nas aulas de arte?

— Esculturas de argila. Havia iniciado poucos meses antes deles morrerem. Eu tinha algumas peças medonhas aqui em casa. Meus pais e Suzana diziam que eram lindas, mas tenho certeza que faziam isso pra me incentivar.

— Ainda tem alguma dessas esculturas? Adoraria ver algo pertencente a sua infância.

— Não, eu quebrei todas elas.

— Ah...

— Quebrei em um momento de fúria quando me vi inteiramente sozinha nessa casa. Já não existia meu pai, minha mãe ou Suzana. Tinha sobrado apenas as lembranças de suas vozes ecoando sobre aquelas esculturas.

Laura não era capaz de sentir, mas conseguia ver a dor de Elisa através das palavras e da tristeza que carregava na face nesse momento. Os olhos castanhos estavam melancólicos e um pouco marejados.

— Deve ter sido tão difícil pra você...

— Foi extremamente doloroso perder tudo — afirmou, perdida em suas lembranças afetivas e de dor. Marques manteve o olhar fixo em um canto qualquer do chão. — Eu nunca contei isso a você e é muito duro relembrar, embora eu nunca esqueça, de fato, os detalhes do que aconteceu

— suspirou. — Os meus pais morreram quando eu tinha apenas dez anos, mas não foi de causa natural, nem acidente. Eles foram cruelmente assassinados nessa casa...

O coração de Laura se apertou ao ouvir aquelas palavras serem ditas com tanta dificuldade e amargor. Pôde ver o momento exato em que os olhos castanhos esmoreceram. Para Elisa, estava sendo inevitável reviver aquelas memórias e não sentir tudo outra vez.

— Eu sinto muito...

A mais nova a buscou na mão e acariciou-a com afeto. Não sabia o que dizer para consolar aquela dor tão antiga.

— Eu também sinto muito — suspirou. — A pior parte desse crime, é que eu presenciei absolutamente tudo.

— Não...Meu Deus... — Laura segurou-a firme na mão e a sentiu suar entre seus dedos. Estava nitidamente nervosa.

— Nunca vou esquecer aquele dia. *Aquele maldito dia*. Era uma noite de sábado, meus pais e eu havíamos chegado de um passeio em família por volta das sete horas da noite. Nossa casa foi invadida pouco tempo após nossa chegada. Estávamos no andar de cima; eu no meu quarto e meus pais no deles. Me lembro do meu pai entrando às pressas pela porta e me pedindo silêncio. Levei algum tempo pra compreender que nossa casa estava sendo invadida por delinquentes.

Meu pai tentou se retirar de lá comigo e com minha mãe, mas eu fiquei tão nervosa que comecei a chorar. A partir desse choro, a minha vida se tornou um pesadelo. Os caras que entraram na minha casa perceberam a movimentação e subiram dispostos a apagar quem estivesse no caminho. Eu nunca me senti tão culpada em toda a minha vida, pois se eu tivesse ficado quieta, talvez meu pai tivesse nos retirado sem sermos notados.

— Oh Elisa... Não se culpe assim. Você era apenas uma criança e agiu por instinto. Estava com medo e não conseguiu conter o choro. Quem poderia te culpar? É bem capaz que estando no seu lugar, eu entrasse em pânico e até gritasse impulsivamente. Nesses momentos a gente já pensa o pior.

— E foi realmente o pior que aconteceu — comunicou, sentindo uma fisgada no peito ao lembrar daquela noite. — Dois homens encapuzados nos abordaram no corredor do andar de cima, quase na altura da escada. Eu estava muito assustada e agarrava na cintura do meu pai com

força. Minha mãe logo começou a chorar e pedir que não fizessem nada conosco. O único que se mantinha estável era o meu pai. Ao menos era o que aparentava.

Laura escutava cada palavra com atenção. Seu coração apertava com os suspiros da namorada. Sentia ainda mais aflição ao saber que a parte mais dolorosa ainda estava por vir.

— Os homens eram assaltantes e logo manifestaram o propósito. Queriam saquear todos os itens de valor, incluindo as cerâmicas da oficina. Meu pai tentou argumentar, disse que daria dinheiro a eles se desistissem de levar os objetos, pois todos possuíam um valor sentimental muito grande pra ele, principalmente o lustre.

— O lustre? Qual? O que enfeita o seu antiquário?

— Sim. Ele é um objeto muito grande e bonito, logo, atrai os olhares de assaltantes. Ele ficava exatamente ali — apontou para o teto da sala, justamente para o local que a mais nova observara na visita de ontem. — Os caras que entraram aqui sabiam exatamente o que estavam fazendo. Certamente conheciam o meu pai, pois a loja sempre foi bastante famosa. E eu me atrevo a dizer que havia algo por trás, pois eles sabiam até do cofre que existia no quarto dos meus pais.

— Como isso é possível?

— Estranho, não? Eu não gosto de julgar as pessoas, mas conforme fui crescendo... Comecei a desconfiar do ocorrido. Eu sempre achei que foi um crime encomendado, e que o Rogério estava por trás de tudo.

— O Rogério? Seu tio? — Indagou incrédula, com seus olhos arregalados. — Elisa, que barbaridade é essa?

— Pois é... Torna a história ainda mais dolorosa saber que meu próprio tio pode ter sido o mandante.

— Eu estou chocada...

— Vou te contar os detalhes, pois você deve estar cheia de interrogações.

— Está segura disso?

— Estou, acho que já silenciei por tempo demais o meu passado. É doloroso relembrar e dizer em voz alta tudo o que nos aconteceu, mas ao mesmo tempo eu preciso desengasgar essa história. Sinto que hoje posso fazer isso com você...

— Obrigada pela confiança. — Laura a tocou na lateral do rosto e acariciou a bochecha com a ponta do polegar. — Estou aqui pra você, sempre — sorriu.

Marques piscou lentamente em um gesto de afirmação e abriu um sorriso fraco, antes de prosseguir com o relato.

— O lustre que existe no antiquário foi presente do meu pai para a minha mãe. Ele o adquiriu em um leilão onde competiu com o Rogério. Meu pai sempre teve melhores condições financeiras, então deu o lance mais alto e o conseguiu. Ele é um modelo raro e antigo, quase já não se encontra.

Meu pai chegou feliz em casa com o lustre que adquiriu para a minha mãe. Essa memória é muito antiga, eu devia ter por volta dos oito anos, mas me lembro de vê-la feliz e animada com o presente. Porém, não mais feliz que no dia em que o lustre foi colocado no centro do teto dessa sala. Ainda mais encantada que ela, era eu, ao ver aquela *coisa grande*, bonita e brilhosa. Se aos olhos de um adulto ele é chamativo, imagina na percepção de uma criança...

— Ele é lindo demais, nunca perdi a mania de olhar pra cima e avistá-lo cada vez que entro na loja. Com certeza o Rogério ficou com inveja. Primeiro porque perdeu o lustre no leilão, segundo porque seu pai presenteou a mulher que ele gostava, justamente com o objeto que ele queria ter adquirido.

— Exatamente. Eu juntei todas essas peças conforme fui crescendo.

— Faz sentido... Que filho da puta se tiver sido ele!

— Há grandes chances. — Elisa tomou algum fôlego mais e prosseguiu. — Os homens e meu pai começaram a discutir, estavam agressivos e muito alterados. E pra piorar toda a situação, um deles puxou a minha mãe e sacou uma arma para intimidar meu pai, que infelizmente continuou tentando confrontá-los, só que dessa vez ele já não estava pacífico. Eu comecei a gritar e me desesperar ao ver minha mãe sob o domínio daqueles homens ruins. Nessa hora meu pai disse que eles poderiam levar tudo se quisessem, mas que a soltassem. Eles não atenderam ao pedido e a fizeram de refém, acho que como garantia.

O cúmplice começou a recolher tudo; quadros, jarros, joias. Enquanto isso, o outro permanecia com a arma apontada para a cabeça dela, que a essa altura chorava e tremia sem parar. Eu, inocentemente, gritava

para que eles a soltassem, estava em prantos, sentindo meu coração quase sair pela boca e explodir. Não sei o que houve com meu pai, mas ele ficou muito nervoso no meio daquela situação e acabou agindo impulsivamente. Havia uma arma dentro do cofre, junto a algumas joias de alto valor. Então quando pediram para que ele fizesse a sequência da senha, ele não apenas abriu o cofre, como também sacou a arma e tentou obrigar o sujeito a soltar minha mãe.

— Meu Deus, que perigo...

— Embora somente um deles estivesse armado, estavam em vantagem por serem dois. Mas, acho que meu pai nem pensou nisso, ele só queria livrar minha mãe da mira daquele revólver. Estava angustiante, pois a todo momento parecia que ele ia disparar na cabeça dela. Acho que meu pai não aguentou presenciar a cena e os meus gritos — suspirou tristemente, sentindo o peito apertar e a coragem querer se esvair. — Eles se confrontaram e...

— Elisa, não precisa dizer...

— Eu preciso te contar, preciso que entenda tudo o que houve, por mais dolorido que seja. A única pessoa que sabe da história é a Suzana, e ela também já está morta. Por sorte, não morreu naquela noite, pois a cada quinze dias ela viajava a uma cidade vizinha para visitar a única irmã viva.

— Tudo bem, quero o que for melhor pra você.

— O melhor é te contar. Silenciei o meu passado a vida inteira e a dor não sarou. Então preciso tentar algo diferente...

Laura começou a perceber os castanhos marejarem. Jamais seria capaz de compreender o tamanho da dor que eles carregavam, mas possuía consciência de que certamente era imensurável.

— No meio do embate, um deles conseguiu tomar a arma do meu pai e o outro disparou dois tiros contra a minha mãe. Ela foi assassinada na nossa frente...

As lágrimas começaram a deslizar pela face de Elisa. Eram lágrimas de dor, angústia e lamentação. Teimavam em cair há vinte e quatro anos, a cada aniversário solitário, a cada jantar em torno da mesa vazia, ou quando lembrava de sua mãe dando broncas por vê-la riscar as paredes de casa.

— Meu pai não foi morto de imediato, pois precisavam arrancar informações dele, como senhas bancárias. Mas foi espancado ao ponto de não ter mais capacidade física de revidar. Os corpos dos meus pais foram

arrastados para baixo, pela sala, e pararam debaixo do lustre, sobre o carpete verde musgo, combinando com o sofá, do jeito que minha mãe escolheu. O verde, aos poucos, foi sendo manchado pelo vermelho. Havia sangue nas paredes, no carpete e nos móveis. Com o corpo da minha mãe morta ao lado, meu pai dizia que daria todas as senhas existentes, mas que por favor poupassem pelo menos a minha vida. Nessa altura eu também tinha uma arma apontada na minha cabeça. Estava sendo segurada com força e aquilo me causou uma sensação asquerosa que lembro até hoje. Já não sabia o que pensar ou sentir, tudo havia acontecido muito rápido. Minha mãe estava morta no chão à frente, havia sangue, havia uma mão me segurando e o meu pai clamando pela minha vida. Os sujeitos anotaram cada senha que ele informou e em seguida também atiraram nele.

A minha sorte, ou desgraça, dependendo do ponto de vista, foi que uma sirene de polícia começou a soar ao longe. Um tempo depois, fiquei sabendo que a vizinha havia escutado os gritos e os primeiros disparos da arma, e chamou a polícia. Com isso, os caras se sentiram coagidos e fugiram antes de tentarem tirar a minha vida. Mas eu preferia ter sido morta ali, fisicamente, porque por dentro eu já estava. Levaram somente as joias e alguns objetos que já haviam colocado no carro. Desistiram até do lustre, pois levaria tempo até desencaixá-lo do teto. Mas tentaram, pois alguns parafusos estavam soltos. Esses detalhes eu também soube tempos depois, quando foram presos. Enquanto um deles nos ameaçava, o outro fazia o recolhimento e levava para o carro que estava estacionado do lado de fora.

Quando me vi sozinha nessa sala, me joguei ao chão, sobre os corpos ensanguentados, e comecei a chamar por eles na esperança de acordá-los. Eu não conseguia compreender como eu havia tido um dia feliz ao lado deles e agora estava com sangue nas minhas mãos. Eu chorava, tremia e gritava. Foi naquele dia que eu vi como a vida era frágil e se esvaía através das minhas lágrimas.

Meu pai não morreu ali, foi socorrido e ainda chegou com vida no hospital, mas não me deixaram entrar para vê-lo. Ele não resistiu e morreu algumas horas após a internação. A notícia me foi dada pela doce Suzana. E foi aí que o meu mundo desabou de uma vez. Não fui assassinada, mas senti que também morri naquela noite, junto a eles, junto ao som alto dos disparos, junto àquela notícia, junto a toda violência que eu presenciei.

Sempre que olho para o lustre, que foi um lindo e afetuoso presente para minha mãe, ele me lembra a bravura do meu pai debaixo dele, pedindo pela minha vida até o último momento. O lustre foi a única coisa que se manteve iluminada naquela escuridão que eu estava presenciando. Mas, em contrapartida, também refletia a minha dor. Então deixei o valor elevado por todos esses anos para que ele fosse difícil de ser vendido. No fundo, nunca consegui decidir se ele deveria ou não permanecer na minha vida; preferi entregar nas mãos do destino. Se alguém estiver disposto a pagar o preço e tirá-lo de mim, então assim será decidido. Eu mesma não consigo tomar essa escolha. Ele me remete a um antagonismo de sentimentos muito grande.

Após o velório, veio a parte mais difícil: encarar uma realidade onde eles já não existiam. Minha vida mudou tão repentinamente, eles foram tirados de mim tão sem aviso prévio, que entrei em estado de negação. Eu passava todas as noites na janela do meu quarto, aguardando ver o carro deles chegar e eles retornarem para a casa. O preto que vesti no dia do velório nunca mais foi tirado. Me doía usar os laços feitos ou comprados pela minha mãe. Me doía vestir minha cor favorita novamente, uma vez que minha realidade era tão cinza e nublada. Apenas os tons escuros representavam meu estado de espírito. Eu vesti o luto no dia da despedida e nunca mais consegui tirar.

Entrei em uma terapia super intensiva com o André. Me afastei de todos os meus amigos da rua e da escola, eu não queria ver ninguém. A única companhia que eu aceitava era a da Suzana. Com o tempo fui me tornando a menina estranha que não falava com ninguém, que mal se alimentava, que usava apenas roupas escuras ao invés de coloridas, como todas as outras crianças. Eu não dormia bem, pois tinha pesadelos com os homens invadindo a minha casa e assassinando meus pais outra vez. Minha aparência estava péssima, pálida, cheia de olheiras. Eu realmente parecia uma alma penada na janela, aguardando eles voltarem pra mim, dia após dia. Foi assim por muito tempo.

Na adolescência, pensei no pior, queria acabar com a dor de toda a violência que eu presenciei, e de toda a ausência de dias felizes. Mas Suzana, novamente, esteve lá por mim e não permitiu. Ela disse que meus pais jamais iriam querer ver o meu fim, e que eles estariam sempre olhando por mim lá de cima. Embora eu não acredite em céu e inferno, eu acreditava

fielmente que eles se entristeceriam se vissem o estado deplorável em que cheguei. No meu conceito de vida, céu e inferno são estados mentais, e eu estava no inferno, sem qualquer sombra de dúvida. Por eles eu tentei me reerguer e aceitar que já não voltariam pra mim. Abracei as memórias afetivas, como aquela onde meu pai e eu nos reuníamos pra comer palmitos direto do pote.

Nesse momento do relato, Elisa sorriu em meio as lágrimas ao recordar de sua mãe brigando e fazendo careta de nojo por vê-los comendo daquela maneira.

— Você deve ter ouvido falar sobre a maldição da casa, não ouviu? — Laura assentiu com a cabeça. — Suzana me contou que esses boatos sempre existiram desde que vieram morar aqui. A família anterior à nossa também morreu, porém, de uma maneira diferente. O marido matou a esposa e a filha em uma espécie de surto psicótico, e em seguida tirou a própria vida. Uns dizem que ele era atormentado por espíritos, outros afirmam que possuía algum transtorno psiquiátrico. Eu acredito na segunda opção.

Sempre fui questionada desde criança pelos meus amigos, sobre existir alguma manifestação sobrenatural na casa. Claro que não existia. Eu escutava sobre a maldição desde pequena; na rua e na escola. E quando meus pais morreram, esse virou o assunto do momento, reforçando a ideia de que essa era uma casa amaldiçoada. Mas a verdadeira maldição é a ganância, o egoísmo e a impiedade humana. Foram essas três coisas que fizeram aqueles homens entrarem aqui e colocarem um fim em duas vidas.

Disseram até que eu matei meus pais com as próprias mãos, pois, segundo uma meia dúzia de pessoas, essa era a única explicação de eu ter me salvado, acredita? Eu já escutei de tudo nos últimos anos. As pessoas fizeram da vítima, a culpada. É isso que as pessoas são, é isso que elas fazem. Com o tempo, com a nova geração do bairro, eu também virei bruxa e vampira na boca delas. Uma mulher fechada, silenciosa, que se veste de preto e vive numa casa de aparência abandonada é um verdadeiro pano para o enredo dessa gente.

Com o passar dos anos, a rua foi se tornando silenciosa debaixo da minha janela. Ninguém queria viver em um lugar que foi vítima de mortes

tão hediondas. Ah, eu também mandei retirar do ar todas e quaisquer matérias referentes ao assassinato. Muitas eram mentirosas e desrespeitosas, sempre trazendo à tona palavras como “maldição” e “assombração”. Não foi isso que matou os meus pais. Eu continuo tirando esses sites do ar porque além de desrespeitarem a imagem deles, eu não quero ter que reviver essa dor.

— Você está certa. Eu no seu lugar faria a mesma coisa. Já imaginava que seus pais tivessem sido mortos ou, talvez, sofrido algum acidente. E eu deduzi que sua aversão a sangue fosse proveniente de algum trauma ligado ao falecimento dos dois... — suspirou em meio às expressões tristes e de lamentação. — Foi muito triste o que te aconteceu e eu jamais conseguirei saber a dor que sentiu e ainda sente. Mas eu quero que saiba que eu admiro muito você, e que por mais que pense o contrário, você é forte. Muito forte. O que chamam de maldição, eu também chamo de maldade humana. E você foi capaz de se manter de pé apesar de toda a dor, perdas e boatos.

— Não sei se eu tenho vivido, mas eu tenho sobrevivido. A dor diminuiu com o tempo e eu me anestesiei. Em datas comemorativas, ainda dói muito. Mas, na maioria do tempo eu não sinto nada. Na faculdade eu conheci aquela moça e por um momento eu percebi que não estava tão morta assim, que eu podia ter uma amiga outra vez, e que existia uma Elisa que ansiava se libertar, que ainda existia um coração aqui dentro, mas não deu certo. Acabei perdendo o interesse. Além de não saber me relacionar, eu não estava mais disposta a sequer tentar. Com os anos, percebi que eu podia pelo menos atender as necessidades físicas do meu corpo sem precisar lidar com o que viria depois. Sem apegos. Sem perdas. Sem dor. Sem precisar aprender a ter uma relação. Só que um dia eu perdi a minha gerente e você entrou na minha vida, e por mais que eu tentasse tratar você como tratei todas as pessoas a vida inteira, não era possível, pois você não se intimidava.

— É porque eu sou uma abusada!

— De marca maior — riram juntas, mesmo com as lágrimas descendo sorrateiramente pela bochecha da mais velha.

— Talvez eu seja o amor da sua vida, aquela que vai encher essa casa de filhos, assim como um dia foi a vontade dos seus pais — disse em tom divertido.

— Eu jamais teria filhos, Laura. Não tenho emocional pra isso...

— Pois eu acho que você seria uma mãe maravilhosa. Brava? Bastante! Mas, extremamente responsável e carinhosa.

— Obrigada pela confiança, mas filhos realmente não seriam pra mim.

— E quanto a eu ser o amor da sua vida? Será que eu seria pra você?

— Hum... Está se achando demais — implicou.

— A esperança é a última que morre — deu de ombros. — Mas e quanto aos homens que foram presos? Quem eram? Confessaram alguma coisa?

— Eles foram mortos na cadeia. Não tiveram tempo nem de mexerem nas contas bancárias. Suzana se encarregou de tudo e conseguiu mudar as senhas ao ir comigo para os bancos, portando o atestado de óbito. Eu acho que foram executados por ordem do mandante do crime antes que abrissem a boca.

— O Rogério...

— Há grandes possibilidades.

— A gente deveria colocar esse infeliz na cadeia se realmente for o culpado!

— Infelizmente faz tanto tempo, que o crime provavelmente prescreveu. Eu nunca quis me envolver nisso quando fiquei adulta, pois seria muito doloroso reviver o passado e lidar com as audiências nos tribunais. E eu não gosto de pensar que meu próprio tio foi capaz de acabar com a nossa família...

— Entendo, só traria ainda mais dor a você, não é? — Marques assentiu. — Mas se ele for mesmo o culpado, ele tem que pagar, Elisa! — A loira estava nitidamente transtornada.

— Sim, eu concordo, só que eu não tenho forças pra isso.

— Pois eu vou arrancar a verdade desse sujeito. Sou capaz de arrebentá-lo com minhas próprias mãos! — Ameaçou em voz alta, fechando os punhos.

— Laura, por favor, não se envolva nisso, não é o mais importante agora.

A mais nova não estava convencida sobre deixar aquele assunto para trás, mas, por ora, não tocaria nele em respeito ao pedido da mulher.

— Eu quero te contar uma coisa... — disse ao levar a mão até os cabelos de Elisa e ajeitá-los atrás da orelha. Laura a olhava com carinho, ao mesmo tempo em que via uma lágrima solitária ainda descendo discretamente pela face.

— O que seria?

— Então... Você sabe que mudei pra essa cidade com o intuito de fugir dos meus dias automáticos e estressantes. Encontrei tranquilidade? Não — riram juntas. — Porque no início eu queria cortar a cabeça da minha chefe e servi-la em uma bandeja. Mas quando te olhei com mais calma, desconfiei que existisse algo por trás de toda a arrogância e indiferença. Seu comportamento agressivo não condizia com as atitudes positivas, como naquela vez em que não descontou meu salário, ou quando se preocupou com a desigualdade nas comissões de Júlia e Lillian. Eu sabia que existia uma outra mulher debaixo daquelas camadas, e isso me intrigava. Sem mencionar a energia que você emana. Tem algo nessa aura misteriosa que desperta, no mínimo, a nossa curiosidade. Mas o que eu quero verdadeiramente dizer, é que quando conheci quem você realmente é, eu me surpreendi positivamente. Basta olhar o que fez pelo Vitor quando o conhecemos no sinal. Você não tinha a obrigação de comprar todos aqueles chocolates, mas você o fez. Sabe por que? Porque é uma pessoa ainda mais bonita por dentro, do que é por fora. Naquele dia eu fiquei feliz por mim, por ver que meu coração escolheu a mulher mais incrível pra se apaixonar. Hills Dale me deu um lindo presente de boas-vindas, e ele se chama você. Nunca antes alguém me fez sentir o que sinto ao seu lado. Sou a mulher mais sortuda do mundo por ter a honra de conviver com a verdadeira Elisa. Obrigada por me despertar tantos sentimentos intensos, eu sou louquinha por você...

— Eu também sou louca por você. — Sorriu com o canto dos lábios. — Quem deveria agradecer sou eu, pelo seu interesse em me olhar e genuinamente me enxergar. Sinto que tenho sobrevivido por todos esses anos, mas agora eu quero experimentar o que é viver. Uma vez você me perguntou se minha tatuagem havia algum significado e eu não respondi, mas ela tem. Suzana costumava me chamar de fênix, dizia que eu era resiliente e que um dia eu renasceria de toda essa dor. Quando você me mandou aquela mensagem dizendo que eu era a sua fênix, a lembrança afetiva da Suzana veio automaticamente à tona. Anos após sua morte, eu

tatuei essa fênix negra nas costas para nunca esquecer do que ela me dizia. E sempre que a olho no espelho, as palavras daquela mulher renascem e me fortalecem. É como se ela ainda vivesse em mim por todos esses anos.

— Que bonito... Eu jamais imaginaria que esse fosse o significado. A gente nunca sabe de fato sobre a vida de alguém...

— Não tem como adivinhar, mas você se importou em saber sobre a minha e hoje estamos aqui.

Elisa sentia-se triste e ao mesmo tempo aliviada por ter conseguido relatar os detalhes mais relevantes sobre sua história. Ela tinha apenas dez anos quando o azul celestial da sua vida transitou para a escuridão. Por anos desejou que seu choro e lamento fossem escutados por alguém. Por anos desejou que a enxergassem, a compreendessem, a segurassem pela mão e a levassem de volta para casa; não para aquela onde as trepadeiras tomavam conta de toda a estrutura externa; mas sim, para o lar onde seu jardim ainda era florido.

Será um trabalhoso caminho permitir que a felicidade entre novamente em sua vida. Seu medo de ser feliz é proveniente do passado e das situações traumáticas que vieram logo após os momentos de felicidade. Seus traumas, dores e angústias não desaparecerão com sua nova decisão de viver. Mas, com o auxílio de Laura, certamente a caminhada será mais amena.

Deitada no colo da loira, como na noite de natal, Elisa se aconchegou e aos poucos permitiu que a angústia entalada na garganta se rompesse. Sem nada dizer, a mais nova apenas dedicou-se a acariciar os fios castanhos enquanto o choro da namorada crescia e ecoava pelo silêncio da sala. Elisa estava de lado, aos prantos, agarrando-se aos joelhos de Laura em seu momento de maior fragilidade.

— O Titanic se chamava o navio dos sonhos. E realmente ele era...

Enquanto acariciava os cabelos castanhos, Laura começou a narrar alguns diálogos do filme favorito de Elisa. Com o passar dos instantes, a morena foi cessando o choro até dar lugar a frases que complementavam o que a loira dizia. Marques sabia os diálogos de cor desde criança. Já Laura, havia decorado muitos deles nos últimos meses, pois reassistia Titanic sempre que queria sentir Elisa mais perto.

— Eu sei que deve estar pensando: pobre menina rica, o que ela sabe sobre sofrimento? — Murmurou a morena, narrando uma frase de Rose.

— Não, não era o que eu estava pensando. O que estava pensando, era: o que pode ter acontecido a essa menina pra pensar que não havia mais saída? — Laura complementou.

Sentindo o rosto molhado pelas lágrimas, Elisa sorriu. Sorriu ao constatar que Laura sabia completar os diálogos.

— Tudo o que eu sinto é como se estivesse no meio de uma sala, gritando com toda a minha força e ninguém conseguisse me ver.

— Eu tenho tudo o que preciso comigo, eu tenho ar nos meus pulmões e algumas folhas de papel em branco. Gosto de acordar de manhã sem saber o que vai acontecer, quem irei conhecer, onde vou parar. Eu acho que a vida é um dom e eu não pretendo desperdiçá-la. A gente aprende a aceitar a vida como ela se apresenta. Fazer cada dia valer a pena. Eu tenho dez dólares no bolso e não tenho nada pra lhe oferecer, eu sei disso. Mas eu já me envolvi demais. Você pula, eu pulo, lembra?

— Não acredito que você decorou tudo...— disse baixinho, ainda sentindo-se fragilizada, mas amparada pelo carinho e cuidados de Laura

— Eu sou o próprio Jack! — sorriu.

— Muuuito mais bonita que o Jack.

Laura abriu um sorriso ainda maior e inclinou-se para depositar um beijo no rosto da mulher.

— Vamos cuidar pra deitar? — Chamou carinhosamente, ao passar a mão nos fios castanhos com ternura.

Após um banho e chá de camomila para Elisa, aninharam-se na cama com apenas a luz do abajur acesa para que pudessem se enxergar. Em meio a conversas triviais, daquelas que os casais costumam partilhar quando repousam juntos sobre o colchão, Marques ainda se surpreendia por muito estar gostando de dormir e acordar ao lado de Laura. A loira, por sua

vez, estava desfrutando da sensação de estar naquele quarto, cama e lençóis, ao lado da mulher que um dia não lhe direcionava sequer um bom dia.

— Vitor me disse que talvez você não dê tanto medo como ele pensava.

— Ah é?

— Sim. Me contou tudo o que ficaram conversando. Estou tão orgulhosa de você, sabia? Por estar se permitindo.

Conversavam deitadas de lado, uma de frente para a outra. Uma das pernas de Laura estava jogava por cima da morena, na altura do quadril.

— O mérito é todo dele — respondeu em tom baixo e amigável, portando um discreto sorriso nos lábios, que não passou despercebido pela namorada. — Acho que crianças podem ser mais agradáveis que adultos.

— Crianças costumam ser espontâneas e sinceras.

— Percebi, ele me chama de “tia” na minha cara — disse em meio ao riso, fingindo indignação. — Não gosto de como os adultos simulam o comportamento. Faz com que todos sejam de mentira. Não gosto dessa coisa de sorrir quando não se quer. Ou de ser obrigado a cumprimentar quem não gostamos. Por isso fico pra morrer nos coquetéis, estão todos dissimulando a maior parte do tempo. Não vejo isso no Vitor, ele é sincero, assim como você desde que nos conhecemos. Você nunca puxou meu saco por conveniência, mesmo eu sendo sua superiora dentro da loja. Pelo contrário, me cuspia suas insatisfações. No fundo, é isso que eu preso e admiro.

— Já falei que você é uma em um milhão? — Laura depositou a ponta do indicador na testa de Elisa e traçou um percurso descendo pela ondulação do nariz. — Eu amo o fato de você ser tão verdadeira em tudo. Quando você sorri, é bonito e genuíno.

— Quando te dou patada, também.

— Principalmente suas patadas! — Riram juntas. — Quanto mais te conheço, mais te gosto...

— Eu também gosto muito de você, Laura. — A mais velha inclinou o rosto para frente e depositou um beijo na testa da loira. — Obrigada por estar aqui — sorriu.

Laura a aconchegou carinhosamente nos braços e puxou o cobertor para cobri-las. A noite estava fria, mas teriam o calor afetivo e corporal uma

da outra.



Quando o fim de semana finalmente chegou, a gerente se aprontou e foi buscar a chefe na porta de casa. Ela era uma pilha de nervos, pois além de sentir o coração acelerar cada vez que estava na presença de Elisa, este seria o primeiro encontro como namoradas. A loira havia escolhido o local para onde iriam após o museu de cera, e temia que a mulher rejeitasse a ideia. Afinal, sabia das condições de Elisa e do quanto poderia vir a sentir-se desconfortável em determinados ambientes.

De pé, encostada na porta do carro, Laura tirou o celular do bolso e digitou uma mensagem para a namorada. Feito isso, guardou o aparelho e ficou observando o segundo andar.

— Parece que você finalmente aprendeu a se comunicar! — disse a morena, ao aparecer na janela.

A gerente balançou negativamente a cabeça e sorriu. Em poucos instantes, Elisa surgiu arrumada no portão. O sorriso da morena abriu-se de um lado a outro ao avistá-la com uma mão dentro do bolso e a outra segurando um buquê de flores. Elisa nunca havia recebido flores... Até agora.

— Boa tarde, dama de preto.

Laura caminhou sem tirar a mão do bolso da calça e foi de encontro a mulher, que também vinha andando em sua direção. Era fim de tarde, o sol já estava se pondo e oferecendo um lindo degradê de laranja no horizonte. Contudo, para Laura, não havia cenário que se igualasse à beleza de ver Elisa Marques sorrindo.

— Boa tarde. Essas flores são pra mim? — A mais nova confirmou com um aceno de cabeça e as entregou. — Obrigada — agradeceu com um sorriso que não se desmanchava de seus lábios. — Já volto.

Elisa entrou rapidamente em casa e providenciou um jarro com água para preservá-las. Após cheirá-las e sorrir para elas, suspirou e voltou para o portão.

— Pronta para conhecer o museu?

— Mal posso esperar!

Enquanto Laura acelerava com o automóvel, o buquê de flores mistas repousava em um vaso de porcelana na mesa de centro da sala de estar. Após tantos anos, era a primeira vez que aquelas cores enfeitavam a casa de Marques. Era a primeira vez que flores vivas voltavam a fazer parte de seu lar. A morte dos pais levou consigo sorrisos, laços azuis, sonhos e um lindo jardim que existia ao fundo. Mas agora, com a presença de Laura, pequenos fragmentos do passado, de uma vida feliz, estavam se reunindo outra vez.



Após comprarem os bilhetes, entraram ansiosas para conhecerem o museu. A loira buscou a mão da namorada e entrelaçou os dedos aos dela enquanto exploravam cada canto. Ambos os corações batiam em um impulso feliz. Sentiam-se um pouco nervosas, mas imensamente confortáveis na presença uma da outra. Por coincidência, estavam vestidas de jeans preto e jaqueta de couro também na cor preta. O detalhe não passou despercebido e não escapou de um comentário da loira, dizendo que estavam combinando. Para a surpresa da mais nova, Elisa se mostrava muito animada e interessada com o que via, mesmo precisando circular pelo relevante fluxo de pessoas, visto que era fim de semana. Haviam alguns quadros no início da exposição, então Elisa puxava delicadamente Laura pela mão, a impulsionando a chegarem mais perto. O coração da mais nova sorria mais que seus lábios e olhos. Para ela, estava sendo imensamente gratificante criar aquelas lembranças com Elisa. E estava sendo ainda melhor perceber o quão à vontade e alegre a morena se mostrava na sua companhia.

— Já assistiu *A Casa de Cera*? — Perguntou Laura, assim que acessaram o segundo piso onde estavam localizadas todas as estátuas. — Olhar para elas me lembrou do filme. Que nervoso, parece que tem uma pessoa de verdade presa aí dentro, nos olhando — disse ao apontar para uma das peças.

— Já vi! Eu adoro esse filme!

— Meu Deus, Elisa... Esse filme é macabro.

— Talvez eu seja macabra também. — Fez sinal de garra com as mãos, direcionando para Laura.

Dentre as estátuas de cera haviam celebridades mundialmente conhecidas e alguns nomes importantes pertencentes à cidade de Hills Dale. Incluindo os fundadores.

— Olha, Marilyn Monroe! — Apontou Marques, antes de apressar os passos e aproximar-se. — Eu adoro ela! — Disse com empolgação. Estava verdadeiramente aproveitando o passeio. — Eu achava que existia uma estátua de cera dela apenas no museu *Madame Tussauds*.

— Você gosta mesmo de uma loira... — Garcia não conseguiu conter o comentário ao vê-la hipnotizada admirando cada detalhe da figura onde Marilyn usava um vestido branco esvoaçante.

— Não posso negar — abriu um pequeno sorriso malicioso. — E você? — Perguntou, sem desviar o olhar da estátua mais próxima do seu campo de visão.

— Morenas.

— Não, Laura. De quem você é fã — riu baixinho.

— Ah!— Coçou a cabeça, sem jeito. — Gosto da Sandra Bullock desde que eu era uma garotinha.

— Bom gosto, ela é uma atriz excelente.

— Sim.

Laura voltou a segurá-la na maciez da mão e se aproximaram das peças o máximo que puderam. Havia uma faixa vermelha de segurança limitando até onde podiam ir. Tocar nos bonecos de cera era estritamente proibido.

— Elisa, estou pra te perguntar algo faz um tempo, mas sempre esqueço. Lembra da foto que tiramos na época em que você alugou a joia para a vitrine da loja?

— Lembro.

— Você recebeu alguma cópia? Sabe se saiu em algum site? Sempre tive curiosidade em saber como ficou.

— Olha... Na época eu nem fui atrás, mas posso conseguir a informação com aquela mulher insuportável que cobriu a matéria.

— Eu adoraria. E sabe o que mais eu iria gostar muito?

— O quê? — Perguntou, quebrando o contato visual com a exposição e olhando para a íris verdes que a buscavam com atenção.

— Tirar uma foto com você bem agora, pra registrar esse encontro. Você aceita?

— Claro que sim!

As duas uniram as laterais dos corpos, Elisa depositou uma mão sobre a região do coração de Laura e aconchegou a cabeça no ombro, próximo a curva do pescoço. Laura prontamente abriu o celular na câmera frontal e registrou aquele singelo e bonito momento. Após a foto, a loira a surpreendeu com um beijo repentino, selando seus lábios por rápidos instantes. O gesto fez alguns curiosos olhá-las com interesse e espanto, mas tentaram não se importar, afinal; aquele momento era precioso demais para não ser plenamente vivido por causa do preconceito de alguém.

Assim que haviam absorvido a imagem de cada quadro e observado com detalhes todas as estátuas, seguiram para onde um fluxo de pessoas se direcionavam.

— Olha, Elisa! — Apontou animada. — Acho que estão fazendo esculturas de cera com as mãos das pessoas!

— Ah, eu conheço essa técnica, fica incrível! — Dizia, enquanto era puxada para mais próximo.

Haviam mesas, umas ao lado das outras, formando uma bancada extensa onde a atividade estava sendo executada. A loira tomou a frente e informou-se sobre como proceder. Feito isso, a convidou para criarem um molde de cera com suas mãos unidas. O primeiro passo foi hidratá-las e banhá-las com uma quantidade significante de creme para que, ao final, o molde deslizasse com facilidade para fora. Logo após, uniram as mãos e as mergulharam dentro de um suporte com água fria, conforme foram orientadas. No passo seguinte, foi a vez de submergirem as mãos dentro da cera derretida e quente. O primeiro mergulho foi mais quente que os mergulhos subsequentes. Para facilitar a remoção, submergiram somente até a parte onde termina a mão, não alcançando a altura dos pulsos.

— Será que isso vai dar certo? — Cochichou Laura, no ouvido da namorada.

— Vai sim... — respondeu baixinho, próximo a face.

Repetiram o passo a passo oito vezes; ora mergulhando na água fria, ora na cera quente até criar uma camada firme. Ao final, removeram as

mãos cuidadosamente para não trincarem a cera e aguardaram o funcionário mergulhar o molde dentro da água fria para que endurecesse.

— Gostariam que eu colorisse de alguma cor? — Perguntou o homem.

As duas se entreolharam, trocaram algumas palavras entre si e chegaram à conclusão de que deixaram em cor natural, nude. O funcionário assentiu e começou a embalar cuidadosamente a escultura dentro de uma caixa com papéis e plástico bolha para que não sofresse qualquer fissura.

— Posso ficar pra mim? — Pediu Elisa, assim que começaram a caminhar se afastando dali.

— Eu pensei mesmo em deixar com você. — Sorriu e apertou carinhosamente a mão de Elisa contra a dela. Gostava da sensação de senti-la ali, perto de si. — Ah, contei ao meu pai que estamos namorando...

— E qual a reação dele?

— Ficou feliz e empolgado com a notícia. Disse novamente que quer te conhecer.

— Não sei ... Você acha uma boa ideia?

— Por que não seria?

— Você sabe, ele pode me achar estranha.

— Estranha por quê? Você é maravilhosa.

— Posso não me sair bem na presença dele.

— Elisa...— A loira pausou os passos e se colocou de frente para a mulher. — Você se saiu super bem naquela comemoração com a Bianca e a Sandra.

— Nem me lembra dessa moça — revirou os olhos. — Eu dei o meu melhor naquele dia.

— E foi o suficiente — sorriu. — Meu pai quer que eu vá visita-lo em breve, vamos comigo em algum fim de semana? Assim te apresento a minha cidade.

— Eu? Viajar pra casa do seu pai? Sem chances, seria muito estranho pra mim.

— Por favor, Elisa. Por mim? Hum?

— Laura, sinto muito, mas não dá. Sequer me imagino em uma situação assim. Eu precisaria dormir lá, não é? — A loira assentiu. — Não mesmo.

— Ok, ok, entendo suas limitações, mas e se você ficar em um hotel? Passamos o dia com ele e à noite você não precisa dormir lá.

— Seu pai vai me achar ainda mais estranha.

— Não, não vai. Andei falando de você pra ele. É um homem que sabe respeitar o jeito de ser das pessoas, pode ficar tranquila. Pensa com carinho?

— Não sei... — se mostrou pensativa. — É muito importante pra você?

— Demais! E pro meu pai, também. Está louco pra conhecer a namorada da filha!

— Será que meu pai teria o mesmo comportamento?

— Não dá pra saber, mas é muito provável que sim. Pelo que já me contou, se davam muito bem, então eu acredito que ele iria querer conhecer a pessoa que é especial pra você.

— E eu sou?

— Especial pra mim? Sem dúvidas.

Deixaram o museu de mãos dadas e entraram no carro. Acomodadas nos bancos, Laura anunciou qual seria o lugar para onde a levaria na segunda parte do encontro.

— Um *play center*? — Indagou, achando a ideia inusitada.

— De cara, até pensei em um restaurante, mas seria muito clichê. Quero algo diferente pra nós, por isso pensei em te levar pra se divertir comigo, jogando. Você topa?

— Hummm... Vou aceitar e deixar você me surpreender.

— Vai se divertir ou não me chamo Laura Garcia!

A mais nova escolheu uma casa de jogos que avistou no centro da cidade há algumas semanas. Diferente das que haviam nos shoppings, essa era maior e com uma grande variedade de maquinários.

Assim que entrou no lugar, Elisa foi bombardeada de estímulos visuais e sonoros. Haviam crianças de todas as idades correndo e brincando, incluindo bebês sendo levados nos carrinhos. Alguns grupos de adolescentes e casais também foram capturados por sua visão. Todos aparentavam estarem se divertindo demasiadamente.

— Sabe jogar *aero hockey?*

— Nunca joguei.

— É bem simples, cada uma toma um lugar nos extremos da mesa e segura os rebatedores sobre a superfície. Com eles, rebatemos os discos que o adversário lança em direção ao nosso gol. É super simples. Quer tentar?

— Parece fácil, vamos lá.

Laura sorriu e se dirigiu à bilheteria para comprar um cartão com créditos a serem descontados nas máquinas. Ao retornar, se posicionou com a namorada e iniciaram a partida. Embora a morena nunca tivesse jogado, se mostrou bastante habilidosa, surpreendendo a si mesma a cada rebatida e em todas as vezes que seu disco entrava no gol da adversária. As risadas escapavam por seus lábios toda vez que Laura retrucava por estar perdendo. Nem ela própria percebia, mas sorria desde o instante em que a segunda parte do encontro começou. Após a derrota da loira no aero hockey, se direcionaram para a máquina de dança.

— Vem, Elisa! Sobe comigo! — Chamou, convidando-a para cima do tapete eletrônico.

— Não, esse vou deixar só pra você!

A morena tirou o celular do bolso e começou a fotografar Laura se divertindo e tentando seguir corretamente a sequência de movimentos com os pés. De repente, Elisa começou a divagar até Laura se tornar um borrão. Ela se viu sugada para dentro dos próprios pensamentos. Sentia-se feliz naquela noite. Verdadeiramente feliz. Essa felicidade esteve recorrente nos últimos tempos desde que a gerente pediu permissão -ou não- para fazer parte de sua vida.

— *Desculpa, moça*! — Disse uma criança ao esbarrar em Elisa, no meio de uma corrida entre um brinquedo e outro.

A morena não teve tempo de responder o menino, pois quando pensou em abrir a boca, ele já estava longe, divertindo-se como se nada tivesse acontecido. Para Elisa, foi inevitável não sorrir ao se ver naquele envoltório de luzes, sons, cores, sorrisos e genuínas gargalhadas infantis. Gostava de observar como as crianças eram simples e verdadeiras. Caíam, resmungavam, mas logo se levantavam e começavam a brincar outra vez. Possuíam muito o que ensinar. Viviam uma fase da vida onde ainda podiam ser elas mesmas, sem o peso das obrigações e sem as máscaras sociais.

— Está tudo bem?

O chamado de Laura a trouxe dos devaneios.

— Oi, sim, sim, estou ótima. Estava lembrando do Vitor, pois um menino com a idade próxima a dele acabou de esbarrar em mim.

— Ai, meu Deus, você não quis matar a criança, né?

— Não, boba.

— Ufa! — Riu. — Legal você ter lembrado. Acho que ele gostaria de vir a um lugar assim. Quem sabe não podemos trazê-lo um dia?

— E se ele se perder?

— Não vai, é só tomarmos conta — sorriu. — Onde quer ir agora? Vou te deixar escolher — perguntou, olhando todas aquelas opções em volta.

— Humm... — semicerrou os olhos enquanto analisava o ambiente ao redor. — Ali — decidiu, apontando para uma máquina com garras.

— Acredita que eu nunca consegui tirar nada nessas máquinas? Não tenho a menor sorte com isso.

— Não é sorte ou azar, é habilidade e estratégia. Observe...

— Hã? Como assim? — Com o cenho franzido, viu a morena deslizar o cartão na máquina e ativar a jogada. Curiosa e na expectativa do que viria a seguir, se aproximou e manteve os olhos fixos em cada movimento. — Não é possível, não vai conseguir... — disse ao observar as garras descendo e se fechando na pelúcia. A loira começou a ficar aflita quando a garra metálica se movimentou para cima e em seguida para a caixa de saída. Elisa realmente havia conseguido.

— Como você fez isso?! — Exclamou, incrédula. — Em todos os meus anos de vida, nunca consegui pegar nada nessas coisas. Foi sorte, não é possível!

— Tenho uma década na sua frente, não esqueça — piscou, entregando à Laura o chaveiro de pelúcia adquirido no jogo.

— Apenas oito anos, ok? E eu acho que já deixei claro que experiência não tem tanto a ver com a idade...

Elisa podia sentir a malícia nas palavras e tom de voz da mulher. Limitou-se a balançar a cabeça negativamente e sorrir de maneira discreta.

— Mas é sério, isso foi sorte, não foi?

— Não, vou te mostrar que faço com excelência tudo onde coloco minha mão...

Ao deslizar novamente o cartão, liberando mais créditos, levou a garra até onde gostaria e a esperou descer. Estava concentrada, focada e em

silêncio. Seus olhos voltaram a piscar somente quando viu a nova pelúcia adquirida cair no buraco de retirada.

— Não é possível! Esse tempo todo eu achando que você fosse vampira, mas na verdade é uma feiticeira! Como está fazendo isso?

Com um riso preso nos lábios, a morena começou a se explicar:

— Meu pai me ensinou alguns truques sobre essas máquinas, já tivemos uma no antiquário quando eu era criança.

— Você pre-ci-sa me ensinar.

— Não mesmo, não posso revelar meus segredos. Mas, vem aqui, quero ver se vai tão mal assim.

— Sou péssima, vai por mim!

A loira se posicionou na máquina e sentiu o corpo de Elisa se localizando logo atrás, unindo-se ao dela.

— *Eu te guio...*

A voz sussurrada provocou um arrepio na pele alva por dentro da jaqueta. Laura se viu envolvida no calor que aquecia suas costas e na mão de Elisa, que a essa altura estava sobre a sua, guiando os movimentos. Manter a concentração se tornou uma árdua tarefa com a morena ditando as coordenadas por trás, contra seu ouvido. E quando os dedos da mulher mergulharam entre os seus, a loira perdeu o rumo dos movimentos, deixando que a garra do maquinário se mexesse de qualquer maneira.

— Algum problema, senhorita Garcia?

A voz saiu em um misto de sensualidade e provocação. O corpo de Elisa estava tão próximo e unido às costas de Laura, guiando-a através do comando de voz e dos movimentos de mão, que estava praticamente impossível aprender ou ensinar alguma coisa ali.

— Droga, perdi! — Resmungou a loira, pressionando incessantemente o botão. Elisa soltou uma risada baixa e se afastou.

— É Laura... Não tem jeito pra você.

— Com você me desconcentrando, não mesmo — dizia, ao mesmo tempo em que começava a caminhar para mais afastado dali. A loira segurava o chaveiro, enquanto Elisa levava uma pelúcia de girafa.

— Admite que você é péssima, fica mais bonito — implicou, contendo o riso. Sentia-se tão feliz partilhando aqueles momentos com Laura, que quase não podia acreditar em como era possível sorrir tantas horas seguidas na companhia de alguém.

— Ah, sabe como é... Azar no jogo, sorte no amor. — Sorriu, encontrando os olhos castanhos ao seu lado.

Após saírem do *play center*, entraram em um restaurante de culinária francesa que havia lá mesmo pelo centro. Laura não gostou das opções do cardápio, então resolveram ir a outro estabelecimento. Através de uma busca na internet, encontram um restaurante de culinária mundial, onde cada uma pôde se servir do que mais lhe agradava. Quando o passeio estava prestes a chegar ao fim, Laura estacionou o automóvel em frente a casa da namorada. Gargalhavam dentro do carro após a loira ter contado as coisas que fazia propositalmente na infância para deixar a mãe de cabelo em pé.

— Você é terrível, Laura!

— Ela merecia, vai? Ninguém mandava não respeitar minhas vontades nunca. — Deu de ombros. — Uma vez sabotei o pote de açúcar enquanto ela preparava um bolo. Fui lá e substituí colocando um monte de sal no lugar. Já te contei? Eu conto isso pra todo mundo!

— Você é o tipo de pessoa que se tivesse um filho, ele seria uma peste, só pra você entender o que sua mãe passava — comentou em meio ao riso, imaginando a namorada criança aprontando todas aquelas coisas.

— No fundo eu fazia isso só pra chamar atenção, pra que me notasse. Funcionava. — Sorriu fraco. — Se eu tivesse um filho, ele não precisaria fazer nada dessas coisas, pois estaria ocupado o suficiente tendo a minha atenção.

— Tenho certeza que seria uma mãe incrível. — Elisa a buscou na mão e entrelaçou os dedos com os dela. — Daquelas que coloca a criança nos ombros e sai correndo pela casa usando a mesma fantasia do filho, simulando batalhas heroicas.

— Você acha?

— Eu tenho certeza. Já espionei você brincando com o Vitor no seu almoço. Você sabe lidar muito bem com ele, encarna perfeitamente o papel de criança.

— Quando foi isso?

— Ah, faz alguns dias... Estavam tão entretidos que nem me viram. E por falar em Vitor, entrega a pelúcia pra ele. Não acho que você vá querer uma girafa no seu quarto — disse em tom de implicância.

— Ei, eu ia ficar com ela, ok? Como recordação do nosso passeio. Mas, tudo bem, vou me contentar com o chaveiro. Vitor vai aproveitá-la melhor. Mas acho que você deveria entregar, pois foi você quem a adquiriu. O que acha? Ele vai adorar.

— Boa ideia, depois eu entrego — sorriu. — Mas... Quanto a você ter algo para recordar...— Elisa falava baixinho, conforme se inclinava sobre Laura, que estava no banco do motorista. — Acho que podemos criar memórias mais interessantes.

— É? Qual tipo de memórias?

Laura levou a mão até a nuca de Elisa e alternou a visão entre os olhos e boca.

— Aquela onde você pode me sentir sobre o seu colo...

Sem quebrar o contato visual, Elisa saiu de onde estava e deslizou para o colo da namorada; se colocando entre ela e o volante. Estavam no ápice do interesse e desejo mútuos. Qualquer mínimo contato físico era o suficiente para deixá-las em estado quase febril, em anseios por toques de lábios e dedos hábeis. O roçar entre as peles se mostrava urgente. Laura provou a boca da namorada com a língua, através de movimentos lentos, sentindo a maciez, umidade e a gostosa textura em contato com a dela. As mãos se buscavam aos poucos, sem qualquer timidez, pois conheciam com exatidão os caminhos a percorrer. Nunca antes foram tão íntimas de outras mulheres. Entre as duas, os toques não se limitavam à pele, ao tato, ao roçar de Elisa sobre aquele colo. Eles iam além; alcançavam metaforicamente o interior, onde ninguém mais conseguiu estar. Alcançavam a mente, o peito, as profundezas de quem eram. Tocavam a carne, mas também as angústias, os temores e as memórias felizes uma da outra. Era confortável, seguro, acolhedor e indescritivelmente excitante se entregarem.

— Quero te sentir além do meu colo — murmurou Laura, durante a trilha de beijos e mordidas pelo maxilar e pescoço da namorada.

— Temos um problema aqui, porque eu também quero.— Elisa a segurou nas laterais da jaqueta e desceu a boca pelo pescoço alvo, mordendo-o, lambendo e chupando-o eroticamente; proporcionando em Laura um aumento da respiração.

O toque retilíneo da mais nova percorreu a região entre os seios, desceu pela barriga e atingiu o cós da calça de Elisa, onde passou algum tempo brincando com o botão para depois fazer o caminho inverso e voltar

a apalpá-la no seio. Quanto mais se buscavam, tocavam e se alcançavam, nunca parecia perto o suficiente. Se possível fosse, se fundiriam na entrega de corpos até se tornarem apenas um só envoltório de desejo. Elisa a sentia apertando seu seio com intensidade, reforçando o quanto gostava de tocá-la naquela região. Não somente tocá-la, mas prová-la em uma exploração envolvendo os lábios e a língua na pele macia.

A ansiedade pelo toque a seguir era crescente. Laura a queria nua em seus quadris. Desejava percorrer as digitais na umidade entre as pernas, declarada por Elisa através de um sussurro contra seu ouvido:

— Estou muito molhada...

— Usa os meus dedos pra te satisfazer — disse baixinho, em provocação, com sua mão massageando o centro pulsante da namorada, ainda sobre o jeans.

Laura queria senti-los molhados, ao mesmo tempo em que ofereceria a textura deles para Elisa usá-los, prová-los, enquanto também era degustada por ela.

— Vamos entrar...



Quase duas semanas haviam se passado. A reforma do segundo andar foi concluída e em poucos dias o pequeno Vitor voltaria aos estudos e também iniciaria as aulas no centro educacional. Estava empolgado com a novidade, mas ao mesmo tempo existia uma pontada de desânimo em seu interior. Acostumou-se à presença diária de Laura e também de Elisa, que cumpriu o combinado de passar um tempo com ele nas últimas tardes. Conversavam de assuntos aleatórios e partilhavam um vidro de palmitos quase todos os dias. A lembrança afetiva com o pai, que por ironia da vida também se chamava Vitor, foi convertida entre ela e singelos momentos com aquela criança. Ah! A girafa de pelúcia estava guardada dentro do escritório há quase duas semanas. Elisa a embalou para presente, mas ainda não havia conseguido entregá-la. Não sabia como fazê-lo, devido a suas

limitações sociais. Presentear era sinônimo de afeto, e a morena era péssima com demonstrações afetivas.

— *Não a chame de tia em hipótese alguma* — cochichou Laura. Ela e o menino estavam parados em frente a porta fechada do escritório. Vitor estava indo se despedir, pois hoje era seu último dia no antiquário.

— Boa tarde, tia Elisa! — Disse ele, dando alguns passos para o interior. Laura quase o enforcou em pensamentos.

— Oi, Vitor! — Sorriu de sua cadeira.

— Ele veio se despedir, Vinícius está terminando de ajeitar as coisas lá em cima pra irem embora. — Laura se pronunciou, entrando logo atrás.

— Mas já? — Girou na cadeira, se posicionando no sentido dos dois. — Passou tão depressa...

— Passou mesmo, vou sentir falta desse rapazinho aqui — disse ao bagunçá-lo nos cabelos. — Agora vou deixar vocês sozinhos, depois eu volto pra buscá-lo.

— Vem, senta aqui do meu lado — pediu Elisa. Vitor arrastou a cadeira de um jeito que a morena odiava.

— É verdade que não posso te chamar de tia?

— Q-quem disse isso?

— A tia Laura.

— É que eu me sinto muito velha quando me chama assim.

— Mas você não é velha, você é jovem e bonita. Bonita não, linda! Igual a tia Laura diz.

— Ela diz isso?

— Que você é linda? Sim!

Elisa sorriu.

— Vocês dois também são lindos.

— Obrigado! — Vitor segurava firme nos braços da cadeira e sacudia as pernas. — Minhas novas aulas vão começar, você sabia? Terei aulas de música!

— Ah, que legal! Está animado? — Ele assentiu positivamente. — Que bom, será ótimo aprender coisas novas. Quem vai te levar e buscar?

— Hummm, por enquanto o meu irmão, porque ele disse que o trabalho aqui já acabou.

— Entendo, ele está com tempo agora. Mas precisamos ver como ficará isso depois, pois o Vinícius em breve vai trabalhar lá onde você terá essas aulas.

— Vai?

— Uhum.

— Como sabe?

— Um passarinho me contou.

— Hum... — confuso, Vitor demonstrou uma expressão pensativa.

— A gente vê isso depois, porque os horários não irão coincidir.

— O que é “coincidir”?

— Coincidir significa ser igual. Por exemplo, seu horário de entrar nas aulas não será o mesmo do seu irmão ir trabalhar. Serão diferentes. Portanto, não irão coincidir.

— Humm, entendi! Mas eu posso ir sozinho.

— Nem pensar. Verei o que faço, não se preocupe com isso.

Vitor se calou por alguns minutos, apresentava estar formulando sua próxima pergunta.

— Quer me dizer alguma coisa?

— Sim. A gente nunca mais vai se ver? Você, eu, tia Laura...

— Hum, eu não sei, não havia pensado nisso — respondeu com certo pesar na voz.

— Eu posso ir na sua casa?

— Q-quê? Na minha casa? — Marques quase gaguejou. As perguntas de Vitor sempre eram aleatórias e não davam oportunidade para que formulasse uma resposta. — É que... é que eu não gosto de visitas.

— Ah... — esboçou um semblante desanimado. Não era essa a resposta que esperava. — Então você pode ir na minha!

Elisa não estava conseguindo não se derreter com a ingenuidade do menino. Tê-lo em sua casa ou ir até a dele seria visita da mesma maneira.

— Obrigada pelo convite, prometo pensar a respeito. — Piscou e sorriu docemente para ele.

— Você mora sozinha, né? Laura disse que você tem um casarão lindo!

— A Laura é fofoqueira, né? — O comentário da morena fez a criança preencher o ambiente do escritório com uma gostosa gargalhada. — Minha casa é bem grande, sim.

— E seus pais? Não quis morar com eles?

— Meus pais já faleceram...

O semblante de Elisa transitou de alegre para triste no instante em que proferiu aquela resposta. Vitor notou a mudança de humor e tentou conversar a respeito:

— Minha mãe também já morreu, sabia tia? Eu era pequeno, não lembro muito dela, mas eu tenho fotos.

— Ah é? E você gosta de olhar para as fotos?

— Sim, porque com as fotos eu lembro de algumas coisas e sei que ela existiu.

— Que bonito...

— Tia Laura que me disse.

— Como assim?

— Um dia eu estava triste porque vi coisas que me deixaram triste.

— Que coisas?

— Outras crianças com papais e mamães. Lá na minha rua todo mundo tem pelo menos pai ou mãe, menos eu. Então um dia eu fiquei triste na mesa e a Laura viu. Ela conversou comigo depois que contei porquê estava triste.

— Hum... E você pode me contar o que ela te disse?

— Posso. Ela disse que a vida nunca tira algo da gente sem entregar alguma coisa depois. E mesmo que eu não tenha mais mamãe, eu tenho meu irmão que me ama, e disse que agora também tenho ela. Aí depois disse umas coisas que não lembro mais. — Vitor coçou a cabeça como se estivesse pensando. — Aí depois ela disse que eu era sortudo por ter memórias felizes, mesmo que não lembrasse de todas elas, pois o importante é terem existido. Palavras da tia Laura!

— A Laura é mesmo muito maravilhosa e especial pra nós, não é? — Ele assentiu positivamente com a cabeça. — Bom, eu não sou tão legal como ela, nem sei dizer coisas bonitas, mas tenho algo pra você.

A morena se levantou para abrir o móvel ao lado e pegou o embrulho de presente.

— Wow! Isso é pra mim? — Os olhos castanhos da criança brilhavam juntamente à laminação dourada da embalagem. — Obrigado, tia Elisa!— Vitor levantou-se e, em um impulso, enlaçou a cintura da mais velha e abraçou-a carinhosamente.

Totalmente desprevenida com o gesto, Elisa não soube o que fazer com as mãos, mas logo as deixou recair sobre o menino, correspondendo de maneira afetuosa ao abraço.

— *Vitor, hora de ir!*— Anunciou Laura, adentrando a sala sem avisar e se deparando com a cena.

— Você é diferente, mas é tão legal quanto a tia Laura — confessou em meio a sorrisos, instantes após desfazerem o abraço. — Até outro dia, Elisa!

Saltitando com o presente na mão, deixou o escritório. Mal sabia Vitor que mais saltitante que ele, estava o coração de Elisa; totalmente envolto de carinho.



Sentada na poltrona do Sr.André, Elisa mexia os pés em uma frequência visivelmente menor que de costume. Embora estivesse ali para falar de si mesma e de suas emoções, já não se mostrava tão inquieta como nas sessões anteriores. Esse detalhe de expressão corporal não passou despercebido pelo psicólogo, que prontamente fez anotações no caderno em sua mão.

— A notícia do seu namoro me pegou de surpresa. Poderia me falar mais a respeito? Como está lidando com esse evento inédito na sua vida?

Com os braços apoiados sobre os da poltrona, Elisa mirava um ponto fixo na sala ao pensar em Laura. Havia um sorriso discreto e involuntário no canto de seus lábios pintados por um vermelho rubro.

— Bom, eu vejo o nosso namoro como o início de algo concreto na minha vida. Tenho medo de magoá-la com meu jeito de ser, com minhas limitações e instabilidade. Mas eu quero tentar. Pela primeira vez, eu realmente quero. Sinto que encontrei algo pelo qual vale a pena arriscar, e eu morreria por dentro se a deixasse passar...

— Você me parece muito certa e confiante das palavras — disse ao olhá-la com atenção, tentando captar cada expressão corporal que a paciente pudesse vir a demonstrar.

— Eu gosto dessa mulher, Sr. André. Você me conhece desde menina e eu tenho certeza que já percebeu a dimensão do que eu sinto por ela.

— Oh sim, não tenha dúvida. Mas, e essa Laura? Ela sabe o quanto você gosta dela? Tem conseguido expor em palavras?

— Não tanto quanto eu gostaria, mas estou progredindo aos poucos. Ela sabe dos meus sentimentos, mas talvez eu ainda não tenha expressado com totalidade.

— Algo ainda a impede? — Elisa assentiu com a cabeça. — O quê?

— Não sei, talvez as limitações. Mas sinto que com Laura elas têm ido abaixo. Seguimos o nosso ritmo e tem sido muito confortável e prazeroso.

Uma hora depois, saiu da consulta sentindo uma sensação indescritível de leveza por ter compartilhado com André a notícia de seu namoro. E quando chegou no antiquário portando um sorriso discreto nos lábios, todos os funcionários rapidamente notaram. As pequenas mudanças de comportamento não passavam despercebidas por aqueles olhares sempre tão atentos e curiosos.

Minutos após enviar uma mensagem solicitando a gerente no escritório, foi arrastada por ela até o andar de cima para analisar o resultado final da reforma. Muito apreciou a qualidade e o tempo de serviço de Vinícius, e conversou com Laura sobre futuramente colocarem a sugestão dela em prática e planejarem a ampliação do lugar. Quando retornaram ao primeiro piso, Elisa iniciou uma espécie de patrulha pelo salão. Juntamente à Laura, analisava a limpeza e a organização dos objetos pelas seções. Júlia, Lillian e Leonardo estavam praticamente paralisados em seus lugares. Débora era a única que se sentia menos tensa; afinal, após ter sobrevivido à intimação da chefe até o escritório, sobreviveria a qualquer outra coisa que viesse dela.

— Não gostei da localização desse espelho — disse Marques ao apontar para o objeto. — Ah, e o quadro que chegou essa semana deveria estar melhor exposto, pois é novidade. Mercadorias novas nunca devem ficar aos fundos da loja — alertou.

As duas transitavam pelo lugar enquanto a gerente ia criando notas mentais. Embora Elisa estivesse ali exclusivamente como chefe, Laura estava à vontade o suficiente com sua presença. Houve um momento, inclusive, que se distraiu a ponto de segurá-la intimamente pela mão.

Marques fez comunicação visual de imediato e alternou o olhar entre as íris verdes e o toque que recebeu.

— *Desculpe*... — cochichou a mais nova, quando se deu conta do que fizera.

Elisa pareceu não se importar. Seu olhar foi de surpresa, não de reprovação. Observou em volta e, no instante que o fez, viu os funcionários desviarem o olhar rapidamente. Estavam todos atentos a ela e mal sabiam disfarçar. Era sempre um evento quando a morena estava no salão.

— Liguei para o Vinícius hoje de manhã, e ele disse que as aulas do Vitor iniciaram segunda-feira. Só que tem algo me preocupando...

— O quê? — Elisa alternava a atenção entre a gerente e os objetos da loja.

— Parece que você conseguiu uma vaga pra ele no centro, não é?— A morena assentiu. — Fiquei muito feliz quando me contou que só precisava levar os documentos e já iniciaria o trabalho na próxima semana. Mas, e o Vitor? Vinícius disse que talvez ele não vá poder continuar com os estudos, pois pela manhã ele até consegue deixá-lo na escola, e tem o ônibus escolar que irá levá-lo pra casa. Porém, para o centro educacional não tem como. Os horários, infelizmente, não bateram — suspirou, cabisbaixa.

— Não seja por isso, eu contrato uma babá ou algo do tipo. Ele não pode perder a oportunidade de estudar.

— Acho que o Vinícius não vai aceitar, me disse que você já fez muito por eles. Eu até me ofereceria pra levá-lo e buscá-lo, mas meu horário aqui na loja também não coincide.

— Hum... Vamos dar um jeito de resolver essa situação.

As duas foram caminhando lado a lado em direção ao escritório. Por mais que não estivessem assumindo uma postura comprometedora, a maneira como se olhavam e a constante proximidade dos corpos dizia a intimidade existente ali.

— Falei uns minutinhos com Vitor ao telefone. Me contou que está com saudades de mim e de comer palmitos com a "*tia Elisa*." Ele realmente não tem amor à vida! — O comentário da loira fez a mais velha soltar uma risada.

— Já aceitei o título, não tem jeito. — Existia um sorriso discreto adornando os lábios vermelhos de Elisa. Por mais que não fosse capaz de

expressar em palavras, havia ficado feliz em saber que o menino sentia saudades. — Também sinto a falta dele...

— Own... Então por que não faz uma surpresa?

— Como assim?

— Aparece lá na hora da saída, tenho certeza que ele ficará muito feliz!

— Aparecer lá? Mas o que eu diria?

Laura aproximou-se e a enlaçou delicadamente pelo pescoço.

— O que acabou de me dizer: que sente a falta dele.

— M-mas eu nem saberia dizer isso.

Elisa aproveitou a proximidade da loira e fechou os braços em volta de sua cintura.

— Eu tenho certeza que saberia. — Piscou.

— Hum... Ele sai às cinco?

— Cinco e quinze! — Respondeu prontamente.

— Vou pensar...

Laura sorriu e mergulhou uma mão para dentro dos fios castanhos; onde iniciou uma carícia com as pontas dos dedos contra o couro cabelo.

— Os funcionários não paravam de te olhar — disse, mudando de assunto.

— Eu percebi. Na verdade, estavam nos olhando — enfatizou a penúltima palavra.

— Eles devem se perguntar como eu consigo chegar tão perto da fera. — O comentário da loira proporcionou um revirar de olhos na mais velha. — É brincadeira, é brincadeira — riu. — Ou não.

— Como você é boba, Laura. — Balançou a cabeça negativamente. — Sabe que eles já desconfiam, não sabe?

— V-você acha? Mas não fizemos nada na frente de ninguém.

— As pessoas não são idiotas. Além do mais, algo assim é fácil de perceber.

— Assim como? Uma paixão fumegante? — Disse em tom divertido, fazendo-a rir.

— Isso mesmo, duas mulheres em chamas — cochichou, entrando na brincadeira.

— Por falar em chamas e fogo...

— Lá vem você... — Elisa segurava o riso. — Vai trabalhar, vai? Antes que comece com suas cantadas. Não é paga pra ficar me seduzindo no meio do expediente, ok?

— Ai ai... Que mulher brava, meu Deus — Laura sorriu e pressionou com força os lábios contra a boca vermelha. — Te adoro — disse após se afastar e começar a caminhar de costas, sem quebrar o contato visual.

— *Também adoro você* — respondeu baixinho para que somente a outra escutasse.

— Então segura o meu beijo final.

Laura simulou mimicamente os movimentos de uma flecha e a lançou em Elisa, que prontamente segurou o beijo no ar e, encostando as mãos contra o peito, simulou guardá-lo.



Por volta das quatro e meia, uma inquietação no peito e mente de Elisa não a deixava trabalhar em paz. Completamente dispersa na frente do computador, travava uma batalha sobre ir ou não ao encontro de Vitor. Sentia falta do menino povoando a cadeira vazia, mas não sabia como se portar com aquela saudade. Quando se deu conta que precisava tomar uma decisão; seja esta ir ou ficar, balançou a cabeça como se estivesse expulsando os pensamentos, e se levantou. Não avisou à gerente aonde ia, apenas cruzou a porta de saída apressadamente. Com o coração acelerado e sem saber o que viria a seguir, aguardava avistar Vitor na entrada do centro educacional. Conhecia aquele lugar em todos os seus detalhes de estrutura física e dinâmica educativa. Ser voluntária na contribuição financeira sempre foi uma das escolhas da vida que mais possuía orgulho em ter feito. Elisa pertencia ao grupo de pessoas que acredita fielmente que a educação é a melhor arma contra a violência.

— *Tia Elisaaaaa!*

Seu coração disparou ao escutar aquela voz tão familiar chamando seu nome com alegria. Vitor havia largado a mão do irmão e corrido em direção a ela.

— Oi, Vitor! — Sorriu ao vê-lo se aproximar.

— O que faz aqui? Veio me buscar? O meu irmão também veio, ele está ali, olha — apontou para trás.

— É... na verdade eu vim pra te ver.

— Que bom que você veio, pois eu já estava com saudades!

Sem aviso prévio, se lançou em direção a mulher e agarrou-se à ela em forma de abraço.

— Boa tarde, Elisa — disse Vinícius, aproximando-se. — Aconteceu alguma coisa? Eu vim trazer umas documentações que ficaram faltando, mas me disseram que está tudo certo para eu começar.

— Se eles disseram, então está, não se preocupe. Estou aqui apenas pra ver o Vitor — respondeu educadamente. Não tinha o que conversar com o homem, mas tentou não parecer tão fria, visto que Vinícius aparentava bastante simpatia.

— Vai me levar com você, tia Elisa? — Perguntou o menino, se afastando e olhando para cima.

— Vitor! — Repreendeu o irmão. — Não seja oferecido, ela só veio te ver. Desculpe Elisa, meu irmão é muito impulsivo.

— Imagina, não se preocupe. — Elisa encarou o olhar esperançoso de Vitor, e então se manifestou. — Fiquei sabendo que você está com saudades da tia Laura...

— E de você também!

Ele fez questão de dizer.

— Isso, de mim também. — Sorriu. — O que acha de fazermos uma surpresa e irmos até ela? Tenho certeza que vai adorar ver você! Se o seu irmão permitir, claro.

— Oba! Pois eu quero muito! Você deixa, maninho? — Pediu, desviando o olhar para o homem.

— Não quero que o Vitor cause algum incômodo... — disse, sem jeito.

— Não será incômodo algum, depois a gente o leva em casa. Tudo bem pra você?

— Realmente não vai atrapalhar vocês?

— De forma alguma.

— Então, tudo bem. A outra moça tem nosso endereço.

— Certo, então mais tarde a gente leva seu irmão pra casa. Vamos, Vitor? Meu carro está logo ali.

— Obaaaa! Vou passear de carro! — Exclamou com alegria, ao correr e segurá-la pela mão. — Tchau, maninho! — Acenou, poucos instantes antes de se afastar da calçada e sumir do campo de visão.



— Meu Deus, que surpresa maravilhosa é essa? — Laura agachou-se no meio do salão da loja de antiguidades e abriu os braços para receber o menino, que se soltou da mão da morena e correu de encontro a ela. — Você está muito lindo nesse uniforme, garotão! — O afagou nos cabelos e passou a mão pela camiseta do centro educacional.

— Obrigado! — Disse orgulhoso.

— Viemos te convidar pra lanchar. — Elisa se pronunciou. — Lá na cafeteria, bem perto daqui, pra não atrapalhar o seu trabalho.

— Você topa, tia Laura?

— Mas é claro que sim! Me deixa só dar umas diretrizes à Débora e comunicar minha ausência, que eu já volto.

Ao cruzarem a porta com Vitor segurando na mão das duas, deixaram para trás funcionários cheios de interrogações.

— Gente, será? — Indagou Lillian, correndo até a saída, assim que eles se afastaram. Ela e Júlia os observavam através do vidro.

— Pra mim está muito claro que sim. — Leonardo se manifestou.

— Eu só acredito vendo! — Comentou Júlia, incrédula com a situação.

— O que mais você quer ver? Está na cara, garota. Não viu como essas duas se olhavam e sorriam uma pra outra hoje mais cedo? — Disse Lillian, com convicção.

— *Hello*! Mas estamos falando da Elisa, né? Essa mulher parece que nem tem emoções. Ou melhor, tem sim, as ruins!

— Pois a mulher que chegou e saiu com aquele menino, nem de longe parecia um alguém sem emoções. — Leonardo se expressou.

— *Posso saber que reunião é essa aí na porta? Vamos trabalhar, gente*! — Do balcão, Débora bateu palmas para chamá-los a atenção. — A gerente não está, mas me deixou ordens, ok? Todo mundo circulando, anda!

— Ih... Puxa saco. — Lillian entortou a cara.

Na cafeteria, o pedido de Vitor foi um milkshake de morango e um croissant. As duas mulheres sentaram uma de frente para a outra e a criança ficou no meio, conversando animadamente enquanto comiam. Vitor muito gostava dos momentos que compartilhava com elas, pois através das duas ele sentia que era verdadeiramente querido, além de poder vivenciar diferentes e agradáveis situações, como aquele milkshake em sua mesa.

— Como tem estado as coisas na sua casa? Nunca mais foi para o sinal vender doces, não é?

— Nunca mais! Agora eu nem tenho tempo, tia Elisa. De manhã estou na escola e de tarde vou para a outra aula. Quando chego em casa está quaaase noite. Chego cansado, mas ainda consigo brincar.

— E você está gostando da nova rotina, rapaz?

Agora foi a vez de Laura questioná-lo.

— Sim! Já até fiz um amigo lá no centro.

— Mas já? — A morena perguntou, surpreendendo-se com a rapidez. Elisa desconhecia a capacidade que as crianças possuíam em suas relações de amizade.

— Já, ué — respondeu naturalmente. — Ele perguntou se podia ser meu amigo e eu disse que sim — deu de ombros.

— Ah...

— *Crianças*. — Laura cochichou para a namorada. — Simples assim — sorriu.

— Elisa, eu posso te fazer uma pergunta? — A morena assentiu. — Por que você só veste preto?

No instante em que a pergunta de Vitor se instalou no ambiente, Laura olhou um pouco aflita para a namorada, temendo que ela se sentisse extremamente desconfortável ou até mesmo triste. Mas, para a surpresa da loira, a mulher se saiu muito bem na resposta:

— Porque é a cor que mais combina comigo — esboçou um sorriso pequeno ao olhá-lo; torcendo para que a resposta o tivesse satisfeito.

— Hum... Mas eu acho que todas as cores combinariam com você; vermelho, azul, amarelo, rosa. A tia Laura diz que você é muito bonita, e é verdade! Então combina com todas as cores.

— A tia Laura disse isso, é? — Olhou de maneira doce para a loira, que automaticamente soltou uma tosse seca por estar sem jeito com o comentário repentino da criança.

— Eu também acho que a Elisa combinaria com todas as cores, Vitor. Imagina ela com um vestidão vermelho, hum? Ficaria linda!

— Eu também acho! Ia combinar com o batom que ela usa, né, tia Laura?

— Ai ai, lá vem vocês dois, cheios de histórias...

Vitor e a gerente trocaram olhares cúmplices, enquanto Elisa tentava conter o sorriso. No fundo, seu coração havia aquecido com os elogios recebidos. E a pergunta de Vitor acabou proporcionando emoções positivas, por fim.

— Pelo visto o milkshake está gostoso, olha a cara do Vitor, amor.

No instante em que aquelas palavras saíram da boca da loira, a criança e Elisa — até mesmo própria Laura — esboçaram uma expressão surpresa. Foi tão espontâneo chamá-la assim, que a gerente só se deu conta quando já tinha feito.

— Meu irmão também chamava a namorada dele de amor — disse o menino, com um sorriso travesso na face.

— Vitor, vem aqui, você está todo sujo!

Para disfarçar e mudar o mais rápido possível aquele assunto, Garcia se inclinou sobre ele e começou a limpar as manchas de milkshake espalhadas pela bochecha e nariz. Elisa, de onde estava, apenas sorriu. Seu olhar e o de Laura se cruzaram e o coração pareceu bater em um ritmo novo.

Quando todos concluíram suas refeições e o momento de levar Vitor para casa havia chegado, o menino perguntou se Laura poderia ir junto. A loira alegou que precisava voltar ao trabalho, mas Elisa a liberou para acompanhá-los; estava cedo o suficiente para que conseguissem voltar a tempo de ela fechar a loja.

A mais velha estacionou o veículo em frente à residência. Do lado de fora já era notável que se tratava de uma casa simples e pequena. Os três saíram do carro e Vitor fez questão de arrastá-las para o interior, incluindo Elisa, que não gostava de fazer visitas, mas acabou se rendendo à animação do menino. Cumprimentaram Vinícius ao entrarem, e logo foram novamente arrastadas pelas mãos de Vitor, que as puxava com força. Ele possuía urgência em apresentar a elas o seu quarto.

— É aqui que eu durmo com o meu irmão! — Apontou para uma cama de casal coberta por um edredom de cor sólida. — E aqui estão os brinquedos que a tia Laura me deu.

Vitor puxou uma caixa de papelão para o centro do quarto e, com alegria, mostrou a elas tudo o que tinha para brincar. Elisa, analisando todo o cenário, sentiu o coração apertar. Pensou em sua própria casa e no desperdício que era os grandes cômodos desocupados. Enquanto muitos de seus quartos estavam inabitados, havia uma criança como Vitor tendo que dividir um cômodo. A morena não olhou com tristeza nem pena para a realidade da criança, mas foi inevitável não refletir sobre o contraste social. Se dependesse da bondade em seu coração, teletransportaria um de seus quartos para a casa do menino. Mas, como não podia, o ajudaria no que estivesse a seu alcance.

— Ah não, como assim a tia Laura deu tudo isso a você, mas eu só dei aquela pelúcia ali? — Disse ao apontar para o brinquedo que havia adquirido no *play center*. — Preciso fazer algo a respeito, senão a Laura vai ser a sua preferida. — Cruzou os braços abaixo dos seios.

Vitor e a mais nova riam um para o outro da situação.

— Não se preocupa, tia. Eu gosto igual de vocês duas.

O menino afastou-se dos brinquedos, aproximou-se das mulheres e as envolveu em um abraço grupal. Já estava profundamente apegado a elas, e o mesmo acontecia das outras partes; as duas inevitavelmente o estavam adotando em seus corações. O convívio com Vitor estava sendo extremamente benéfico para Elisa, que facilmente conseguia desenvolver suas questões sociais com ele. Para ela, era tudo muito menos complicado de lidar quando se tratava de uma criança de oito anos. E os discursos do menino, por vezes, a surpreendia.

No momento da despedida, Vinícius novamente as agradeceu pelo que vinham fazendo. E o pequeno Vitor, antes de dar *tchau*, fez um rápido

desenho e as entregou como gesto de carinho e também de agradecimento.

Quando já estavam de volta ao antiquário, Elisa estacionou no meio fio e começou a conversar com Laura sobre a tarde de hoje. Algo tão singelo como dedicar algumas horas com pessoas verdadeiramente queridas havia preenchido seu peito de alegria. O semblante feliz não negava.

— Ele é realmente um menino adorável, Laura. Nem as perguntas aleatórias e inconvenientes são um incômodo, pois é perceptível a sinceridade e inocência.

— Eu disse a você que ele é uma graça de menino! Não imagina como fiquei feliz quando vi que começaram a interagir nas últimas semanas dele na loja!

— Por que te faz feliz ver nós dois nos dando bem?

— Porque laços reais são bonitos de se ver. E também porque eu gosto de vocês dois. Consequentemente, vê-los juntos me deixa muito contente. — Sorriu.

— Hum, acho que sou capaz de compreender, pois quando vi você interagindo com ele, senti uma emoção boa dentro do peito...

— Consegue explicar o que sentiu? — Laura repousou a mão sobre a perna da mulher e acariciou-a enquanto a olhava.

— Alegria em dobro, como se meus sentimentos tivessem se ramificado entre vocês. Mas na verdade é o carinho dele que se ramificou entre nós duas, e agora é como se tivéssemos o Vitor em comum, sabe?

— Sei, como um elo entre nós, um trio afetuoso.

— Mais ou menos isso. — Sorriu. — É diferente sentir essas coisas boas.

— Você merece sentir tudo isso. Eu falei algo ao Vitor e vou dizer a você também: quando a vida nos toma alguma coisa, é esperado que ela nos dê algo de volta...

Elisa sorriu às palavras e apoiou a mão sobre a de Laura, em sua perna.

— Obrigada por estar aqui, por essas palavras, por fazer parte dos meus dias e da minha vida. Você significa muito pra mim, muito mais do que imagina. Sei que tenho me esforçado e que esse mérito é todo meu, mas se você não tivesse entrado na minha rotina, me olhado, me enxergado e insistido em mim, muito provavelmente eu também não teria. E veja só... Foi graças a você que aquele dia fomos ao centro, consequentemente

conhecemos o Vitor, você pegou o contato com o irmão e hoje estamos construindo essa relação com ele. Tenho me esforçado, sim, mas o mérito de ter aberto minha janela interior para que eu enxergasse alguma claridade lá fora, é sem dúvida seu. Muito obrigada por isso.

— Own, Meu Deus... Assim você vai me fazer passar vergonha e chorar na sua frente!

Laura passou as costas da mão abaixo dos olhos para impedir que alguma lágrima escorresse ali.

— Está permitido chorar e demonstrar os sentimentos...

O comentário da morena fez a mais nova se jogar sobre ela e envolvê-la pelo pescoço. E sem qualquer restrição, distribuiu uma chuva de beijos por toda a face, findando nos lábios. Durante a demonstração de afeto, lembrou-se do momento em que a chamou de “amor” na cafeteria, e no quão natural e prazeroso foi dizer aquela palavra. Não sabia como Elisa reagiria se fosse chamada assim novamente, mas se estava permitido demonstrar o que sentia, então decidiu que iria seguir a voz do coração e deixar que uma vez mais aquela palavra tão envolta a significados, saísse por seus lábios.

— Amor... — chamou-a.

A mais velha a olhou em fascínio, sentindo outra vez o impacto daquela palavra. Seu coração bateu em um impulso apressado, em contrapartida com a capacidade racional, que pareceu se tornar nula. Elisa não mais pensava, apenas sentia.

— Eu preciso ir agora. — Laura continuou a falar. — Está quase na hora de fechar, e minha chefe já me deu regalias demais por hoje — disse em tom divertido.

— Acha mesmo que essas horas não serão descontadas na sua folha de pagamento? — Respondeu quando conseguiu sair do transe *daquela* palavra.

— Como é que é, Elisa Marques?

— Brincadeira! — A morena a selou nos lábios e finalizou com um beijo na testa. — Bom trabalho, querida — murmurou carinhosamente, ainda sentindo o desnorteio por ter sido chamada de amor.

Laura desceu do carro carregando uma felicidade tão grande, que quase não lhe cabia. Quanto mais compartilhava momentos com Elisa, mais nutria sentimentos por ela. E antes de cruzar a entrada do antiquário,

precisou camuflar toda aquela paixão estampada na face e desfazer o sorriso que iluminava o rosto. Afinal, já havia dado na pinta o suficiente naquele dia.

— *Voltei! Vamos trabalhar, equipe*?



Duas semanas haviam se passado, e Laura finalmente conseguiu convencer a namorada de conhecer seu pai. Marcos era o mais empolgado no meio disso tudo, pois pela primeira vez sua filha estava namorando. Era um momento mais que especial, sentia-se imensamente feliz por saber que Laura vinha construindo laços com alguém, e ele estava louco para olhar nos olhos dessa pessoa.

— Seu pai vai me achar uma estranha — disse Elisa, entrando no carro. O antiquário havia fechado ao meio dia naquele sábado para que pudessem ter algum tempo a mais na cidade natal da gerente.

— Ele vai te adorar, Elisa. Eu tenho certeza! — A loira bateu a porta, aspirou o ar profundamente e o soltou. — Pronta? — Perguntou, girando a chave do veículo. A felicidade mal cabia em seu peito por saber que em poucas horas a apresentaria para uma das pessoas mais especiais de sua vida.

Elisa nunca estaria pronta para situações como essa, mas se sentia disposta a dar seu melhor por Laura. Sabia o quão importante aquele momento seria para a loira, e não queria decepcioná-la. Suas mãos suavam, o coração batia mais acelerado que de costume e as pernas se moviam sem parar. Estava nervosa e profundamente ansiosa.

Na estrada, conversavam sobre assuntos aleatórios enquanto a mais nova dirigia. Falaram sobre Vitor, funcionários, Marcos, o relacionamento, dentre outros assuntos. Garcia parabenizou a namorada pela iniciativa de levar e buscar Vitor no centro educacional, visto que Vinícius havia

rejeitado a ideia de ela ter gastos com babá, mas aceitou bem que a morena ficasse encarregada de acompanhá-lo. As aulas de Vitor, no centro, aconteciam somente três vezes por semana. Na próxima segunda, Elisa já começaria a levá-lo e buscá-lo. O garoto muito se agradou da ideia, pois dessa maneira não se afastaria da morena e, por sorte, nem de Laura.

— Elisa, estou pra comentar algo com você faz algum tempo.

— O quê?

— Umas três vezes eu tive a impressão de alguém estar me observando na hora do fechamento da loja. Sabe quando você sente que não está sozinha e tem a sensação de ter visto alguém? Aconteceu algumas vezes enquanto eu fechava o portão de segurança.

— Que estranho... O Leonardo estava com você? Ele tem te esperado?

— Às vezes, sim. Outras, não. Normalmente eu digo que ele pode ir embora.

— Passe a pedir para que espere você até o final, pode dizer que eu solicitei. Ah, e seria bom você não ir pra casa a pé.

— Mas eu gosto, moro tão perto, e lá não é uma cidade perigosa.

— Coisas ruins acontecem em todo lugar, Laura. Não quero mais você indo embora a pé. Passa a ir trabalhar de carro, ou eu vou te buscar todos os dias.

— Ai, meu Deus, pra quê eu fui comentar... — resmungou baixinho.

— Eu estou ouvindo, ok? Embora tenha segurança na rua, ainda assim foi estranho o que me contou. Quero que se cuide e tome cuidado.

— Tudo bem, *patroa* — respondeu em tom divertido.

— Laura, estou falando sério! Me preocupo com você, muito mais que com a segurança da loja, que por sinal eu vou reforçar. Pretendo solicitar a instalação de um alarme de segurança que através do celular eu consiga saber se a loja foi invadida.

— Realmente seria bom, pois só as câmeras, infelizmente, não intimidam nem servem de muita coisa.

— Pois é. Mas me prometa que não irá mais embora a pé.

— Sério isso? — Revirou os olhos exatamente como a morena costumava fazer.

— Está pegando meus costumes agora, é? Desmancha essa cara, vai. E promete pra mim.

— Tá bom, tá bom, eu prometo!

Após algum tempo na estrada, Elisa acabou adormecendo com a cabeça pendendo para o lado. A cena proporcionou um sorriso em Laura, que já não sabia se olhava para frente ou se admirava a mulher dormindo tão serenamente. Sempre que estava adormecida na companhia da loira, Elisa esboçava expressões relaxadas, como se verdadeiramente se sentisse em paz e amparada quando estava com ela. E de fato era assim que se sentia; Laura era a única pessoa que lhe proporcionava sensação de bem estar e segurança.

Algumas horas depois, quando já estavam na cidade natal de Garcia, Elisa foi despertada com um carinho no rosto e uma suave voz dizendo que já estavam chegando. A notícia trouxe novamente um nervosismo para as mãos e pés de Marques, que a essa altura não fazia ideia do que viria a seguir, nem de como se portar. Mas, por Laura e por si mesma, estava disposta a dar seu melhor. Puxando uma pequena mala de rodas, desceu do carro e segurou a mão da mais nova, que carregava uma mochila nas costas. Completamente diferente de Hills Dale, a cidade de Laura era bastante barulhenta e movimentada. O detalhe não passou despercebido.

Com o carro estacionado em frente à residência, a loira se aproximou da porta de entrada e tocou a campainha. Em poucos segundos, um Marcos completamente eufórico apareceu. O homem viera correndo assim que ouviu o ressoar da campainha.

— Chegamos! — Disse Laura, com um sorriso de orelha a orelha.

— Filha! — Marcos sequer esperou que a loira entrasse, e imediatamente avançou sobre ela para abraçá-la. A saudade cantava alto dentro do peito. — Como é bom te ver — comentou, ainda abraçando-a.

— Que saudades, pai! — Respondeu, apertando-o contra seu corpo.

— E você deve ser a Elisa!

— Oi, boa tarde. — Sem saber como agir, o cumprimentou educadamente e acenou com a mão.

— Muito prazer, Elisa. Entre, por favor! — Marcos abriu passagem para que as duas passassem. — Sentem e fiquem à vontade! Devem estar cansadas da viagem, querem comer alguma coisa?

— Estou bem, pai. Não quero comer nada no momento. E você, amor? — Perguntou, direcionando o olhar para Elisa, que ruborizou ao ser

novamente chamada daquela maneira tão espontânea.

— Também estou bem...

— Ok! Mas quando quiserem, sintam-se à vontade, meninas! — Disse gentilmente. — Gostou da cidade pelo pouco que viu da janela, Elisa?

— É bem diferente de onde moro, tem muitas pessoas na rua e o fluxo de veículos parece ser três vezes maior. Mas é um lugar muito bonito, observei os edifícios no caminho.

— Aqui é uma loucura, minha filha já deve ter comentado, mas tem sua beleza, apesar de todo o caos.

— Tenho certeza que sim. — A morena sorriu.

— Saiba que estou muito feliz pelo dia de hoje, é um prazer enorme ter você aqui. Laura nunca namorou, isso torna tudo ainda mais especial!

Algumas respostas passaram na mente de Marques, mas ela colheu apenas uma para dar.

— O prazer é meu, Marcos. Obrigada pelo convite. Estar com sua filha é especial pra mim, também.

Elisa Marques era uma mulher extremamente observadora. Nos poucos minutos que estava no sofá já havia notado o quão fisicamente semelhantes Laura e o pai eram. Foi capaz de captar alguns pequenos trejeitos que ambos possuíam. O jeito de falar e o sotaque também eram muito parecidos.

— Posso saber um pouco sobre você? Não sei se a Laura te disse, mas a curiosidade ela herdou de mim. — Riu. — Se não quiser falar, também não tem problema, eu consigo remoer quietinho as minhas curiosidades.

— Consegue nada, pai! Você é muito pior que eu. — Laura o entregou. — Elisa, ele me pergunta de você o tempo inteiro. Se der brecha, ele vai fazer um dossiê!

— Não posso querer saber sobre a minha nora? — Tentou se defender. Marcos falou em tom divertido, fingindo indignação.

— Claro que pode, mas se deixar, vai perguntar até quanto ela calça!

— A propósito, quanto você calça, Elisa? — Brincou ele.

— Trinta e seis — respondeu, contendo um pequeno riso.

— Não precisa responder essas coisas, amor. Meu pai é doido.

— Laura, calada! — Se manifestou Marcos. — Não repare, Elisa; Laura e eu somos duas crianças quando estamos juntos.

O riso ainda se fazia contido no canto dos lábios de Marques. Diferente do que imaginou, até que estava se sentindo à vontade na presença daquele homem. Talvez fosse algo relacionado à aura divertida dos *Garcias*.

— Pôs o carro na garagem?

— Não, deixei estacionado próximo à calçada.

— Puts filha! Então vou colocar pra dentro. Me empresta a chave? Enquanto isso, podem ir se acomodando. O quarto de hóspedes está limpo e arrumado.

Marcos comunicou e se retirou do ambiente; deixando para trás uma Elisa confusa, de cenho franzido.

— Achei que eu fosse ficar em algum hotel — disse ela, baixinho para que somente a mais nova escutasse.

— Poxa, meu pai ficaria muito chateado se isso acontecesse. Vai ser muito ruim se você passar essa noite aqui? Ele preparou tudo, tadinho... — suspirou, temendo que a namorada rejeitasse a ideia. Mas, para sua surpresa, a mais velha estava realmente se esforçando e acabou aceitando a estadia.

Tão logo se direcionaram para o quarto e acomodaram os pertences. Estava tudo impecavelmente arrumado e cheiroso. Marques olhou ao redor com atenção quando soube que aquele ambiente pertenceu à namorada. Ainda havia alguns pôsteres e pertences da loira por lá.

— Com quantos anos você saiu de casa? — Curiosa, perguntou.

— Hummm, estou com vinte e seis... Acho que saí com vinte e dois, por aí. Por quê?

— Nada, é que seu pai ainda mantém coisas suas aqui.

— Ah sim, ele é muito apegado a mim, deve ser uma maneira de ainda me sentir por perto — especulou.

— Deu pra perceber que vocês se dão muito bem, têm uma sintonia incrível. Aproveita bastante o seu pai e esse carinho que compartilham, pois não tem nada melhor.

Laura sentiu sinceridade e, ao mesmo tempo, notas de melancolia naquelas palavras. Sabia que a lembrança do falecido pai viera à mente da namorada.

— Vou aproveitar! E você também pode desfrutar! Vai ver como ele é um cara legal. — Piscou. — Tenho certeza que meu pai vai te adorar.

— Espero que sim. — Sorriu fraco.

Ao retornarem para a sala, Marcos já as aguardava. Solicitou uma pizza por telefone enquanto as duas tomavam um banho para vestirem roupas confortáveis. Quando reapareceram, a campainha havia recém tocado. Laura se prontificou em ir à porta para ajudá-lo com as embalagens de pizza doce, salgada e um refrigerante. Aos finais de semana, na família de Laura, as besteiras na alimentação eram liberadas.

Todos reuniram-se à pequena mesa que havia no canto da sala e iniciaram a refeição. Laura estava sempre atenta às feições da namorada em busca de qualquer desconforto. Porém, tudo o que encontrou foi a morena com um sorriso no canto dos lábios ao ouvir as brincadeiras que seu pai fazia. Suspirar aliviada foi inevitável; Marcos sabia mesmo como deixar alguém à vontade.

— Ainda não me contou sobre você, Elisa. Sei que é chefe da minha filha e dona de um antiquário cheio de objetos bonitos e algumas peças bem luxuosas, não é? Laura sempre comenta.

— Isso. Herdei a loja dos meus pais, e aos poucos fui moldando à minha imagem. Gosto de trabalhar com antiguidades e conhecer ao máximo as histórias que elas nos contam. Normalmente só adquiro peças as quais eu consiga saber de onde vieram, a quem pertenceram. Acho muito interessante ter essas informações, pois faz de cada objeto, único.

— Deve ser realmente incrível! Não é como ir a uma loja padrão e encontrar dezenas ou centenas peças do mesmo, né?

— Exatamente, é o que todos dizem. As que possuo são únicas, em sua maioria.

— Muito legal mesmo, Elisa! Espero um dia poder conhecer a sua loja. — Sorriu.

— Está convidado. — Marques abriu um pequeno e sincero sorriso de volta. Estava um pouco aflita e ainda perdida naquele novo ambiente, mas a aura daquele homem era tão gentil e simpática, que a conversa apenas fluía.

— Filha, ficou sabendo que o filho do seu amigo nasceu?

— Nossa, sim! — Respondeu animada. — Recebi a notícia semana passada! Nasceu antes do previsto, não foi? — Marcos confirmou. — Ai,

ai, mal posso esperar pra conhecê-lo! Eu amo bebês! Você gosta, Elisa?

A morena se manteve calada e quieta. Logo, Laura deduziu que a mulher nunca tivera contato com um recém-nascido.

— Combinei com o Felipe de dar uma passada na casa dele amanhã. Parece que alguns amigos nossos também estarão por lá e vão aproveitar pra me verem. Será sua oportunidade de conhecer meu "sobrinho" junto comigo — disse com naturalidade, buscando a mão da namorada sobre a mesa.

— Não sei se seria apropriado, são seus amigos, eu me sentiria deslocada. — Elisa puxou a mão delicadamente, demonstrando certo desconforto com a situação a qual teria que passar.

— Não precisa ir se não quiser, mas seria legal te apresentar a eles. E você vai perder a oportunidade de conhecer um bebê muito fofo — chantageou. — Gordo e de bochechas rosadas — continuou a falar. — Eu vi as fotos, vai por mim...Ele é lindo demais.

Marcos segurava o riso ao alternar o olhar entre as duas. O poder de persuasão de Laura era inigualável.

— Imagina aquela coisinha pequenina aninhada nos seus braços? Ain, não vejo a hora de vê-lo! Tia Laura vai babar muito, eu até trouxe uma roupinha de presente.

Horas mais tarde a loira permaneceu falando sobre o assunto e acabou vencendo Elisa pelo cansaço e pela curiosidade em ver o bebê de perto.

— O que foi, filha? Aconteceu alguma coisa? — Perguntou ao notar que o semblante dela mudou após conferir algo no celular.

— Recebi uma mensagem da minha mãe — respondeu ao olhá-lo.— Disse que está no país e quer me ver.

— Ihhhh, que péssima ocasião pra isso...

— Pois é, lembrou agora que tem filha. Sinto muito, mas não vou desmarcar meu compromisso de amanhã, nem deixar de ficar com você pra ir vê-la.

— Tsc, complicado...

Sem saber o que dizer, Elisa apenas ouvia aquele assunto familiar.

— Ela sabe que está namorando?

— Não, minha mãe não sabe de nada sobre a minha vida. Por que eu contaria? Pra ela julgar? Não, muito obrigada.

— Letícia continua com esse preconceito idiota? Não é possível que não evolua nunca. Vai preferir te perder que respeitar quem você é.

— Eu nunca vou esquecer quando minha mãe disse que eu era uma decepção na vida dela. Essas palavras estão bem frescas na minha memória. Mal sabe ela, que a decepção foi ela, pra todos nós.

Marques permanecia em silêncio, olhando para o transtorno estampado na face de Laura.

— O que você respondeu?

— Ah, falei que estava aqui na sua casa, mas que amanhã já iria embora. Pedi pra deixarmos para um outro momento, pois meu tempo é limitado.

— E ela?

— Não respondeu mais nada. Enfim, vamos mudar de assunto?

— Melhor! — Marcos concordou. — Elisa, ainda estou muito curioso sobre você! Minha filha me disse que mora sozinha, é filha única, gosta de filmes românticos com finais tristes e é viciada em palmito em conserva. Confere?

— Você é mesmo uma fofoqueira, Laura. — O comentário da morena fez todos rirem. — Sim, é verdade. Mas, de onde você tirou que só gosto de filmes românticos com finais tristes?

— Ah, é que além de Titanic, uma vez você mencionou que gosta de “Nasce uma Estrela.”

— Hum... Então seu julgamento é com base em dois filmes?

— Isso mesmo! E eu aposto que tem mais!

— Bom, eu gosto de “A Lagoa Azul”, também.

— Olha aí! Outro filme com final triste! Não é esse que o casal principal se envenena e morre?

— Uhum. Nossa, eu não havia reparado nesse meu gosto, realmente. Eu devo ser macabra.

— Tenebrosa! — Brincou a loira.

— Que horror, não precisava concordar — resmungou. — Marcos, sua filha já contou sobre uma vez ter passado pela cabeça dela que eu era uma vampira?

— Elisa, cala a boca, você não vai contar isso!

— Não! Me conta, por favor! — Pediu Marcos, animado com o assunto.

— Amor, calada!

Novamente um frio na barriga por ser chamada assim.

— Não, eu vou contar! — Elisa controlou o riso e começou a narrar os fatos para Marcos, que não conteve as gargalhadas ao imaginar a filha naquela situação.

— Eu não te criei pra isso, Laura. Que papelão! — Disse aos risos.

— Estava muito convincente, ok? — Tentou argumentar em prol da própria defesa. — Todo mundo falava nisso, eu era nova na cidade, ela só usa preto, não me tocava nem deixava que eu a tocasse. E ainda mora numa mansão digna da família Addams. Ah, vai? Dá pra gerar uma pulguinha atrás da orelha!

— Imaginaçãozinha muito fértil — comentou a morena.

— A Débora ainda te acha a própria Mortícia! E eu ainda tenho minhas desconfianças, ok? Você pode ser uma vampira moderna, por isso se alimenta e anda no sol — brincou.

— Vocês são doidas — disse Elisa.

Marcos caiu na gargalhada ao escutá-las. Estava profundamente feliz e se divertindo com a visita.

Horas mais tarde reuniram-se na sala para consumirem bebida alcóolica enquanto disputavam algumas partidas de pôquer e apostavam dinheiro real. Por consequência do álcool no organismo, Elisa relaxou ainda mais na presença do sogro, e a noite fluiu maravilhosamente bem. Quando já estavam deitadas, Laura não pôde deixar de agradecê-la por ter aceito o convite de Marcos, mesmo que ela tenha precisado insistir. Também mencionou que estava muito feliz em ver o quão bem os dois haviam se dado.

— Seu pai parece ser uma pessoa maravilhosa, você teve a quem puxar. Sinto muito pela sua mãe, pois ela perdeu uma família que poderia ter sido incrível.

— Não é porque é o meu pai, mas ele é um homem e tanto mesmo. Fico feliz que tenha gostado dele, tenho certeza que também gostou de você, estava todo empolgado enquanto jogavam!

— Será mesmo que gostou de mim?

— É certeza! — Sorriu. Laura estava de lado, com o corpo parcialmente deitado sobre o da namorada. Sua parte superior estava

erguida e a cabeça apoiada na mão, com o cotovelo contra o colchão. A luz do quarto estava apagada, mas havia um abajur proporcionando uma branda iluminação. — O que houve? — A loira perguntou.

— Como assim?

— Tem um nozinho bem aqui, entre suas sobrancelhas — apontou. — Sempre fica assim quando está pensativa.

— Ah... Não é nada.

— O nozinho me diz que é alguma coisa.

Elisa riu baixinho e desfez o semblante pensativo.

— É que tem algo perpetuando na minha cabeça há algum tempo, desde o dia em que fomos na cafeteria com o Vitor.

— Ah é? O quê?

— Bom, como posso dizer? É que você vem me chamando de amor com frequência, todos os dias, e eu queria entender o que isso significa. Antes você só me chamava de Elisa.

— Ah... — sorriu. — Foi natural te chamar assim da primeira vez, e tem sido natural desde então. Te incomoda? — A morena balançou a cabeça negativamente. — Que bom, porque tenho gostado de chamar você assim, é a forma que melhor se encaixa aos meus sentimentos...

— *Amor?*

— Sim, porque se não é amor o que você me faz sentir, não sei mais o que pode ser. Eu quero estar perto, quero te olhar, tocar e te fazer sentir a felicidade que tanto merece.

— Você já me faz feliz. — Sorriu.

— Quero fazer ainda mais. De novo, de novo e de novo.

— Então diz...Porque eu quero muito ouvir.

— Que eu te amo? — Sorriu — Eu digo...— Laura alternou a atenção entre os castanhos que a olhavam com expectativa naquela meia luz. — Eu amo você, Elisa. Te amo como nunca pensei que um dia fosse capaz de amar. Você é única, assim como os sentimentos que fez nascer em mim.

Elisa respirou profundamente, sentia como se não fosse apenas ar entrando em seus pulmões. Havia uma felicidade desmedida ultrapassando cada barreira, muro ou escudo. Era uma felicidade grande e potente como a de um rio ultrapassando a represa. Já não se lembrava da última vez que alguém dissera que a amava. Com certeza foi Suzana, antes de partir. Mas a

memória já era tão antiga que quase não recordava. Porém, nesse momento com Laura, pôde sentir outra vez o gosto de ser amada. Elisa também a amava, apenas não sabia, ainda. Ou talvez soubesse, mas não estava pronta para deixar aquelas palavras saírem por sua boca como pássaros quando deixam as gaiolas e partem de encontro à liberdade. Enquanto seu momento não chegava, se permitiria desfrutar do prazer de ser amada.

Laura repetiu aquelas palavras e observou lágrimas silenciosas escorrerem pela face emocionada da namorada. Seus lábios tocaram a pele úmida e beijaram regiões distintas daquele rosto tão belo. Sentiu quando Elisa segurou no elástico de seus cabelos e o puxou para que os fios loiros se soltassem e emoldurassem o rosto. Marques a convidou para cima de seu corpo numa espécie de chamado para unirem-se em um envoltório quente e apaixonado. Os beijos foram a atração principal; pois quando uniam suas bocas em perfeita sincronia, sentiam que poderiam permanecer para sempre nessa entrega. Há muito tempo Elisa não sabia como era a sensação de sentir o amor de alguém. O acolhimento, o amparo, cuidado e atenção já não faziam parte da sua vida desde que fora uma menina. Mas agora, com Laura, descobriu um novo significado para essa palavra. Com Laura vivia um amor novo, diferente daquele que conheceu com os pais e Suzana. As sensações de cuidado e aconchego eram as mesmas, mas, junto a esse novo amor existia a paixão e todas as reações corporais que um sentimento tão grande e intenso como esse pode despertar.



Assim que os primeiros raios solares invadiram a casa de Marcos, ele se apressou em levantar e preparar uma variada mesa de café da manhã para o casal. Fizeram a refeição todos juntos e saíram para caminhar pelas ruas do bairro. Laura e o pai quiseram mostrar à Elisa alguns locais importantes e muito frequentados pela loira na infância; incluindo uma venda de doces que Laura amava, e ainda existia nos dias de hoje. Quando retornaram para casa, foi a vez do anfitrião mostrar alguns álbuns de fotografia para a nora. Elisa se derreteu por dentro ao ver toda a linha histórica da namorada naquelas imagens; elas iam de Laura bebê até a fase adulta, incluindo a primeira formatura na escola.

Após o almoço, se despediram temporariamente do homem para irem de encontro aos amigos de Laura, na casa de Felipe. Estavam todos reunidos; alguns para conhecerem o bebê e ver Garcia, outros para reverem o recém-nascido e, também, a amiga. Elisa estava extremamente nervosa e desconfortável com a situação, mas sabia que seria importante passar por aquilo; afinal, eram os amigos de sua namorada, e a loira estava muito empolgada para apresentá-la a todas aquelas pessoas especiais a ela.

— Laura! Não sabe como é bom ver você! — Disse Felipe, ao abrir a porta. O rapaz a puxou e a envolveu em um abraço carinhoso.

— É bom ver você também! — Sorriu. — Essa aqui é a Elisa, minha namorada — comentou ao segurá-la pela mão e trazê-la para seu lado.

— Oi Elisa, prazer! — Felipe ofereceu a mão e se inclinou para beijá-la cordialmente no rosto. A morena, por sua vez, se limitou ao aperto de mão.

Ao entrar na casa, Elisa se viu paralisada pela quantidade de pessoas reunidas e conversando em um mesmo espaço naquela sala. Estavam presentes todos os amigos de Laura: Bianca, Giovana, Jefferson, Tamara e Sandra, que automaticamente desfez o semblante sorridente quando avistou Elisa. Todos estavam sentados nos sofás, e a esposa de Felipe, que se chamava Milah, estava na poltrona com o filho nos braços.

— Laura, que saudades! É muito bom ver você! — Se manifestou Jefferson. Bianca, por sua vez, se adiantou de todos e correu pra abraçar a melhor amiga.

— Gente, essa aqui é a Elisa, minha namorada. Sim, namorada! Pasmem! — Disse em tom divertido ao apresentá-la aos amigos.

— Então é verdade que Laura Garcia está namorando! — Comentou Giovana, com entusiasmo.

— *Não acredito que ela trouxe essa mulher pra se exibir* — resmungou Sandra, baixinho.

Os amigos de Laura sorriram, deram um “olá” coletivo e logo a atenção foi direcionada para o filho de Felipe.

— Posso segurá-lo? — Perguntou Garcia, recebendo um aceno positivo de Milah. — Ai, meu Deus, mas é a coisa mais gostosinha desse mundo! — Comentou ao tomá-lo nos braços. — Olha que lindo, meu amor.

— Laura gesticulou para que a namorada se aproximasse e observasse o bebê.

— Tão pequenininho... — comentou a morena.

— Quer pegá-lo? — Ofereceu, certo tempo depois.

— Oh não, não sei fazer essas coisas.

— Então vai aprender agora, é só segurá-lo assim, do jeito que estou fazendo. É preciso envolvê-lo por completo e apoiar a cabeça no seu braço, pois ele ainda é molinho.

Marques estava nervosa e insegura, mas ao mesmo tempo curiosa para saber como era sentir um ser humano recém nascido em seus braços. Após afirmar com a cabeça, permitiu que a namorada o transferisse para ela. Seu olhar caiu sobre o bebê e o banhou com ternura. O observava com extrema atenção, hipnotizada em cada detalhe do ser em seus braços. Os olhos pequenos e fechados, o narizinho, a boca e as pequenas mãozinhas despertaram seu interesse. Era a primeira vez que passava por uma experiência como aquela, e embora estivesse com medo de fazer algo errado, conseguiu desfrutar da troca prazerosa com o bebê.

— Olha, ele está sorrindo pra você! — Disse Laura. Mesmo que tenha sido um reflexo involuntário, era sinal que ele estava confortável ali.

— Posso tocá-lo? — Pediu a morena.

— Claro! — Milah sorriu.

Elisa deslizou o indicador delicadamente pela bochecha e em seguida o localizou entre os dedos do bebê. Quando fez, o sentiu fechar a mão em torno de seu indicador. Automaticamente um sorriso se fez nos lábios de Marques; estava encantada com a delicadeza e aura angelical do filho de Felipe. Infelizmente, o momento precisou ser interrompido quando sentiu o celular vibrar dentro do bolso. Ao devolver o bebê e conferir o visor do aparelho, constatou se tratar de uma ligação da contadora.

Elisa se afastou de todos, saiu e foi atender a chamada do lado de fora da casa. Resolveu rapidamente a pendência e logo desligou. Antes de voltar para o interior, resolveu se encostar na sacada e tomar um ar enquanto refletia sobre a vida. Distraída em pensamentos, saiu dos devaneios apenas quando escutou uma voz se aproximando:

— É muita cara de pau a sua, vir até aqui — disse a voz. Ao virar o pescoço, percebeu que se tratava de Sandra. — Veio me esfregar o seu namoro? — Perguntou, tomando um lugar ao lado de Marques.

— Nem tudo é sobre nós, sabia? Tenho motivos muito maiores pra estar nessa cidade, e você com certeza não faz parte. A propósito, eu só lembrei da sua existência quando entrei naquela sala.

— Quem você quer enganar? — Riu debochadamente. — Não precisa se fazer de santa, com certeza veio até aqui pra me fazer engolir o fato de estar com a Laura.

— Qual é a sua, garota? — Elisa se exaltou. — Olha, eu não tenho o menor interesse e muito menos tempo pra perder com você.

— Mas eu tenho coisas pra te dizer. Não falei aquele dia porque não estávamos sozinhas.

— Não me interessa o que tem pra falar.

— Pois saiba que isso não vai durar. Acha mesmo que a Laura é do tipo que se compromete? — Riu de maneira debochada. — Eu quero só ver até onde vai essa brincadeirinha, daqui a pouco ela enjoa de você.

— Sandra, eu no seu lugar, me retirava agora, antes que eu te fizesse voltar emburrada para o quarto. Com essa conduta infantil, não vai conseguir nada comigo.

— Naquele dia eu não te dei uma resposta à altura em respeito à Laura!

— Nossa, e você chama aquilo de respeito? — Elisa bateu palma debochadamente. — Parabéns! Com uma amiga assim, a Laura realmente nem precisa de uma inimiga. Mas, se quer tanto me dar uma resposta à altura, anda, pode falar.

— Eu não dou alguns meses pra essa palhaçada toda acabar e a Laura voltar a ficar comigo. Ela pode estar toda encantada agora porque é novidade, mas eu a conheço e sei que não dura. Não gostei nem um pouco de você, do seu nariz empinado e do jeito que se porta, como se fosse superior.

— E quem você pensa que é pra julgar que me conhece?

— Está estampado nessa sua face de rica metida.

— Esse seu discurso se tornou pessoal, e eu não vou ficar aqui batendo boca. Rivalidade feminina, não, por favor. Você tinha era que apoiar as escolhas e, principalmente, a felicidade da sua amiga, independentemente de qualquer coisa. Eu deveria te desmascarar pra ela, mas você faz isso sozinha. Agora se me dá licença...

Elisa se moveu e fez menção em sair dali, mas foi interrompida pela mão de Sandra segurando em seu braço.

— Me solta.

— Eu não terminei de falar.

— Já falei pra você me soltar! — Elisa puxou o braço abruptamente e apontou o dedo para a face da ruiva. — Nunca mais me encoste — ameaçou com seriedade na voz e calor no olhar.

— Por quê? Vai me bater? — Riu.

— Sobre ter lugares melhores para colocar a minha mão... Eu realmente vou te poupar dessa resposta, garota.

Para não estragar o encontro, Elisa entrou apressada na sala e cochichou no ouvido da namorada, dizendo que não estava se sentindo bem. Garcia resolveu se despedir de todos e logo entraram no carro para retornarem à casa de Marcos. Antes de dar partida, a loira perguntou o que Elisa estava sentindo. Sem conseguir mentir ou disfarçar, contou sobre o embate com Sandra.

— Como é que é?! Pois eu vou descer do carro agora e arrebentar a cara daquela garota! Que porra está acontecendo com ela? Ficou louca?

Marques precisou segurá-la com força para que ela não descesse do carro e novamente entrasse naquela casa.

— Essa também foi a minha vontade, mas é melhor não perdermos nossa razão.

— O que essa idiota te disse dessa vez?

— Não vale a pena falar disso, vamos embora.

— Não, eu quero saber, me fala!

— Laura, vamos embora.

— Nós vamos, mas primeiro eu quero saber o que ela te disse.

— Ah, nada que você já não saiba. Me provocou e disse que nosso namoro não vai durar, pois segundo ela, te conhece e sabe que você não se compromete com mulher alguma.

— Ela quer me ferrar com você! Pois eu vou lá acabar com essa vagabunda! — Laura abriu a porta do carro, mas Elisa a segurou pela camisa.

— Por favor, tem um bebê ali dentro, não vamos fazer escândalos na casa dos outros. Deixa isso pra lá, mas eu prometo que se nos cruzarmos com ela outra vez, eu mesma dou na cara dessa mulher.

— Pode dar, mas dá bem dado, quero que ela realmente tenha motivos pra lembrar de você!

O comentário da loira fez Marques cair na gargalhada apesar de toda aquela incômoda situação.

— Vou dar, ok? Agora deixa eu dirigir, você está muito agitada.

Trocaram de lugar dentro do veículo e foram embora.

Já na casa de Marcos, as duas guardavam os pertences para caírem na estrada em menos de meia hora. O pai da loira estava triste pela despedida, alegando que o final de semana havia passado rápido demais. Quando tudo já estava pronto, entregou a elas uma embalagem com um pedaço de pudim que havia sobrado do almoço e que Elisa havia adorado.

Só faltava vestirem os calçados quando a campainha da casa começou a tocar. Por força do hábito, como nos tempos em que viveu com o pai, Laura automaticamente foi à porta para atendê-la:

— Mãe?!



— Que sorte! Você ainda está aqui!— Disse Letícia, demonstrando felicidade em ver a filha.

— N-na verdade, eu já estava de saída.— Garcia quase tropeçou nas palavras, tamanha a surpresa em vê-la.

— Entendo, mas eu só precisava de dez minutos com você, seria possível?

Laura olhou para trás e buscou a aprovação na face de Marcos, que prontamente concordou com a cabeça, permitindo que a mulher entrasse.

— Com licença...— Letícia caminhou para o interior e deu uma rápida olhada em volta. Não havia pisado naquela casa desde que se separara do homem.

De forma discreta, Elisa e o sogro deixaram o ambiente e foram aguardar na cozinha para não atrapalharem a conversa.

— O que você gostaria de conversar comigo?

A loira não demonstrava qualquer emoção na voz. Não estava feliz nem triste por vê-la. A ausência da mãe fez nascer um sentimento de indiferença; como se tudo que viesse dela tivesse se transformado em um *tanto faz*. Sentaram lado a lado no sofá, mas nenhuma das partes tomou a iniciativa de um abraço ou qualquer outra forma de cumprimento.

— Você está tão bonita, Laura. — Fazia tanto tempo que não se viam, que a mais velha não pôde deixar de comentar sobre a beleza da filha. Os cabelos da loira pareciam maiores que a imagem que possuía na lembrança.

— Obrigada.

— Não quero tomar seu tempo, eu só precisava te ver, saber que está bem e dizer que andei sentindo muito a sua falta. Passei por um período difícil na minha vida que me fez refletir sobre algumas coisas.

— O que houve? — Perguntou, com uma pontada de preocupação.

— Eu engravidei recentemente de uma relação onde estou há quase um ano. Não foi planejada, pois já tenho idade avançada e conheço os riscos, então não colocaria a mim e ao bebê numa situação como essa. Mas, acabou acontecendo...

— Você está grávida? — Laura automaticamente desceu o olhar para a barriga da mãe.

— Estava, mas sofri um aborto espontâneo há um mês.

— Ah... Eu sinto muito — lamentou verdadeiramente. — Mas você está bem?

— Fisicamente, sim. Só que os pensamentos andam muito pra baixo. Tenho estado muito reflexiva após o ocorrido. Me sinto culpada por ter engravidado e por não ter conseguido carregar a gestação, mesmo sabendo que minha gravidez era de risco desde o princípio.

— Não consigo saber o tamanho da tristeza, mas posso imaginar que seja bem grande. Não deve ser nada fácil perder um filho, mesmo que ainda no período de gestação.

— Nem queira imaginar, é uma dor que não desejo a ninguém. Mas, junto a essa dor eu percebi que me sinto órfã de dois filhos, porque você e eu nos afastamos tanto, que estamos nos tornando praticamente duas desconhecidas. E o pior foi ver minha fichar cair e me dar conta que tudo isso é inteiramente minha responsabilidade.

— Bom, infelizmente eu preciso concordar que foram as suas atitudes que nos afastaram.

— Eu sei, e não pense que vim aqui pra te jogar um discurso de arrependimento, te pedir desculpas e querer agir como se nada tivesse acontecido. Não. Realmente só queria ver você, saber como está e dizer que sinto sua falta...

Laura não sabia como se comportar diante àquela situação. Se compadecia do ocorrido com a mãe, e também sentia uma pontada de saudades, mas não conseguia fingir que estava tudo bem. Uma vida inteira

de relacionamento ruim não se esfumaçava e desaparecia tão facilmente. Ainda bem que Letícia tinha consciência disso — pensou.

— Olha mãe... — iniciou, com um pouco de dificuldade nas palavras. — Foi legal da sua parte ter vindo aqui, e eu sinto muito pelo que passou. Espero que o pai do seu filho esteja ao seu lado nesse momento tão difícil. — Letícia assentiu. — E sim, não dá pra agir como se não tivéssemos um histórico ruim, mas também não precisamos ser inimigas. — Sorriu fraco. — Eu estou bem, não moro mais na cidade, como você já sabe. Me mudei, conheci uma pessoa e estou namorando.

— Namorando? — A mais velha arregalou os olhos em um nítido gesto de surpresa. — Com algum rapaz?

Reagir com uma revirada de olhos foi inevitável para Laura.

— Não, você sabe muito bem que sou lésbica. Por que continua agindo como se não fosse real?

— Desculpe, é que ainda tenho dificuldades de aceitar.

— Você não precisa aceitar, eu não dependo disso pra ser quem sou. Ou melhor, pra ser uma parcela do que sou, porque minha sexualidade não é tudo sobre mim. — Garcia nitidamente possuía mágoa nas palavras. — Você só tem que deixar fluir, porque isso não tem a ver com a sua existência, apenas com a minha.

Letícia se mostrou reflexiva, as palavras a atingiram, causando um enorme desconforto. Possuía consciência de que precisava respeitar a vida de Laura, mas não sabia como transformar os próprios pensamentos.

— Não quero entrar nesse assunto com você.

“*Claro que você não quer, prefere fugir ou se fingir de cega como fez a vida inteira*.” Pensou Laura, enquanto a olhava. — Não sei se você viu a mulher que estava com meu pai quando chegamos. — Letícia afirmou com a cabeça. — Ela é a minha namorada.

— E seu pai sabe?

— Não apenas sabe, como fez questão de conhecê-la. Eu até poderia te apresentá-la também, mas já vi que não vai rolar. Não quero submeter a Elisa às expressões que você está fazendo agora. Seria péssimo e ela não merece isso. Mas se um dia estiver disposta a conhecê-la verdadeiramente e me enxergar com novos olhos, será um prazer.

Laura sempre foi uma pessoa que não baixava a cabeça para opressões. Na infância, era uma menina que batia o pé para ter suas

vontades reconhecidas. Quando atingiu a adolescência, reforçou ainda mais a defesa de seus ideais. No entanto, a mulher que Letícia olhava agora estava diferente. Aqueles olhos verdes demonstravam muito mais segurança e vigor, como Letícia Garcia jamais tinha visto.

— Se você quiser manter a comunicação comigo, prometo tentar correr atrás do tempo perdido e ser mais presente, ainda que à distância. Vou trabalhar em cima de mim, dos meus defeitos e falhas. Jamais serei perfeita, mas eu quero tentar, porque me sentir como venho me sentindo... Dói.

Mesmo receosa, Laura conseguiu ser receptiva e aceitou dar a ela a oportunidade de se redimir. A loira não se sentia muito confiante em relação às futuras mudanças, mas estava disposta a tentar. Letícia, de fato, não se demorou muito ali. Em menos de vinte minutos deixou um abraço para Marcos e logo se despediu.

— Está tudo bem, filha? Perguntou o homem, retornando à sala. Sua filha não esboçava boas expressões.

— Mais ou menos, mas vou ficar...

O momento de ir embora havia chegado. Marcos fez uma tentativa de aproximação com Elisa e inclinou-se para beijá-la em um encontro de bochechas. A morena, por sua vez, teve uma boa recepção ao gesto e retribuiu da mesma forma.

No carro, Elisa notou que Laura não parecia muito contente. Dessa vez, foi seu momento de retribuir um pouco do que a loira fazia por ela. Através de uma voz suave e amorosa, cautelosamente tentou descobrir o que estava se passando para depois confortá-la.

— Quer falar sobre o que está acontecendo? — Laura balançou a cabeça negativamente. — Tem certeza? Estou aqui pra você. — Elisa depositou a mão sobre o joelho e o acariciou.

— É só a minha mãe sendo a minha mãe...

— Hum... Você já comentou algumas vezes que ela nunca respeitou bem as suas vontades e gostos, não é? — Suspirou. — Mas o que houve hoje? Te destratou de alguma forma? O que queria?

— Ah, ela veio me falar sobre umas dificuldades que andou passando, disse que sente minha falta e que gostaria de correr atrás do

tempo perdido. Eu até senti sinceridade nas palavras, mas ela continua sendo... preconceituosa. — Custou dizer a última palavra, pois ainda doía admitir que sua própria mãe nunca a respeitou. — Contei que estou namorando, e ela veio me perguntar quem era o rapaz. Como assim o rapaz, Elisa? Ela está cansada de saber que eu sou lésbica! Parece que faz de propósito pra me ver mal ou me intimidar.

— Oh meu bem, sinto muito. Infelizmente ainda é difícil pra muitas pessoas entenderem nossa orientação. — Elisa a segurou na lateral da face e acariciou-a com a ponta do polegar. — Entendo que isso possa machucar de muitas formas, mas não permita que ela nem qualquer outra pessoa faça esse brilho dos seus olhos morrer, tá bem? Quero sempre ver felicidade dentro dessas íris tão verdes e tão vívidas, porque é através da alegria dos seus olhos que eu consigo enxergar a vida mais bonita.

— Eu tenho mesmo essa capacidade? — Perguntou com a voz manhosa e tristonha, na busca de se prender a algo que a fizesse sentir melhor. Saber que fazia bem à Marques era uma coisa reconfortante.

— Não tenha dúvidas que sim. — Sorriu. — Desde que eu me apaixonei por você, meu silêncio fica ansioso esperando pelo som da sua voz.

Laura sentiu uma lágrima solitária escorrer pela face. Não era de tristeza, muito pelo contrário, estava emocionada por constatar que a chefe dava a ela uma posição de destaque e importância em sua vida.

— E quando minha voz diz que te ama?

— Aí eu gosto ainda mais. — Sorriu.

— Se é assim... — Laura inclinou-se sobre a morena e roçou a ponta do nariz ao dela. — Eu vou dizer até você enjoar. Te amo, te amo, te amo, te amo, te amo!

— Meu Deus, quanto amor! — Disse sorridente, poucos instantes antes de prender o rosto da loira entre suas mãos. — Que vontade de te apertar até você não aguentar mais!

— Eu deixo!

— Então eu vou te amassar!

A mais velha começou a espremer as bochechas de Laura, ao mesmo tempo em que distribuía beijos por todo aquele rosto feliz. O momento foi tão inocente, divertido e espontâneo para as duas, que o mal estar e clima ruim causados por Letícia se tornaram segundo plano.



Assim que retornaram para Hills Dale, Elisa prontamente providenciou um alarme de segurança para o antiquário. E por falar em antiquário, o tempo foi passando e logo os funcionários começaram a desconfiar ainda mais do envolvimento amoroso entre elas. Laura até foi questionada por Lilian a respeito, mas acabou negando; revelaria somente quando a chefe desse sinal verde. Na cidade, a loira contou sobre o namoro apenas para uma pessoa, a mais *improvável* possível:

— *Você e a Laura estão namorando?*

Dois meses haviam se passado. Elisa firmou o compromisso de levar e buscar Vitor no centro educacional e começou a cultivar conversas agradáveis e promissoras com ele. Mesmo com apenas oito anos, suas palavras muitas vezes a colocavam para refletir.

— Quem te disse isso, Vitor?

Os dois conversam em uma lanchonete no centro da cidade; uma vez por semana a morena o levava para comer algo da preferência do menino e tomar milkshake. A bebida havia se tornado a guloseima predileta de Vitor.

— A tia Laura!

"Não pode ser, eu vou matar a fofoqueira da Laura. E agora? O que eu respondo? Será que ele entende uma relação como a nossa? Reaja com naturalidade, Elisa. Naturalidade" — dizia a si mesma, repetidas vezes, em pensamentos.

— É... b-bom. — Praticamente gaguejou ao ser pega desprevenida por aquela pergunta. — Sim, estamos namorando. Você sabe o que isso

significa?

— Sei! Que vocês se beijam na boca! — Disse em meio a um riso divertido. — Tá com vergonha, tia Elisa?

— E-eu? Por que estaria?

— Porque está vermelha como um morango!

Elisa levou os dedos até as bochechas, as tocou e as esfregou lentamente como se o gesto pudesse expulsar a timidez.

— É que eu não gosto muito de falar sobre mim — respondeu com suavidade na voz.

— A tia Laura disse que sou o melhor amigo dela nessa cidade, posso ser o seu também. Amigos não precisam ter vergonha. — Deu de ombros e focou a atenção no canudo do milkshake, antes de sugá-lo.

— O que mais a Laura te contou?

— Que você tem uma tatuagem de pássaro! Eu posso ver?

— Pode sim, está nas minhas costas.

Vitor se levantou da cadeira com empolgação e se localizou atrás da mulher. Elisa pediu para que ele forçasse a parte traseira da gola pra baixo e assim pudesse olhar melhor dentro da camisa.

— Uaaaau! — Reagiu com os olhos bem abertos e a boca em formato de círculo. — Doeu?

— Um pouco.

— Muito bonita, eu gostei! — Elogiou, retornando ao lugar.

— Obrigada. — Sorriu.

— E então, eu posso ser?

— O quê?

— Seu melhor amigo! — Disse como se fosse óbvio.

— Ah... — Sorriu; com os lábios e os olhos que se curvaram até se tornarem estreitos. — Eu só deixaria um melhor amigo ver minha tatuagem tão de perto — piscou.

— Então eu sou? Ihuuuu! — Gritou animado. — Já que somos melhores amigos, não precisa ficar com bochechas de morangos, tá? Porque eu sei que você beija a tia Laura, é o que namorados fazem.

— Ai meu Deus... — murmurou, olhando para baixo e para os lados. Mal sabia onde enfiar a cara. — Vamos mudar de assunto? Quero te fazer uma pergunta. — Deu um gole no suco e focou a atenção na criança. — Como seria seu dia perfeito?

Vitor pensou, pensou e pensou:

— Com uma família — respondeu não muito animado. — Eu queria ter os meus pais.

— Bom, temos algo em comum, meu dia perfeito também seria onde eu pudesse ter meus pais reunidos uma vez mais. Mas a convivência com a Laura tem me ensinado algo, e eu quero passar pra você.

— O quê? — Interessado, deixou o milkshake um pouco de lado e a olhou com atenção.

— Todos os dias temos uma nova oportunidade de construirmos momentos felizes, mas, precisamos soltar a mão do passado e permitir que o novo aconteça, até chegar o dia em que teremos colecionados tantos momentos felizes, que os tristes perderão a força e se tornarão bem fraquinhos.

— Hum... Isso quer dizer que eu não devo pensar que já tive pais?

— Não, pelo contrário, você deve sempre carregar a lembrança deles em seu coração. E você ainda tem pai, não é? Seu irmão só não sabe por onde ele anda...

— Ah, ele deve ter nos abandonado, tia Elisa.

— Não pense nessas coisas feias, meu amor. — Marques o acariciou suavemente nos cabelos. — O que eu quis dizer é que se você não pode criar um dia perfeito com eles, pode procurar outras formas de ter um dia feliz. Uma família pode vir de muitas maneiras, você sabia? Não necessariamente é constituída de um pai e uma mãe. O Vinícius, por exemplo, é a sua família. Viu? Você também tem uma.

— Eu queria que fosse maior.

— Melhores amigos também são como da família, então acrescenta a tia Laura e eu. — Piscou. — Assim está melhor?

— Só se você deixar eu ir na sua casa!

— Hummm, ok, ok, combinado! Mas só se estiver disposto a criar um dia perfeito comigo e com ela, lá. Sim ou não?

— Siiiiiiiiiim!

Naquele mesmo dia, por volta de oito e meia da noite, Elisa e Laura permaneceram na loja de antiguidades para atualizarem todos os preços no

sistema e trabalharem em cima de um novo catálogo. Por ter domínio no photoshop, a loira ficou encarregada de criar um novo design digital e físico para ele. Elisa, sentada ao lado dela, ia dizendo suas preferências. Haviam pedido comida japonesa no restaurante favorito da morena, e, entre a refeição e o trabalho, conversavam e namoravam um pouco. Adoravam o tempo que passavam juntas, mesmo que envolvesse assuntos profissionais.

Enquanto olhava para o monitor e observava a gerente trabalhar, Elisa lembrou-se da conversa que tivera com Vitor.

— Laura, você é tão fofoqueira! Hoje fiquei em maus lençóis por sua culpa!

— O que eu fiz? — Perguntou, pausando a atividade.

— Contou ao Vitor que estamos namorando e nem me avisou. Quando ele veio me perguntar, eu nem sabia o que dizer direito.

— Ah, então é isso? — Riu. — Relaxa amor, ele compreendeu muito bem quando contei, é um garoto esperto.

— Não tenho dúvidas que seja, mas eu fui pega desprevenida, ele disse que eu estava toda vermelha, que vergonha.

— Ai, meu Deus, eu queria ter visto isso! — Continuou a rir da situação. — A pantera negra Elisa Marques ficando ruborizada na frente de uma criança de oito anos deve ter sido o máximo!

— Idiota! Não foi nada engraçado. — A morena esboçou uma expressão emburrada e cruzou os braços abaixo dos seios.

— Não faz essa carinha. Vem, vamos terminar de jantar.

Laura coletou uma peça de sushi com os hashis e a levou até a boca de Marques, que inicialmente se recusou a abrir, mas por fim acabou aceitando receber o alimento na boca.

— Quer sobremesa?

— Não, eu odeio esses harumakis de chocolate que eles mandam como cortesia.

— Como você é chata e enjoada— revirou os olhos. — Eles são deliciosos, você deveria experimentar. Muito melhores que esses palmitos em conserva que você come. Que nojo!

— Não fala mal dos meus palmitos. Já provou?

— Não, nem quero! — A mais nova esboçou uma expressão enojada e abriu a caixa com os harumakis de chocolate. — Mas você vai experimentar isso aqui, está uma delícia.

— Detesto chocolate, Laura, não vou.

— Ok então, bom que sobra mais pra mim.

Laura mordeu a massa crocante e folhada, e Marques observou quando o chocolate cremoso que havia no interior escorreu e alcançou as pontas dos dedos da namorada.

— Sei que está tentada a provar.

Em um gesto de implicância, Laura mexeu a mão rapidamente e deslizou sobre os lábios de Marques o polegar que estava sujo do recheio. Elisa resmungou, mas acabou passando a língua nos lábios e experimentando quando foi limpá-los.

— Hum, pelo menos é chocolate meio amargo, não está tão doce.

— Viu? Uma delícia!

— Ei, eu não disse que está uma delícia.

Laura riu e propositalmente buscou um pouco mais do recheio com a ponta dos dedos. Com o indicador e dedo do meio banhados de chocolate, os deslizou lentamente sobre o lábio inferior de Elisa enquanto observava com atenção a beleza daquela boca. O clima divertido e de implicância foi, aos poucos, transitando para uma atmosfera sensual quando a mais velha decidiu provar o doce diretamente dos dedos da gerente; os lambendo e trazendo-os para o interior de sua boca. Laura excitou-se com a sensação úmida e quente proporcionada pela outra, o sorriso em seu rosto se transformou em uma expressão de malícia e prazer. O corpo, em um movimento quase instantâneo, inclinou-se devagar sobre Elisa até que seus rostos estivessem próximos o suficiente a ponto das respirações se fazerem sentidas contra a pele uma da outra.

Laura mordeu o próprio lábio inferior antes de pressioná-los contra os da mulher. Nesse instante, o jantar e o trabalho foram esquecidos tão logo, como se nunca tivessem estado ali. A mais nova lambeu os lábios da chefe e sentiu o gosto do chocolate em seu paladar. Percebeu que não havia uma forma melhor de provar seu doce favorito. Elisa a segurou na nuca e deslizou a língua aveludada para o interior da boca através de movimentos atrevidos, tornando o beijo mais erótico e excitante. Sua língua ora ia por cima, ora por baixo da língua de Laura, oferecendo suavidade e lentidão.A intensidade começou a aumentar gradativamente, trazendo consigo mãos hábeis que ansiavam por toques mais enérgicos. A gerente recebeu alguns arranhões na nuca enquanto apertava a cintura da outra com precisão. Elisa

a chupou no lábio inferior e desceu os beijos para o pescoço. Quando fez o caminho inverso, passou pelo ouvido e disse algumas palavras que fizeram a loira perder um pouco do controle.

— *Assim você me deixa louca...* — sussurrou para a chefe ao conduzi-la para fora da cadeira e encostá-la na borda da mesa.

Elisa estava ficando tão excitada, que moveu-se sozinha para cima da mesa e sentou-se na ponta; puxando a namorada para que encaixasse o corpo entre suas pernas. A mão da loira subia em um ritmo apressado por sua coxa, fazendo o tecido da saia dobrar, embolar e ir subindo junto aos movimentos. Elisa a queria ali, percorrendo seus caminhos, arranhado sua pele e invadindo sua calcinha. Laura estava quase lá, quase atingindo sua intimidade pulsante que ansiava para ser dela. Estavam tão envoltas aos perfumes que emanavam das peles, aos gemidos abafados e ao anseio de satisfazer ao desejo, que não se deram conta dos ruídos que vinham da área externa do lugar. Só vieram perceber que algo estava errado quando um grande estrondo invadiu o ambiente, as fazendo sobressaltarem e interromperem os amassos.

— O quê foi isso? — Laura franziu o cenho e colocou a audição em alerta. — *Tem alguém lá fora* — cochichou, preocupada.

— Como assim alguém? Todos os funcionários já foram embora e trancamos a loja — respondeu baixinho, abaixando a saia e saltando para fora da mesa.

— Não sei, mas tem alguma coisa lá fora.

— Estranho o alarme não ter disparado...

— Pode ser um bicho, mas o barulho foi alto demais pra ter sido um.

— Vou olhar na câmera, espera, não vai lá pra fora.

Elisa abriu o programa no notebook para puxar as imagens das câmeras de segurança. Mas, quando o fez, percebeu que não funcionavam. Assustadas, Laura teve um pensamento rápido e pegou o celular para ligar e chamar a polícia. A mais velha começou a ficar nervosa, abrindo e fechando o programa para entender o que havia acontecido com as câmeras. A loira também estava nervosa, mas buscou não perder a calma, e agir com racionalidade. Contudo, assim que começou a se comunicar com a pessoa do outro lado da linha, escutou a porta do escritório sendo aberta às pressas.

Com os olhos arregalados, paralisaram diante a figura de um homem encapuzado que portava um revólver apontado para elas.

— *Me passem os celulares, agora!* — Ele gritou, as fazendo entregarem de imediato. O homem invadiu a sala e logo tratou de cortar o fio telefônico para que não conseguissem chamar por socorro. — Quero vocês quietas e sem gritaria pra ninguém sair ferido! — Ameaçou.

Elisa começou a tremer. As lembranças de sua infância vieram como uma avalanche. Em poucos segundos, todas as imagens da noite em que seus pais faleceram povoaram sua mente. Somadas a essas imagens vieram os sons daquela tragédia; tiro, grito, sangue, morte, solidão. Marques estava em pânico.

— O que vocês querem? — Gritou Laura, percebendo através de barulhos que havia mais alguém no salão. — Levem o que quiserem, mas não façam nada com a gente, por favor! — Pediu em desespero.

— Já falei que se vocês se comportarem, ninguém sai ferido!

O homem as segurou com violência, uma em cada mão, e as puxou para fora do escritório para que pudesse tê-las em seu campo de visão. Quando as duas saíram da sala, viram que haviam mais dois homens encapuzados. Foram colocadas atrás do balcão e permaneceram sob a mira do revólver enquanto os outros dois vasculhavam o lugar e recolhiam alguns itens de valor. Marques estava em pânico, suando frio, tremendo e sentindo o coração quase sair pela boca. Laura, por sua vez, conseguiu manter a racionalidade e olhou em volta; constatando que todas as câmeras estavam cortadas. Intrigada, estranhou aqueles homens saberem exatamente a localização delas. Outro fato que não passou despercebido foi a deficiência na perna de um dos encapuzados. Ele parecia mancar justamente igual a alguém que ela conhecia.

— Não pode ser... — sussurrou a si mesma. Mesmo sob a mira do criminoso, conseguiu fazer contato visual com a morena para alertá-la sobre o homem que mancava.

Elisa estava tão nervosa, que sua visão acabou se prejudicando, tornando-se um pouco turva. No entanto, mesmo assustada e com dezenas de imagens ruins atravessando sua mente, conseguiu seguir o comando visual da namorada e também observou o trejeito no homem encapuzado que estava no meio do salão. Ao identificar e reconhecer a maneira que ele pisava, o sentimento de pânico deu lugar a uma raiva que ela jamais pensou

sentir. Seu coração foi tomado por um manto negro tão grande, que o ódio saiu de sua boca em forma de palavras:

— Dessa vez você veio pessoalmente pra que nada desse errado? Assassino! — Ela gritou. — Foi você que matou os meus pais!

— Cala a boca! — Ameaçou o homem próximo a elas, encostando a arma na cabeça de Elisa.

O encapuzado que caminhava com certa deficiência na perna virou o rosto e direcionou a atenção para Elisa. Interrompeu o que estava fazendo e resolveu caminhar a passos lentos até ela. Ele portava uma arma encaixada no cós da calça.

— Você acha mesmo que eu queria comprar o seu lustre? — Começou a falar, em tom debochado. — Ou levou a sério aquela papelada para a compra desse antiquário que deveria ser meu por direito?

— Não se aproxima dela! — Gritou Laura.

— Elisa, faça o seu casinho calar a boca — ordenou debochadamente. — Todas as visitas que fiz a essa loja foram únicas e exclusivamente para observar se as câmeras permaneciam no mesmo lugar, e localizar possíveis novas.

— Idiota! Era você que estava me observando!

— Eu? Não. Tenho mais o que fazer, loirinha. Mas, sim, mandei um homem espionar durantes três meses a entrada desse lugar, até que eu descobri os dias dos meses que vocês duas ficavam a sós até mais tarde. Eu poderia invadir quando vocês não estivessem? Sim. Mas nada pagaria o preço de ver as expressões patéticas e assustadas de vocês. Principalmente a sua, sobrinha. — Comentou ao olhá-la. A voz do homem era um misto de raiva, sarcasmo e deboche.

— Você é um psicopata, Rogério! Como teve coragem de assassinar seu próprio irmão? — Gritou em meio ao choro.

— Elisa, não provoca esse cara, já sabemos do que ele é capaz — pediu Laura, preocupada. — Leve tudo, mas vá embora e não faça nada com ela, por favor! — Laura implorou, lutando contra as lágrimas que também teimavam em cair de seus olhos.

— Não estou com pressa, não vamos sair daqui agora, temos toda a silenciosa madrugada pra nos retirarmos sem a presença de pessoas nas ruas.

— Seu covarde! Assassino! Tenha pelo menos a coragem de mostrar a sua cara — gritou Elisa, possuída pela raiva, pelo ódio e pela dor.

— Não o provoque, por favor — pediu a loira, uma vez mais, em desespero.

— Não, eu quero que ele tire esse capuz e me deixe olhar nos olhos daquele que há vinte e quatro anos destruiu os sonhos da minha família!— Marques tentou se mover para ir até ele, mas foi impedida.

— Você não sabe ficar quieta? Quer morrer aqui mesmo? — Ameaçou o homem que as mantinha reféns.

— Não, não, pode soltá-la. Deixa-a vir — disse Rogério.

Quando se viu livre, Elisa correu até o centro do salão e parou a poucos passos do homem encapuzado que a provocava através de palavras.

— Anda, do que você tem medo? Não estou com meu telefone, então não posso te fotografar. E todas as câmeras foram desligadas por você. Se mostre, Rogério!

— Elisa, não! Volta pra cá! — Gritou Laura, desesperada, tentando se soltar da mão que a prendia. "*O que ela está tentando fazer? Já sabemos que é ele.*" — pensava consigo mesma, confusa a respeito da atitude da namorada — Não vale a pena! Para de provocá-lo! — Disse em meio ao choro, temendo que ele também colocasse um fim nela.

— Não Laura, eu quero que ele tire esse capuz e deixe todas as máscaras caírem ao chão. Se mostra pra mim, anda, não seja um covarde!



O homem pareceu hesitar enquanto escutava a mulher instigá-lo a tirar o capuz. Estava completamente protegido, até mesmo luvas haviam em suas mãos para não deixar impressões digitais onde tocava. E para o desespero de Laura, Elisa continuou a insultá-lo de *covarde,* até chegar ao ponto em que ele retirou o capuz e a atravessou com o olhar.

— Satisfeita, sobrinha? — Disse em tom de sarcasmo.

— Seu desgraçado! Como você teve coragem?!— Gritou aquelas palavras e se lançou contra ele. Elisa o segurou pela gola da camisa e começou a berrar toda a sua dor. — O meu pai confiava em você! Ele te amava! Como você foi capaz?!

Os capangas ameaçaram avançar sobre Marques, mas Rogério acenou com a mão, indicando para não se aproximarem. Ele desejava ter aquele momento com a sobrinha.

— Elisa, pelo amor de Deus, para! — Gritou Laura, atrás do balcão, se contorcendo sob o domínio de um dos criminosos.

— Assassino! Eu odeio você! Eu odeio!

— Por que está gritando comigo? Mais respeito, eu poderia ser o seu pai.

Marques encheu-se ainda mais de fúria e deu um tapa na face de Rogério com tanta força, que o rosto do homem virou para o lado devido a pressão.

— Do que está rindo, seu desgraçado?

— Ai, ai Elisa... Você é tão inocente, sabia? A cara que está expressando é impagável. — Rogério deu um passo para trás e continuou a falar. — Essa loja foi minha e do Vitor por anos, não imagina como foi fácil entrar aqui. Todas as instalações de câmeras permaneceram nos mesmos lugares, que patético. Conheço todos os pontos cegos delas, então nenhuma nos pegou antes de as desligarmos. Devo confessar que o alarme próximo à porta foi uma surpresa, você quase me pegou. *Quase*. Mas esqueceu que eu tenho praticamente o dobro da sua idade.

Elisa estava tremendo, sua mente lutava para permanecer ali, enquanto os pensamentos teimavam em levá-la para a noite do assassinato. O que ainda a mantinha de pé e de frente para aquele homem era a raiva, o ódio e o sentimento de indignação.

— Desgraçado. Eu poderia dizer que estou surpresa com tudo isso, mas não. No fundo, já imaginava que cedo ou tarde você aprontaria uma. Mas ainda é duro ter a certeza bem diante dos meus olhos. Você sabe o quanto arruinou a minha vida? — Elisa pronunciou a última frase em meio a uma risada nervosa. Haviam lágrimas em seus olhos e um choro forte entalado na garganta. — Tudo isso a troco de quê, Rogério? Disso? — Segurou o primeiro objeto que apareceu em seu campo de visão e o lançou contra o chão. — É isso que você quer? — Em um ataque de fúria e rancor, começou a tirá-los do lugar e jogá-los contra o piso. — Pode levar tudo! Tudo! Nada do que fizer me causará mais dor que o dia em que voltei com as cinzas dos meus pais dentro de uma urna. Vai! Anda! Leva tudo embora! É isso que você quer? São esses objetos e o dinheiro que darão sentido à sua medíocre existência? Porque você não passa disso, um medíocre!

— Você sabe que eu poderia te matar bem aqui e agora, não sabe? — Rogério sacou a arma e a apontou na direção da morena.

— Nãaao! Por favor, não, não não! — Pediu Garcia, em meio ao choro. — Não faz nada com ela! Ela é sua sobrinha, pelo amor de Deus!

— Não se preocupe, eu não vou matá-la, pois seria muito conveniente se ela viesse a morrer e eu herdasse tudo. Não sou idiota, a polícia logo suspeitaria.

De onde estava, Laura respirou aliviada.

— Mas, precisamos esclarecer umas coisinhas aqui. Quem você pensa que é pra falar de perda e de dor, Elisa? Acha que só você perdeu coisas na vida? Quanto à minha existência medíocre, talvez tenha acertado.

E eu devo tudo isso ao seu adorado e falecido pai, que sempre foi o orgulho da família, o exemplo, o filho preferido. — Rogério dialogava ao mesmo tempo em que dava passos de um lado para o outro com a arma na mão. — Seu pai me tirou tudo! Tudo! Roubou o carinho e a atenção dos nossos pais, ficou com a mulher que eu amava, teve uma filha com ela e, no final de tudo, ainda me tirou o antiquário. Ele sabia que eu sempre amei a Patrícia, mas isso não o impediu de se casar com ela! Não é justo ele ter tudo e eu, nada! Até a droga desse lustre que está sobre as nossas cabeças ele ganhou no leilão porque tinha mais dinheiro a oferecer. Mas era eu que deveria ter conseguido, eu! Porque eu também o daria à sua mãe. Eu sabia que ela amava lustres desde o dia que nos conhecemos.

— Você é doente — disse Marques, entre os dentes.

— Pode me chamar do que quiser — respondeu em tom de desdém, cobrindo novamente a face com a touca. — Prendam as duas atrás do balcão e vamos dar continuidade! — Ordenou.

— Me solta! Me solta! — Esperneava Elisa, tentando se livrar do contato físico com um dos criminosos.

— Seu cretino! Como tem coragem de fazer isso com a sua sobrinha? — Gritou Laura, outra vez, sentindo o coração apertar ao ver a namorada revivendo uma parcela do trauma. — Soltem ela!

— Olha aqui, loirinha... Eu não vou matar a Elisa, mas meus motivos não se aplicam a você. Então, ou você para de gritar... Ou termino com a sua vida aqui e agora. O que escolhe? Acredito que não seria nada legal morrer na frente dela — ameaçou, fazendo os olhos da gerente se arregalarem.

— Rogério, a Laura não tem nada a ver com isso. Façam o que tiverem que fazer na loja e comigo, mas a deixem em paz!

O homem nada mais respondeu, apenas sinalizou para que o capanga silenciasse a boca das mulheres com fita isolante. As duas foram colocadas sentadas na cadeira de costas para a outra e amarradas. Rogério, por sua vez, analisava as peças e recolhia aquelas que reconhecia como de maior valor.

A loja de antiguidades pertenceu a ele por muitos anos no passado, quando ainda existia uma parceria com o irmão. Em razão disso, Rogério conhecia aquele lugar como a palma de sua mão. Entrou no antiquário através de uma janela no segundo andar e desligou todas as câmeras as

quais já sabia, aproximadamente, onde ficavam os pontos cegos. O alarme de segurança foi uma surpresa que tirou de letra. Quando o ambiente já estava seguro, se comunicou com os dois comparsas e deu sinal verde para que também entrassem.

Elisa estava extremamente nervosa e evitava fazer contato visual com a imagem dos homens saqueando sua loja. Sentia o corpo tremer às lembranças que voltavam como raio em sua mente. A mais nova, de onde estava, queria poder tranquilizá-la. Era ciente de que toda aquela situação abalaria consideravelmente o emocional da morena. Por uma pequena fração de segundos, Laura desejou enforcar Rogério com as próprias mãos.

Horas angustiantes foram vividas sob a mira de um revólver e de ameaças destinadas a elas. Elisa quase não conseguia focar no presente, uma vez que sua mente a levava para o ocorrido de vinte e quatro anos atrás. Seu coração batia em um impulso cada vez mais apressado, as mãos transpiravam e os pés se moviam inquietamente. Pensar na segurança de Laura era o único fator que ainda a trazia de volta ao presente. Repetia incansavelmente em pensamentos que não aguentaria reviver tudo aquilo e perder outra vez quem amava. Ao mesmo tempo, sabia que não teriam a menor chance de escapar de três homens armados; a força bruta seria inútil. No entanto, ela sempre fora uma mulher inteligente e habilidosa, e mesmo em meio a toda aquela tortura psicológica, sabia que que sua cartada final havia sido lançada. Com um pouco de sorte, se saíssem ilesas daquela situação, colheria o fruto de sua jogada e daria um ponto final em toda essa história.

Por volta das duas horas da madrugada, Rogério orientou todos os comparsas e explicou como sairiam pelo andar de cima e se deslocariam até o veículo estacionado sobre a calçada próxima a janela por onde desceriam.

— E o lustre? — Perguntou um dos homens.

— Chamativo demais, não teria como escondê-lo e transitar com ele por aí sem levantar suspeitas. Já recolhemos mercadorias o suficiente — explicou. Após sinalizar para que todos fossem embora, se aproximou da sobrinha atrás do balcão e removeu de uma só vez a fita isolante de sua boca.

— Você é um monstro! — Gritou a morena, assim que se viu livre para voltar a falar.

O capuz que Rogério usava impedia que Elisa e Laura vissem o sorriso debochado que habitava seus lábios.

— Eu poderia embebedar toda essa loja com combustível, sabia? — Dizia ele, enquanto se aproximava. Rogério ousou se inclinar à altura da mulher e, em um gesto repulsivo, a segurou com força na região da mandíbula. — Era só riscar alguns fósforos e... *Boom*! Tudo isso aqui iria abaixo, assim como as vidas de vocês duas. Quem iria dizer que não foi um acidente incendiário? Sem provas, sem reféns, sem crime. Mas... — O homem se inclinou ainda mais e fechou os dedos com força, proporcionando uma sensação de asco à sobrinha por sentir aquele seu toque. — Mas... você tem a droga do olhar da sua mãe — completou, em um misto de raiva e desprezo. Rogério removeu a mão dali, deu as costas e correu para o segundo andar. Estava na hora de partir.

Assim que se viram a sós, Elisa prontamente virou o rosto para trás e pediu para que a namorada fizesse o mesmo. Com os dentes, conseguiu remover a fita que cobria a boca de Laura.

— Pelo amor de Deus, meu amor, você está bem? Esse homem é um canalha! — Disse a loira, presa na cadeira, tentando olhar para trás.

— E-eu nem sei como estou... Desculpe envolver você nessa situação, ele poderia ter te matado e eu sequer conseguiria impedir...

— Amor, você é tão vítima nessa história quanto eu, não se sinta culpada. Como a gente iria vencer três homens armados? Nem se soubéssemos defesa pessoal. Eles estavam armados! Armados! Não se culpe, por favor. Seu bem estar é tudo o que importa agora. Eu nem posso imaginar como está se sentindo...

— Já estive pior, acredite. Só que... É duro ver que minhas suspeitas estavam certas. — A voz exalava dor e tristeza. — Meu pai morreria de desgosto se já não estivesse morto.

Mesmo com um choro contido na garganta e uma dor dilacerante cortando o peito, Elisa tentava se fazer de durona para não entrar em prantos na frente de Laura. Por mais que se sentisse confortável na presença da mais nova, ainda era difícil expor tão cruamente suas fraquezas.

— O Rogério é um doente — disse a loira.

— E-eu... Eu só quero ir pra casa.

Através do timbre de voz, Laura pôde sentir o quão abalada a namorada estava. Queria poder tomá-la nos braços e dizer que está tudo

bem agora. Queria poder acariciá-la nos cabelos enquanto recitaria frases do seu filme favorito. Mas, a atual situação não permitia sequer o privilégio de conseguir olhá-la. As cordas estavam justas e, o nó, apertado. Tentavam a todo custo se soltarem, mas parecia em vão. Gritaram por socorro na esperança de serem ouvidas, mas foi inútil. Aquela rua era composta por estabelecimentos comerciais que, àquela altura da madrugada, estavam todos fechados.

A impotência as consumia. Elisa tentou sustentar a postura de durona, mas Laura escutou o choro baixinho que seguia acompanhado de algumas fungadas no nariz. Passaram a noite completamente em claro; ora em silêncio, ora conversando sobre a situação e o que fariam daqui para frente. Por volta das oito e meia da manhã, ouviram vozes conhecidas que vinham da entrada do antiquário. Nessa hora, Laura começou a gritar o mais rápido e alto que pôde por socorro. Leonardo e Débora escutaram e reconheceram a voz de imediato. Se comunicaram através de uma troca de gritos, até Leonardo informar que iria atrás de um chaveiro para conseguirem entrar no lugar. Quando o homem, enfim, encontrou um rapaz que realizaria o serviço, já passava das nove horas da manhã. Lilian e Júlia haviam chegado e aguardavam para, também, entrarem.

— Meu Deus! O que foi que aconteceu aqui? — Exclamou Débora, assustada, visualizando o estado o qual a loja se encontrava. Algumas mercadorias estavam espalhadas pelo chão.

— Elas estão ali! — Apontou Leonardo.

— Gente, o que foi isso? — Agora foi a vez de Júlia se expressar.

— Pelo visto a loja foi roubada — comentou Lilian. — Jesus! Vocês estão bem? — Continuou a falar, ao mesmo tempo em que todos se aproximavam das duas mulheres atrás do balcão.

Leonardo correu até a cozinha e logo retornou com uma faca de serra para desamarrá-las. A gerente, assim que se viu livre daquela corda, se levantou e virou para a namorada. Sem se importar com o que os funcionários pensariam, a tocou no rosto e em seguida a aconchegou em seu peito, foi quando sentiu o corpo de Elisa trêmulo ao seu.

— Ficamos trabalhando até depois da hora, escutamos um barulho e de repente três homens encapuzados e armados nos renderam. Foi horrível! Jamais pensei passar por isso na minha vida.

Sem deixar de dar aconchego à Elisa e acariciá-la nos fios escuros, Laura começou a relatar absolutamente tudo o que havia acontecido nas últimas horas. Os funcionários eram um misto de espanto e medo. Estavam todos muito assustados, mas não deixavam de observar como a gerente estava sendo carinhosa com a chefe.

— Vocês precisam dar parte na delegacia! Esses nojentos não podem sair impunes! — Disse Débora, com fúria em seu tom de voz e expressões faciais. Gostava muito de Laura e estava revoltada com o que havia acontecido.

— Nós iremos. — A manifestação de Elisa atraiu a atenção de todos. — Olha o estado da minha loja, isso é imperdoável — continuou a falar, conforme tentava se recompor. — Já passou da hora de dar um fim nessa história. — A última frase da chefe fez sentido somente para Laura. — Leonardo, poderia me trazer uma escada lá de cima? — Perguntou. Para a surpresa dos funcionários, inusitadamente e de maneira inédita a morena estava dialogando com eles.

— C-claro — respondeu o segurança, nervoso com a situação e com o fato de a chefe ter olhado diretamente em seus olhos pela primeira vez.

— Pra que você quer a escada? — Laura questionou, confusa.

— Quando você me disse que estava sentindo como se alguém a observasse, eu tomei algumas medidas de segurança; não foi apenas o alarme que mandei instalar. Já imaginava que algo assim pudesse vir a acontecer, então coloquei duas câmeras espiãs escondidas.

— Não acredito! E onde estão?

— O Rogério adora dizer que sou muito inocente, mas o ingênuo foi ele ao cair nas minhas provocações para que tirasse o capuz. Ele achou mesmo que eu estava interessada em olhar para a cara dele? Há vinte e quatro anos o Rogério me moldou. Eu endureci, me fechei e perdi inteiramente a inocência que ele pensa que possuo. Agora chegou o momento dele colher os frutos podres do que plantou.

Assim que Leonardo retornou, Elisa abriu a escada e a posicionou debaixo do luxuoso e majestoso lustre. Todos observavam com atenção, enquanto tentavam compreender o que as palavras da mulher significavam. Ao atingir o degrau mais alto, Elisa começou a procurar as câmeras anexadas e escondidas na parte superior do lustre. Elas possuíam um alcance com rotatividade de 360 graus, mas, por precaução, uma foi

direcionada para a parte frontal da loja e a outra para os fundos. Quando as encontrou, sorriu *quase diabolicamente* para elas; afinal, sua jogada de mestre havia funcionado. Desde que escondera as câmeras meses atrás, torcia para que seu palpite estivesse certo.

— Não acredito! — Laura estava com os olhos arregalados e uma de suas mãos tampava a boca aberta pela surpresa. — Por isso você se arriscou tanto provocando ele! Você é genial! — Dizia com alegria, observando com orgulho a namorada descer os degraus.

— Precisamos agir rápido e fazer uma cópia do conteúdo dessas câmeras. — Elisa estava anestesiada, agindo impulsivamente pelo calor do momento. Suas emoções estavam pausadas em algum lugar entre a mente e coração. — Por favor, não toquem em nada, todo o antiquário se tornou uma cena de crime. Vocês estão liberados por hoje.

Os funcionários mal souberam o que responder, era a primeira vez que Elisa os olhava e lhes dirigia algumas palavras. Enquanto se movimentavam e se ajeitavam para irem embora, as duas foram ao escritório conferir se as câmeras de fato haviam filmado Rogério sem o capuz. Feito isso, prontamente enviaram uma cópia para dois pen drives. Mesmo cansadas, sem dormir e sem colocar algo na barriga desde a noite anterior, decidiram primeiramente ir até a delegacia mais próxima e solucionar a questão.Após prestarem queixa contra Rogério Marques, Elisa apresentou o pen drive com as provas criminais. O áudio da gravação era baixo, devido à altura em que o lustre ficava, mas a polícia possuía recursos de ampliação de som e enviaram o material para o setor responsável. Na filmagem, além de estar com o rosto descoberto, Rogério confessava indiretamente o envolvimento no assassinato de Patrícia e Vitor Marques. O crime do passado, infelizmente, já havia prescrevido. No entanto, o delegado comunicou a Elisa que o homem pegaria bons anos de cadeia pelo crime cometido na noite passada. A polícia tentava rastrear há alguns anos uma quadrilha envolvida em comércio clandestino, mais conhecido como “mercado negro” de produtos raros e até mesmo ilegais. Rogério e os capangas eram grandes suspeitos de pertencerem a essa quadrilha. Assim que encontrados, serão questionados e interrogados a respeito.

As duas mulheres foram direcionadas a uma sala para especificarem tudo o que lembravam ter sido saqueado por eles. Todas e quaisquer peças seriam de suma importância para a investigação e o rastreamento da

quadrilha. Enquanto narravam o que lembravam terem visto os homens pegarem, Garcia recordou de algo extremamente importante: *os celulares*. Tanto o dela quanto o da namorada foram levados por eles.

— Vocês possuem o IMEI de algum dos aparelhos?

— Eu tenho o meu anotado! — Disse Laura.

— Ótimo, ajudará na busca.

Quando saíram da delegacia precisaram adquirir dois novos celulares e chips para manterem a comunicação entre si e, principalmente, com as autoridades. Antes de irem definitivamente embora, passaram na delegacia para atualizar o cadastro com os novos números e, posteriormente, foram até a casa de Laura para recolher peças de roupas e objetos pessoais. A loira ficaria alguns dias na casa da namorada para dar suporte durante a operação criminal.

Assim que a adrenalina deixou o corpo de Elisa, as emoções voltaram a tomá-la como uma avalanche. No banheiro de seu quarto havia uma banheira, e foi dentro dela que afogou todas as dores e mágoas. As lágrimas de seu rosto eram tantas, que pingavam e se misturavam à água morna da banheira. Laura estava localizada atrás de seu corpo e esfregava suas costas com delicadeza, utilizando uma esponja de banho encharcada de sabonete líquido.

— Como ele pôde fazer isso com os meus pais? — Disse com a voz entrecortada pelo choro.

— Infelizmente algumas pessoas não precisam de razões para serem más, meu amor...

— Ele é um monstro, eu o odeio tanto, Laura. Tanto!

A mais nova permanecia contornando as costas com suavidade, mas, dessa vez, com as próprias mãos; deslizando as pontas dos dedos sobre a pele úmida e ensaboada.

— Você tem todo o direito de odiá-lo, ele é um cretino.

— E-eu senti tanto medo que ele fizesse algo com você. Me senti impotente por não poder fazer nada que o impedisse — suspirou.

— Ei, vem aqui. — Laura a conduziu e a fez virar o corpo para frente. — Impotente? De forma alguma. Você foi incrível hoje. — A tocou na lateral do rosto e mergulhou o olhar dentro dos castanhos desvanecidos. — Eu te achei tão corajosa, meu amor. Você o enfrentou com determinação.

A princípio eu não entendi por que você estava se colocando em risco só pra ver a cara feia daquele canalha, mas quando me revelou sobre a câmera escondida... Eu me enchi de orgulho. Em breve esse miserável estará atrás das grades pra pagar por todo o mal que fez a você e à sua família. E esse mérito é todo seu!

— Infelizmente isso não trará os meus pais de volta, mas só de saber que ele não sairá impune dessa vez, é um conforto. Eu perdi todos que eu amava, não suportaria perder você também. Não assim...

Elisa estava tão emocionalmente abalada e fragilizada, que não se deu conta do significado de suas últimas palavras. Ela, que ainda não sabia dizer o que sentia por Laura, acabou declarando que a incluía no grupo de pessoas que possuem o seu coração.

— Não vai me perder. Acha que é fácil se livrar da loira petulante? Você sabe muito bem que não. — Piscou, arrancando um meio sorriso fraco da mais velha. — Eu te amo e estarei aqui mesmo que queira me enforcar de vez em quando.

— Idiota. Você é especial pra mim, não quero te colocar em risco de novo. Não quero sentir nunca mais que tudo pode mudar em uma fração de segundos...

— Eu também tenho medo de te perder. Sei que sou brincalhona e estou sempre bem humorada, mas eu também possuo medos e inseguranças, principalmente após me apaixonar.

Laura prendeu os fios loiros em um coque alto e deu as costas para Elisa. Conforme sentia as mãos da mulher passeando por seus ombros e descendo pela coluna, continuou a falar:

— Sempre fui desapegada, você sabe. Minhas relações se baseavam em beijos e sexo.

— Sei, mulherenga — implicou.

— Deixa eu continuar — resmungou. — Às vezes eu tenho a impressão de que esse comportamento era proposital. Quando minha mãe nos deixou pra focar apenas nela mesma, eu vi minha família se desfazer de repente. Meu pai disfarçava a dor, mas eu o pegava com os olhos marejados muitas vezes. Ele a amava muito. Então mesmo de maneira inconsciente eu decidi que não queria aquilo pra mim, sabe? Me apaixonar, constituir uma família e ver tudo se acabar. De certa forma você e eu somos iguais, mas por razões diferentes.

— Sim...

— Era muito cômodo me envolver apenas fisicamente e eu estava ok com isso. Mas aí eu conheci você...

— E não resistiu ao charme vampiro — brincou, usando as próprias palavras de Laura.

— Isso.— Riu baixinho. — Mas aí eu te conheci e de imediato você me instigou. Eu precisava saber o que existia por trás daquela armadura, e acabei me apaixonando no caminho.

— Gostou do que encontrou atrás da muralha?

— Mais do que gostar, eu amei.

Por estar de costas, Laura não foi capaz de ver que Elisa sorria. As lágrimas nos olhos castanhos ainda permaneciam lá, mas, nesse momento, eram lágrimas de emoção por se sentir genuinamente amada de novo.

Após o banho regado de conversa sincera, se vestiram e foram para a cozinha. Laura se ofereceu para cozinhar, pois não se alimentavam desde a noite de ontem. Era por volta de uma hora da tarde, então após consultar os armários e geladeira, convenceu-a a comer seu almoço improvisado.

Sentadas à mesa da cozinha, se alimentavam enquanto mantinham um diálogo.

— Acho que faltou o protagonista dessa salada — disse Laura, atraindo a atenção da namorada para seus movimentos.

— Não estou vendo isso!

Elisa a observou abrir um vidro de palmito e cortá-los sobre o recipiente que comportava a salada.

— Agora abre a boquinha...

Laura espetou o garfo em um pequeno pedaço e o ofereceu à ela. A morena, sem hesitar, fez o que ela pediu e aceitou o alimento oferecido. Gostava de sentir-se querida, cuidada e mimada por ela. Com os carinhos de Laura, era quase como se sentir criança outra vez.

— Será que a polícia vai demorar muito pra achá-los? Estou ansiosa, querendo que o celular toque.

— Vamos torcer pra que não. Quanto antes esse pesadelo acabar, melhor. Mas sabemos que essas coisas podem levar um tempo, então tenta não ficar focada no telefone, tá? Vamos escutar chamando, o meu está em volume máximo.

— O meu também. Vou tentar...

— Como está se sentindo sobre isso?

— O susto passou, agora estou aflita e triste por tudo o que ele me fez relembrar. Mas eu não quero ficar pensando a respeito, esse homem já me fez mal o suficiente.

— Então vamos desviar os pensamentos? Não tem que passar por nada disso sozinha, agora você me tem. — Sorriu.

Quando o almoço se findou, escovaram os dentes em companhia e se dirigiram para a sala de estar. Laura pediu permissão e abriu todas as janelas do cômodo para deixar o sol e a claridade entrarem. Pôs uma música para tocar e puxou Elisa pela mão; a levando para o centro da sala.

— Eu acho que aquele lustre heroico deveria voltar para cá e ficar bem ali — apontou para o teto.— Onde é seu lugar de origem.— Laura deslizou as mãos pela cintura da namorada e começou a se mover ao ritmo da canção que tocava ao fundo.

— Talvez... Talvez aqui seja o lugar dele. Vou pensar.

A loira sorriu e a puxou um pouco mais contra seu corpo.

— Lembra quando dançamos pela primeira vez no chalé?

— Uhum, é uma memória que nunca vou esquecer...

— Nem eu, foram momentos especiais, mesmo estando com medo de você querer deixar as lembranças apenas ali.

— Laura.— A chamou com segurança na voz ao apoiar as mãos sobre os ombros — Pode tirar a palavra “medo” do seu vocabulário quando se tratar de nós duas. Eu sei que fui muito inconstante no início e que você teve e tem todo o direito de ter receios, mas se chegamos onde estamos hoje, é porque eu verdadeiramente gosto de você e estou me permitindo viver e resgatar a pessoa feliz que eu poderia ter sido. Confia em mim? Eu não vou embora nem pedirei pra você fazer isso. Na noite em que te convidei pra dormir comigo, eu estava dividindo muito mais que uma cama.

— Eu sei, e eu confio. Mas é que é tão bom sentir o que sinto ao seu lado, que às vezes parece que tudo vai acabar.

— Entendo o que sente. Bem no início eu tinha muito medo de admitir o que estava acontecendo entre nós, pois eu não queria ser feliz. Parece loucura, não é? — Riu baixinho. — Sabe quando você prefere não ser feliz, porque assim poupa um sofrimento futuro? Era assim que eu pensava. Eu achava que era melhor não ter algo, do que ter e depois perdê-lo. Porque dói lidar com ausências. Mas você estava todos os dias na porta

da minha sala girando a maçaneta e pedindo para entrar. Enquanto você insistia em mim, eu tive oportunidade pra pensar e olhar o meu interior.

— Ah sim, todos os dias eu estava lá, atormentando seu juízo.

— Literalmente. — Riram juntas. — Eu te adoro, Laura. Ninguém mais foi capaz de alcançar em mim os lugares que você alcançou. Obrigada por isso.

Elisa a tocou na maciez dos lábios em um beijo doce, calmo, carregado de amor. Para ela, mais importante que dizer que a ama, era fazê-la sentir que é a única mulher a quem pertence o seu coração. Era grata pelo presente que era ter Laura em sua vida. A loira não apenas abriu as janelas de sua casa, como também permitiu que a luz entrasse em seu peito e invadisse os seus dias. Aquela Elisa indisposta para a vida morria aos poucos, todos os dias, para que a verdadeira versão de si mesma pudesse renascer.

Laura a segurou delicadamente pela mão e subiram para o quarto. Estavam mentalmente e fisicamente cansadas após a noite em claro. Deitaram-se juntas e depositaram os celulares sobre a mesa de cabeceira para que pudessem ouvi-los tocar. Estavam aninhadas no aconchego uma da outra; com os fios loiros embaralhados nos castanhos, e as pernas entrelaçadas entre si. Adormeceram em paz, mas ao mesmo tempo em alerta e ansiosas por notícias. Havia sido uma noite longa e pesada, principalmente para Elisa, que reviveu memórias de um passado tão doloroso. Contudo, ela já não era a mesma de antes, tampouco estava sozinha.

Alguns poucos minutos se passaram, foi quando Elisa abriu os olhos, sonolenta, após Laura trocar de posição e deitar de costas para ela. Nesse instante, por uma pequena fração de instantes, pôde observar os fios loiros sendo iluminados pela claridade que invadia o quarto. Ainda eram duas da tarde, horário em que o sol tocava a janela. Suspirou ao vê-la em um sono tão sereno em sua cama e não pôde deixar de abraçá-la e englobá-la por trás como se Laura fosse a sua pérola, a sua preciosidade. E ali, segundos antes de novamente adormecer, Elisa disse que a amava, no silêncio de seus pensamentos...



Se apaixonar pela tristeza pode ser viciante. No início, ela é um hábito, um pensamento, um sentimento constante. Com o tempo, se impregna e começa a fazer parte de você como uma segunda pele, uma tatuagem. Compreender que ela não deve ocupar um lugar de protagonismo em nossas vidas exige dedicação. Contudo, quando conseguimos nos libertar das amarras invisíveis, voamos alto, além dos pássaros, em busca do tempo que deixamos para trás...

— Laura, segura essa escada com firmeza! — Pediu Elisa, enquanto terminava de prender o lustre no teto.

Cinco dias haviam se passado desde a invasão ao antiquário. O local deixou de ser cena de crime e foi liberado para a reabertura. Elisa decidiu trazer o lustre para casa e deixar um outro mais simples no lugar. Sua visão sobre ele havia se transformado; além de ser um presente afetuoso de seu pai para Patrícia, agora ele também simbolizaria esperança e renovação. Todas as lâmpadas iluminariam novamente sua sala, trazendo de volta a claridade há anos perdida.

Os celulares foram rastreados e encontrados pela polícia em um ferro velho qualquer. Os criminosos permaneciam fugitivos, mas a busca incessante continuava. Embora tenha revivido momentos difíceis, sentia-se aliviada como nunca antes, pois finalmente iria vingar o assassinato dos pais e enterrar essa história de uma vez por todas. Chegou o momento de

renascer, voar como uma fênix e permitir que a brisa contra o rosto seque suas lágrimas.

— Aqui parece um castelo, tia Elisa! — Comentou Vitor, enquanto a observava mexer no lustre.

Após a turbulência dos primeiros dias, finalmente o havia levado para conhecer sua casa. O menino ficou boquiaberto com o tamanho e a quantidade de cômodos. Depois da primeira visita, pelo menos uma vez por semana as duas o buscavam para passarem um dia juntos. Laura permanecia na casa da namorada para dar suporte emocional enquanto a busca ao Rogério não chegava ao fim. No trabalho, todos já sabiam do romance entre elas. Chegavam quase sempre juntas e já não possuíam qualquer pretensão em esconder a relação. Somente evitavam demonstrações públicas de afeto por se tratar de um ambiente profissional.

Durante o período que estava ficando na casa de Elisa, estreitaram ainda mais os laços. Todos os dias descobriam alguma nova mania da outra e conheciam um pouco mais sobre o passado. Quanto mais a intimidade debaixo do mesmo teto aumentava, mais ganhavam novas razões para carinhosamente se implicarem. Entre tantas descobertas, Laura ficou sabendo que a mais velha nunca aprendeu a andar de bicicleta sem aquelas *rodinhas*. Após essa informação, começou a ensiná-la aos domingos. Vitor ganhou uma bicicleta do casal e também se uniu às aulas, que ocorriam na rua vazia da morena. A criança feliz que Elisa um dia fora, olhava pela janela e sorria orgulhosa ao ver que estava sendo resgatada.

Um mês se passou, foi quando receberam a ligação que tanto esperavam: Rogério e os comparsas haviam sido localizados em um galpão subterrâneo no Paraguai. Setenta por cento da mercadoria saqueada do antiquário estava armazenada com eles, o restante já havia sido contrabandeado, mas a polícia permaneceria na busca desses objetos. Juntamente à mercadoria de Elisa foram encontradas algumas outras, incluindo armas e até mesmo drogas. Rogério Marques foi rendido e detido de imediato, irá responder por formação de quadrilha, contrabando, porte ilegal de armas, invasão a propriedade privada, roubo, dentre outros crimes. Ao receber a notícia, Elisa respirou aliviada. Cogitou ir vê-lo na cadeia, mas resolveu que entraria em uma nova fase de sua vida, a qual não teria lugar para a carga negativa emanada por Rogério. O homem já a fizera sofrer o

suficiente, e Elisa apenas queria passar uma borracha em tudo o que aconteceu. Contudo, diferente da morena, Laura teve outro posicionamento. Estava tão tomada pela raiva, que foi visitá-lo na cadeia para cuspir tudo o que possuía entalado na garganta. A loira quase arrumou confusão, tamanha a algazarra que fez ao encontrá-lo. Todavia, saiu de lá com a alma lavada.



— Hoje faz exatamente um ano desde que você assinou aquele contrato nessa sala — comentou Elisa.

Três meses se passaram desde a prisão de Rogério. A essa altura da operação, noventa por cento da mercadoria havia sido encontrada.

— Caramba, é verdade, o tempo voou — respondeu, mantendo a atenção dividida entre a namorada e a prateleira de livros que existia no escritório. — Já leu todos? Incluindo esse sobre uma mente milionária?

— Não, estão aí apenas pra acumular poeira.

Laura revirou os olhos e contornou a cadeira e mesa de Elisa, para logo após sentar-se de frente para ela.

— Esqueço como às vezes você é insuportável — resmungou. — Por falar em poeira, tem mesmo, estão precisando de uma limpeza.

— Pior que sim, faz tempo que não mexo neles. Mas, voltando ao assunto do contrato, eu fiquei de modificá-lo há um tempo, mas aconteceu tanta coisa, que esqueci. Bom, de qualquer maneira, ele já venceu, então criei um novo modelo pra você.

Laura a observou retirar algumas folhas da gaveta. Ao que aparentava, era um contrato de renovação.

— Poxa Elisa, acho que não tenho uma notícia muito agradável pra te dar — comentou ao observar a papelada sobre a mesa.

— O que houve?

— É que eu recebi um convite pra trabalhar em outro lugar e resolvi aceitar.

— Ah...

— Tudo bem pra você?

— N-na verdade eu não estava contando com isso.— A mais velha não conseguiu disfarçar o semblante triste e a frustração. — Quando você

iria me comunicar? — Chateada, perguntou, mas a gerente nada respondeu. — Laura?

— Você precisa ver a sua cara! — De repente, a loira preencheu a sala com uma alta e extensa gargalhada. — Não recebi convite algum, sua boba — disse ao tomar o contrato em mão.

— Idiota! O que eu fiz pra merecer você, hein? — A mais velha balançava a cabeça negativamente, mas sorria aliviada; não estava disposta a perder seu braço direito.

— Admite que isso é amor, vai?

Laura ria enquanto passeava os olhos pelo novo contrato. Este não possuía cumprimento de prazo nem multa em caso de quebra. Ambas as partes estavam livres para decidirem quanto tempo gostariam de permanecerem em parceria ou não.

— Talvez, talvez seja amor.

— Eu sei que é.— Sorriu e entregou a papelada assinada.

— Precisamos falar das suas férias. Eu gostaria que treinasse alguma das funcionárias pra te cobrir durante o período. Na sua opinião, quem estaria apta?

— Hum, eu acho que a Débora é quem compreende melhor o meu trabalho. Poderíamos colocá-la no meu lugar e transferir a Lilian para o caixa durante esse tempo. Assim, você só precisaria contratar uma vendedora temporária, o que acha? É mais fácil uma vendedora que uma gerente de confiança.

— Ótima ideia. Entrei nesse assunto de férias porque eu quero te levar pra viajar.

— Viajar? — Os olhos verdes se arregalaram com interesse no que a mulher dizia. — Como assim?

— Eu quero realizar seu sonho, não me esqueci dele. Mas terá que ser em dezembro, quando o Vitor estiver de férias, pois tenho o compromisso de levá-lo ao centro educacional.

— Meu sonho? A-aquele? — Laura praticamente gaguejou, tamanha a sua emoção.

— Se “aquele” for conhecer a neve, sim! — Sorriu. — Você aceita? Se bem que você não tem que aceitar nada, nós vamos e acabou. Aqui em Hills Dale não neva, então vou te levar para um Natal em Nova York.

— Espera, espera, espera. Deixa eu me levantar antes que eu caia da cadeira! — Com um sorriso de orelha a orelha, deu a volta na mesa e se aproximou. — É claro que eu aceito! O que eu mais quero é colecionar momentos e realizar sonhos ao seu lado.

— Então suas férias possuem destino certo. — Elisa abriu um sorriso e a segurou na mão, instigando-a para que sentasse em sua perna. E assim Laura o fez, aconchegou-se ali e fechou os braços em torno do pescoço.

— E se levássemos o Vitor? Podemos conseguir uma autorização do Vinícius autenticada em cartório.

— Sabe que eu estava pensando a mesma coisa? Acho que ele iria adorar a ideia.

— Eu tenho certeza!

— Será que o Vinícius aprovaria?

— Por que não? Somos as madrinhas dele!

— Somos? — Arqueou uma sobrancelha, incerta sobre as palavras da loira.

— A partir de agora, sim! Só precisamos comunicar a eles. — Riu de si mesma.

— E quem decidiu?

— Eu decidi, ué!

— Ai ai, Laura... Só você. — Riu junto a ela.

— Amanhã é seu aniversário, não é? — Marques afirmou com a cabeça. — Vai vir trabalhar?

— Uhum, por quê?

— É que eu queria fazer uma coisa.

— Qual coisa?

— Surpresa. Amanhã você pode me esperar até o fechamento da loja?

— Não é festa surpresa, é?

— Não, fica tranquila.

— Então, o que é?

— Só saberá amanhã. É algo simples, mas quero muito fazer. Ah, vem de calça!

O diálogo entre elas foi interrompido por batidas inesperadas na porta, que fizeram Laura sair às pressas do colo.

— Pode entrar!

— *Surpresaaaaa*!

— Ai, não acredito que é você! — Com um sorriso aberto, Laura caminhou a passos apressados até a porta. — Quanto tempo, meu Deus!

— Com licença que estamos passando!

Se tratava de Fiona, a ex-gerente de Elisa. A mulher estava empurrando um carrinho de bebê que comportava dois lugares. Havia dado à luz a gêmeos; dois meninos.

— Ai, meu Deus! Não me diga que essas coisinhas lindas são seus filhos?

— São, o tratamento no exterior foi um sucesso tão grande que vieram logo dois!— Riu.

— Fiona, quanto tempo!

Agora foi a vez de Marques levantar da cadeira e ir até ela.

— Se a Laura ainda está por aqui, é sinal que você não a matou nesse um ano — comentou, arrancando um riso das duas.

— Posso te afirmar que foi quase!— Disse a loira, se pronunciando. — Você deveria ter me avisado onde eu estava pisando, a Elisa deu muito trabalho — contou em tom divertido.

— E você é uma santa, hein, Laura? Conta pra Fiona a peste que você é — rebateu.

— Não briguem, meninas!

— E esses príncipes lindos? — Laura se inclinou para olhá-los. — Quais os nomes?

— Gael e Noah!

— Olha Elisa, que coisinhas mais lindas.

— Eles são grandões, né? Diferentes do filho do seu amigo.

— Eles realmente nasceram enormes. — Fiona se manifestou. — Estão com um mês e meio. — Sorriu, observando as duas mulheres gesticularem com as mãos na tentativa de atrair a atenção dos meninos.

— Mas e então, como vai tudo por aqui? Notei que trocaram o lustre. Finalmente foi vendido?

— Você não vai acreditar no que aconteceu.

Laura puxou uma cadeira para a visita se sentar e buscou uma terceira para que ela e Elisa pudessem ficar próximas a ela. As duas relataram absolutamente tudo o que havia acontecido na noite da invasão.

Fiona ficou boquiaberta, com os olhos arregalados de pavor. Ela nunca foi com a cara de Rogério.

— Jesus Cristo, eu estou pra lá de passada com essa história! Com certeza eu teria desmaiado só de medo de morrer! — Fiona se benzeu com o sinal da cruz. — Meu Deus, Elisa... Não sou capaz de imaginar como se sentiu...

— Foi terrível, Fiona. Mas serviu para que eu tivesse certeza de quem realmente ordenou o assalto na casa dos meus pais. Era horrível conviver com essa dúvida.

— Tenho certeza que sim, mas vai ficar tudo bem agora, graças a Deus esse homem está preso.

— Eu fui até a cadeia pra xingar esse desgraçado. Elisa não queria deixar, mas eu fui! Olhei bem nos olhos dele e cuspi algumas palavras. Como ele teve coragem de fazer isso com a própria família? — Laura estava visivelmente exaltada. O sangue sempre lhe fervia quando recordava o que houve.

— Ele ficará bons anos preso, acredito que pela idade que já possui, nem sairá mais. Então não se desgaste com ele, ok? — Elisa levou a mão até a lateral da face de Laura e acariciou-a. — Agora deixe que a justiça faça a sua parte.

— Eu sei, Elisa...Só que me dá muito ódio, não consigo controlar.

— Eu compreendo, pois também sinto. Mas eu carreguei essa dor por tantos anos, que agora eu quero desfrutar da leveza por ver essa história sendo definitivamente encerrada. Não quero reviver angústias ao lembrar do Rogério. Uma pessoa como ele só merece o esquecimento...

Fiona observava a cumplicidade entre as duas mulheres através das palavras, dos olhares e dos toques. Não sabia se era coisa de sua cabeça ou se realmente algo inusitado estava acontecendo ali. Queria questioná-las a respeito, mas não sabia como abordar o assunto sem soar como intromissão.

— Estou percebendo que a relação de vocês vai muito bem — disse ela, tentando colher alguma informação sem precisar ser objetiva. — Juro que algumas vezes eu pensei que nem encontraria mais a Laura por aqui. Devo dizer que estou muito surpresa! Até parecem amigas.

O casal se entreolhou como se pedissem permissão uma à outra para contar sobre o namoro.

— É... Então...— Laura tossiu em seco, ainda incerta sobre o que dizer.

— Nós estamos... Estamos namorando. — Elisa deu a notícia e olhou disfarçadamente para os lados, evitando qualquer contato visual com Fiona.

— Ok, ok, ok... O que foi que eu perdi? Estou sentindo que não sei de mais nada sobre esse antiquário. C-como assim estão namorando? Elisa? Você?

— Longa história.

— Ainda bem que tenho todo o tempo do mundo até dar a hora dos meus filhos mamarem de novo. Sou toda ouvidos.

— Bom, então...



Laura e Elisa relembravam entre si as reações cômicas de Fiona no dia de ontem quando soube do relacionamento amoroso. A mulher ficou embasbacada ao descobrir que evoluíram ao ponto de se apaixonarem e construírem algo sólido com esse sentimento. Pelo pouco que conhecia de Marques, sempre soube que a chefe era arrogante e fechada por conta de suas dores do passado. No entanto, nem em seus sonhos mais loucos ela imaginaria que a mulher fosse capaz de se abrir o suficiente para a vida, a ponto de se permitir criar um laço afetivo com alguém.

— Tenho algo pra você, já volto!

Hoje é o aniversário de trinta e cinco anos de Elisa. Sua namorada havia preparado pequenas surpresas para que essa data não passasse em branco. Após ir até a geladeira da loja, retornou para o escritório portando um bolo de aniversário sobre as mãos.

— Surpresa! — Disse a loira, com um sorriso nos lábios, ao reaparecer. Estavam sozinhas e haviam recém concluído algumas atividades no computador.

— Não acredito... — murmurou, mais para si que para a gerente. Já não recordava a última vez em que recebera um bolo em uma data como essa.

— Um aniversário que se preze precisa de um bolo! Ainda tem velinhas, espera um pouquinho. — Garcia enfiou uma mão dentro do bolso

dianteiro e retirou uma caixa com mini velinhas finas na cor azul.

— Não precisava se incomodar... — Elisa a observava afundar todas as unidades de velas na superfície do bolo. Seu coração batia apressado e suas emoções ardiam mais fortes que as chamas sendo acendidas uma a uma.

— Faz um pedido!

Ao terminar de organizar e acendê-las, segurou a bandeja do bolo em uma altura próxima ao rosto da namorada.

— Não sei o que pedir...

— Qualquer coisa, mas algo que esteja dentro do seu coração. Pensa direitinho.

— Hum... Deixa eu ver... — Fechou os olhos por breves segundos antes de reabri-los e soprar todas as velas. Laura, empolgada, bateu palmas e a envolveu em um confortável abraço.

— Feliz aniversário, meu amor.

— Obrigada! — Elisa sorriu e retribuiu com um beijo no topo da cabeça.

— Vamos comer? Vou buscar pratos e talheres.

Laura se ausentou, mas logo retornou com o que havia se proposto ir buscar. Contudo, não eram apenas pratos e talheres que estavam em suas mãos; a gerente também carregava uma embalagem de presente.

— L-Laura... Não precisava se incomodar com isso — disse envergonhada, sentindo as bochechas arderem. Certamente estavam feito morangos, assim como Vitor havia dito uma vez — *pensou.*

— Presentear a mulher que eu amo jamais será um incômodo. Maaaas, antes de abrir o presente, vamos experimentar o bolo?

— Vamos! — Elisa esboçou um contente sorriso e começou a partir uma fatia. — Pra você — disse ao entregar o primeiro pedaço à namorada. Em seguida serviu a si mesma, e logo encostaram contra a borda da mesa enquanto comiam.

— Hummm, está uma delícia!

— Está mesmo. — A morena concordou. — Obrigada por isso, Laura. Já nem lembrava a última vez que assoprei velas no meu aniversário.

A mais nova nada comentou, limitou-se a observar a felicidade claramente estampada na face da morena. Por mais que ouvisse dela frases como “não precisava se incomodar”, sabia que no fundo o que Elisa mais

queria e precisava era sentir-se querida e importante para alguém outra vez. E mal sabia a morena-*ou talvez soubesse*- que era grandiosamente amada, querida e importante para Laura.

— Antes de dar o meu presente, quero entregar o presente de uma outra pessoa.

— De quem? — Confusa, perguntou.

— Veja você mesma.

Elisa segurou um envelope branco e, curiosa, logo o abriu. Seus olhos e lábios curvaram-se juntos ao se deparar com um desenho composto por uma mesa, cadeira e duas pessoas. Se tratava dela em seu escritório e de um menino sentado ao lado. Vitor havia retratado uma das muitas tardes vividas ali, junto a ela. No topo da folha havia um dizer escrito de letras um pouco tortas, sem vírgula nem acento; o que a fez sorrir e se emocionar ainda mais, pois sabia que foi escrito pelo esforço e carinho do menino.

“PARABENS TIA ELISA TE AMO”

Tentou secar rapidamente as lágrimas antes que escorressem. Não gostava de chorar na frente de ninguém, mas estava sendo quase impossível evitar, tamanha a sua emoção. Em toda a sua existência nunca havia recebido o carinho genuíno de alguma criança.

— O melhor presente de todos — comentou baixinho, ao dobrar o desenho e devolvê-lo para o envelope. Futuramente, o guardaria juntamente ao desenho que Laura fez dela.

— O Vitor gosta muito de você.

— E eu dele.— Sorriu.

— Agora vamos ao meu presente? Admito que eu não sabia o que te dar. Pensei, pensei e repensei, mas não chegava a qualquer conclusão. Você já tem tudo, então fica muito difícil encontrar coisas legais e diferentes. Até que pensei em algo...— Laura parecia receosa. — Não sei se vai gostar ou odiar, a escolha foi um grande risco.

— Vindo de você, posso querer te enforcar ou te encher de beijos. Você desperta essas duas vontades.

— Pois é! — Riu sem jeito. A loira estava verdadeiramente nervosa. — Bom, aqui está...

Elisa pegou a embalagem com delicadeza e começou a abri-la. Haviam algumas folhas de seda dentro da sacola de papel.

— O que será...— comentou ao mergulhar a mão até o fundo e encontrar um pacote de plástico transparente com o presente.

Assim que os olhos castanhos caíram sobre o conteúdo, o coração de Laura disparou. Suas mãos transpiravam, e incontáveis pensamentos atravessavam sua mente. Estava nervosa, aflita e com medo de ter estragado o dia da namorada. Elisa, por sua vez, estava em silêncio. Seus olhos marejaram e suas mãos logo trataram de abrir aquela embalagem para segurar a peça na mão. Era delicada, de tecido macio. Logo identificou que se tratava de um linho.

— Pode pôr em mim?

O pedido de Elisa quebrou o silêncio e aliviou a agonia do coração de Laura, que prontamente se aproximou e uniu alguns fios do cabelo castanho para trás. Com delicadeza, segurou o acessório de linho em sua mão e o prendeu bem ali, na parte traseira. Garcia a havia presenteado com um laço azul, assim como Patrícia fazia. O apetrecho, tão carregado de significados e alegremente aceito por Elisa, simbolizava carinho e cuidado. Através dele e de Laura, a morena percebia que embora os anos passassem, nem tudo precisava mudar, pois os laços fraternos se estendem além do tempo.

— E-eu nem sei o que dizer. Você e o Vitor me pagam! — Em meio as palavras, Elisa secava as lágrimas o mais rápido que conseguia. — Foram os presentes mais bonitos que eu poderia receber. — Com alguns passos para frente, alcançou a face da namorada e acariciou-a com a ponta do polegar. — Obrigada, tudo isso é muito especial pra mim...

— Também é especial pra mim. — Sorriu sem desviar as íris verdes daqueles globos castanhos que a olhavam tão profundamente.

— Eu te amo, Elisa.

— Eu...

A mais velha também queria dizer que a amava, mas existia algo em sua garganta que a fazia recuar. O coração batia em um impulso apressado cada vez que a palavra “amor” povoava seus pensamentos. Sentia como se o peito fosse explodir de emoção, tamanho o seu nervosismo. Ela a amava tão grandiosamente e de uma forma tão genuína, que não sabia como controlar a intensidade de tudo que estava sentindo. Era tão inédito, forte e bonito, que Elisa ainda precisava aprender a viver o amor.

— Vamos indo? Seu aniversário não acaba aqui. Lembra que eu quero fazer algo com você? Está nos esperando lá fora. — Laura a cortou, sabia exatamente o que a namorada queria dizer e ansiava por aquele momento; no entanto, possuía consciência de que não seria agora.

— Vamos. — Sorriu.

Cobriram e guardaram o bolo dentro do frigobar e se moveram para o lado de fora.

— Onde você conseguiu essa moto, Laura?!

— Eu tenho os meus contatos! — Piscou. — Pronta para cruzar a noite de Hills Dale?

— Nunca subi numa moto, eu... *Tenho medo* — disse a última frase baixinho, envergonhada.

— Por isso mesmo eu quero te fazer viver algo novo essa noite. Não vamos a lugar algum, apenas desfrutar a paisagem dessa cidade tão bonita. Vem? Confia em mim.

— Ahh, por isso você me pediu pra vir trabalhar de calça e tênis! Agora eu entendi tudo!

Laura sorria para ela de um jeito travesso; desarmando-a e a impossibilitando de dizer não para ela. Elisa subiu na moto e agarrou-se à cintura da namorada. Laura pilotava devagar para que pudessem apreciar a beleza de Hills Dale à noite. Sem pressa para se despedirem, Elisa desfrutava da brisa que tocava não somente seu rosto, mas também seus cabelos, que voavam juntamente à fita que fazia a composição da extensão de seu laço azul. Ali, sentindo o calor que emanava do corpo de Laura, a mulher podia jurar que haviam feito um acordo com o tempo, pois quando estavam juntas eram tão felizes, que as horas passavam em um ritmo somente delas. Ora o tempo corria, ora parecia parar.

Cruzaram dezenas de ruas, o suficiente para que a mais velha se perdesse na contagem. Sentia um frio na barriga que não sabia dizer se era medo da moto ou os sentimentos por Laura. Talvez fossem os dois. Elisa estava tão feliz, que ousou mirar o horizonte, onde o céu e a cidade de Hills Dale se encontravam. Ali, naquele cruzamento, fez um pedido. Desejou que os últimos meses de sua vida não fossem um sonho, e que ao abrir os olhos pela manhã, aquela bonita realidade não se esfumaçasse com o vento. Pediu para viver todos os dias, meses e anos assim; com bolos de aniversário,

laços azuis, desenhos de criança e velas que acendiam não somente sua noite de aniversário, mas também seu coração.

— Laura... — chamou-a baixinho, com o rosto quase apoiado sobre o ombro da outra.

— Oi, aconteceu alguma coisa? — Perguntou sem desviar a atenção da rua.

— N-não... Eu só queria dizer que nunca vou esquecer você.

— Mais um ponto em comum, porque eu também nunca vou te esquecer.

Laura não poderia ver, mas Elisa suspirou e abriu um largo sorriso ao escutar aquelas palavras. Os braços da morena se fecharam com ainda mais confiança na cintura a frente, e o olhar buscou por todas as luzes da cidade. Estava inteiramente em paz.

— *Feliz aniversário, Elisa*.



Era dezembro, o mês mais aguardado por Elisa, Laura e o pequeno Vitor — que pulou de alegria meses atrás quando foi convidado para fazer uma viagem. Sua felicidade se ampliou ainda mais assim que a tia Laura – como costumava chamá-la – anunciou que ela e Elisa seriam suas madrinhas a partir de então. A proposta foi anteriormente feita à Vinícius: tanto sobre a viagem quanto o pedido para se tornarem madrinhas. Assim que o irmão mais velho concordou, deram as boas notícias ao menino.

Poucos meses antes de dezembro chegar, começaram os preparativos. As madrinhas se encarregaram de levá-lo para comprar roupas de inverno e o que mais precisasse. Casacos e botas de neve foram os acessórios mais adquiridos, visto que dezembro em Nova York pode atingir temperaturas consideravelmente baixas.

Hills Dale, 15 de dezembro de 2021

Ao caminhar pelo corredor de embarque cinco horas da manhã, as pernas de Vitor travaram a pouco menos de dois metros da entrada do avião. Seus olhos, um pouco arregalados, pareciam assustados. Toda a empolgação que o arrebatara nos meses pré-viagem havia se desfeito ali; na incerteza dos passos a seguir.

— Aconteceu alguma coisa, Vitor? — A loira se mostrou preocupada.

Ele praticamente gaguejou algumas palavras em resposta. Estava com medo da experiência nova que viveria dentro do avião, mas não quis admitir. Falou qualquer coisa inaudível e se manteve paralisado enquanto outros passageiros seguiam o fluxo normalmente.

— Acho que está com medo. — A morena se pronunciou. — Não está, Vitor? — O menino negou com a cabeça.

— E agora? Vamos voltar? — Indagou a loira, preocupada com a situação.

— Não, deixa comigo. — Piscou, poucos instantes antes de se agachar à altura de Vitor para que pudessem ter uma troca direta de olhares.

— Não estou com medo, tia... — Ele tentou argumentar, mas Elisa sabia que estava mentindo.

— Ei, tudo bem sentir medo, ok? Eu também tenho alguns.

— Você tem? Mas você é adulta.

— Deixa eu te contar um segredo... — Marques aproximou a boca ao ouvido de Vitor e sussurrou: *adultos também sentem medo, até mesmo de avião*.

— Você tem medo de avião?

— Não, eu não tenho. Mas aposto que a tia Laura tem, olha a cara de pânico dela, está mais branca que nunca desde que pisamos no aeroporto.

— Que história é essa? Eu não tenho medo de andar de avião!

A resposta da loira fez Vitor cair na gargalhada.

— Ela tem. — A morena cochichou, proporcionando um riso ainda maior ao menino. Aproveitou-se do momento em que a tensão de Vitor se desmanchou, para encorajá-lo a entrar no avião. — Ainda somos melhores amigos, não somos?

— Somos.

— Você confia na sua melhor amiga? — Ele acenou positivamente com a cabeça. — Então eu te garanto que nada de ruim irá acontecer. — Sorriu, no mesmo momento em que levou a mão aos cabelos da criança e os acariciou.

— Eu confio em você! — Disse, por fim, sendo convencido.

Laura, ao observá-los, sorriu orgulhosa com o desenvolvimento da namorada. Ela realmente levava jeito com crianças – *pensou*.

Dentro do avião, Vitor sentou no assento do meio. Sua localidade proporcionou conforto físico e mental, pois muito desfrutava estar entre aquelas mulheres que, desde que entraram em sua vida, a fizeram mudar para melhor.

Laura Garcia ganhou um mês inteiro de férias, mas a estadia em Nova York seria por quinze dias. Mesmo ausente do antiquário, ficou encarregada de fazer a comunicação com todos os funcionários; principalmente com Débora, que estava atuando de gerente durante dezembro. A relação de Elisa Marques com os funcionários havia evoluído. Atualmente, já não entrava e passava pelo salão como se não existissem pessoas ali. Aprendeu a cumprimentar a todos e até mesmo a chamá-los em sua sala quando preciso. No entanto, as demais atividades permaneciam no encargo de Laura, pois a chefe ainda possuía algumas muitas limitações sociais.

Nova York

Desembarcaram após aproximadamente dez horas de um voo tranquilo. Agradeceram aos céus por estarem agasalhados, em razão da diferença climática exorbitante. Vitor estava sendo o mais afetado pela baixa temperatura; suas bochechas adquiriram um tom rosado e seus dentes tremiam com os movimentos involuntários da mandíbula. Por sorte, Marques havia alugado uma casa com lareira para aquela temporada. Quando entraram no imóvel, a morena pediu para que o menino tomasse um banho quente para se aquecer. Ela e Laura fariam o mesmo logo em seguida.

De banho tomado, começaram a desfazer as malas em busca de agasalhos. Todos estavam ansiosos para conhecerem o imóvel, mas, tendo em vista que já era oito horas da noite, sairiam para jantar e conheceriam melhor a casa quando retornassem. Enrolado na toalha, Vitor resmungava de frio, então Elisa escolheu com atenção as peças que ele usaria naquela noite. A loira, de onde estava, os observava atentamente enquanto desfrutava do cuidado que a namorada tinha com ele. Não conseguia deixar de pensar na magnífica mãe que Elisa seria.

— Assim eu não vou conseguir me mover, tia. Estou duro e pesado de tantas roupas — anunciou Vitor, com a perna suspensa para que a mais velha pudesse vesti-lo com uma bota felpuda de cano longo.

Elisa soltou uma baixa risada e começou a vestir o par de luvas naquelas pequenas e geladas mãos.

— Você vai acabar se acostumando, é melhor que ficar tremendo de frio, não acha?— Disse com suavidade na voz, ao mesmo tempo em que terminava de arrumá-lo. — Se sair sem essas roupas, vai acabar virando um boneco de neve. Não queremos isso, não é, Laura?

— Não mesmo! Tem que sair bem quentinho, rapaz.

Para finalizar a composição do visual da criança, Elisa enrolou um cachecol no pescoço e depositou um gorro de lã na cabeça.

— Está o menino mais lindo de toda a Nova York! — Disse ela, com um sorriso nos lábios, orgulhosa de si mesma por ter conseguido atender as necessidades de Vitor.

Laura e Elisa se deram as mãos, e o menino ia quase saltitando caminhando um pouco à frente das duas. O inverno realmente castigava as ruas de Nova York, fazendo Laura dar narigadas na bochecha da namorada para que ela sentisse o quão gelado estava a ponta de seu nariz. A cada instante que juntos passavam, mais a loira reforçava a certeza de querer colecionar momentos ao lado daquela mulher. A amava em cada detalhe que a fazia única; como quando se isolava no escritório para se deliciar com um vidro de palmito. Aprendeu a amá-la em sua totalidade; e isso incluía o passado e as dores de Elisa. E mais do que amá-la, sabia respeitá-la; principalmente em seu silêncio. Laura sabia que Marques também a amava, mesmo que nunca tivesse exposto em palavras. O amor de Elisa vinha dos detalhes minuciosos, das noites em que se aconchegavam em concha, dos dias que partilhavam risadas dentro do escritório até a barriga doer. As implicâncias sem razão de ser também eram uma linguagem do amor.

Conforme caminhavam em direção ao restaurante localizado na primeira rua à esquerda de onde estavam hospedadas, Laura observava com atenção o fluxo de pessoas e suas vestimentas, assim como a arquitetura das casas ao redor. Já o pequeno Vitor parecia mais interessado nos diálogos entre as pessoas que passavam por ele. Por se tratar de outro idioma, não conseguia compreender uma palavra do que diziam, mas se mostrava observador.

— *Uooooou*!

Essa foi a reação da criança ao entrar no restaurante e ver que todo ele estava decorado para o natal. Haviam luzes, bolas e guirlandas em toda parte. Marques se viu um pouco incomodada pela quantidade de pessoas lá dentro; contudo, o grande fluxo era completamente compreensível e esperado para aquela época do ano.

— Está gostando, Vitor? — Ela perguntou. A felicidade estampada na face da criança era tamanha, que se viu perdida naquele sorriso sincero e esqueceu por completo a quantidade de pessoas ao redor.

Acomodados à mesa, a morena lia o cardápio junto à Laura, e auxiliavam o menino na escolha do que comer. A localidade onde estavam era próxima a uma parede de vidro que possibilitava a visão da calçada do lado de fora. Vez ou outra, o olhar curioso e vívido de Laura olhava através da transparência para observar um pouco mais das luzes da cidade.

— O que vocês mais querem fazer amanhã?

— Brincar na neve! — Laura e Vitor responderam em conjunto.

— Acho que tenho duas crianças bem aqui. — A morena implicou; esboçando um sorriso no canto dos lábios.

— Quero fazer bonecos de neve! Como nos filmes! — Vitor ressaltou.

— Eu também quero! — A loira embarcou na ideia. — Podemos levar cenoura de casa para criarmos o nariz.

— Sim! — Exclamou o menino, achando o máximo aquela ideia.

— Combinado! Então amanhã a gente vai no Central Park criar bonecos de neve!

— *Uhuuuuuu*! — Vitor bateu palmas, enquanto Laura sorria de orelha à orelha.

— E você, amor? O que quer fazer? — Perguntou a gerente, carinhosamente, ao olhá-la.

— Hum... Estive pensando em patinar no gelo, quero viver essa experiência.

— Eu topo!

Após o jantar regado a planejamentos sobre o dia seguinte, Laura mencionou que em algum momento ao longo da viagem gostaria de conhecer alguma das estações de esqui próximas a Nova York, de

preferência a *Mountain Creek*. Elisa prontamente abraçou a ideia e disse que acrescentariam aos planos.

Ao deixarem o estabelecimento com o estômago e corações aquecidos, foram pegos por uma fraca e fina chuva congelada. Não era neve, como pensaram de imediato, mas se tratava de uma situação climática diferente da existente em Hills Dale. Interessados, todos abriram a palma das mãos para tocarem o gelo. Laura até ousou tirar as luvas, porém, o ato de coragem durou poucos segundos; apenas o tempo o suficiente para sentir a textura e a sensação gélida entre seus dedos.

Retornaram à residência animados; tecendo planos para o dia seguinte. “Congelados” também era um adjetivo que os descreveria naquele momento. Por sorte, Marques lembrou-se de passar em um mercado de bairro para abastecer um pouco a dispensa. Chocolate quente seria o herói de Laura e Vitor naquela noite, enquanto Elisa tomaria um leite com canela.

Na cozinha, a mais velha preparava as bebidas ao mesmo tempo em que Laura, em um dos quartos, livrava a criança daqueles agasalhos de rua e o vestia com quentes e confortáveis pijamas.

— Tia Elisa, como estou? — Perguntou, aparecendo inteiramente agasalhado na porta da cozinha. Havia uma pantufa felpuda em formato de botas em seus pés.

— Eu acho que você está o menino mais bonito e quentinho de Nova York — o respondeu com um sorriso no rosto ao esticar o braço e entregar o chocolate quente.

— E eu, como estou?

Agora foi a vez de Laura aparecer. A loira usava um conjunto de moletom, meias e uma touca estampada.

— A mulher mais linda que os meus olhos já viram. — Elisa caminhou até a namorada e a beijou no topo da cabeça antes de entregar a bebida. — Pode ir acendendo a lareira enquanto eu me troco?

Havia um tapete de cor bege enfeitando o centro da sala. Seu tamanho era grande o suficiente para comportar a família de três sobre ele. Sim; Elisa, Laura e Vitor estavam construindo uma relação familiar fundada

nos laços do coração. Se gostavam, se respeitavam e se cuidavam como uma família deveria fazer.

— Cuidado pra não encostar nas chamas — alertou Marques, vendo a criança aproximando cada vez mais as mãos na lareira.

— Você daria uma ótima mãe, é uma pena não estar convencida disso...

— Infelizmente eu te desapontaria nesse ponto. Há questões que preciso trabalhar em mim, antes de acabar transmitindo indevidamente a uma criança. Talvez um dia, quem sabe, quando eu sentir que estou curada de algumas feridas.

Elisa parecia reflexiva, e Laura não mais argumentou sobre aquele assunto. Todavia, sentiu-se esperançosa ao escutar a palavra “talvez” saindo dos lábios da amada. O que antes parecia uma decisão impossível de ser tomada, agora, já era algo a se pensar. Não que Laura desejasse ter filhos com ela da noite para o dia. Mas, de alguma forma existia uma ideia fixa de ver o casarão preenchido por luzes e pelas risadas espontâneas das crianças.

— Estou tão empolgada para tudo o que vamos fazer nessa viagem — disse Laura, com a cabeça apoiada no ombro da mais velha. Estavam lado a lado e observavam Vitor alguns centímetros a frente; distraído com o queimar das lenhas.

— Também estou. É muito diferente perceber que posso me alegrar apenas com a alegria de vocês dois. Não sei explicar, é como...

— Uma felicidade partilhada.

— Exatamente. Nunca imaginei que fosse me sentir assim em relação a alguém, mas acontece quando se trata de vocês. Ver o sorriso dele, por exemplo, me faz sorrir, me causa um bem estar indescritível.

— Compreendo perfeitamente. É normal quando amamos alguém...

Elisa esboçou um sorriso doce e tímido, mas sem desviar os olhos das costas de Vitor. Sua mão procurou pela da loira, e seus dedos se fecharam contra os dela. Marques amava aqueles dois seres humanos mais do que a razão poderia explicar. Seu coração batia apressado, a tempo em que algo teimava em querer subir por sua garganta e sair de seus lábios em forma de palavras. Elisa queria verbalizar aquele sentimento, mas limitou-se a sentir o calor que emanava daquele corpo tão prazerosamente junto ao seu.

Antes de se recolherem na própria cama, cobriram Vitor no quarto ao lado. A noite estava gélida, então se certificaram de aquecê-lo devidamente.

— Boa noite, tias! Não esqueçam de me acordar amanhã! Nem pensem em sair sem mim!— Disse ele, antes de vê-las cruzar a porta.

— Não te esqueceríamos por nada nesse mundo, agora durma pra levantar disposto.— Laura respondeu.

— Sim, capitão!

As duas sorriram e enviaram para ele um beijo no ar, antes de apagarem a luz e seguirem para o cômodo ao lado.

— Vitor andou assistindo muito "*Esqueceram de Mim*"— comentou a loira, aninhando-se debaixo das cobertas.

— Adoro esse filme!

— Meu Deus, amor! Você realmente adora filmes trágicos.

— Esse não é trágico, vai? É de humor!

— Oh sim, uma criança esquecida em casa pelos pais não é nem um pouco trágico.

— Pois eu me divirto muito! Aquele garoto é um verdadeiro sociopata.

— Se identifica? — Implicou.

— Um pouquinho — riu. — Mas, beeem pouquinho.

— Seeeeei.

— Eu adoro mergulhar na vibe '*início dos anos noventa'* com esse filme. Tem até secretária eletrônica! É incrível ver a tecnologia daquela época e o quanto avançamos atualmente. Sem contar que o Macaulay Culkin era uma graça de criança.

— Não tenho nem como discordar, dá vontade de apertar!

— Demais! — Elisa terminou de se acomodar dentro das cobertas e entrelaçou as pernas com as da namorada. — Estou tão feliz, Lau — disse repentinamente, mudando de assunto.

— É? Feliz quanto?

— Muito. Tanto que mal cabe em mim...

— É bom te ver assim, você merece todas as coisas boas que a vida tem a oferecer. — Sorriu. — Como vem se sentindo diante a tudo que andou te acontecendo?

— Um pouco temerosa, mas em paz. Tenho medo de perder tudo outra vez, só que agora eu prefiro arriscar. É melhor ter alguns momentos de felicidade, ainda que passageiros, que uma vida inteira vazia.

— Viu? É um começo.

— Acho que sim.

— Eu te amo, Elisa. Vai ficar tudo bem. E quando não ficar, a gente dá um jeito, combinado?

— Certo — sorriu. — Agora vamos dormir pra aproveitarmos o dia amanhã. Vê se não ronca.

Elisa remexeu-se na cama e abraçou as costas de Laura. Hoje ela seria a concha de fora.

— Ei, eu já falei que não ronco!

— Ronca.

— Não ronco.

— Ronca.

— Não.

— Sim, e ponto final.

— Mandona!

— Loira abusada.

— Vai dormir, vai amor.

— Só se você não roncar.

— Shiu!



O dia começou cedo para o casal. Mas, não tão cedo quanto para o pequeno Vitor, que as aguardava na porta do quarto, completamente vestido.

— Finalmente acordaram! Já podemos ir?

As duas se entreolharam e riram com a empolgação do menino. O café da manhã foi feito em total animação por parte dos três. Recolheram somente o indispensável, apanharam um táxi e seguiram para o Central Park. Durante o trajeto, os olhares de Laura e Vitor eram os mais atentos e curiosos à paisagem. Conforme olhava para as ruas de Nova York, um filme

passava pela mente da loira, com direito a uma trilha sonora que começou a ser cantarolada por seus lábios:

— *In New York, concrete jungle where dreams are made of, there's nothin' you can't do. Now you're in New York. These streets will make you feel brand-new, big lights will inspire you. Let's hear it for New York.*

Vitor conhecia a canção, então decidiu acompanhá-la no refrão:

— *New York, New York, New Yoooork*!

Sentada na ponta direita do banco do automóvel, tendo Vitor no meio e Laura no extremo esquerdo, a morena desviou o olhar da janela e o repousou sobre a interação dos dois. Estavam tão empolgados cantando, que elevaram a voz e começaram a mexer os braços no ritmo. Elisa sentiu como se a felicidade deles estivesse se espalhando por todo o pequeno espaço do veículo. Era uma felicidade tão tamanha, que a estava possuindo, preenchendo e contagiando.

— Olha, Vitor! Neve! — Apontou Laura, o fazendo esticar-se e olhar pela janela.

Como uma espécie de presente para a loira, a neve caía lá fora e tocava todas as superfícies das ruas de Nova York. A caminho já era possível avistar a cidade coberta pela camada branca que fazia seus olhos verdes brilharem. Quando o táxi estacionou e puderam descer, Laura logo observou a neve entrar em contraste com o tom cinza de suas vestes. Retirar as luvas e enfia-las nos bolsos do casaco foi seu primeiro movimento; afinal, precisava sentir e tocar o seu sonho com as mãos. Para ela, estava sendo mágico percorrer os dedos pelas superfícies gélidas e recobertas de neve conforme avançavam para dentro do Central Park. Toda a paisagem era um lindo fundo de árvores com suas folhas e galhos adornados pelo branco.

Com a câmera do celular, Elisa registrava cada momento para que, mais tarde, a namorada pudesse revivê-lo sem pensar ter sido um sonho. Poder visualizar as expressões que Laura esboçava agora, fazia cada minuto daquele passeio valer a pena.

— *Vem, meu amor*!

E quando era chamada daquela forma, sentia como se a vida ainda valesse a pena ser vivida. Em sua mente, Elisa possuía muitas ambições

para aquela viagem; planejava levá-los para conhecer muitos pontos turísticos no decorrer das semanas que passariam juntos. No entanto, nada do que fizessem seria mais memorável que o dia de hoje; onde Laura Garcia realizava um sonho.

— Anda logo, tia Elisa!

O chamado de Vitor a fez sair dos devaneios e juntar-se a eles. Logo, começaram a construir um boneco de neve em uma localidade próxima a uma árvore seca. O menino aproveitou e colheu alguns galhos espalhados pelo chão para criar os braços. Dentre os *objetos indispensáveis* que carregaram consigo antes de saírem de casa, estava a cenoura que serviria de nariz. O toque final foi dado por Elisa, que fez questão de desenrolar o cachecol e envolvê-lo no boneco de aproximadamente um metro e meio de altura.

— Para uma primeira vez, até que está ótimo! — Comentou a loira. — Um belo trabalho em equipe.

Os três bateram palmas para a criação e tiraram algumas fotos para registrar o momento. E por falar em registros, Vitor capturou alguns beijos entre elas.

— *Agora vamos de...*

Vitor carregava uma expressão maliciosa na face. Em suas mãos havia um punhado de neve macia que ele apalpava cada vez mais. Quando Elisa se deu conta do que ele ia fazer, tentou se esquivar, mas foi tarde demais; terminou sendo acertada na região do ombro.

— ... *Guerra de neve*! MUAHAHA! — Ele gritou e riu com entonação *demoníaca*, atraindo o interesse da loira para a brincadeira.

Quanto mais Elisa corria, mais grandiosamente sorria. Sentia-se novamente uma criança; como quando sua mãe lhe contava histórias, ou quando o pai a colocava sobre os ombros e a levava para sobrevoar pela casa. Cada vez que as bolas de neve a acertavam, era também o carinho de Laura e Vitor tocando o tecido de seu agasalho. Eram lançamentos de afeto, alegria e cumplicidade.

— Dois contra um é golpe baixo! — Gritou para eles. Tentou se munir de neve para acertá-los, mas Laura correu em sua direção e a derrubou sobre a maciez da neve.

— Fim da linha pra você, Elisa Marques. — Disse em tom divertido, com seu corpo sobre o dela.

Elisa sentia alguns arrependimentos em sua vida, e o principal deles era o de ter errado consigo mesma ao longo de todos esses anos. Suas versões do passado: criança, adolescente e adulta tiveram momentos, emoções e sonhos roubados pela incapacidade de enxergar que existia uma segunda chance do outro lado do muro. O muro dos seus medos, do seu choro, das suas angústias e incertezas. Hoje, nesse exato segundo, com Laura sobre seu corpo e a risada de Vitor ao fundo, sabia que a partir dali não mais haveria lugar para arrependimentos. Escolher ser amada por aqueles dois foi a melhor e mais assertiva decisão de sua vida. E amá-los de volta, foi uma das mais lindas consequências.

— *Laura, eu...*

O par de esmeraldas a olhava com interesse, como se naquela paisagem de fundo não existisse nada mais importante que a face de Elisa e as palavras que saíam de seus lábios. Laura a amava cruamente, na origem do sentimento. Amava quem ela é, e não uma idealização. E Marques a queria com a mesma veracidade.

— Sou toda ouvidos.

Sussurrou, aproximando a face até sentir o hálito quente de Elisa tocar a pele de seu rosto naquela fria manhã. Não era somente o calor de Marques que estava sendo transmitido; as batidas aceleradas do coração, também. A mão macia e delicada da morena alcançou os fios loiros e soltos, e uma vez mais os colocou atrás da orelha, que estava coberta pela touca de inverno. As bochechas de Laura estavam rosadas, e a ponta gélida de seu nariz se fazia eventualmente sentida contra a face da outra.

Antes de dar continuidade à fala, Elisa fechou os olhos brevemente para absorver a amplitude daquele momento e do que estaria por vir. Durante aquele um ano e meio de convivência, seu tabuleiro virou do avesso – ou talvez tenha desvirado, e as peças retornado ao eixo. A mulher em cima de si, com espontaneidade e perseverança, veio rompendo todos os seus silêncios ao longo do tempo; tomando um lugar de confidente e se tornando a mulher para quem Elisa contava sobre os sonhos que aprendeu a tecer. Ela acreditava em pouquíssimas coisas nessa vida, e uma dessas coisas era na grandeza e na sinceridade do que partilhavam. Não restavam dúvidas quando sua respiração se tornava ofegante e até seu coração batia forte; como um canto de amor para aquela mulher.

Ao reabrir os olhos, as palavras saíram murmuradas por seus lábios em um só fôlego. Lábios esses, que foram feitos *apenas para o toque de Laura*.

— Eu... *amo você*.

Aquelas palavras paralisaram Laura Garcia por inteiro. Por tanto tempo desejou ouvi-las, que até mesmo sonhou. Em seus sonhos, aquele momento parecia realidade. Agora, na realidade, assemelhava-se a um sonho...

— Ei, vocês duas! Chega de namorar! Venham brincar! — Gritou Vitor, e de repente Laura sentiu um lançamento de neve contra as costas, a trazendo do transe proveniente da declaração.

— *Eu também te amo* — sussurrou de volta, antes de ser acertada por mais uma bola de neve. — Vamos pegar esse garoto? — Elisa assentiu com a cabeça, então rapidamente levantaram e correram em direção ao menino, munidas com neves nas mãos.

Se envolveram em uma brincadeira gelada por breves minutos que durariam para sempre em suas memórias. Quando as mais velhas cansaram, sentaram-se em um banco que havia por lá para recuperarem o fôlego. Elisa, a mais cansada, deitou com uma parcela do corpo apoiada na namorada. Com o passar dos minutos, o corpo, que antes se aqueceu com a brincadeira, começou a perder o calor. Ao perceber que Elisa se tremia, Vitor tirou o cachecol e enrolou em torno do pescoço da mulher.

— Oh meu bem, não precisa, você vai sentir frio.

— Deixa eu ser cavalheiro com você, tia Lisa.

Vitor era tão doce e carinhoso que, à Elisa, só restava derreter-se por dentro. Ela sempre ouviu dizer que a nossa felicidade não pode ser depositada nas mãos de outras pessoas, mas, na prática, não conseguia pensar em uma forma de felicidade maior que aquela, bem ali, ao lado das únicas pessoas que importavam. No aconchego daquele colo e nas pequenas mãos de Vitor envolvendo o acessório em seu pescoço, percebeu que a teoria de Laura se concretizava: *a vida nunca nos rouba algo sem nos agraciar em troca*.

“Amo você.”

Aquelas palavras ecoaram nos pensamentos de Laura durante todo o dia, até o anoitecer; quando aninharam-se no calor dos lençóis e Elisa pôde repeti-las de novo, de novo e de novo...



Os quinze dias em Nova York passaram tão repentinamente que Laura desejou ter um *vira-tempo* para voltar ao passado e reviver os dias mágicos. Elisa estivera entregue e sorridente durante toda a viagem; despertando na mais nova uma forte vontade de programar algo juntas, de novo, o mais rápido possível. Desembarcaram no aeroporto da cidade vizinha e tomaram um táxi para Hills Dale por volta de sete horas da noite. Hoje, Vitor dormiria na imensa casa de Elisa que tanto gostava. Brincar de esconderijo era seu passatempo favorito quando estava por lá. Cômodos para se esconder enquanto ouvia a voz da loira ou da morena chamando por ele, não faltava.

O retorno para Hills Dale trouxe consigo um forte gás nas duas mulheres, principalmente em Marques, que já estava ansiosa para voltar à rotina e pôr as coisas nos lugares. Débora havia desempenhado um bom papel durante as férias de Laura, a chefe precisou admitir. No entanto, algumas questões, como a limpeza e arrumação da loja, não estavam totalmente a seu agrado. Foi um detalhe pequeno, mas que sua gerente Laura prontamente tratou de pôr em ordem. A loira também consertou um dos computadores do caixa que acabou ficando inutilizado na última semana. Era um alívio tê-la de volta — *Débora pensou*.

Elisa retornou animada para o trabalho, tecendo planos para colocar em prática a ideia sobre expandir o antiquário para o andar de cima. Tal feito seria possível somente no ano seguinte, quando a morena pudesse

conceder férias coletivas aos funcionários. Todavia, nada as impedia de já criar o planejamento e anotar todas as ideias.

— Amor, será que você não sabe contar em voz baixa? Está me desconcentrando.

A viagem à Nova York havia sido um marco na vida de Laura. Além de realizar o sonho de ver a neve, foi em uma visita à estátua da Liberdade que foi chamada de “amor” pela primeira vez. A forma carinhosa que a palavra saiu dos lábios avermelhados de Elisa fora tão natural, que Laura sorriu ao mesmo tempo que sentiu o coração apertar de tanta ternura. Amava muitas coisas naquela mulher, mas sem dúvida, a maneira genuína como Elisa se comportava, era a maior delas.

— Já avisei setenta e nove vezes que não consigo contar em voz baixa. Deixa de ser implicante!

— A implicante é você.

Faziam o fechamento do caixa entre reviradas de olhos e respirações profundas. Era difícil deduzir qual das duas conseguia perder a paciência mais facilmente. Elisa era extremamente implicante, enquanto Laura não deixava barato. *Velhos costumes*.

— Acho que deveria admitir que a minha voz desconcentra você de outras formas.

— Vê se te enxerga, Garcia. Você não é essa coisa toda. — Implicou, instantes após concluir a própria contagem.

— Algo me diz que sou sim.

Com um sorriso travesso nos lábios, a gerente também concluiu a tarefa e pôs o computador para desligar.

— Ah é? As vozes na sua cabeça?

Elisa falava enquanto saía do balcão e ia caminhando em direção ao banheiro para lavar as mãos após ter manuseado o dinheiro.

— Bom, elas também — respondeu, um pouco após se unir a ela na pia.

Segurando um riso no canto dos lábios, a morena deixou o banheiro e seguiu para o escritório. As palavras de Laura ressoavam logo atrás de si.

— E o que essas vozes dizem? — A mais velha estacionou os passos, virou o corpo de frente para a namorada e encostou contra a borda

da mesa.

— Que você é louca por mim, Elisa Marques. *E que minha voz te deixa sem norte...* — disse a última frase baixinho, com o rosto a uma curta distância da face da mais velha.

— Pelo contrário... — Elisa levou o indicador até os lábios de Laura e a calou. — Ela me faz *encontrá-lo.*

A gerente sorriu contra o dedo da namorada, o segurou e fez a mão tocar sua cintura a tempo em que seu corpo se aproximava do dela. Elisa há tempos conhecia a malícia estampada na face da loira, e não conteve a vontade de sorrir para ela com a mesma energia. Sentir aquele corpo tocando o seu era uma sensação que, pouco mais de um ano atrás, Elisa julgaria ser impossível de desfrutar. No entanto, ironicamente, se tornou seu contato, seu amparo, seu aconchego e seu calor favorito.

Os beijos de Laura foram sentidos no queixo e pescoço, para logo depois percorrerem a pele exposta do colo. Os primeiros botões da camisa de Elisa foram abertos, permitindo a visão parcial dos seios cobertos por um sutiã escuro. O caminho entre os seios foi marcado pelos lábios da loira, que beijava a região com volúpia e carinho. Houve um instante em que Elisa olhou para porta e lembrou da invasão que ocorrera ano passado quando Rogério saqueou o antiquário. Um frio gelado percorreu sua espinha, mas a sensação logo se esvaiu quando as carícias da namorada se tornaram mais intensas, a ponto de fazê-la sentir um aquecimento na pele. Estavam a sós após um longo dia de expediente, poderiam ir embora, mas existia uma urgência que necessitava ser sanada ali, agora, naquela sala, entre os pertences profissionais de Elisa.

Um porta canetas foi ao chão quando Laura a sentou sobre a superfície da mesa. O ocorrido sequer foi notado por elas, visto que estavam envolvidas pela troca de carícias. Encaixou-se entre as pernas da mais velha e apoiou uma mão em cada coxa parcialmente coberta pela saia. Seus lábios alcançaram o vermelho rubro quase sempre presente na boca de Elisa, e começou a borrá-lo com desejo, oferecendo um roçar suave que se misturava ao hálito quente. O batom, aos poucos, transpassou para os lábios de Laura conforme os movimentos aumentavam. As línguas se buscaram ansiosas, mas se tocaram com suavidade, calmaria e lentidão. As mãos ávidas de Laura tocaram o corpo da mulher à frente e deslizaram-se através do contorno que fizeram na cintura. Elisa a encarou por alguns instantes e

soltou os cabelos de Laura para ver o loiro adornar a face bem ali, em seu escritório; local onde via a gerente entrar e sair tantas vezes uniformizada, usando um rabo de cavalo alto e impecável.

— Você é linda, Laura... — elogiou ao admirá-la, poucos segundos antes de tocá-la no cós da calça e puxá-la para mais perto de si, a ponto de conseguir fechar as pernas naquela cintura.

— Não mais que você...

O olhar de Laura fixou-se aos olhos castanhos, desceu para os lábios parcialmente borrados e caiu para o colo de Elisa, onde havia um delicado colar com pingente de coração vazado. Gostava de observar os detalhes de sua mulher. As pernas de coxas grossas fecharam-se um pouco mais em seu quadril; demonstrando que Marques a queria. O rubro do batom que há pouco manchava os lábios, agora tatuava a pele do pescoço alvo através de investidas.

— Gosto quando me beija e me morde assim — afirmou ao senti-la em sua carne.

— Eu sei que sim... — murmurou a mais velha, com sensualidade na voz. Suas carícias carimbavam não somente o pescoço de Laura, mas também a gola branca da camisa.

Elisa a beijava, a mordia, chupava e a marcava na pele ao mesmo tempo em que a puxava com as pernas, fazendo Laura se inclinar parcialmente sobre ela na mesa. A loira aproveitou a posição para abrir todos os botões da camisa de Marques e beijá-la do pescoço até o meio da barriga, que era onde conseguia alcançar. As mãos da morena também abriram a camisa da mulher à frente, exibindo o abdômen e os seios protegidos pelo sutiã branco.

— Você fica tão sexy sobre essa mesa.

O comentário de Laura fez Elisa morder o canto dos lábios e sorrir com malícia; era um sorriso que apenas a gerente teve o prazer de conhecer.

— Tão elegante... Tão imponente... Tão sedutora. — Laura continuou a falar enquanto voltava a tocá-la, beijá-la e senti-la fechando as pernas em volta de seu quadril.

— Gosta do que vê? — Sussurrou contra o ouvido da gerente. Antes que Laura respondesse, ela deu continuidade na fala. — Gosta do que sente? — Em um gesto provocativo, apoiou a mão sobre a da loira que estava em sua perna, e a instigou a mergulhar para dentro de sua saia.

— Do que sinto, eu gosto ainda mais — respondeu em tom firme, tateando a coxa e percorrendo o caminho para cima. — E você? Gosta do que sente? — Agora foi a vez da mais nova provocá-la.

Fazia bons meses desde que Elisa começara a se relacionar romanticamente com Laura. E embora a química sempre tivesse existido; de lá para cá o sexo evoluiu junto com o amadurecimento do que construíam. Conforme o tempo passava, descobriam juntas os caminhos que mais lhe davam prazer.

— Gosto de tudo que me faz sentir...

Laura permaneceu adentrando o caminho por dentro da saia até alcançar o tecido úmido que a separava de seu propósito. Elisa, por sua vez, suspirou com os lábios entreabertos ao sentir as pontas daqueles dedos encontrando e friccionando sua intimidade através da fina camada da calcinha. As duas sabiam que poderiam prolongar o momento em uma divertida e excitante provocação, como muitas vezes já fizeram. Mas, hoje, tomariam um ritmo diferente; seus corpos chegaram em comum acordo sobre a urgência de se amarem naquela sala. Sem hesitar, Elisa transpassou as mãos para dentro da camisa aberta de Laura até alcançar as costas e cravar as unhas na pele macia. A loira correspondeu com o gesto impulsivo de afastar a calcinha para o lado e espalhar toda a umidade de Elisa com as pontas de seus dedos. Ela a provaria ali, como tantas vezes quisera; com a mais velha movendo-se em seus dedos e os gemidos disputando um espaço com o som da mesa rangendo.



Pela primeira vez, Elisa notava a passagem do tempo em sua vida. Desde que a parte chata da monotonia deixou seus dias, cada nova semana marcava algum momento ou fato especial. Até o simples ato de contar há quantos meses estava com Laura, era um marco importante. Presenciar o crescimento de Vitor e seu desenvolvimento escolar também era uma forma de perceber que existia um relógio simbólico sobre a vida de todas as pessoas. Passara tanto tempo presa ao passado, prisioneira das próprias angústias, vivendo dias iguais e quase intermináveis, que se esquecera do *correr do tempo*. Há poucas semanas Laura lhe presenteara com algumas

mudas de plantas para reanimar o jardim. E até o desabrochar dessas flores indicava que a vida seguia; dia após dia, apesar das circunstâncias.

Junto ao renascimento do jardim, Elisa, através de um convite da namorada, decidiu reformar a frente da casa e pintá-la. Além de renovar a pintura, mandou arrancar todas as trepadeiras secas que se espalhavam pelo corpo do imóvel. Todo aquele ar sombrio já não condizia com a luz que irradiava de seu peito. Elisa estava feliz. *Genuinamente feliz*. E conforme observava as trepadeiras secas sendo cortadas e arrancadas, pedia perdão para a criança que foi um dia. Se desculpava por ter falhado tantas vezes com ela, e tê-la destinado a uma vida tão cinza e desbotada quanto a fachada de seu lar.

Com o passar dos meses, fez modificações também no interior da casa. Não mexeu em muita coisa. Na verdade, as mudanças foram mais direcionadas à decoração e troca de alguns móveis. As cortinas escuras, por exemplo, foram substituídas por tons claros que remetiam à tranquilidade; a mesma que começara a nascer um pouquinho todos os dias, em seu interior. As luzes, que até pouco tempo atrás permaneciam quase sempre apagadas; agora estavam constantemente acesas; iluminando as paredes, os estofados, o carpete e os porta-retratos que distribuiu pelos cômodos, recheados de fotos suas com Laura e Vitor. E por falar em Vitor, o observava crescer, ao mesmo tempo que se perguntava de onde vinha a cumplicidade e conexão que partilhavam. Se ela acreditasse em reencarnação e vidas passadas, certamente afirmaria que aquele menino-atualmente com nove anos de idade- carregava a alma de seu pai; além do nome. Era inevitável se perder em pensamentos ao olhá-lo nas tardes de domingo, quando se sentava na calçada de casa, junto à Laura, e o observava andar de bicicleta. Vitor não somente ganhou seu coração, mas também recebeu um quarto apenas para ele quando quisesse visitá-la. Se tratava do antigo quarto de Suzana, que foi transferido e adaptado ao menino em uma das reformas da casa. Alguns pertences da ex babá foram doados, assim como os de seus pais. A muito custo, compreendeu que nenhum daqueles objetos os traria de volta. E que, na maioria do tempo, eles apenas serviam para que ela revivesse dolorosamente o luto. Aqueles pertences que considerava os mais especiais, manteve consigo. Era conteúdo para apenas uma caixa. O restante? Espalhou pelo mundo. Incluindo alguns colares valiosos pertencentes à sua mãe. Estes, vendeu para antiquários de outras cidades e países. Assim, a

história de Patrícia seguiria adiante e entraria em outras casas, lares e famílias. De sua mãe, ficou somente com uma gargantilha dourada, a qual deu de presente para Laura em um dia dos namorados. Seus presentes para a loira eram sempre assim: cheios de afeito e simbolismo.

Laura não poderia estar mais feliz com sua vida em Hills Dale. Escolher deixar o lugar onde nasceu e aceitar aquela duvidosa vaga de emprego foi a decisão mais assertiva de sua vida. Hills Dale era, de fato, a cidade dos sonhos. A cidade dos *seus sonhos*, e de todos aqueles que estivessem dispostos a enfrentar uma chefe carrasca com passado duvidoso e tendência ao vampirismo. *Brincadeira!*

Letícia tentou cumprir a promessa de ser mais presente na vida da filha. Laura não se sentia muito esperançosa sobre o assunto, mas estava aberta para o que estivesse por vir. Letícia até aceitou conhecer Elisa em uma das visitas que fez à Hills Dale. O encontro não foi tão fluido e agradável como quando Marques conheceu o sogro, no entanto, era um começo, e Elisa compreendeu que isso fazia parte das relações humanas.

— Amor! Anda logo! — Gritou Laura, encostada no carro. Instantes depois, observou a cortina ser afastada para dar lugar a uma silhueta feminina.

— Quantas vezes eu vou ter que pedir pra você parar com esse escarcéu debaixo da minha janela, Laura Garcia?!

— Anda! Desce logo! Estou ansiosa!

Hoje o casal estava fazendo um ano de namoro, e passariam todo o final de semana no agradável chalé. Garcia se mostrava ansiosa, com as mãos transpirando dentro dos bolsos. Ir àquele lugar sempre a deixava empolgada e com um gostoso frio na barriga. Com Elisa não era diferente, foi em seu chalé que teve a primeira noite com Laura; não somente a sexual, mas a noite em que pôde adormecer sob o calor afetivo dos braços de alguém.

— Todas as vezes que gritou debaixo da minha janela foi porque estava ansiosa? — Perguntou, algum tempo depois, quando apareceu no portão e caminhou até o automóvel.

— Ah não, nas outras foi por pura implicância mesmo!

— Também te amo, Laura. — disse em uma revirada de olhos, enquanto sentava dentro do carro.

Chegaram ao chalé por volta do meio dia. Entraram para acomodar os pertences e logo se direcionaram para a cozinha. Havia uma pilha com três barras de chocolate sobre a pequena mesa de madeira. Esse cuidado e atenção por parte de Elisa aquecia o coração de Laura. Simples gestos como esse eram os mais recheados de significados. Detalhes que reacendiam todos os dias o amor que partilhavam.

Beliscaram alguma coisa em um curto espaço de tempo, e logo saíram para explorar a região externa enquanto ainda era dia. O verde que as rodeava fornecia a paz que precisavam após longas semanas de trabalho. A companhia uma da outra era o complemento para tão bela paisagem.

Após quase uma hora caminhando em uma espécie de trilha cercada por árvores e galhos secos pelo chão, o clima meteorológico se modificou e foram pegas por uma forte tempestade no caminho. Tentaram correr para se molharem o menos possível, mas foi inevitável, já estavam encharcadas. Olharam uma para a outra e só lhes restou rirem daquela situação.

— Eu beijaria você bem aqui e agora! — Gritou a mais nova, para que sua voz sobressaísse do barulho alto da chuva intensa.

— O quê? Não entendi!

— Eu beijaria você bem aqui e agora, Elisa Marques!

Quando a morena finalmente entendeu o que ela disse, os lábios da namorada já estavam pressionados contra os dela. E foi assim que Elisa teve seu primeiro beijo na chuva, em seu primeiro aniversário de namoro.

Na manhã do dia seguinte, a mais velha levantou cedo, por volta das seis horas, e caminhou até a mochila para pegar algo que levou consigo ao chalé, e que foi o responsável por tê-la feito perder o sono tão antes do previsto. Existia uma forte inquietação em seu peito. Inquietação essa, que precisava ser sanada longe dali.

Colheu uma roupa dentro do guarda-roupas e deixou o quarto a passos suaves para que Laura não a visse sair. Em sua mão havia somente uma sacola, coragem e um pouco de incertezas. A vinte minutos do chalé

existia uma cachoeira de fluxo moderado de água correndo por cima de grandes rochas. Marques pausou os passos na parte horizontal, onde essas mesmas águas desembocavam e formavam uma espécie de rio. O vento tocava seus cabelos e acariciava a pele do rosto que servia de amparo para uma lágrima solitária que escorria silenciosamente por sua bochecha. O passo que daria a seguir representava o começo de uma nova jornada.

Elisa retirou cuidadosamente uma urna da sacola e depositou a outra no chão, ao lado de suas pernas. Com os olhos marejados, respirou fundo como se o ar que invadia seus pulmões pudesse trazer consigo um pouco de bravura. O recipiente em suas mãos comportava as cinzas de sua mãe. O outro, as de seu pai. Em um ato de coragem e libertação, abriu a primeira urna e permitiu que a brisa ajudasse a espalhar as cinzas no ambiente, segundos antes vê-las cair sobre aquelas águas. O segundo vaso foi aberto com ainda mais lágrimas nos olhos e certo tremor nas mãos. O coração batia em um impulso apressado como nunca antes sentido. Aquilo não seria um adeus, ela sabia, pois as lembranças de seus pais estavam salvas e vivas na parte mais bonita de seu coração. Todavia, não estava sendo fácil deixar ir as amarras psicológicas que a mantiveram presa por toda uma vida. Elisa não era uma mulher religiosa nem acreditava em vida após a morte, mas ela sentia dentro de si que a memória de seus pais merecia descansar.

Um dia seu pai prometeu levá-la para passear pelo mundo na proa de um navio. A promessa nunca fui cumprida, no entanto, hoje, era ela que o faria navegar pelas águas. Suas cinzas foram jogadas ao vento para, segundos depois, caírem sobre a superfície daquela cachoeira em constante movimento; assim como a vida. Elisa retornou para o chalé com as urnas vazias, mas com o coração preenchido por sabedoria e pela valentia adquirida no último ano. Sua casa, com as constantes visitas de Laura e Vitor, estava começando a se parecer novamente com um lar. Elisa já não sentia vontade de fugir daquelas paredes, pois o silêncio quase massacrante dos cômodos deu lugar a risos e gargalhadas.

Ainda no caminho de volta ao chalé, começou a ventar forte. Seu vestido, longo e solto, esvoaçava contra o vento como se fosse asas prestes a tomarem voo. O tecido era leve, de tonalidade carmesim, com um decote nas costas, expondo inteiramente sua tatuagem. A cor era vermelha e vibrante como as chamas de uma fênix. E assim como aquele pássaro, ela

recomeçaria sem perder a própria essência, agora que estava desfrutando do reencontro consigo mesma.

Laura havia recém levantado da cama e ido buscá-la pela casa. Quando constatou que não estava, decidiu procurá-la no lado exterior. Foi nesse momento que a imagem mais bonita e inacreditável surgiu diante de seus olhos: Elisa se aproximando ao longe. Laura estava tão extasiada, que quando se deu conta, a mais velha já estava a poucos centímetros de seu corpo. As íris verdes buscaram-na com curiosidade e encantamento. Era a primeira vez que estava vendo a mulher usar uma roupa que não fosse preta ou grafite.

— E-Elisa...

— Você e Vitor sempre disseram que eu ficaria bonita em um vestido vermelho, então hoje eu quis te fazer essa surpresa. — Sorriu. Suas lágrimas já haviam ficado para trás e secado com o vento.

— Você está linda, e eu estou completamente sem palavras por te ver assim...

A partir do momento que Elisa migrou do azul para o preto, sua vida deixou de ser a mesma. Mas agora ela estava migrando novamente para o azul, para o vermelho e para todas as outras cores que compunham o amor que a cercava. Agora existia o amarelo dos cabelos de Laura, ou os verdes que habitavam as íris. Havia, também, os castanhos que irradiavam de Vitor e dos seus próprios olhos; mais abertos e iluminados para as janelas da vida e de seu interior.

Caminharam para dentro do chalé com a gerente ainda enfeitiçada pela imagem daquele vestido. Elisa guardou as urnas vazias em uma prateleira e conduziu a loira para o centro da sala.

— Laura... — Iniciou. Existia suavidade na voz e interesse no olhar. — Sei que é complicado me amar, sempre foi. Mas a nossa relação foi o meu melhor acerto. — Suas mãos subiram pelo ombro da loira e seus braços se fecharam em torno do pescoço. — Obrigada pela paciência e pelo carinho que destina a mim. Não quero te perder, magoar ou falhar com você. Te amar é a melhor decisão que eu venho tomando todos os dias. — Se declarou limpidamente, sem qualquer nó preso na garganta. — Eu te amo demais...

— Eu também amo você, e saiba que não é complicado te amar. — As mãos de Laura se fecharam com leveza na cintura à frente. — Você é daquelas pessoas inesquecíveis que só se conhece uma vez, mas marca por toda uma vida.

Sentindo o coração e pensamentos acelerados, Marques voltou a falar:

— Quando meus pais morreram eu desejei ter ido no lugar deles. Mas, hoje eu vejo que se isso tivesse acontecido, eu teria perdido o privilégio de conhecer você.

— E a minha vida com certeza seria menos feliz. — Laura se pronunciou. — Não só a minha, mas a do Vitor também. Ele te ama muito e você é a responsável por ter mudado a realidade dele pra melhor. Todas as crianças e adolescentes do centro educacional também seriam menos felizes se você não existisse nesse mundo. Então nunca mais volte a pensar isso, eu ficaria louca sem você...

— Não se preocupe, não penso mais assim. Quero viver muitos anos.

— Você vai viver pra sempre, pois eu sei que em algum momento ainda vai me confessar que é uma vampira milenar.

— Talvez... — Sorriu. — Quero te contar uma coisa.

— O quê?

— Recentemente Vitor esteve lá em casa e assistimos um filme juntos. De repente eu senti a mão dele na minha orelha. Ele estava rodando o meu brinco de pérola.

— Hum, e aí? — Indagou.

— E aí que meu pai era quem possuía o costume de fazer isso comigo quando víamos televisão. Era como se rodar o meu brinco o relaxasse. Essa memória havia se perdido até Vitor me fazer sentir a sensação outra vez. Perguntei de onde ele tirou aquilo, mas apenas deu de ombros e continuou a prestar atenção na televisão.

— Que estranho...

— Pois é. Esse menino às vezes me assusta. Mas, enfim... Não quero pensar muito a respeito — desconversou.

— Eu também quero te dizer uma coisa... — Laura fechou as mãos com um pouco mais de força na cintura da morena. — Você está belíssima nesse vestido vermelho, não consigo parar de olhar como uma boba

apaixonada. Eu te amo tanto, e sinto tanto orgulho de você, sabia? Orgulho da sua coragem, da sua resiliência... Mesmo com tantas coisas ruins roubando os seus sonhos de menina, nunca escureceu verdadeiramente o seu coração; apenas o protegeu com uma capa danada de grossa! — Riram juntas. Os braços de Elisa ainda envolviam o pescoço alvo, encurtando a distância. — Você é bondosa, generosa, atenciosa e inteligente. Além de ser a mulher mais linda de toda a Hills Dale. A propósito, essa cidade deveria se chamar *Marques Dale*, porque cada canto dela me lembra você. Morar aqui mudou radicalmente a minha vida. Ao seu lado encontrei um tornado, mas também muita calmaria. É esperançoso descobrir que nesse mundo ainda existem pessoas como você. Obrigada por nunca ter desistido da vida, pois entrar no seu antiquário foi o encontro mais bonito que me aconteceu. Eu poderia te pedir em casamento bem agora, mas tenho certeza que você diria que é cedo demais, e eu não quero atropelar o tempo ou as suas emoções. Mas saiba que eu te amo o suficiente para querer você pra sempre na minha vida. Então anota aí na sua agenda compromissada, que daqui a dois anos eu vou te pedir em casamento. E você irá aceitar!

— Ah é? Eu vou? — Perguntou com um sorriso nos lábios, enquanto os olhos estavam banhados d'água por ouvir tão belas palavras.

— Vai, porque você me ama.

— Hum... Verei se terá um espaço na minha agenda para aceitar o seu pedido.

A loira balançou a cabeça negativamente, sem conseguir desmanchar o sorriso que praticamente dançava em seus lábios. Com animação, puxou Elisa pela mão e a guiou até a cozinha para tomarem café da manhã. A caminho, começou a contar a ela o que havia conseguido fazer:

— Lembra daquela relíquia do Titanic? Um colar que você sempre foi doida pra adquirir, mas só conseguiu o aluguel da peça?

— Sim, o que tem?

— Faz alguns meses que venho entrando em contato com as pessoas que detêm os direitos da peça. Após meses e meses de insistência, consegui fazê-los passar a posse pra você. Por um valor altíssimo, claro, mas eu consegui. Todas as informações estão registradas no meu e-mail.

— Você não pode estar falando sério...

— Eu juro, não brincaria com algo assim, pois sei da importância que tem pra você. Só não sei se vai querer aceitar a proposta, pois é realmente muito caro. Nunca vi tantos zeros na minha vida!

Elisa soltou uma risada e logo se mostrou extremamente empolgada.

— Nem que eu venda as nossas almas, mas eu vou fechar o acordo!

— Ei, me inclua fora dessa! A minha parte eu já fiz! — Levantou os braços como se indicasse que agora estava lavando as mãos para a situação.

— Eu sei, eu sei. Você é maravilhosa! Meu braço direito e esquerdo. Depois dessa...Estou pensando seriamente em aceitar seu pedido de casamento antes do prazo.

Elisa estava de costas para Laura e de frente para a pia da cozinha. Lavava algumas frutas para montar a mesa de café da manhã quando escutou a loira responder à sua fala:

— Claro que vai, você me ama.

— Convencida.

— Não sou.

— Sim, você é.

— Você que não admite as coisas.

— Cala a boca vai, Laura.

— Vem me calar.

— Argh, te odeio.

— Eu sei, essa é a sua linguagem de amor...

Sim, ela a amava mais do que a própria razão era capaz de entender. Permitiu que Laura entrasse, e agora já não conseguia falar de amor sem mencioná-la. Ao longo da vida, sempre sentiu medo de encontrar a felicidade, porque até para ser feliz exige uma grande dose de coragem. O inconsciente é infinito, Elisa sabia. E ela também possuía consciência de que é o invisível que nos destrói. Ainda não conseguia compreender a partida, tampouco como a vida podia ser tão frágil a ponto de ir embora diante de seus olhos, de suas mãos cheias de sangue. Os pesadelos ainda fazem parte de algumas noites; contudo, acordada já não permitia que o passado manchasse a felicidade a tanto custo adquirida. As terapias com o sr. André evoluíram consideravelmente, porque agora ela estava

verdadeiramente disposta a melhorar; deixando de lado qualquer ato de auto sabotagem.

Laura Garcia não era sua fortaleza; Elisa sempre fora sua própria força. A loira apenas tirou o manto negro que encobria a luz e impedia que os castanhos de seus olhos enxergassem um horizonte além das muralhas. Marques permanece evitando lugares populosos. Sua relação com os funcionários também segue bastante restrita e limitada, mas aprendeu a ser mais educada e cumprimentá-los todos os dias desde que viu a preocupação estampada na face de cada um quando as encontram amarradas na invasão ao antiquário. O preto ainda é a cor predominante em seu guarda-roupas, e ela continua comendo palmitos em conserva; proporcionando um desagradável revirar no estômago de Laura.

Os seres humanos? Ela ainda os odeia. Mas, Elisa Marques deseja a todos vocês uma vida longa e muito feliz!



Sobre a autora

Jéssica Batista é uma autora independente, com sua escrita voltada para a representatividade sáfica. Seus livros sempre nos contam histórias sobre paixão e amor entre mulheres; através de enredos distintos que transitam pelo humor, fantasia e uma pitada de erotismo.

Siga-me no instagram e fique por dentro de novidades e lançamentos.

@autorajessxwp